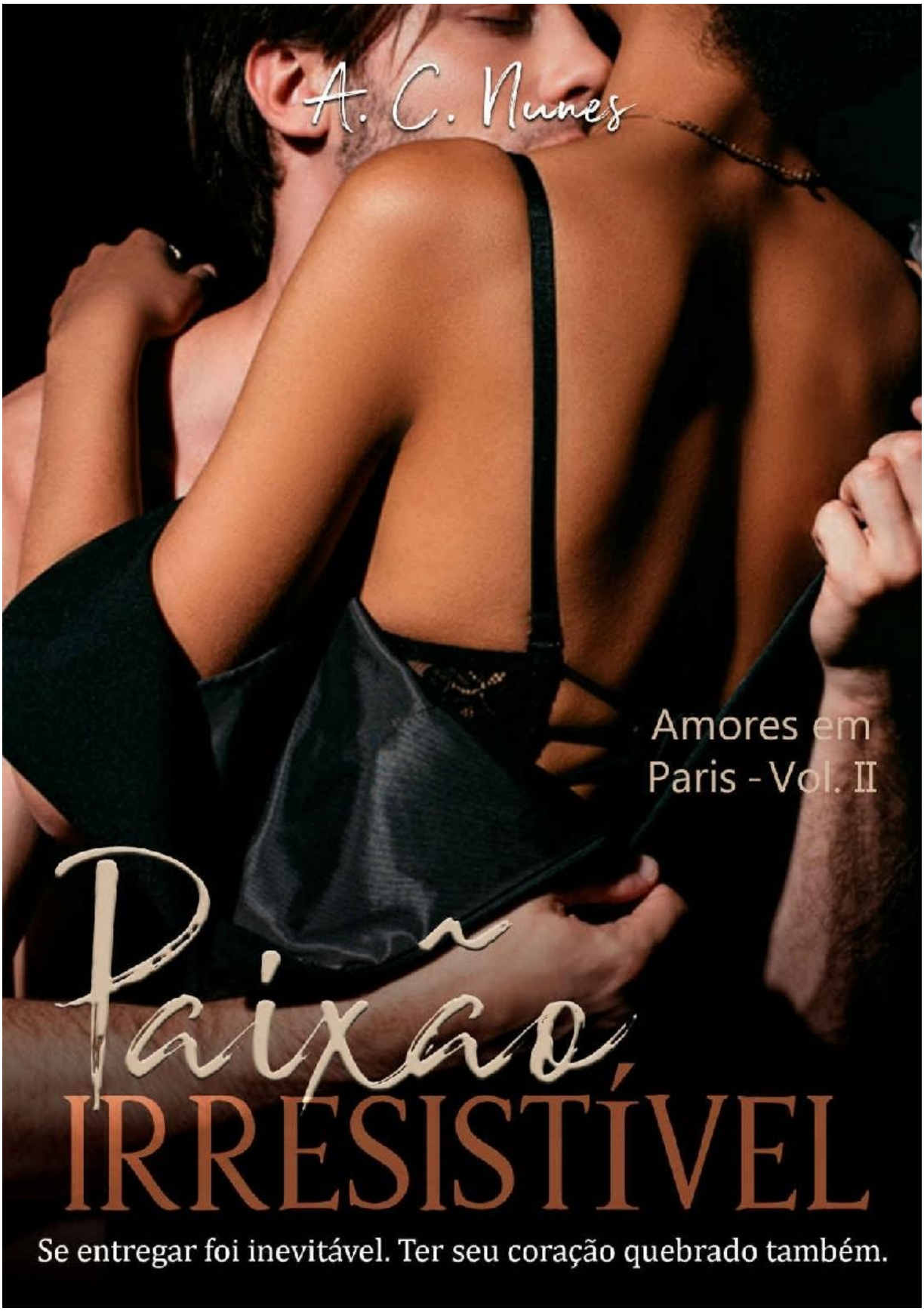
A. C. Nunes
Amores em Paris - Vol. II
Paixão
IRRESISTÍVEL
Se entregar foi inevitável. Ter seu coração quebrado também.

Copyright © 2019 A. C. Nunes

Capa e diagramação: Ge Benjamim – Design Editorial

Revisão: Victória Gomes

Todos os direitos reservados.

Paixão Irresistível

1. Romance.

2. Literatura Brasileira.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610. De Fevereiro de 1998 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra de ficção e toda e qualquer semelhança com pessoas ou situações reais terá sido mera coincidência.

Sumário

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

EPÍLOGO

CONTATO E REDES SOCIAIS

PECADO IRRESISTÍVEL

Prólogo

EMILIEN

São cinco da manhã. Ela dorme profundamente, como um anjo. Sequer consegui pregar os olhos desde nossa última transa. Minha cabeça me atormenta, meu coração bate acelerado. Sei que não é correto. Vai magoá-la ao extremo.

Mas tenho que afastá-la da minha vida porque não posso… não posso deixá-la entrar de maneira alguma.

É tão covarde e egoísta. Mesquinho.

Eu deveria desfazer as malas no meu closet, prontas desde ontem, e cancelar o jatinho particular que me espera. Deveria mesmo. Abrir o jogo com ela, ficar em Paris e sermos bons amigos, *só bons amigos*, sem sexo entre nós.

Mas não posso. Se estivermos tão próximos, não vou resistir, sei disso. Vou procurá-la, vamos conversar, talvez jantar com uma boa garrafa de vinho e, embora devêssemos ser apenas amigos, nós vamos transar, e cada vez mais me verei apaixonado por ela. E não posso me envolver com ninguém… Não de novo. Não quando sou instável — mesmo que ela não saiba desse meu lado, mesmo que esteja sob controle há bastante tempo. Assim, preciso ir embora.

Sem acordá-la, sem me despedir. É melhor para ambos. Ela merece alguém melhor do que eu. E eu não mereço ninguém.

Inclino-me suavemente e a beijo no rosto. Marie não acorda, nem mesmo se mexe. Sorrio para mim mesmo e levanto-me com cuidado. O vestido bonito

dela, que usou no casamento de nosso amigo Bernardo noite passada, está esparramado no chão. Abaixo-me e o pego entre meus dedos por um instante.

Inalo seu perfume delicioso, profundamente, na esperança desesperada de ter uma última memória dessa mulher que não seja eu levantando-me depois de uma noite intensa de sexo e indo embora. Não para sempre, mas por um bom tempo.

Tempo o suficiente para ela me esquecer e seguir a vida; tempo o suficiente para eu mesmo a esquecer e seguir a vida.

Deixo o vestido no mesmo lugar, quase obrigando-me a isso, porque minha vontade é de levá-lo comigo… Ter um pedacinho dela sempre ao meu lado. Faria isso, se não fosse sua única vestimenta no apartamento. Tomo um banho longo, quente, relaxante, tentando afastar meus demônios internos e esquecer meu passado, tentando não pensar quem poderia ter vazado informações de minha vida pregressa e suja para Antony Leclerc — alguém que considerei um amigo, mas em um determinando momento ameaçou me expor.

Para minha sorte, Antony não é mais uma ameaça para mim. Ainda assim, fico preocupado. Só existem duas pessoas no mundo que sabem meu segredo. Eu sou uma delas.

Esfrego os cabelos e ergo o rosto para a água, que cai sobre mim e lava minha

alma. Não gosto de considerar que a outra única pessoa que conhece meus segredos possa ter me traído dessa maneira, delatando-me. Por que faria isso? É

de seu feitio me punir quando eu a contrario, mas há tanto tempo não nos vemos… Parece tão improvável Antony conhecê-la.

Fecho o registro e me enrolo na toalha. Isso não importa mais. Queria telefonar e perguntar “Por acaso você se encontrou com Leclerc e abriu a boca?

Por quê? Porque certamente me odeia. Sempre foi assim. Diz que me ama, mas suas demonstrações de amor parecem apenas me prejudicar. Jamais vou te entender. Não consigo te amar de volta. Me puna por isso.”

Visto-me vagarosamente, apenas querendo adiar o momento o quanto possível. Quando estou pronto, sento-me na poltrona em frente à cama e passo as próximas horas antes do meu voo apenas velando o sono dela, observando-a com atenção, gravando cada detalhe do seu rosto, da sua pele, do seu corpo em minha mente, porque sei… sei que nunca mais vou esquecê-la, por mais que eu tente. E

mesmo se pudesse esquecê-la, eu não ia querer.

Marie é esplendida demais para ser esquecida.

São oito da manhã quando finalmente saio da minha poltrona e desço

minhas malas até o hall principal, onde um funcionário as pegará para mim e as levará até meu carro. Enquanto isso, na cozinha, preparo um café da manhã reforçado para ela. Sorrio enquanto separo um pouco do cereal, conhecendo-a o suficiente para saber que Marie não come nada antes das dez da manhã, mas sei que só acordará depois desse horário. Modéstia à parte, eu a cansei bastante noite passada, como ela também me cansou. Foi maravilhoso.

Escrevo um bilhete e deixo junto da bandeja.

Passo longos segundos encarando o rápido recado e o café da manhã.

Dou uma risada esganiçada e baixa. É meio que “*pardon* por te comer a noite toda e depois me mudar de país. Tome um belo café da manhã, isso vai te acalmar e certamente te fará me esquecer”.

Mon Dieu, como isso é errado.

Esforço-me mais para conseguir deixar minha cobertura e entrar no meu carro. Meu motorista não conversa comigo. Quando não cumprimento ninguém

— o que é raro —, todos sabem que estou de mau humor ou chateado, então também não falam comigo, exceto pelo estritamente necessário.

Encosto a cabeça no vidro e evito olhar para trás, para o edifício onde morei por um bom tempo, onde na minha cama dorme uma bela mulher.

Que acordará sozinha.

Eu me odeio por isso.

Baile de máscaras

MARIE

CAPÍTULO 1

Dois anos depois

Ele tem cara de quem vai me pedir alguma coisa. Conheço essa cara.

Conheço os *trejeitos* dele quando vai me pedir alguma coisa. Chega como quem não quer nada, zanzando pela redação, então para em frente à minha mesa, pega uma caneta e um pedaço de papel e começa a rabiscá-lo, querendo saber sobre o meu dia, como estou, o que comi no almoço ou no dia anterior.

Héron Poirier não é nenhum exemplo de simpatia. Pelo contrário. Um ano atrás,

ele trabalhava em uma editora de livros, como editor. Analisava originais para publicação e era conhecido por suas críticas ferrenhas e indelicadas. Os autores da casa praticamente o odiavam quando ele editava suas obras, porque o homem realmente não perdoava nada. “Uma porcaria”, “Meu sobrinho teria escrito algo melhor. E nem sobrinho eu tenho”, “Como alguém considera isso um *livro?”*, “ Lixo transcrito em folhas”, “Imaturo, infantil, mal escrito, horrível”, “Enredo fraco, isso para não dizer que é uma bosta” — essas são algumas das suas críticas. Claro que suas avaliações não se resumiam a apenas “lixo e porcaria”. Já o vi criticando algumas obras com propriedade. Ele é inteligente e tem conhecimento de causa para dizer se algo é bom ou ruim, e dar dicas do que e como melhorar. Só é um babaca mesmo com as palavras. Mas

nunca diz esse tipo de coisa diretamente com o autor, porque sabe que esse palavreado pode desanimá-los.

Mas não foi sua antipatia que o levou a sair da editora e vir parar em uma revista jornalística. Héron apenas recebeu uma proposta muito melhor e agarrou a oportunidade de crescimento financeiro. Para nosso terror, claro, porque o mesmo que ele fazia na editora, faz aqui, com os jornalistas. *Comigo*.

Apesar de ser um babaca, profissionalmente falando, é um cara legal, mas é longe de ser alguém simpático com quem quer que seja. Duvido que seja simpático até mesmo com a mãe dele. Por isso sei que, quando está todo amável dessa maneira, alguma coisa quer e provavelmente é algo péssimo.

— Fala logo o que você quer de mim, Héron — digo com um suspiro, erguendo os olhos do teclado onde digito uma matéria e fitando-o seriamente.

Dando-me um sorriso, senta-se à borda de minha mesa, brincando com a caneta e o papel em mãos.

— Há quanto tempo você está aqui, Marie? — indaga, passando os dedos de um jeito meio sensual nos lábios e me encarando.

Ah, não, belezinha. Isso não vai funcionar comigo e a última coisa que farei será dormir com meu chefe. Reviro os olhos, volto a teclar e respondo:

— Uns oito meses.

Antes disso, eu trabalhava no jornal *La Parisienne*. Foi lá que cresci como

jornalista. Dediquei-me por um tempo na coluna de política — um assunto que sempre me agradou —, depois me colocaram em assuntos internacionais —

uma área que também me interessava muito, por isso não reclamei. Não era raro, por vezes, meu editor me requisitar para outras áreas e assuntos para matérias que sairiam apenas na versão on-line ou para outras redações que pertenciam ao jornal. Nessa época , fui parar no continente africano para uma série de reportagens sobre a ação de um jovem e rico investidor e sua filantropia no continente. Passamos por alguns países africanos durante os dois meses que lá estivemos, permanecendo mais tempo na África do Sul. A matéria escrita foi vinculada a uma das revistas jornalísticas pertencentes ao grupo Parisienne; a versão em vídeo virou documentário e está disponível em uma plataforma *streaming*.

O filantropo era o *lindo-barra-filho-da-puta* de Emilien Dupont. Aquele desgraçado.

Paro de digitar, pego a caneta e o papel da mão de Héron e escrevo um pequeno lembrete no verso que ele não rabiscou: mandar uma mensagem a Bernardo Dousseau xingando-o por ser o responsável por eu conhecer Emilien.

Eu sei, meu amigo não tem culpa nenhuma por Dupont ter sido um idiota comigo dois anos atrás, quando transou comigo e simplesmente se levantou e foi embora, *para outro país*, deixando-me dormindo em sua cama.

Héron dá uma espiada por cima para ver o que escrevo, mas imediatamente jogo o bilhete idiota no lixo. Já são dois anos e já superei esse cara (assim espero). Ele ergue uma sobrancelha em minha direção, mas dou de ombros e nada digo. Não sei se chegou a ler o que estava escrito.

— Certo. E nesses oito meses, quantas vezes te pedi um favor? — Finjo que faço uma conta mental. Poirier ri e me joga uma bolinha de papel. —

Vamos, não exagere.

— Se quer que eu seja sincera, ao menos duas vezes no mês. Então isso dá dezesseis favores.

— Bom, então acho que posso te pedir mais um. E juro que será o último.

Reviro os olhos e me apoio nos cotovelos.

— Sei. Que tipo de favor você quer agora? *Por l'amour de Dieu,* não me mande escrever uma matéria sobre tendência de maquiagem.

Ele ri mais um pouco e abana a cabeça em negativo.

— É um pouco pior do que isso, mas sei que você é capaz. Neste sábado, terá um *baile de máscaras* de uma famosa estilista portuguesa. Ela fará um desfile antes do baile. Tinha alguém para ir, mas de última hora precisou cancelar.

— Por quê? — Quero saber.

Héron molha os lábios e me encara por um segundo inteiro, como se estivesse pensando.

— Olha, o motivo não importa. Nem eu sei direito, na verdade. O editor do *La Mode* me ligou agora há pouco me perguntando se eu não tinha alguém competente o bastante para emprestá-lo para esse evento.

— E eles não têm gente lá na redação para isso? — questiono, suspirando e tentando me concentrar no meu trabalho outra vez. — Acho esquisito um



editor de uma revista de moda ligar para outro de uma revista jornalística pedindo para cobrir um evento de *moda*. Nada contra quem trabalha nessa área, mas você sabe que gosto de outros assuntos.

— Eu sei. Mas o baile já é depois de amanhã e ninguém topou trabalhar num sábado à noite. Devem ter outros compromissos, não sei. — Dá de ombros, não me convencendo nem um pouco. Aí tem coisa. — Só sei que você é uma jornalista espetacular e versátil, capaz de escrever uma reportagem sobre filantropia na África e também sobre a última tendência de Paris.

Mentiroso. Não tenho toda essa versatilidade, não. Não vou mentir dizendo que não comecei escrevendo para revistas para adolescentes, pois comecei. Se

cheguei a uma das maiores revistas jornalísticas da França foi devido a muito esforço, suor, estudo e trabalho. E não vou mentir: odeio quando me pedem para cobrir matérias desse tipo. Mas tudo bem, sei que sou capaz de escrever algo decente.

— Não sei, Héron — falo, com um suspiro. Eu não tinha plano nenhum para esse sábado à noite a não ser ficar deitada no sofá com a televisão ligada e um livro nas mãos.

— Tenho alguns contatos… Posso conseguir te colocar na próxima conferência de Davos.

Ele não precisa de mais nada para me convencer.

— Tudo bem. — Aceito o trabalho. — Mas você vai mesmo me enviar a Davos no próximo Fórum, ou eu nunca mais falo com você.

Héron sorri e abana a cabeça em positivo, por fim deixando minha mesa e voltando para sua sala. Sem nem mesmo me agradecer.

Que mal-educado.

Deixo meu trabalho atual de lado e começo a me preparar para sábado.

Ainda bem que estou incumbida para uma conversa com Silvia Ferreira, então

não preciso necessariamente entender (muito) sobre moda para escrever a matéria que virá antes da entrevista. Ainda assim, preciso estudar um pouco sobre a estilista para fazer perguntas interessantes. No meu intervalo, corro até a cafeteria de Dousseau, cerca de vinte minutos daqui. Carrego comigo meu bloquinho, uma caneta e meu *netbook*, para continuar trabalhando enquanto degusto um café forte.

Sento-me ao balcão principal e peço um expresso e *croissant*. Bato a caneta na superfície, encarando a tela do computador, lendo mais sobre a estilista. Rabisco algumas palavras-chaves no bloquinho. Tomo uma dose generosa quando meu café me é entregue.

Uma figura para ao meu lado. Olho-o, e ele está ali, com o filho pequeno no colo e seu sorriso galante, marcado por covinhas.

— *Salut, ma chère* — me cumprimenta, inclinando-se em minha direção e deixando um beijo no meu rosto.

— *Salut*, Bernardo — devolvo, levantando-me do meu lugar e pegando o pequeno Jean-Luc no colo. — *Mon Dieu!* Como ele está lindo.

— São os genes do pai — brinca, todo convencido, indo para trás do balcão. Ele dá algumas instruções aos funcionários enquanto me deixa com o bebê de pouco mais de um ano. Uma coisinha fofa de olhinhos verdes, cabelos louro-escuro e pele branquinha. Volta minutos depois, com um ursinho em mãos, e retoma o filho para si.

Sento-me de volta ao meu lugar e bebo meu café, rolando a página da minha pesquisa. Bernardo se senta ao meu lado, o filho entretido com o ursinho, e pergunta:

— Desde quando se interessa por moda?

— Não me interesso. Isso é coisa do Héron. Quer que eu vá a um baile idiota de máscaras — respondo, xícara nos lábios, olhos na tela do *netbook*.

— Está falando do baile da Silvia Ferreira, a portuguesa estilista?

Olho-o rapidamente.

— Sim, ela mesma.

—Ann-Marie e eu vamos juntos. Minha esposa está eufórica.

Sorrio e abano em positivo. Ann-Marie é estilista também. Está em ascensão, uma vez que passou anos casada com um embuste que controlava

todos os aspectos da vida dela. Agora, ao lado de Bernardo, ela recebe o apoio e o incentivo necessários. Então é claro que estará nesse evento. Silvia Ferreira é uma das novas referências da atualidade tratando-se de moda.

— Falando nisso, onde ela está? — Quero saber.

— Na galeria — responde, pegando o ursinho que Jean-Luc jogou no chão e dando a ele outra vez. — Veio fazer alguns ajustes num vestido de casamento

que desenhou para uma atriz.

Viro-me um pouco sobre o banquinho, olhando por cima dos ombros. A galeria dela fica exatamente atravessando a rua. É um conjunto de lojas alugadas para diversas finalidades, e seu ateliê fica logo na fachada, expondo vestidos em manequins.

— Preciso de um vestido novo — comento, virando-me para frente. —

Não que isso vá sair do meu bolso. Mando a conta para Héron depois — digo, dando de ombros. — Ele me quer nesse baile, nada mais justo que me pagar um vestido de gala novo.

Bernardo dá uma risada gostosa e concorda.

— Ann-Marie deve ter alguma coisa no ateliê. Acho até que tem um modelo ótimo pra você — fala, analisando-me de cima a baixo. — É bonito e ela estava louca pra usá-lo nesse baile, sabe… pra chamar a atenção de Silvia? Mas achou pretensioso demais ela mesma ir com a peça.

— Vou falar com ela — digo, terminando meu café e juntando minhas coisas. — Posso servir de modelo.

Despeço-me com um beijo em seu rosto e no pequeno Jean-Luc. Na galeria, Ann-Marie está de frente a um manequim, no fundo das lojas, com uma fita métrica no pescoço e alfinetes na boca, olhando atentamente para um vestido de noiva espetacular. Tem duas assistentes ao seu lado, ajudando-a nos ajustes necessários.

— *Chérie*… — chamo-a. Um segundo depois, ela vem em minha direção, um sorriso enorme, e me abraça, perguntando se estou bem. — Seu marido me disse que você tem um vestido lindo… e queria que Silvia Ferreira o visse. Vim me candidatar a modelo — brinco.

Ela ri um instante antes de dizer:

— Você irá ao baile também?

— Sim. A trabalho, mas irei.

— Vamos ver suas medidas — diz, puxando-me pelos punhos até mais ao fundo do ateliê.

Ann-Marie conversa o tempo todo comigo, a maior parte do tempo falando do filho enquanto me mede da cabeça aos pés. É uma mulher bonita, com uns trinta e seis anos, talvez trinta e sete, cabelos louro-acobreados, olhos claros. Por fim, pede para uma das suas auxiliares trazer o vestido em questão.

Bernardo não estava mentindo quando disse que o modelo é lindo. É todo preto, feito de tule nas mangas e parte do colo. O busto é em renda, bordado com fios dourados. A criadora o pega com delicadeza e o coloca à frente do meu torso.

— Vai ficar tão lindo em você — murmura. — Vá, vista-o para que possa fazer os ajustes — diz, encaminhando-me até o trocador.

Passo a próxima hora no ateliê. Envio uma mensagem a Héron, informando-o do motivo de minha ausência, mas garantindo que estou me preparando para o evento de sábado. Ele nem mesmo me responde. Bem, avisar, eu avisei.

— Semana que vem Bernardo e eu completamos dois anos de casados —

comenta, atrás de mim, agachada, arrumando alguma coisa na barra. — Vamos viajar para o Brasil.

Ela se levanta e se põe às minhas costas, ajeitando os ombros. Nossos olhos se encontram pelo reflexo do espelho. Ann-Marie percebe que fiquei esquisita de uma hora para outra. Droga. Não queria estragar a animação dela, mas é impossível para mim. A lembrança do seu casamento deveria ser algo feliz, de uma noite linda que tive o prazer de viver junto deles, sendo madrinha de Bernardo… junto com Emilien. Mas não consigo pensar em nada feliz quando ele simplesmente foi embora no dia seguinte.

— *Pardon* — pede, percebendo o leve incômodo em mim. — Às vezes me esqueço que o Emil…

Abano a mão no ar, como se eu não me importasse.

— Está tudo bem — garanto, embora tenha dúvidas sobre isso.

— Não teve mais notícias dele? — pergunta, ficando de frente para mim.

— Não, e nem faço questão de ter — respondo, mais rude do que



gostaria.

Ann-Marie apenas me oferece um sorriso pequeno e não diz mais nada.

Finalmente, cerca de cinco minutos depois, o vestido está pronto para as minhas medidas. Troco-me rapidamente. Preciso voltar para a redação.

— Vou mandar que entreguem o vestido para você em sua casa — ela me assegura, abraçando-me em despedida. — Te vejo no baile de sábado. E não se esqueça…

— … de comentar com Silvia sobre o vestido e você — completo, dando uma risada. — Pode deixar, não vou me esquecer.

Beijo-a no rosto e volto para a redação.

Já fiz minha parte no evento, acho que posso me divertir um pouco.

Preciso admitir: é um belo baile e foi um belo desfile. Todas as modelos estavam usando máscaras venezianas belíssimas, criadas pela própria estilista portuguesa.

Logo depois do desfile, me reuni com Silvia em um lugar mais reservado para uma entrevista exclusiva para o *Le Mode*, como já havia sido previamente combinado. Ficamos juntas por cerca de uma hora, a mulher é a simpatia em pessoa, embora sua cara diga o contrário. Depois da entrevista, ela se reuniu com outros jornalistas na área da imprensa e só após responder outras perguntas que finalmente se deu início ao baile.

Deixo a área reservada para a imprensa e sigo até a mesa de Bernardo e Ann-Marie. Puxo uma terceira cadeira e me sento na companhia deles. A esposa de Dousseau quer logo saber todos os detalhes do meu encontro reservado com Ferreira. Então, dou o que ela quer ouvir: Silvia ficou, sim, encantada com meu vestido e quis o nome da criadora dele.

— Passei seu telefone e o endereço do seu ateliê. — É notável que Ann-Marie fica exultante com a notícia e me agradece quase infinitamente por isso.

Rio do seu exagero e da sua animação, mas a compreendo, no final das

contas. Conversamos por bons minutos, apreciando os aperitivos e as bebidas.

Bernardo, com uma máscara de Fantasma da Ópera, tira a esposa para uma dança. Eu fico no meu lugar, observando a festividade e os casais no centro do salão, sendo conduzidos pela música suave.

De repente, me sinto ser observada. Meu olhar atravessa o mar de gente dançando para lá e para cá e encontra um par de olhos azuis intensos. O homem está do outro lado do salão, segurando uma taça de champanhe, encostado à parede. Veste um fraque preto e cartola na mesma cor. O acessório no rosto o cobre quase por completo, tendo um grande nariz que lembra a mórbida máscara da peste negra. Apesar de o apetrecho ser bastante taciturno, é elegante e bonito.

Ele não para de me olhar, com um pequeno sorriso. Tem uma barba preta e cheia, bem-cuidada.

Meu corpo estremece. Não sei exatamente o porquê, mas sinto como se conhecesse esse olhar, esse sorriso… Apesar de não me recordar a quem possa pertencer.

— Sua vez. — A voz de Bernardo chama minha atenção. Ergo o olhar e o vejo com a mão esticada em minha direção. Ann-Marie está se ajeitando em seu lugar novamente e me incentiva com um sorriso. — Não vou deixar que passe a noite toda sem ao menos uma dança.

Reviro os olhos e me levanto, segurando em sua mão. Ele me leva até o salão e me conduz suavemente.

— Por que veio sozinha? — Quer saber.

Dou de ombros, olhando através de Bernardo para o outro lado, onde o misterioso homem está. Seus olhos ainda estão sobre mim, analisando-me. São suaves, sem resquício de desejo perverso. Amáveis.

— Eu vim a trabalho — digo em resposta.

— Seu editor não te arrumou nenhuma companhia? Que grosseria.

Rio discretamente e giro por baixo dos seus braços.

— Não me importo, Bernardo, de verdade. Mas obrigada por se preocupar o bastante e me tirar para uma dança.

Ele nada diz, apenas sorri e me gira de novo, soltando minha mão. Meu corpo rodopia e paro frente a um tronco duro. Um par de mãos fortes me segura pela cintura. Ergo o olhar e me deparo com aqueles olhos azuis sedutores, o sorriso charmoso e conciso quase escondido pela barba.

— *Salut.* — É só o que consigo dizer diante esse homem misterioso.

Ele não responde, apenas segura minha mão e começa a me guiar na dança. Procuro Bernardo no salão. Meu amigo está voltando para sua mesa, olhando-me com um pequeno sorriso. Suspiro, pestanejo e torno a mirar meu mais novo acompanhante. Seu aroma é gostoso e másculo.

— Sou Marie Julien… — apresento-me, fazendo algum esforço para manter minhas pernas firmes.

O misterioso continua a não me responder. Deveria considerar uma indelicadeza e má educação de sua parte, mas o modo como me olha, o sorrisinho comedido, seu perfume, a maneira como segura minha cintura… Tudo isso me faz ficar presa a ele, ao mistério que o ronda, deslumbrada e obstinada nele.

A música acaba. Ficamos longos segundos nos braços um do outro, nos olhando.

— Será que agora eu posso saber quem é você? — sussurro, molhando o lábio inferior.

O sorriso some gradualmente. Seus olhos tomam proporções sombrias e misteriosas. Ele apenas acena em positivo. Devagar, retira a máscara e, quando finalmente vejo seu rosto, um tremor incompressível atinge meu corpo. Minhas pernas perdem firmeza, minha respiração falha.

— *Salut*, Marie — sussurra, a voz rouca.

Espantada e quase gaguejando, digo seu nome:

— Emilien…

De volta a Paris

EMILIEN

CAPÍTULO 2

Dezessete anos antes

Bato a porta com mais força do que gostaria. No andar de baixo, um grito estridente e um vaso contra a parede. Ignoro. Estou farto dessa convivência. Não suportarei viver um dia a mais sequer nessa casa. Minha saúde mental, fodida desde que me conheço por gente, é mais importante no momento. Por isso minha decisão. E contrariar Elizabeth Dupont, no meu caso, nunca é bom. Ela vai me punir, em algum momento, de alguma forma, mas não se eu estiver longe o suficiente de suas armações.

Sigo até a varanda no meu quarto e me encosto à balaustrada. Puxo um maço de cigarros do bolso e isqueiro. Acendo um e trago fundo. Odeio essa coisa, sinceramente, e raramente fumo. Mas às vezes preciso de uma tragada ou outra para aliviar a tensão. Dou uma risada esganiçada, deixando a fumaça escapar entre meus dentes. Estrago meus pulmões para manter a saúde mental.

Irônico.

A porta se abre novamente, mas não me viro. Os passos calmos se aproximam de mim. Olho para o lado, o cigarro ainda entre meus lábios. Meu pai delicadamente retira o câncer em bastão da minha boca e o amassa contra o

balaústre. Diferente da minha mãe, Thierry não é histérico. Se fosse Elizabeth aqui, estaria gritando comigo, dizendo como só sei decepcioná-la. Meu pai é o oposto dela.

— Ela me odeia, não é? — sussurro, encontrando seus olhos iguais aos meus.

— Não, Emil — garante, mas sei que é mentira. — Ela só tem um jeito diferente de demonstrar amor.

Movimento a cabeça de um lado a outro. Não acho que seja bem assim.

Com minha irmã, as demonstrações de amor dela são bem menos *hostis*. Nicole, embora tenha apenas oito anos, é a menina de ouro de mamãe. Não importa o que ela faça, Elizabeth sempre a coloca num pedestal. Se tira uma nota dez na escola, ela a exulta. Se a nota não é tão boa assim, a incentiva a estudar mais.

Mas invertemos os papéis. Quando tirei minha primeira nota ruim, aos dez anos, mamãe me disse que eu apenas a decepcionava. Não era a primeira vez que Elizabeth me falava coisas do tipo, então me esforçava além do comum para melhorar a minha nota e agradá-la. Quando cheguei com um dez em todas as matérias, só o que recebi foi um “Não fez mais que sua obrigação”.

— Desculpe, não queria te decepcionar — falo, fitando o jardim enorme que circunda nossa casa.

Papai apoia a mão sobre meu ombro e me dá um sorriso complacente.

— Você não me decepcionou, Emilien. Você nunca me decepciona, filho.

Sorrio um pouco, desejando receber esse amor e esse tipo de incentivo e compreensão da minha mãe também.

— É sério? — É tão patético me sentir inseguro aos dezoito anos. Mas não posso evitar. É o resultado de ter convivido com minha mãe. — Você preferia que eu administrasse a Dupont Investimentos e estudasse para isso, mas eu realmente…

— Emilien… — papai me interrompe, sempre do seu jeito calmo. — Só o que quero é ver você feliz. Se fotografia é o que ama, então vá em frente. A empresa de nossa família pode ser administrada no futuro por Nicole, se ela quiser.

Abro um pequeno sorriso e o abraço, fortemente. Mamãe deve ter pensado que ele viria atrás de mim para me desanimar sobre ir embora de casa e



cursar fotografia. Elizabeth quer, a todo custo, que eu fique aqui e curse gestão financeira.

Mas estou cansado de viver sob o mesmo lar dela, fazendo as coisas que *ela* quer.

— *Merci, papa* — agradeço-o, dando-lhe um beijo em seguida. —

Obrigado por tudo.

Thierry se afasta e me beija no rosto também.

— Boa sorte, filho — deseja-me antes de ir. Há uma esposa no andar debaixo para ser contida.

Seus olhos âmbar estão arregalados de surpresa. Ela se afastou assim que me reconheceu. *Mon Dieu*, Marie está tão bonita. Usa um vestido todo preto, bordado com fios dourados, agarrado ao seu corpo e acentuando suas curvas generosas. O decote, desde que a vi, deu asas à minha imaginação e ao meu desejo. A máscara veneziana é pequena, delicada e combina com o vestido: toda preta com detalhes e adornos em relevo na cor dourada.

É, estou *de volta a Paris* com o único propósito de trazê-la definitivamente para minha vida. De reconquistar sua confiança e conseguir seu perdão. Sei, desde que saí de Nova Iorque, pouco mais de dois dias atrás, que não será fácil ser perdoado. Estou ciente de que o que fiz foi o ato de um verdadeiro canalha. Quero me redimir, de verdade, e espero que essa mulher linda que me olha assustada, como se tivesse visto um fantasma, seja flexível e me perdoe.

— Emilien… — pronuncia de novo meu nome, a voz levemente trêmula.

— É você mesmo? — indaga, engolindo em seco.

— *C’est moi, ma chérie* — confirmo, esboçando um pequeno sorriso.

Ergo minha mão e a toco nas bochechas, acariciando-a suavemente, como se quisesse dar uma prova concreta de que sim, sou eu. Emilien Dupont.

Um segundo depois, ela afasta minha mão com um movimento brusco.

Um tapa acerta meu rosto, deixando-me assustado. A agressão é forte o suficiente e faz o barulho ecoar pelo *hall*. Mesmo que meus olhos estejam presos em Marie, perplexo com seu ataque, consigo sentir a tensão no ar, os demais convidados todos nos olhando. Somos o centro das atenções, que maravilha.

A expressão dela passou de surpresa para altiva e raivosa em pouquíssimo tempo. Seus olhos me fuzilam. Sem me dizer sequer mais uma palavra, passa por mim, pronta a ir embora. Eu a impeço, entretanto. Seguro seu punho com força e a puxo em minha direção. Preciso apenas de um minuto.

— Espere — peço.

Marie olha ao nosso redor, as pessoas ainda atentas à nossa pequena interação. Violentamente, se desfaz da minha pegada e caminha para o outro lado do salão, em direção a uma enorme porta de vidro que dá para uma sacada.

Passa por entre as pessoas sem olhar para trás. Meus olhos passeiam por entre a multidão e encontram os de Bernardo Dousseau. Ele me olha com um pequeno sorriso ao lado da esposa e me incentiva, com um leve mover de cabeça, a segui-la.

Eu o faço sem pensar duas vezes.

Abro passagem pelo aglomerado de curiosos. Alguns me reconhecem e cochicham meu nome. Ignoro cada sussurro ou suposição que possam fazer sobre nós e marcho até ela. Marie está encostada ao balaústre da sacada, de costas para mim, fitando o horizonte noturno. Há mais duas ou três pessoas no local; peço gentilmente que nos deem um momento a sós. Quando estamos apenas nós dois, fecho as folhas duplas de vidro.

— Marie — chamo-a, mantendo-me a uma distância respeitosa (e segura).

A mulher bufa, impaciente, e se vira para mim, braços cruzados, olhos irados.

— Trinta segundos — diz, irritada.

Ergo uma sobrancelha, perdido com sua sentença.

— Você tem trinta segundos para dizer o que quer comigo. Depois disso, vou sair por aquela porta e, se você tentar me impedir, vai tomar outro tapa nessa sua cara ordinária!

Trinta segundos? Preciso de muito, muito mais, do que isso. Abro e fecho

a boca, sem nem saber por onde começar. Tudo bem que eu tinha ensaiado algo desde minha decisão de retornar à França, mas agora, diante dela, de uma mulher completamente diferente da que conheci três anos atrás, não sei o que e como dizer tudo o que quero.

— Vinte segundos, Emilien — sentencia.

— Me desculpe — peço. É tudo que posso dizer no momento. — *Je suis désolé* — redimo-me e sou sincero em cada letra.

Baixo os olhos para o chão, meus batimentos desregulados. Queria poder dizer mais, explicar meus motivos, queria apenas que me entendesse…

Entretanto, não terei tempo e sei disso. Ao menos, não agora. Estou ciente de que precisarei trabalhar muito para conseguir que me escute e me perdoe.

— Não — responde-me, a voz incisiva e dura. — Você não pode simplesmente trepar comigo numa noite, ir embora para outro país no dia seguinte, me deixar para trás ainda *dormindo* na sua cama, voltar dois anos depois, me tirar para uma dança e dizer que sente muito.

— Eu sei, Marie.

— Não, você não sabe. — A voz sobe uma oitava. — Se soubesse, não teria se prestado a fazer esse papel ridículo de me pedir desculpas como se tivesse… como se tivesse… sei lá, se atrasado para um encontro! — Ficamos em um silêncio constrangedor por segundos inteiros. — Você me magoou, Emilien.

O que fez não é nem mesmo digno de desculpas.

Ela dá um passo à frente, pondo-se mais perto de mim. Por causa da diferença de altura preciso baixar ligeiramente meu olhar para o dela.

— Eu voltei por sua causa — confesso, apertando o maxilar. Meu corpo todo está tenso e rígido. — Me dê uma chance para me expl.…

— Saia da minha frente, *monsieur* Dupont — pede, sem me olhar, voz dura como rocha. — Seus trinta segundos já se esgotaram.

Penso em insistir, em continuar bloqueando seu caminho até que pelo menos me ouça. Mas forçar a situação não vai resolver, pelo contrário, só vai deixá-la ainda mais possessa do que já está. Sendo assim, dou um passo para o lado, liberando a passagem. Marie me deixa sozinho sem nem mesmo olhar para trás.

Igual fiz com ela dois anos antes.



Penteio meus cabelos com os dedos, recoloco a cartola na cabeça e torno a esconder meu rosto com a máscara. Ajeito o fraque em meu corpo e inspiro profundamente um par de vezes antes voltar para o salão principal. Passo por entre as pessoas, desviando-me de algumas, meus olhos percorrendo pelos convidados em busca dela.

De repente, alguém se põe ao meu lado, enroscando-se ao meu braço e me acompanhando enquanto atravesso o recinto. Olho para o lado, meio esperançoso de que seja ela. Mas não é. Mesmo com a máscara prateada, consigo reconhecer seus olhos castanhos.

— De volta a Paris e nem para avisar aos amigos.

Analiso-a um instante. Ela é inegavelmente bonita, dentro de um vestido vermelho justo que ressalta suas curvas. Decote generoso. Fenda discreta.

Cabelos presos em um coque severo com uma mecha ondulada no lado esquerdo.

Sorrio meio forçado e continuo caminhando, ela ainda enroscada em mim. Pego uma taça de champanhe de uma garçonete que passa por nós. Bebo um gole profuso.

— Vamos, Emilien, não pode me ignorar toda a vida.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, parando meu caminhar e virando-me em sua direção.

Seus olhos piscam de forma infantil em minha direção.

— Fui uma das modelos de Silvia Ferreira. Me impressiona que não tenha me reconhecido depois de tudo que já vivemos juntos. Te reconheci assim que te vi, mesmo com essa máscara elegantemente horrenda — diz, fazendo uma pequena careta. — Diferente daquela moça com quem você estava dançando.

Aliás — fala, pegando minha taça e bebendo do meu champanhe. A marca de sua boca pintada de vermelho fica no cristal. — Por que ela te estapeou?

— Isso não vem ao caso agora — rebato, desfazendo-me, por fim, do seu toque. — Sabia que eu estaria aqui?

Um sorriso malicioso se forma em seus lábios finos.

— Por um acaso, eu soube. Devo dizer que estou chateada por ter ido embora e mais ainda por ter regressado e não ter contatado ninguém? Nicole quase não te considera mais um irmão.

Não a respondo por vários segundos. Apenas viro-me para frente e observo a movimentação do baile. Entre tantas pessoas, consigo localizá-la. Está na porta de entrada, o rosto sisudo olhando-me como se quisesse me matar. É

claro que Marie quer te matar, Emilien. Você partiu o coração dela.

— Não sei por que esse drama — falo, quebrando meu breve silêncio.

Volto-me em sua direção de novo. — Mal vejo minha irmã desde que papai morreu.

— Mas você mantinha contato, apesar disso. Entretanto, nos dois últimos anos

não deu uma ligação para sua família, Emilien.

— Não tenho família — rebato, sentindo meu corpo ficar rígido. Odeio entrar no assunto de esfera familiar. Ela sabe disso e mesmo assim resolve cutucar minhas feridas.

— *Nicole* é sua família. E tem sua mãe.

Dou uma risada sem humor e desvio o olhar. Por mais alguns segundos admiro a festividade. Olho de novo para o ponto em que Marie está. Ela continua no mesmo lugar, analisando-me da mesma maneira, com a mesma raiva. Então se vira e se mistura às pessoas, circulando para lá e para cá, dançando, comendo e conversando.

— Não falo com minha mãe tem bem uns dez anos.

— Porque *você* se afastou — pontua.

Encaro-a bruscamente.

— Porque ela sempre adorou foder com minha mente — rebato, trincando os dentes. — Se eu me mudei e me afastei, cortei contato, foi para preservar minha saúde mental que até hoje é desgraçada por causa da minha mãe.

Minha companheira não diz nada a respeito, porque sabe que estou certo.

Embora ela quase venere Elizabeth Dupont, precisa concordar comigo que



minha mãe é uma megera.

— Ao menos fale com sua irmã, Emil — sussurra, erguendo-se nos pés para falar ao meu ouvido. Meu apelido em seus lábios me faz desprezá-la. Há muito que perdemos nossa amizade e intimidade. — Nicole vai gostar de saber que está na cidade.

Não a respondo. Simplesmente dou as costas e a deixo sozinha.

Aproximo-me da mesa de Dousseau. No pequeno percurso, peguei outra taça de champanhe, já que tive a minha subtraída instantes antes. Ao me ver chegando, Bernardo se levanta da sua mesa e me recebe com um abraço caloroso.

— Feliz que esteja de volta, Dupont! — exclama, puxando uma cadeira ao seu lado para que me junte a ele. Olho mais ao redor, procurando por sua esposa. — Ela foi ao banheiro — esclarece, parecendo notar a quem estava procurando.

— Como vocês estão? E o bebê? É menino ou menina? Já deve estar enorme.

Bernardo abre um sorriso grandioso e abana a cabeça.

— É um garoto. Meu maior orgulho. Jean-Luc. Está com pouco mais de um ano. E esperto, Emilien. Precisa ir lá em casa conhecê-lo.

— É só marcar um dia — digo, tomando outro gole do meu champanhe.

— Não sabia que se interessava por moda — profere, encostando-se ao seu assento e ajeitando a gravata azul-marinho.

— Não me interesso — respondo. — Vim apenas para acompanhar uma das modelos de Silvia que é minha amiga — minto. — Foi uma bela coincidência me encontrar com Marie.

Dousseau me olha atentamente, como se analisando a mim e às minhas

palavras. Mantém o sorrisinho debochado — quase uma marca registrada dele

— e tenho certeza de que não acredita em nada do que digo. De qualquer maneira, e para meu alívio, não insiste no assunto.

— Sua conversa com Marie pelo jeito não surtiu muito efeito.

Solto um suspiro exasperado.

— Não esperava que fosse fácil assim, se quer que eu seja sincero. Eu…

realmente fiz merda, Bernardo.

— Eu sei. Marie me contou.

Abaixo o olhar, meio envergonhado com o fato de ele saber o que houve entre a gente. Deveria ter ponderado que saberia. Os dois são bons amigos.

— Estou disposto a reconquistar a confiança dela — digo, erguendo os olhos em sua direção. — Será difícil e vai levar algum tempo, mas terei paciência.

— Espero que dê tudo certo — deseja. — Vocês formam um belo casal.

Sorrio e agradeço. Conversamos mais algum tempo. Ann-Marie não tarda a chegar e a se juntar conosco na mesa. A mulher está bem eufórica porque esbarrou com Silvia no caminho de volta e elas trocaram algumas palavras.

Observo o casal à minha frente, feliz pela felicidade deles, tão merecida.

Os ponteiros vão se aproximando de onze da noite quando decido ir para casa. Não sem antes dar mais uma conferida pelo salão, à procura dela. Mas pelo jeito Marie já foi embora.

Pego meu carro com o manobrista e sigo até minha cobertura, a mesma em que Marie e eu transamos pela última vez. Tomo um banho quente, tentando afastar minhas aflições, mas a voz dela não para de me atormentar, obrigando-me a concordar com elas. *"Nicole vai gostar de saber que está na cidade."*

Coloco apenas uma cueca e me deito na cama, na semiescuridão. Olho para meu celular por um minuto inteiro antes de enviar uma mensagem à minha irmã.

"Estou de volta a Paris. Definitivamente. Amo você. Ass: Emil."

Jogo o aparelho sobre o criado-mudo e me cubro com o lençol de seda.

Meio segundo depois, meu celular vibra. Confiro sua resposta.

"Você é um babaca."

Sorrio para mim mesmo, sabendo que esse é seu modo de dizer que está feliz pela minha volta. Conheço Nicole o suficiente. Se estivesse mesmo odiando-me e pouco se importando comigo, não teria se dado ao trabalho nem de me responder.

Suspiro outra vez e devolvo o celular ao seu lugar. Numa coisa, Nicole tem razão.

Sou um babaca.



MARIE

CAPÍTULO 3

Três anos antes

Chego à redação do *La Parisienne* no meu horário habitual: ou seja, vinte minutos antes do meu expediente. Gosto de chegar com antecedência para ter tempo de tomar um café e trocar algumas palavras com meus colegas. Às vezes acontece de me atrasar. Principalmente quando passo a noite com Bernardo.

Deixo a bolsa em minha mesa e sigo até a copa. Cumprimento alguns redatores e me sirvo de uma dose generosa da minha bebida favorita. Encosto-me ao balcão da pia e saboreio meu café forte e sem açúcar, fechando os olhos.

Bebida dos deuses.

Alguém puxa conversa comigo, o que me distrai pelos próximos minutos.

Dando meu horário, lavo minha xícara de porcelana, a devolvo em seu lugar no armário debaixo da pia e me dirijo até minha mesa. Não chego nem a me sentar.

Meu editor, Charles Bernoit, me interpela:

— Marie, tem um minuto?

— Claro. Do que precisa?

Pede-me para que o acompanhe até sua sala. Durante o percurso, sequer me adianta o assunto. Quando chegamos, noto uma segunda pessoa sentada frente à sua mesa executiva. É um homem, parece jovem, mas durante os primeiros segundos não sei de quem se trata porque está de costas para mim.

Fico parada no meu lugar, enquanto Charles avança sala adentro e vai até seu convidado, tocando-o no ombro.

— Julien, suponho que já conheça o *monsieur* Emilien Dupont — diz, no exato momento em que o homem se levanta do seu lugar e se vira em minha direção, mostrando um sorriso bonito.

Minha respiração falha por um segundo. Quase posso dizer que sinto minhas pernas meio bambas. Meu rosto cora levemente diante esse homem tremendamente bonito. Nós nos conhecemos na semana passada, em uma festa de gala que ele ofereceu para arrecadar fundos para uma campanha de ajuda humanitária na África. Eu mesma não fui convidada. Bernardo é quem foi. Pelo que entendi, Dupont é cliente de sua cafeteria e o convidou a ir à festa. Como precisava de uma companhia, e nós mantemos uma amizade colorida, então acabou me convidando. Lá, Dousseau me apresentou a Emilien.

Não direi que foi amor à primeira vista, porque não acredito nisso. Mas foi *atração* à primeira vista. Não sei explicar o sentimento esquisito que atravessou meu corpo quando nossos olhos se encontraram pela primeira vez.

Emilien estava dentro de um *tuxedo* sob medida, todo elegante, os cabelos escuros bem penteados, o aroma do seu perfume *Bleu de Chanel* exalando pelo ar. Até o vi, discretamente, me analisar. Modéstia à parte, eu estava bem bonita em um vestido branco longo. Seus olhos passeando pelo meu corpo, estudando-me com desejo, não só fizeram meu estômago se remexer como fizeram eu me sentir ainda mais bonita. Foi discreto em me observar, mas senti o desejo latente mesmo assim. Gosto disso.

Nessa ocasião, acabei por praticamente abandonar meu parceiro e fiquei mais na companhia de Dupont. É um homem de poucos sorrisos, bastante misterioso e conversa inteligente. Ao final da noite, trocamos telefone, ele me enviou um

“bonjour” no dia seguinte, eu respondi, e só.

Até agora.

Agora, esse homem está bem na minha frente, vestido em um terno cinza que quase arranca meu fôlego, as mãos casualmente dentro do bolso de sua calça. Emilien se aproxima de mim, quase como em câmera lenta, ainda

sorrindo. Então, só por uma fração de segundos, meus olhos descem e pousam na parte entre o vão de suas pernas. Pensamentos bem inadequados se formam na minha cabeça e me pego perguntando se é grande ou ao menos tem um tamanho considerável. Deve ter. Pelo leve volume ali, evidenciado pela peça justa, deve ter. Nesse mesmo um segundo e meio, meus olhos observam suas pernas. São longas, bonitas, e o recorte da peça as delineiam charmosamente.

Quando por fim meus olhos voltam aos dele, Emilien está com um sorrisinho convencido. Engulo em seco e coro mais um pouco. Acho que alguém percebeu minha pequena indiscrição.

— Sim — digo de repente, voltando ao mundo real e apertando a mão que ele me estica. — Conheci o *monsieur* Dupont semana passada, na festa de gala que ofereceu em sua mansão.

— Por favor — o jovem investidor profere, tornando a pôr a mão dentro do bolso. — Sem formalidades. Me chame de Emilien.

— Bom — Charles toma a palavra, enquanto não evito sorrir para Dupont —, é por sua causa que Emilien está aqui.

Arregalo os olhos diante sua afirmação. Olho para ele, que continua na mesma posição, com o mesmo sorriso.

— Bernoit tem razão — confirma. — Como bem sabe, estou de viagem à África dentro de pouco mais de um mês e precisarei da imprensa me acompanhando. Por isso quero te fazer o convite de escrever uma matéria sobre minha filantropia e o trabalho que minha empresa exercerá no continente.

Por um segundo inteiro não sei o que responder. Quero dizer, a minha resposta é sim, claro! Mas estou mesmo surpresa que Emilien me queira para dissertar e estar à frente de um projeto tão importante, para um homem… tão importante

como ele. Não que eu não seja competente no que faço, mas pensei que ele fosse querer jornalistas mais experientes, talvez até algum de renome internacional, com um Pulitzer e tudo mais. Mas não. Ele *me quer*. Talvez não só no âmbito profissional.

Afasto os pensamentos absurdos da cabeça. Os dois homens me olham atentamente, esperando minha resposta, enquanto ainda digiro toda essa informação. Dois segundos mais tarde, respondo com a voz animada:

— Eu aceito, é claro! — O sorriso em Emilien aumenta generosamente; Charles bate palmas, tão animado quanto eu.



Bem discretamente, ele se aproxima de mim, sua mão direita tocando minha cintura. Uma eletricidade percorre minha coluna, uma pulsação boa, gostosa, excitante… Seu sorriso continua em minha direção. Então, se inclina até meu ouvido e murmura, arrepiando todos os pelos do meu corpo (principalmente os lá de baixo):

— Não sabe a felicidade que será para mim passar dois meses inteiros com você.

Quase engasgo com minha própria saliva. Nem tenho tempo de respondê-lo. Emilien já se afastou e tornou ao seu lugar de frente à mesa de Charles. Os dois começam a falar do projeto no continente africano e eu preciso de um segundo para me recuperar da sua voz rouca contra meu ouvido.

— Julien — Charles me chama. — Vamos, temos coisas a serem acertadas.

Ainda meio baratinada, sento-me ao lado de Emilien, que não para de olhar para mim.

Canalha estúpido. Cretino dissimulado.

Eu não sei com que cara Emilien teve coragem de me encarar e vir com um fajuto pedido de desculpas. Francamente…

Seu arrependimento pareceu durar bem pouco, porque mal o deixei sozinho na varanda e logo estava enroscado nos braços de outra mulher, conversando bem intimamente, como se a conhecesse de longa data.

Do outro lado do salão, depois de beber de uma só vez uma dose de champanhe, meu estômago apertou e minhas entranhas se remexeram ao presenciar a cena. Fiz algum esforço para ignorar o sentimento esquisito apossando-se do meu corpo. Um segundo mais tarde, seus olhos azuis estavam nos meus. Eu devolvi o olhar com raiva, raiva ao quadrado, porque ele foi um babaca comigo dois anos antes e porque estava dando atenção à outra mulher,

bem na minha frente.

Era ciúme. Sei disso agora. Um ciúme descabido de um homem que não é nada meu, nem tem nada comigo. Um homem por quem não deveria sentir nada dessas coisas estranhas. Para fugir não somente do seu olhar, mas como de minhas próprias emoções, simplesmente virei as costas e me juntei às pessoas.

Teria voltado à companhia de Dousseau e sua esposa, mas Emilien decidiu ir cumprimentar o amigo e não saiu mais de lá por um bom tempo.

Não bastou ter sido um idiota dois anos atrás, teve de acabar com o pouquinho da diversão que eu estava tendo naquela noite. Acabei decidindo por ir embora — sem me despedir de Bernardo e Ann-Marie.

Agora, apenas dois dias depois do baile estúpido, deveria estar dissertando a respeito da matéria com Silvia Ferreira. Entretanto, em um pequeno momento de distração, assim, sem querer, me vi abrindo o navegador e digitando “Emilien Dupont” no campo de busca.

Sou uma idiota.

Estou tentando descobrir quem possa ser a mulher com quem falava, mas estou cansada de saber que o homem não se expõe, então minha busca é infrutífera. Todas as notícias de Dupont estão vinculadas a matérias sobre seu retorno a Paris, projetos econômicos e investimentos, filantropia (ações recentes e antigas), palestras, cursos de gestão financeira etc. Nenhuma fofoca. Nenhuma foto com alguma mulher agarrada ao seu braço, ou o beijando. Nenhum flagra saindo de boates, casas noturnas ou de acompanhantes de luxo. Nada. Rede social… Emilien deve desconhecer esse tipo de interação humana.

Esse homem parece que não vive.

E eu continuo sendo uma idiota por persegui-lo ciberneticamente, por querer saber quem é a mulher com quem conversou durante poucos minutos.

Mordo o lábio inferior, batendo a ponta da caneta de leve sobre minha mesa, enquanto meus olhos estão fixos em uma foto dele de terno, todo elegante, atrás de um púlpito, em um enorme salão, falando para… Clico no *link.* Leio dinamicamente… Falando para quinhentas pessoas. Alunos, para ser mais específica. Um curso de educação financeira em uma faculdade em Lyon.

Confiro a data da matéria. Já tem quase cinco anos isso. Faço uma conta mental.

Dupont deveria ter, no máximo, trinta anos nessa época.

Emilien é considerado um prodígio no mundo dos investimentos. Nasceu

em família abastada, o pai também era investidor, mas o filho conseguiu superá-lo. O que Thierry levou quase uma vida para erguer, Emilien o fez em menos de uma década. Rico e bem-sucedido antes dos trinta.

Que sonho.

E eu aqui, aos trinta e quatro me matando em uma redação, tentando meu lugar ao sol. Às vezes me pergunto qual o segredo do sucesso. Diferente de Dupont, nasci em uma família pobre. Nada de passarmos fome ou qualquer outro tipo de necessidade, mas, para os padrões Família Dupont, a minha foi pobre.

Meu pai, hoje aposentado, foi professor. Minha mãe, de quem herdei parte da paixão por jornalismo, é até hoje escritora e historiadora. Não foi nenhuma best-seller mundial, mas seu nome é bem conhecido na França. Não enriquecemos com seus romances históricos. Boa parte da renda dela, na verdade, provinha do seu trabalho em museus e palestras. Nas horas vagas, escrevia. Tinha contrato com uma editora, uma de suas maiores conquistas, que publicava até sua lista de compras se mamãe quisesse. Embora não fosse a escritora francesa mais famosa, ainda assim tinha um público fiel; o pouco da sua porcentagem complementava na renda da casa e, apesar de nada luxuoso, nos dava conforto. Comida sempre na mesa, roupas sempre novas, estudos em dia — minha irmã Isabelle e eu até fizemos cursos complementares, como inglês, *ballet* e canto.

Consegui me formar em jornalismo e sempre corri atrás de meus objetivos. Apesar de todo meu esforço e de hoje ter uma vida melhor do que a de meus pais, anos atrás, tenho certeza de que o número de zeros na minha conta bancária nem se comparam ao número de zeros na conta de Emilien — que tem praticamente a minha idade.

A receita do sucesso então nem sempre se dá só pelo esforço. Jamais tirarei o mérito dele em ter conquistado seu espaço e ter superado a fortuna do pai usando de seus conhecimentos, esforços e inteligência. Mas me pergunto: ele teria feito sua fortuna atual em tão pouco tempo se tivesse levado *a minha vida*?

Se não tivesse a influência que o sobrenome de sua família carrega?

— Quem é o bonitão? — Isabelle pergunta, espalmando contra minha mesa, olhando para a foto de Emilien por cima dos meus ombros. Tomo um susto dos grandes por causa de sua chegada inesperada. Nem tenho tempo de respondê-la, pois essa intrometida já está dizendo: — Espera, esse não é o cara com quem você viajou três anos atrás para a África?

Viro-me em minha cadeira, ficando na frente do computador e obstruindo a tela. Cruzo os braços na frente do peito.



— Isabelle, o que está fazendo aqui? — questiono, olhando em volta.

Cada redator está em sua mesa, fazendo seu trabalho. — E não me assuste mais assim.

Ela dá um passo atrás e sorri, a mão na cintura.

— Te chamei enquanto me aproximava, mas você estava aí, os olhinhos grudados na tela do computador, distraída. E tudo bem, te entendo perfeitamente.

Ele é de dar água na boca.

Reviro os olhos e fecho a aba de pesquisa.

— Vim te chamar para um café. Vamos à cafeteria daquele seu amigo…

— Um instante para ser recordar do nome. — Bernardo?

Olho no relógio. É quase horário do meu intervalo. Temos tempo de ir, tomar um café, conversar um pouquinho… E ainda me sobra uns minutinhos para caso Dousseau esteja por lá, perguntar se sabia que Emilien estaria no desfile. Se por ventura me disser que sim, Ann-Marie que me perdoe, mas irei esganar o marido dela.

Pego minha bolsa pendurada à cadeira e meu celular perto do teclado.

— Mas eu não posso demorar — digo, passando por ela e já imaginando o que quer comigo.

A garçonete está pacientemente esperando-me decidir. Isabelle já optou por suco e *profiterones* sem calda — ela é simplesmente apaixonada por doces.

O cardápio da cafeteria de Bernardo é bastante variado, o que torna impossível a missão de escolher logo algo para consumir. Diante a tantas opções, acabo decidindo pelo básico e mesmo de sempre: *croissant* e chá de gengibre. A moça se retira em seguida e tão logo minha irmã se vira para mim, debruçando-se sobre a mesa e proferindo:

— Preciso de um favor. — Sabia que esse dia ia chegar. Quando comecei a trabalhar com Héron e comentei isso com minha irmã, já sabia que esse

momento ia chegar um dia. Até que demorou.

Isabelle, assim como nossa mãe, é escritora. Não no mesmo gênero, claro. Minha irmã se dedica a romances policiais, a maioria deles contemporâneos, mas seu trabalho mais recente é ambientado na Europa medieval. Passou um ano estudando sobre esse período da história antes de traçar um roteiro e começar a escrever. Parece que o finalizou há uma ou duas semanas e, segundo mamãe, que foi a primeira a lê-lo, é o melhor romance dela.

Tal elogio, vindo de uma escritora que vendeu alguns mil exemplares, elevou a autoestima de minha irmã. Agora, sei exatamente o que quer de mim.

— Pode falar com Héron para dar uma avaliada no meu original? —

pede, juntando as mãos, quase em súplica.

— Ele nem está mais trabalhando nessa área, Isabelle — informo, com um suspiro.

— E daí? — Dá de ombros. — Héron continua sendo um tremendo editor. Preciso mesmo que ele dê uma lida, Marie. Se gostar, pode me indicar para alguma dessas editoras onde trabalhou. É uma oportunidade única, entende?

Todos os livros que Poirier editou viraram um sucesso estrondoso!

Suspiro e estou para abrir a boca e lhe dizer que, por mais que queira ajudá-la, não posso fazer isso. Não por má vontade, mas porque Poirier é conhecido por ser bastante antipático e rude, beirando o mal-educado. Não vou pedir favores a ele em nome de minha irmã e arriscar levar um coice ou, de alguma forma, comprometer meu emprego. Mas não consigo argumentar porque, no mesmo instante, Bernardo chega na cafeteria, como de seu costume, acompanhado da esposa, com o filho nos braços.

Preciso falar com meu amigo antes de qualquer coisa e saber se ele tinha ideia da presença de Emilien no baile de máscaras no sábado à noite. Nada me tira da cabeça de que sim, pois me tirou para dançar e menos de um minuto depois eu estava nos braços de Dupont. Se Bernardo ajudou-o nisso, juro que não penso duas vezes em esganá-lo.

— Prometo que vou pensar nisso, Isabelle — falo, virando-me rapidamente em sua direção e emendando: — Mas agora preciso tirar uma questão a limpo com Bernardo. Se importa se eu me ausentar por cinco minutos?

— Minha irmã bufa e movimenta as mãos no ar, dispensando-me, visivelmente chateada por não lhe dar a atenção devida. — Não vou demorar. Se meu chá chegar, deixe o pires sobre a xícara para não esfriar — instruo, e ela parece fazer

pouco caso.

Levanto-me e vou até Bernardo, que logo me vê e abre seu sorriso amigável. Cumprimento Ann-Marie e não resisto a apertar de levezinho a bochecha de Jean-Luc. Ela se afasta com o filho até os fundos da cafeteria, para o escritório do marido; meu amigo e eu nos acomodamos em uma mesa mais ao fundo.

— Já pediu alguma coisa? — pergunta, solicito.

— Sim. Estou com minha irmã ali. — Aponto para trás, onde uma entediada Isabelle está brincando no celular. — Não pretendo te tomar muito da sua esposa. Só preciso que seja franco comigo — digo, séria, mantendo-me rígida e ereta em meu lugar. Ele me analisa atentamente. — Você sabia que Emilien estaria no baile de máscaras da Silvia Ferreira?

Afagando sua barba rala, responde:

— Não tinha ideia. Nem imaginava que se interessava por moda.

Conversamos um pouco. Ele disse que estava acompanhado de uma das modelos de Ferreira.

Opa. Nova informação.

Mordisco o lábio inferior, pensativa. Conheço-o o bastante para saber quando está sendo sincero — o que acontece na maioria das vezes. De fato, ele não sabia da presença de Emilien e tampouco o ajudou a se aproximar de mim na festa.

Levanto-me, pronta a voltar para minha irmã, mas o agradeço antes:

— Tudo bem, obrigada pela informação.

Já estou virando nos calcanhares quando Bernardo pergunta:

— Como você está com a volta dele?

Devagar, giro meu corpo outra vez e o fito nos olhos.

— Estou bem — garanto, embora não saiba precisar muito como realmente estou me sentindo com isso. — Com um pouco de raiva, naturalmente.

Bernardo dá uma risadinha e não diz mais nada, mas algo trespassa seus olhos claros. Analiso-o um segundo inteiro, perguntando-me o que está passando pela sua cabeça nesse momento. Decido não pensar muito no assunto e volto até



Isabelle.

Agora preciso aguentá-la implorando-me por um favor.

Garanti à minha irmã que pensaria no assunto de falar com Héron. É

claro que não foi uma resposta que queria ouvir, mas aceitou de qualquer maneira. Sendo assim, terminamos nosso café e então rumei de volta à redação.

Não tive nem a oportunidade de me sentar à minha mesa. A porta da sala de Poirier se abriu, ele colocou a cabeça para fora e me chamou. Segunda vez em menos de uma semana? Por favor, *mon Dieu*, que não me envie para mais desses eventos de moda e celebridade.

Sem muitas opções, caminho até sua sala. Ele me oferece a cadeira frente sua mesa estrategicamente organizada. Aceito a oferta e cruzo os braços sobre minhas pernas.

— Manda — digo.

Héron ri um instante, leva os dedos aos lábios — meio que uma mania —

e se recosta à sua cadeira.

— Não vou te pedir um favor. — Alívio percorre meu corpo. — Preciso te informar duas coisas. Já falei com o restante da equipe, mas você não estava quando fiz isso, por isso te chamei aqui.

— Certo. — Abano em positivo.

— Mesmo que esteja há menos de um ano conosco, deve saber que todo ano publicamos uma edição especial da nossa revista. Uma edição abordando um único tema.

Balanço a cabeça em positivo. Eu até tenho duas ou três dessas edições em casa,

a minha favorita sendo sobre a Torre Eiffel. Um monte de histórias e curiosidades sobre o cartão postal de Paris.

— Teremos uma reunião na semana que vem para escolhermos o tema da

próxima edição, que sairá em seis meses.

— Certo — assinto.

Héron me dá um pouco mais de detalhes dessa reunião. Nela escolheremos o tema, a equipe e designaremos o que cada um fará.

— Nessa reunião, o novo sócio majoritário do grupo estará presente —

informa, para minha surpresa. — Por algum motivo, está fazendo questão de vir.

Cerca de um ano atrás, sessenta por cento das ações do nosso grupo editorial foram vendidas para uma única pessoa. Uma corporação jurídica, na verdade, que também é dona de outras empresas no mesmo ramo. Sabemos que o acionista majoritário de ambos os grupos é uma única pessoa, extremamente rica, só nunca deu as caras por aqui — o que a maioria faz, de fato — e ninguém tem ideia de quem possa ser, se é homem ou mulher. Não há nem mesmo um nome. Tudo sigiloso. O porquê, nunca soubemos. Mesmo que não seja costume de os acionistas aparecem na sede, eles vêm vez ou outra. Até sei o nome deles

— são apenas cinco donos — e já os vi em uma ou outra ocasião. Menos o novo sócio majoritário. Então acho bastante estranho que, de uma hora para outra, depois de um ano desde a aquisição, resolva aparecer.

— Tudo bem. — É só o que tenho a dizer, mas não deixo de questionar.

— Por que só agora?

— Vai saber. — Héron dá de ombros. — Mas ele já estava se programando para visitar as sedes das revistas e jornais do grupo tem algum tempo, segundo a assessora me informou. Surgiu uma brecha, e ele virá na próxima semana.

— Então é um homem?

Poirier afirma com um gesto de cabeça.

— Bem, era só isso que queria te informar.

— Certo. Muito obrigada.

Antes que eu tenha tempo de me levantar, Héron me interpela:

— Algo para fazer no sábado à tarde?

— Nada, por quê?

— Tenho um evento para ir, mas não queria aparecer sozinho. Você poderia vir comigo?

Quero fazer uma piada, de verdade. Héron sendo educado e simpático é algo que raramente vejo, a não ser quando quer me pedir algo a mais. E ele também nunca foi muito de se importar com esse tipo de coisa. Já o vi comparecendo sozinho a muitos eventos sociais e de trabalho que exigiam uma companhia. Bem, mas se está precisando de mim, posso tirar algum proveito da situação e ajudar minha irmã.

— Hum… — murmuro, ajeitando-me em meu lugar. — Não quero soar indelicada e interesseira nem nada, mas… se eu for com você, pode me fazer um favor em troca? —

Héron ergue a sobrancelha e junta as mãos frente ao queixo.

— Que tipo de favor?

— Minha irmã é escritora, sabe?

— Ah, é? — Ele parece surpreso, já sabendo onde isso vai parar.

— Sim. E ela, bem… queria que você lesse o original dela e desse uma opinião sincera. Isabelle quase te venera.

Vejo aquele sorrisinho convencido surgir em seus lábios. Héron sabe que é bom no que faz, por mais insuportável e exigente que seja. É bom no que faz, e é bonito. Trinta e cinco anos, sorriso alinhado e branco, cabelos à escovinha, olhos castanhos, pele negra, um metro e oitenta, corpo atlético, músculos bem espalhados e definidos e cavanhaque bem-aparado. Quase um deus de ébano.

— Está bem — concorda, por fim. — Na próxima segunda pela manhã, me traga esse original da sua irmã para eu ler.

Abro um sorriso satisfeito.

— Que evento é esse, aliás? — pergunto.

— *Dames Parisiennes.*

Conheço. É um evento beneficente anual organizado apenas por mulheres que visam arrecadar quantias consideráveis para causas sociais. Esse ano a ajuda se destinará a ONGs de causas animais e meio ambiente. Héron é um defensor assíduo desse tipo de causa, então faz sentido querer ajudar.

— Passo em seu apartamento te buscar — informa. Assinto e me levanto, pronta a retornar à minha mesa e continuar com meu trabalho.

Já estou chegando na porta quando algo me ocorre. Viro-me em meus calcanhares e o encaro seriamente.

— Você sabia que Emilien Dupont estaria no baile de Silvia Ferreira?

Héron exibe uma carranca confusa.

— Quem? — Antes de eu ter tempo de repetir, ele parece ligar o nome à pessoa e diz: — Ah, sim. Emilien Dupont, o filantropo com quem você esteve na África fazendo uma reportagem uns três anos atrás?

— Esse mesmo.

Héron movimenta o *mouse* sobre sua mesa, fixando os olhos no computador, e me responde:

— Não. Aliás, nem sabia que ele se interessava por moda.

Exatamente. Esse tipo de evento não é a cara de Emilien. Ele disse a Bernardo que estava apenas acompanhando uma “amiga”, mas nada me tira da cabeça que sabia que eu estaria no evento e deu um jeito de aparecer por lá.

Pestanejo, movo a cabeça levemente de um lado a outro e afasto meus

pensamentos. Foi só uma coincidência infeliz.

— Por quê? — Poirier indaga, voltando seus olhos para mim.

— Por nada — digo apenas.

Não lhe dou tempo de me fazer mais perguntas. Abro a porta e deixo sua sala.

No restante da tarde, tento focar no trabalho, mas estou atormentada demais com essa volta de Emilien para conseguir me concentrar em qualquer coisa que seja. Alivia-me o fato de que Paris é grande o suficiente e espero não esbarrar mais com ele por aí.

Que Deus me ouça.

Irmãos Dupont

EMILIEN

CAPÍTULO 4

Três anos antes

Nossa química é quase palpável. Desde que a conheci, um mês atrás, eu a desejei. Logo quando fomos apresentados, fui discreto em demonstrar a paixão que ela despertou em mim, mas óbvio o bastante para que ela notasse o meu interesse.

Estivemos em constante contato nas últimas semanas, dando os últimos ajustes à nossa viagem ao continente africano. Marie será a maior responsável pela

matéria, mas teremos uma equipe de mais três jornalistas, quatro *cameramen*, cinco fotógrafos, dois editores, três tradutores de africâner, dois de francês e uma escritora nos acompanhando nessa viagem — todo grupo montado pelo *La Parisienne.* Além disto, meu próprio pessoal também nos acompanhará.

São médicos, psicólogos, pediatras, professores, empresários, costureiros, cozinheiros e pedagogos. Todos dispostos em nossa causa humanitária. No total, somos em trinta e cinco pessoas.

Desembarcamos no Aeroporto Internacional da Cidade do Cabo por volta de seis e meia da tarde. O grupo se divide em duas vans que seguem para um mesmo destino. Eu e Marie, contudo, temos uma limusine especial à nossa espera, assim como tivemos um jatinho para virmos separados dos demais. Duas horas antes do desembarque, depois de quase doze horas de viagem, tomamos um banho e trocamos de roupa — um luxo que o Bombardier Global 6000

oferece. A bela jornalista ergue uma sobrancelha para mim quando vê o chofer parado frente à porta aberta do passageiro, devidamente uniformizado.

Não digo nada. Apenas apoio a mão em sua coluna e a conduzo.

Acomodamo-nos no banco de trás; faço questão de me manter perto o bastante, mesmo que haja espaço de sobra para ficar afastado. Quero estar perto, na verdade. Sentir o calor do corpo dela no meu. Um mês desde que nos conhecemos e, apesar de já termos pegado certa intimidade, ainda não trocamos um primeiro beijo. Estou louco para enfiar minha língua nela, e não só na boca.

Mas não serei eu a dar esse passo. Gosto de provocá-la, testá-la… seduzi-la até que não aguente mais e se renda. Quando nos beijarmos, terá sido uma iniciativa dela.

— O que achou da viagem? — pergunto, olhando-a com um meio-sorriso.

Ela se vira em minha direção, sorrindo e mordendo o lábio inferior.

— Foi boa. Principalmente porque a fiz toda ao seu lado — responde, os dentes ainda mordiscando a carne da parte de baixo da sua boca, olhando-me atentamente.

Muito por isso fiz questão de fretar um jatinho particular. Conversamos bastante,

dormimos na mesma medida, e ela conseguiu ler um livro inteiro nesse interim.

— Então você gosta da minha companhia? — indago, inclinando-me levemente sobre seu corpo. Marie prende a respiração, engolindo em seco em seguida. Seus olhos descem lentamente pelo meu tronco, parando por um segundo entre os vãos das minhas pernas. Continua moendo o lábio inferior, de um jeito sexy que faz meu pau pulsar.

— Gosto muito — responde, tornando a me olhar nos olhos.

Seus dedos macios esbarram em minha mão sobre minha perna. Abaixo o olhar para nosso contato. Ela brinca, traçando círculos macios em minha pele.

Seus olhos estão nos meus quando a olho de volta, insinuando, sensual,

excitante…

Lentamente, inclina-se em direção ao pequeno balcão acoplado à sua frente. Tem algumas taças, champanhe e uma bomboniere com guloseimas. Ela analisa este último com alguma atenção e então pega um pirulito. Desembala-o e o coloca na boca, tornando-me a olhar enquanto suga o doce, rodando-o dentro da boca, passando a língua provocativamente, movendo-o para frente e para trás.

Tenho certeza que azul dos meus olhos está bem mais escuro agora enquanto a observo brincar com o pirulito. Minha garganta seca. Sem nenhum constrangimento, ajeito meu pênis duro, desconfortável e de lado dentro da cueca.

— Você gosta de chupar, não é? — pergunto, rouco e baixo.

Ela sorri com seus lábios carnudos ainda no doce.

— Ah, eu adoro chupar, Emilien. Você nem imagina o quanto.

Minha respiração chia. Sinto minhas pupilas dilatarem. Meu pau pulsa que chega a doer.

Dali a um segundo, o indicador dela está na parte inferior da minha coxa, subindo em direção à parte que lateja de desejo e quer sua boca também. Abaixo o olhar e acompanho seu movimento provocante.

— E mesmo com minha idade… — fala, bem baixinho, sua boca aproximando-se do canto da minha, o pirulito agora descartado. O ar quente de seu hálito me atinge e quase me deixa zonzo. Porra de mulher sensual. — Ainda não parei de mamar, sabia?

Caralho.

Resfolego sem nem perceber. O indicador dela alcança seu destino, mas é insuficiente para mim. Seguro sua mão e a faço me cobrir por inteiro, para que sinta minha dureza. Inclino-me um pouco mais sobre sua boca, deixando-a um centímetro, talvez um pouco mais, da minha.

— Você deve ser bem habilidosa com a língua — murmuro e deixo um selinho suave contra seus lábios.

Marie para de respirar um segundo. Afasto-me e a olho. Está desconcertada e visivelmente sem ar.

— Sou sim. E você?

— Que tal descobrir por si só? — devolvo, passando minha mão pelas suas pernas despidas.

Marie usa uma saia lápis que valoriza suas curvas. As pernas estão quentes, então vou subindo meu toque perigosamente até chegar ao seu ponto sensível. Meu dedo esbarra em sua calcinha de renda, macia e levemente úmida.

Minha garganta faz um ruído esquisito quando constato que está molhada para mim.

Sem tirar meus olhos dos seus, enveredo meu indicador até sua boceta, afastando a calcinha para o lado. *Mon Dieu.* Ela está quente e úmida. Minhas narinas inflam conforme a acaricio e presencio sua expressão facial de prazer enquanto a toco. Suas pernas vão se separando devagar, o olhar no meu, os lábios entreabertos gemendo baixinho. Com minha mão desocupada, desfivelo meu cinto e a faço me tocar.

— Grosso… — murmura, masturbando-me devagar. Gemidos incompreensíveis escapam de mim, meus lábios rentes ao dela, meus dedos ainda a acariciando. — É grosso.

Sorrio em meio ao prazer e nada digo. De repente, ela me toma em um beijo sôfrego, os quadris rebolando contra meus dedos. Entendo seu pedido e a penetro com o indicador e o médio, fodendo-a rápido e duro. Seus gemidos ficam entre nosso beijo depravado, as mãos em meu pau me bombeiam mais forte.

Tenho dificuldade em respirar. Meu pau está tão duro como nunca esteve antes.

Cesso nosso beijo e a faço se deitar no estofado da limusine. Separo suas pernas, subo sua saia até o umbigo e a observo um segundo inteiro, seu peito subindo e descendo em uma respiração ofegante, os quadris movendo-se de leve e impacientemente.

— Quer que eu te coma, Marie? — pergunto, apertando seu clitóris com pressão necessária apenas para lhe dar prazer.

— *Oui*. *S'il te plaît* — pede por favor em palavras entrecortadas.

Mantenho meu sorriso e meu toque nela. Aperto o pequeno interfone e, em inglês, digo ao motorista:

— Mudança de planos. Rode pela cidade um pouco mais.

— *Sim, senhor.*

Volto minha atenção à Marie e ponho meu rosto entre suas pernas. Seu cheiro almíscar invade minhas narinas; a temperatura quente de seu corpo e sexo atinge meu rosto.

— *Ma jolie,* vou te mostrar que eu também sei chupar — murmuro entre suas pernas. Não espero resposta. Enfio dois dedos em sua entrada encharcada, adicionando minha língua em seu clitóris. Trabalho avidamente nela, intercalando chupadas, lambidas, pressão com o polegar, penetradas com língua ou dedos.

Marie aperta suas pernas contra minhas têmporas, as mãos me seguram pelo cabelo e me forçam contra sua boceta, os gemidos saem ininteligíveis e baixos, mas sei que ela se controla ao máximo para não gritar como uma desvairada.

— *Mon Dieu,* Emilien…

Seu corpo começa a ser tomado por pequenos espasmos. Então paro imediatamente de chupá-la e abaixo as calças, coloco uma camisinha que tiro da carteira e entro nela com facilidade. Suas pernas me contornam, seus músculos interiores fecham-se contra meu comprimento duro.

Engasgo quando ela faz isso.

— Me aperta — peço, tascando um beijo profundo em sua boca. — Me aperta com sua boceta de novo.

Ela o faz. Isso é quase a minha perdição.

Encolho suas pernas, colocando os joelhos em sua barriga, e empurro-me para dentro dela outra vez, com muita força.

— Emilien! — grita dessa vez. O ângulo em que nos colocamos é maravilhoso; também preciso me esforçar muito para não gemer alto. Tapo sua boca e a como vigorosamente. Ela geme contra minha mão, lágrimas juntando nos seus olhos.

Seu corpo todo treme enquanto continuo socando forte. Vendo que ela vai gozar, frustro-a de novo. O gemido que dela escapa é de decepção. Ponho-a de quatro, as mãos espalmadas contra o estofado.

— Eu preciso gozar! — suplica, enquanto me encaixo em sua fenda escorregadia. — Não me frustre uma terceira vez, Emilien. Por favor.

— Nós vamos juntos — falo ao pé do seu ouvido. Coloco-me dentro



dela, centímetro por centímetro, devagar, sentindo-a me rodear e se contrair.

Meu maxilar trinca. Que esforço sobre-humano estou fazendo para não ejacular.

Movimento-me em ritmos calmos, abraçando-a pelos seios e beijando sua nuca. Como-a assim, devagar, profundo, com estocadas intensas que a fazem gritar e empinar a bunda em minha direção para receber mais. A velocidade vai

aumentando gradativamente. Então, estou tão rápido que o som dos nossos quadris entra pelos meus ouvidos. Ela anuncia que está gozando enquanto se toca furiosamente. Seu corpo ainda está tremendo pelo prazer atingido quando, sem sair de dentro dela, troco de posição de novo, colocando-a para cavalgar.

Marie pula em meu colo com todo vigor. Beija-me na boca enquanto as pernas dobradas flexionam-se e sua boceta engole meu pau. Gozo um instante depois, chupando seu par de seios e abafando um gemido descontrolado.

Ela me abraça e esconde o rosto contra a curva do meu pescoço.

Preciso de um instante para recuperar minha respiração e meu controle.

Preciso de um instante para admitir que estava errado. Errado quando pensei que transar uma única vez com ela seria suficiente para aplacar meus desejos que surgiram assim que a conheci.

Pego a segunda saída na rotatória e mantenho-me na Avenue Pablo Picasso, deixando a comuna de Nanterre para trás. Meu coração está levemente apertado depois de minha rápida visita, após dois anos longe de Paris. Não que eu tivesse me descomprometido por completo durante esse tempo. A mensalidade — cara, aliás — foi paga sem atrasos. Liguei com alguma frequência, pelo menos duas vezes por semana, mandei roupas e medicamentos conforme foi necessário, recebi e-mails de exames periódicos, como sempre exigi. Em algumas ocasiões, nos conectamos via Skype e pude trocar algumas palavras.

Hoje, entretanto, foi nosso primeiro contato pessoal desde minha partida.

Fiquei por pouco tempo, não mais que uma hora, mas vi satisfação em seus

olhos com minha presença, minha volta — minha garantia de que ficaria em Paris e voltaríamos a nos ver pessoalmente com mais frequência.

A viagem até a Dupont Investimentos leva pouco mais de meia hora, pois Nanterre fica a apenas onze quilômetros da região metropolitana da capital francesa. Passa um pouco do meio-dia quando adentro o prédio de vinte andares.

Tomo um elevador privativo e subo até o último andar, onde está localizada a presidência da corporação.

— *Monsieur* Dupont, *bonjour*. — Sou recepcionado pela minha secretária segurando um tablet. — Sua agenda já está atualizada, poderá acessá-la pelo seu *tablet*, celular ou computador.

— *Merci beaucoup* — agradeço, tomando o aparelho que ela me entrega.

— *Mademoiselle* Dupont está em sua sala, à sua espera — informa, o que me pega de surpresa.

Giro meu corpo tão bruscamente que mal percebo; estou a um metro da porta de meu escritório, meu sangue quase congela com a informação. O que raios Nicole está fazendo aqui? Um naco se forma em minha garganta. Aperto os lábios em uma linha fina, concentrando a raiva nos punhos. Com a autorização de quem ela deixou que minha irmã invadisse meu espaço de trabalho e *privativo*?

Controlo-me, entretanto, pois a conheço o suficiente para saber que provavelmente invadiu minha sala e ignorou as advertências de minha secretária.

E com toda certeza fez alguma ameaça do tipo “O que meu irmão mais velho, *o seu patrão*, vai achar se souber que andou me tratando muito mal?”. Então ela bateu seus cílios longos infantilmente, como se carregasse mesmo toda essa inocência naqueles olhos verdes.

— Tudo bem — concordo, soltando o ar dos pulmões e retomando o controle.

Inspiro profundamente e me preparo para encará-la. Abro a porta e ali está ela, deitada — ou melhor *jogada* — no sofá cinza no centro do escritório, pernas cruzadas, brincando no celular.

— Nicole — chamo-a.

Seus olhos verdes encontram os meus e um sorriso ilumina seu rosto. A porta atrás de mim encosta enquanto minha irmã vem em minha direção e pula

no meu pescoço, abraçando-me como se não me visse há décadas. Bem, de fato, há muito não nos vemos.

— Emilien! — exclama e então se afasta, olhando-me nos olhos. — Seu babaca insensível, como você tem coragem de ir embora por dois anos e nunca nem dar uma ligação!? — reclama, dando um soco no meu peito.

Eu nem mesmo saio do meu lugar durante um segundo inteiro. Abro um pequeno sorriso e beijo sua testa.

— Precisava ficar um tempo longe — respondo, caminhando em direção à minha mesa.

— Você está longe desde que o papai morreu — diz, a voz amargurada.

Giro em meu próprio eixo e a vejo cabisbaixa, olhando para os pés.

Mordo o lábio inferior, odiando a dor que atinge meu coração. Nosso pai nos deixou há mais de dez anos. Uma morte precoce e súbita, que desestabilizou toda nossa família. Anos antes desse baque em nossas vidas, embora em determinado momento eu não estivesse morando sob o mesmo teto que meus pais, mantínhamos contato frequente, principalmente porque Nicole era só uma criança e precisava de mim. Mas depois que Thierry se foi, minha relação com minha mãe, que a vida toda foi conturbada, piorou consideravelmente. Tive de me afastar ainda mais para manter minha saúde mental.

Também me afastei de Nicole para poupá-la no narcisismo de Elizabeth Dupont. Por mais que fosse a protegida e a preferida, não seria poupada caso contrariasse nossa progenitora. Ela tomaria minhas dores, uma hora ou outra, e se revoltaria contra nossa mãe por conta de meu afastamento, ela ia *me escolher*, disso tinha certeza, e seria catastrófico. Mamãe sempre a tratou diferente de mim, e a última coisa que eu queria era que ela vivesse a mesma relação tóxica que vivi por anos. Preferi me distanciar e deixar minha irmã pensar que eu era um babaca mal-agradecido — pensamento reforçado com comentários de *maman*, que passou a vida me chamando disto.

— Culpe nossa mãe por isso — falo do meu lugar. Há anos ela sabe do real motivo por eu ter saído de casa. — Sabe que pra mim é impossível passarmos mais do que dez minutos no mesmo ambiente.

Suspiro e contorno minha mesa, pondo-me em meu lugar. Devagar, Nicole se aproxima e se senta à cadeira confortável logo à minha frente.

— Eu sei — confirma, suspirando, desanimada.

Observo-a com atenção redobrada. Umedece o lábio inferior com alguma frequência. Minha irmã está diferente, consigo sentir. Nicole é uma pessoa

extrovertida, alegre, fala mais que a boca. Sua postura reclusa me preocupa.

— *Que se passe-t-il?* — "O que aconteceu?".

Nicole me encara um segundo inteiro antes de dizer:

— Agora entendo o que você viveu com a mamãe. — Seu olhar foge do meu. — Quero dizer, sei que presenciei muitas discussões suas, mas *maman* sempre dizia que você era mal-agradecido, ingrato e só sabia dar desgosto…

Acabava acreditando que você realmente só fazia as coisas erradas, sabe? —

Torna a me olhar, mordendo o lábio inferior.

— *Ma petite*¸ você era só uma criança. Mamãe é mestre na arte de manipular. É claro que te colocaria contra mim.

Nicole balança a cabeça em positivo.

— Sim. Mas o que quero dizer, Emil, é que mamãe está se comportando comigo da mesma maneira que fazia com você.

Meu coração vem na garganta. Nem me vejo saindo do meu lugar e me sentando ao lado dela, segurando sua mão e a olhando com preocupação. Nunca pensei que a preferida fosse passar pela mesma situação. Meu peito dói. Por que Elizabeth estaria acabando com a saúde mental de minha irmã? Ela teve seus motivos comigo (se podemos chamar de motivos) e, lá no fundo, eu a compreendia, psicologicamente falando. Mas Nicole sempre foi o objeto de adoração de mamãe. Não consigo pensar o que possa ter feito (porque alguma coisa grave ela fez) para despertar o pior lado da matriarca.

— O que você fez, *chérie*?

— Só estou sendo eu mesma — murmura em resposta, os olhos úmidos, segurando o choro. — Há dois anos, Emilien… logo depois que você se foi…

eu… — Pausa brusca. Olha-me com atenção. — Eu me assumi lésbica.

A informação me deixa surpreso por alguns segundos. Nicole está chorando timidamente, como se fosse algum tipo de pecado ou abominação.

— Ah… — exclamo, ainda meio atordoado. — Achei que fosse algo muito grave.

Minha irmã levanta seus olhos úmidos para mim.

— Você… está bem com isso?

Sorrio pequenino e afago sua bochecha rosada. Seco algumas de suas lágrimas e respondo:

— Por que eu não estaria, Nicole? Só me deixa chateado que tenha esperado tanto tempo para me contar.

Ela beija minha mão em seu rosto e me abraça. Eu sinto de verdade a sua falta. Apesar da nossa diferença de idade — dez anos — sempre fomos muito amigos, unidos. Do tipo que tomávamos a dores um do outro, do tipo de ela ir para diretoria da escola porque pegou uma colega falando mal de mim e socou a cara da menina. Sinto falta de nossa convivência, mas mamãe conseguiu que nos afastássemos pouco a pouco. Nos últimos quase vinte anos, só quis me manter longe de Elizabeth, e para isso tive de me distanciar de meu pai e da minha irmã.

— *Désolée* — se desculpa, suspirando em meu ombro. — Tive medo de não me aceitar.

Afasto-a e seguro seu rosto delicado com as duas mãos.

— Você é e sempre será *ma petite soeur* — minha irmãzinha —, e vou te amar em todas as situações. *Pardon* se me distanciei, se nos últimos dois anos nem mesmo te liguei. *Mais je t'aime très.*

— Eu também te amo muito — responde. Então sorri, afastando suas lágrimas. — Eu vim te ver, dizer que saí de casa. Estou morando com minha colega de trabalho… Que… hum… bem, é minha namorada há algum tempo.

Mamãe não vai mais poder ficar entre mim e você. Podemos nos ver com mais frequência agora. Se você quiser e tiver tempo, claro.

Abro um grande sorriso e seguro suas mãos.

— Vou me esforçar muito para recuperarmos os dias que ficamos longe um do

outro, *oui*? Pra começarmos, que tal marcar um jantar lá em casa para eu conhecer minha cunhada?

Os olhos de Nicole se umedecem ainda mais e outra vez sou apertado em um abraço caloroso, forte. *Mon Dieu*, como senti falta da minha irmã.

— Vou falar com Lorraine. Assim que tivermos uma data, te ligo.

Nicole dá um salto da cadeira, olhando no relógio e dizendo que agora precisa ir. Dá-me outro abraço gostoso e um beijo úmido nos dois lados do meu rosto. Já na porta, se despede:

— *À bientônt, frère.*

Encontro marcado

MARIE

CAPÍTULO 5

Só posso estar louca.

Não vejo outra explicação.

Não sei por que continuo obcecada pela vida de Emilien Dupont. Ora, dois anos atrás, quando esse safado descarado e gostoso me abandonou, simplesmente me afastei de tudo que me recordava dele. Agora que está de volta, depois do nosso encontro “por acaso” (ainda acho que tem dedo dele nisso tudo, me julguem), uma vontade insólita de saber mais de sua vida se instalou em meu peito e tem me forçado a fazer pesquisas sobre ele.

Com muita facilidade, respeitei os mistérios de Emil. Nunca falávamos sobre sua família, amigos ou relacionamentos amorosos passados, mesmo me interessando muito. Respeitei o espaço e o direito dele de não querer falar nada que envolvesse esse assunto e sempre convivi bem com isto. Acho até que foi exatamente esse seu lado misterioso que me conquistou.

Quando Antony Leclerc ameaçou — anos atrás — trazer um segredo dele à tona, é claro que tive uma curiosidade imensa em saber do que se tratava, mas não toquei no assunto, da mesma forma que Emilien não se abriu comigo, nem mesmo uma menção quando estávamos juntos. Lidei bem com isto. Mas não o faço agora. Agora, quero desesperadamente saber quem era a mulher ao

seu lado no baile de Silvia Ferreira. Bernardo me informou que é uma das modelos da estilista. Com alguns contatos, consegui a relação. Tem, ao menos, cinquenta mulheres na listagem. Impossível para mim, neste momento, em expediente, jogar o nome delas, um por um, no campo de busca e descobrir se tem alguma semelhança com a acompanhante de Dupont, uma vez que estava de máscara e não pude ver seu rosto.

Deste modo, desisti da lista, mas a guardei, preferindo outra abordagem.

Chego à conclusão, enquanto encaro o cursor na barra de pesquisa do *Facebook*, que só posso estar louca. Mesmo concluindo isto, não evito de apoiar meus dedos sobre o teclado do computador e digitar “Dupont”. Minha pesquisa me direciona a um monte de perfis com esse sobrenome nada incomum na França.

Burra. Marie, você é uma burra. Filtro melhor minha busca e digito “Emilien Dupont” mesmo sabendo que ele não tem conta em rede social alguma. Encontro um número considerável de “Emiliens Dupont”, mas nenhum deles é o meu.

O meu?

Balanço a cabeça em negativo, afastando pensamentos absurdos.

Continuo rolando a tela. Encontro a página oficial da Dupont Investimentos —

obviamente há uma equipe que cuida dela. Clico sobre a *fanpage* e confiro as postagens recentes. Em uma publicação mais antiga, de mais de quatro meses atrás, encontro por fim uma foto dele. Está junto de outros três homens — bem mais velhos —, o *check-in* é em algum hotel de luxo em Nevada, Estados

Unidos. A legenda diz “XI Conferência Internacional de Empreendimentos e Investimentos. Emilien Dupont, jovem e prodígio investidor parisiense, junto de Richard Kelly, Thomas Johnson e Hudson Garfield, grandes nomes da hotelaria estadunidense.”

Concentro-me por longos segundos nesta foto. Emil tem um sorriso bonito, embora bastante discreto e conciso. Seus trajes são completamente pretos

— o terno sob medida, a calça bem recortada, a camisa fechada até a gola e a gravata de cetim. Está tão bonito e destaca tanto seus olhos azuis. Gostoso.

Suspiro, percebendo que estou olhando para ele como uma adolescente apaixonada, e não como uma mulher no auge dos trinta e poucos anos. Volto a página e continuo minha pesquisa patética e obcecada. Maldito homem discreto.

Tão difícil achar uma foto dele mais pessoal, mais casual…

Diminuo um pouco mais meu campo de busca. Seleciono o filtro de

“fotos”. Mais imagens da página da Dupont Investimentos aparecem na minha tela, todas têm na legenda as palavras-chaves da minha busca, ou seja: “Emilien

Dupont”. Grande parte dos resultados são mais do mesmo. Estou quase desistindo quando, finalmente, um perfil diferente chama minha atenção.

Clico no nome “Nicole Dupont”. Analiso seu perfil um instante. É

público; a foto atual é recente, apenas cinco dias atrás. É uma moça loira, cabelos longos ondulados, com mexas mais escuras puxando para o dourado, olhos verdes, rosto retangular, nariz afinado. É muito bonita e tem traços que lembram os de Emilien. Talvez sejam… irmãos? Alguns compartilhamentos, status alegres e *selfies*. Por fim, encontro a foto que o filtro me direcionou. Foi postada três quintas-feiras atrás com a *hashtag* “TBT”. A legenda tem três palavras: *Saudades desse bastardo.*

A foto em questão parece ser bem antiga, dada a sua qualidade, mas também nem tanto. O Emilien desta foto sorri. Um sorriso largo, alegre, daqueles que iluminam e nos alegram junto. Acho que nunca o vi sorrir dessa maneira. Está bastante informal também. Blazer, camisa branca e jeans. Segura uma menina no colo, aproximadamente oito anos, vestida de fada. Pelos traços, é Nicole. Atrás

deles, se lê “Joyeux Anniversaire” — feliz aniversário. Nesta imagem, aparenta ser bem mais novo. Uns dezoito anos, talvez dezenove. Não mais que isso.

E puta que pariu. Ele era lindo e gostoso mesmo novinho. Não nego que os anos o melhoraram consideravelmente, mas já naquela época era um bom pedaço de mal caminho. Deus me livre, mas quem me dera.

Resolvo ir mais a fundo e acesso o álbum de fotos da menina. Há muitas imagens dela mesma, ou com amigas, em um consultório, *check-ins*, foto das pernas bronzeadas frente à piscina. Demora algum tempo para encontrar outra foto dela com Emilien. Outra vez, é uma recordação, postada na quinta-feira.

Tem mais de dois anos a postagem. Nicole ainda é uma criança, aparentando ter seus doze anos. Toda de rosa, com coroa e tudo mais, o vestido armado como os usados no século passado. Ela está entre o irmão — que sorri, mas não como na primeira foto que vi — e uma segunda mulher, ruiva, o rosto escondido por um *emoji* colocado deliberadamente ali. Fico intrigada por alguns segundos. Por que Nicole esconderia o rosto da mulher? Não encontro nenhuma menção ou pessoas marcadas. Na legenda, lê-se apenas *“Je t’aime, mon frère”* — “Eu te amo, irmão”

Passo mais algum tempo rolando a página pelas fotos até encontrar uma terceira dos dois juntos. Postada um ano antes da última. Outra vez numa quinta-feira. Outra vez, em uma festa de aniversário, o que dá bastante a entender que



os dois se viam — ou se fotografavam — apenas na ocasião do aniversário *dela*.

Nicole agora está vestida como debutante. É sua festa de quinze anos. Está entre Emilien — que agora tem um sorriso mínimo no rosto e uma tristeza indescritível no olhar — e uma segunda mulher, não a mesma da foto anterior; é outra, sei por causa da cor do cabelo e porque seu rosto não está tampado. Nicole escreveu: “Este dia foi tão especial e inesquecível. *Tu me manques, frère”* .

Encontro mais duas postagens no mesmo dia, uma dela sozinha e outra com o irmão, dançando valsa. Ambas as legendas, assim como na anterior, Nicole

expressa a saudade pelo irmão.

É uma imagem bonita. Penso que os dois se dão — ou se davam — bem, e se amam. O modo como ele a olha durante a dança revela isso. Emil aparenta ter uns vinte e cinco anos nessa fotografia. Não mais que isso. Mas também noto que o sorriso e o brilho em seus olhos sumiram por completo, perderam vida, como se sete anos antes ele fosse mais feliz do que nesse momento do aniversário de debutante da irmã. Isso me faz pensar por que nunca o ouvi falar dela. Até mesmo pelas postagens de Nicole nota-se que os dois não têm contato frequente. Não encontrei nada mais recente dos dois juntos. Por que se separaram, se parecem tão unidos?

Volto minha atenção à fotografia em que ele sorri quase imperceptivelmente. Está formal, dentro de um fraque, e muito, muito bonito. A moça logo ao lado, segurando a cintura de Nicole e sorrindo abertamente para a câmera, também é linda. Olhos castanhos, cabelos na mesma cor, na altura da mandíbula, ondulados. Lábios grossos, seios pequenos marcados por um decote discreto. Atento-me em seu olhar e tenho a impressão de que a conheço. Com os dedos, cubro seu rosto, deixando apenas nariz, queixo, boca e olhos de fora.

Mon Dieu, é ela! A moça que estava com Emilien no baile de máscaras.

Mas não tem nem mesmo um nome na legenda. Nada. Rolo mais pelo álbum de foto até chegar ao final. E é tudo. Todas as fotos que Nicole tem com o irmão são apenas três e não são recentes.

O que aconteceu na vida desse homem?

Quando meu expediente acaba, estou exausta e preciso de um café. Penso em ir para casa, moer alguns grãos e degustar da minha bebida favorita enrolada no sofá depois de um banho relaxante, mas simplesmente não posso. Tenho que terminar de escrever uma matéria para minha coluna e já estou atrasada na entrega. Se eu for para meu apartamento, as chances de procrastinar o resto do dia são muito grandes.

Então pego meu notebook e sigo até a *Avenue Coffee*, a cafeteria de Bernardo, onde poderei colocar meu trabalho em dia — atrasado porque passei mais de uma hora do meu expediente perseguindo Emilien Dupont pela internet

— e degustar de um bom e delicioso expresso. Enquanto espero meu pedido,

abro o documento no *Word* e faço minhas anotações, desligando-me do mundo por um momento. A funcionária me entrega a bebida e mal percebo, tão introspectiva estou.

Puxo a xícara pela asa e levo o líquido escaldante até meus lábios, assoprando antes de sorver um gole generoso. Fecho os olhos um segundo, apreciando o sabor desta bebida inigualável. Torno a me concentrar em meu trabalho e, o que eu deveria ter feito na hora perdida perseguindo aquele homem, o faço em pouco mais de quarenta minutos e três xícaras de café.

Finalmente termino meu artigo e o envio para Héron, via e-mail. Peço a quarta dose de cafeína, desta vez acompanhado de uma fatia de bolo integral.

Degusto do momento devagar, permitindo-me sentir o gosto da bebida em minha língua.

Já estou quase terminando, pronta para pagar a conta e ir embora, quando *ele* entra no ambiente. Meu corpo trava no lugar quando, através das portas duplas de vidro da cafeteria, o vejo adentrar o local, falando ao telefone discretamente, uma das mãos no bolso da calça azul-marinho. Desgraça de homem bonito.

Prendo a respiração sem nem perceber.

Emilien acena para uma das moças atrás do balcão, e ela parece entender seu pedido — que deve ser o mesmo de sempre —, pois assente em positivo e já se direciona à máquina para moer os grãos.

Observo-o por esses breves segundos sem que tenha me notado, travada em minha cadeira, sem nem mesmo conseguir agir, me esconder atrás do menu ou fingir que não o vi. Quando penso em desviar meu olhar e abaixar a cabeça,

Emilien já me notou e também estacou em seu lugar — a quatro passos da porta de entrada. Ele me encara, surpreso, o celular ainda colocado ao ouvido, mas os lábios não mais se movem.

Nossos olhares não se desgrudam por segundos que parecem eternos.

Emilien murmura algo e encerra sua ligação. Penso que ele virá em minha direção; inclusive já estudo uma saída de me esquivar desse homem. Talvez tenha que deixar a cafeteria sem pagar, mas depois volto e acerto com juros.

Olho com atenção ao redor. Posso escapulir pela direita, zanzar entre as mesas e chegar até à porta de entrada. É uma boa estratégia. Exceto por Emilien não sair do lugar, obstruindo a passagem. Droga. Ele provavelmente já leu minha mente e deduziu meu plano.

Mas uma hora esse homem terá de se mover. Assim, rapidamente junto minhas coisas, guardando o notebook em minha bolsa, levantando-me da cadeira. Quando ergo o olhar para a entrada, Emil já não está mais ali. Alívio percorre meu corpo, mas dura apenas alguns segundos. Ao girar-me em meu próprio eixo, ele está bem aqui do meu lado, os olhos suaves sobre mim, a mão no bolso, os lábios inexpressivos.

Tento passar por ele, mas minhas tentativas são todas obstruídas pelo seu tronco forte, acomodado dentro do terno azul-marinho que o deixa muito gostoso. Suspiro e levanto meus olhos em sua direção, tentando não me deixar ser levada pela paixão por esse homem que ainda existe dentro de mim.

— *S'il te plaît* — murmura, seu tom voz e seus olhos se abatendo. —

Vamos conversar.

Inspiro fundo.

— Trinta…

— Nada de trinta segundos, Marie — me interrompe, meio rude e irritado. — Eu preciso de uma hora inteira, pelo menos.

— Eu não tenho uma hora inteira — respondo, cansada.

Caio em minha cadeira outra vez. Elegantemente, Emil se senta de frente para mim.

— Sei que não — responde, por fim. A funcionária se aproxima, me cumprimenta com um aceno e o serve uma xícara de café, retirando-se em seguida. — Por isso, quero que você me dê só uma oportunidade para conversarmos, para me explicar.

— E você acha que o que fez tem explicação, Emilien?

Seus olhos se prendem aos meus por tensos segundos. Sempre notei mistério neles, uma névoa de enigma e tristeza… Não evito em me recordar da foto dele que vi mais cedo, com a irmã caçula nos braços, o sorriso estampado no rosto, o azul brilhando de forma intensa. Não sei o que pode ter acontecido àquele homem, porque o que eu conheci anos atrás — o que está na minha frente agora — não é a mesma pessoa daquela foto alegre.

— Nenhuma — concorda, trazendo-me de volta ao mundo real. — Eu agi errado com você, sei disso, *chérie*. — Com um suspiro, toma o primeiro gole de seu café. — Mas entenda que só queria que me odiasse.

Dou uma risada ácida.

— Parabéns, você conseguiu — respondo, sarcástica. Ele nada diz por algum tempo. Seu silêncio me incomoda. Odeio isso, mas quando percebo, já soltei a pergunta: — Por quê? — Um nó se forma em minha garganta, sinto as lágrimas queimarem meus olhos, mas me mantenho firme em não me mostrar vulnerável em sua frente. — Por que queria me magoar? Por que foi embora?

Emilien deixa um suspiro longo escapar, os olhos fechados, a expressão marcada, dolorida.

— Nunca quis te magoar, Marie… Quero dizer… A intenção foi te magoar, sim, mas pra poder te afastar de mim. Minha vida… é complicada. Não queria te trazer para o caos completo que eu sou, *ma belle.*

Balanço a cabeça em negativo, cada vez mais confusa com esse homem.

— Não entendo — expresso-me.

Vejo sua mão grande mover-se em direção à minha, na intenção de me tocar, mas consigo evitar tal contato. Emilien fica sem graça com meu distanciamento, noto isso quando o maxilar trinca, os olhos viram para baixo e sua mão se recolhe vagarosamente.

— Marie… Não sou capaz de dizer tudo que preciso em pouco tempo.

Não é nem o local nem o momento ideal. — Já pressinto onde ele quer chegar.

— Por favor, jante comigo amanhã à noite.

Seu convite nem mesmo me surpreende. De alguma forma, eu já esperava.

— Não. — Minha resposta é incisiva, mas talvez não definitiva. Se ele



insistir… se fizer algum charme, daqueles que sei que não vou resistir, posso reconsiderar. E a última coisa que quero é reconsiderar. Não importa o que Emilien tenha a me dizer, ou o quanto esteja arrependido, ou quais sejam as suas justificativas, ou quanto sua vida seja complicada e um caos total. Ele me magoou, brincou comigo. Nada do que me diga deve ser o suficiente para ser digno do meu perdão.

— Marie, por favor… — A voz é baixa, quase um silvo.

Acho que nunca o vi suplicar nada a ninguém. Neste instante, ele está implorando. *Para mim*. Para que lhe dê uma chance de se explicar, talvez até de se desculpar. Embora a voz não traga nenhum traço de súplica, porque provavelmente é orgulhoso demais para se rebaixar a tanto, seus olhos imploram o que a boca não proferiu.

Meu coração dá uma batida a menos diante suas palavras e seu olhar.

Mas estou irredutível em minha decisão. Não vou jantar com ele, mas darei o que quer ouvir.

— Tudo bem. Às oito horas. Local público. No máximo até às dez da noite. Eu escolho o restaurante e te passo o endereço — imponho minhas condições. Emilien parece surpreso pelo modo como ditei as regras, mas não contrariado.

— Como você quiser — responde-me. — Te pego às sete e meia em seu apartamento?

— Não. Vou sozinha. Nos encontramos lá. — Agora sim ele faz uma cara de inconformado. Talvez esteja pressentindo que vai tomar um bolo. Apesar disto, aceita os termos com um meneio de cabeça. — Sendo assim — falo, retirando alguns euros de minha carteira e deixando-os sobre a mesa —, nos vemos

amanhã.

São oito e dez da noite. Deveria estar no restaurante que escolhi para encontrar com Emilien, mas estou em casa, debaixo dos lençóis, lendo um livro.

Bastante plena. Não darei o braço a torcer para aquele homem. Não, ele não pode simplesmente quebrar meu coração e depois querer um encontro. As coisas não funcionam dessa maneira.

Viro a página, concentrada na leitura. Meu celular vibra sobre o criado-mudo. Olho-o por um segundo antes de desbloquear a tela e ver a mensagem dele. Como sou uma idiota orgulhosa, ainda tenho seu número em minha lista de contatos.

“Você não vem, não é?”

Ignoro sua mensagem e torno a ler.

E assim, de repente, sinto um pequeno incômodo no coração. É uma pontada de leve, mas insólita, que me desconcentra da minha leitura, me deixa inquieta e me faz pensar em Emil sozinho no restaurante, à minha espera.

Suspiro, o livro caindo sobre meu colo. Seja forte, Marie! Ele não pensou duas vezes em se levantar e ir embora, dois anos atrás.

Outra mensagem chega. Confiro imediatamente.

“Tudo bem. Compreendo sua raiva. Quando estiver disposta a conversar, pode me ligar?”

Engulo em seco, a pontada incômoda e chata apertando-se ainda mais em torno do meu coração mole e idiota. Exaspero, sentindo raiva de mim mesma enquanto digito:

“Estou a caminho. Imprevisto no trabalho. Chego em meia hora.”

Saio do conforto da minha cama, sentindo-me uma estúpida por isso.

Como posso ter qualquer tipo de compaixão ou empatia por Emilien Dupont?

Tomo um banho rápido depois de chamar um Uber. Frente ao espelho, analiso minha aparência. Não houve tempo para maquiagem além de um delineador e máscara para cílios. Ajeitei meus cabelos na altura dos ombros o tanto quanto pude com as mãos e um creme específico. Pus um vestido preto, frente única, até os joelhos e sem decote, e sandálias de tiras.

Estou terminando de me arrumar quando o interfone toca e o porteiro me avisa da chegada do meu carro. Agarro minha bolsa e saio apressada, repreendendo-me por ter voltado na minha decisão. Espero apenas que a noite não seja um desastre total, ou seja, espero não amanhecer na cama daquele gostoso ordinário.

A viagem dura vinte minutos. No percurso, envio outra mensagem a

Emilien, pois já ultrapassei minha meia hora, dizendo que estou a caminho e quase chegando. Apenas para ele não pensar que estou mentindo, envio minha localização. Ele me responde dez segundos depois:

“Ansioso para te ver, *ma belle.*”

Mordo o lábio inferior e guardo o celular na bolsa.

Finalmente, chego ao meu destino. Pago a corrida e desço do carro.

Encaro o restaurante à minha frente por um instante antes de entrar. Tem uma fachada de vidro elegante, luzes baixas e uma recepcionista na porta.

Vagarosamente, meus olhos vão passeando pelo estabelecimento. Meu corpo congela um segundo depois quando, por entre as mesas delicadas, com sua própria iluminação sofisticada, através da vidraça, eu vejo Emil. Não está sozinho. Uma mulher — que não consigo dizer quem é, pois está de perfil — lhe faz companhia, ao que me parece conversando, segurando uma taça de vinho.

Ela sorri o tempo todo, toca-o nas mãos. Emilien não se esquiva do toque, mas também não sorri como sua “companheira”. Não consigo ler sua linguagem corporal diante à situação. Não sei se a companhia o agrada ou não.

Um nó tremendo se forma em minha garganta quando a moça se vira e nossos olhos se encontram. Eu a reconheço. É a mesma da foto que vi no dia anterior, no perfil do Facebook de Nicole Dupont. A mesma que estava com ele no baile de Silvia Ferreira. Emilien acompanha seu olhar e finalmente me nota a dez

metros dele, do outro lado do restaurante. Seus olhos azuis transformam-se.

Ele se levanta do seu lugar, muito bruscamente, e eu me viro para sair daqui.

Caminho rapidamente, tanto quanto meus saltos me permitem. Olho para os lados, à procura de um táxi.

— Marie! — Dupont me chama, ao longe. Viro-me apenas para vê-lo a trinta metros de distância, vinte e nove, vinte e oito… e aproximando-se a cada passada larga.

Inspiro fundo, aumento o passo e finalmente encontro um táxi. Faço sinal ao motorista, que para na faixa da direita para que eu possa entrar. Abro a porta traseira do passageiro e já estou jogando meu corpo para dentro do veículo quando uma mão quente e forte me impede. Sou puxada suavemente, desequilibro-me por um segundo e preciso me escorar nele. Seu perfume amadeirado invade meu olfato, deixando-me zonza. Seu tórax é duro como ainda me recordava.

Ele bate a porta do carro e diz ao motorista, tudo sem me largar:

— *Désolé, monsieur.* A senhorita aqui não precisará mais. *Je vous remercie.* — "Obrigado".

O condutor me olha atentamente, como se para confirmar.

— Tudo bem. Ele é um amigo. — Bem, nem tanto. Sem nada a dizer, aciona a seta e sai vagarosamente, tomando as ruas de Paris. Consigo me livrar da pegada de Emilien e volto a caminhar, sem olhá-lo.

Novamente me agarra pelos braços e me vira em sua direção.

— Marie, quer, por favor, me escutar?

— Não, eu não quero! Sou uma estúpida por ter vindo… Deveria ter ignorado sua mensagem e ter ficado em casa, lendo meu livro. Teria evitado presenciar sua ceninha.

Mon Dieu, o que é isto? Por que preciso demonstrar todo esse ciúme para ele, para que saiba como ainda mexe comigo?

— É só uma amiga — explica, puxando meu queixo. Virei o rosto para o lado e nem percebi.

— Chamou uma amiga para nosso encontro? — indago, perfurando-o com um olhar quase mortal.

— Não. Nos encontramos por acaso. Ela está na mesa ao lado, com Silvia Ferreira e mais algumas modelos.

O vento gelado parisiense acaricia meu rosto e braços, dando-me arrepios. Tremo sem quase perceber. Desvio o olhar de novo, não sendo capaz de encará-lo. Burra. Já disse que sou burra? Havia necessidade de deixar tão à vista como sinto ciúmes dele? Isso com toda certeza alimentará seu maldito ego. Pisco e volto ao mundo real quando sinto um calor em meus braços. Viro a cabeça novamente e vejo Emil terminando de ajeitar seu paletó em mim.

Golpe baixo.

— Está frio aqui fora e você não trouxe nada — explica, como se fosse realmente necessário. — Lá dentro está mais quente e agradável. Vem comigo?

— Sua voz é doce e baixa.

Eu agi como uma cadela raivosa e ciumenta e ele continua calmo.

Balanço a cabeça, concordando.

Emilien me conduz de volta ao restaurante.

Só quando chegamos, percebo que percorremos os quarenta metros com ele abraçado à minha cintura.

Ton Pardon

EMILIEN

CAPÍTULO 6

“Você não vem, não é?”

Envio a mensagem para Marie quando seu atraso beira os dez minutos.

Bem, eu previa que ela falharia comigo. Não tiro sua razão.

Meu corpo parece tenso debaixo do terno enquanto encaro o celular, à espera de uma resposta dela. Embora eu já esperasse por isso, tinha ainda certa esperança de que considerasse e viesse mesmo me encontrar. Mas acho que a subestimei. Talvez seja orgulhosa o suficiente para não dar o braço a torcer. E

quer saber? Compreendo-a perfeitamente. Minha atitude foi cafajeste, covarde e egoísta. Entretanto, só queria uma chance de me explicar, para que entendesse meus motivos.

A mulher não responde. Suspiro e aceno para a garçonete. Enquanto a moça vem em minha direção, digito outra mensagem, pronto a pagar meu único consumo — uma taça de água — e voltar para minha cobertura.

“Tudo bem. Compreendo sua raiva. Quando estiver disposta a conversar, pode me ligar?”

Deixo meu telefone sobre a mesa quando a funcionária chega. Ela sorri educadamente e pergunta se preciso de alguma coisa. Estou para abrir a boca e pedir a conta quando meu celular notifica uma mensagem. Erguendo o indicador, peço um instante e confiro a resposta dela.

“Estou a caminho. Imprevisto no trabalho. Chego em meia hora.”

Um sorriso desponta em mim ao mesmo tempo em que uma alfinetada atinge meu coração. Ela está mesmo a caminho ou quer que eu fique aqui, sozinho, à sua espera, enquanto continua não tendo pretensões de vir apenas como modo de se vingar? Engulo em seco e decido dar um voto de confiança.

Ajeito a gravata que começa a me incomodar e inspiro fundo.

— *Un autre verre d'eau, s’il vous plaît.*

Com um aceno de cabeça, a garçonete recolhe minha taça e volta instantes depois trazendo outra com água, perguntando:

— Gostaria de fazer seu pedido agora, *monsieur?*

— Ainda não. Minha companhia já está chegando. *Je vous remercie.*

Com um sorriso candente, ela se afasta, e eu tomo um gole generoso da minha água. Aguardo mais alguns instantes, suando sob o terno, apreensivo demais. O medo de que ela não venha me incomoda e passeia pelas minhas veias junto do oxigênio. Um novo grupo de clientes — quatro ou cinco pessoas —

chega no restaurante, a *hostess* encaminhando-o até a mesa reservada. Não me atento a eles e confiro meu e-mail pelo celular, respondendo aos mais urgentes.

Mais dez minutos e o tempo de Marie vence. Então aceito que ela não virá, que me fez de bobo e terei de me desdobrar para conseguir uma hora da vida dela.

Quando novamente estou desistindo de esperá-la, uma segunda mensagem chega:

“Estou a caminho”. Junto, sua localização. Pela distância, apenas mais uns quinze minutos e estará aqui. Meu coração se alivia, até parece que tiro um peso de cima dos meus ombros, voltando a respirar normalmente. Marie virá.

“Ansioso para te ver, *ma belle”* , respondo.

Tomo o restante de minha água, agora mais confiante de sua vinda.

— Ela furou com você? — uma voz sussurra em meu ouvido. Sinto o calor dos seus lábios contra meu ouvido, assustando-me levemente.

Ela deixa minhas costas e se põe à minha frente, sentando-se no lugar

vago, no lugar de Marie. Segura uma taça de vinho branco e sorri do seu jeito meigo. Olho ao redor. O grupo que chegara minutos atrás, só agora percebo, traz algumas modelos e uma pessoa conhecida: Silvia Ferreira.

— Do que você está falando? — desconverso, guardando o celular no bolso interno do meu paletó.

Seu sorriso aumenta. Revira os olhos.

— A sua companheira. Isso é um encontro, não é?

— Por que o interesse? — Continuo a não lhe dar resposta.

— Me preocupo com você — responde, tomando uma pequena dose de seu vinho.

Tento segurar uma risada sem humor, mas sem sucesso. Desvio meu olhar do seu por alguns segundos, pego minha taça com água e bebo o restante.

Não quero pensar no assunto neste momento, mas sei que ela vai abordá-lo da mesma maneira.

— É casual ou é sério?

Não disse?

— Não importa — respondo apenas, tornando a olhá-la.

Ela dá de ombros.

— Importa. E você sabe. Se for casual, tudo bem, mas se for algo mais sério…
— Sua frase fica no ar. Os lábios bonitos entornam um pouco mais de vinho. —

Você não tem nenhum relacionamento sério há… hum… — Finge pensar. Ela sabe mais sobre isso do que eu mesmo. — Onze ou doze anos?

Engulo em seco. Continuo encarando-a sem emoção alguma.

— Por aí — respondo, quase sem nem mesmo mover o maxilar. — Pode me deixar em paz, agora? Minha companhia está para chegar.

— É ciumenta? — segue especulando.

Deus , dê-me paciência.

— *Non*, *chérie*, mas ficará um clima estranho se ela chegar e você estiver aqui, toda íntima comigo. Intimidade, aliás, que não temos há bastante tempo.

Só… por favor, volte para sua mesa.

A mulher não atende ao meu pedido. Continua olhando-me com seu

sorriso meigo, a taça delicada e elegantemente entre seus dedos.

— Como lidará com seu segredo se isso for uma relação séria, do tipo…

vocês serem namorados?

Meu corpo retesa por debaixo do terno. Meu maxilar trinca com tanta força que tenho a impressão de que quebrarei meus dentes. A respiração falha por tensos segundos enquanto a encaro seriamente, perguntando-me como…

Merde! A mesma pessoa que provavelmente vazou minhas informações para Antony vazou para ela também. Mas que inferno! O que ela quer, afinal de contas? Eu nem deveria estar surpreso, uma vez que as duas são amigas. Até acho que demorou bastante tempo para isso acontecer. Contudo, ela garantiu!

Garantiu que não contaria a ninguém e estaríamos seguros. Isso é uma punição.

Ela adora me punir. Mesmo quando não há motivos para tal.

— Quando Elizabeth te contou? — pergunto, empertigando-me sobre a mesa, meu tom de voz baixo, rouco, meio desesperado. *Oh, mon Dieu!* A última coisa que quero é estar nas mãos dessas duas!

— Sua mãe? — A moça parece surpresa. — Não foi ela quem me contou, Emilien.

Desespero bate à porta do meu peito. Deixa-me insano ponderar que mais pessoas sabem sobre meu passado. Não, não é possível!

— Antony Leclerc — revela, aliviando-me no mesmo instante. — Ele quem me contou. Não deliberadamente, claro. Eu tinha feito um boquete nele e estava meio bêbado, de qualquer maneira.

Faço uma cara de nojo ao imaginá-la chupando Leclerc.

— Foi minha mãe então quem confidenciou meus segredos para Antony?

— Não — responde, sem me dar muita segurança disso. — Antony era esperto, Emil. Ele te observava, sempre estava na sua cobertura, no seu escritório. Você confiava nele cegamente. — Isso é bem verdade. Meu maior erro foi ter posto minhas mãos no fogo por aquele cretino. Eu deveria saber que não era boa pessoa quando mostrava sinais de ser um marido abusivo para com Ann-Marie. — Leclerc percebeu que você sempre tinha três compromissos não nomeados na sua agenda. Horários e dias alternados. Um dia ele te seguiu, descobriu que um dos seus compromissos era em um consultório psicológico. Os outros dois, em Nanterre. Não foi difícil descobrir a pessoa que você mantém praticamente isolada e escondida da sociedade parisiense. Revirou um pouco seu

apartamento, seu escritório, documentos pessoais e… *voi là.* Todo seu passado era do conhecimento dele também.

Maldito desgraçado!, praguejo mentalmente. Um pavor toma posse do meu corpo, deixando-me quase irracional. Suo frio por debaixo do terno.

— Emilien — me chama suavemente, tocando em minha mão —, não precisa se preocupar, não direi nada a ninguém.

— Vai me chantagear — constato, voz embargada.

Ela move a cabeça em negativo.

— Não sou sua mãe, Emil. Não vou te expor. Nem usar isso contra você.

Como prova, Antony deixou todo o dossiê que ele ergueu sobre seu passado comigo. Em breve, estará em sua mesa e você poderá dar fim nesses documentos. Não terei como provar nada, mesmo se quisesse.

— Quem me garante que você não tem cópia de cada maldita prova?

— Nada, apenas minha palavra. Há mais de dois anos sei sobre seu segredo e nunca te chantageei. Não fiz nada para te prejudicar. Se eu quisesse, poderia não ter te dito nada, ou ter te exposto, mas não o fiz. Porque, apesar de tudo, apesar do nosso passado, sou sua amiga. Não guardo rancor de você.

Olho-a sem expressão alguma, inclinado a acreditar em sua palavra. Mas com Antony aprendi, da pior forma, uma lição valiosa: não confiar em ninguém.

Hoje, não confio nem em mim mesmo. Aceito suas palavras, mas ficarei com um olho aberto. Ela já foi de minha extrema confiança, mas não sei como está seu coração agora, depois que o quebrei pedacinho por pedacinho. E se ainda tiver raiva de mim, mesmo após tantos anos? E se o que ela quer é me ver de guarda baixa e, no momento mais propício e inesperado, trazer à tona esse passado que me amedronta e me atormenta?

— Tudo bem… — murmuro, ainda meio desconfiado. A moça sorri ainda mais para mim, e só então percebo que sua mão toca a minha. Quando bebe mais do seu vinho, digo: — É um encontro. Eu gosto dela, de verdade. —

O sorriso em seu rosto não se abala, talvez já tenha mesmo me superado. É claro que superou. Ela andou chupando o Antony. Inferno, isso nem mesmo significa alguma coisa. — E pela primeira vez em muito tempo, quero tentar um relacionamento. Estou com trinta e cinco anos, entende? Não quero ficar sozinho o resto da minha vida… Não quero terminar sozinho… — repito, entristecido, abaixando o olhar para sua mão na minha.



— Você não vai, Emilien. Tenho certeza que essa moça, seja lá quem for, é a mulher ideal para você.

Sorrio um pouco e tão logo torno a ficar sisudo.

— Mas isso só será possível se minha mãe continuar neutra na minha vida. Se ela souber que estou tentando me reerguer e quero… namorar essa garota, que depois de mais de dez anos desde… — Trinco o maxilar e fujo dos seus olhos castanhos. — Você sabe — completo, evasivo. — Se Elizabeth Dupont souber que estou tentando ser feliz, vai me atormentar, me infernizar até que eu fique sozinho de novo. Porque é isso o que ela quer.

A mulher à minha frente me encara como se eu tivesse proferido um monte de exageros. Sei que vai me dizer que não é bem assim e que minha mãe quer, de fato, me ver bem, feliz e casado. O problema é que Elizabeth já escolheu *por mim* com quem eu deveria me casar, formar uma família e ser feliz.

Qualquer "escolha" minha que a contrarie é motivo para ser importunado até o final dos meus dias. Desta maneira, nunca mais namorei. Por isso minha relação com Marie — se eu conseguir seu perdão e uma segunda chance — precisa estar fora do radar daquela megera que me gerou e me criou.

— Não contarei nada à sua mãe, não precisa se preocupar — garante, ainda acariciando minha mão e olhando-me com um sorriso, mas não consigo sorrir de volta.

Lentamente, sua cabeça se vira para o lado e permanece ali. Sigo seu olhar, encontrando os olhos âmbar de Marie do outro lado do restaurante. Ah, droga! Levanto-me bruscamente ao mesmo tempo em que ela vira as costas e sai andando às pressas. Mal dou dois passos quando meu punho é segurado delicadamente.

— Boa sorte — me deseja, deixando um beijo cálido no meu rosto.

Não a respondo; um segundo depois vou atrás de Marie.

Puxo uma cadeira para ela, que se acomoda ao passo que retiro meu paletó de sobre seus ombros. A temperatura aqui dentro é mais confortável.

Coloco-o no espaldar do meu assento e me ajeito em meu lugar. Ergo o indicador e finalmente chamo a garçonete para anotar nossos pedidos.

Marie analisa o menu, o rosto sereno, mas com uma leve ruga entre suas

sobrancelhas. Está bonita com um vestido preto que ressalta suas curvas generosas. De entrada, pede patê de *foie gras*, enquanto prefiro cogumelos recheados. Para o prato principal, peço carne de coelho com purê, e ela opta por sopa de cebola. O vinho é rose para ela — seu preferido — e tinto para mim.

Quando a garçonete se retira para trazer nossos aperitivos antes da entrada e prato principal, finalmente a encaro, sem saber exatamente como iniciar nossa conversa. Tenho tanto a falar, mas não sei por onde começar.

— Quem era ela? — pergunta suavemente, tomando a palavra antes de mim.

Não preciso indagá-la sobre quem pergunta.

— Já disse. Uma amiga.

Marie faz uma careta de quem não está satisfeita com a resposta.

— Quero saber o nome dela — especifica.

Abro um pequeno sorriso e desvio o olhar para a mesa dela. Está ao lado de Silvia Ferreira, sua taça de vinho branco ainda entre os dedos, conversando com a famosa estilista enquanto ri discretamente de alguma coisa.

— Por quê? — questiono, realmente curioso com seu interesse.

Marie dá de ombros e olha para as próprias mãos sobre seu colo.

— Era a mesma com você no baile, sábado à noite.

Franzo cenho e sorrio pequenino. Bem, acho que alguém andou me observando mais do que deveria.

— Não importa, *ma jolie*. O assunto do nosso encontro não é ela.

Ela me dá um pequeno sorriso e abana em positivo. Nossos aperitivos chegam, juntamente das taças de vinho. Bebo um pequeno gole após mastigar o *torsade* folhado antes de dizer:

— Como você está? — É uma pergunta sincera. Talvez apenas um meio de quebrar o silêncio incômodo entre nós. Sinto falta das nossas conversas.

Marie sempre foi uma boa companhia. Recordo-me de algumas noites, enquanto ainda estávamos na África, pelados debaixo do lençol, depois de uma rodada de sexo, rindo, conversando e tomando sorvete, mesmo sendo tarde.

Uma de suas sobrancelhas sobe diante minha pergunta.

— Bem, na medida do possível — responde, sorvendo um gole de sua água na taça. Em seguida, degusta do vinho. Ela não devolve a pergunta. Olha-me um instante e diz: — Viemos aqui uma vez, se recorda?

— Sim — digo, com um pequeno sorriso. — Duas noites antes de nossa viagem. Nos reunimos com a equipe e acertamos os últimos detalhes.

Ela abre outro do seu singelo sorriso e confirma. Falo mais do que Marie, porque a maior parte do tempo a mulher prefere ficar em silêncio. Evita me olhar diretamente nos olhos, suas respostas são sucintas, sorri muito pouco, quase sempre forçado. Tento falar sobre os dois últimos anos, focando mais em trabalho. Marie nunca se importou, quando estávamos juntos, que eu abordasse sobre meu trabalho. Aliás, ela alegava gostar. Dizia que dava tesão e eu ficava muito gostoso agindo como o Emilien Dupont investidor e presidente de uma grande empresa de investimentos. Quase sempre depois desse tipo de conversa, transávamos bem à beça. Rio interiormente, recordando-me de uma ou duas ocasiões em que brincamos de chefe e secretária.

Mas agora, Marie Julien parece desinteressada no que tenho a dizer. Não estou falando apenas de mim, ou do meu trabalho. Tento abordar nossos amigos, Bernardo e Ann-Marie, ou o evento de sábado passado, ou ainda seu trabalho como jornalista no *La Parisienne.* Ela, entretanto, não parece disposta a conversar muito. Diz apenas que o filho de Dousseau é lindo, o baile de máscaras estava esplêndido e não trabalha mais naquele jornal, sem me dar mais detalhes.

Um garçom vem nos entregar o prato principal, uma vez que as entradas já foram entregues enquanto tentava fazê-la se abrir comigo. Marie brinca por um instante com o indicador na borda da sua segunda taça de vinho, e eu a observo atentamente.

— Escute — digo. Ela ergue seus olhos para mim. — Você não está se sentindo confortável comigo — constato. Odeio essa situação, de verdade. Era bom quando não havia essa tensão pairando entre nós, quando ficávamos confortáveis

um na frente do outro. Nossa conversa fluía, os sorrisos eram sinceros, assunto não faltava. — Vou compreender se quiser ir embora.

Ela molha o lábio inferior; os olhos âmbar se fixam em algum ponto atrás de mim antes de voltar para os meus.

— Não espere que eu aja naturalmente depois de tudo, não é? — profere.

Não há nenhum traço de raiva ou acusação. Seu tom saiu ameno, natural.

— Não. Por isso, não se sinta obrigada a ficar. Entenderei se preferir ir embora. Quando estiver disposta a conversar, *se um dia* estiver disposta a conversar, me ligue e terei o prazer de te encontrar de novo. — Embora com todas as forças do meu coração eu queira que me escute, não desejo que isso seja feito enquanto se sinta obrigada ou desconfortável. Se quero reconquistar sua confiança, sua amizade, sua paixão por mim, devo fazê-lo de forma honesta, espontânea e consentida.

Diante minhas palavras, pela primeira vez na noite eu a vejo sorrir de forma mais franca. O sorriso dura apenas um segundo. Logo, sua expressão fria retorna aos seus traços femininos e delicados.

— Eu vim e quero ficar. Mas preciso que você vá direto ao ponto, Emilien, em vez de ficar dando voltas, mostrando interesse em minha vida como se realmente se importasse.

Penso em dizer que me importo, sim, mas me contenho, já supondo que tipo de resposta receberei: “Se você se importasse, não teria ido embora depois de uma noite maravilhosa de sexo.”

— Tudo bem — concordo. Mastigo um pedaço da minha carne e bebo um gole do meu vinho para ajudar a descer pela garganta. — Me deixe pensar por onde começo. Tenho tanto a te dizer… — murmuro, meus pensamentos dispersos.

Marie se ajeita em seu lugar e ingere uma colherada de sua sopa. Após limpar os lábios com o guardanapo de pano, sugere:

— Comece me explicando algo que nunca entendi depois de nosso retorno da África. — Faço uma expressão de quem está confuso. A explicação vem em seguida: — Por que você se afastou, Emilien? Por que ficou frio, distante…? —

Noto um traço de tristeza em seu tom de voz. — Enquanto estávamos trabalhando na reportagem, por dois meses nós transamos.

Literalmente todos os dias. Dormimos por um mês no mesmo quarto, na mesma cama. Mas quando desembarcamos em Paris… — Sua cabeça se movimenta de um lado a outro, os cachos bem hidratados e perfumados movendo-se juntos. —

Você simplesmente se distanciou.

Preciso de uma dose de coragem e de ar para conseguir responder. Nosso tempo juntos no continente africano foi ótimo, e eu acabei me envolvendo mais do que gostaria. Dificilmente me envolvo com alguém. Não depois *dela.* Desde *ela* tenho aversões a relacionamentos amorosos. Muito por causa da minha mãe, que não poderia nunca saber que eu estava tentando ser feliz que fazia o inferno na Terra para me abalar; muito porque eu de fato não conseguia retribuir aos sentimentos de mulher alguma e a última coisa de que precisava era uma fila de ex-namoradas com o coração partido. Dessa forma, preferia sempre uma mulher aqui, outra ali, e nunca estender nossos encontros a mais do que três. Três era um número bom para dormir com uma mulher sem que ela se envolvesse comigo ou vice e versa.

Com Marie, a coisa toda foi diferente. Acreditei piamente de que seria suficiente levá-la para cama três vezes. Não foi. E quando ela diz que nos dois meses em que estivemos agindo na África nós transamos literalmente todos os dias, não é uma mentira. Não nos privamos de sexo nem mesmo durante o seu fluxo, quando incrivelmente ela também estava mais sensível e repleta de tesão.

Peguei-me apaixonado, da mesma maneira que me vi mais de dez anos antes. Mas eu não podia trazê-la para minha vida, não enquanto tivesse uma relação complicada com minha mãe — que faria de tudo para nos separar —, não enquanto eu fosse um caos e tivesse de manter meus segredos guardados no mais profundo do meu ser — e odeio ter de me relacionar com alguém e não poder ser cem por cento sincero —, não quando tinha medo de mim mesmo, medo no que poderia me transformar caso perdesse o controle.

Então, quando desembarcamos em Paris, admito, estava apaixonado por Marie Julien. Tinha de fato sentimentos por ela. Mas nós dois nunca íamos funcionar, por causa da minha mãe, do meu passado, do meu segredo… Minha decisão, nesse caso, foi me distanciar, ficar frio, cortar nossos encontros sexuais…

Apesar disso, não queria parar de vê-la, queria ser ao menos seu amigo, porque isso me afagava o ego e acalmava meu coração. Se não podia tê-la como minha mulher, queria ao menos sua amizade. Essa perspectiva me consolava, de um jeito ou de outro, e tornava meus dias sem ela um pouco mais suportáveis. Assim, nos víamos vez ou outra, não só para trepar. Mantivemos uma boa amizade. Logicamente, era Marie quem mais me ligava sugerindo sexo, e eu nunca dizia não quando esses convites chegavam. Eu, porém, dificilmente fazia o mesmo. E acreditem, tive que ter muita força de vontade para conseguir não pegar o telefone, ligar para ela e pedir que fosse até minha cobertura para fodermos a noite toda.

— Não podia me envolver com você — explico, por fim, voltando à realidade. Marie me olha atentamente, esperando uma explicação mais plausível e convincente. — Já te disse, *chérie*… Minha vida é complicada. Não poderia te trazer para o meio dela. Isso ia te quebrar e ia me quebrar junto. — Faço uma pausa, umedecendo o lábio inferior e criando coragem para proferir: — Eu…

realmente gosto de você. — Desvio levemente meus olhos dos seus. — Depois de dois meses na África, todos os dias ao seu lado, me vi mais apegado do que deveria. Me distanciar de ti, quando voltamos para cá, foi minha maneira de continuar te protegendo de mim e da minha vida complicada.

Com um pequeno suspiro, ela toma seu vinho e foge do meu olhar por alguns segundos. Sei que deveria falar sobre minha mãe — uma megera manipuladora que não nos daria sossego —, mas não quero espantá-la nesse momento. Pelo contrário. O que mais desejo é trazê-la para minha vida complicada, para o caos que eu sou, mesmo que isso signifique enfrentar a fúria de Elizabeth e tomar o dobro de cuidado com meu passado e meus segredos.

— Por que foi embora? — questiona-me, quase impassível e rígida em seu lugar, olhando-me com algum ar de superioridade.

— Porque ter me distanciado de você não resolveu, Marie. Juro que tentei lutar contra meus sentimentos, me distanciar, sermos só amigos… Mas falhei. Mesmo que nossos encontros tivessem diminuído muito, cada vez que nos víamos era ainda mais arrebatador, mexia ainda mais comigo… — Minha voz se reduz a um mero sussurro. — Ir embora de vez foi a única solução que encontrei.

— E agora? Por que voltou? Sua vida por um acaso não é mais complicada? E

você não está mais tentando fugir do que sente por mim?

Como um pouco mais de meu coelho com purê antes de respondê-la:

— Minha vida continua o mesmo caos de sempre. A diferença é que estou disposto a enfrentar tudo o que nos impede de ficarmos juntos… *por você*, *ma belle*. Percebi, Marie, enquanto estive em Nova Iorque, que não importa quanto tempo ou quão longe eu esteja, nada será suficiente… pra te esquecer.

Engulo em seco sob seu olhar firme e sem emoção. Seus olhos vacilam por um segundo, desviando-se para baixo. A mulher permanece em silêncio, mirando sua sopa de cebola.

Com cuidado, digo:

— Voltei para que me dê uma chance… e me perdoe. *J'ai besoin de* ton pardon. — "Eu preciso do seu perdão".

— Não vai ser fácil te perdoar — diz, encarando-me. — Ter ido embora, depois de ter transado comigo uma noite antes… foi a atitude mais covarde que alguém poderia tomar. — Quero concordar, mas escolho ficar quieto. — Você deveria ter sido sincero comigo, ter me falado que não queria se envolver, que estava apaixonado, mas não queria. Pelo amor de Deus, eu teria entendido seus motivos. Sou uma mulher adulta, não uma adolescente histérica. Você teria sido apenas mais um na minha vida a me dar um fora. Bernardo, Alfredo, Jacques, Leroy, Antoine, Claude… Todos eles algum dia, por algum motivo, não quiseram mais encontros comigo. E tudo bem, porque a vida é assim. Mas nenhum deles me magoou como você. Era só ter sido sincero, Emilien.

Era só ter sido sincero.

Porra, ela tem razão. Mas Marie precisa entender uma coisa:

— O problema jamais foi você, *chérie* — explico, com um sussurro. —

Sabia que se estivéssemos tão perto, *eu* não ia resistir à tentação. E veja só, nem mesmo ter passado dois anos longe, sem te ver, sem nos falarmos, resolveu alguma coisa. Continuo apaixonado por você tanto quanto estava no dia que tomei a decisão estúpida de deixar Paris.

Seus olhos me analisam, ainda sem emoção. Não importa o que eu diga, nada parece o suficiente para mexer com ela, para convencê-la a me dar uma chance de me redimir, de me perdoar. Nunca pensei que Marie pudesse ser tão inflexível e impenetrável. Não, essa mulher à minha frente, de sorriso forçado e expressão sisuda não é a mesma mulher alegre, cheia de vida, bem-humorada que conheci anos atrás; aquela que me conquistou com tão pouco.

Engulo em seco diante seu silêncio e tomo o resto do meu vinho.

— Quero… ir embora — diz, com um sussurro, mordendo o lábio inferior. Ela fica cabisbaixa por alguns segundos. Nossos pratos ainda estão pela metade.

Suspiro e respeito sua decisão. O clima está mesmo esquisito, desconfortável até para mim. Será mais difícil do que pensei reconquistar a confiança, a amizade dela…

— Tudo bem. Posso ao menos te levar para casa?

Marie termina sua taça de vinho e limpa os lábios no guardanapo. Chamo

um dos funcionários para pedir a conta. Então, responde:

— Não precisa. Chamo um Uber. Ou táxi.

— Táxi — sugiro, meio incisivo. — É mais seguro. — Ela balança a cabeça, concordando. — Se importa se eu pagar sua corrida?

— Me importo, sim — responde.

O garçom se aproxima. Peço a conta. Não insisto mais no assunto. Marie se levanta para ir ao toalete. Nesse interim, pago nosso consumo e a espero, em pé, ao lado da nossa mesa, meu paletó jogado em meus braços, o celular entre meus dedos. Seguimos juntos até o lado de fora do restaurante. Coloco minhas mãos dentro dos bolsos enquanto a espero pedir seu táxi, sentindo-me deslocado.

Olho para a rua movimentada, observando a noite, as pessoas, os casais.

— Pronto — diz, guardando o celular na bolsa. — Cinco minutos para meu táxi chegar.

— Se importa se eu esperar aqui com você?

Ela dá de ombros. Sorrio um pouco e volto a observar a noite parisiense.

Os segundos passam, e cada vez parece que a tensão e o desconforto entre nós aumentam, pairando sobre nossas cabeças.

— Obrigado por ter vindo — agradeço; sou sincero, mas também é uma forma de quebrar essa quietude incômoda e insólita entre nós. — Por ter me escutado. Por ter vindo. Significou muito pra mim.

— Tudo bem — devolve, abrindo o segundo sorriso natural na noite.

— Acha que um dia poderá me perdoar? — pergunto, olhando para meus pés arrastando na calçada.

— Não sei, Emilien — responde, sincera. — Mas acho que sim, não sou de guardar rancor.

Bem, mas já se foram dois anos e ainda nada… Penso em dizer, mas guardo minhas palavras para mim. Não sei o que se passa em seu coração, e ela está muito certa em me odiar, em algum nível. Fecho os olhos e sinto a brisa noturna acariciar meu rosto. Se pudesse voltar atrás e corrigir meus erros…

Quando torno a olhar para ela, vejo-a abraçando os próprios braços para se proteger do frio.

— Me deixe te oferecer meu paletó? — indago, já o jogando sobre suas costas, sem esperar respostas.

Marie sorri de novo, pequeno, singelo, mas sincero. Pela terceira vez.

Acho que aos pouquinhos posso, sim, reconquistá-la.

— *Merci* — agradece.

Não respondo. Assim, tão perto dela, fico apenas a observando, alternando entre seus olhos âmbar e os lábios bonitos. Minha respiração parece falhar por alguns segundos enquanto minha memória me leva aos momentos em que experimentei da sua boca. Perdido em pensamentos longínquos, desejando apenas saboreá-la

outra vez, findar essa distância torturante e acabar com minha vontade de tê-la em meus braços de novo, nem percebo que, vagarosamente, me inclino em direção aos seus lábios.

— Emilien… — sussurra. Não ergo meu olhar de encontro ao seu. Estou fixado na sua boca, quase salivando de vontade de querer tomá-la para mim. —

Estou com alguém, por favor… — informa, para minha surpresa. Isso me tira do meu torpor e só então a olho nos olhos.

Pisco, seguidas vezes, absorvendo a informação. Ela está com alguém.

Claro que estaria. Já se passaram dois anos, seu babaca idiota. Marie tocou a vida dela. Engulo o nó na minha garganta e me afasto lentamente, minha cabeça zunindo, o coração descompassado.

— É sério? — exclamo e me corrijo logo em seguida: — Quero dizer…

Esse cara, com quem você está. É uma relação séria, do tipo namoro monogâmico, ou é casual, como você e eu estávamos juntos anos atrás?

Marie ajeita meu paletó sobre seus ombros e desvia o olhar, preferindo contemplar a movimentação nas ruas e calçadas.

— É um namoro sério — informa apenas.

Balanço a cabeça em positivo, recolhendo-me em seguida ao meu silêncio constrangedor. O táxi chega um segundo depois. Marie tenta me devolver meu paletó, mas o recuso.

— Está frio, fique com ele. Em uma outra oportunidade, você me devolve.

Não mentirei dizendo que não fiquei surpreso por ela aceitar ficar com o blazer. Com um pequeno sorriso, agradece e entra no veículo. Vejo-o se distanciar, tomando as ruas da capital.

Inspiro e expiro profundamente, pensando na batalha que terei pela frente.

Dames parisiennes

MARIE

CAPÍTULO 7

Maldito homem cheiroso. Posso fingir demência e não devolver mais o paletó dele? Penso seriamente nisso.

Fecho os olhos, o balançar suave do táxi embalando-me às lembranças passadas. Emilien sempre foi cheiroso. Uma mistura amadeirada — proveniente de seu perfume favorito — e chocolate ao leite, algo mais natural nele. É, Emil cheira a chocolate ao leite. É uma delícia.

Tento me repreender quando aperto mais seu paletó em meus braços, os pensamentos vagando nos momentos em que estive em sua cama, observando-o de bruços, suas belas costas à mostra, a pele macia, quente, deliciosa… Velando sua respiração calma e ritmada, perguntando-me que tipo de segredo obscuro um homem tão lindo como ele poderia guardar dentro de si.

Suspiro e levanto as pálpebras, esvanecendo da minha mente essas recordações dolorosas.

Eu disse a Emilien que estou com alguém. Claramente, foi uma mentira.

Precisei dizer isso se não quisesse aquela boca saborosa na minha. A verdade é que queria muito beijá-lo, agarrá-lo no meio da calçada, no centro de Paris. Mas sou orgulhosa demais para me render ao seu charme de novo. É necessário



manter um limite seguro entre nós, e, naquele instante, Dupont estava prestes a avançar esse limite. Sinceramente, se tivesse ultrapassado tal distância, se tivesse me beijado, muito capaz de eu ter ido parar na sua cama. Mentir dizendo que estou namorando sério foi a minha solução para resistir à tentação.

O táxi encosta frente ao meu condomínio. Dispersei-me tanto em meus pensamentos que nem reparei em como a viagem durou pouco. Pago a corrida e, ainda enrolada no paletó dele, subo até meu apartamento, no sétimo andar.

Acendo as luzes ao entrar e me encaminho até a cozinha. Já tive minha cota necessária de vinho do dia, mas talvez precise de mais uma taça. Sirvo uma dose pequena e me sento à bancada, tentando encontrar alguma coragem para tirar essa peça ridícula de sobre meus ombros e despachá-la de volta ao seu dono.

Puxo a lapela e inspiro profundamente o aroma de Emilien, o que me traz boas e más recordações. Balanço a cabeça fortemente em negativo, bebo o restante do meu vinho em apenas um gole e finalmente arranco o blazer de mim, deixando-o sobre o espaldar de uma cadeira na minha sala. No banheiro, tomo um banho longo e quente, pedindo a Deus para minha mentira ser suficiente para manter aquele homem longe de mim…

Quando durmo, tento não o idealizar em meus sonhos. Mas minha mente é traiçoeira demais e, confabulando junto de meu coração, me faz sonhar a noite toda com Emil.

Três anos antes

Caio na cama macia, enrolada apenas em um robe de seda, sentindo-me exausta. O dia fora longo e cansativo. Chegamos ontem à noite ao país e estamos hospedados em uma mansão muito bonita, que ainda não tive a oportunidade de explorar. Mas Emil já me deixou uma planta da casa com os principais pontos de lazer: piscina, sauna, academia, biblioteca e sala de mídia. Como se eu realmente fosse ter tempo para me divertir.

Depois do nosso sexo rápido e gostoso na limusine na noite anterior, nós viemos

para cá. Uma funcionária do local nos apresentou nossos aposentos, a sala de estar, de jantar e a cozinha. Emilien mal pôs os pés para dentro e estava no modo *CEO fodão,* atendendo a telefonemas em inglês e resolvendo assuntos.

Ele me deu um beijo rápido na testa, com o celular grudado ao ouvido, e disse para me sentir à vontade. Então tomou um dos corredores do imenso lugar e sumiu. Não o vejo desde então.

Hoje pela manhã, tomei um café reforçado junto de parte da equipe envolvida no trabalho, apesar de eu raramente comer alguma coisa antes das dez.

Como nosso dia seria agitado e com poucas pausas, decidi ir bem alimentada.

Outros membros estavam com Emilien, resolvendo sabe-se lá o quê. Isso porque não eram nem sete da manhã direito. Adoro que Emil seja um homem matutino

— enquanto eu travo uma batalha para despertar às seis. Estranhamente, me dá tesão.

Logo após o desjejum, eu e o restante da equipe nos reunimos com uma ONG local para traçarmos uma agenda para as próximas semanas e tudo que faremos em cada dia de nossa estadia no país. A reunião dura três horas; depois disso, continuamos trabalhando, conferindo equipamentos, atribuindo cargos e tarefas. Emil alugou um prédio com estúdio e saletas de escritório para trabalharmos nas edições e todo processo que a reportagem exigir.

Às oito da noite, tudo está pronto para começarmos, de fato, a trabalhar no dia seguinte. Do centro da cidade, vim direto para a mansão, enquanto a maioria da equipe preferiu ficar por lá e conhecer o local e sua cultura. Estou cansada o bastante para preferir ter vindo embora, tomar um banho e preparar uma xícara quente de chá.

Fecho os olhos por um minuto inteiro, apreciando a semiescuridão do quarto, praticamente desistindo do chá e quase cochilando. Um bater na porta me desperta. Coço os olhos e me ajeito na cama, sentada.

— Pode entrar.

Um segundo depois, a silhueta alta e definida dele está no umbral, a luz do corredor principal incidindo sobre seu corpo. Engulo em seco, quase perdendo o

ar ao me deparar com um Emilien sem camisa, apenas com calças de algodão, descalço. Os músculos do tórax chamam minha atenção. Embora tenhamos transado ontem, ainda não vi esse homem nu.

— Atrapalho? — pergunta, adentrando mais o cômodo e encostando a

porta. Não consigo ver seus olhos azuis, por causa da luminosidade parca. As lâmpadas do meu quarto estão apagadas, tendo apenas dois abajures de luzes baixas, um em cada lado da cama, iluminando o ambiente.

— Não — respondo com um sussurro rouco.

Emilien se aproxima e para à minha frente. Ergo meu olhar ao seu. Cruzo as pernas, de um jeito provocante, e o robe sobe levemente para revelar minhas coxas. Os olhos dele captam meu movimento. Ele umedece os lábios enquanto estuda minha pele despida. Mordo o lábio inferior, sentindo o vão entre minhas pernas se contrair à medida que me recordo de ontem, do seu membro dentro de mim.

— Como foi seu dia? — pergunta, desviando lentamente seu olhar para o meu. Parece um sacrifício deixar de observar minhas pernas. Gosto disso.

— Bem. Poderia ter sido melhor se eu tivesse visto você — respondo, trocando o cruzar das pernas. Outra vez, Emilien olha para elas, sem nenhuma cerimônia.

Meu centro queima ainda mais sob seu olhar de desejo. Enquanto ele está observando minhas coxas, concentro-me no membro que está praticamente na altura dos meus olhos, ereto. Ele nem mesmo usa cueca. *Mon Dieu.* Resfolego quase sem perceber, encarando sua ereção escondida debaixo do tecido.

— Gosto de saber que melhoro seu dia — devolve, a voz em uma rouquidão sensual.

— Hum? — murmuro, ainda concentrada no seu volume.

Seus dedos tocam no meu queixo e me levam a olhá-lo.

— Disse que gosto de saber que melhoro seu dia. Você também melhora o meu — repete, encurvando-se de encontro à minha boca. Então suas mãos descem vagarosamente até as minhas e as pega, subindo-as de volta pelo seu tronco.

Sinto o calor do seu abdome em minhas palmas, a rigidez dos músculos, a maciez da sua pele cálida e branca.

Meu estômago aperta, minha vagina ensopa quase instantaneamente.

Emilien me faz tocá-lo por alguns segundos até que estaciona minhas mãos em sua cintura. Outra vez sou levada a olhar para sua ereção. Suspiro, quase sem perceber que ele já não me conduz mais e que meus dedos se movem sozinhos para a bainha da calça, se enroscam ali e, muito devagar, começam a puxá-la para baixo.

Seu pau duro pula para fora, ereto, majestoso. Mesmo à meia-luz, contemplo a beleza do seu órgão. Não é exageradamente grande, mas também não é minúsculo. Está dentro da média, com dezessete ou dezoito centímetros. E, de qualquer maneira, Emilien Dupont já provou que tamanho não é documento e que sabe usar muito bem seus atributos.

Um grasnado escapa de sua garganta quando minha mão se fecha em torno dele. Começo com toques suaves de para cima e para baixo, subindo tudo até a glande e descendo o máximo até a base, meus olhos fixados em como esse desgraçado tem um pênis bonito. Tudo bem. Pênis são todos iguais, mas já vi uma boa porção destes órgãos sexuais para afirmar que o de Emil parece mais bonito.

Separo meus lábios devagar e o tomo em minha boca na mesma velocidade. Escuto seu gemido baixo e, logo em seguida, me toca no rosto.

Então eu o olho. Emil me agarra suavemente pelos cabelos e me acaricia enquanto o chupo sem pressa.

Abro minhas pernas e começo a me tocar enquanto o engulo. Seus olhos escurecem à minha atitude e até posso dizer que o sinto mais duro em minha boca. Um segundo mais tarde, ele me levanta da cama e desfaz o nó do robe, abrindo-o com algum desespero e rispidez. Meu corpo despido por baixo da vestimenta se revela aos seus olhos, e ele arqueja.

Seu corpo se inclina de encontro ao meu e toma meus seios em sua boca, chupando-me sôfrego, ávido, intenso. Minha cabeça vai para trás e deixo um gemido alto no ar.

— Camisinha… — digo. Os dedos dele, esplêndidos, alcançam meu ponto

desesperado e me tocam furiosamente. — Você tem camisinha? — Quase não consigo perguntar.

Ele enfia a mão no bolso de sua calça do pijama e retira um conjunto com três pacotes. *Mon Dieu*, o homem não só veio preparado como veio para dar mais de uma. Adoro.

Emil se afasta apenas o suficiente para rasgar uma embalagem e se revestir. Eu já estou fazendo menção de me deitar e arreganhar as pernas, desesperada em querê-lo dentro de mim, quando ele me puxa com tudo de encontro ao seu tórax duro e me toma em um beijo alucinado. Sua boca se desvia um segundo depois para meu colo, encontrando meu par de seios intumescidos, abocanhando-os deliciosamente, seus dentes beliscando-me com uma pressão



que me dá prazer lá embaixo e por todo meu corpo.

As mãos me agarram com força pela cintura e me impulsionam para seu colo, segurando minhas pernas pela curva interna dos seus braços. Como se eu não pesasse nada, Emilien me desce de encontro ao seu membro erigido e me penetra fundo ao mesmo tempo em que me beija, calando meu gemido mais insano. Seus lábios novamente abocanham meus seios, trabalhando nos mamilos enquanto os quadris batem de encontro aos meus, elevando-me a um nível surpreendente de prazer.

Agarro seus ombros com toda força e lambo seu pescoço com tudo que há dentro de mim quando o primeiro orgasmo invade meu corpo.

Acordo molhada. Não de suor, mas lá embaixo. Desconfio até que gozei.

Giro na minha cama, frustrada com esse sonho maldito. Um sonho que, na verdade, foi uma lembrança do meu segundo dia na África do Sul, junto com Emilien. Homem desgraçado que me faz gozar inclusive nos sonhos.

Travo uma batalha para sair da cama e seguir para o banheiro. Uma ducha rápida e morna me ajuda a me despertar. Na cozinha, preparo apenas um chá verde,

uma vez que não como nada antes das dez da manhã.

A porta de entrada do meu apartamento se abre e por ela passa uma Isabelle toda trabalhada na maquiagem e no salto-alto. Olho no relógio na parede da cozinha. Não são nem sete da manhã direito. Ela me toma em um abraço apertado e forte e depois se afasta, acomodando-se em uma das banquetas da ilha enquanto tagarela sobre alguma coisa. Tudo isso em apenas alguns segundos.

Nem tive tempo de cumprimentá-la.

— Falou com Héron? — pergunta, dispensando os cumprimentos básicos.

— *Bonjour* para você também. — Isabelle revira os olhos e me desdenha com um movimento de mão. — Falei, sim. Ele vai ler seu original na próxima



segunda, depois que eu o acompanhar a um evento beneficente. Então, me traga seu livro no domingo à noite, pode ser?

Os olhinhos da minha irmã brilham como criança em noite de Natal. O

sorriso estampado em seu rosto demonstra que está muito animada e contente com a notícia. Ela sai de seu lugar e abre minha geladeira, sem cerimônia, pegando um dos meus iogurtes.

— Marie, obrigada, de verdade — agradece, a colher erguida frente a seus lábios. — Você não sabe o quanto isso significa pra mim.

Termino de beber meu chá verde e deixo a xícara dentro da pia.

Aproximo-me da minha irmã e a abraço, deixando um beijo suave em seu rosto.

— Sei, sim. E não há de quê. Espero que dê tudo certo. Agora, tenho que ir pra redação. Não esqueça de trancar a porta quando for embora — lembro-a, abraçando-a pela última vez antes de sair.

Héron, como todo bom francês, é pontual. O evento beneficente *Dames Parisiennes* começou às treze horas, mas ele ficou de vir me buscar às quatorze.

E aqui está ele, bonito dentro de uma camisa branca, de terno e gravata preta.

Enrosco-me ao seu braço e o acompanho até o carro, estacionado na garagem no subsolo do prédio. O percurso é feito com uma conversa amena e agradável sobre trivialidades. Educadamente, ele abre a porta do passageiro e se põe ao meu lado em seguida, colocando a chave na ignição.

— Por que precisa de mim nesse evento? — pergunto, por fim. Quis lhe fazer essa pergunta a semana toda, contudo, conhecendo seu jeito meio rude, preferi evitar levar patada.

Mas, agora, Héron parece mais descontraído e menos antissocial. Não o conheço muito além das paredes da redação, mas tenho a impressão de que sua fama de ser um cara arrogante e grosso não se estende muito à sua vida particular.

— Já te disse, oras — responde-me, no seu tom nada moderado. — Não quero aparecer sozinho.

— Entendi essa parte — devolvo, mantendo-me educada. — Mas por que justamente *eu*?

Héron me olha atentamente, as sobrancelhas vincadas.

— Se não queria vir, era só ter me dito, Marie Julien. — Aí está, o cara rude e mal-educado que todo mundo fala.

Reviro os olhos e decido ficar na minha. Ele guia o restante do caminho também em silêncio. Eu quero perguntar onde será a festividade desse ano, entretanto prefiro não fazer mais perguntas para ele. No retrovisor, antes de descer, confiro minha maquiagem e cabelo. Estou limpando uma pequena borra de batom quando a porta se abre e ele me pega pelo braço, indelicadamente, e começa a me puxar para fora do veículo.

— Héron Poirier! — exclamo, enquanto ele ri e me prende à sua cintura, pouco se importando com sua indelicadeza. O homem joga as chaves do carro para o manobrista e só então me dou o luxo de reparar onde estamos.

O Hotel Saint James Paris é maravilhoso. Tem um chafariz no meio do extenso pátio de entrada, adornado por um canteiro verde e bem-cuidado. Sua fachada, de janelas e portas altas, é imponente como um castelo. Bem, de fato, o hotel *é* um castelo. Ao meu redor, o paisagismo abrilhanta os olhos de qualquer um: arbustos, árvores e plantas rodeiam todo o local. Mais à frente, no lance de escada logo à entrada, um homem e uma mulher bem-vestidos recepcionam aqueles que chegam.

Quando nos aproximamos, Héron dá nossos nomes, que coincidem na lista de convidados. Nossa passagem é liberada e logo estamos no salão principal do hotel. Tem várias mesas espalhadas, delicadamente cobertas com toalhas brancas e guarnecidas de taças de cristais, porcelanas e talheres de prata pura.

No centro do salão, estende-se uma alargada escadaria, de tapete vermelho, que leva para os pisos superiores do hotel-castelo.

— Aqui — Héron diz, puxando uma cadeira para mim. Na mesa, uma plaquinha com nossos sobrenomes indica que cada convidado tem seu lugar reservado.

Sorrio e agradeço sua — incomum — gentileza. Um garçom tão rapidamente vem nos atender. Peço apenas água, Poirier quer um vinho tinto.

Não muito longe, vejo Dousseau e sua esposa conversando com um conhecido hoteleiro de Paris, René Deschamps. Inclino-me no ouvido de Héron e digo que não me demoro.

— Vou cumprimentar alguns amigos — esclareço, mas ele não diz nada.

Aproximo-me de meu amigo e o cumprimento com um beijo no rosto e um abraço apertado, fazendo o mesmo com sua esposa. Ann-Marie e Bernardo são bem engajados em projetos desse tipo. Inclusive, os dois se conheceram na festa de gala que Emilien deu para arrecadar fundos para sua ação na África.

Desde que a conheci, sei que ela é ativa no *Dames Parisiennes*, colaborando no levantamento de fundos e doações. Mais recentemente, está engajada em colaborar com a organização da festividade também. A causa social deste ano é animal e ambiental. Três edições atrás, por exemplo, as arrecadações foram todas para os orfanatos da cidade.

— Veio sozinha? — Ann-Marie pergunta, olhando atentamente ao redor.

— Com um amigo — respondo. Prefiro não falar que Héron é meu chefe.

Não sei por que exatamente. Sei que Ann-Marie não é de julgar ninguém, ela é uma boa mulher, de verdade, mas prefiro evitar comentários maldosos caso isso saia daqui. — Ele veio representando o grupo editorial — explico.

Ann-Marie abre um sorriso pequeno e acena em positivo. Uma garçonete passa, oferecendo-nos champanhe e aperitivos. Minha amiga nega ambos, mas eu acabo por aceitar a bebida. Nós conversamos amenidades por uns cinco minutos até que, por fim, decido voltar à minha mesa e trazer Héron para fazer as devidas apresentações. Sei que já deveria ter feito isso, ao invés de deixá-lo sozinho; pois bem, se ele não faz questão de ser educado comigo, não terei a mesma preocupação.

O evento perdurará até por volta de oito da noite, um *buffet* será servido às dezesseis para os convidados que farão os donativos. Dousseau e Poirier engatam em uma conversa e, algum tempo depois, decidem ir cumprimentar outras personalidades presentes. Ann-Marie me conta as novidades sobre seu ateliê. Ela está bastante animada com a perspectiva de crescimento e dos elogios que recebeu de Silvia Ferreira no sábado passado. A estilista prometeu fazer uma visita para conhecer as criações dela, o que a deixou em polvorosa e na expectativa.

Uma bela mulher, já de idade, aparentando seus sessenta anos, sobe até metade dos degraus do *hall*, segurando um microfone em mãos. Testa o som,

batendo suavemente seus dedos no objeto. Seu vestido é verde-esmeralda, longo, adornado com pequenas pedrinhas brilhantes. Seus cabelos alourados estão presos em um coque francês e as orelhas acomodam brincos de esmeralda, combinando com sua elegante vestimenta.

— Boa tarde, *mesdames et messieurs* — ela começa. Sua voz é suave e clara. O discurso inicial é relativamente rápido. Ela agradece a presença de todos e pelas doações generosas. Fala sobre o destino das arrecadações, apresentando rapidamente, para a plateia, os presidentes das ONGs que receberão as doações.

Aplausos irrompem por todo hall, e os homens agradecem com murmúrios e mover de cabeça.

— Como alguns de vocês devem saber — a interlocutora continua seu discurso

—, o *Dames Parisiennes* tem vários colaboradores, voluntários e patrocínios. Entretanto, há sempre aqueles que mais se destacam e todo ano temos um patrono oficial da nossa causa. — Ela recebe um pequeno envelope das mãos de um homem também vestido com muito esmero. Com toda delicadeza, abre e lê os nomes de destaque do evento: — René Deschamps, empresário do ramo hoteleiro, Édouard Michaud, advogado e voluntário de causas animais… — Conforme os nomes vão surgindo, os aplausos sobem à atmosfera ao passo que os mencionados se levantam de seus lugares e acenam aos demais. — Héron Poirier, conceituado editor representando o grupo editorial *Intéressant.* Ann-Marie e Bernardo Dousseau, amigos já conhecidíssimos de nosso evento. A todos vocês, nossos sinceros agradecimentos.

Busco por Héron, praticamente do outro lado do salão, com uma taça de champanhe nas mãos, ao lado de Bernardo. Sorrio para ele, que ergue a taça em minha direção e sorri de volta.

— Agora, quero apresentar o nosso padrinho oficial desta edição. Esta figura generosa que nos ajuda há muitas edições do *Dames Parisiennes* e este ano decidiu nos apadrinhar. Um jovem muito bonito e filantropo. — A estas palavras, a mulher se vira de frente para a escadaria. — Por favor, recebam com aplausos Emilien Dupont.

O salto que eu dou na cadeira é tão grande que quase me derruba. Um segundo depois, meu corpo todo fica tenso, retesado. Uma pontada atinge meu estômago e minha cabeça dói enquanto as palmas fervorosas preenchem a atmosfera. Todos se levantam de seus lugares para recepcionar Dupont. Eu, contudo, estou em choque demais até para isso. Ann-Marie, muito solidária, se inclina levemente sobre meu ouvido e toca meus ombros, perguntando-me se me

sinto bem.

Engulo em seco e abano a cabeça em positivo. Levanto-me de meu lugar, com certa dificuldade, admito, e me junto às palmas — mesmo a contragosto.

Quando meus olhos se erguem para as escadas de tapete vermelho que se abrem bem no meio do salão, a visão que tenho dele é quase divina. Emilien está usando um conjunto cinza escuro, brilhante, feito provavelmente de seda. A vestimenta tem três peças: a calça, que dá um caimento lindo em suas pernas longas, o colete, levemente mais escuro que as demais partes, e o paletó. A

camisa é branquíssima e contrasta com uma gravata de mesmo tecido e tonalidade do terno. Os cabelos pretos estão bem penteados para trás.

Odeio admitir, mas ele está irresistível enquanto desce, elegantemente, quase de forma majestosa, as escadas. As mãos pousadas ao lado do corpo, os olhos azuis passeando pelo *hall* e por todos os convidados até ele encontrar os meus. Então uma leve surpresa cruza sua expressão. Seu olhar se prende a mim quando Emil para de andar por apenas um segundo. A postura é retomada tão rápido que acho impossível alguém, além de mim, ter notado seu hesitar.

A atenção dele se desvia para a senhora, que o recebe com um abraço e três beijos no rosto. O microfone é passado para suas mãos. Seus olhos correm pelos presentes outra vez, os dedos firmes seguram o microfone perto dos lábios.

Emilien começa seu discurso. Dura uns cinco minutos e só então, enquanto fala, me dou conta. Meu Deus, como nós dois estamos no mesmo ambiente *de novo* em exatamente uma semana? Nosso reencontro no baile ainda acho que foi premeditado, mas aqui, não me parece ter sido algo de propósito.

Resfolego quase sem perceber — aliás, até me coloquei em meu lugar outra vez, como todos os outros, e sequer percebi. Estou hipnotizada na fala deste homem, em como gesticula enquanto conversa com todos, simpático, sorridente… Nem mesmo me atento direito ao que ele diz, concentrada estou em seus trejeitos, no sorriso…

Lembranças de repente me atormentam e apertam meu coração. Num átimo, me levanto de novo, chamando atenção de algumas pessoas ao meu redor.

Emilien me olha, parando de falar por um mísero segundo, e lhe dou as costas, saindo sem pedir licença. Atravesso as portas duplas e altas do hotel, abrindo um pequeno sorriso para os recepcionistas ainda plantados ao pé da escada. Desço os poucos degraus rapidamente e caminho em direção ao chafariz no centro do pátio. O sol da tarde esquenta meu rosto; fecho meus olhos e deixo o calor

acariciar minha pele, enquanto tento fazer meu coração bater normalmente.

Será que esse homem vai estar em todos os lugares que eu estiver?

Dou uma risada baixa e sem humor. E eu achei que Paris era grande o suficiente para nunca mais nos encontrarmos. Aparentemente, estava enganada.

Sento-me à mureta do chafariz, abaixando a cabeça.

Uma mão pousa sobre meu ombro um instante depois, assustando-me.

Abro os olhos e me deparo com Héron sentado ao meu lado.

— Está tudo bem com você?

— Sim. Só preciso de um pouco de ar — respondo, com um pequeno sorriso.

— É por causa de Dupont? — pergunta, deitando um pouco sua cabeça.

Eu o fito por um interminável segundo, não sabendo como responder a essa pergunta sem me sentir patética como uma adolescente apaixonada que sofreu uma decepção amorosa com o cara mais popular do colégio. Corto nosso contato, mirando para frente, para a entrada do hotel.

— Já sei — murmura. — Vocês se envolveram e ele foi um babaca.

Suspiro, seguido de um bufar, e aceno em positivo.

— Isso. E também porque é a segunda vez que nos encontramos em um evento em apenas uma semana. Emil voltou à França tem pouco mais que isso, e eu só queria ficar longe dele. Parece impossível.

Héron nada diz. Só me olha complacentemente e sorri pequenino.

— Quer alguma coisa? — oferece. Toda sua educação e gentileza me parecem bastante atípicas.

Bem, aproveitarei que está se oferecendo:

— Pode me trazer uma água?

Sem dizer mais nenhuma palavra, ele me deixa sozinha.

Minutos se passam enquanto permaneço só, vagando em meus pensamentos, tentando entender se é algum sinal do Universo Emilien e eu nos encontrarmos dessa maneira. Meus devaneios são interrompidos quando alguém se põe do meu lado. Já estou abrindo a boca para agradecer a água, acreditando piamente se tratar de Héron, mas travo um segundo depois, deparando-me com

seus intensos olhos azuis. Assim, tão perto, olhando bem dentro dos seus olhos, ele parece mais bonito do que me lembrava. A barba está média e bem-aparada, o que lhe dá um aspecto ao mesmo tempo viril e maduro.

— Por que está me perseguindo? — cuspo, movendo-me alguns centímetros e distanciando-me dele.

Emil ergue uma sobrancelha e esboça um sorrisinho meio canalha.

— Sou o patrono do evento esse ano, Marie. Não estou te perseguindo.

— Será mesmo? — devolvo, fazendo-me de incrédula. Lá no fundo, algo me diz que esses encontros não são apenas por acaso. — Não me surpreenderia se você soubesse que eu estaria aqui e deu um jeito de ser o "patrono" —

exprimo, fazendo aspas com os dedos na última palavra.

Por algum motivo, Emilien ri. Uma risada graciosa e gostosa. Será que soei estúpida demais?

— *Chérie,* sou filantropo. É bem normal eu estar envolvido em eventos beneficentes. Aliás, essa não é a primeira edição do D.P. que participo.

Dou uma risada meio lunática.

— Engraçado você dizer isso, porque é a primeira vez que te vejo aqui.

A língua (maravilhosa) dele passa pelos lábios, umedecendo-os de um jeito bastante provocativo. Meus olhos traidores deslizam sem discrição alguma para captar a singela ação.

— Talvez porque nos conhecemos há três anos, e nas três últimas edições eu não estivesse em Paris — explica, calmamente, um sorriso brincando nos lábios finos. Odeio quando Emilien tem razão. Três edições atrás, foi exatamente quando estávamos na África. Duas dos anos seguintes, ele estava morando em Nova Iorque. — Mas se você pesquisar sobre o evento nos anos anteriores em que nos conhecemos…

— Já sei, já sei — interrompo-o, impaciente e nem um pouco interessada em vê-lo se esnobar. — Vou encontrar generosas doações suas e ativas participações.

Bem, de algum jeito faz sentido você ter apadrinhado uma causa animal esse ano, já que você é um cachorro! — exclamo dando de ombros.

Emilien faz uma cara de ofendido que dura só um segundo. Depois, dá outra da sua gargalhada profunda e rouca, que mexe um pouco mais com meu âmago, fazendo-me parar para observá-lo.

Olhamo-nos por alguns segundos, Emilien ainda se recuperando da sua risada. O silêncio impera sobre nós, a tensão e o desconforto se tornam quase palpáveis. Ele suspira e desvia o olhar de mim por um segundo.

— Estamos bem? — pergunta, mirando para baixo, e sigo seu olhar por alguns segundos. A grama do canteiro é saudável e bem-cuidada.

Estranho seu questionamento, mas o compreendo facilmente.

— Não, Emilien — respondo. — Pare de me pressionar a te perdoar. O

que você fez…

— Eu sei — corta-me, meio rígido. Ele odeia ouvir a verdade. — Eu…

Você tem razão — fala, movendo a cabeça de um lado a outro, os olhos fechados e apertados. Sua ação é como se estivesse espantando pensamentos indesejados.

— A última coisa que quero é te impelir a me perdoar. Entendo que isso, se acontecer, deve ser de forma natural. Desculpe, não vou mais te atormentar com isso.

Não digo nada, apenas sorrio. Penso em agradecê-lo, mas desisto no mesmo instante. Ora essa, não vou agradecê-lo por não estar fazendo mais que sua obrigação de respeitar meu tempo e meu espaço. Só espero que cumpra com sua palavra.

— Você está mesmo com alguém? — questiona, tornando a me olhar. Os cotovelos estão apoiados nas coxas, o queixo entre as mãos, seus olhos me analisam de um jeito até infantil, eu diria.

— Estou — reafirmo minha mentira.

Emil acena em positivo, devagar.

— Ele veio junto?

Em um ato muito impensado, respondo:

— Sim. — Outros segundos esquisitos de silêncio. — Não me olhe como se ter tocado a minha vida fosse um erro imperdoável — repreendo-o.

Um sorriso fúnebre surge em seus lábios.

— Não estou te olhando de forma alguma. Só não consigo evitar o sentimento de ciúmes. Esse cara… tem você. Só a mulher que eu mais queria nesse mundo.

Minha respiração parece falhar por um segundo diante sua declaração.

Minha postura deve ter vacilado por alguns instantes, e se o que Emil fez não tivesse sido tão… canalha… com toda certeza já teria me jogado em seus braços e o perdoado. Ah, mas eu não vou mesmo perdoá-lo com facilidade, nem me render a esse charme que só ele tem. Mesmo se quisesse, ainda não sou capaz. A mágoa e a raiva de dois anos atrás ainda existem; não no mesmo nível — porque uma hora a gente supera —, mas existem. Talvez até tenham tomado um pouco mais de força com essa sua volta tão inesperada.

— Sei que não é da sua conta, mas nos últimos oito meses não estive com ninguém — fala, levantando-se do meu lado.

— Pois eu estive com vários — respondo, dando de ombros. Não era minha intenção ser rude ou magoá-lo, mas acabo por fazer os dois. Noto isso em como a expressão dele se fecha em uma careta que me parece ser de dor. Bem, não parei minha vida por conta dele e não pedi que parasse a sua por mim.

Nenhum discursinho de “*não estive com ninguém”* vai me amolecer.

— Achei que estivesse namorando — ele observa, semicerrando os olhos em minha direção.

Engulo em seco, dando-me conta do furo.

— E estou… Estamos há pouco tempo juntos. Sei lá, uns três ou quatro meses

— minto, mordendo o lábio inferior.

Emilien enfia a mão no bolso da sua calça e comtempla algum ponto por entre as águas do chafariz.

— E onde ele está agora, Marie? — questiona-me, com certo tom de desconfiança, virando seus olhos em minha direção.

Ele está me desafiando a provar que estou com alguém. E, se eu não fizer, Emilien vai saber que menti *por causa dele*. Isso só vai alimentar seu ego e sua esperança de conseguir meu perdão e uma relação comigo — que é, creio eu, o que busca em mim.

Pestanejo algumas vezes, perguntando-me por que raios fui inventar essa mentira, confirmá-la e, ainda por cima, dizer que meu "namorado" está me acompanhando no evento. E — por Deus do céu! — onde acharei um namorado de mentira *agora*?

Como uma resposta para meu pedido, Héron vem caminhando em minha direção, às costas de Emilien, trazendo duas taças, ao que parece, uma de água e uma de vinho. A ideia mais insana passa pela minha cabeça.

— Bem atrás de você — digo, levantando-me e passando por ele, que se vira no mesmo instante e me vê abraçando Héron pelo pescoço e dando-lhe um beijo profundo.

Poirier retribui depois de relutar por um segundo. E só nesse momento me dou conta da burrada que cometi.

Eu beijei Héron.

Meu chefe.

Mon Dieu, por que eu fiz isso?



EMILIEN

CAPÍTULO 8

Bile sobe pela minha garganta e amarga minha boca enquanto a vejo beijar Héron Poirier, seu atual namorado. Tento não demonstrar como isso me afeta, mas acho que falho miseravelmente.

Por fim, Marie para com seu exibicionismo e se afasta do namorado, segurando-o pelos braços. Os dois se olham por um segundo que me parece ser esquisito, como se não estivessem acostumados a essas demonstrações em público. Ela murmura algo inaudível na boca dele, pega em seguida uma das taças que ele traz em mãos e então se vira para mim, abraçando-o pela cintura.

— Emilien, meu namorado, Héron, que você já deve saber que é editor na *Intéressant*.

Com uma carranca no rosto, ele estica sua mão em minha direção. Eu reluto em trocar cumprimento, mas me recordo de que preciso parecer civilizado, por mais que minha vontade seja de agir como um grosseiro, ciumento e babaca. Por esse motivo, estico minha palma e troco um cumprimento, apenas acenando rapidamente com a cabeça.

O clima fica desconfortável na mesma hora. Desvio o olhar para à entrada do hotel.

— Vou voltar lá para dentro. Com licença — digo, meneando a cabeça brevemente e retirando-me em seguida, caminhando a passos lentos, obrigando-me a não olhar para trás.

Ao adentrar novamente o local, um garçom está passando e oferecendo uísque. Pego um copo e viro tudo de uma vez, a bebida queimando conforme desce. Tento ignorar o desconforto batendo à porta do meu peito. Confesso que, em dado momento depois do nosso jantar, ponderei que Marie tinha mentido sobre estar com alguém só para me frustrar. Mas hoje provou que estava dizendo a verdade. Inferno. Odeio esse sentimento de ciúme e raiva subindo pela minha espinha.

Caminho até o bar no salão e peço outra dose de uísque. Viro a bebida na mesma velocidade que a anterior. O líquido marrom novamente desce queimando. Bato o copo no balcão e peço mais uma, que me é servida sem protestos. Antes de virar outro gole, encaro o copo à minha frente, a bebida movendo-se levemente em pequenas ondas. Nesse momento, me recordo no que me transformo quando fico bêbado e é por esse motivo que não me embriago de verdade há bastante tempo, mais de uma década. Afasto a dose de perto de mim no mesmo instante que uma mão apoia em meu ombro e Bernardo diz:

— Vai com calma, *ami*. Não pega bem o patrono do evento ficar bêbado.

— Ele se senta do meu lado e pede uma água com gelo. Enquanto espera seu pedido, vira-se para mim. — O que há?

Suspiro e aperto os olhos, sentindo a frustração percorrer minhas veias.

Por que achei que depois de dois anos, depois do que fiz a ela, Marie me perdoaria e, ainda por cima, estaria sozinha? Sou um idiota por não ter ponderado que estaria com alguém. Uma pessoa que realmente mereça. Não eu.

— Sabia que Marie está namorando? — questiono-o, mirando-o profundamente dentro dos olhos. Se ele sabia, então por que não me alertou?

Bernardo faz uma expressão de surpresa e confusão.

— Marie? Marie Julien… namorando? — Aceno em positivo. Volto-me para o *barman* e peço uma taça de água também. Dousseau dá um gole generoso na sua e, apoiando-a sobre um pequeno descansa-copos, responde: — Não fazia ideia. Ela não me disse nada.



Com os braços apoiados à superfície, em uma postura que demonstra como estou frustrado e me sentindo derrotado, observo-o com bastante atenção, analisando sua resposta. Marie e ele são bastante amigos. Acho difícil ela namorar um cara por quatro meses e não contar nada a Bernardo.

Minha água chega. Bebo um gole generoso e resolvo deixar por isso mesmo.

— Tudo bem, não importa mais. Minhas chances de reconquistar a confiança dela caíram por terra — falo, fechando os olhos, mais uma vez ignorando as pontadas no coração.

Bernardo permanece em silêncio, apenas me olhando, talvez sem saber o que me dizer. Quando volto meu olhar para a entrada do salão, vejo-os juntos, braços entrelaçados. O olhar dela se junta ao meu, e eu não sei decifrá-los. Marie sorri para Héron e o guia para algum canto do enorme *hall*, ignorando-me.

Suspiro, exasperado, e bebo o resto da minha água.

Vai ser uma tortura o resto desse evento.

Dezesseis anos antes

Quando ela abre a porta, paro de olhar as fotos, ergo minha câmera profissional para a entrada e bato um retrato dela. Assim, bem espontânea.

Adoro pegar momentos espontâneos.

Désirée sorri e coloca uma mecha do seu cabelo ruivo atrás da orelha, enquanto ajeita a alça da bolsa no ombro direito e fecha a porta.

— Sabe que eu odeio tirar foto — fala, sentando-se do meu lado e conferindo o retrato que acabei de tirar. Sorrio e a olho. — Uau, ficou boa! —

exclama.

— Ficou. Você é bonita. Ajuda muito — respondo.

Um lindo sorriso ilumina seu rosto. Um segundo depois, estou capturando esse momento. Ela gargalha e me estapeia no ombro, empurrando-me em seguida. Então, se recosta no sofá onde estou sentado e arranca os tênis, colocando os pés sobre a mesinha de vidro no centro da sala.

— Como foi seu curso hoje? — pergunto, voltando a conferir as fotos que tirei mais cedo, no *Champs de Mars*.

Com um suspiro, Désirée Lacroix discorre sobre seu dia. Embora eu esteja com os olhos grudados nas imagens da minha câmera, presto atenção a tudo que me diz. Gosto dela, como amigo, claro. Ela foi a pessoa que me estendeu a mão quando decidi sair da casa dos meus pais, ano passado.

Estudamos na mesma universidade — a *Vincennes-Saint-Denis* —, mas cursos diferentes. Ela faz Economia e Gestão, enquanto eu estudo Fotografia. Além disso, dividimos o apartamento. Pago um aluguel mensal a ela, que herdou tudo dos pais. Brinco, às vezes, que ela é um clichê ambulante. A garota rica que perdeu os familiares em um acidente. Não de carro, mas de avião. Eles morreram dois anos atrás, quando voltavam de uma segunda lua de mel e o avião caiu no oceano. Nunca recuperaram os corpos deles.

Os Lacroix são uma família conhecida em Paris. Eles têm um império de redes de supermercados, empresas alimentícias e de cosméticos. Cinquenta por cento de todas as ações estão em poder da família dela. Na verdade, com o falecimento dos pais e sendo filha única, esses cinquenta por cento estão nas *mãos dela*. Mesmo que não precise me cobrar aluguel — e tenha se negado a receber nas primeiras vezes e eu tenha tido que enfiar dentro de sua bolsa —, faço questão de pagá-la. Papai disse que me daria um apartamento, mas gosto da companhia e da amizade de Désirée, então agradeci, mas neguei. Nós nos conhecemos ainda na adolescência. Sendo da alta sociedade de Paris, era comum nos esbarrarmos nos mesmos eventos. Aos poucos, estreitamos nossos laços e nos tornamos bons amigos, daqueles de fazermos todos os programas de finais de semana juntos.

—… e o seu? — me questiona ao terminar de falar do seu dia.

Abro um sorriso enorme. Estou realmente animado com meu curso. Amo tanto o que faço. Já estou no segundo semestre e cada dia mais sei que fiz a escolha certa para a minha carreira. Ajeito-me no sofá e falo sobre minhas aulas do dia. Da mesma maneira, ela presta atenção em mim, interessada no assunto.

No final, mostro algumas fotos que tirei na volta para cá.

— Estão todas lindas, Emil. Você realmente tem o dom — elogia,

enquanto continuo passando as fotos.

— Opa! — exclamo ao me deparar com algo mais comprometedor. —

Mas que porra…

Désirée ri enquanto vou avançando nas fotografias, uma pior do que a outra. São *selfies* minhas fazendo careta, segurando garrafas de cerveja pilsen, abraçando uma garota morena — ou outras delas —, rindo com alguns amigos, fotos aleatórias de pernas, paisagens, braços, colos…

— Você estava tão bêbado nesse dia — minha amiga diz, em meio à sua risada.

Franzo o cenho, não me recordando de ter batido tais fotografias. Fecho os olhos e inspiro fundo. Odeio me embriagar por causa disso. Nunca me lembro de nada. Apago as imagens comprometedoras enquanto ela se recupera da sua crise de risos. Então, um silêncio meio tenso. Olho para o lado e a vejo com a expressão franzida.

— Precisa se controlar. Sei que não é por mal e é só quando está bêbado, mas você fica muito instável quando bebe muito.

— Eu sei — digo, suspirando.

— Nessa festa, você estava superbem, mesmo bêbado. A gente se divertiu. Mas mais lá pro final da noite, você mudou, ficou meio agressivo, começou a discutir com uma garota. — Leva a mão à boca, abafando uma risada. — Se eu não te tiro de lá, capaz de ter apanhado dela.

Jogo minha cabeça para trás, rindo exageradamente dessa parte. Mas Désirée tem razão. Preciso maneirar na bebida — não que eu seja um alcoólatra

— ou ainda vou arrumar dor de cabeça por causa do meu temperamento, que fica oscilante quando bebo além do limite.

— Vou ouvir seus conselhos — digo, desligando a câmera fotográfica. —

Aliás, vou passar esse final de semana na casa dos meus pais.

Désirée me oferece um sorrisinho sacana.

— Vai visitar a *mãegera* — caçoa.

Mãegera. Uma mistura de mãe e megera, uma palavra que define bastante Elizabeth Dupont. Dou uma risada meio sem graça e abano em positivo.

— Não vejo meu pai nem minha irmãzinha já tem uns três meses.



Apenas ligações. Sinto saudades deles.

— Sinto muito precisar ter se afastado deles por causa da sua mãe. Ela nunca aceitou tratamento, não é?

— *Non* — nego, suspirando em seguida. — *Maman* jamais sequer aceitou o diagnóstico dela, quanto mais tratamento.

Um breve silêncio paira sobre nós. Não é desconfortável, é até comum entre nós dois. Por fim, levanto-me, inclino-me para minha amiga e a beijo no rosto, dizendo que vou preparar algumas coisas para minha ida à casa dos meus pais no dia seguinte. Ela devolve o beijo e me deseja sorte.

De fato, precisarei.

Confiro alguns e-mails, respondo os mais importantes e acesso minha agenda,

consultando meu próximo compromisso enquanto espero o elevador subir. Segunda-feira de manhã e estou atolado de trabalho. Como sempre.

Alguém se põe do meu lado, uma das estagiárias, e me cumprimenta educadamente. Sem quase desviar meus olhos do meu celular, eu a respondo.

A menina parece tensa do meu lado, quase suando frio, como se eu fosse o Todo Poderoso. De alguma forma, sou. Como CEO do grupo, é normal que os funcionários tenham certo receio ao meu lado. Mas isso porque ela é nova.

Quem trabalha comigo há mais tempo sabe que sou agradável — quando quero

— e não se tremem tanto de medo, embora a linha de respeito seja mantida.

— Me empreste seu celular, *s'il vous plaît*? — peço, deitando minha cabeça um pouco de lado e guardando o meu no bolso interno do paletó.

— Como é? — Praticamente gagueja.

— Seu celular. Você tem redes sociais, como Facebook ou Instagram, não tem?

A menina abana a cabeça em positivo e me entrega, com as mãos

trêmulas, seu aparelho telefônico, já com a tela desbloqueada. Ela morde o lábio inferior e me encara ansiosamente enquanto acesso seu perfil no Instagram.

— *Excusez-moi, monsieur* Dupont — interfere, amedrontada.

Ergo meus olhos em sua direção, compreendendo seu medo.

— Oh, *ne vous inquiétez pas* — acalento-a para não se preocupar. — Só preciso procurar uma pessoa. *Désolé*, nem perguntei se você se importa.

A moça sorri e anui.

— *C'est bon.* — "Tudo bem."

Faço uma busca rápida, torcendo para achar com facilidade. Jogo o nome completo dela e encontro muitos perfis. Marie não tem um nome e sobrenome incomuns. Acho mais fácil procurar pelo perfil do *La Parisienne* e ver se encontro alguma foto marcada. Três minutos depois, com a garota mais tensa do

que o normal, e talvez impaciente, encontro uma foto dela, na África, três anos atrás, dissertando uma parte da matéria que o jornal publicou em uma das suas revistas do grupo editorial. Acesso o perfil marcado na foto, memorizando seu nome de usuário para eventuais futuras pesquisas.

Procuro pela última postagem. Uma imagem de uma caneca branca com café perto de um teclado de *notebook*. Tem quase uma semana. Vou rolando a tela, procurando alguma foto dela com Héron, mas não encontro nada. A essa altura, o elevador que estava esperando já chegou e desceu novamente.

— Tomei demais o seu tempo — digo à moça, devolvendo o seu celular após sair do perfil de Marie. — *Merci beaucoup*. — Chamo o elevador outra vez e confiro a hora no meu relógio de pulso.

Fico pensativo, olhando para os números indicadores do andar. Conheço Marie. Diferente de mim, ela adora exposição e essa coisa de redes sociais.

Conheço-a o suficiente para saber que, se estivesse mesmo namorando Héron, teria colocado uma foto dos dois juntos. Dou uma risadinha, desviando meu olhar para o piso. Quando estávamos na África do Sul, a mulher quis a todo custo tirar uma foto minha e postar nas suas mídias, mas não deixei. Odeio exposição.

Então, diante do fato de não haver nenhuma imagem que indique que realmente está namorando sério com o editor, me questiono se não foi uma mentira apenas para me afastar.

O apitar do elevador me tira das minhas divagações. As portas se abrem e



meu corpo congela no mesmo instante quando a vejo. Lá dentro, com um coque severo, terninho elegante, óculos escuros grandes, salto-alto, bolsa *Louis Vuitton* e sua postura intimidadora, minha mãe me encara de volta. Não traz o sorriso que comumente uma mãe que está há, praticamente, dez anos sem ver o filho traria.

— Mãe? — Solto o ar dos pulmões, atormentado com sua visita indesejável e repentina.

Ela deixa o elevador. A mocinha ao meu lado entra em seguida e me olha, como se me esperasse segui-la. Dispenso-a com a mão. Um segundo mais tarde as portas se fecham.

— Cancele seus compromissos para agora, Emilien — despeja uma ordem, fria e metódica. — Precisamos conversar.

Sua frieza me afeta. Não deveria, mas afeta. Nós não nos vemos ou nos falamos há uma década e é desta maneira indiferente que ela age. Suspiro e aceno em positivo, aceitando que sempre serei o filho que ela odeia.

— Não vou cancelar minha agenda por sua causa — digo, passando por ela e me encaminhando até minha sala. Sinto-a em meu encalço, seguindo-me.

— Basta ser rápida. Tenho uma hora livre, então… — falo, abrindo a porta para mamãe entrar primeiro. Ela nada diz, olha-me com desdém, depois para minha secretária, que está tão surpresa com sua chegada quanto eu, e finalmente entra.

— Se aparecer qualquer coisa — falo à minha funcionária —, estou te dizendo *qualquer coisa*… Não hesite em me interromper, entendeu? Qualquer assunto irrelevante deve ser tratado como prioridade enquanto estiver com minha mãe.

Fui claro?

— *Oui, monsieur* Dupont.

Inspiro e expiro diversas vezes antes de adentrar minha sala e enfrentar o olho do furacão.

Sento-me na minha cadeira presidencial e a encaro, esperando-a me dizer o que deseja. Embora ambos moremos em Paris, a distância entre nós é grande e extremamente necessária. Ao menos para mim e para meu psicológico. Na última década, ela conseguiu — por algum milagre — respeitar meu espaço e minha decisão de me manter longe. Nunca me ligou, mandou cartas ou e-mails.

Nem mesmo uma visita parecida como essa. Quando eu telefonava para Nicole, acabava perguntando por ela. Minha irmã dizia que estava bem e por vezes

reclamava de saudades de mim. Em ligações ocasionais, ao fundo, eu a ouvia pedir à minha irmã para me mandar um beijo e um abraço, de uma maneira maternal e carinhosa que raramente existia no contato físico. Como mamãe possui cinquenta por cento das ações pertencentes à nossa família, algumas vezes é preciso contatá-la. Mas isso sempre é feito por meio de advogados e e-mails.

— Me contaram que você voltou para Paris — diz, com sua voz mecânica e firme. Elizabeth me encara ainda de óculos escuros, a postura ereta, com seu ar de superioridade exalando pela sala.

— E já até imagino quem… — resmungo mais para mim do que para ela, roçando os dedos pelos lábios.

— *Oui, exactement* — afirma, e não me deixa surpreso. — Falou com sua irmã desde a sua volta? — Afirmo com um maneio de cabeça. — E te contou sobra a pouca vergonha dela?

Estreito os olhos em sua direção e cruzo os braços no peito.

— Com “pouca vergonha” você se refere à orientação sexual de Nicole?

Mamãe faz um gesto de desdém com a mão. Por fim, retira os óculos escuros e revira a bolsa até encontrar o estojo preto. Enquanto guarda o acessório em seu lugar, me responde:

— Espero que você não compactue com isso — fala, erguendo uma sobrancelha inquisidora. Seus olhos azuis me encaram seriamente, como se minha resposta fosse determinar se vivo ou se morro.

— O que é “compactuar com isso” para você, mamãe? Respeitar a orientação dela e amá-la acima de qualquer coisa?

Longos e tensos segundo se passam. Seu olhar me examina com arrogância, toda sua expressão corporal denunciando que minha resposta é para ela uma decepção.

— Não sei o que fiz para merecer vocês dois — reclama, divisando algum ponto na minha sala.

Inspiro profundamente e balanço a cabeça em negativo.

— Sempre fizemos *tudo* o que você quis, mãe. *Eu* sacrifiquei meus sonhos em razão *dos seus!* — falo, erguendo levemente a voz. É isso o que acontece quando Elizabeth e eu estamos no mesmo ambiente por mais de cinco minutos.

— Seus sonhos eram insignificantes, Emilien! — protesta.

— Ainda assim, eram *meus!* — rebato, agora já fora de controle.

— Veja só. — Seu tom tem ironia e arrogância. — Uma década sem me ver e é assim que trata sua mãe? Aos gritos?

Coloco o rosto entre as mãos, já sentindo minha mente cansada em ter de lidar com minha mãe. Inspiro e expiro um par de vezes, procurando por uma calma que raramente tenho quando se trata dessa mulher.

— *Mère*, apenas diga o que quer de mim — falo, não me importando em demonstrar como estou derrotado diante sua presença. É assim que ela me faz sentir. Sempre.

— Vim pedir sua ajuda. — Estranhamente, seu tom de voz é quase suplicante. Ao erguer o olhar em sua direção, surpreso com tal pedido, até a postura assoberbada esvaiu dela, dando lugar a ombros caídos e olhar distante.

— Precisa me ajudar a convencer Nicole a fazer terapia… a se curar.

Oh, mon Dieu! , penso, aterrorizado com o que minha mãe está me propondo.

— Você quer “curar” — faço aspas com os dedos — a sexualidade de Nicole? Mamãe, homossexualidade não é doença para ser *curada*.

— É uma afronta aos olhos de Deus! — rebate, visivelmente alterada.

Massageio minhas têmporas e me encosto à cadeira, odiando o rumo desse assunto.

— Não vou sugerir um absurdo desses à minha irmã e nem vou permitir que você, de algum jeito, a submeta a “terapias” ou tratamento para “reverter” o que ela é. Só… a aceite.

De repente, minha mãe cai em um choro copioso, o rosto entre as mãos,

coluna encurvada. Apenas a observo, sentindo-me meio esquisito por vê-la chorar. Uma vida inteira e foram poucas as ocasiões em que a vi se desmanchar em lágrimas dessa forma. Na ocasião da morte do meu pai foi uma dessas vezes.

Em todo aniversário meu ela também chorava, assim como em dezenove de maio. Desconfio que, mesmo depois de tantos anos, continue chorando nestas datas, inclusive no aniversário de morte do papai. Elizabeth pode ser uma megera comigo, mas amou Thierry com todo seu coração. A partida dele mexeu demais com sua estrutura psicológica e só a deixou ainda mais insuportável de se conviver.

— O sobrenome Dupont morrerá em você — fala, voz embargada.

Limpa algumas lágrimas com um lenço que retira da bolsa, sem me olhar. —

Mesmo se Nicole se casasse com um *homem* e me desse netos, ele não teria o legado de nossa família. Mesmo assim, eu queria um neto! Uma neta, na verdade. Para mimá-la, levá-la para passear… aumentar nossa família. —

Elizabeth recoloca os óculos escuros e então me olha. — Mas se ela se casa com uma mulher, como terei meu sonho realizado, Emilien?

Reviro os olhos e inspiro fundo pela vigésima vez.

— Mamãe, o mundo mudou. Elas podem adotar uma criança ou optar por bancos de esperma. Nicole é gay, não estéril.

Suas mãos esguias — cheia de anéis — passam pelos cabelos impecáveis.

— Como se isso fosse um jeito natural de ter filhos. Adoção? Quero uma neta com nosso sangue, por favor. E que ideia mais absurda essa de pegar…

esperma de um homem desconhecido para gerar uma criança!

— Pense pelo lado positivo. — Resolvo debochar. — A filha de Nicole será uma Dupont, de toda forma. E o legado da família continua.

Mamãe me repreende com uma expressão severa.

— É o que mais quer, Emilien? Fugir da responsabilidade de ter um herdeiro e dar continuidade ao sobrenome da família?

— Pelo contrário, mãe — respondo, sinceramente. — Eu posso ter um herdeiro. E em algum momento ainda terei um filho.

— Não com qualquer uma — responde-me, a postura altiva e presunçosa retornando.

— Na verdade você quer dizer: “você não terá um filho com ninguém

mais a não ser com a mulher que escolhi”.

— Porque vocês são perfeitos um para o outro, meu filho! — Ela tenta, de toda forma, provar que suas escolhas e seu ponto de vista são *sempre* o melhor para mim. Não importa à minha mãe minhas vontades, apenas o que ela *acha* que é bom para minha vida. Muito por isso saí de casa e me afastei, porque nunca tive poder de escolha com ela. — Veja, vocês dois são lindíssimos! Têm genes maravilhosos, me dariam netos belos e fortes. Ela também é da elite de Paris, como nós, elegante, educada, bem-apessoada. Seria, inclusive, bom para nossos negócios.

— Mas eu não a amo — digo, começando a perder a paciência de novo.

— Você a amou um dia — alfineta.

Balanço a cabeça em negativo.

— Nunca a amei, mãe. Confundi meus sentimentos porque *você* me fez pensar que a amava.

— Que seja, Emilien! O amor é algo que se constrói. E vocês dois poderiam construir o amor e uma família.

— Fácil para a senhora me sugerir isso, não é? Casou-se com o homem que amava e sempre teve tudo o que quis. Absolutamente tudo. — Levanto-me do meu lugar, farto dessa conversa infrutífera, dessa visita desagradável. De coração, espero ver minha mãe novamente daqui a dez anos. Caminho até a porta, enquanto a ouço dizer, com a voz embargada:

— Sabe que eu não tive *tudo* o que quis. — Ela se ergue de sua cadeira e me encara.

Engulo em seco e desvio o olhar, a porta aberta. Elizabeth adora usar esse fato contra mim. Chantagem emocional e manipulação são suas especialidades.

E ela sabe que me atinge quando me culpa dessa maneira. Mesmo eu tendo consciência que era algo que fugia do meu controle — por Deus, eu era só uma criança! —, minha mãe faz questão de me alfinetar com isso porque sabe que me sinto péssimo.

— Não tive culpa nenhuma — respondo, trincando o maxilar e segurando a emoção nos olhos.

— É o que você diz, Emilien — fala baixinho, aproximando-se de mim e me puxando para dar um beijo em minha testa.

Sem dizer mais nada, Elizabeth deixa minha sala. Como sempre depois de uma "conversa" com minha mãe, estou me sentindo psicologicamente cansado. Meu peito dói, as lágrimas ameaçam vir, mas as seguro para mim.

Volto à minha mesa e me jogo na cadeira, massageando o pescoço. Meu celular me notifica uma nova mensagem. Um sorriso pequeno se abre ao ler o texto rápido de Nicole. Somente ela para me alegrar nesse momento.

"O jantar pra você conhecer Lorraine pode ser amanhã à noite? *Bisous.*

Je t'aime. "

Respondo em seguida, confirmando:

"*Bien sûr, petite soeur.*" — "Claro, irmãzinha." — "Te espero às oito, na minha cobertura, você sabe o caminho. *Je t'aime*".

Guardo meu telefone, fechando os olhos e apreciando o meu momento de paz. Demoro a notar que choro silenciosamente enquanto meu passado roda em minha mente.

Família

EMILIEN

CAPÍTULO 9

Nicole chega bastante tempo antes do horário. Como eu apenas cozinho o básico, mas minha irmã quer algo mais elaborado para recepcionar a namorada, ela aparece com antecedência, carregando algumas sacolas de supermercado e já tomando conta da minha cozinha.

— Você pode deixar um pouco o seu trabalho de lado e me dar atenção?

— exige de mim, picando alguns tomates na ilha, enquanto estou terminando de confirmar minha agenda da semana. Tenho uma reunião no primeiro horário do dia seguinte, uma conferência depois do almoço e duas viagens antes do final de semana.

Estirado no sofá, ergo meu olhar em sua direção e escondo o celular por baixo das almofadas, atendendo ao seu pedido. Nicole tem razão. Nós temos que aproveitar nosso tempo juntos.

— E vá se arrumar, Emilien, *por l'amour de Dieu*. Com esses trajes, Lorraine vai pensar que você é um desleixado. — Seus olhos verdes se levantam em minha direção, severos. Habilidosamente, continua picando os tomates como se não precisasse olhar. Se fosse eu, já teria perdido os cinco dedos.

Uma leve risada escapa de mim, enquanto saio do meu lugar confortável e confiro minha roupa. É uma calça de algodão preta e uma camiseta na mesma cor, com uma estampa da Torre Eiffel. Passo o dia todo dentro de um terno, o mínimo que gosto de fazer quando chego em casa é me vestir com algo mais confortável. Descalços, aproximo-me de minha irmã e me ponho ao seu lado, deixando um beijo atrás da sua orelha.

— Ainda tem meia hora até você ir buscá-la. Tenho tempo de me arrumar

— digo, roubando um tomate e jogando-o na boca. Ela estapeia minha mão e me manda lavar as taças do armário, usadas em ocasiões como a dessa noite, mas que quase nunca têm tal finalidade, para arrumar a mesa.

Faço o que me pede. Enquanto estou ensaboando os cristais, mantenho nossa conversa.

— Mamãe me procurou ontem — revelo e me arrependo no instante seguinte. Não queria ter trazido Elizabeth para nosso meio, para uma noite que deveria ser agradável. De maneira geral, não gosto de esconder nada de Nicole, principalmente quando se trata de nossa progenitora.

Um segundo mais tarde, ela está do meu lado na pia, limpando as mãos com cheiro de tomate em um pedaço de papel-toalha.

— *Sérieux?* — Seu tom de voz tem surpresa e espanto. Aceno em positivo, passando a taça na água corrente e tirando o sabão. — O que ela queria com você?

Olho-a por um instante, sobrancelhas vincadas, indecisão martelando meu peito. Devo mesmo contar os reais motivos de nossa mãe ter me procurado?

Queria poder lhe dizer que Elizabeth sentiu saudades de mim, o filho que mesmo morando na mesma cidade não via por uma década, talvez um pouco mais.

Entretanto, mamãe me procurou para sugerir que a ajudasse a curar algo incurável.

— Só me disse que sentia saudades — minto. Opto pela mentira para não a magoar. O quanto saber que mamãe quer reverter sua orientação sexual pode perturbá-la? Não, não. Definitivamente, não quero ver minha irmãzinha

magoando-se por causa disso.

Nicole me olha atentamente por longos segundos. Então se vira para o fogão, acende uma boca e, pegando uma frigideira no armário acima de sua cabeça, coloca-a para aquecer.

— Me diz a verdade, Emil — pede. Consigo identificar um tom melancólico nela. Se estivesse me olhando, tenho certeza que veria lágrimas em seus olhos. — Posso aguentar a barra de ouvir a verdade. — Meu coração dá uma alfinetada neste instante. Como uma forma de ultimato, vira-se para mim e minhas suspeitas se confirmam: seus olhos estão marejados. — Nunca mentimos um para o outro, se lembra?

— Nunca — confirmo, movendo a cabeça e quase me esquecendo da água corrente. Desligo a torneira, deixo a taça escorrendo na pia e pego outra para ensaboar. — Só prefiro omitir a verdade para não te magoar, Nic… —

murmuro, usando seu apelido pela primeira vez desde muito tempo.

Minha irmã sorri para mim docemente e apoia sua cabeça em meu braço.

Abro a torneira e enxáguo a taça.

— Ela foi te pedir para me convencer a fazer terapia, não é? — pergunta.

Na frigideira, joga uma quantia de azeite de oliva e dentes de alhos que ela picou anteriormente, refogando-os em fogo baixo. Gemo, frustrado, só de me recordar da conversa. Pego a última taça para ensaboar. — Não precisa mentir. Não é a primeira vez que ela me sugere uma coisa dessas.

Afastando-se do fogão, pega os tomates picados e os joga na frigideira, mexendo-os vagarosamente. Nós dois ficamos em silêncio por alguns minutos, remoendo nossas mágoas com Elizabeth Dupont. Ela cozinha; eu termino de lavar o último cristal.

— Sinto falta da mamãe — revela, engolindo em seco e suspirando. Seca rapidamente uma lágrima nos olhos e torna a mexer os tomates refogados. —

Quero dizer, da mãe amorosa, dedicada e que me apoiava em tudo. De dois anos pra cá… nós duas nos distanciamos tanto.

Não digo nada, ocupado demais pensando em como essa mãe que Nicole teve quase não existiu em minha vida. Claro, houve momentos assim. Eram raros, mas existiram. Tratando-se de mim, Elizabeth ia de um extremo a outro.

Ou ela me sufocava com seus excessos de cuidados, sendo superprotetora, ou me despreza, me manipulava e abalava meu psicológico. Ambos os extremos vinham com a desculpa de que era para o meu bem, que fazia aquilo por me amar.

— Desculpe! — Nicole pede enquanto estou secando as mãos com o pano de prato, distraído e melancólico. Então ela se joga nos meus braços e me abraça apertado. — Às vezes me esqueço que mamãe sempre foi distante com



você. — Retribuo seu abraço e me acolho nele por um segundo, como se *ela* fosse a irmã mais velha vindo em meu socorro. — Nem me preocupei em te perguntar como se sentiu. Ficou dez anos sem ver a mamãe e quando ela te procura é por *minha causa*. *Désolée,* Emil. *Je suis désolée.*

Afasto-a de meus braços, um pouco mais recuperado, e beijo cada uma de suas bochechas.

— Não se desculpe, *petite soeur.* Eu estou bem, já acostumado com o modo como Elizabeth me ama.

Nicole esconde o rosto em meu peito por mais um segundo. Então volta ao fogão, retirando os tomates e preparando a frigideira para refogar as abobrinhas picadas. Meio abalado com essa conversa, pego as taças e as seco, em silêncio. Do mesmo modo, me retiro para ajeitar a mesa. Quando toda a louça está à posta, decido ir me arrumar. Estou prestes a subir as escadas quando minha irmã me interrompe, dizendo:

— Emil… — Paro no primeiro degrau. Daqui, só posso ouvi-la. — Eu te amo muito. — Volto a ouvir o bater de panelas e os legumes refogados estralando no azeite quente.

Sorrio para mim mesmo, um pouco do peso e da melancolia indo embora como em passe de mágica.

Nicole bate à porta do meu quarto, avisando que está de saída para ir buscar a namorada e volta em meia hora. No closet, grito de volta, dizendo que já estou me arrumando. Tomei um banho e aparei um pouco a barba. Como é algo mais íntimo, opto por algo elegante e casual ao mesmo tempo. Visto uma camisa branca, uma malha cinza fina e calça alfaiataria azul-escuro. Ajeito a gola sobre

a blusa frente ao espelho e esborrifo um perfume. Calço sapatos pretos e penteio os cabelos com os dedos.

Busco pelas horas em meu celular sobre o criado-mudo. Ainda tem uns vinte minutos até minha irmã chegar. Desço até a cozinha, onde a janta já está

pronta — aperitivos, entrada, prato principal e sobremesa — e a mesa posta.

Enquanto espero Nicole e sua namorada, tento me distrair com uma leitura. Minha mente, porém, não me deixa me concentrar. Está insistindo em projetar uma certa mulher de pele chocolate, macia como algodão, olhos âmbar encantadores e que provavelmente perdi para um bom-partido.

Pensando nisso, me recordo do dia anterior, quando a procurei na internet. Reluto alguns segundos antes de tomar a decisão besta de me levantar e pegar o celular de Nicole sobre o balcão. A tela não tem senha ou trava de segurança. Basta que deslize o dedo e consigo ter acesso a suas redes sociais.

Acesso seu perfil no Instagram, ignorando as dezenas de notificações que surgem quando abro o aplicativo. Minha boca se entreabre ao notar que Nicole tem mais de vinte mil seguidores. Rolo algumas fotos. Paisagens, pratos de comida ou xícaras de café, *selfies*. Ela também não tem nenhuma foto com a namorada. Mordo o lábio inferior, minhas esperanças de que Marie e Héron não estejam juntos caindo por terra outra vez. Bem, talvez Lorraine não goste de se expor, assim como eu.

Navego por mais algumas imagens até encontrar uma foto antiga — não de data de publicação, mas quando foi tirada. Minha garganta seca. Nicole sabe que odeio ter minha vida privada postada na internet, mas pelo jeito não se importa muito. A publicação tem uns três anos, e traz uma foto minha, aos vinte anos, com ela no colo, em uma de suas festas de aniversário. A legenda:

“*Saudades desse bastardo.*”

Rio comigo mesmo e decido parar de vasculhar suas publicações e procurar o que de fato me interessa. No campo de busca, digito “Héron Poirier”.

Diferente de Marie, encontro-o com mais facilidade. Um número considerável de seguidores. Poucas publicações. E nada frequente. A última tem meses.

Nenhuma delas com Marie — ou com qualquer outra mulher. No Facebook, faço a mesma pesquisa, procurando pelos dois. Embora encontre seus respectivos perfis, não tiro proveito algum, pois não são públicos.

— Ei, bisbilhoteiro. — A voz de Nicole chama minha atenção. Ela está parada à porta, um sorriso divertido brincando em seus lábios. Ao seu lado, uma mulher de beleza exótica. O completo oposto de minha irmã. Ligeiramente mais alta, olhos escuros feito a noite, os cabelos, soltos e extremamente lisos, são tão pretos que beiram o azul, lábios cor de pêssego, seios fartos. Magra, mas um pouco mais encorpada que minha irmã, usando saltos e trajando um vestido preto dois dedos acima dos joelhos.

Imediatamente, deixo o celular sobre o balcão e me aproximo das duas, explicando-me:

— Estava só fazendo uma pesquisa.

— E por acaso você não tem celular? — minha irmã rebate, segurando o riso.

Olho para Lorraine e abro um pequeno sorriso.

— Era no Instagram. Sabe que não tenho essas coisas — respondo, retornando o olhar para ela.

— Esqueci que você é antissocial.

Dou uma risadinha e por fim me apresento para Lorraine.

— Emilien Dupont.

— Lorraine Meyer. — Ela tem sotaque do sul do país.

Trocamos um aperto de mão e dois beijos na bochecha.

A moça parece tensa no seu lugar, sem saber como agir direito. Nicole a convida para entrar e ordena que eu pegue uma taça de vinho para nós. Enquanto elas se acomodam na sala, pego as taças que lavei e a garrafa de vinho. Sirvo-as e me sento no sofá oposto, de frente às duas.

— Nicole me fala muito de você — Lorraine diz, colocando uma mão delicada e

de unhas bem-feitas na perna despida de minha irmã e a olha com ternura. — Confesso que estava ansiosa e amedrontada para esta noite. São só vocês, não é…? Um é a *família* do outro.

De certa forma, isso é verdade.

Tomo um gole do meu vinho e abano a cabeça em positivo.

— Nosso pai morreu há bastante tempo. Com minha mãe, eu sempre tive uma relação complicada, diferente de Nicole. — Olho um instante para minha bebida. — O que parece ter mudado depois que ela se assumiu. — Suspiro.

Levanto-me e me sento ao lado da minha pequena, deixando-a entre mim e a namorada. — Isso não importa mais, de qualquer maneira. Temos um ao outro agora. — Seguro suas mãos e deixo um beijo em sua têmpora.

Nicole sorri de volta e deita a cabeça em meu ombro.

— Fico feliz que possamos contar com sua aprovação, Emilien. É

importante demais para nós duas esse apoio.

— Não me importo com quem Nicole esteja, desde que a faça feliz —

digo, sincero.

Lorraine fica esquisita de repente. Seus olhos se abatem, os ombros caem. Não entendo o que eu possa ter dito de errado. Compreendendo a confusão em meu rosto, Nicole explica:

— Lorraine ainda não se assumiu para a família. — Outro instante de silêncio perturbador. Nicole se vira para a namorada e a pega por ambas as mãos.

— E estamos com medo de que, assim como mamãe, a família dela também não a aceite. São religiosos e tradicionais, entende? — Vira-se para mim. — A família dela mora em Provença. Vamos viajar para lá dentro de quinze dias. — E

então, volta para a namorada. — E finalmente você vai se assumir, não é, *mon amour*? *Nos* assumir.

Bem, isso explica o fato de não haver nenhuma foto delas juntas nas redes sociais. Lorraine acena em positivo, dando-lhe um rápido beijo nos lábios e acariciando-a no rosto e cabelos.

Jogamos mais cinco ou dez minutos de conversa fora até decidirmos servir o jantar. Em volta da mesa, ouço histórias de como elas se conheceram —

pouco mais de dois anos atrás, mas o relacionamento começou há um ano e meio

—, depois Lorraine conta como saiu de Provença e veio para Paris, estudar nutrição, assim como Nicole, que engata falar de sua infância, mas evita os anos difíceis sem papai, quando ela sequer tinha doze anos.

Passa da meia-noite quando minha irmã e minha cunhada, depois de um jantar agradável e que me deixou alegre — como não me sentia havia bastante tempo —, decidem voltar para casa. Nicole usa o toalete antes de ir e volta minutos mais tarde, com um ar meio misterioso, mãos para trás.

— Preciso te fazer um pedido, Lorraine — diz, trazendo as mãos para frente, revelando uma caixinha de veludo. — Quero saber se casa comigo.

O pedido pega até a mim despreparado. No meu lugar no sofá, giro tão rápido para minha irmã como se estivesse desviando de uma bala. Ela sorri, seus olhos brilham de uma forma que nunca vi. Nicole ama Lorraine, é feliz com ela e quer um futuro, uma família, uma companheira… Não posso estar mais satisfeito e alegre pela minha irmãzinha. Algo aperta meu coração, fazendo-me ofegar por um mísero segundo. Acho que nunca aceitei direito que aquele projetinho de gente, loirinha e peralta cresceu, se tornou uma bela mulher, se

apaixonou e quer se casar.

Volto meus olhos a Lorraine, estática no lugar, a boca tampada, surpresa, os olhos arregalados. Um segundo depois, ela dá um salto no lugar e abraça a noiva fortemente depois de beijá-la.

— Aceito! Nem precisava pedir — diz, eufórica e emocionada. — Eu aceito, *ma blonde*.

Nicole se vira para mim, olhos marejados.

— Emil… você aceita ser nosso padrinho?

Como resposta, apenas me levanto e a abraço forte, praticamente esmagando-a em meu peito.

— Ficaria muito chateado se não me pedisse isso — sussurro em seu ouvido.

Ela ri e beija meu rosto. Abraço Lorraine, pedindo que não magoe minha *petite soeur.*

Saudações e felicitações trocadas, é hora de nos despedir. Com um beijo sereno na noiva, Nicole pede que ela vá à frente pois quer ter um minuto comigo. Olhando-me com ternura e amor, ela me abraça de repente, dizendo:

— Quando você vai arrumar alguém, Emil?

Pestanejo diante sua pergunta, sentindo-me atingido. A perspectiva de uma vida sozinho não me agrada. Na verdade, me amedronta. Não que eu ache que não possa ser feliz sozinho ou dependa de uma companheira para isso. Mas eu quero estar com alguém. De preferência com *Marie*. Entretanto, há tanta coisa em meu caminho que parece me impedir de ser feliz ou ter uma mulher ao meu lado, como Nicole tem.

— Nic… Não vamos falar disso.

Ela se afasta e me toca no rosto.

— Qualquer uma, menos aquela sem-sal com quem a mamãe queria que você se casasse, entendeu? Tem de escolher alguém que você *ame*. E você nunca a amou, Emilien.

— Eu sei. Mas tenho medo de me envolver com qualquer outra pessoa e mamãe me infernizar. Sabe por que ela sempre respeitou meu espaço e nunca me procurou na última década? Porque me mantive solteiro. Se eu arrumar uma

namorada… se cogitar *me casar* um dia com alguém que não seja com quem mamãe quer, ela vai me atormentar… Vai me infernizar como quando descobriu que eu e Dés… — Paro de falar abruptamente, dando-me conta de que Nicole não sabe sobre essa parte da minha vida.

Jurei jamais mentir para ela ou manter segredos entre nós. Mas há certas coisas que precisam permanecer enterradas.

— Com quem? — pergunta, curiosa.

— Ninguém. Esqueça — falo, desviando o assunto rapidamente. —

Talvez eu tenha que esperar ela morrer para arrumar uma namorada — brinco, meio fúnebre, dando uma risada melancólica.

Nicole me acompanha por um segundo. Pega em minha mão e me acaricia.

— Não há nenhuma maneira de enganá-la?

Meu corpo tensiona no lugar.

— Talvez. E até estou disposto a enfrentá-la. Só preciso consertar algumas bobagens que fiz dois anos atrás e reconquistar a confiança de uma mulher que quero muito.

Os olhinhos de minha irmã emitem um brilho esperançoso. Abraçando-me novamente, me deseja toda sorte do mundo. Algo que nós dois vamos precisar. Com um último beijo de despedida, ela vai ao encontro da noiva. Vou direto para meu quarto, tomo outro banho e visto meu pijama. Fico tentado a mandar ao menos um “Boa noite” a Marie, mas desisto.

Preciso respeitar o espaço dela. E seu namoro.

Esse suposto namoro que tem me deixado cheio de dúvidas.

O sócio

MARIE

CAPÍTULO 10

Héron não fala comigo desde sábado, depois da estupidez de tê-lo beijado na intenção de provar a Emilien que estou em uma relação séria. Claro que o peguei desprevenido e só me dei conta da burrada quando minha boca já estava na dele. Ao me afastar, seus olhos escuros passavam a mensagem de que ele, no mínimo, ia apertar meu pescoço. Bem rente aos seus lábios, sussurrei para apenas fingir e depois explicaria tudo.

Naquele instante, não pensei que tal pedido fosse atendido. Para minha surpresa completa, Héron não me desmentiu na frente de Dupont, mas também não tirou a carranca durante todo o resto da festa. Emilien pareceu acreditar na farsa e se retirou, claramente atingido por eu ter um “companheiro”. Assim que atravessou a porta de volta para o *hall* do hotel, já estava prestes a abrir a boca e explicar tudo, de forma rápida, desesperada e seguida de um milhão de pedidos de desculpa. Poirier, entretanto, ergueu um dedo em riste antes mesmo de eu pronunciar uma só sílaba. A expressão severa era acentuada em seus traços bonitos. Então simplesmente me agarrou pelo braço e me direcionou para a recepção do hotel. Ainda tínhamos um evento para participar.

Por mais que tenha tentado falar com ele, fui interrompida em todas as minhas

investidas. Meu editor sequer conseguia me olhar e suas interrupções pareciam rosnados de cão com raiva. Acabei aceitando de que fiz burrada e era melhor não insistir no assunto. Passei o restante do evento emudecida, conversando com alguns conhecidos e ignorando Héron e seu mau humor. Ao menos, ele continuou sustentando a farsa de um namoro comigo na frente de Emilien, que depois de me ver beijando outro, manteve distância.

No final da festividade, ele me levou para casa, ainda me ignorando.

Hoje já é quarta-feira. Desde então, o homem não me deu *uma* oportunidade de conversarmos sobre o que aconteceu e de lhe pedir desculpas.

Na redação, se mantém praticamente inalcançável, enfurnado dentro do escritório. Esbarramo-nos algumas vezes pelos corredores e trocamos apenas cumprimentos. *“Bonjour”*. *“Salut”*. *“Ça vá?”* .

Agora estou aqui, esperando dar meu horário de ir para a redação, encarando minha xícara de café preto sem açúcar, pensando em como, provavelmente, estraguei tudo para Isabelle. Ela veio aqui no domingo, toda animada me entregar uma cópia impressa do seu original, para que eu entregue a Héron avaliar, como havíamos combinado.

Contudo, não tive a cara de pau para isso, uma vez que ele nem mesmo está falando comigo direito. Merda. Estraguei tudo! Deveria ter dito a Emilien que estava solteira, mas indisponível para ele e ter exigido, com um pouco mais de rispidez e autoridade, que parasse de me atormentar e tentar conseguir meu perdão. Mas não, eu tive que ter a ideia idiota de beijar o meu chefe e pôr tudo a perder.

Minha porta se abre no instante seguinte, trazendo uma Isabelle eufórica para dentro. Meus olhos abatidos se erguem em sua direção, já esperando o que sua visita logo cedo representa.

— Entregou *Sanctus* para Héron? O que ele disse? Chegou a dar uma folheada? Sabe, um editor como ele só termina a avaliação de um original se as cinco primeiras linhas o fisgarem. Do contrário, esqueça. E então? —dispara, como uma metralhadora de palavras e euforia.

Olho-a um longo instante, pensando em como vou decepcioná-la — e irritá-la com toda certeza — se contar que estreguei a oportunidade da sua vida.

Ela me encara com expectativa, aguardando a tão esperada resposta.

— Ainda não — respondo, com cuidado, pegando meu café e sorvendo



uma dose. Ela vinca as sobrancelhas. — Eu me esqueci de levar na segunda-feira, e ontem Héron esteve o dia todo ocupado, nem o vi. Vou levar hoje. Já está na minha bolsa. — Mentira. O original continua no mesmo lugar onde o coloquei domingo à noite: na gaveta da minha escrivaninha.

— Ah, certo. Estou muito ansiosa pelo *feedback* dele. Em quanto tempo você acha que Héron lê? Uma semana? É um romance pequeno, só tem cem mil palavras.

Suspirando pesadamente, respondo:

— Não sei, Isabelle. Ele é um homem ocupado. Mas acredito que até no sábado da próxima semana ele envie as impressões que teve no seu e-mail. Você anexou seu endereço eletrônico junto do original, não é?

— *Oui*. Claro. — Contornando o balcão que nos separa, minha irmã vem em minha direção e me abraça apertado, dando um beijo suave nas minhas bochechas e me agradecendo pela força.

Depois, ela vai embora, para cumprir seu compromisso diário.

Chego à redação em meu horário habitual. Tomo mais uma xícara de café, bato o ponto e vou para minha mesa. Estou rodeada de alguns livros, meu *Kindle* tem alguns artigos que baixei, a maioria em inglês, e no meu e-mail recebo a entrevista respondida de uma especialista na área. Já tem algumas semanas que estou me dedicando a esta reportagem; agora, com o prazo apertado para entregá-la, preciso começar o quanto antes.

Passo as próximas horas concentrada frente ao computador, digitando rapidamente, fazendo pequenas pausas para consultar algo nos livros ou nos artigos. Uma caneca me faz companhia, nunca estando fazia. Café renova

minhas energias e me dá ânimo para ficar tanto tempo sentada, digitando.

Héron só aparece perto do horário do almoço. Vejo-o chegar sozinho, sem cumprimentar ninguém, e se refugiar em sua sala. Inspiro profundamente e

tomo uma dose de coragem antes de deixar minha mesa e ir até seu escritório.

Bato à porta de leve e espero por permissão, que vem em seguida em um tom rouco.

Lá dentro, dou de cara com um Poirier atrás de sua mesa, uma carranca bem expressiva no rosto. Ao notar que se trata de mim, suas feições severas se aprofundam um pouco mais, fazendo meu interior estremecer de nervoso. Eu provoquei a fera e agora preciso estar cara a cara com ela.

— Posso falar com você? — pergunto, meio com cuidado.

— Você já está falando, Marie — responde, da sua forma desagradável, e se recosta à cadeira, encarando-me com duas metralhadoras no lugar dos olhos.

Tento não me sentir incomodada com sua má educação. Afinal, eu queria o quê? Em algum nível, compreendo sua reação, mas ele também poderia ser um pouco mais flexível e reconsiderar, principalmente depois de tantos favores que já fiz em seu nome.

— Quero conversar sobre sábado — falo, trocando o peso das pernas, ainda muito sem jeito com a situação. Normalmente não me sentiria sim. Eu sou desinibida, completamente invasiva e descarada. Mas a carranca de Héron não me ajuda a relaxar.

— Tenho mais a fazer do que falar sobre aquela tarde estúpida — rebate, ajeitando-se em sua cadeira e levando os olhos até a tela do seu computador.

— Ah, que porra, Héron! — Ergo o tom de voz, o que finalmente chama sua atenção. E, obviamente, o modo como lhe dirijo a palavra o deixa ainda mais possesso comigo. Como se já não estivesse possesso o suficiente. Com um suspiro estrangulado, e sob seu olhar irado, me atrevo a dar passos para frente até me sentar em uma das poltronas disponíveis, mesmo que ele não tenha oferecido. — Estou tentando ter uma conversa civilizada com você desde sábado, mas você não colabora — reclamo.

Héron afaga o queixo preenchido por um leve cavanhaque e torna a se recostar na cadeira, observando-me agora sem sua cara mal-humorada. Bem, *não muito* mal-humorada. Sua expressão se suavizou um pouco, mas ainda continua como se quisesse me pôr em seu colo e dar uns tapas na minha bunda — não de um jeito bom, se é que me entendem.

— Você me beijou para fazer ciúmes naquele investidor metido a besta, Marie. Não espere que eu esteja um docinho com você.



Certo. Se bem entendi, Héron está chateado porque o "usei" na frente de Emilien. Quem diria que por trás de toda essa pose arrogante e rude tem um homem com sentimentos. Abano a cabeça em negativo, tentando afastar os pensamentos e me focar no que realmente importa.

— Não! Não foi para fazer ciúmes — explico, meio alarmada. Ele entendeu tudo errado. — Emilien pisou na bola comigo dois anos atrás e agora voltou arrependido, querendo perdão e uma segunda chance. Mas não estou mesmo disposta a cair naquele charme dele. Acabei dizendo que estava com alguém, Dupont sugeriu que provasse, aí você apareceu e…

— … decidiu me beijar — completa por mim. — Você agiu de forma inadequada. Sou seu chefe, você me deve algum respeito — fala, a voz dura feito rocha.

Engulo em seco.

— Eu sei. *Je suis désolée*. Estou ciente de que foi uma ideia muito, *muito* estúpida. Não vai mais voltar a acontecer.

— Pois eu acho muito bom — exige, da sua forma áspera. — Agora, esqueça isso e me deixe trabalhar, *oui?* — Abano a cabeça e me levanto do meu lugar. Já estou chegando à porta quando ele me informa: — E não se esqueça que temos reunião hoje, no último horário. Vamos escolher o tema da edição especial e conhecer o novo sócio do grupo *Intéressant.*

— Não vou esquecer. — E nem poderia, pelo amor de Deus.

São cinco da tarde. Tecnicamente, eu já deveria estar batendo ponto para ir embora, mas o novo dono do grupo editorial fez questão de ter essa abençoada reunião no último horário. Segundo Poirier, ele tem uma agenda cheia e essa hora foi a única que encontrou em sua lotada semana. Sinceramente, não sei por que de sua visita e por que faz tanta questão de participar na nossa reunião para a escolha e designações para a edição especial. Normalmente eles ficam lá do alto

— na sede do grupo — comandando tudo e estudando o mercado.

Toda a equipe que estará envolvida na matéria já está reunida na sala de reuniões no quinto andar. Héron está na cabeceira da extensa mesa de vidro, na ponta oposta, claro, porque a outra ponta, a que está logo atrás de um enorme telão estampando o logo da revista e do grupo editorial por um projetor, pertence ao Senhor-Todo-Poderoso-Desconhecido. Estamos equipados com água, caneta, blocos de anotação e notebooks, aguardando a chegada da única pessoa que falta. A mesma que paga nossos salários.

As portas duplas de madeira se abrem um segundo mais tarde. Uma conversa animada e risadas discretas são trazidas para dentro junto com os homens que entram. Héron se põe em pé imediatamente, pronto a recebê-lo. Sua expressão muda de agradável e receptivo para assustado e surpreso. Os olhos escuros voam até mim e aquele sentimento de querer apertar meu pescoço surge em sua íris.

Desvio meu olhar do seu, cada fibra do meu corpo parecendo travar enquanto reconheço as costas largas e a voz grossa. O novo sócio está acompanhado de um dos acionistas, um senhor de cinquenta e tantos anos que o toca nos ombros como se fossem amigos íntimos há muito tempo. Eu, em meu lugar, estou rezando para todos os deuses para ser apenas alguém parecido com ele.

— Héron, meu querido! — Guillaume exclama, andando na direção do editor e conduzindo o visitante junto, contornando a mesa. — Deixe-me te apresentar a Emilien Dupont.

A mandíbula de Héron está tão contraída que acho que ele pode quebrar os dentes. Quando Emilien o reconhece, seus olhos percorrem todo o ambiente até estacionarem nos meus. Sustenta-me com seus olhos azuis enquanto caminha junto do velho Guillaume. Puta merda, como esse desgraçado está bonito. Usa um terno azul-marinho, gravata cinza e camisa azul que destaca a cor dos seus

olhos. Esse homem, definitivamente, sabe vestir um terno.

— Emilien é o novo sócio majoritário do grupo — o mais velho avisa, enquanto os dois trocam um aperto de mão. Héron ainda tenso.

— Sério? — Poirier exclama, alternando o olhar entre os dois homens.

— Nos vimos no sábado, no Dames Parisiennes, e não me disse nada, *monsieur* Dupont.

Um segundo de silêncio paira no ar. Poirier não economiza na rudeza nem mesmo com o chefe! Emilien não parece abalado com a afronta. Pelo



contrário. Enfia as mãos nos bolsos da calça e responde com um leve sorriso:

— Não achei que fosse apropriado falar de trabalho naquela ocasião. —

Ao menos não deu a esfarrapada desculpa de *"Não sabia que você é editor aqui"*, porque uma das coisas mais exaltadas nele quando apresentado ao público foi seu trabalho na *Intéressant*.

Discretamente, levo a mão à boca, recebendo a informação. Se Emilien é o novo sócio majoritário, e no sábado ele já tinha conhecimento da posição do meu editor na revista, há quanto tempo esse gostoso de uma figa sabe que sou jornalista aqui? Minha boca do estômago recebe uma pontada incômoda. Preciso inspirar fundo e me obrigar a pensar nisso mais tarde, pois agora Guillaume está apresentando-o ao resto da equipe, enquanto ele se põe em seu lugar de Poderoso Chefão.

Oh mon Dieu! Só agora me dou conta.

Emilien é meu chefe.

A reunião dura longas e torturantes quatro horas. Nós definimos o tema da próxima edição especial — Revolução Francesa —, designamos quem escreverá

o que, os subtemas, revisores responsáveis, ilustradores, designers, editores, supervisores, fotógrafos etc. Durante todo o tempo, me esforcei muito para não o olhar. Pela visão periférica, entretanto, notei que Emilien não teve a mesma preocupação. Ele me observava, não sei se discretamente ou sem cerimônia. Confesso que, em dados momentos, não aguentei e procurei pelos olhos dele. Às vezes o pegava concentrado no que estava sendo debatido, a postura impecável em seu lugar, dedos nos lábios, olhos atentos. Então, parecia me sentir e me olhava de volta — e eu rapidamente fugia, pega no flagra. Outras vezes, Emilien já estava me olhando, com a mesma paixão e intensidade que me olhava desde o dia em que nos conhecemos.

Dupont fica até o fim. Sinceramente, acreditei que iria embora logo na primeira hora, porque realmente essas reuniões não são nem um pouco

animadoras. Mas aí me lembrei de que ele é CEO e dono de uma das maiores empresas de investimento do país e já deve estar habituado a reuniões até mais entediantes do que essa.

— Então é isso, pessoal — Héron diz, dando a reunião por encerrada.

As pessoas começam a juntar suas cosias sobre a mesa, saindo pouco a pouco. Sou uma das primeiras a sair e ir direto para a cafeteria da redação.

Preciso de uma dose de cafeína forte o bastante para me ajudar lidar com essa situação que ainda não consegui digerir muito bem. Emilien é meu chefe. Dono do grupo editorial que têm variados títulos de revistas. Não tenho dúvidas de que ele virá aqui com frequência só para me atormentar.

Preparo a cafeteira, à meia-luz do cômodo, e tento ignorar meus pensamentos. Emilien é um homem ocupado. Vive em viagens, reuniões, conferências. Espero que sua agenda para o próximo milênio esteja bem cheia, sem brechas e chances de ele vir parar na redação.

— Marie. — Uma mão pousa em meu ombro ao mesmo tempo que uma voz me chama, sobressaltando-me. Coloco a mão no coração e me viro para Héron, que tem uma carranca no rosto. — Você me colocou em uma situação delicada — fala, afastando-se um passo, sem nunca tirar a expressão de desagrado. Bato a mão na testa. Entendo o que ele quer dizer. — Posso perder o meu emprego.

Perco o ar por um segundo.

— Héron… — digo, com cuidado. — O Emilien não vai te demitir.

Tenho certeza disso.

— Bem… — rebate, indo até a cafeteira e pegando o *meu café* que já está pronto. Em vez de me entregar, toma um gole, sem nem mesmo adoçar.

Amém. — Ele pensa que estamos juntos, gosta de você e está tentando te reconquistar. Agora, Dupont é meu chefe e se quiser *me tirar do caminho*, tem poder suficiente para fazer isso.

Encaro-o por alguns segundos, sem saber o que dizer nesse momento.

Entendo a preocupação dele, de verdade, mas eu conheço Emilien. Ele não é esse tipo de cara.

— Poirier — a voz sedutora de Dupont ressoa às suas costas. Firme, forte, dura. Ah, droga! — Antes de ir embora, posso falar mais dez minutos com você?



Héron olha para mim seriamente por um segundo inteiro. Se pudesse, me comeria viva, tenho toda certeza. Então, lentamente, se vira para Emil e sorri forçado.

— Claro — anui, com um mover de cabeça. Erguendo a xícara de café, que roubou de mim, completa: — Te encontro em um minuto. Se não se importar em ir à frente e me esperar na minha sala.

Lançando-me um último olhar intenso, Dupont acena em positivo e se retira.

Poirier termina seu café em um gole só, bate a xícara contra a bancada de granito e se aproxima de mim, sussurrando em meu ouvido:

— Se eu perceber que meu emprego e minha carreira estão em jogo por conta da sua mentira idiota, vou dizer toda a verdade, Marie.

Não tenho tempo de respondê-lo, pois Héron já foi ao encontro de Emilien.

Decido esperá-lo. Preparo outro café para mim e volto à minha mesa, ligando o computador e tentando me concentrar em algumas pesquisas. Quinze intermináveis minutos se passam até a porta da sala de Poirier se abrir. Ele e Emilien saem juntos, conversando alguma coisa que não consigo captar.

Dou um salto imediato da minha cadeira, já pronta a qualquer coisa, se necessário. Os olhos de Emil vêm até mim, surpresos pela minha presença. Seus lábios suculentos se abrem em um pequeno sorriso.

— *Bonsoir,* Marie. — Deseja-me boa-noite, enfiando as mãos no bolso.

Analiso Héron. Ele não está com cara de pitbull raivoso. Sinal de que não foi demitido, certo?

— *Bonsoir,* Emilien — respondo, soltando lentamente o ar dos pulmões.

Héron me olha, molhando o lábio inferior.



— *Chérie,* você vem lá para casa?

Oh Céus! Ele ainda quer manter essa farsa na frente de Dupont. Que raios esses dois conversaram no escritório dele? Troco o peso da perna e ajeito meu cabelo. Quando procuro por Emilien, ele está estático no seu lugar, a cinco metros de distância de mim, o corpo parecendo tenso debaixo do terno, os olhos analisando-me como um predador destemido.

— Vou ficar mais um pouco — respondo, por fim. — Quero terminar um trabalho que comecei. Espero que não se importe.

— *C’est bon* — Poirier responde, vindo até mim e deixando um beijo casto em minha testa. Seus olhos abaixam-se para os meus. Sem dizer mais nada, ele se vira e vai embora.

Um instante mais tarde percebo que estou sozinha com Emilien na redação da revista.

Droga.

Estou encrencada.

Emilien permanece longe e em silêncio, apenas olhando-me. Seus olhos agora estão meio abatidos e tristonhos, as mãos continuam dentro do bolso, mantendo a postura casual e despreocupada. O que não parece combinar nada com a expressão tensa e triste.

— Você vai demitir o Héron? — É a única coisa que consigo perguntar para quebrar o silêncio entre nós.

Suas belas e grossas sobrancelhas vincam diante meu questionamento.

— Eu tenho motivos para demiti-lo? — responde com outra pergunta.

Passo a língua pelos lábios, desviando meu olhar do dele. Outra vez, uma quietude desconfortável recai sobre nós. Sou orgulhosa demais para admitir em voz alta que achei que ele demitiria Poirier por causa do nosso namoro de

mentira. Entretanto, Emil é um homem inteligente e com toda certeza sabe minhas razões para ter feito uma pergunta tão idiota e narcisista dessa maneira.

— Não sou esse tipo de cara, Marie — diz, suavemente. Olho-o outra vez. — Entenda, eu quero muito uma chance com você. — Pausa. Olha para os lados, molhando o lábio inferior. — E sei que insistir nisso, enquanto você está comprometida com ele, é muito errado, mas não posso evitar. — Então, os olhos azuis estão nos meus de novo. — E quero fazer isso da maneira certa. De um jeito honesto. Se demiti-lo por sua causa, pelas razões que estão se passando nessa sua cabecinha, não seria justo e seria um tiro no pé. E, de qualquer maneira, *não sou assim* — repete, desta vez enfatizando.

— Sei que não — concordo, maneando a cabeça. Emilien permanece em seu lugar, quase sem se mover. — Por que está tão longe? — murmuro, não podendo acreditar que realmente fiz isso. A última coisa que quero é este homem muito perto de mim.

Ele arregala os olhos e respira ruidosamente. As pernas parecem vacilar por um segundo enquanto suas íris estão cravadas em minha direção. Com um suspiro trêmulo e longo, Emilien responde:

— Estou resistindo. — A resposta me deixa confusa. Cruzo os braços na frente do tórax e troco o peso da perna. — Estou resistindo à vontade de me aproximar, te pôr em meus braços e roubar um beijo, porque desesperadamente sinto falta da sua boca na minha. E a última coisa de que preciso — sua voz agora desce uma oitava e os olhos fitam o chão, como um garotinho envergonhado — é que você mova um processo de assédio sexual contra mim ou a empresa.

Pestanejo seguidas vezes, querendo gritar com ele para que se aproxime e me tome em um beijo, sim! Que me coloque nos seus braços e enfie sua língua na minha boca, porque, assim como ele, também sinto sua falta e falta dos seus lábios suculentos, do seu toque, do seu calor. Esforço-me para evitar as lágrimas e soltar que tenho saudades.

— Preciso ir agora, termino meu trabalho em casa, mesmo — informo, virando-me de costas para que ele não veja o estado que sua declaração me deixou, e nem que o sentimento e a vontade são recíprocos. Pego minha bolsa na cadeira e guardo meu celular e outros pertences.

— Precisa de um táxi ou uma carona? — pergunta, baixo e rouco. —

Está tarde.

— Estou com meu carro. *Merci.* — Jogo a alça da bolsa no ombro e me viro para ele. Inspiro fundo uma última vez antes de tomar coragem e mover minhas pernas para ir embora.

Odeio admitir. Mas está sendo cada vez mais difícil deixá-lo.

Renúncia

EMILIEN

CAPÍTULO 11

Dezesseis anos antes

— EMIL! — A voz alta, estridente e infantil de Nicole reverbera pela mansão assim que atravesso a porta de entrada.

Ela vem correndo em minha direção, abraçada a uma boneca Barbie, e pula no meu colo. Uma gargalhada escapa de mim enquanto a aperto em meus braços e beijo sua bochecha.

— *Petite soeur!* Que saudade de você, pirralhinha! — exclamo, bagunçando seus cabelos áureos.

Mamãe aparece na sala, caminhando como uma soberana dentro de sua roupa elegante, o cabelo impecável e a maquiagem leve. Seus olhos azuis e frios me analisam de cima a baixo. O sorriso é conciso e quase sem vida. Inspiro fundo e desço minha irmã do meu colo, que se mantém agarrada à minha cintura.

Elizabeth se aproxima de mim, segura-me firme pelos braços e me olha

nos olhos um segundo antes de me dar um abraço apertado.

— Emilien — diz apenas, afastando-se, mas ainda mantendo os dedos em meus

ombros.

— *Salut*, *maman* — cumprimento-a de volta e lhe dou um beijo na bochecha.

Mais uma vez, ela me analisa, erguendo uma sobrancelha inquisidora.

— Tem se alimentado direito, querido? Parece tão magro e desnutrido —

aponta.

Suspiro e bagunço um pouco mais os cabelos de Nicole.

— *Oui*, *maman*. Estou comendo direito, não se preocupe.

Ela faz uma careta de quem não está muito convencida de minha resposta, mas a aceita, de qualquer maneira. Segurando em meu pulso e no de Nicole, nos leva até a sala de jantar, onde a mesa do café da manhã está posta.

Elizabeth se senta à cabeceira enquanto me acomodo no primeiro lugar ao seu lado esquerdo e minha irmã à minha frente.

— Acredito que aqui se alimentará melhor durante sua estadia — mamãe diz, servindo-me com leite morno. — Não me surpreenderia se soubesse que convivendo com aquela sua amiga… — Faz uma pausa, talvez tentando se recordar do nome em questão. — Désirée Lacroix… você esteja apenas a base de frituras, refrigerantes e *fast food*.

Minha mãe é um poço de exagero quando quer. Mas conheço sua estratégia. Isso é seu modo de tentar me convencer a voltar a morar aqui. Sei de cor e salteado o padrão de Elizabeth Dupont. Ela começa a pôr defeitos e obstáculos na minha vida fora dessas paredes e depois enaltece os benefícios que seria se eu tornasse a viver junto dela.

— *Mère*, não se preocupe comigo. Tenho mantido uma alimentação saudável, durmo oito horas por dia, faço exercícios físicos e não assisto pornografia — brinco, arrependendo-me da última parte. Esqueci-me completamente de Nicole na nossa presença.

— O que é pornografia, Emil? — a menina pergunta um segundo depois, distraída, amaciando os cabelos da sua Barbie.

Engulo em seco e olho para minha mãe, que já está pronta para comer meu fígado. Pigarreio um segundo enquanto procuro por uma explicação que

satisfaça a curiosidade sagaz e praticamente insaciável da minha irmã caçula.

— É uma coisa feita para adultos que nem mesmo adultos deveriam ver.

Suas pequenas sobrancelhas se vincam e ela me olha atentamente, confusa com minha resposta.

— Se é feita para adultos, por que adultos não deveriam ver?

— É isso que estou te dizendo, *petite soeur*. É algo muito feio. Mesmo para adultos. Por isso, os bons adultos não assistem a essa coisa feia. Entendeu?

Parecendo satisfeita com minha resposta, torna a se entreter com sua boneca enquanto toma um copo de leite e come alguns biscoitos de chocolate.

Mamãe se serve com café, a carranca ainda em suas expressões levemente envelhecidas, não sei se por causa do assunto pornografia na frente da minha irmã ou se porque mais uma vez tentou me convencer a voltar para casa e mais uma vez estou negando.

Tomo um gole do meu leite, ignorando por ora seu mau humor, e corto um pedaço de bolo.

— Onde está o papai? — pergunto alguns segundos depois.

Limpando os lábios com um guardanapo, mamãe informa:

— No escritório no andar de cima. Teve uma reunião de última hora.

Pediu desculpas por não poder te receber, mas estará na mesa conosco no horário do almoço.

O restante do café da manhã, entre mim e mamãe, é feito sem assunto algum. Ela come quieta sua porção de fibras, carboidratos bons e proteínas.

Nicole me conta todas as novidades da escola e as coisas que está aprendendo, os livros que leu no último mês, as amizades recentes feitas na nova turma e

pratica um pouco de seu inglês comigo. Depois, me pede para falar do meu curso. Nesse momento, mamãe pigarreia furiosamente à mesa, tentando atrapalhar o assunto. Sei que é de propósito.

— Em vez de te falar, que tal eu te mostrar? — falo, balançando as sobrancelhas.

Terminada minha refeição, pego minha irmã pelos punhos e a levo até meu quarto. Minha pequena bagagem, que um dos funcionários da casa trouxe para cá, está em cima da cama. Reviro-a até encontrar minha câmera fotográfica e levo Nicole para o extenso jardim atrás da mansão.

— Que tal um ensaio fotográfico, irmãzinha?

A menina se anima com a ideia, pulando e batendo palminhas. A próxima hora é recheada de risadas, poses, cliques e alguns malabarismo para que eu consiga pegar um ângulo bem bacana para as fotos. Nicole leva jeito para a coisa. É bonita, muito sorridente e espontânea, além de fotogênica. Nem faz esforço para sair bonita nas imagens e consegue essa proeza mesmo fazendo caretas. Minha irmã é uma fofa.

Estamos fazendo uma série de imagens na piscina quando mamãe surge:

— Você continua com essa ideia tola de ser fotógrafo, Emilien? —

Quando a olho, ela está se acomodando em uma das espreguiçadeiras, trajando um maiô preto e óculos escuros. Sem me encarar, passa o protetor na pele, com movimentos elegantes e suaves. — Que desperdício de talento.

— Já falamos sobre isso, *mère*. — Solto um suspiro cansado e caio na espreguiçadeira ao lado. Nicole, de cara fechada e braços cruzados, vem até mim, frustrada com a interrupção. Estávamos nos divertindo. Acolho-a em meu abraço e beijo sua bochecha.

— Já — confirma, virando-se para mim. Retira os óculos escuros e me encara seriamente. — Contudo, você prefere não me dar ouvidos e insiste nessa besteira. Está jogando toda a oportunidade de uma vida por causa… *disso?* —

indaga, desdenhosa, apontando para a câmera pendurada em meu pescoço.

— Está vendo por que não volto a morar aqui? Tem três meses que não me vê e,

quando venho fazer uma visita, tudo o que sabe fazer é me criticar! —

protesto, levantando-me do meu lugar e passando a mão pelos cabelos.

— Não briguem, por favor — Nicole pede, agarrando-se às minhas pernas.

Na mesma velocidade, Elizabeth também se levanta, apontando um dedo indicador em minha direção, bradando:

— Você é um ingrato! Seu pai e eu batalhamos uma vida para te dar a oportunidade de ser alguém, uma pessoa importante, para batalhar *conosco*, mas você quer ser um fotógrafo inútil! Pense, Emilien, quantos rapazes na sua idade não gostariam de ter a oportunidade de ser um empresário importante? Você tem isso e está jogando pela janela.

Abano a mão no ar, arrependendo-me de ter vindo. Talvez eu vá embora ainda hoje e não volte mais. Quando eu quiser ver meu pai e minha irmã,



marcamos um lugar para isto. Mas não posso. É toda vez a mesma história.

Basta estar dez minutos no mesmo ambiente que minha mãe e que eu não esteja cumprindo seus desejos para ela me atormentar e me tirar do sério.

— Para mim já deu, *maman*. Vem, Nicole, vamos entrar — falo, puxando minha irmã pelo punho.

Às minhas costas, Elizabeth grita comigo, me manda voltar, a não a ignorar ou lhe dar as costas. Faço cada uma delas, pouco me importando. Ela grita cada vez mais alto à medida que me afasto, quase consigo sentir sua garganta arranhando. Mulher histérica.

— *Maman!* — Nicole esbraveja, soltando-se do meu apego e correndo na direção oposta.

Tento impedi-la e quando me viro para onde estávamos, vejo minha mãe estirada

no chão, inconsciente.

— Taquicardia? — papai pergunta ao médico.

Estou encostado à porta da suíte principal, observando de longe. Mamãe está deitada na cama, coberta por um lençol fino, consciente outra vez, acariciando os cabelos áureos de Nicole e lançando-me olhares culposos.

Suspiro e desvio o olhar para o senhor de jaleco branco, o médico da família, que veio imediatamente atender à emergência.

Depois que Elizabeth caiu desmaiada na beira da piscina, mandei minha irmã chamar pelo papai enquanto a pegava no colo e a trazia para cá. Uma das funcionárias chamou pelo médico. Thierry mal falou comigo — não quis nem saber o que aconteceu — e ficou o tempo todo ao lado da esposa.

Após examiná-la, o doutor já tinha um prognóstico.

— Taquicardia — o profissional afirma. — Mas Elizabeth não tem nenhum problema cardíaco, então acredito que possa ter sido apenas um susto causado por algum estresse emocional.

— Viu só, Emilien, o que você fez? — mamãe acusa, como eu achei que acusaria.

Já estou acostumado a essas culpabilizações. Sempre que a contrario e ela passa mal, mamãe atribui suas dores e mal-estar a mim, por não a ouvir e saciar seus desejos. Ao longo dos anos, principalmente durante minha infância, quando eu era uma criança inocente das manipulações dela, esse seu “método”

funcionava comigo. Dores de cabeça aqui, machucados causados por distrações ali, choros exagerados acolá, e pronto. Estava nas mãos dela, fazendo tudo o que pedia para que não a visse mal. Na minha cabeça, eu realmente tinha causado toda aquela tristeza nela e me esforçava para não a deixar mais triste. Isso significava que, muitas vezes, suprimi minhas vontades em razão das dela. Por mais que Elizabeth sempre tenha usado isso para me manipular, nunca chegou ao ponto de um desmaio. O que agora realmente me deixa assustado e traz à tona o sentimento de culpa que tive quando criança e demorei a me libertar — apenas com ajuda profissional.

Papai se vira para mim, o rosto demonstrando paz serena. Thierry sempre ouve todas as versões antes de tomar qualquer partido. Teria sido um bom juiz se tivesse seguido por esse caminho.

— Como isso pode ser culpa sua, Emil?

Encolho os ombros e olho para baixo. Antes que eu possa responder, minha mãe o faz por mim:

— Porque ele é teimoso, Thierry! E ingrato. Um filho que só me dá decepção. Estava apenas tentando convencê-lo a mudar de ideia e investir em um curso que possa capacitá-lo para estar à frente da empresa da família, mas ele me ignorou, deu-me as costas! Veja que filho mais mal-educado nós criamos.

Papai ouve palavra por palavra sem se dar ao luxo de encarar minha mãe.

Seus olhos idênticos aos meus não se desgrudam de mim. Ele ergue as sobrancelhas ao fim do dramático discurso da esposa, sabendo que ela está exagerando um bocado.

Sem nada dizer a nenhum de nós dois, Thierry se volta para o médico e o agradece pela visita. Chamando uma funcionária, pede para acompanhá-lo até a saída. Quando somente a família está no ambiente, papai diz:

— Vocês já não haviam conversado sobre esse assunto? — Olhando para minha mãe, ele completa: — E você não tinha aceitado a escolha de Emil, *mon amour*? A felicidade dele está acima de qualquer coisa.

Elizabeth solta uma risada sem humor, até meio histérica, eu diria.

— Este menino ainda é uma criança! E está tomando decisões que, no futuro, se arrependerá. Thierry, *mon chéri.* — Ela o segura pelas mãos, de um jeito amoroso. — Preocupo-me com nosso filho. Apenas *eu* sei o que é melhor para ele.

— A senhora está certa — digo, interrompendo o momento deles por um segundo. Um silêncio ronda o quarto. Ainda estou olhando para baixo, segurando a tristeza nos olhos e perguntando-me por que estou tomando essa decisão tão estúpida. Não aprendi nada sobre Elizabeth e sua mania de me fazer de marionete?

Ergo os olhos para minha mãe e me aproximo, sentando-me ao seu lado.

Ela me olha atentamente, as íris azuis mais suaves, como se já soubesse que ganhou esse maldito jogo. Meu pai tem as sobrancelhas unidas, esperando-me terminar de dizer.

— Vou… desistir do curso de fotografia — revelo, pegando-a pelas mãos.

— Emil… — A voz de papai é um mero sussurro de advertência.

— A empresa da família vai precisar de mim no futuro e… não quero desapontar ninguém. *Mère*, estou cansado de discutirmos sobre isso, cansado de ficar tempos sem ver minha família por conta dos nossos desentendimentos. Se me preparar para assumir a Dupont Investimentos é o que te fará feliz e o que acabará com nossas intrigas… — Suspiro alto, esforçando-me ao extremo para segurar as lágrimas para mim. — Então farei isso.

Mamãe abre um sorriso enorme — de vitória — e me traz para um abraço apertado, maternal. Aperta minhas bochechas depois, dizendo como estou tomando a atitude correta, para o bem de todos. Consigo sorrir pouco, beijo sua testa, digo que a deixarei descansar e me ausento do quarto.

Estou descendo as escadas quando papai me aborda:

— Emilien.

Giro nos calcanhares e o encaro. O semblante dele muda radicalmente quando nota que meu rosto está molhado. Em um segundo, estou nos braços dele.

— Filho, está tomando a decisão errada. Elizabeth está manipulando você.

— Eu sei — respondo com um suspiro estrangulado. — Mas tudo que disse lá é verdade. Pai, estou cansado de mamãe me punir dessa maneira. Se para ter um pouco de paz eu preciso abrir mão dos meus sonhos em razão das vontades narcisistas dela, que assim seja. Vou mudar de curso, vou voltar para cá. Vou fazer cada maldita coisa que ela quiser. Não suporto mais a saudade de você, de Nicole, até dela… porque mamãe é boa comigo quando não a estou contrariando. Estou cansado das discussões, das ofensas, mesmo eu a vendo uma vez a cada três meses. Não sei o que fazer a não ser acatar os desejos dela.

Papai suspira pesadamente e me afasta de seu abraço. Seus olhos se cravam em mim, repletos de dor e emoção. Ele tenta, por várias vezes, me dizer alguma coisa, mas nada sai dos seus lábios. É até engraçado pensar que, quando saí de casa, no ano passado, foi por causa da minha mãe e da nossa convivência.

Saí de casa para poder trilhar meu próprio destino, fazer minhas próprias escolhas, mas agora estou voltando e desistindo dos meus sonhos quase pelo mesmo motivo que me levou a me mudar. Elizabeth *sempre* vai ter algum controle sobre mim, minhas escolhas e vontades.

— Apenas saiba, *mon fils*, não importa qual decisão você tome, qual caminho você siga. Sempre estarei aqui para te apoiar.

Ele me toma em outro abraço apertado e só então, pela primeira vez desde que cheguei aqui, me sinto realmente acolhido.

Nosso instante é interrompido meio segundo depois.

— Thierry, eu soube de Elizabeth e… — Ela para de dizer quando me vê junto de papai. — Emilien! — exclama, alegre, e vem até mim. Dá-me um abraço apertado e beija o canto da minha boca. — Que saudades de você. Não sabia que estava aqui.

— Cheguei pela manhã — informo, mostrando um pequeno e forçado sorriso.

— E sua mãe? — indaga, olhando por cima dos meus ombros, direto para meu pai, um degrau acima. — Ela está bem, Thierry?

— *Oui*, Marjorie, foi apenas um susto. Nada demais. Vou informá-la de que você está aqui para uma visita. — Dizendo isso, papai se ausenta, deixando-me a sós com Chevalier.

— O que houve, Emil? — pergunta, acariciando-me nos braços.

Depois de papai, e da própria Nicole, Marjorie é quem mais consegue

cativar meu afeto. Ela é uma boa amiga e, apesar da sua quase veneração pela minha mãe, me apoiou nas minhas decisões, mesmo não concordando com elas.

Gosto dela. Nossas mães são melhores amigas desde sempre, o que significa que

crescemos praticamente juntos, pois sou apenas dois meses mais velho que ela.

Em algum momento dos meus dezesseis anos, eu a olhei com um pouco mais de malícia, até tivemos um namorico rápido e tiramos um a virgindade do outro.

Não duramos seis meses namorando às escondidas. Conhecemos outras pessoas, nos distanciamos por conta de estudos e viagens, mas mantivemos contato e amizade. Quando nossas mães descobriram que tínhamos namorado por algum tempo, ficaram bem animadas, a minha principalmente, e começaram a falar de casamento. Eu em particular achei ridículo que as duas quisessem nos unir em algum momento do futuro. Por mais que eu tenha gostado de Marjorie — em algum nível — não era o suficiente para me ver casado com ela. Quando me mudei, boa parte da histeria de Elizabeth era porque também não tinha conseguido me convencer a namorá-la. Muito antes disso, ela inclusive fazia de tudo para arruinar meus relacionamentos — que já não eram muitos.

Sorrio um pouco, sentindo-me levemente frustrado. Minha decisão de me mudar para cá outra vez alimentará as esperanças de mamãe em me juntar com Marjorie — e as esperanças da própria Marjorie, que descobri algum tempo atrás ainda ser apaixonada por mim.

— Só outra discussão rotineira com minha mãe — respondo por fim, parando de divagar.

— Emil… — Seu tom é uma reprimenda.

Abano a mão no ar.

— Elas vão acabar — garanto, olhando para um ponto fixo atrás de seus ombros, sem coragem o suficiente para olhá-la nos olhos. — Decidi voltar para cá e mudar o curso da faculdade. Estou decidido a fazer todas as vontades dela se isso for me dar a paz que quis nos últimos dezenove anos.

Os olhos de Marjorie brilham, esperançosos. Um sorriso conciso nasce em seus lábios bonitos pintados de alguma tonalidade de rosa.

— Inclusive a vontade que ela tem de nos casar? — Sua sugestão tem uma pitada de humor e uma pitada de verdadeiro desejo na mesma medida, em uma nuance quase imperceptível. Se não a conhecesse tão bem, se não conhecesse seus sentimentos por mim, teria notado apenas o deboche.

Aproximo-me um pouco mais dela, segurando-a pela nuca e a olhando

nos olhos.

— Vai depender do quanto minha mãe me atormentará com a ideia.

Sem mais nada a dizer, me distancio dela, precisando tomar um pouco ar e uma água gelada.



MARIE

CAPÍTULO 12

Café.

Desesperadamente preciso de café. Sabia que deveria ter tomado uma dose antes de sair de casa, mesmo levemente atrasada para meu expediente.

Chego na redação da revista e me encaminho direto para a copa para preparar minha dose diária de cafeína. Enquanto a cafeteira processa os grãos, tomo dois copos de água, como de costume. Confiro a hora em meu relógio de pulso. Ainda faltam dez minutos. Tenho tempo.

— *Bonjour* — uma voz rouca soa atrás de mim, assustando-me.

Não me viro imediatamente, precisando de um instante, não apenas para me

recuperar do susto, como para tomar coragem de encarar seus olhos azuis. O

que Emilien está fazendo aqui, antes das oito? Esse homem não tem mais o que fazer da vida, não?

Inspirando profundamente, giro nos calcanhares. Concentro-me em manter minha postura e não me sentir abalada por sua presença. Gente, tem necessidade de ser tão tentador dessa maneira? Ele está trajando um terno vinho

muito elegante, gravata preta, camisa cinza com estampa quadriculada e sapatos italianos que devem custar um ano do meu salário, se não mais.

— *Bonjour* — respondo, esforçando-me para ser educada.

Que diabos ele quer agora? Já não bastou a reunião de ontem, em que descobri que é meu chefe e dono de mais da metade do grupo editorial a qual a revista onde trabalho pertence?

Emil se aproxima, as mãos no bolso, seus olhos em mim. Prendo a respiração por um segundo. Ele se põe ao lado da cafeteira e ergue os braços longos até pegar uma cápsula de expresso. Então coloca uma xícara ao lado da minha, aperta alguns botões depois de inserir o cartucho no local indicado e fica ali, emudecido.

O meu lado da máquina — a que mói os grãos — já terminou de processar. Limpo rapidamente o compartimento dos grãos moídos e só então degusto da minha bebida. Rápido demais. O calor queima minha língua e me impede de sentir o sabor da cafeína.

— Então… agora você vai vir todo santo dia aqui? — Minha língua se desenrola para perguntar.

Emilien se vira em minha direção por um segundo, depois torna a dar atenção ao café que cai em sua xícara.

— Não. Nem tenho tempo para isso — responde.

— Não parece — murmuro, olhando para a espuminha se desfazendo no líquido preto.

Um segundo de silêncio paira sobre nós.

— O que quer dizer com isso? — pergunta, encostando-se à bancada, bem ao meu lado.

Seu perfume francês caro se acentua no meu olfato quando se aproxima mais de mim. Ainda olhando para baixo, vejo seus pés bem pertinho dos meus, cruzados. Ao olhar para o lado, seus olhos azuis estão mais próximos do que eu gostaria e permitiria depois de tudo. Os lábios estão tampados pela delicada xícara. Faço o mesmo, tomando uma dose do meu café antes de responder:

— Já veio aqui ontem, conhecer a redação. O que mais teria para resolver? Você comprou o grupo há mais de um ano e só ontem deu as caras.

Mas aí descobriu que eu trabalho aqui e decidiu aparecer hoje também?

Emilien envolve a pequena peça de porcelana com as duas mãos e olha para baixo. Um segundo mais tarde, se pronuncia:

— Não tive tempo de vir antes, Marie. Quando comprei os sessenta por cento do grupo , estava morando em Nova Iorque. Além disso, hoje tenho mais alguns assuntos pendentes para tratar com Héron antes de viajar e voltar só no fim de semana. Não se preocupe, não me verá com frequência por esses corredores.

Não dizemos nada um ao outro por longos segundos. Tento não criar paranoias na minha cabeça, mas é estranho o fato de ele ter comprado justamente o grupo em que eu trabalho e ter mantido seu nome desvinculado a essa compra até ontem. Franzo levemente o cenho, minhas engrenagens trabalhando dentro da cabeça. Olho-o meio de esguelha, sua atitude soando-me muito suspeita.

Além do mais, na festividade do Dames Parisiennes, no sábado, ele já sabia que eu estava trabalhando aqui, com toda certeza. Se fez de sonso, esse desgraçado.

— No sábado, você já sabia que eu trabalho aqui, *non?* — pergunto, soando acusatória.

— De forma alguma — nega, mas não acredito nem um pouco.

— Mas sabia do Héron — aponto.

— Sim, soube semanas antes do evento, quando doei uma quantia generosa em nome da empresa e precisava de alguém para representar o grupo.

Escolhi o Héron, porque ele tem um nome de peso no meio editorial e pedi para que o incumbissem de ir. Que você trabalha aqui, até ontem não sabia. A empresa é enorme, meu tempo é curto. Acha que ficaria horas procurando seu nome na relação de funcionários? Além do mais, só há poucos dias você me informou que tinha saído do *La Parisienne.*

Sua explicação faz sentido, mas ainda não me é suficiente. Ajeito-me, ficando de frente para ele, e o olho seriamente.

— Mas me parece que você sabia e comprou o grupo… — Paro de falar um instante, pensando em como isso vai soar muito, mas muito ridículo. Engulo em seco e decido não terminar minha frase. Movo a cabeça de um lado a outro e obrigo minhas palavras descerem pela garganta junto com o café.

— … que eu comprei o grupo por *sua causa?* — Enfatiza as duas últimas palavras, mas não de um jeito debochado e pejorativo. Tem algum tom divertido no modo como as pronuncia. Agora ele deve me achar uma babaca narcisista

convencida e metida a besta que acha que o mundo gira em torno do meu umbigo. — Isso não faz sentido, Marie. Até onde entendi, você está aqui há pouco mais de oito meses, enquanto eu comprei o grupo tem mais de um ano, bem antes de você vir para cá.

Bem, contra fatos não há argumentos. Ele tem razão.

— Espera… como sabe o tempo que trabalho aqui?

Dando de ombros e virando-se para colocar a xícara vazia dentro da pia, responde:

— Héron. Falamos de você ontem, em particular.

Pisco uma porção de vezes, absorvendo a informação.

Eles… falaram de *mim?*

— O que vocês falaram de mim? — Quero saber, pondo a mão na cintura.

Emilien se encosta à pia e coloca as mãos no bolso, abrindo um sorrisinho misterioso.

— Nada de mais, não se preocupe. — E é tudo.

A resposta não me agrada, mas não vou implorar para Emilien. Não digo o mesmo em relação a Poirier. Na primeira oportunidade, vou pressioná-lo e saber o que diabos falaram de mim.

— Certo. E por que comprar o grupo e esconder seu vínculo por tanto tempo? — Sinceramente, ainda não entendi o motivo disso tudo e, mesmo que ele já tenha argumentado a seu favor, minhas paranoias não são aplacadas. Tenho um sexto sentido que não falha. Por alguma razão, sinto que tem algo muito errado nessa história de comprar uma das maiores companhias editoriais do país.

— Negócios — explica, bastante evasivo, e fica por isso mesmo. Decido não insistir no assunto, porque de nada adiantará. Emilien não vai dar mais detalhes.

Tomo o restante do meu café — já quase frio — e ponho minha xícara dentro da pia, perto da dele. Então cruzo os braços na frente do tórax e o encaro.

— Por que comprar um grupo editorial? — sigo especulando. Deus, nada me tira da cabeça de que não há coincidência nenhuma de eu vir trabalhar justamente *para ele*.

Emilien exibe um sorrisinho maroto e suspira, desviando o olhar um segundo.

— Marie, constantemente estou à procura de revistas interessadas em fazer reportagens sobre minhas filantropias. Apenas achei mais viável ter logo uma empresa que atenda a essa minha demanda.

Encaro-o por alguns segundos, ponderando suas respostas. Odeio admitir, mas faz algum sentido. Enquanto vagueio pela minha mente, nem o vejo se aproximar de mim, elegante como um jaguar, e pôr seu corpo grande e quente perto do meu. Perco a respiração só por um segundo ao vê-lo bem próximo, seus olhos vasculhando os meus, as mãos pousadas na bancada da pia onde estou encostada, uma de cada lado, deixando-me encaixada em seus braços.

— Às vezes sonho com nossos dias na África — ele murmura, inclinando-se levemente em direção à minha boca. Sinto seu hálito quente e cheirando a café.

A boca dele é uma delícia, com sabor de café é ainda melhor.

Quase posso sentir na ponta da língua o gosto do seu beijo de cafeína.

Não quero admitir o mesmo. Nos últimos dois anos, sonhar com Emilien foi bastante recorrente. Não só sonhei com nossos dias no continente africano, mas até tive momentos fantasiosos. Como quando tive um sonho de que transávamos em uma festa de casamento.

Diante meu silêncio, ele continua, seu indicador roçando de leve em minha bochecha:

— Fui tão estúpido achando que podia te esquecer. — Sua voz está rouca e baixa.

Meu estômago dói. Vagarosamente, ele resvala o dedo pelo meu rosto, passando pelo queixo, pelo colo e para no meu decote, os olhos presos nos meus seios por vários segundos. Seu olhar de paixão queimando sobre mim me desestabiliza e mexe comigo lá embaixo.

Não consigo respondê-lo, nem mesmo formar uma frase coerente, porque estou surpresa demais com essa reaproximação e assustada como ele ainda significa algo para mim, mesmo depois de tudo. Emilien me magoou. Já deveria tê-lo esquecido e superado, não é?

— Você sente falta do meu toque tanto quanto eu sinto falta do *seu*? —

sussurra, o indicador agora deslizando mais para baixo, alcançando o interior da minha coxa. Homem atrevido! Ele me acaricia ali, mas não posso sentir pele na

pele por conta da meia-calça preta. Recuperando a sanidade, consigo empurrá-lo delicadamente. Ele se afasta, expressando uma cara entristecida. Não, ele não pode quebrar meu coração e achar que é simples ser perdoado. — O que preciso fazer para me perdoar, Marie? — indaga, colocando as mãos no bolso e olhando para baixo.

— Talvez nascer de novo e deixar de ser um idiota — respondo. Emilien me olha de um jeito indecifrável, provavelmente atingido pelo que eu disse. — E

nós já falamos sobre isso — pontuo, deixando um suspiro pesado escapar. —

Pare de me pressionar. Se tiver de te perdoar, deve ser naturalmente, não porque está me coagindo!

Ele dá dois passos atrás, como se tivesse sido atingido por um tiro, e se nega a me olhar.

— O que te faz pensar que estou te coagindo? — pergunta, olhando para os lados.

— Está insistindo no assunto, mesmo que de forma sutil, mesmo sabendo que estou com Héron — reafirmo minha mentira. Só quero que ele pare de se aproximar tanto… ou não sou capaz de resistir. E eu quero resistir. Não estou disposta a me entregar a ele de novo e arriscar meu coração pela segunda vez.

Emilien foi o único que conseguiu me ter por completo e foi o único a me despedaçar também. — Só se afaste e me deixe em paz.

— Então… não há nenhuma chance de eu ser perdoado? — inquire, meio entristecido. — Não há nenhuma maneira de eu tentar reparar o erro que cometi com você?

— Já te disse que não sou uma pessoa rancorosa, Emilien. Algum dia, pode ser que te perdoe. Mas não será hoje, nem amanhã.

— Não sei como conseguir seu perdão se você não me dá espaço para isso — fala, suspirando. — Podemos ser amigos, pelo menos? — Seus olhos azuis se erguem para mim quando muda de assunto meio bruscamente.

Jamais conseguiríamos ser amigos. Estou para responder isso, mas então noto que estou atrasada para meu turno — já deveria ter batido cartão há cinco minutos — ao mesmo tempo em que Héron surge na copa.

— Dupont… chegou mais cedo? — Olha para mim. — Tudo bem aqui, Marie?

— *Oui*. Preciso começar meu turno — digo rapidamente e me retiro



depressa.

Os dois ficam trancafiados no escritório por cerca de quarenta minutos.

Concentro-me no trabalho nesse interim, tentando não me sentir ansiosa e curiosa em saber sobre o que tanto tratam e por que falaram de mim no dia anterior. Quando Emilien finalmente deixa a sala de Poirier e vai embora, tomo uma dose dupla de coragem e o abordo antes que feche a porta e se refugie novamente:

— Quero falar com você, posso?

Com um aceno de cabeça, ele me dá passagem. Acomodo-me em uma das poltronas frente à sua mesa e o espero se ajeitar em seu lugar antes de soltar as palavras:

— Por que eu fui assunto entre vocês ontem à noite? — Não faço nenhuma cerimônia na pergunta. Sou direta e reta. Não há motivos para ficar dando voltas. Héron tem trabalho a ser feito, assim como eu. Então, direto ao assunto.

Ele se recosta à sua cadeira e leva o indicador aos lábios, analisando-me quase minuciosamente com os olhos semicerrados. Um suspiro escapa de entre seus dentes.

— Não foi nada de mais. *Ne vous inquiète pas.* — Não me preocupar?

Sua resposta é igual a de Emil e me deixa insatisfeita da mesma maneira. Bufo, não me importando em demonstrar minha insatisfação.

— Vamos, Héron, tenho o direito de saber — exijo, o que não é lá uma boa ideia.

Ele me olha com o maxilar meio tenso, com toda certeza desaprovando minha insistência, meu tom e o fato de estar fazendo-o perder tempo, do mesmo modo como *eu* estou perdendo. Inclinando-se para frente, apoia o corpo sobre os braços e diz:

— Falamos de trabalho, apenas. Isso te alivia?

Nem um pouco.

— *Non!* — rebato.

Héron revira os olhos.

— *D'accord. Écoute* — fala com um suspiro longo. Ajeito-me em seu lugar e me atento às suas palavras. — Emilien está fazendo um remanejamento.

Ele me deu uma promoção.

Pisco duas vezes, absorvendo o que ele disse. Mordo a carne interior da bochecha e cruzo as pernas, avaliando a informação. Emil o promoveu. E nós com medo de que fosse ser demitido.

— Dupont te promoveu a editor-chefe? — questiono. O brilho dos seus olhos pretos se intensifica e um sorriso enorme cresce em seu rosto.

— Não. Editor-executivo. Mas o processo ainda está em trâmite. Isso não deve sair daqui até minha mudança de cargo for oficial.

Balanço a cabeça em positivo, feliz por ele ter recebido uma bela promoção. Mas isso não explica como os dois envolveram meu nome durante a conversa. Parecendo entender meu questionamento interior, Héron se prontifica a explicar:

— Bem, como fui promovido, alguém precisará ficar no meu lugar. Ele perguntou se eu tinha alguém para indicar. — Não preciso demais para entender onde quer chegar; mesmo assim, ele faz: — Eu disse que você é uma forte candidata. Que apesar de estar há pouco tempo no grupo, tem um currículo invejável e experiência o suficiente para assumir meu lugar.

Não vou negar. Estou lisonjeada pela indicação. Um sorriso grande surge em mim com a perspectiva de ascender na editora.

— Não sei nem como te agradecer — digo.

Ele abana a mão no ar.

— Não é nada certo. Há outros nomes. Você terá concorrência. Emilien não foi específico se ele mesmo vai escolher alguém para o cargo ou deixará um responsável incumbido disso. Mas se for ele a escolher e se for um homem parcial… esse cargo já é seu.

Suas palavras me estremecem por dentro, desagradando-me. Quero muito

essa promoção, não vou negar, mas não quero subir na minha profissão dentro do grupo porque o dono tem uma paixão por mim. De maneira alguma. Meu crescimento profissional deve vir através de meus esforços. Nesse instante, uma coisa me acomete. Mesmo que Emilien incumba uma pessoa a selecionar um candidato apto, ele tem o poder de coerção. O homem pode simplesmente exigir que *eu* seja a escolhida. Ele está tentando ganhar pontos comigo e é inteligente o bastante para saber que se ele mesmo me der esse cargo, sairá mais prejudicado do que beneficiado. Eu não o aceitaria e ainda por cima ficaria mais irritada. Mas se me fizer pensar que fui promovida porque um responsável analisou meu currículo e meu trabalho e me achou apta para a função, o jogo estaria a seu favor. Se Emilien é inteligente, eu também sou. Ele que não pense que vou aceitar qualquer promoção para ser ludibriada!

— Ficou muda de repente. — Poirier me traz de volta. Recupero a postura e descruzo as pernas, colocando ambas as mãos sobre minhas coxas.

— Bem, vamos esperar. — É tudo o que digo. Não há mesmo o que ser feito nesse momento em relação a isto. Minha melhor opção é aguardar os próximos capítulos. — Tem outra coisa — falo, mudando de assunto. — Se recorda de que te pedi para ler o livro da minha irmã? — Héron balança a cabeça, concordando. — Depois da minha besteira de quase uma semana atrás, ainda vai ler? — pergunto, com cuidado, mordendo o lábio inferior. Espero sinceramente por um sim. Do contrário, terei de me refugiar em algum país do Terceiro Mundo para que Isabelle não me mate por ter estragado tudo.

Héron se recosta novamente à sua cadeira e responde, para meu alívio:

— *Oui*. O original está com você?

— *Non.* Está em casa. Posso trazer amanhã?

— Não. Tenho uma ideia melhor. Quero conhecer sua irmã, conversar com ela e pegar o original diretamente das mãos dela. Podemos marcar um jantar amanhã à noite?

— Tudo bem.

Ele me dá um sorriso enigmático e para encerrar nossa conversa, diz:

— Chego em sua casa às oito.



Minha parada obrigatória todo final de expediente tem endereço físico e serve cafés deliciosos. A cafeteria de Bernardo é um dos meus pontos favoritos em Paris. Depois de tomar um expresso bem-feito, vou me encontrar com Isabelle no supermercado para comprarmos os suplementos necessários para o jantar que Héron fez questão de termos para conhecê-la e pegar diretamente com ela seu original.

Não disse nada sobre o porquê de seu livro ainda não estar nas mãos dele, uma vez que prometi que na segunda-feira logo após o evento beneficente entregaria. Expliquei apenas que me esqueci de levá-lo dia após dia e que meu chefe decidiu, por fim, conhecê-la durante um jantar. A mentira pegou com facilidade e minha cabeça continua intacta, amém.

Dousseau está aqui quando chego. Conversamos por alguns minutos enquanto degusto do meu café e lhe conto a novidade de Emilien ser meu

“chefe”. Mais essa, agora. Ainda não me conformei. Meu amigo me dá um daqueles seus sorrisos galantes e cínicos, o mesmo que conquistou a esposa, e pouco fala sobre o fato de Dupont ter comprado outro grupo editorial. E isso me ocorre somente agora. Até onde sabíamos, enquanto seu nome não estava vinculado na aquisição das ações da companhia, a compra foi feita por outra empresa no ramo, uma concorrente, e o sócio majoritário detinha cerca de setenta e dois por cento de toda empresa. Não tinha ideia de que se tratava de Emilien.

Minha cabeça começa a funcionar de novo, achando isso tudo muito estranho. Se ele já tinha uma editora de revistas — e assim, poderia fazer as suas matérias de filantropia, como alegou ontem —, então por que comprar outra?

Certo, ele é um homem rico, um empresário e, acima de tudo, investidor bem-sucedido. É isso que investidores fazem, certo? Investem. Então ter adquirido dois grandes grupos editoriais é apenas isso: um investimento. Esperando estar certa disso, afasto meus pensamentos e me concentro na conversa com meu

amigo.

Algum tempo depois, Dousseau precisa se ausentar. Termino meu café, pago meu consumo e me encontro com minha irmã. Compramos todo o

necessário e rumamos até meu apartamento. Dividimos as tarefas e preparamos o jantar, Isabelle toda ansiosa e animada com a perspectiva de ter seu livro avaliado — e talvez até editado — por Héron.

Às oito em ponto, a campainha toca. Isabelle corre atender e eu a sigo de pronto. Poirier está do outro lado da porta, com um sorriso amigável — *sorriso, amigável e Héron na mesma frase?* — e as mãos dentro do bolso. Veste uma roupa bastante casual, diferente das formais às quais estou habituada a ver na redação da revista.

— *Bonsoir.*

Faço as devidas apresentações e o acomodo na sala. Servimo-nos com um bom vinho e iniciamos uma conversa agradável. A princípio, falamos de trabalho. Isabelle, embora se dedique bastante à escrita, é formada em engenharia de alimentos. Ela discorre um pouco sobre sua rotina e função.

Enquanto tagarela quase sem parar, sentada perto de Poirier, acabo por me dar conta de que deixei passar um ponto importante em nossa conversa no dia anterior. Quando minha irmã termina de falar (finalmente), manobro o assunto com cuidado:

— Anteontem… na sua pequena reunião com Dupont. — Héron abana a cabeça em positivo, prestando atenção em mim. — Vocês falaram algo mais além daquele assunto de… hum… bem… você sabe. — Lanço um olhar a Isabelle, que faz um beicinho por eu ser um pouco evasiva.

— Por que quer saber? — ele indaga, meio mal-educado.

Dou de ombros e tomo mais do meu vinho.

— Porque vocês ficaram bastante tempo na sua sala. Bem mais do que os dez minutos que ele disse. E depois Emilien voltou no dia seguinte, alegando que tinha assuntos pendentes com você. Fiquei curiosa. Mas bem, não diga se não quiser.

— Não deveria mesmo dizer. Marie, você está abaixo de mim na escala hierárquica. Não seja tão indiscreta e invasiva ao querer saber o que seu chefe tratou em particular com o dono da porra do seu trabalho.

Merde! Parece que não aprendo nunca. Levanto-me imediatamente, ignorando a rispidez dele. Enquanto deixo a sala, em direção, à cozinha, apenas digo:

— Mas deveria dizer, ao menos em consideração a todos os favores que

te fiz. Seu mal-agradecido.

Na cozinha, retiro meu jogo de jantar e começo a pôr à mesa. Héron aparece do meu lado oferecendo ajuda e entrego os talheres e guardanapo para ele. Distribuindo garfos, facas e colheres em nossos respectivos lugares, ele diz:

— O coquetel que fazemos todo ano… em comemoração à edição especial — começa, dando a volta na mesa. Não digo nada, apenas o olho e sigo distribuindo os pratos. — Deve saber que são dois. Um antes de iniciarmos os trabalhos, o outro no dia do lançamento. — Assinto e me encosto ao espaldar de uma das cadeiras, observando-o. — Bem, Emilien veio me informar que esse ano faremos em sua mansão, para economizarmos com locação, e me pediu para adiarmos em algumas semanas, para que possa participar porque a agenda está cheia até o final do mês. Então, marcamos para daqui um mês. É isso.

Troco o peso da perna e cruzo os braços.

— Certo. — Olho para os lados. Isabelle está vindo com um maço de folhas em mãos. Acredito que seja o original dela. — Vou servir o jantar. —

Estou retirando-me quando Héron me segura pelo punho e me faz olhá-lo.

— Marie, eu te contei tudo o que conversei em particular com Emilien.

Não deveria, mas contei. Espero que isso satisfaça sua curiosidade e você pare de me atormentar.

Dou um murro no seu ombro e abro um sorriso, esquecendo-me de sua grosseria minutos antes. Bem, de algum modo, mereci. Ele me acompanha com uma risadinha baixa e solta meu punho.

Sigo meu caminho sem nada dizer. Da mesma forma, ele não se desculpa. Héron não se desculpa. Nunca.

Já estou acostumada.

Sonhos enterrados

MARIE

CAPÍTULO 13

Já perdi as contas de quantos envelopes recebi nas últimas três semanas.

Talvez tenha sido um por dia, incluindo sábados e domingos. Com um suspiro, deixo minha bolsa sobre a mesa, tomo o envelope em mãos e o levo até a copa comigo, para meu ritual matinal de café antes do expediente. Enquanto a cafeteira mói meus grãos favoritos, analiso o envelope entre meus dedos. No anverso tem apenas meu nome, escrito com caneta preta em uma letra irregular, mas bonita. Uma letra que bem conheço.

Não vejo ou falo com Emilien desde a manhã em que esteve aqui para conversar com Héron. Não sei se simplesmente não teve mais tempo de vir, sob qualquer pretexto, ou se está, por fim, respeitando meu espaço.

Bem, nem tanto. Uma semana depois dessa ocasião, cheguei aqui na redação e me deparei com um envelope branco idêntico a este, destinado a mim.

Reconheci a letra de Emilien no instante em que vi meu nome gravado no papel.

Na mesma hora pensei em rasgá-lo em pedacinhos, jogar no lixo e depois atear fogo. Acreditei de que se tratava de alguma carta brega com pedido de perdão.

Por algum motivo, resisti à tentação de me livrar da correspondência e a abri. O

que tinha lá dentro pegou-me completamente desprevenida. Não havia nenhum pedido de perdão escrito em papel branco.

Havia uma foto. Nossa. A primeira e única. Tiramos durante nossa estadia no continente africano, depois de um dia cheio de trabalho com a equipe e a comunidade pobre de um dos bairros do Zimbábue. Com um sorriso, recordei-me de que foi um calvário convencê-lo a juntar nossas bochechas e bater o retrato. Tive até que chantageá-lo para abrir um sorriso. Eu quis postar nas redes sociais, mas, ao sugerir isso, o homem simplesmente travou e puxou o celular da minha mão querendo apagar a imagem. Tranquilizei-o de quem não o exporia, se assim fosse sua vontade, e consegui guardar a imagem. Meses depois, ele me pediu para enviar como mensagem em seu telefone. Estranhei o pedido, mas não o questionei.

No verso do retrato, em sua habitual letra irregular, estava escrito: *Você sente minha falta tanto quanto sinto a sua?*

Você significa tanto para mim.

Com carinho,

Emil

Não vou negar. Aquilo mexeu comigo de uma maneira incompreensível.

Eu sabia que se tratava apenas de uma das suas estratégias para reconquistar minha confiança, ainda assim, não pude evitar o sentimento. Se eu fosse um pouco mais orgulhosa, teria rasgado a foto em pedacinhos e jogado no lixo; ao invés disso, guardei-a na minha bolsa.

Desde então, ao menos uma vez no dia, recebo esse envelope de Emilien, sempre tendo uma foto e uma mensagem atrás. A seguinte depois dessa, recebi em meu apartamento. O porteiro me entregou. Dentro do elevador, enquanto seguia até meu andar, conferi seu conteúdo. A imagem em questão foi tirada no *Champ de Mars*, com a Torre Eiffel desfocada mais atrás. Um casal — de costas para a câmera — estava sentado no gramado do parque, ele com os braços jogados por cima dos ombros da companheira. Era um dia ensolarado. A mensagem atrás dizia:

Você sente falta da nossa amizade tanto quanto eu sinto?

Nunca encontrei uma amiga como você.

Com amor,

Emil

Só no segundo envelope entendi que, em suas mensagens, Emilien estava parafraseando uma frase que havia me dito dias antes: *Você sente falta do meu toque tanto quanto sinto do seu?* Não sei se interpretei direito, mas entendi, com os retratos ao longo dos dias, que não sentia apenas falta do nosso contato físico, do sexo, do prazer. Era no geral. Era nossa amizade, a cumplicidade, o companheirismo. Apesar de ter se afastado logo quando retornamos à França, continuamos amigos acima de tudo. Por vezes, nos encontrávamos e transávamos. Mas éramos bons amigos. Emilien nunca me procurou somente para o sexo. Houve muitas ocasiões em que tomamos café, almoçamos ou jantamos juntos e no final não acabei na cama dele. Outras tantas ocasiões passamos horas trocando mensagens e conversando por telefone.

Cada fotografia representava algo em nós que ele tinha saudade. A terceira imagem recebi na cafeteria de Dousseau. Foi tirada à noite, em um restaurante. Particularmente, gostei bastante dela; a câmera captou o momento em que um homem segurava a mão de uma mulher e encostavam suas testas; as luzes amareladas do local estavam desfocadas, rodeando o casal. Não posso dizer que expressões ambos tinham, pois o fotógrafo capturou apenas a silhueta deles. Ainda assim era uma foto muito bonita e romântica. A mensagem desta dizia:

Você tem saudade da minha companhia tanto quanto tenho da sua?

Sem você, tenho me sentido mais sozinho do que o costume.

Emil

Um casal se beijando indicava que ele sentia falta dos meus beijos. Um casal se abraçando, sua saudade era do nosso abraço. No metrô, um homem cabisbaixo e triste — e a foto em preto e branco — revelava seu arrependimento por ter feito o que fez.

Agora, depois de já ter perdido as contas de quantas imagens Emilien me enviou,

estou curiosa para saber que fotografia representa o quê. Encostada ao balcão da copa, ainda esperando a cafeteira processar os grãos, retiro a nova foto



de dentro. Então, sou pega de surpresa. Ergo meu olhar, averiguando o local, estranhamente tendo uma sensação de ser perseguida. Abaixo os olhos para o papel entre meus dedos e *me reconheço* na fotografia. Foi tirada ontem, depois do almoço. Deixando a cafeteria de Bernardo, segurava um copo de isopor com uma mão, e com a outra, o celular. Ria de alguma coisa olhando para a tela, parada na calçada.

Engulo em seco, perguntando-me se Emilien chegou a ponto de contratar alguém para me seguir e me fotografar. Os retratos anteriores não me foram uma preocupação porque ele deve ter encontrado as imagens na internet e mandado revelar. Mas agora… ele mandou me fotografar? Não gosto do sentimento na minha garganta.

Puxo a caneca e bebo um gole generoso do meu café. Cumprimento alguns colegas da redação que ali chegam e me retiro para minha mesa. Apoio a xícara perto do computador e só então tenho coragem de virar o verso e ler a mensagem de hoje.

Você sente falta do meu sorriso como sinto falta do seu?

Têm sido dias torturantes sem ouvir sua risada.

Com carinho,

Emil

Encarando a minha imagem nessa fotografia tomo uma decisão importante: a de quebrar o gelo entre mim e Emilien. Eu vou procurá-lo. E não será para me render.

A presidência fica no último andar — como já era de se esperar. Dentro do elevador, fico ensaiando minhas palavras para Dupont, caso o encontre. Sei

que ele é um homem ocupado e vive mais dentro do seu jatinho particular do que na cobertura, mas vou arriscar a sorte. De qualquer forma, se ele não estiver, posso esperar até amanhã. Amanhã será o coquetel da *Intéressant* para celebrar a nova edição especial da revista, que abordará a Revolução Francesa (aliás, estamos trabalhando a todo vapor). Emilien estará na celebração. De um jeito ou de outro, falarei com ele.

As portas do elevador se abrem para um extenso corredor. É a primeira vez que venho ao edifício da Dupont Investimentos. Lá fora, na fachada, um letreiro cinza traz o de forma imponente o nome da empresa. Avanço pelo corredor, atentando-me à textura das paredes e à sua cor terrosa. Vasos de plantas se espalham entre um canto e outro e todo o local tem cheiro de limpeza, de coisa esterilizada.

Ao fim do corredor, abre-se um imenso *hall*. Dois jogos de sofá dividem o ambiente; mesinhas de centro com diversas revistas, que acredito serem todas sobre investimentos, negócios, empreendedorismo… Uma televisão de *led* pendurada na parede de frente para os sofás passa um programa qualquer, em volume mínimo. Atrás do balcão da recepção, uma moça uniformizada fala ao telefone. O mesmo letreiro da fachada exibe-se aqui, na parede atrás da bancada, junto do logotipo da empresa, um D e um I meio que entrelaçados dentro de um círculo. Aproximo-me devagar e fico a uma distância considerável, esperando a recepcionista terminar sua ligação.

— *Bonjour.* — Ela finalmente me atende, com um sorriso caloroso. —

Em que posso ajudar?

Ajeito minha bolsa no ombro e respondo:

— Gostaria de saber se Emilien está. — Um segundo depois, noto que fui bastante informal. Como, por Deus, eu o chamo pelo primeiro nome?

— O *monsieur* Dupont está ocupado agora e não pode ser interrompido.

A senhorita tem hora marcada?

— *Non.* Mas tudo bem… Posso voltar outra hora.

A simpática funcionária olho no relógio e interrompe minha saída:

— O horário dessa reunião já está quase acabando. Se quiser esperar uns quinze minutos, confirmo se o senhor Dupont pode ou não atender a senhorita.

Um pequeno sorriso ilumina meu rosto e fico feliz pela iniciativa da moça.

— Isso não vai te colocar em apuros?

A moça balança a cabeça em negativo.

— O senhor Dupont é uma boa pessoa. Normalmente ele atende todo mundo que chega, mesmo sem hora marcada. Exceto quando está muito ocupado ou com a agenda apertada, o que de fato acontece na maioria das vezes, mas…

— Teclando rapidamente em seu computador, ela completa: — Ele tem duas horas livres na agenda hoje.

Arrisco esperar. Se a recepcionista me anunciar, e se Emilien realmente tem duas horas livres, tenho uma grande chance de ser atendida. Cerca de quinze minutos se passam até que a funcionária retira o telefone do gancho e me anuncia. Minha respiração falha por um segundo na expectativa.

— A secretária do senhor Dupont está te esperando — informa, após recolocar o telefone no gancho. — Só pegar a sua primeira à esquerda.

Agradeço à recepcionista e sigo as coordenadas. Esse segundo espaço é ligeiramente menor que o primeiro, mas imponente e bonito da mesma maneira.

O porcelanato preto reflete minha chegada. À minha frente, tem uma porta de vidro esfumaçado e folhas duplas. Uma mesa bem organizada exibe uma mulher na faixa dos trinta e cinco anos, loira, magra, alta, cabelos presos em um coque severo, usando um terninho preto e digitando rapidamente no computador.

Pigarreio um segundo, e então a secretária nota minha presença.

— *S’il vous plaît*, sente-se — diz, indicando o sofá no lado oposto, encostado à uma parede texturizada e em tom cinza. — O senhor Dupont já está finalizando e vai te atender em breve.

— *Je vous remercie* — agradeço, aceitando o convite de me sentar. A secretária pergunta se quero água ou café, mas declino aos dois. Pego uma das revistas da

mesinha de centro e folheio enquanto espero.

Não muito tempo depois, as grandes portas de vidro se abrem; Emilien deixa a sala acompanhado de um segundo homem, ligeiramente mais baixo e bem mais velho — talvez uns cinquenta anos. Contudo, não se parece nem um pouco com um empresário ou qualquer coisa do ramo da Dupont Investimentos.

Usa óculos, blazer *tweed* e calça de alfaiataria.

— Gostaria que você viesse até mim na próxima semana — o homem fala, esticando a mão para se despedir de Emilien.

Com um suspiro, e ainda sem me notar, ele responde:

— Minha agenda é apertada. Prefiro continuar com nossos encontros aqui. Minha secretária vai telefonar para marcar um horário para a semana que vem.

— Como quiser — o mais velho cede. Eles se despedem com um aperto de mão e o homem deixa o *hall* da presidência. Emilien está se virando para entrar em sua sala novamente quando me nota ao mesmo tempo em que a secretária o informa de minha visita.

Seu corpo trava por um segundo, os olhos azuis analisando-me em surpresa. Levanto-me do meu lugar, arrumando a alça da bolsa e empino o queixo, tentando não me sentir atingida por ele. Deus, Emilien é tão gostoso dentro de um terno. Agora ele está trajando um conjunto cinza, mas sem o paletó. As mangas da camisa branquíssima estão dobradas até um pouco acima dos punhos e o colete agarra seu tronco de forma perfeita.

— Marie… — exclama, quase inaudível. A surpresa em seu rosto, pouco a pouco, vai dando lugar a um sorriso pequeno.

— Você tem um minuto? — pergunto, trocando o peso das pernas.

— Tenho mais do que um minuto — responde, apontando para sua sala.

— Entre, por favor.

Passo por ele, sentindo o aroma bom do seu perfume *Bleu de Chanel*.

Acho que essa conversa vai ser mais difícil do que imaginei. Ainda estou adentrando a sala quando o ouço dizer à sua secretária para não nos interromper.

Parece que serei tratada com prioridade.

Observo seu ambiente de trabalho. A sala é ampla, as paredes e móveis são em tons monocromáticos de cinza, o que dá uma atmosfera um pouco insólita e triste. A decoração é simples e até escassa, eu diria, contendo apenas alguns arranjos, uma prateleira pequena com livros, um jogo de sofá e um tapete centralizado. Assim como em sua cobertura, não vejo um porta-retratos. No tempo que passamos juntos, Emilien nunca me falou de sua família, mas pelas minhas buscas nas redes sociais, sei que tem uma irmã mais nova. Sua mesa está organizada e limpa. Atrás dela, tem uma enorme janela de vidro que exibe a capital francesa.

— Por que não se senta? — Sua voz ressoa ao pé do meu ouvido, assustando-me. Emilien me contorna um segundo depois e se acomoda em sua cadeira de presidente. Inspiro profundamente e me acomodo em uma das poltronas frente à sua mesa. — Qual o motivo da visita? — Como se ele não

soubesse.

— Não se faça de bobo, Emilien — rebato, mas não soo rude. Reviro minha bolsa e retiro todas as imagens que me enviou nas últimas três semanas.

Sim, eu guardei cada uma delas. E continuaria apenas as recebendo se a de mais cedo não tivesse me dado um sentimento esquisito. Não gosto da ideia de alguém me seguindo por aí para tirar fotos minhas sem permissão.

Espalho-as sobre sua elegante mesa de vidro e o encaro.

— Não esperava que fosse guardá-las — Emilien pontua sinceramente, pegando uma dentre o monte. É uma imagem dele mesmo, mas de costas (reconheceria suas costas largas em qualquer situação), sem camisa, apenas usando calças cinzas de algodão, perto da cafeteira, a luz da manhã incidindo sobre o ambiente. *“Sente falta de tomar meu café tanto quanto sinto falta de prepará-lo para você?”* é a mensagem dessa fotografia. Devo ter a recebido em algum momento da semana passada e me recordo de ter pensado “Sim”, porque o café dele é maravilhoso — ou ele só tem uma cafeteira maravilhosa, de qualquer maneira.

— Hum… — murmuro, não sabendo o que dizer para explicar o porquê de não ter ateado fogo nisso. — Vim devolvê-las e te pedir para parar com isso.

O sorrisinho em Emilien desaparece no espaço de um segundo. Ele se recosta à sua cadeira e me olha atentamente.

— Você não gostou?

Eu gostei? Que pergunta. Não sei responder. Por um lado sim, melhor do que ter mandado flores e bombons — não que eu odeie bombons, mas foi original de sua parte —, por outro não, porque ele continua insistindo no assunto, mesmo eu dizendo que se tiver de perdoá-lo vai acontecer naturalmente, e mesmo ele sabendo que estou em um "namoro sério".

— Não é isso. A questão é que é inapropriado. Deu sorte de Héron não ter visto nenhuma dessas fotos — minto um pouco mais. E, quer saber, manter esse relacionamento de mentira na frente dele não tem adiantado nada. Emilien parece decidido.

— Tudo bem. Eu paro com as fotos — diz, em um tom melancólico, os olhos se desviando de mim para um ponto fixo por cima dos meus ombros. —

Mas não sei mais o que fazer para que você me perdoe.

— Não faça nada, Emilien… — Suspiro, cansada de ter de pedir isso. —

Já te disse para deixar as coisas entre nós… simplesmente acontecerem.

Ele dá uma risadinha baixa e meio amarga.

— Você sequer fala comigo, Marie. Como as coisas entre nós podem *simplesmente* acontecer? Nem mesmo a minha amizade você quer.

Abaixo os olhos para minhas mãos, pensando em suas palavras. Não é que não queira a amizade dele. Mas nós dois sabemos que nunca conseguiríamos ser *apenas* amigos. Quando acordei sozinha na sua cama, dois anos atrás, e li seu bilhete idiota de que estava indo embora (*fugindo* seria mais apropriado), a tristeza em mim foi tão grande que naquele momento finalmente compreendi que o amava. De algum modo, ainda amo. Mas não posso deixá-lo entrar, não de novo, não quando superei e estou bem sem ele. E se eu me entregar e Emilien

quebrar meu coração de novo?

— Podemos ser amigos — falo, para minha própria surpresa. Ao erguer meus olhos, ele tem um leve sorriso. Trato de tirar logo suas esperanças: — *Só* amigos, Emilien. E não aquele tipo de amigos íntimos, que saem toda semana.

Você sabe tão bem quanto eu… que jamais teríamos esse tipo de amizade. —

Porque sempre vamos acabar trepando, o que eu não reclamaria se não fosse sua pisada de bola comigo, penso em acrescentar, mas deixo para lá.

— Certo — diz apenas, mas a expressão em seu rosto continua como se a ideia não o agradasse. — Bem, se vamos ser amigos, posso te mandar algumas mensagens ao longo do dia? — questiona, balançando as sobrancelhas.

— Duas, no máximo — determino. Emil abana a cabeça em positivo. —

E nada mais de fotos — reforço. — Principalmente minhas. Emilien, onde estava com a cabeça em mandar um fotógrafo me seguir e tirar fotografias minhas sem minha permissão? Perdeu o juízo? — digo, meio irritada.

Espero por ao menos um pedido de desculpas. Em vez disso, ele manobra o assunto bruscamente e diz:

— Vem comigo a um lugar? Quero te mostrar uma coisa.

Seu pedido me pega de surpresa. Engulo em seco, fugindo dos seus olhos azuis cravados em mim em expectativa. O modo como me observa, quase em súplica, me faz balançar a cabeça em positivo. Um segundo depois, ele retira o telefone do gancho e pede que um motorista nos espere na garagem subterrânea.

Ao deixarmos sua sala, no sofá onde estive esperando-o, está uma mulher que conheço de vista. Ela esteve no baile de Silvia Ferreira semanas atrás, vi

uma foto dos dois juntos no perfil do Facebook de Nicole e depois os presenciei conversando no restaurante, quando nos encontramos logo à sua volta para Paris.

Ainda nem sei o nome dessa criatura e isso me irrita, sinceramente. Emilien trava logo ao meu lado enquanto ela vem em nossa direção, sorrindo meigamente e segurando uma pasta de couro nas mãos.

— Emil… — cumprimenta-o, ignorando-me completamente e o abraçando. Ele retribui, mas logo a afasta, parecendo túrbido com a presença dela. Também não me agrada vê-la chamando-o pelo apelido. Fecho a cara quase sem nem perceber.

— Por que está aqui? — ele pergunta, tensionando o maxilar.

Sem perder a postura, a mulher estica a pasta de couro:

— Aqueles documentos que te prometi semanas atrás. Peço desculpa pela demora, mas a turnê com Silvia Ferreira tem sugado cada segundo do meu dia. Fizemos uma pausa hoje antes de seguirmos para Milão, nossa última parada.

Os olhos de Emilien escurecem de repente, sua mandíbula está apertada e tensa, como se estivesse esmagando os próprios dentes.

— *Merci* — agradece, voz apreensiva, pegando a pasta.

Em nenhum momento somos apresentadas uma a outra. Ele me pede para esperar um segundo e se retira de volta à sua sala. Retorna menos de um minuto e a essa altura já estou sozinha novamente. A moça foi embora sem se preocupar em despedidas. *Purée!* Preciso descobrir o nome dela. Contudo, está descartado perguntar a Emilien, que já se esquivou da pergunta uma vez e o fará novamente.

Em silêncio, descemos até a garagem subterrânea. O motorista nos leva para o destino que Dupont sussurra em seu ouvido, o que me deixa bastante curiosa. Perdida em meus pensamentos, me pergunto quem pode ser a mulher, que ligação os dois têm, que documentos eram e por que Emilien se recusa a me falar dela. Tento abordá-lo sobre o assunto, mas novamente ele diz que não tem importância. Desisto de arrancar alguma coisa desse homem e faço a viagem em silêncio.

O carro estaciona em uma nova garagem. Assim que ponho os pés para fora do veículo, reconheço o local imediatamente. Estamos no edifício onde Emilien mora. Estúpido! Que ideia absurda é essa de me trazer aqui? A última

vez foi há dois anos… quando esse cretino idiota foi embora. Penso em repreendê-lo, e já até estou fazendo menção de voltar para o carro e exigir ser levada ao prédio da Dupont Investimentos novamente, mas Emilien é mais rápido, põe seu corpo na frente do meu — obstruindo meu caminho — e

esclarece:

— Calma, Marie… *Faites-moi confiance.*

— Confiar em você? — Deixo uma risada cáustica escapar de mim. Ele só pode estar brincando com a minha cara.

— Não vai levar dez minutos, te prometo.

Olho para os lados, resistindo a dizer tudo bem e seguir para sua cobertura. Não sei o que possa estar aprontando e tenho medo, de verdade, de me render ao seu charme e à paixão que ainda tenho em mim.

Um toque em meu punho me traz de volta à realidade. Suas mãos fortes

— as veias grossas saltando como uma mensagem viril — estão em torno dos meus pulsos. Seu toque é quente e traz nostalgia de nossos dias juntos. *Merde*, Marie. Concentre-se.

— *S'il te plaît* — pede. Seu "por favor" é uma súplica. Esse desgraçado sabe exatamente como me convencer.

Balanço a cabeça em positivo e ele nos guia até o elevador privativo. Em sua cobertura, Emilien atravessa cômodos que já conheço. Mas há uma parte, um pouco escondida, que nunca visitei, por não saber de sua existência. Ele para frente a uma porta, revira o molho de chaves que pegou na entrada e gira uma delas na fechadura. O espaço que se abre se parece com um pequeno escritório e tem uma segunda porta ao fundo, que eu acredito ser um lavabo. O espaço não tem móvel algum. Apenas algumas prateleiras com alguns livros e câmeras fotográficas. Conto quatro no total e só reconheço uma polaroide.

— Aqui — Emil diz, apontando para a porta que achei ser do lavabo.

Sigo-o e de repente estou em um ambiente escuro, iluminado por uma luz vermelha.

— Um laboratório fotográfico? — indago, muito surpresa. Olho mais ao redor, absorvendo os detalhes. Emilien tem todo o aparato para revelar fotos analógicas, mas no momento nenhum trabalho está sendo executado.

— *Oui.* As fotos que te enviei… — murmura, caminhando até um canto e retirando uma quinta máquina fotográfica. Está escrito *Canon EOS-3*. — Fui eu quem tirei, Marie. Todas elas, inclusive a sua. Depois, as revelei aqui.

Seus olhos estão vidrados na câmera de aspecto antigo. Sua postura é melancólica enquanto encara o objeto em mãos. Absorvo a informação, atordoada. Como ele…?

— Fotografia sempre foi minha paixão — revela, interrompendo meus pensamentos. Procuro pelo seu olhar. Rugas de tristeza aparecem entre suas sobrancelhas. — Mas o peso de carregar o sobrenome Dupont… de carregar o legado de minha família… me fez abrir mão dos meus sonhos.

Meu coração aperta no peito. Seu tom de voz e sua linguagem corporal demonstram como realmente está abatido. Deus, por um ano dormi com ele e não imaginava uma coisa dessas. Por que Emilien nunca me contou? Não era confiável o bastante para ele?

— Desde os dezenove anos que não pego em uma câmera para fotografar

— conta, apoiando a Canon de volta ao seu lugar, e me olha, por fim. — Mas eu o fiz esses dias, por sua causa. Me deu alguma motivação, sabe? Motivação que não tive desde que abandonei o curso de fotografia para me dedicar à empresa da família.

Isso me atinge com a mesma força de um tsunami. Ele passou mais de uma década sem fotografar e quando o faz é por minha causa. Estou bastante reclinada a acreditar, porque nunca Emilien deu algum indício de que tinha esse amor por fotografia. Ele sempre foi enigmático e todo misterioso… E agora está me mostrando um dos seus segredos.

— Acredite, depois de tanto tempo, achei que tinha perdido a prática —

segue dizendo, agora a dois passos mais perto de mim. — Mas vi que não. Então bati todas aquelas fotos, uma por uma, usando a Canon analógica, e as revelei pelo processo antigo, embora eu tenha uma câmera digital e pudesse ter mandado imprimir em papel fotográfico. — Um sorriso contagiante e bonito ilumina o cômodo e me faz sorrir junto com ele. — Um dos processos que mais amo na fotografia é ver a mágica acontecer.

Meu coração bate descompassado dentro do peito, ouvindo todo seu relato e vendo-o se aproximar cada vez mais até nossos corpos estarem a um

palmo de distância. Por conta da nossa ligeira diferença de altura, preciso erguer meu olhar ao seu. Apesar do sorriso em seu rosto, os olhos estão abatidos.

Consigo entender o sentimento. Eu não me vejo fazendo outra coisa a não ser jornalismo. Amo meu trabalho, minha profissão. Odiaria ter de abrir mão do que realmente amo.

— Isso deve ter levado algum tempo… — murmuro, molhando o lábio inferior. — Achei que fosse um homem ocupado.

Ele sorri um pouco mais e de repente seu indicador está me acariciando suavemente na bochecha.

— Cancelei uma semana da minha agenda para isso — confessa.

Emilien Dupont, CEO e um dos maiores investidores franceses, cancelou uma semana inteira de compromissos para que pudesse fotografar imagens lindas, escrever mensagens e me enviar. Alguém ganhou um ponto comigo.

— Por que ainda tem as câmeras e o laboratório? — pergunto, fechando os olhos e curtindo sua carícia em mim, ao mesmo tempo que interiormente me repreendo para não me render.

— Para me lembrar de não ter esperanças — diz. Seu tom é frio e fúnebre. Abro os olhos e o encaro. — Para me lembrar de que meus sonhos estão enterrados e que nunca poderei me dedicar àquilo que realmente amo da forma como gostaria.

Em um átimo, tomada por empatia e compaixão, jogo-me em seus braços, apertando-o com toda minha força.

— Sinto muito, Emil… — falo. Um segundo depois, noto que o chamei pelo apelido pela primeira vez desde sua volta. Suas mãos fortes sobem e descem em minhas costas, como se fosse eu precisando de acalento. — Ter que desistir dos seus sonhos… — Suspiro e deixo a frase no ar.

— Está tudo bem, *chérie* — assegura, embora sua voz não passe essa segurança

toda.

Afasto-me e o fito nos olhos azuis, nossos braços entrelaçados. Aos poucos vejo-o se aproximar de mim, mirando fixamente minha boca. Prendo o ar

com essa aproximação. Seus lábios estão quase roçando nos meus quando digo apenas:

— Emilien…

Ele parece entender e se afasta, respirando com dificuldade e passando a mão nos cabelos.

— Preciso ir agora — digo, baixinho, mirando meus pés.

Emilien acena em positivo e me guia para volta do seu laboratório, encaminhando-me até o motorista, a quem dá as instruções necessárias.

— Não vai voltar comigo? — pergunto, ajeitando-me no banco.

— *Désolé…* — É tudo que diz.

O veículo está deixando a garagem, a menos de dez por hora, quando coloco a cabeça para fora e o vejo ao ponto de entrar no elevador, as costas arqueadas, mãos nos bolsos, postura abatida.

— Emilien! — grito, e nem acredito que vou pedir uma coisa dessas. —

Não pare de me enviar as fotos.

Ele se vira na minha direção, sorrindo bem pequenino, quase infeliz.

— Não vou parar, *chérie* — responde.

E eu achando que ia conversar com ele e não me render.



EMILIEN

CAPÍTULO 14

Volto para a Dupont Investimentos cerca de meia hora depois, com meu psicológico estabilizado. Precisei ficar um tempo sozinho para me recuperar.

Nunca esteve nos meus planos contar a Marie que *eu* tirei aquelas fotos e muito menos que ela conhecesse essa parte da minha vida.

Adentro minha sala e vou direto ao cofre. Insiro a senha e retiro a pasta de couro que recebi mais cedo, contendo todas as provas do meu passado e do meu segredo. Peço à minha secretária para não ser interrompido e tranco as portas duplas. Ainda tenho alguns minutos antes do meu último compromisso do dia. Dobro as mangas da camisa até a altura dos cotovelos e, criando alguma coragem, retiro o chumaço de papéis de dentro da pasta. Avalio todo o dossiê com um misto de tristeza, culpa, arrependimento e ódio. Fui estúpido em confiar em Antony, em tê-lo como um bom amigo. Hoje, só consigo pensar que sempre teve a intenção de procurar meu ponto vulnerável para se proteger quando eu descobrisse suas fraudes dentro da minha empresa, quase três anos atrás.

Grande parte dos documentos são cópias de originais que tenho em minha cobertura. Não estão guardados em qualquer lugar, à vista de todos, mas Leclerc aparentemente revirou cada centímetro até encontrar. Maldito.



Pego todos os papéis e os destruo no picotador. Embora parte das evidências palpáveis tenha sido dizimada, ainda há duas pessoas, além de mim, que detém do meu segredo. Não confio em nenhuma delas, apesar de a que me entregou essas provas tenha me garantido jamais me expor. Fecho os olhos e inspiro fundo. Talvez deva lhe dar um voto de confiança, afinal, ela sabe há anos sobre isso e poderia ter acabado com minha reputação se quisesse. Entretanto, não o fez. A segunda pessoa é minha mãe. E, definitivamente, não confio nela, mas sei que me expor também a prejudicaria. Ela me encobriu no passado, me protegeu como poucas vezes fez nada vida. Revelar meus segredos poria em risco nossos negócios e mancharia o nome da família. Minha mãe odiaria uma repercussão negativa que pudesse abalar nossa empresa, nos fazer perder grandes parcerias e contratos e, ainda por cima, jogar o sobrenome Dupont na lama. Não confio nela, mas me dá uma mínima segurança saber que não vai tentar me prejudicar.

Isso, claro, não a isenta de me chantagear se quiser.

No dia seguinte, logo cedo, sigo para a redação da *Intéressant*. Hoje à noite, em minha mansão, acontecerá o coquetel em comemoração à edição especial que será lançada dentro de alguns meses. Já tem uma equipe no local trabalhando na organização da festividade, mas, além disso, preciso fazer o pronunciamento oficial dos novos cargos para os demais subordinados. Na próxima semana, Héron já deve iniciar seus trabalhos como editor-executivo.

Também nomeei um novo editor, para ocupar seu lugar. Não mentirei: fiquei tentado a escolher Marie. Ela é inteligente, proativa, organizada, dinâmica, versátil e trabalha bem em equipe — qualidades que constatei durante nosso trabalho na África. Seu currículo também é bastante invejável e a mulher já tem experiência o suficiente para assumir o cargo. Entretanto, descartei tal ideia, tendo dois motivos. Um: ela com toda certeza pensaria que só conseguiu o cargo por minha causa. Dois: mesmo que deixasse nas mãos de Poirier e ele a escolhesse, os demais redatores poderiam pensar que Marie só ascendeu dentro da revista por estar namorando-o. Ambas as perspectivas não me agradam nem

um pouco e sei que também não a agradariam. Dessa maneira, escolhi outra

pessoa para ocupar a vaga.

Fiz algumas entrevistas rápidas nas últimas semanas. Não fui até a redação, para não ter de encontrá-la, mas pedi que os candidatos se encontrassem comigo no Le Procope. Deveria ter designado alguém para isso, eu sei, mas minha intenção, no começo, era ter um pretexto para estar no edifício da revista, a fim de vê-la, claro. A postura inflexível de Marie, porém, somada à sua argumentação de que eu estava tentando persuadi-la a me perdoar me fizeram recuar. Mas a essa altura, já estava comprometido com as entrevistas… Então tive de ir até o fim.

— *Bonjour* — cumprimento a todos assim que coloco os pés na sala de reunião. Poirier já reuniu os redatores com antecedência porque ainda tenho uma agenda para ser cumprida antes da festa, no início da noite. Meus olhos passeiam pelo local até encontrar os dela.

Esforço-me para não a observar mais do que necessário e me aproximo, ficando atrás da cadeira na ponta da mesa extensa enquanto os funcionários respondem ao meu bom dia. Inspiro um pouco de ar antes de fazer os pronunciamentos: Héron Poirier como editor-executivo e Delphine Laurence substituindo-o.

Dou mais algumas palavras, explicando o motivo dos remanejamentos. A reunião não dura mais que dez minutos. Todos cumprimentam os novos promovidos. Noto que Marie permanece em seu lugar, analisando-me com olhos semicerrados e expressão sisuda.

A equipe começa a voltar para seus afazeres. Héron conversa comigo mais um ou dois minutos e logo também deixa a sala para cumprir seu dia. Por fim, fico sozinho na presença dela. Ergo uma sobrancelha, surpreso por ela permanecer. Marie se levanta, fecha a porta e se volta em minha direção, encostando-se à borda da mesa e cruzando os braços na frente do tórax.

— Precisa tratar algo comigo? — pergunto, olhando o relógio. — Tenho outra reunião de negócios e odeio chegar atrasado.

— Héron me contou que vocês cogitaram meu nome para a vaga na edição.

— Sim, cogitamos. Mas havia outros. Escolhi apenas a mais capacitada para ocupar o cargo.



Seu rosto franze um pouco mais. *Merde*, não queria dar a entender de que ela não é capaz de assumir as responsabilidades. Ela é. Só tive meus motivos para não a promover.

— Sinceramente, achei que me escolheria — revela, molhando o lábio inferior e desviando seus olhos de mim. — Digo, achei que faria isso para ganhar pontos comigo.

Consigo me aproximar dela sem que note. Quando seu olhar finalmente está no meu, ela me avalia, assustada por eu estar mais perto do que ela gostaria.

Tenta dar um passo atrás, mas a mesa delimita o espaço.

— Te conheço o suficiente para saber que te promover, por essas razões, seria um erro — exprimo, sussurrando, e miro atentamente seus lábios cheios, pintados de vermelho. — Além do mais, seus colegas fariam mal julgamento se você ocupasse o cargo estando envolvida com o dono do grupo.

Marie expressa confusão.

— Não estou envolvida com o dono do grupo, Emilien — rebate.

Abro um sorriso galante, inclino-me levemente e deixo nossas bocas bem próximas antes de murmurar:

— Não… ainda.

Ela espalma contra meu tórax e me afasta, subitamente respirando com dificuldade. Sem me dizer mais nada, se ausenta da sala. Acho que estou ganhando espaço.

Preciso de um instante antes de aparecer na festa. A música eletrônica atravessa as paredes do quarto onde estou e chega aos meus ouvidos de forma abafada. Confiro minha aparência no espelho e ajeito o cabelo pela última vez.

Alguém bate à porta. Autorizo a entrada, e Nicole surge dentro de um vestido preto brilhante com um decote profundo. Seus cabelos loiros estão repartidos ao meio e ondulados. A maquiagem é pesada e ressalta os olhos claros. Na mão

direita, traz uma pequena bolsinha.

— Se você não fosse meu irmão e se eu não fosse lésbica, com toda certeza me casaria com você — diz, toda alegre. Deixa sua bolsa de mão sobre a cômoda perto da porta e se aproxima de mim, virando-me em sua direção. —

Está tão bonito, Emilien.

Consigo sorrir um pouco. Inclino-me e beijo sua testa.

— Que bom que pôde vir. Lorraine veio junto? — pergunto, virando-me de volta para meu reflexo. Nicole se põe entre mim e o espelho e segura na minha lapela, analisando-me. Estou trajando um *tuxedo* em três cores: calças pretas, camisa branca e blazer vinho, a lapela, gravata e botões em preto. Minha irmã passa a mão pelo meu tronco e ajeita a gravata-borboleta.

— Não. Lorraine não está para festas — responde, em um tom meio melancólico. — Anda desanimada desde que voltamos de Provença.

Abano em positivo e a deixo arrumar o pequeno acessório, embora esteja perfeito em mim. Ela viajou até o sul da França para conhecer a família da noiva, que se assumiu nessa ocasião. Pelo que me contou, semanas atrás, os Meyer não reagiram muito bem à notícia, o que já era de se esperar, por se tratar de uma família mais conservadora e tradicional. Naturalmente, Lorraine ficou triste com a não aceitação dos pais e irmãos e tem passado dias melancólicos.

— O que pretende fazer sobre isso? — Seus olhos se erguem aos meus, meio marejados.

— Vou ficar ao lado dela, dar o apoio que precisar. Entendo o sentimento… — sussurra, referindo-se à nossa mãe, que também não reagiu muito bem. — Juro

que quase não vim, Emil. Queria apenas ficar lá e tentar animá-la.

— Deveria ir e ficar com sua noiva — aconselho, segurando-a pelos ombros.

— Mas eu também quero estar ao seu lado. Perdemos tantos anos juntos por causa da *maman*. Percebe que hoje é nossa primeira festa juntos desde meu aniversário de quinze anos? — Nicole sorri um pouquinho, o olhar fixo na minha gravata. Ela me dá um tapinha no peito, como se estivesse satisfeita de como a arrumou, e por fim me olha: — Você e Lorraine são minha família agora.

— Não tem visto nossa mãe?

— Não. Quero dizer… Fui visitá-la na semana passada, mas ela começou

com os dramas e a me dizer como sou uma decepção. Então fui embora e não voltei mais, nem mesmo liguei. Mamãe não percebe que vai acabar sozinha por ser dessa maneira? Ela já te afastou e agora está me afastando sob o pretexto de que sabe o que é melhor para mim.

— O que eu mais queria era que Elizabeth se tratasse — confidencio, baixando o olhar. — Ela é uma boa mãe quando não está sendo uma megera, você há de concordar. — Minha irmã me dá um sorriso tristonho e balança a cabeça em positivo. — Mas o distúrbio dela é como o vício em álcool, *chérie*.

Enquanto não admitir que precisa de ajuda, nunca vai melhorar. Mamãe jamais aceitou o diagnóstico, fica difícil fazermos qualquer coisa em relação a isso.

De repente, Nicole me abraça, apertado, quase me sufocando. Acaricio suas costas, com movimentos de para cima e para baixo. Ela funga em meu pescoço e em seguida me beija na mesma área. Minha irmã não diz nada por vários segundos. Compreendo o sentimento dela. Uma vida toda Elizabeth a venerou e fez todas as suas vontades. Afeto, amor e carinho eram comuns na vida de Nicole; comigo a história era outra. Não importa o quanto me esforçasse para agradá-la, nada parecia o suficiente. Sempre fui o filho que decepciona, o imperfeito… enquanto me dizia como a criança de fulana era isso e aquilo, comparando-me sempre aos filhos de outras mulheres para me manipular, controlar minha vida em todos os aspectos e me chantagear ao seu bel prazer.

Tudo sempre precisava sair do jeito dela, do contrário, eu era punido de alguma forma. Não digo agressões físicas, mas ela adorava fazer tortura psicológica em

mim como forma de punição, o que sempre considerei pior.

Depois que Nicole nasceu, seu desprezo por mim aumentou. Todo amor, carinho e atenção iam para o novo bebê, a quem Elizabeth endeusava. Nunca foi segredo que a menina era sua filha favorita. Ao longo dos anos, mamãe também a manipulou — bem mais sutilmente do que comigo — e creio que minha irmã nunca tenha percebido essas manipulações para que a vontade dela prevalecesse sobre a de seus filhos.

Não vou mentir: nos primeiros anos, odiava Nicole e, com vergonha, confesso que tentei machucá-la fisicamente em algum momento dos meus treze anos. Ela era a menina de ouro da minha mãe e recebia aquilo que eu nunca tinha recebido. Como uma criança com o psicológico abalado e traumatizado pelos abusos, acreditei que minha irmã era o problema, não minha mãe.

Elizabeth nunca soube dessa ocasião. Foi papai quem me encontrou tentando sufocar a criança de pouco mais de três anos e decidiu não me punir, como a esposa teria feito, mas me ajudar. Comecei a frequentar a terapia e só então



entendi por que havia uma diferença de tratamento entre mim e Nicole. Não era que minha mãe a amasse mais. Provavelmente ela nos amava igual (ou não amava nenhum dos dois), mas sabia que tê-la como preferida e dar todo o afeto que *eu* não recebia ia me atingir. Era esse o seu objetivo: me atingir e me torturar por eu ser homem, por eu — segundo sua mente traumatizada — ter tirado algo dela. Então toda sua postura comigo, a falta de amor e o desprezo eram sua forma de castigo por algo que eu não tive culpa porque era só a porra de uma criança de pouco mais de um ano de idade.

— Vamos ficar bem — decido dizer. — *Petite soeur*, ainda somos uma família, *oui?* — Afasto-a de meus braços e a olho. Afago sua bochecha e a beijo em seguida.

— *Oui* — me responde, erguendo-se nos pés para me beijar também. —

Vou voltar para o salão, você vem?

— Em um minuto irei.

Ela se despede de mim e me deixa sozinho novamente. Volto-me ao espelho e encaro meu reflexo pela última vez. Inspiro fundo e me preparo para ver Marie e ter minha estrutura abalada.

Pego uma taça de champanhe enquanto desço as escadas em direção à festa que acontece na extensa sala da mansão. Sorvo um gole generoso enquanto meus olhos passeiam pelas pessoas conversando em pequenos grupos, rindo, comendo e bebendo. Deve haver umas cem pessoas aqui. Redatores, editores, executivos, diretores… Toda a equipe da revista e alguns convidados extras.

Demoro a encontrá-la. Preciso vencer a multidão distribuída e atravessar a porta extensa que dá para o jardim largo e iluminado. Marie está com Héron, segurando uma taça de champanhe e conversando animadamente. *Mon Dieu*, ela está tão linda. Traja um vestido vermelho de alças finas e uma fenda bastante extravagante na coxa direita, justo em seu corpo cheio de curvas, ressaltando-as de forma elegante e sensual. Seus cabelos crespos estão presos em um coque alto

e volumoso; nas orelhas, brincos de pedraria vermelhos.

Antes que ela possa me notar, volto para o centro do salão, respirando fundo. Pego um canapé, embora esteja sem vontade de comer. Cumprimento algumas pessoas e continuo zanzando entre os convidados, contendo-me para não a procurar. Pelo menos por enquanto.

Minutos depois, noto uma mulher sozinha, acomodada em um dos sofás.

A maioria está acompanhada seja de um parceiro ou amigo. Não vi ninguém sozinho, além de mim e agora dela. Até mesmo Nicole — que não encontrei desde que desci — está acompanhada. Apesar de a noiva ter ficado em casa, ela trouxe um colega de trabalho. Aproximo-me, mais curioso do que atraído, porque não a conheço. Bem, não conheço metade dos convidados, mas ela me parece ser alguém de fora do grupo editorial.

— Posso? — pergunto, apontando para o lugar vago ao seu lado. Ela sorri e maneia a cabeça em positivo.

— Conheço você — diz, ajeitando-se no sofá para me olhar melhor. Seu vestido lembra bastante as togas romanas: comprimento até a altura dos joelhos, com

uma única alça transversal no braço direito. A cor é chamativa — laranja

—, mas valoriza o tom escuro de sua pele. — Émile Dupont?

Abro um pequeno sorriso e abano em negativo.

— Quase. — Estico a mão em sua direção para cumprimentá-la. —

Emilien, na verdade — friso. — Os mais íntimos me chamam de Emil. Dá pra confundir — explico, pois a pronúncia de "Émile" é idêntica ao meu apelido.

A moça se desculpa pelo engano e finalmente aperta minha mão, esclarecendo de onde me conhece:

— Isso! Você trabalhou com minha irmã, anos atrás. Ela me falou de você algumas vezes, só não consegui me recordar do seu nome. Sou péssima para nomes — fala, abrindo um singelo sorriso. — Mas esse rosto bonito eu não me esqueceria.

Franzo levemente a testa.

— Suponho que sua irmã seja Marie Julien — arrisco, somente agora notando alguma semelhança.

— *Oui*. Isabelle Julien — confirma e se apresenta em seguida. Sua feição de repente se fecha diante de mim. — E você é o cara que quebrou o coração dela.

Quase de forma involuntária, meus olhos se desviam para o chão.

Observo por longos segundos o tapete felpudo creme que minha mãe comprou um milhão de anos atrás.

— *Oui*. *Je suis désolé*. Sei que fiz bobagem e estou tentando consertar meus erros, mas sua irmã é bastante rancorosa quando quer.

Isabelle balança a cabeça em negativo.

— Na verdade não. Para fazer aquela mulher ficar rancorosa tem que ser algo muito, muito grave. Ou ser um babaca — diz, dando de ombros. — Sem ofensas. — Não evito uma risadinha e balanço a cabeça. — Você gosta dela? —

indaga, o pescoço inclinando suavemente para o lado.

— Gosto — respondo com um suspiro. — Tentei fugir dos meus sentimentos por ela, inclusive agindo como um idiota, mas foi inútil. —

Novamente, abaixo o olhar para o tapete durante dois segundos. Depois torno a olhá-la. — Voltei para Paris por causa dela, mas me esqueci que a vida segue, sabe? Ela encontrou uma pessoa e parece bem sem mim… — Ergo os ombros em um gesto de derrota. — E quero reconquistá-la, mas com Héron no caminho e…

— Espera — me interrompe, erguendo as mãos e fechando os olhos por um segundo. — O que foi que você disse?

Acho estranho seu questionamento, porém repito:

—… mas com Héron no caminho…

Sua expressão está carrancuda agora.

— Ela e Poirier estão juntos? — Há nítida confusão em sua voz.

Estranho o fato de não saber dessa relação de Marie. — Há quanto tempo?

Dou de ombros, sem saber precisar.

— Não sei. Ela me disse um tempo atrás que namoravam há uns quatro meses.

Isabelle se vira no sofá e chama um garçom, pegando um copo com dois dedos de uísque e bebendo tudo de uma vez só. Penso em dizer para ir com calma, mas pelo jeito a mulher precisa da dose. A informação nitidamente a pegou de surpresa. Por que Marie esconderia seu namoro da própria irmã? De repente, parece tensa e nervosa.

— Estou dormindo com Héron — confidencia, baixinho. Isso me pega

completamente desprevenido. Seus olhos então se enchem de lágrimas e me fitam quase desesperados. — Mas eu não sabia. Marie não me disse nada e aquele canalha sem vergonha também não! Ele inclusive me pediu para não contar a ela. — De tristes, seus olhos passaram para raivosos.

Em um átimo, Isabelle já está de pé, marchando em direção à saída. Sigo-a imediatamente. Ela pega outra dose de uísque no meio do caminho e começa a procurar alguém no meio da multidão — provavelmente Poirier. Embora a casa seja muito grande, ela os encontra com facilidade.

Com uma raiva que só uma mulher enganada pode cultivar, Isabelle chega até Héron — ainda conversando com Marie na área externa —, distribui um tapa forte em seu rosto e o molha em seguida com o uísque. As pessoas ao redor acompanham a cena. Eu até paro no meu lugar por um segundo, assustado com a agressividade dela. Bem, em algum nível a compreendo.

— Que porcaria é essa, Isabelle? — Héron brada, secando a bebida do rosto com a gravata.

— Já está bêbada? — a irmã indaga, avaliando-a com olhos severos e depois ajudando o namorado.

Aproximo-me mais e apoio as mãos sobre seus ombros, fazendo-me notar por Marie e Héron.

— Ei, mantenha a calma — falo, olhando ao redor. A última coisa de que precisamos é um escândalo no coquetel em comemoração à décima quinta edição especial da *Intéressant.*

— Você mentiu para mim, Héron! — Isabelle diz, entre os dentes.

Voltando-se para a irmã, complementa: — Estamos dormindo juntos, Marie. Há pouco mais de uma semana, mas eu não sabia que vocês estavam namorando. *Je jure devant Dieu!* — "Juro por Deus!"

O casal, simultaneamente, me olha, como se soubessem que foi eu a causa dessa confusão toda. Com um olhar quase bestial, Héron se volta para Marie e exige:

— Conte a porra da verdade ou eu conto.

A nova informação me deixa atento. Marie me olha espantada, parecendo respirar com dificuldade. Isabelle quer saber do que estão falando. No fundo, porém, já sei do que se trata. Poirier a pressiona um pouco mais, soando de um jeito rude e desagradável que não me deixa contente. Não gosto desse seu jeito



ácido. Suspirando, por fim ela diz à irmã:

— Não estamos juntos, Isabelle. Não se preocupe. Héron e eu inventamos esse namoro… — Pausa de alguns segundos. Seus olhos deixam a irmã para me encontrarem. — *Eu* pedi a ele que fingisse ser meu namorado na frente do Emilien para afastá-lo. O que não adiantou muito, porque esse homem não respeita uma mulher compromissada, mesmo que de mentira — cospe as últimas palavras, olhando diretamente para mim. — É isso — diz com um suspiro e se retira rapidamente em seguida.

Eu fico no meu lugar, sentindo a tensão ainda pairando na atmosfera.

Isabelle leva algum tempo para digerir a informação e se dar conta do erro estúpido que cometeu. Ela se aproxima de Héron e o toca no ombro, começando a se desculpar. Poirier, entretanto, está irritado o bastante para não a escutar.

— Não toca em mim — repele, retirando-se em seguida.

— *Merde!* — Isabelle esbraveja, socando. — Acho que estraguei tudo!

Deixo Isabelle Julien com sua frustração e vou atrás de Marie. Não deveria, mas vou. Ela já me disse incontáveis vezes para não a atormentar e deixar as coisas entre nós correr naturalmente. Nesse momento, tenho ciência de que a última pessoa que quer ver sou eu. Precisamos dessa conversa, contudo.

Marie abre uma das portas ainda no andar térreo da mansão. Consigo alcançá-la antes de ela passar a fechadura na porta. O ambiente está escuro. Pela penumbra, sei que está de costas para mim. Caminho pelo cômodo que um dia foi o escritório do meu pai e puxo o *blackout* da janela, deixando o luar e a iluminação artificial do jardim atravessarem o vidro e iluminar um pouco o local.

— Cuidado com o que vai dizer, Emilien — adverte, de um jeito ácido.

Por fim, se vira para mim, resvalando o indicador na superfície da mesa de cerejeira. — Se me tirar do sério, chuto suas bolas.

Rio baixinho e me mantenho no meu lugar, a três metros dela. Observo-a por um segundo inteiro. Seu vestido a deixa sexy e me deixa com vontade de despi-la para mim. Seus olhos se desviam dos meus, ela ainda brincando com o indicador na mesa em movimentos suaves.

— Você fez o que achou que deveria fazer para me afastar — digo segundos mais tarde. — Embora não tenha dado muito certo. — Abro um sorriso cínico; ela revira os olhos.

— Por que você não mora aqui? — pergunta, mudando de assunto bruscamente. Ela faz isso quando quer fugir de questionamentos.

Suspiro e olho ao redor. Essa mansão já foi meu lar um dia. Antes de decidir ir embora e viver minha vida de forma independente, a convivência com minha mãe só se tornou suportável porque eu tinha o amor do meu pai. Tudo o que Elizabeth não me dava, Thierry me supria em dobro.

— É grande demais para mim — respondo, molhando o lábio inferior e tentando evitar lembranças dolorosas.

— E sua família?

Franzo o cenho e aperto o maxilar. Não é a primeira vez que me pergunta sobre minha família. Na ocasião, me esquivei de responder e ela respeitou a minha decisão. Muito por isso essa mulher me cativou. Nunca foi de me pressionar a contar sobre meu passado, ou minha infância, ou até mesmo o meu segredo. Durante o tempo que estivemos juntos, sempre foi compreensiva.

— Sou sozinho — sussurro, quase melancólico. — Minha mãe decidiu se mudar daqui meses depois do falecimento do meu pai. É uma casa que tem muitas lembranças felizes deles. — Meu rosto encrespa quando pronuncio as últimas palavras. É claro que eu também tive momentos felizes, mas a maior parte do tempo minha mãe estava fazendo da minha vida um inferno, por mais dedicado que eu fosse em agradá-la.

— Por que se distanciou da sua irmã? — A pergunta sai de sua boca quase de forma inaudível. Ela não está me olhando, preferindo admirar seu indicador traçando um padrão em círculos sobre a mesa.

Ignoro o fato de ela saber sobre Nicole, uma vez que nunca a mencionei em

nossas conversas.

— Foi preciso. — É tudo o que digo. A última coisa que quero agora é falar sobre meus dramas familiares e sobre minha mãe narcisista.

Sem que perceba, diminuo a distância entre nós. Atrevo-me a tocá-la na cintura, levemente. No mesmo instante, ela me olha assustada com minha aproximação. Apesar disto, não se afasta, como achei que se afastaria. Engole em seco e fecha os olhos quando minha mão direita a agarra pela nuca.

— É um bom momento para responder as perguntas que te fiz nas fotografias — sussurro, acariciando-a na nunca enquanto a mão esquerda escorrega por cima do seu vestido e estaciona na coluna, no ponto que bem sei ser o seu fraco. — Talvez eu comece a te enviar algo mais… digamos…

picante.

— Picante como? — indaga, abrindo os olhos. Suas pupilas estão dilatadas, os lábios tremem ligeiramente. Meus dedos fazem um pouco mais de pressão em sua cintura.

Minha mão sai de sua nuca e desliza até seu rosto, acariciando-a.

— Uma foto de casal, bastante sensual, e atrás pergunto se você sente falta de foder comigo como eu sinto falta de foder você.

A respiração dela fica ruidosa um segundo depois. A luxúria pesa no ar.

Excitação. Só de pronunciar essa frase e me recordar dos nossos dias juntos, debaixo dos lençóis, mergulhados na banheira, contra a parede, estirados no sofá, no meu carro, na minha cobertura, sobre a mesa… porra, já fico duro como rocha.

— Sinto — responde, inclinando-se em direção à minha boca.

Novamente, meus dedos a pegam pela nuca, trazendo-a mais para mim.

Então nossas bocas se chocam em um beijo profundo e duro, quase indecente.

Aperto sua cintura e colo mais seu corpo ao meu, podendo sentir o calor que dela

emana. Minha língua abre mais passagem pelos seus lábios, invadindo-a de forma obscena. Empurro-a contra a parede mais próxima, forçando meu tronco no seu e esfregando minha ereção em sua virilha. Marie geme em minha boca, as mãos pequenas descendo até o zíper da minha calça. Afasto-as um segundo depois, embora eu queira muito seu toque no meu pau.

Segurando firme em suas coxas, coloco-a em meu colo, suas pernas rodeando-me. O ângulo é perfeito para o encontro dos nossos sexos. Deixo seus lábios inchados e movo o quadril contra ela, friccionando meu pau em sua boceta coberta pela calcinha.

— Quero muito me enterrar nessa sua boceta gostosa, Marie —

murmuro, rouco e quase alucinado de excitação. Não é justo com um homem ter de lidar com uma mulher como ela depois de alguns meses sem sexo, mas me esforço para resistir à tentação do momento. — *Chérie*, você nem imagina como estou louco para enfiar fundo meu pau em você e socar forte até as bolas começarem a bater contra sua boceta.

— Emilien… — choraminga, inclinando os quadris em minha direção, rebolando enlouquecidamente contra meu comprimento tão duro que chega a doer.

Roço meus lábios nos seus e começo a descer pelo seu pescoço — que tem gosto de perfume e cheira à baunilha — até alcançar o colo. Retiro seus seios acesos do vestido e tomo um deles em minha boca, circundando o bico e a auréola com minha língua suculenta.

— Mas quando isso acontecer, quando eu te fizer gozar tão gostoso com meu pau tão profundamente dentro de você que se esquecerá do seu nome, vai ter me dito as três palavras que quero ouvir.

— *Je te aime*? — "Eu te amo?", pergunta, em meio a gemidos incontroláveis enquanto sigo dando atenção aos mamilos esplendidamente duros.

— *Je te pardonne* — corrijo. "Eu te perdoo". Minha mão desce até seu centro pulsante, onde sei que o clitóris implora por mim. Abaixo sua calcinha o suficiente apenas para tocá-la na boceta encharcada. — Tão molhada… — rosno contra seu peito, penetrando-a com dois dedos. Marie se contorce mais contra minha mão e geme algo inaudível.

Em um rompante, giro nossos corpos, trocando a posição. Ela continua em meu colo, as pernas abraçando minha cintura, mas agora sou eu contra a parede. Preciso de um ponto fixo para me escorar para fazer o que quero fazer.

Seguro sua nuca com um pouco mais de pressão e, em um malabarismo que só um homem excitado é capaz de fazer, consigo abaixar minha calça, permanecendo de cueca.

— Não vou te deixar sair daqui sem um orgasmo, *ma belle* — falo, agarrando seus quadris vigorosamente e forçando-a para baixo e para cima, contra minha ereção. Ela geme descontrolada, a cabeça jogada para trás, os olhos fechados, uma gotícula de suor escorrendo de sua testa. Inclino-me para frente e acentuo seu prazer sugando os mamilos intumescidos.

Leva apenas dois minutos até senti-la tremendo e anunciando baixinho que está gozando. Marie fica em meus braços mais alguns segundos. Suas pernas

ainda me contornam, o rosto escondido na curva do meu pescoço, recuperando a respiração. Minhas mãos sobem e descem em suas costas, enquanto também regulo meus batimentos cardíacos, extasiado com nosso momento. Seu gozo atravessou o tecido da minha boxer e umedeceu a cabeça do meu pau.

— Você quer gozar? — ela me pergunta. A voz sai abafada por causa da sua boca contra minha pele.

Trago seu olhar ao meu e beijo delicadamente seus lábios.

— Quero, mas não agora, nem assim. Quando eu gozar, estarei te comendo com força.

Marie sorri e enrubesce. Então, por fim desce do meu colo e olha para os lados e depois para si mesma, vendo seu estado desgrenhado. Não evito um sorriso de esnobe. Seguro sua nuca e a olho intensamente. Sua íris âmbar continuam dilatadas de luxúria.

— Precisa se limpar — sussurro, desviando minha atenção para seus lábios. Ainda estou duro à beça e talvez seja necessário me aliviar debaixo do chuveiro, mais tarde. Mas estou decidido a esperar pelo perdão dela. — Tem um banheiro ali. — Aponto para uma porta ao fundo.

Deixo um beijo suave em sua boca inchada antes de ela se virar e adentrar o banheiro.

Estamos fazendo progressos.



MARIE

CAPÍTULO 15

Não sei como ainda estou equilibrada em meus saltos. O orgasmo que cortou meu corpo foi esplêndido, e isso porque Emilien nem mesmo me penetrou.

Recosto-me na porta do banheiro que acabei de fechar e afago o rosto, meus batimentos ainda desregulados. Aproximo-me da pia e abro a torneira, molhando os punhos. Olho-me no espelho. Meu batom está intacto — apesar da nossa ávida troca de beijos — graças à alta fixação do produto —, meus cabelos estão desgrenhados, resultado da força com qual ele me agarrou, e minha nuca está levemente úmida de suor.

Umedeço minha cerviz e inspiro fundo. Ao menos não precisarei retocar a maquiagem. Penso em como estou deixando minhas barreiras ruírem. Desde o início, por mais que estivesse decidida a não me render, sabia que seria uma tarefa difícil e que, em algum momento, eu o deixaria entrar. E não só no meu coração.

Droga.

Afasto os pensamentos obscenos da minha cabeça, mas a umidade entre minhas coxas é um claro lembrete de como meu corpo reage àquele homem.

Limpo-me com papel higiênico o tanto quanto é possível e saio do banheiro.

Emilien ainda está aqui, de frente para a janela do cômodo. Há um jardim bastante bonito. Minhas bochechas se avermelham. Nós fomos indecentes segundos atrás. Será que alguém nos viu? Acercando-me mais dele, noto que o espaço em questão está vazio. Tem algumas mudas, um caminho de pedras, pequenos arbustos, um banco de madeira, luminárias luxuosas e palmeiras baixas. Sei que ninguém mora aqui, mas deve haver um caseiro para que o local esteja tão bem-cuidado.

— Será que alguém nos viu? — pergunto, parando ao seu lado.

— Não. Essa parte da casa está delimitada. Meu pai amava esse lugar.

Sentava-se ali todo dia para ler — diz, apontando para o banco.

Emilien fica cabisbaixo de repente. Não é difícil perceber que ele tinha uma ligação muito forte com o pai. Um segundo depois, vira-se para mim e dá um passo à frente, segurando-me pelos braços. Suas mãos quentes mandam boas vibrações através do meu corpo e sobem delicadamente até estarem me acariciando no rosto.

— Não queria dizer isso, mas… estou feliz por você e Héron não estarem juntos — murmura.

— Isso não muda o fato de que ainda estou irredutível a te dar uma chance.

Suas mãos caem ao lado do corpo. Ele aperta o maxilar e desvia os olhos de mim por longos segundos, mirando através da janela para o jardim privativo.

— Ainda posso te enviar as fotos ou me disse aquilo ontem apenas da boca para fora?

Odeio admitir, mas saber que ele quem fotografou as imagens, que tirou um tempinho da sua semana conturbada para se dedicar a isso, mexe com meus sentimentos. No começo, achei desagradável — apesar de romântico —, talvez porque estava deixando a raiva sobressair, mas depois de estar em sua cobertura

e conhecer um outro lado dele, alguma coisa dentro de mim mudou e passei a ver as fotos e mensagens com outra perspectiva.

— Não foi da boca para fora — admito.

Seus olhos se voltam para mim, um pequeno sorriso ilumina o ambiente.

Emilien se inclina em minha direção e deixa um beijo estalado no canto da minha boca. Antes que eu possa ter tempo de reagir, ele já se afastou e partiu.



Saio do que parece ser o escritório um minuto depois de Emilien. Ao pôr o pé no salão principal onde acontece a festa, eu o vejo na companhia de uma segunda pessoa, abraçando e sendo abraçado. Ciúme sobe à minha garganta no mesmo instante e praguejo mentalmente. O desgraçado acabou de me dar um orgasmo maravilhoso e já está se esfregando… Espera! Observo-o melhor.

Quando a mulher se afasta, reconheço seu rosto. Respiro aliviada. É só a irmã dele, que reconheço por causa da perseguição cibernética que fiz semanas atrás.

Pestanejo por um segundo, assimilando a cena. Pelo que pude entender, os dois estavam afastados, por um motivo que Emilien não quis me contar. Mas a troca de abraços entre eles é bastante afetuoso. Meus olhos abaixam para o vão entre suas pernas e consigo notar o volume ali. O homem nem mesmo se sente constrangido por estar com uma ereção e sai por aí desfilando o pacote marcado nas calças.

Sou pega os admirando. Emilien sorri de um jeito meio cínico, Nicole mantém um sorrisinho mais recatado e amigável. Viro nos calcanhares e me misturo ao restante dos convidados. Perambulo até encontrar um garçom.

Preciso de uma bebida. Agarro uma taça de champanhe e estou prestes a virar o primeiro gole garganta abaixo quando uma pressão no meu punho me impede.

Um segundo mais tarde, estou sendo arrastada. Demoro a assimilar de que se trata de Isabelle puxando-me para um canto mais reservado.

Sigo-a, esforçando-me para manter o equilíbrio nos saltos, porque ela me pegou desprevenida. Sou levada até a cozinha, onde não tem nada além de caixas de bebidas e aperitivos.

— Estraguei tudo, Marie — Isabelle choraminga. — Precisa falar com o Héron e…

— *Non…* — interrompo-a antes que continue com isso. — Já pedi para ele avaliar seu original, já apresentei vocês e… — Subitamente me recordo do que ela falou minutos atrás. — Você e Poirier estavam dormindo juntos?

Desviando o olhar do meu, minha irmã pega uma mecha do seu cabelo liso e enrola no indicador.

— Estávamos. Rolou uma química legal entre a gente.

— Isabelle! — advirto-a. *Mon Dieu*. Onde essa desmiolada estava com a cabeça quando decidiu dormir com o Héron? Tudo bem, não tenho nada a ver com sua vida amorosa e sexual, mas bom senso de vez em quando não mata ninguém. Ela pede que o cara avalie um livro seu e depois dorme com ele? Não o conheço tão bem como gostaria, mas Poirier pode ser aquele tipo de homem babaca que vai acreditar que Isabelle só dormiu com ele para ter sua obra elogiada ou indicada para alguma editora que ele trabalhou.

— Eu sei! — devolve, entre os dentes. — No começo, depois que aconteceu a primeira vez, achei que tivesse cometido uma burrice. Mas foi o Héron quem me procurou dois dias depois.

Suspiro, aliviada.

— Então, por que precisa que eu fale com ele?

Isabelle me olha como se eu tivesse chifres na cabeça.

— Dei um tapa na nele e o molhei com uísque — diz, como se fosse bastante óbvio. E é, na verdade. Mas meu organismo ainda está liberando oxitocina demais para que eu seja capaz de pensar racionalmente. — Porque achei que ele estava te traindo!

Deixo outro suspiro escapar. Agora, mais do que nunca, preciso beber.

De uma vez só, viro a champanhe em minha mão. Essa confusão toda é em partes culpa minha.

— Você provocou a fera, Isabelle — falo, apoiando a taça vazia sobre o balcão elegante de mármore preto italiano. — Se eu tentar chegar perto, vou ser atacada. Já tenho que suportar o mau humor de Héron na redação a semana inteira. Não quero tocar no assunto e irritá-lo ainda mais. — Aproximo-me da minha irmã e seguro seus braços, beijando suas bochechas em seguida. — Deixe a poeira baixar e o meu chefe esfriar a cabeça, depois disso, *você* o procura e se desculpa.

Sua feição é de contrariada e de vergonha ao mesmo tempo. Com Isabelle, tudo precisa ser na hora. Por ela, deveríamos falar com Héron agora mesmo. Mas eu também conheço a personalidade daquele homem e sei que não devo me aproximar muito quando está aborrecido. O melhor mesmo é dar tempo



ao tempo. Relutante, contudo, raciocinando, Isabelle concorda e me dá um abraço, agradecendo-me. Deixamos juntas a cozinha e voltamos a nos misturar com as pessoas.

Já é tarde da noite. Tomei um banho quente e relaxante, preparei algumas porcarias calóricas para comer e escolhi um filme. Tudo isso numa tentativa hilária e desesperada de não me tocar pensando em Emilien. Durante todo o restante do coquetel, nos mantivemos afastados. Ele ocupado cumprimentando sócios e conhecidos, e eu apenas querendo me manter longe para resistir à *tentação*. Isso significa que tive de aturar as inseguranças de Isabelle em relação a Poirier depois da confusão. Héron foi outro de quem nos mantivemos longe, mais por escolha *dele* do que nossa. A verdade é que após o desentendimento com minha irmã, o vimos em apenas uma ocasião, quando Emilien reuniu os *chefões* que estarão na frente dessa edição especial para desejar sorte e um bom trabalho a todos.

Durante cada maldito segundo da festa depois do orgasmo maravilhoso que me fez ter, eu pensei nele. Pensei em puxá-lo pelo punho, levá-lo até um dos quartos

da mansão e me sentar nele até meus joelhos doerem. Tive de ter muita força de vontade para isso. Mas agora, sozinha na solidão do meu apartamento, o filme não consegue me distrair e me fazer *não* pensar no momento intenso entre mim e Emilien, seu pau duro forçando-se contra a minha intimidade.

Foi um orgasmo dos deuses? Foi. Mas também foi tortura. O tanto que desejei que ele abaixasse a cueca e me penetrasse com vigor não há palavras para ser explicado. Mas Emil fez uma promessa idiota de me possuir apenas quando perdoá-lo. Não quero perdoá-lo. Dar para ele? Com toda certeza, mas perdoar ainda não. Contraditório, eu sei.

O filme, que é para me distrair, não está me ajudando em nada.

Principalmente porque essa bendita cena de sexo está me reportando para horas atrás, quando estive prensada contra a parede e Emilien se esfregava em mim.

Fecho os olhos e resfolego, levando a mão até minha vagina. A camisola sobe



com meu ato, coloco a mão por dentro da calcinha…

… e paro um segundo depois.

Não vou me masturbar pensando nesse filho da mãe, em como beija e trepa bem à beça. Recuso-me a me recordar das vezes em que ele me comeu com força e gozamos juntos, gemendo descontrolados.

De todas as formas, tento resistir à tentação. Mas não consigo.

Por Deus! Eu sou humana, feita de carne e osso.

Sei que vou me arrepender dessa decisão. O orgasmo que virá junto com ela, porém, valerá muito a pena.

Emilien arregala os olhos quando me vê parada do outro lado da sua porta, usando salto-alto e um casaco preto longo até quase meus pés. Soltei meus

cabelos e os deixei bagunçados, esborrifei um bom perfume, passei um delineador nos olhos e apenas um *gloss* labial — a pressa de vir me obrigou a racionar a maquiagem.

Ele faz cara de surpresa não sei por qual razão, pois fui anunciada antes de subir. Concentro-me por um segundo em sua íris azul antes de analisá-lo dos pés à cabeça. Ah, puta que pariu. Eu tento odiá-lo, mas esse homem não colabora. Emil está usando uma calça de flanela, descalço e sem camisa, exibindo o tórax forte e liso. Seus cabelos estão desgrenhados, dando-me certeza de que já estava dormindo. Às vezes me esqueço que ele é homem matutino, daqueles que acordam cedo, correm na esteira e se enchem de proteínas antes de começar mais um dia corrido.

— É quase uma da manhã. — Sua voz rouca, branda e sussurrada me chama de volta ao mundo real. — Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu — respondo. Tenho de fazer um pequeno esforço para não virar nos calcanhares e voltar para casa. Vim com o propósito de transar com ele e não vou embora enquanto não o cumprir. — Aconteceu que você me torturou

mais cedo… e preciso de mais de você, Emilien — falo, não tendo pudor ou vergonha, sem esconder o desejo em minha voz.

Acho que nunca o quis tanto como o quero agora.

Dou um passo à frente e apoio minhas mãos quentes em seu tronco definido. Sua pele é macia e cheira à lavanda. Encosto meu rosto em seu peito, envolvendo-o pela cintura e inalando fundo seu cheiro. Os dedos dele se emaranham em meus fios crespos, a outra mão enlaça meu quadril.

— Vou ouvir as três palavras? — indaga ao pé do meu ouvido.

As três palavras. *“Eu te perdoo”*. Ao invés de respondê-lo, afasto-me dos seus braços e dou um passo atrás, desabotoando vagarosamente meu longo casaco. Emilien me olha com curiosidade, atento a cada movimento meu. Ao terminar de desabotoar, puxo as laterais da peça, dando-lhe uma visão despudorada do meu corpo. Emil ofega ruidosamente quando vê que, por baixo da vestimenta, trajo apenas um sutiã preto de bojo que ressalta meus seios, uma calcinha também preta de renda e cinta-liga.

— Caralho… — murmura, dando um passo em minha direção, seus olhos correndo pelo meu corpo. Ele toca entre meus seios; o contato quente aciona minhas terminações nervosas lá embaixo. Suspiro baixinho, esforçando-me para ignorar o apelo entre minhas pernas. Preciso desse homem dentro de mim. — Vou ouvir as três palavras? — pergunta outra vez, descendo o indicador pelo meu torso.

— Você vai ouvir palavras bem mais interessantes, *chéri* — respondo, inclinando-me levemente nos pés para aproximar nossas bocas e deixá-las a um centímetro uma da outra.

Subitamente, ele se afasta e cruza os braços, olhando para algum ponto atrás de mim.

— Não vamos transar enquanto não me perdoar — murmura, molhando o lábio inferior.

A calça de flanela marca seu pênis gostoso e grosso solto sob o tecido.

Emilien odeia dormir de cueca e eu amo isso nele. Se tem algo que eu adorava fazer quando dormíamos juntos era colocar a mão por dentro do seu pijama e senti-lo quente e duro, mesmo que estivesse em sono profundo. Consigo me recordar de algumas madrugadas em que o acordei com um oral suculento.

— Você quer transar comigo tanto quanto eu quero transar com você,

Emil… — sussurro, eliminando o espaço interposto entre nós. Ele me olha com narinas infladas e as pupilas exalando luxúria.

— Nunca disse que não quero te comer, *ma jolie* — responde, encurvando-se para minha boca e segurando-me pela cintura de novo, uma de suas mãos enveredando para minha calcinha que já está úmida. — Mas prometi que quando eu te foder de novo, terei sido perdoado.

— Eu perdoo você — falo, minha voz saindo estrangulada e quase desesperada. Remexo meus quadris contra seu indicador longo e esplêndido dançando em meus lábios vaginais.

— Está dizendo isso apenas porque sua boceta está encharcada e desesperadamente quer que eu te foda… — declara. O maldito está certo. —

Não é dessa maneira que quero te ouvir dizer *je te pardonne*. Tem que ser natural, espontâneo e principalmente… — fala, retirando seu dedo maravilhoso do meu ponto do prazer. Fico frustrada e demonstro isso com um suspiro agoniado. Emilien toca o lado esquerdo do meu peito e completa: — Tem que vir daqui.

Sustento meu olhar no seu, não podendo negar que suas palavras me atingiram. Não tenho tempo de resposta, pois um segundo depois ele puxa meu punho e me leva para dentro da sua cobertura, fechando meu casaco e escondendo meu corpo seminu. Nunca pensei que ele fosse agir tão “certinho”

comigo, ainda mais quando o procuro para ter um sexo depravado e intenso.

Quando percebo, já estou em sua cozinha elegante e de inox. Emilien me acomoda em uma das banquetas e nos serve com uma taça de vinho.

— Quer passar a noite comigo? — pergunta, sorvendo um gole da sua bebida.

Ergo uma sobrancelha.

— Você acabou de dizer que não vamos transar — aponto, passando o dedo pela borda da minha taça. Cruzo as pernas sob o balcão. Do outro lado, Emilien se apoia sobre a superfície e me olha com um sorrisinho.

— Não usei eufemismo, Marie — esclarece. — Pode ficar aqui essa noite se quiser. Na mesma cama que eu ou não. Você decide. Mas confesso que estou tentado a te ter do meu lado.

Por fim, dou uma golada no meu vinho e digo:

— Por que está me rejeitando, Emilien?

Ele me olha um segundo, pego pela surpresa da minha pergunta.

— *Mon ange,* não estou te rejeitando — explica. — Só não quero mais nada casual entre nós, entende? Voltei para França por sua causa, não só porque sentia falta do nosso sexo, mas sobretudo de *você*. Não quero só mais uma trepada, *chérie,* quero algo a mais porque eu… — Emilien faz uma pausa brusca e bebe mais do seu vinho antes de continuar: —… estou apaixonado por você.

Essa é a verdade.

Queria poder dizer que não me sinto atingida pela sua declaração, mas não posso. Alguma coisa dentro de mim se remexe com isso. Diante suas palavras, não sei que reação ter. Admito que a ideia de ficar é tentadora e me vejo cogitando a possibilidade. Perdida nos pensamentos, sequer o noto dar a volta no balcão e se pôr perto de mim, envolvendo minha nuca com sua mão quente. De repente, estou olhando dentro dos seus olhos azuis, uma das mãos dele segurando-me pelo punho. Emilien se reclina em minha direção, sua boca vindo para a minha.

Mesmo se eu quisesse resistir, não seria capaz. Seu cheiro natural me atrai, seus lábios suculentos e com gosto de vinho me arrebatam. Quando menos espero, estou beijando-o avidamente, alisando seu tronco caloroso. Ele me segura com mais força pela cerviz, como se me reivindicasse. Meu corpo não responde mais aos meus comandos e tudo o que faço é me entregar a esse homem.

Emilien me pega em seus braços, como se eu fosse uma pluma, sem desunir nossos lábios. Agarro-o pela nuca enquanto ele nos leva escada acima até a suíte. Sou posta em uma cama macia e tenho seu corpo jogado sobre o meu.

Abraço sua cintura com as pernas, sentindo a ereção dele contra meu sexo.

Gemo em sua boca, necessitada pelo seu toque.

— Você vai mesmo me torturar, não é? — murmuro, esfregando-me nele.

De olhos fechados, ele sorri, a expressão em êxtase.

— É uma tortura para mim também, *chérie* — confessa, descendo os lábios pelo meu pescoço. Ele desabotoa meu casaco novamente e me puxa para ficar sentada na cama. Desfazendo-se da peça, deixa-me apenas com a lingerie.

Vagarosamente, Emilien me despe, tirando primeiro o sutiã, depois a cinta-liga, a calcinha e por fim os saltos.

Durante os longos segundos, não digo nada, apenas o assisto me desnudar, pensando que ele sucumbirá à sua vontade e me dará aquilo que mais

preciso dele neste momento. Contundo, quando estou completamente nua, ele se

levanta e vai até o closet, retornando sem demora com um moletom. Ele me veste, como se eu fosse uma criança precisando de cuidados, deixa um beijo cálido na minha boca e sussurra:

— Vai dormir comigo, não vai?

— É o que estou tentando fazer — respondo, sugestiva, balançando as sobrancelhas.

— Não nesse sentido. *Ainda* — responde, dando uma risada gostosa.

Eu sei que deveria ir embora, mas a oferta de ficar e sentir o calor do seu corpo no meu por toda uma noite é tentadora demais para ser recusada. Sendo assim, balanço a cabeça em afirmativo. Quase no mesmo instante, Emilien está puxando-me para debaixo dos lençóis já desarrumados e cobrindo-me com seu físico divino. Ele me abraça, escondendo o rosto em meu pescoço e inspirando profundamente meu aroma.

Abraço-o de volta, envolvida demais para odiá-lo nesse momento.



CAPÍTULO 16

Nunca pensei que fosse possível passar uma noite na mesma cama que Marie e não transar com ela. O desejo estava em mim, claro, latente, forte, quase

forçando-me a esquecer da minha palavra e me enterrar nela, principalmente quando a abracei e aspirei fundo seu aroma natural, o calor do seu corpo aquecendo-me de uma forma inebriante. Resisti, tendo de encontrar toda força de vontade dentro de mim para tal.

Quando acordo no sábado de manhã, nossas pernas ainda estão enroscadas umas nas outras. Marie dorme como um anjo, seus braços em volta da minha cintura, a respiração ritmada. Tiro uma mecha do seu cabelo caído no rosto e deixo um beijo cálido no canto da sua boca. Ela se remexe e, sem acordar, exibe um sorriso pequeno, aconchegando-se mais em meu tórax.

A sensação que me atinge é esplêndida. Aperto-a um pouco mais, beijo seus cabelos e me levanto com cuidado para não a acordar. Caminho até o banheiro, deixo a porta entreaberta para que, caso desperte, veja que estou aqui.

Tomo um banho quente e longo, relaxando os músculos e mandando o sono embora. Poderia acordá-la com um café da manhã na cama, mas a mulher não

come nada antes das dez e muito provavelmente vai me odiar se eu a acordar às cinco da manhã.

Visto apenas uma calça confortável, beijo-a novamente e me esgueiro pela minha cobertura. Na academia privativa, cumpro minha rotina de exercícios. Corro uma hora na esteira, levanto alguns pesos e trabalho as pernas.

Duas horas depois, às sete, estou faminto e suado. Preciso de outro banho e talvez torne a deitar com Marie para velar seu sono e observá-la.

Meus planos caem por terra quando ouço ruídos vindos da cozinha. É ela quem está lá, moendo grãos na minha cafeteira para um *petit déjeuner* — café da manhã. Sobre a minha mesa, tem um prato com pedaços em rodela de baguete, geleia de amora e um pires. Ao se virar para mim, Marie dá um saltinho de susto, segurando a xícara já com café. Um segundo depois, sorri e vem em minha direção, apoiando a xícara no pratinho. Dá uma conferida na mesa e então me olha.

— Fiz seu café da manhã — diz. Seus olhos correm pelo meu corpo seminu. Tenho certeza que estou brilhando de suor.

— Percebi — respondo, com um leve sorriso. Deixa-me admirado que ela se

recorde de como gosto do meu desjejum: baguete, café e geleia de amora.

Por vezes, como um *croissant* no lugar do pão, e suco de laranja substituindo a cafeína. Mas no geral, essa combinação é a perfeita para mim. — O que isso significa? — indago, cruzando os braços na frente do tórax. — São sete da manhã de um sábado. Te conheço o suficiente pra saber que você odeia se levantar cedo aos finais de semana.

Ela dá de ombros e volta para a cafeteira, preparando uma dose para si.

— É uma *oferta de paz* — responde, ainda de costas para mim.

Marie usa um moletom meu. É curto, mal tampa sua bunda, o que faz meu amigo começar a ganhar vida e fertilizar minha imaginação. Já me vejo aproximando-me por trás, erguendo a peça para expor sua pele quente, beijando seu pescoço enquanto a como contra a bancada. Fecho os olhos, inspiro fundo e balanço a cabeça em negativo, como se pudesse afastar esses pensamentos obscenos para longe.

Sento-me à mesa e sorvo um gole do meu café.

— Oferta de paz? — repito, sem compreender direito o que quis dizer com isso.

— Uhum — responde, finalizando seu café. Ela se aproxima e se senta na outra cadeira, de frente para mim. Toma um gole da bebida, expressando prazer enquanto o líquido desce pela sua garganta. Marie adora o café processado na minha cafeteira.

— O que isso significa? — pergunto depois de morder uma rodela da baguete .

A mulher me olha com atenção, a borda de sua xícara a centímetros de seus lábios carnudos.

— Que você está perdoado. — A sentença me pega de surpresa, confesso. Principalmente porque sinto franqueza em suas palavras. Não foi da boca para fora, não como ontem à noite, quando me procurou, cheia de tesão.

Antes que eu possa abrir um sorriso, ela completa para me frustrar: — Mas não te perdoei o suficiente para termos algo além da amizade.

Começo a aceitar que não vou conseguir quebrar o muro em torno do seu coração. Não sei mais o que posso fazer para que ela me dê uma chance, para que acredite que estou de fato arrependido e disposto a assumir uma relação séria ao seu lado.

— Então… somente amigos? — inquiro, passando um pouco de geleia no pedaço de baguete. — Amigos coloridos, talvez? — proponho, balançando a sobrancelhas.

Marie me dá um sorrisinho e balança a cabeça em negativo.

— Só *amigos*, Emilien. Nada que envolva sexo ou qualquer contato íntimo.

— Você parecia pensar diferente ontem à noite — aponto, dando uma mordida no pão.

Suas bochechas coram no mesmo instante. No meu lugar, sinto meu pau dar uma pulsada só de me recordar dos trajes com que ela apareceu aqui. Respiro com dificuldade sem nem perceber. Em qualquer outra ocasião, teria a puxado para dentro e a fodido ainda no sofá, sem nem mesmo tirar o pouco de roupa que usava.

— Estava necessitada — responde, voz trêmula. — Você me deixou querendo mais — assume, enrubescendo. Como eu a adoro quando fica vermelha assim.
— E isso não importa mais, de qualquer maneira. Eu não estava pensando direito, mas agora… que estou raciocinando melhor, é essa minha

decisão: você está perdoado; contudo, não me sinto confiante a te entregar meu coração de novo. Podemos ser amigos, trocar mensagens e ligações de vez em quando, sair uma ou duas vezes a cada quinze dias, de preferência com outros colegas…

Seu receio é justo, preciso admitir. Não tenho muito o que fazer a não ser aceitar. É um passo grande, querendo ou não. Talvez uma hora ela ceda. Deixo meu café da manhã pela metade e me levanto da mesa.

— Onde você vai? — pergunta, enquanto avanço apartamento adentro.

— Não demoro — respondo apenas.

Volto uns dois minutos depois, munido com minha polaroide. Marie me encara com um ponto de interrogação no lugar dos olhos. Puxo-a pelos punhos e a trago para mim.

— Bem, se vamos recomeçar, que tal nossa primeira foto como amigos?

— sugiro, colocando nossos rostos e erguendo a máquina na nossa direção.

— Não me parece uma boa ideia — retruca, passando o braço pela minha cintura. — Você está sem camisa, suado e muito sexy… E eu estou nua por baixo de um moletom seu. — Sorrimos juntos quando bato a fotografia. — Isso não se parece nada com uma foto de dois amigos — diz baixinho, enquanto vê a nossa imagem surgir aos poucos.

Olho-a e sorrio, deixando um beijo inocente na sua bochecha. Entrego a foto revelada para ela.

— É sua.

Marie segura a imagem entre os dedos e a olha por alguns segundos, mordendo o lábio inferior e exibindo um sorrisinho de adolescente apaixonada.

— *Merci* — agradece, beijando-me na bochecha. Sinto a paixão dela por mim enquanto me olha. — Preciso ir.

Ergo uma sobrancelha.

— Não me agrada a ideia de você andando por aí de lingerie e casaco. —

Fecho a cara, uma pontada de ciúme apossando-se do meu corpo.

Ela sorri docemente e, com um tapinha no meu peito desnudo, responde:

— Ainda bem que não me importo com sua opinião, Emilien.

Quatorze anos antes

— A que horas você precisa ir provar o terno? — papai pergunta, ofegante por conta dos cinco quilômetros que fizemos até aqui, correndo.

Ao seu lado, acompanhando-o no ritmo da corrida, pingo de suor. Inspiro fundo para tomar um pouco de ar. Temos mais cinco quilômetros pela frente até terminarmos o percurso. Olho para o céu; o dia ainda amanhecendo. Tento não pensar muito no assunto. Meu casamento com Marjorie Chevalier está marcado para daqui a um mês. Como eu achei que aconteceria, minha mãe conseguiu me convencer a isto.

Nossa convivência melhorou minimamente desde que decidi voltar para casa e cursar Gestão Financeira, dois anos atrás. Elizabeth continua sendo uma megera comigo quando quer, mesmo eu fazendo todas as suas vontades. Achei que voltar resolveria nossas diferenças, mas isso não aconteceu. Minha mãe segue infernizando minha vida, alegando ser tudo por amor. Em minhas consultas com o psicólogo, ele continua aconselhando-me a me mudar e permanecer afastado ou, ao menos, convencer minha mãe a se tratar junto comigo. Somente assim para que a paz realmente prevaleça e eu garanta minha saúde mental. Mas somente eu sei que nem mesmo me mudar resolveria o problema. Experiência própria.

Durante todo os seis primeiros meses desde a minha volta, minha mãe conversou comigo a respeito de Marjorie e de como queria nos ver juntos outra vez, pois ela era a mulher ideal para mim. Elizabeth, de alguma forma, me fez perceber que ainda nutria algum sentimento pela moça, fazendo-me relembrar nossos bons momentos. Ela também manipulou os fatos a seu favor, marcando encontros entre nós, convidando os Chevalier para nossos almoços de domingo.

Com meu retorno, somado às investidas de *maman*, meu contato com Marjorie aumentou. Consequentemente, aquele sentimento que tive por ela na minha adolescência despertou dentro de mim, a ponto de me fazer aceitar

reatarmos e, meses depois, ficarmos noivos. Nosso casamento está marcado há cinco meses, faltando apenas mais um para o “grande dia”. Mamãe, minha futura sogra e minha noiva estão trabalhando avidamente nos preparativos.

— Às cinco — respondo.

— Ansioso? — Thierry sorri, seu rosto brilhando de suor.

— Não mais do que a mamãe — brinco, forçando um sorriso.

— Está tomando a decisão certa, Emil? — pergunta, em tom de voz sério. Quando anunciei meu noivado, papai me puxou para um canto e me perguntou a mesma coisa. Ele se importa com minha felicidade e, diferente da esposa, não ligaria se eu decidisse me casar com outra mulher.

— Estou, *père* — afirmo. — Eu gosto da Marjorie.

Thierry para de correr e me segura pelos braços.

— Não é o suficiente, *mon fils*. Precisa *amá-la*. De verdade. Entrar em um casamento sem esse sentimento é pedir para ser um péssimo marido. Você vai sofrer e fará sua esposa sofrer também.

Penso por um segundo em suas palavras. Se minha mãe o escutasse desencorajando-me desta maneira, ficaria um mês sem falar com ele. No mínimo.

— Vou me esforçar — digo apenas e torno a correr.

Papai me segue e não tocamos mais no assunto. Enquanto corro nesta manhã de quarta-feira, em silêncio ao seu lado, me disperso em meus pensamentos, pesando as palavras dele. Nunca tive tanta incerteza na minha vida, mas Elizabeth vai me punir se não atender suas vontades. Perdido em minhas divagações, demoro a notar que ultrapassei Thierry. Quando percebo, ele está cinco metros atrás, corpo encurvado, mãos nos joelhos, cabeça abaixada.

Sorrio e volto.

— Vamos, velhote. Faltam apenas mais uns dois quilômetros —

debocho. De repente, papai cai no chão, os joelhos estralando no asfalto, as duas mãos sobre o peito esquerdo. Só então me dou conta de que é algo sério. —

Papa! — exclamo, segurando-o. — Papai, o que houve?

Thierry aperta a mão contra o peito cada vez mais forte, o rosto contorcido em

dor.

— Acho que estou tendo um infarto.

Desespero bate em meu âmago. Em um átimo de segundo, estou fazendo menção de me levantar e correr atrás de ajuda. Contudo, meu pai segura firme em meus punhos e me puxa para baixo.

— Não há tempo, Emilien…

Pisco diversas vezes, lágrimas acumulando-se em meus olhos.

— Vou pedir ajuda … Aguente firme, meu velho.

Outra vez, como um pedido de súplica, meu pai me impede.

— *Non, nous n'avons pas le temps!* — "Não temos tempo!" —

Emilien… — ofega, apertando o lado esquerdo do peito com a mão livre. —

Preciso que saiba de uma coisa , *mon fils*. — Quero dizer para guardar suas forças, quero me levantar e buscar ajuda, mas Thierry me impede, segurando-me com muita força. — A Dupont Investimentos… está falindo.

Aperto sua mão na minha, processando a informação. Por que está me contando isso somente agora? E como a Dupont Investimentos pode estar falindo… Por quê? Como? Desde quando?

— *Papa, s'il te plaît*…

— *Écoute-moi*… — "Escute-me". — Estou morrendo, meu filho… —

Lágrimas rolam pelo meu rosto. Não posso perder meu pai, não agora! — No meu escritório, na sede… — Seu rosto se fecha em dor, a palma da mão pressionando mais o coração a ponto de parar. Ele está deitado sobre minhas pernas dobradas, eu segurando sua mão livre. — Tem tudo o que precisa saber sobre essa falência iminente de nossa empresa. Filho… — A voz sai falha, papai me segura com mais força. — Não deixe nossa empresa falir, por favor! Eu vou morrer e você assumirá os negócios…

— *Non, papa!* — soluço, desvairado com a ideia. — Aguente! Eu vou chamar ajuda e…

— Emilien… Não deixe nossa empresa falir. Não deixe nem mesmo sua mãe saber que estamos em crise ou ela… vai surtar. Me escutou? Salve nossa família, *mon fils*.

Mal o enxergo através das minhas lágrimas. Thierry aperta minha mão, sorri morbidamente e tenta dizer:

— Emil… — Pausa, seus olhos começando a se fechar. Papai resmunga de dor. — Diga à sua mãe e à sua irmã que eu as amo muito. — Limpo minhas

lágrimas com as costas da mão. — E eu também… eu também te…

Thierry não consegue dizer que me ama. A morte o leva antes que tenha tempo.

Meu pai, o homem que mais amo na minha vida, morre em meus braços.

CAPÍTULO 17

— Você não fez isso! — grito com Emilien.

— Eu fiz — responde, debochado e balançado as sobrancelhas.

Ele está aqui agora, parado no umbral da minha porta, todo lindo dentro de uma roupa casual, perfumado com seu habitual *Bleu de Chanel* e sorrindo de orelha a

orelha. O desgraçado sabe que me pegou de surpresa e, acima de tudo, sabe que eu *adorei!*

Não sei se se trata de outro do seu modo de tentar me reconquistar ou está apenas sendo meu amigo. No último mês, desde que estive em seu apartamento e propus nada além de amizade entre nós, Emilien mudou comigo.

No bom sentido. Ele tem respeitado meu espaço mais do que posterior à sua volta. Suas mensagens variam de uma a três por dia, sem nenhuma conotação sexual ou sugestiva, muito menos pressionando-me a perdoá-lo a ponto de ultrapassarmos a barreira que nos impus.

Achei que ele fosse usar o fato de ser dono da *Intéressant* para aparecer na redação quando bem entendesse, mas a última vez que o vi pelos corredores foi na semana do coquetel.

As fotos ainda continuam, mas não têm mais as mensagens atrás e

mudaram de foco também. Se antes recebia uma fotografia todo dia, com algo relacionado ao que ele sentia falta em mim ou em nós, agora recebo, no máximo, duas na semana, e são de temas variados — de pores do sol a paisagens noturnas. Emilien é um homem ocupado, mas tem feito questão de mantê-las, enviando-me principalmente imagens de pontos turísticos de locais onde está viajando a negócios. Esses dias, mandou-me uma foto da Torre de Pisa e do Coliseu. Segundo me informou, ele mesmo tem batido essas imagens, o que me deixa estranhamente feliz por ele, ao mesmo tempo em que faz cócegas no meu estômago. Emilien continua tirando um tempo do seu dia atarefado para me presentear com algo tão singelo.

Tivemos dois encontros, e em nenhum deles ficamos sozinhos. Bernardo e Ann-Marie nos acompanharam a um restaurante na semana passada; da mesma maneira, nos receberam em sua casa para um jantar agradável.

No geral, Emilien tem se comportado.

Agora, entretanto, ele me pega desprevenida quando aparece aqui com um presente maravilhoso desses.

— Desculpe por aparecer a essa hora — diz, abaixando-se e pegando a grande caixa perto do pé. — Mas vou viajar em dois dias, e amanhã estarei o dia todo

ocupado. Me sobrou uma brecha e decidi vir hoje. Você não se incomoda, *n'est ce pas?*

Tirando o fato de que estou descabelada e de vestido de moletom em uma segunda-feira-feira às nove da noite, não, não me incomodo. Dou espaço para ele entrar, pois noto que a caixa começa a pesar em seus braços.

— Não acredito que você fez isso — digo, seguindo-o até a cozinha. Ele apoia a grande embalagem sobre a bancada e se vira para mim.

— Você vive dizendo que ama meu café… — fala, apoiando a mão sobre o presente que me trouxe. — Como sei que, provavelmente, nunca mais poderei te preparar algumas xícaras… — Ele baixa o olhar de repente; balança a cabeça em negativo e então torna a me encarar, completando sua sentença: — Decidi comprar uma cafeteira igual à minha. Não sei se seu café sairá igual ao meu, mas… — Dá de ombros, exibindo um sorriso lindo. — Você pode tentar.

Nem vejo quando me jogo em seus braços e o aperto com toda minha força. Parece uma besteira sem tamanho, mas realmente estou feliz com seu presente. Uma cafeteira. Maravilhosa.

— *Merci,* Emilien! — exclamo em agradecimento, arrastando meu nariz pela pele do seu pescoço. Fecho os olhos e inspiro fundo seu cheiro esplêndido.

Estou relaxada em seus braços ao passo que o sinto tenso e relutante em retribuir ao meu afeto. Só por um segundo me esqueço do acordo estúpido que firmamos de sermos apenas amigos (e eu sei que é impossível ser *apenas* sua amiga) e deixo me levar por esse breve momento em seus braços. Nosso primeiro contato mais próximo desde o coquetel em sua mansão.

Parecendo ter um pouco mais de juízo do que eu, Emilien me afasta de seus braços, com um sorriso fúnebre e olhos perdidos. Um segundo depois, também me sinto mal por ter me aproximado dessa maneira.

— Trouxe algo a mais. — Quebra o silêncio pequeno entre nós, virando-se para a caixa e a abrindo. De lá de dentro, puxa duas embalagens de *St. Helena Coffee*. — Achei propício, já que você está trabalhando em uma matéria especial sobre a Revolução Francesa — brinca, pois o *St. Helena* foi cultivado por Napoleão Bonaparte na ilha de mesmo nome. Tecnicamente, é o café oficial do homem que foi Imperador da França por dez anos.

Pego as embalagens de sua mão e as admiro por um instante. Ele desembala a cafeteira e começa a instalá-la no lugar da minha antiga.

— Ah! — exclama, ainda mexendo no aparelho. — Também trouxe um vale-compra de mil euros para você comprar mais quando acabar. — Fica em silêncio por um segundo, como se estivesse calculando. — Deve conseguir comprar uns quatorze quilos. — Nem me surpreendo. Esse café é realmente caro. — É o suficiente para você passar o ano degustando de uma boa safra? —

indaga, virando-se em minha direção.

— Está louco, Emilien? É claro que é suficiente! Não vou consumir mais de um quilo de café por mês. Sou viciada, mas nem tanto.

Ele deixa uma risada profunda e gostosa no ar, enquanto segue mexendo na aparelhagem. Minutos se passam até que, por fim, consegue instalar a cafeteira. No mesmo instante, Emil prepara duas xícaras da bebida para nós, estreando a máquina.

Fecho os olhos enquanto degusto dessa bebida divina. Ouço uma risada engasgada; ao erguer as pálpebras de novo, Emilien está vermelho de rir. Não entendo a graça e indago:

— O que é tão engraçado?



Ele cai na gargalhada ainda mais, levando-me a rir junto dele sem nem saber o motivo. Dificilmente presenciei sorrisos dele assim. Emil sempre foi bastante fechado e sério. Ao se recuperar da sua crise de risos, me responde:

— A cara e os sons que você faz pra tomar o café que fiz… Parece que está tendo um orgasmo. É adorável.

Coro sem nem perceber. Só ele mesmo para pensar em orgasmo enquanto tomo uma xícara estupidamente maravilhosa de cafeína. Dou um tapa na sua mão sobre a mesa.

— Não tenho culpa se você é bom em dar orgasmos até mesmo com cafés! — rebato, arregalando os olhos um segundo depois ao me dar conta do que saiu dos meus lábios.

O sorriso em Emilien some na mesma hora. Ele engole em seco e olha para baixo. O clima fica estranho de repente. Nessas semanas todas em que estamos tentando ser *só* amigos, não fizemos nenhuma piada com conotação sexual ou qualquer coisa do tipo… Já no intuito de evitar sermos tentados a ultrapassar a linha da amizade.

Também não consigo dizer nada. Tomo mais do meu café para ajudar a descer o nó em minha garganta.

— Preciso ir — anuncia segundos mais tarde, terminando a sua dose. —

Vou deixar você descansar. — Levantando-se da mesa, vem em minha direção e deixa um beijo casto na minha testa. — *Au revoir*.

Sorrio e o acompanho até a porta.

— Vou pensar em algo para recompensar o seu presente, *chéri* — digo-lhe enquanto ele caminha até o elevador. Emilien se vira em minha direção e sorri minimamente, quase de forma triste.

— Não se preocupe com isso, *ma belle*.

Tiro uns dias fora da redação para escrever minha matéria da edição especial. Conversando com Héron, peguei dois dias — quinta e sexta-feira —

para emendar com o final de semana e ficar em um local tranquilo para trabalhar no meu arquivo. A viagem para Loches, uma comuna a três horas de Paris, foi feita na quarta-feira logo após o expediente. No porta-malas coloquei roupas e pertences, livros para eventuais pesquisas e entretenimento, meu notebook, bloco de anotações, meu cronograma, duas garrafas de vinho e café.

Minha mãe foi criada na comuna até os dezoito anos. Após a morte dos pais, herdou a pequena propriedade da família Fournier, que, anos mais tarde, usava para passar pelo menos uma semana de cada mês para escrever seus romances. Conversando com ela, consegui permissão de me hospedar na casa para realizar meu trabalho.

Como na quinta-feira pretendo me concentrar o dia todo em estudo e escrita, ajeito o local logo quando chego. Preparo uma taça de vinho e deixo o queijo, que comprei durante a viagem, de forma acessível enquanto tiro o pó e troco as roupas de cama. Beiram onze da noite quando tudo está organizado para minha estadia. Faço uma sopa rápida para forrar o estômago antes de dormir.

No dia seguinte, preparo uma garrafa de café generosa, acomodo-me na sala e começo a trabalhar. Paro eventualmente para comer, beber água e tirar pequenos descansos de dez ou quinze minutos. Trabalho quase exaustivamente até por volta de seis da tarde, tendo começado pouco antes das oito. Finalizado o dia, preciso de um bom jantar e uma boa taça de vinho em frente à televisão.

Tomo um banho rápido, coloco um vestido de mangas compridas, meia-calça e casaco grosso, pois as temperaturas estão baixas.

A viagem até o supermercado E. Leclerc Loches, na *Avenue La Coutiere*, é rápida, não mais que dez minutos. A rede de hipermercados, mesmo em uma comuna pequena como aqui, é bem grande e traz variedades. Caminho pelos corredores, escolhendo frutas, queijos, congelados e chocolates. Lembro-me de que preciso de um vinho para harmonizar com o queijo e empurro meu carrinho até a sessão específica. Estou analisando um dos rótulos quando uma mão pousa sobre meu ombro, assustando-me levemente.

Quando olho para os lados, deparo-me com seus olhos azuis de felicidade e surpresa e um dos sorrisos mais estúpidos e lindos de toda França.

Não é possível. Mas nem aqui esse ser humano vai me dar sossego?

— Emilien?

Ele se aproxima de mim e me dá dois beijos no rosto, um de cada lado.

— *Salut, chérie*. O que está fazendo aqui?

— Eu quem te pergunto isso — rebato, pondo a mão na cintura.

— Tirei o final de semana de folga — explica, analisando a prateleira à nossa frente. Depois, seus olhos se desviam para minhas mãos segurando a garrafa de vinho e por fim para no meu carrinho de compras. — Não acho que será uma boa combinação — opina. Com o indicador, ele escolhe uma garrafa e retira da

prateleira: — A harmonização ficará melhor com um Cabernet Sauvignon.

Meio irritada, pego a garrafa da mão dele.

— Eu sei fazer uma harmonização de vinho e queijo, Emilien.

— Certo, *pardon*. Mas ainda não me disse o que está fazendo aqui.

Devolvendo o Cabernet para seu lugar e optando por um Barolo, respondo:

— Vim para ter *sossego* e escrever a minha matéria da edição especial da *Intéressant.* É muita coincidência nos encontrarmos justamente aqui em Loches, não acha? — pergunto, meio desconfiada e acusadora.

Baile de máscaras, Dames Parisiennes, ele ser dono do grupo editorial onde trabalho… agora Loches. São muitos encontros "por acaso" que têm levantado minhas suspeitas.

— Será isso um sinal do Universo? — responde, erguendo as sobrancelhas sugestivamente. Reviro os olhos e não seguro uma risadinha. — O

que vai fazer amanhã à noite? — pergunta, atentando-se aos diversos rótulos de vinhos. Penso em responder quando ele emenda: — Poderia vir jantar em casa.

Minha família tem uma propriedade na saída da cidade.

Engulo em seco, sentindo o suor começar a se formar na minha espinha.

Emilien sabe que não é bom ficarmos sozinhos. Somos *apenas amigos* e quero continuar assim.

— Não sei, Emilien — suspiro, mordendo o lábio inferior. — Não acho uma boa ideia eu e você sozinhos, em um jantar, na sua casa.

Ele finalmente me olha, observando-me de um jeito meio entristecido. É

claro que minha recusa o atormenta. Esse homem segue tentando encontrar maneiras de me reconquistar.

— Não estaremos sozinhos — informa, pegando-me meio de surpresa.

Estou para perguntar quem mais estará conosco quando uma moça surge no corredor, chamando-o. É alta, muito bonita. Corpo avantajado, cabelos negros como a noite. Ele se vira em direção à mulher e sorri. Uma bolota de ciúme se forma na minha garganta. O que esse safado está tentando aqui, afinal?

Convidar-me para ir à sua casa jantar junto com ele e com seu novo caso parece-me uma maneira de tentar me causar ciúmes. Admito, está funcionando, mesmo que não devesse.

— Você acha que Nicole vai gostar se fizermos um *cassoulet*? Quero que amanhã à noite seja tudo perfeito e agrade sua irmã.

Tenho vontade de vomitar. Já entendi o que está acontecendo. Ele vai apresentar a namoradinha para a irmã, e ela está ansiosa, pensando em agradar e ser aceita. Quero muito mentir dizendo que não me sinto incomodada. Emilien jamais me falou de sua família, quanto mais me apresentar a eles.

— *Oui.* Nicole vai adorar. Se fizermos *petit gâteu* de sobremesa, ficará perfeito.

— Maravilha! Vou buscar o sorvete de creme.

— Espere. — Dupont a segura pelo punho. — Quero te apresentar a uma pessoa.

Forço um sorriso para a moça, odiando o momento.

— Lorraine, essa é Marie Julien… Uma amiga. Marie, essa é Lorraine Meyer, noiva de Nicole.

Arregalo os olhos um segundo depois, pega de surpresa pela informação.

Sinto-me uma estúpida por sempre julgá-lo de forma errada. Eu já deveria saber que Emilien é discreto demais para se deixar ser visto com um casinho qualquer.

Com um alívio estranhamente delicioso percorrendo meu corpo, troco cumprimentos com Lorraine. A moça diz que foi um prazer me conhecer e se retira em seguida para buscar o sorvete de creme.

— Amanhã é aniversário de Nicole. Por isso tirei o final de semana de folga. Há anos não passo um aniversário com ela e estou tentando recuperar o tempo perdido — diz, o olhar triste e perdido por cima dos meus ombros. Ele sorri um

instante depois, de forma meio fúnebre, e então me fita, completando:

— Faremos um jantar especial. Por isso… seria importante se você pudesse vir.

Seremos só nós três… quatro, se você vier. Nicole tem a noiva, mas eu… estou



sozinho. Queria que estivesse lá, ao menos como minha amiga. Já que está na cidade…

Deveria existir o manual “Como recusar um pedido de Emilien Dupont quando ele faz uma carinha de cachorro abandonado”. Não consigo dizer não para este homem. Não quando me pede assim.

— Me passe seu endereço.

A noite em Loches está fria. Por esse motivo, Emilien me recebe, além do seu terno habitual que o deixa irresistivelmente gostoso, vestido com um casaco pesado. Seus olhos passeiam pelo meu corpo, acompanhado de um sorriso inocente, enquanto estou do lado de fora da propriedade da sua família.

Optei por uma combinação monocromática de preto. Um vestido de veludo que comprei mais cedo, echarpe, meia-calça e *pea coat*.

Ainda estou admirando sua beleza monumental quando se aproxima de mim, apoia a mão sobre a base da minha coluna e me cumprimenta com um beijo quente no meu rosto.

— Entre — sussurra ao pé do meu ouvido.

O interior da sua casa é aconchegante e está aquecida por uma lareira na sala principal. A construção é de pedra, imitando os diversos castelos na comuna, com uma decoração digna da realeza. Ele me acomoda no sofá frente ao fogo crepitando e pergunta se quero alguma coisa para beber. Aceito uma taça de vinho ao mesmo tempo em que ouço risadas femininas vindas do que suponho ser a cozinha. Emilien prepara minha bebida no pequeno bar no ambiente e se

senta ao meu lado, ele próprio em posse de uma dose de Cabernet.

— Obrigado por ter vindo — agradece, cruzando as pernas. Às vezes fico impressionada de como ele é elegante. Sorrio e tomo uma pequena dose do meu vinho *rosé*, que ele sabe ser meu favorito.

— Obrigada por ter me convidado — devolvo.

Neste instante, a morena de cabelos pretos e corpo avantajado entra na sala, acompanhada de uma segunda mulher que é seu completo oposto: loira, olhos verdes, ligeiramente mais baixa, corpo enxugado. Reconheço Nicole no mesmo instante e, quando seus olhos batem em mim, ela parece fazer o mesmo, sorrindo alegremente enquanto vem em minha direção. Emilien se levanta primeiro e me puxa pelo punho no exato momento que estava pensando em recebê-la.

— Então é você a garota que Emilien tem comentado comigo? — indaga, acolhendo-me em um abraço caloroso e forte. Pisco por várias vezes, sem saber como agir. Emil andou falando de mim para a irmã? — Vi você no coquetel da revista — informa, afastando-me em seguida. Só consigo sorrir diante sua simpatia. Nicole dá uma olhadinha para o irmão mais velho e depois se volta para mim. — Que bom que está aqui. Fico muito feliz em conhecer a mulher que finalmente conseguiu roubar o coração dele.

Emilien pigarreia e lança um olhar de advertência para Nicole, que dá de ombros e continua esperando uma resposta minha. Ela sabe que o canalha me magoou mais que qualquer outro homem?

— Hum… obrigada pelo convite. E feliz aniversário — falo, meio desajeitada. — Te trouxe um presente singelo, porque não sabia o que te comprar. — Reviro minha bolsa a tiracolo e retiro uma caixinha de veludo. A moça abre um enorme sorriso ao se deparar com um colar banhado à prata.

Novamente ela me abraça, o que me pega de surpresa, porque não estou acostumada com tanta troca de afeto dessa maneira com pessoas desconhecidas ou com quem não mantenho intimidade. A moça parece não se importar muito.

— *Merci beaucoup!* É lindo. Vou usar ainda hoje. — Virando-se para noiva, pega-a pela mão e a traz mais para frente. — Suponho que já conheça minha futura esposa, Lorraine Meyer.

— Sim, nos conhecemos ontem, quando encontrei seu irmão por acaso no supermercado. É um prazer rever você, *madeimoselle* Meyer.

— Sem formalidades — ela dispensa. — Estamos em família, pode me chamar de Lorraine.

Lorraine ajuda Nicole a vestir o colar que lhe dei, enquanto Emilien se põe ao meu lado e abraça minha cintura. Olho-o, assustada com sua aproximação. Ele nada diz, apenas me observa por longos segundos com um sorriso singelo e depois se volta para a irmã, que agora está beijando



amorosamente a noiva.

— Vou servir o jantar — Nicole anuncia.

Nicole Dupont é uma pessoa maravilhosa. Comprovo isto durante a hora em que ficamos em torno da mesa. Descobri que ela e a noiva são nutricionistas e trabalham juntas em Paris. Sua conversa é sempre muito agradável e alegre, o que contrasta com o jeito enigmático e recolhido do irmão mais velho. Falamos de tudo pouco, mas não entramos no âmbito que eu mais queria: família. Embora a curiosidade estivesse me corroendo por dentro, não fui indelicada em perguntar onde estaria a mãe deles, afinal é seu aniversário, e por que os dois se distanciaram por alguns anos.

A moça me fez contar de como conheci Emilien e se mostrou bastante favorável a termos algum tipo de relação. O que já era de se esperar, quando cheguei na parte em que ele me magoou — sem entrar em detalhes —, Emil ficou mais recluso do que o normal. Depois de me ouvir, a irmã deu um murro no braço dele e o mandou arrumar as coisas comigo. Não consegui segurar uma risada com isso.

Eu deveria ter ido embora logo após o jantar e algumas horas de conversa jogada fora. Mas entardeceu além do que pude notar e Nicole não me deixou voltar para casa dirigindo tão tarde da noite. Não sei se foi deliberado ou se sua sugestão de pernoitar em um dos quartos de hóspedes da imensa propriedade foi inocente,

mas, de qualquer maneira, aceitei. Ela me arrumou uma roupa de dormir e escova de dentes nova.

São duas da manhã e ainda não consegui pregar os olhos, não sei por quê.

Virando-me de um lado a outro na cama, decido me levantar, me enrolar em um robe e descer até a cozinha beber um copo d’água. Encontro uma garrafa em temperatura ambiente sobre o balcão e disponho uma dose generosa no copo.

Estou voltando para meu quarto quando noto uma luz acesa do outro lado da sala de estar, onde tem uma porta-balcão que dá para uma varanda na lateral da casa.

A passos pequenos, aproximo-me e deslizo a porta, encontrando um Emilien

sentado no banco da sacada, de pijama e enrolado em uma coberta que parece quentinha. Encosto as folhas duplas e sento-me ao seu lado.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, com um sussurro.

Ele se vira para mim e me dá um sorrisinho triste.

— Estou sem sono.

— Não está com frio?

Como resposta, ele abre a coberta em seu corpo e joga sobre meus ombros, puxando-me para o calor da sua pele.

— Agora não mais — responde, meio brincalhão.

Não reluto em me aconchegar em seu calor. Em silêncio, observo a paisagem noturna junto com ele, vendo as estrelas no céu cintilarem e ouvindo o cantar dos grilos. Em um gesto mecânico, apoio a cabeça em seu ombro.

Longos segundos de silêncio pairam sobre nós até que decido abordá-lo:

— Por que não me conta o que aconteceu para ter se afastado da sua irmã?

— Foi preciso. — Essa resposta de novo.

Suspiro.

— Estou cansada de você nunca se abrir comigo — revelo, quase de forma inaudível. — Sempre fui sua amiga, Emilien, mas você nunca confiou em mim o bastante para me contar sobre sua família e seu passado.

— Não se trata de confiança — fala, franzindo as sobrancelhas.

— Então por que não me conta? — murmuro.

— Porque me machuca — responde.

Sua resposta me atinge quase com o mesmo efeito de uma bala no meio do peito. Ele evita o assunto não porque é evasivo. Ele evita o assunto porque o machuca. *Mon Dieu*, por que nunca considerei isso? Meus olhos se enchem de lágrimas sem que eu perceba. De algum modo, sei que Emilien é um homem quebrado. Tem algo no seu passado que o transformou nessa figura misteriosa e sombria, que pouco sorri e odeia compartilhar sua vida particular.

As gotas deslizam pelo meu rosto e demoro a notar que choro timidamente *por conta dele*. Com uma expressão dolorosa, ele vem até mim e

limpa minhas lágrimas.

— Minha mãe… — começa, afagando minha bochecha. — Ela tem um transtorno narcisista que sempre a fez ser tóxica comigo. Desde que me conheço por gente. Isso prejudicou muito o meu desenvolvimento, minha autoestima, porque eu nunca… recebi direito o amor dela, entende? — Estou presa a suas palavras, atenta a cada sílaba dele. Emilien resolveu se abrir. Por algum motivo, decidiu me contar mais sobre uma parte da sua vida. — Quando Nicole nasceu, ela usou minha irmã para me atingir ainda mais.

— Por quê? — Quero saber. Não consigo conceber como uma mãe pode querer machucar o próprio filho.

Emilien fica cabisbaixo de repente. Sinto um leve tremor em seu corpo, como se o assunto o deixasse vulnerável e fraco. Temo que seja realmente isso.

— Minha mãe sempre me manipulou, Marie. Ela adora me punir quando as coisas não saem do jeito dela. É o transtorno, entende? Eu era uma criança quando… — Faz uma pausa bastante longa. Seus olhos saem de mim para fitar o horizonte negro. — Não importa — murmura, balançando a cabeça. Ele não vai

me contar essa parte. — Aconteceu algo e ela sempre pôs a culpa em mim. Por conta disso, Elizabeth, ou o distúrbio narcisista dela, acredita que mereço ser punido… Por isso, a vida toda minha mãe sempre fez de tudo para me castigar.

Seguro sua mão nesse instante, tocada por essa parte da história de sua vida que não conhecia. Ele olha para nossas mãos juntas e sorri um pouquinho.

— Saí de casa por um tempo — continua, ainda cabisbaixo — quando me dei conta de que, se quisesse manter minha mente saudável, precisava fazer isso. Essa decisão me obrigou a me afastar da minha irmã e do meu pai. Um tempo depois, Elizabeth conseguiu me fazer voltar. A situação não melhorou, mas meu acompanhamento com o psicólogo me ajudava a suportar a convivência. Depois da morte do meu pai, minha mãe piorou consideravelmente.

Se já era insuportável conviver com ela antes da partida de Thierry, imagine depois? Não aguentei três meses e fui embora de novo. Outra vez, me distanciar da minha mãe significava me distanciar da minha irmã. Me afastei de vez para poder protegê-la, porque *maman* ia puni-la assim como me punia, e a última coisa que desejava à minha *petite soeur* era ter o psicológico abalado. Eu a via muito pouco, a maioria das vezes na ocasião de seu aniversário. Ela não entendia por que eu tinha ido embora, e preferi deixar que nossa mãe desse sua versão: a de que eu era um ingrato e vivia dando desgosto. Apenas anos mais tarde, quando Nicole tinha uns dezoito anos, que ela soube do verdadeiro motivo por

eu ser tão afastado. Meses atrás, Nic me procurou e contou que também se distanciou da mamãe, que começou a ser tóxica depois que ela se assumiu.

Decidimos então recuperar os anos perdidos. Marie…eu amo demais aquela garota. Apesar de ter sido sempre a preferida e recebido da minha mãe tudo que não tive. É minha irmã. Meu sangue. Mataria e morreria por Nicole. Nunca mais quero ter de me afastar dela.

Seu relato me emociona em um nível incapaz de ser medido. Nem consigo imaginar como é crescer com uma mãe narcisista, sem amor, afeto, carinho. Acho que Emil só não é mais quebrado por causa do amor do pai e da irmã.

Em um ato impensado, movida pelas minhas emoções à flor da pele, me jogo em seus braços e o aperto forte contra meu peito, como se pudesse aliviar todas as suas dores. Ficamos assim um com o outro por segundos inteiros. Ao me afastar, ele está com os olhos vermelhos e marejados. Miro sua boca levemente

entreaberta e quase salivo de vontade de beijá-lo. Por mais que odeie este fato, Emilien tem uma influência absurda sobre meu corpo e meus desejos.

Sem poder mais resistir à minha paixão aflorada por este homem, recaio sobre seus lábios em um beijo rude e profundo, puxando-o pela nuca. Emilien me abraça mais pela cintura e, com um impulso, me põe em seu colo, a coberta caindo no chão. Abraço-o pelo pescoço e exijo mais da sua boca. Dois segundos mais tarde, sinto uma pontada contra meu sexo. Sorrio e mordo-o no lábio inferior, sentindo sua ereção. Beijo seu rosto, passando a língua no lóbulo da orelha e deslizando até o queixo barbado.

— Marie… — murmura, estrangulado.

— Quero você… — respondo, abrindo os botões da sua camisa do pijama. O peitoral dele abrilhanta meus olhos. Resvalo o indicador em sua pele, numa marca discreta e quase imperceptível que ele tem no peito, na vertical.

Parece uma cicatriz, ou uma mancha, não tenho muita certeza. Inclino-me e beijo sua mama esquerda.

Emilien me agarra com firmeza pelos cabelos, fazendo-me soltar um gemido estrangulado.

— Diga… De forma sincera — pede, engolindo em seco.

— *Je te pardonne* — falo, sinceramente. — Eu te perdoo, Emilien. De verdade.

Um segundo depois ele está beijando-me de forma sôfrega, quase como se sua vida dependesse disso. Sua língua desce até meu colo e abocanha um dos meus seios que salta para fora da camisola. Gemo e mordo o lábio inferior, movendo os quadris sobre sua ereção.

— Você tem camisinha? — pergunto, olhos fechados.

— Não. Não vim esperando transar, *chérie*.

Oh, droga!

Solto um suspiro frustrado, mas não deixo de provocá-lo.

— Confio em você — ele diz, puxando o outro seio para fora. Enquanto dá atenção devida para esta parte do meu corpo, sua mão direita desce até meu clitóris e o aperta na medida certa.

— Sem camisinha, então? — questiono, gemendo em seguida com a combinação da pressão em meu clitóris e da mordida em meu mamilo direito.

— *Confio em você* — reafirma.

Sem perder mais tempo, trago seu pau duro e majestoso para fora, afasto minha calcinha para o lado e o ponho dentro de mim.

No instante em que Emilien me penetra, eu me dou conta de que ultrapassamos a linha da amizade e de que tomei um caminho sem volta.

Traumas e segredos

MARIE

CAPÍTULO 18

— Ah, porra! Que saudade senti da sua boceta, Marie… — Emilien murmura, agarrando forte minha bunda e abrindo-a para meter cada vez mais fundo em mim.

Meu corpo queima em contraste com a brisa fria que atinge a varanda, mas não me incomoda o suficiente para parar. Apoio as mãos em seus ombros e faço menção de cavalgar com força, mas ele me impede, segurando minha cintura e determinando seu próprio padrão de estocadas intensas que me atingem com uma pontada prazerosa. Arqueio as costas para trás, recebendo com felicidade o que ele me dá.

Emil me envolve pelo pescoço com uma de suas mãos macias e calorosas e me puxa de volta aos seus lábios, de onde eu não deveria ter saído, afinal.

Suspiro em sua boca enquanto ele ainda me come com todo vigor, socando tão fundo e atingindo um ponto que nem mesmo ele tinha chegado antes.

Seu nome deixa meus lábios em forma de múrmuros incontroláveis, bem rentes à sua boca inchada. O desejo percorre meu corpo, começando a se concentrar no meu nervo sensível. Em tão pouco tempo, já estou prestes a gozar, porque é esse o controle deste homem sobre mim.

— Estou quase — anuncio, fincando minhas unhas vermelhas em seus

ombros. Fecho os olhos e os aperto, concentrando-me para me libertar.

Emilien se levanta de repente, segurando-me com a facilidade que seus braços potentes permitem. Sem sair de dentro de mim, ele sobe as escadas em direção aos quartos e me deita em sua cama, separando minhas pernas o máximo que consegue. Ajoelhado no colchão, ainda conectados, ele volta a se arremeter vigorosa e alucinadamente. A cama balança e faz ruídos, que ele parece não o preocupar se estão ou não atravessando as paredes da casa e acordando a irmã e a noiva.

— Emil… — gemo pela milésima vez, o orgasmo de novo dando indícios de explodir. O homem recai sobre meu corpo, tomando meus seios, e em seguida meus lábios, em um beijo tresloucado e cheio de luxúria. Abraço sua cintura com as pernas e inclino meu quadril em um ângulo ligeiramente para cima, dando-lhe acesso mais fundo em mim, apertando meu sexo contra o seu.

— Porra! — ele exclama, pescando minha mão e fechando-a forte contra a sua.

O prazer está atingindo-me quando ele sai de dentro de mim e coloca a cabeça entre minhas coxas, fazendo-me gozar na sua língua suculenta que se movimenta para cima, para baixo e circularmente no meu ponto inchado e encharcado. Agarro seus cabelos e o pressiono mais em mim, ainda explodindo com o orgasmo que me propicia.

Meu corpo quase desfalece um instante depois, meu coração acelerado, minha vista turva, todo meu organismo subitamente em um estado de euforia, felicidade e relaxamento. *Mon Dieu,* como esse homem é maravilhoso. Ele fica ali mais

algum tempo enquanto recupero o fôlego, agora mais brando e brincando com línguas e dedos.

Emilien se deita na cama e me puxa para me sentar sobre seu pênis majestosamente duro, aperta minha cintura e me faz cavalgar da maneira que quis desde o primeiro momento que me sentei nele, na varanda. Desta vez, deixa-me comandar o sexo, o que faço com bastante satisfação. De olhos fechados e com a cabeça para trás, ele geme despudoradamente, marcando minha pele à medida que subo e desço tão forte que o som do atrito de nossas peles preenche o cômodo.

— Me deixa gozar dentro de você — pede. Suas pupilas e narinas estão dilatadas, suas íris azuis tomando uma tonalidade mais forte que o normal. —

Você toma algum contraceptivo? Porra…! Preciso muito gozar na sua boceta, *ma*



belle…

Como resposta, apenas abano em positivo. Um segundo mais tarde, Emilien trava meus movimentos, agarra-me pelos quadris com mais força e se arremete contra mim até me fazer gozar pela segunda vez enquanto ele próprio encontra seu ápice.

Ofegante e cansada, deito-me sobre seu peito e escondo meu rosto na curva do seu pescoço, inalando seu cheiro almiscarado. Ele acaricia minhas costas amavelmente, movimentando suas mãos quentes para cima e para baixo.

— Me dê quinze minutos — diz, deixando-me confusa. Sem desgrudar do calor do seu abraço, peço para explicar. — Para recuperar o fôlego e te comer de novo — responde, beijando minha bochecha.

Dou uma risadinha contra sua pele e não contesto. Afinal, estou mesmo disposta a uma segunda rodada.

Levanto-me com cuidado e me enrolo no robe. Emilien, nu e esparramado na

cama, está em sono profundo. Observo-o por um segundo inteiro — do rosto barbado ao sexo com uma ereção matinal — antes de pegar papel e caneta e escrever um bilhete rápido que deixo no criado-mudo perto da cabeceira.

São sete da manhã quando, pé por pé, volto ao quarto de hóspedes, tomo um banho quente e visto minhas roupas do dia anterior, exceto pela calcinha; opto por uma cueca emprestada dele que peguei em seu quarto antes de vir para cá. Tentando não fazer muito barulho — com isto quero dizer que meus saltos estão entre meus dedos, e não nos pés — desço as escadas da mansão que já recebe os primeiros raios do sol.

— Você deve ser a garota com quem Emilien está dormindo — uma voz ecoa pelo ambiente. Andando cabisbaixa, prestando atenção nos meus pés para não pisar em nada e fazer barulho para casa toda, não me dou conta de uma figura imponente sentada no sofá da sala de estar.

É uma mulher de idade avançada, talvez uns sessenta e três anos no máximo. Cabelos loiros-escuro presos em um coque severo e perfeito, sem um fio fora do lugar. Pernas cruzadas elegantemente, olhar ferino e intimidador enquanto segura um copo de uísque (sim, às sete da manhã) nos dedos finos e envelhecidos.

Não sei que reação ter, então apenas solto múrmuros ininteligíveis e penso em algo a dizer para me tirar dessa situação constrangedora. Nesse interim, a “invasora” se levanta do seu lugar e vem em minha direção a passos decididos e quase realengos.

— Uma moça bonita, mas acho inaceitável trepar a noite toda com meu filho e ir embora pela manhã. Acaso é algum tipo de prostituta?

Meu rosto queima, não sei se de vergonha pelo flagra ou de raiva pelo modo como erroneamente me classifica. Estou para abrir a boca e respondê-la quando uma segunda figura surge no ambiente, carregando uma xícara de café

— sei por conta do cheiro inconfundível — exclamando alguma coisa, mas para abruptamente ao me ver nos lances da escada. Meus olhos arregalam ao reconhecê-la. É a mulher do baile de máscaras, das fotos com Emilien, do restaurante, a que entregou uma pasta de documentos a ele semanas atrás.

— Não sabia que Emil havia trazido companhia — ela diz, abrindo um sorriso e

parando ao pé da escada, tendo de erguer o olhar ligeiramente para poder me encarar. — Tenho a leve impressão de que já te conheço.

Molho o lábio inferior e fujo de seu olhar por um segundo.

— A moça está saindo na surdina. — A mais velha, a que agora sei que se trata da matriarca Dupont, se intromete, a voz soando rígida e desdenhosa. —

Como uma prostituta. — Usa novamente esta palavra. — Duvido que a conheça, *ma chérie*. Ela não me parece do tipo que frequenta os mesmos ambientes sociais que você.

— Eu não sou uma prostituta! — exclamo, irritada, ao mesmo tempo que a mais nova também diz:

— Ela não é uma prostituta, Elizabeth. Já a vi em outras ocasiões com Emil. — A estas palavras, a mãe dele faz uma carranca e um movimento de descaso com as mãos, retornado ao seu sofá e sentando-se como se fosse a Rainha da Inglaterra. E eu odeio monarquistas!

Termino de descer as escadas, decidida a pegar meu carro e ir embora,



mas a mulher de cabelos castanhos para bem à minha frente, dando-me um sorriso simpático e caloroso, esticando a mão em minha direção:

— Ainda não fomos apresentadas.

Inspiro profundamente e, apenas por educação, aperto a mão dela, respondendo:

— Marie Julien. Sou uma amiga do Emil.

Elizabeth pigarreia e dá uma risada sarcástica. Lanço um olhar duro a ela, que continua indiferente a mim.

— Muito prazer. Sou Marjorie Chevalier. Ex-noiva do Emilien.

A informação me pega de surpresa.

Ex-noiva. A palavra roda em minha mente por segundos inteiros, como se meu cérebro fosse um computador velho processando um programa moderno.

Ex-noiva! Acho que minha pele fica pálida, porque Marjorie me pergunta se me sinto bem. Antes que eu possa responder, Elizabeth se intromete mais uma vez:

— Ela está surpresa com a informação, *chérie*. Conhece meu filho. Ele nunca fala sobre o relacionamento de vocês. Para ninguém. E essa moça visivelmente está apaixonada pelo Emilien, o que é uma pena. Nós duas sabemos o que acontece com as moças que se apaixonam por ele.

Um medo estranho toma conta do meu corpo. O que essa megera quis dizer?

— Não ligue para isso — Chevalier murmura. — Elizabeth é um pouco exagerada.

— Não estou apaixonada pelo Emilien — respondo com uma enorme mentira. — É só sexo casual.

A mulher faz uma carranca ainda pior, pressionando os lábios em uma

linha fina e enrugada.

— O que é ainda pior para sua imagem, *ma chère*.

Estou abrindo a boca para dizer que não me importo com a imagem que tem de mim quando uma voz masculina e rouca soa às minhas costas, interrompendo minha ação:

— Marie, onde você…? — Viro-me em sua direção e dou de cara com um Emilien apenas de boxer branca, com o roupão preto aberto, cabelos bagunçados, rosto marcado de sono. O homem estaca no meio do caminho ao notar a mãe e a ex-noiva em nossa presença. Imediatamente, ele fica ainda mais pálido, como se tivesse visto um fantasma. — O que estão fazendo aqui? — Sua voz sai áspera e dura.

Calmamente, Elizabeth se levanta do seu lugar, mantendo o ar de superioridade que a faz parecer uma megera, e caminha até o filho, passando por mim e

ignorando-me por completo. Ela o abraça de forma desajeitada; um abraço que Emil não retribui. Muito pelo contrário. Parece desconfortável com tal aproximação, como se essa troca de afeto não fosse comum entre os dois.

— Vim passar um final de semana com minha família. Principalmente porque ontem foi aniversário de minha filha querida. Quis ter vindo antes, mas não consegui. — Emilien a afasta, mantém o olhar para baixo e não diz nada. —

Infelizmente, flagrei uma cena desagradável da sua… — Direciona-se para mim, a expressão em seu rosto ainda de desdém, como se eu fosse um inseto asqueroso a perturbando. Abraço meu próprio corpo, incomodada e diminuída pelo modo como me olha. — *Amante* — enfatiza — indo embora.

Emilien me olha no mesmo instante, tão rápido que tenho a impressão de que sua cabeça vai desgrudar do pescoço. Seus olhos se transformam em um misto de raiva, decepção, tristeza e desaprovação.

— Trouxe duas funcionárias comigo — a mãe dele prossegue — que já estão preparando um café da manhã delicioso para nossa família. — Olhando para mim, completa: — Espero que entenda que o momento é um tanto quanto mais íntimo e familiar.

Cansada desse destrato, bufo e balanço a cabeça em positivo, já me retirando:

— Não se preocupe. Compreendi que não sou bem-vinda.

Mal dou três passos quando Emilien me agarra pelo punho e me traz para

junto do seu corpo quente.

— Marie fica.

Elizabeth lança um olhar desafiador para o filho.

— Vai mesmo me contrariar, Emilien?

Ergo-me nas pontas dos pés e murmuro em seu ouvido:

— Está tudo bem. Não quero atrito entre vocês por minha causa e nem ficar em um ambiente em que não sou bem-vinda.

Emil me aperta mais contra seu torso, prendendo-me e impedindo-me de ir embora.

— Você é bem-vinda, sim — responde-me, embora os olhos possessos estejam na mãe. — *Ma mère* terá de se acostumar com você na família.

Tento não pensar em sua colocação, até porque estou entretida demais no momento tenso na sala. Busco os olhos de Marjorie, que se manteve calada e apenas observando o tempo todo, bebendo vagarosamente seu café.

— Apoio o Emil. Acho que Marie deve ficar — Chevalier por fim se expressa, sorrindo para mim e para ele. Emilien fica neutro diante sua resposta, sinto inclusive seu corpo retesado. Voltando-se para Elizabeth, retoma: — Os dois são amigos, não vejo mal nenhum em ela ficar.

A mais velha mantém sua postura impassível, sustentando meu olhar de uma forma bastante intimidadora. Sem nada dizer por alguns segundos, mas entendendo de que não se oporá à minha presença, ela se retira em seguida em direção à cozinha, enquanto exclama:

— O café será servido às oito horas. Vista-se, *mon fils*, e comunique minha preferida. — *"Minha preferida"* se refere a Nicole. A expressão de Emilien toma formas entristecidas e melancólicas, esmagando meu coração.

Elizabeth não se importa em deixar à vista que a caçula é sua predileta. Um segundo depois, me recordo das palavras dele na noite passada, sobre como a mãe gosta de puni-lo. Emilien acabou de contrariá-la. A mulher sabe como afligir dor no filho e usa a filha mais nova como meio de atingi-lo.

Tomada por um sentimento extremo de empatia e compaixão, jogo-me em seus braços e o aperto com toda minha força. Ele retribui e muito sutilmente ouço um soluço escapar de sua garganta.



— Estava mesmo indo embora? — pergunta assim que entramos em seu quarto. Olho ao redor com cuidado, notando o pequeno bilhete, que deixei no criado-

mudo, intocável.

Antes de respondê-lo, vejo-o abrir a primeira gaveta da cômoda de madeira e retirar uma camiseta preta lisa e vesti-la.

— Não é como se eu estivesse indo para outro país por dois anos —

alfineto.

Emilien demonstra ter sido atingido pelas minhas palavras. Abrindo a terceira gaveta, retira uma calça jeans, subindo-a pelas pernas em seguida.

— Achei que já tivéssemos superado isso — pontua, fechando o botão da calça.

— Não superamos — afirmo.

— *Je ne comprend pas…* — "Não entendo…", ele murmura. — Ontem à noite, disse que me perdoava.

— E perdoei — ratifico. — Mas perdoar não significa esquecer, Emilien.

Ele me olha por longos segundos, mordendo o lábio inferior e balançando a cabeça em positivo quase imperceptivelmente.

— Não pode ficar jogando isso na minha cara por toda a vida — cicia, mirando para baixo. Senta-se na cama e calça um par de tênis que pega perto da cabeceira.

— Posso, sim — devolvo. Enquanto me sentir magoada com o fato de ele ter deixado Paris, me abandonado na sua cama, posso, sim!

— Não se vamos tentar ser um casal.

Olho-o como se seu pênis tivesse saído do vão das suas pernas e ido parar na testa.

— E quem disse que estamos tentando ser um casal? — questiono-o.

Emilien para de amarrar o tênis e levanta os olhos azuis para mim. O

maxilar fica apertado enquanto me analisa.

— Eu voltei para França *por sua causa* e não foi para continuar sendo seu amigo colorido ou qualquer merda do gênero — diz, em um tom de raiva controlada. Ele se levanta da cama e vem em minha direção, pegando meu rosto com as duas mãos. — Marie, não percebe que eu realmente quero tentar? Quero te assumir e te trazer para minha vida.

Não respondo nada por alguns segundos, minha mente rodando em momentos atrás quando sua mãe disse *"Nós duas sabemos o que acontece com as moças que se apaixonam pelo meu filho."* Neste instante, um medo irracional se instala no meu coração. O que Emilien fez com outras garotas? Já provei um pouco de como ele é capaz de quebrar uma mulher sem esforço algum. A sentença de Elizabeth me faz ponderar se ele tem mesmo históricos de ser um babaca idiota ou se falou aquilo apenas para me atingir.

— Sua mãe me disse que não é bom se apaixonar por você — confesso, desviando-me levemente do assunto.

Emilien suspira e se afasta, sentando-se na cama outra vez. Encurvando-se para terminar de amarrar o tênis, responde:

— Minha mãe é uma narcisista, Marie. Ela sempre planejou que Marjorie e eu nos casássemos e não aprova mais ninguém na minha vida. O que ela te disse, foi apenas para te assustar e te afastar de mim.

— Por quê? Por que essa necessidade da sua mãe em controlar a sua vida?

Ele dá de ombros e continua olhando para baixo, embora já tenha terminado de amarrar o tênis.

— Elizabeth alega que sabe *sempre* o que é melhor para mim, que faz isso pelo meu bem, minha felicidade, porque me ama. — Dizendo isto, dá uma risada esganiçada. — Ela tem uma visão bem deturpada de "o melhor para mim". Meses atrás, quando disse que estava disposto a enfrentar tudo para que ficássemos juntos, estava me referindo à minha mãe, porque ela *vai* nos infernizar, Marie, disto pode ter certeza. Eu não pretendia que ela soubesse da nossa relação tão cedo. Consegui esconder um namoro uma vez, não ia ser difícil mantê-la afastada da minha vida de novo.



Sento-me ao seu lado e apoio a mão em sua coxa. Ele está tão charmoso usando jeans e *T-shirt*.

— Por que você e Marjorie terminaram? — pergunto, mas se bem o conheço, ele não irá responder ou dará uma resposta insatisfatória.

— Não importa. — Foi o que pensei. Ele se levanta e passa a mão diversas vezes pela camisa preta, num ato de ansiedade e nervosismo. — Vou avisar a Nicole da visita desagradável. Vejo você na mesa do café, às oito. —

Aproximando-se, deixa um beijo cândido no meu rosto.

Enquanto se afasta, penso em como esse homem tem mais segredos do que imaginei.

Desço pontualmente às oito para o desjejum, meio ansiosa e tremendo por dentro. Não era bem nessas circunstâncias que pretendia conhecer a mãe de Emilien. Também não esperava que ela fosse uma pessoa difícil de lidar. Muito menos que venerasse a ex-noiva do filho e tivesse feito questão de trazê-la para um evento mais íntimo e familiar.

Em volta da mesa, Nicole está no primeiro lugar à esquerda da mãe, ao lado da noiva, que ocupa a segunda cadeira na mesma direção. Ambas parecem meio tensas, o que é compreensível. Pelo que entendi, Lorraine também está conhecendo a sogra hoje. Emilien está no primeiro assento à direita da matriarca, o segundo lugar ocupado por ninguém menos que Marjorie. A moça está fazendo menção de se levantar e trocar de lugar comigo — aparentemente para que eu fique ao lado de Emil —, mas Elizabeth a interrompe ao mesmo tempo em que me instrui a sentar-me em algum dos lugares vagos da mesa para umas quinze pessoas.

Olho atentamente para Emilien, que mal se mexe em seu assento. Espero algum pronunciamento dele, mas não vem. Com uma pontada insólita no meu coração, sento-me ao lado de Lorraine.

— Há bastante tempo que não reunimos nossa família para um momento

como esse — Elizabeth se pronuncia depois de o desjejum ser servido. —

Vínhamos com frequência para cá, principalmente nas festas de final de ano. Se recorda, Emilien? — indaga, levando sua xícara de porcelana chinesa aos lábios e olhando para o filho. — Você e Marjorie adoravam brincar lá fora, com a neve.

Depois que sua irmã nasceu e pegou uma certa idade, parou de passar esses feriados conosco. Bom, o que se esperar de um adolescente de quinze anos, não é?

Por longos segundos, Emilien não responde nada. Seus olhos estão fixos no *croissant* à sua frente, intocado como o café preto. A postura dele de repente é mais abatida e derrotada. Imagino que em sua mente não está vindo nenhuma boa lembrança desse passado que Elizabeth faz questão de exaltar. Será que os natais dele também foram terríveis?

Engulo com dificuldade um naco de baguete e bebo do meu café para ajudar a descer.

— Teve uma vez que Emilien foi parar no hospital — Nicole quebra o gelo, olhando da mãe para o irmão — porque o deixei trancado pelo lado de fora da casa; eu tinha uns quatro anos, nevava e fazia muito frio. — Seus olhos se voltam para mim. — *Papa et maman* tinham nos deixado com uma babá e saído para um programa de casal. Emil teve hipotermia. — A menina dá um sorrisinho envergonhado pela peraltice e busca pela reação do irmão.

— Você quase me matou daquela vez — ele por fim se pronuncia, abrindo um leve sorriso. — Nunca passei tanto frio na minha vida.

A tensão vai se dissipando aos poucos, enquanto todos estão engajados na conversa, relembrando momentos engraçados. Elizabeth passa a maior parte do tempo calada, apenas observando a interação dos filhos; Marjorie se junta à conversa, também relembrando a época de quando eram crianças. Para meu alívio, nenhum dos dois toca sobre o passado que tiveram juntos. Até mesmo Lorraine, que parecia mais reclusa e desconfortável, participa do diálogo. Eu fico deslocada demais para pronunciar qualquer palavra.

— Devíamos nos reunir mais vezes — a mãe deles profere, limpando os lábios

com um guardanapo de pano. — Nossa família anda tão distante. —

Virando-se para Nicole, toca-a nas mãos, em um gesto muito maternal e amoroso, com um sorriso caloroso. — Sempre fomos tão amigas, *ma fille*. E nos últimos anos nos distanciamos tanto. Muito por minha culpa, entendo. Mas tente compreender sua mãe. Sempre sonhei com um bom homem para você, um marido que…

— Mamãe, por favor — Nicole a interrompe, suspirando. — Já falamos sobre isso. Não insista no assunto, principalmente na frente da minha noiva. —

Ela pega na mão de Lorraine e a aperta.

— Eu sei, *ma chérie.* E te peço desculpas. Hoje vejo que sua felicidade é o que importa. Se a senhorita Meyer é quem te fará feliz, então vocês têm minha benção.

No mesmo instante, Nicole dá um salto da cadeira e corre abraçar a mãe.

Procuro por Emilien, que acompanha a cena com a testa vincada em uma expressão extremamente triste. Quando nota que estou observando-o, ele baixa o olhar para seu *croissant* ainda pela metade.

— Tudo o que mais quero é ver meus filhos felizes — a matriarca prossegue, segurando na mão da caçula, mas não segura a de Emil. Por fim, olhando para ele, completa: — Você pode pensar que não, mas também me importo com sua felicidade. Se fosse um bom filho, ouviria os conselhos da sua mãe.

— Você não se importa comigo, ou me daria sua bênção independente de quem eu escolher para passar minha vida. Mas as coisas precisam ser do seu jeito, *n'est ce pas, mère?* — O tom dele é irritadiço.

— Pelo contrário — rebate a mãe. — É por me importar com você que faço de tudo para que não tenha mais escolhas erradas, como no passado.

— Não a chame de escolha errada. Meu único erro foi ter deixado você saber que ela estava na minha vida! — Emilien ergue a voz.

A tensão novamente ronda a sala de jantar. Nicole encara a mãe e o irmão, nitidamente perdida na conversa. Dessa forma, descubro que ela também não

sabe sobre uma parte do passado de Emil. Diferente de Marjorie, que demonstra estar inteiramente por dentro do assunto.

— Do que vocês estão falando? — a caçula indaga.

Ignorando a filha, Elizabeth prossegue:

— *Non*, seu erro foi não ter me dado ouvidos! Você mais do que ninguém sabe o mal que causou àquela menina. Sabe que errou, Emilien… tanto é que não tem uma relação séria desde Dé…

— NÃO TOCA NO NOME DELA! — ele grita, fincando o garfo na mesa com tanta força que os dentes do objeto entortam.

— Esqueci-me de que não posso macular o nome dela. Isso é função sua, estou certa? — Há deboche e desprezo no tom de voz de Elizabeth.

Emilien enfia o rosto entre as mãos e desaba sobre a mesa. Marjorie tenta acalmar a situação, enquanto Nicole continua perdida na conversa, assim como a noiva. Eu nem sei qual deve ser a expressão em meu rosto. Sinto-me uma intrusa. Não disse uma palavra desde que cheguei, estou perdida sobre o assunto que mãe e filho abordaram e com medo do que ela disse em relação a essa moça que Emil causou mal. Trata-se disso o seu segredo? O que ele fez para ter causado este mal?

— Mãe… — É Nicole com a voz trêmula. — Por favor, deixe o Emil em paz. Deixe que ele viva com quem bem entender e pare… de atormentá-lo dessa maneira! Não percebe que ele não vai ser feliz enquanto insistir nessa relação dele com a Marjorie?

— Nicole tem razão, Elizabeth. Eu já superei, segui em frente —

Chevalier diz. — Permita que Emilien também siga. Pelo que entendi aqui, ele já encontrou alguém que possa fazê-lo feliz. — Seus olhos se voltam para mim, amáveis, pegando-me de surpresa. O que ela está sugerindo? A atenção de todos se volta em minha direção. Inclusive Emilien, com seus olhos vermelhos e marejados.

— Está na cara que os dois estão apaixonados — Lorraine pronuncia baixinho, como se fosse uma afronta que não deveria dizer, mas o faz em consideração à

mulher que ama. — Emilien roubou o coração de Marie. Está evidente.

Penso em abrir a boca e dizer algo pela primeira vez, mas Elizabeth toma a dianteira e desdenha:

— Emilien é especialista em roubar corações. Se Émilie estivesse aqui poderia confirmar.

A tensão pairando no ar pode quase ser cortada com uma faca.

— Quem é Émilie? — Vejo-me perguntando.

— Ninguém — Emil responde, o corpo tão retesado que ele é capaz de cair duro para trás.

Elizabeth se levanta da sua cadeira com brusquidão, arrastando-a pelo piso de linóleo, encarando o filho com uma raiva visceral.

— *Como "ninguém"?* — brada, e é a primeira vez que a presencio

perder o controle. — Ela sacrificou a vida dela *pela sua*, maldito ingrato!

Num rompante, Emilien também se levanta, os olhos ainda mais marejados e vermelhos:

— Para mim já deu. — Dizendo isto, deixa a mesa a passos rápidos.

Não penso duas vezes antes de segui-lo.

Esse café da manhã foi um desastre.



EMILIEN

CAPÍTULO 19

Entro no quarto e espero a porta bater. Delicadamente, ela se fecha, o que me surpreende, pois a empurrei com força. *Com muita força*. Um segundo mais tarde, um toque brando se faz em meus ombros e no mesmo instante sei quem é.

É a pessoa que mais preciso nesse momento. Mal termino de me virar em sua direção e sou recepcionado pelo seu abraço quente e aconchegante. Como uma criança assustada, refugio-me nela, enfiando meu rosto no seu pescoço e apertando-a contra meu peito.

— Quem é Émilie? — Marie pergunta em um sussurro contra o pé do meu ouvido.

Exaspero pesadamente, tentando não falar do assunto. Quase sem perceber, ela me pega pelo punho e me leva para a cama, sentando-me ao lado.

Então, repete seu questionamento.

— Não quero falar sobre isso, *chérie* — murmuro em resposta, olhando para o piso.

Marie suspira e apoia sua mão em minha coxa, pedindo-me para olhá-la, o que faço sem pestanejar.

— Se vamos tentar ser um casal, precisa se abrir mais comigo, Emil… —

fala baixinho, acariciando minha perna.

Meu coração erra uma batida, pego pela surpresa do seu pronunciamento.

— Isso é o seu modo de aceitar meu pedido de namoro? — devolvo, com a voz ainda mais baixa, contendo minha leve animação.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Você não chegou a me pedir em namoro.

— Ficou subentendido — respondo, dando de ombros.

Com um dos sorrisos mais lindos que já vi na minha vida, Marie segura minha mão, se aproxima da minha boca e me beija de forma serena e lenta, abraçando minha nuca um segundo mais tarde.

— *Oui*. Eu aceito. Mas precisa se abrir comigo, *mon chéri*. Guardar tantos sentimentos negativos aqui — fala, colocando a mão no meu peito — não te fará

bem aqui. — E toca minha testa.

Engulo em seco e desvio o olhar por um instante. A última coisa que gostaria de fazer era trazê-la para esse drama familiar. Mas, no fundo, ela tem toda razão. Casais confidenciam coisas um ao outro, são o bálsamo, o porto seguro de que precisam em momentos de pura tempestade.

— Émilie… — empeço, tomando um pouco de ar para os pulmões e tentando afastar a discussão com minha mãe minutos atrás — era minha gêmea.

Os olhos dela se arregalam com a revelação. Sua surpresa é compreensiva. Pouquíssimas pessoas sabem desse fato sobre a família Dupont.

— O que aconteceu com ela? — pergunta, cuidadosamente, ainda segurando minha mão e fazendo-me uma carícia branda, que me acalma e me passa confiança.

— Morreu quando tínhamos pouco mais de um ano de idade — informo, sem coragem de encontrar seus olhos.

— Por que sua mãe te culpa pela morte dela?

Inspiro fundo novamente e me ajeito na cama, ficando de frente para ela.

Minha namorada agora. Não evito um sorriso ao pensar na palavra. *Namorada*.

Sento-me em cima de uma das minhas pernas, pego-a pelas duas mãos e continuo meu relato:

— Vamos começar desde o princípio. Elizabeth perdeu a mãe muito

cedo. Por conta disso, foi criada em uma família majoritariamente masculina, com o pai, um tio e quatro irmãos. É natural que, depois de crescer em um meio masculino e estruturalmente machista, quisesse muito ser mãe de menina. Por toda a vida, isso foi o maior sonho dela. Logo depois de se casar com Thierry, ela engravidou de uma. Emmanuelle. — Sorrio um pouco e baixo o olhar por um breve momento. — Era a primeira filha, minha mãe não tinha ninguém para ensiná-la. Ela e minha avó paterna não se davam, perdera a mãe cedo demais e não havia qualquer outra figura feminina que a ensinasse a maternidade. Minha mãe aprendeu na raça. Quando a primogênita estava para completar dois anos,

houve um acidente doméstico, um descuido bobo da minha mãe, e Emmanuelle faleceu.

Marie pestaneja seguidas vezes, soltando suas mãos das minhas para levá-las à boca entreaberta.

— *Mon Dieu!* Que terrível — murmura, abalada. Abano a cabeça em positivo, tornando a pegar suas mãos.

— Isso mexeu muito com ela, quase a colocando numa depressão profunda. Mas tempos depois, minha mãe engravidou novamente.

— De você e de sua irmã Émilie? — supõe.

— *Oui*. — Suspiro, molhando o lábio inferior. — Logo ao nascermos, os médicos descobriram que nós dois tínhamos uma condição rara no coração e precisávamos de um transplante.

Marie ofega profundamente, já entendendo onde a história vai acabar.

Calmamente, abro os botões da minha camisa e continuo o relato:

— Se dependesse da minha mãe, ela teria salvado a Émilie… E Elizabeth ainda acredita em reencarnação. Para ela, o fato de ter engravidado tão rapidamente de novo e de outra menina era sinal de que Emmanuelle tinha reencarnado. — Engulo em seco, fazendo uma pausa efêmera e terminando de abrir minha camisa, expondo a cicatriz quase imperceptível que tenho no peito.

— Mas as coisas não funcionam assim. Quando surgiu um órgão compatível, e havendo apenas *um* para duas crianças, aquela que estivesse precisando mais receberia.

— No caso, era você — diz, baixinho, apertando minha mão.

Faço um gesto afirmativo. Marie desliza delicadamente o indicador pela linha do meu tórax, quase em transe.

— Meu estado era o mais crítico. Se eu não recebesse o transplante naquela ocasião, ficaria cada vez mais fraco, tão fraco que, quando surgisse outro coração, estaria debilitado demais e não resistiria à cirurgia. Isso se eu não

morresse antes. A equipe médica então me escolheu. Minha mãe manteve as esperanças de que surgiria um segundo órgão para Émilie… Mas não aconteceu.

Ela não resistiu e faleceu com um ano e meio.

Deixo o silêncio pairando no ar por alguns instantes, para que Marie assimile tudo o que acabei de dizer.

— A morte de duas filhas abalou o psicológico da minha mãe. Ela não é uma megera porque quer. Anos depois, Elizabeth foi diagnosticada como mãe narcisista, mas nunca aceitou o diagnóstico ou um tratamento adequado com psicólogo.

— Isso explica o porquê de ela te culpar pela morte da sua gêmea —

Marie murmura, seus olhos ainda fixos no meu peito. — Mas você não teve culpa nenhuma, Emilien. Nenhuma.

— Não. Mas na cabeça dela, eu tive. Isso provavelmente é um mecanismo de defesa. Emmanuelle morreu por um descuido dela, bobo, quase infantil. Émilie também faleceu e, para não tomar essa culpa para si e sofrer ainda mais, *maman* preferiu colocar em mim. Por isso me tortura até hoje, me pune e me manipula. Por um lado, é seu modo de me "proteger". Depois da morte de duas filhas, ela ficou metódica, meticulosa. Tudo precisa ser do jeito dela, do modo perfeito, porque se não for assim, posso me machucar. E se eu a contrario, me castiga, para me mostrar que *ela* é quem tem razão e o *jeito dela* é o ideal para o meu bem. Você… entende a complexidade da cabeça da minha mãe, *chérie?*

— Acho que posso ter uma ideia — admite. — Com Nicole, Elizabeth também agia ou age dessa maneira? — pergunta, fechando vagarosamente minha camisa.

— *Oui*, mas de maneira mais sutil. Nicole nunca reparou em como mamãe a manipulava para atender aos desejos *dela*.

Dando-me outro sorriso cândido, Marie indaga:

— Como se sente ao desabafar com sua… — Pausa. Olhos nos olhos. —

Namorada? — frisa, molhando o lábio inferior.

— Um tanto melhor, devo admitir. Você estava certa sobre isso. Foi bom



desabafar com minha *namorada* — respondo, também realçando o substantivo, ao passo que me aproximo dela e a tomo em um beijo suculento e demorado.

Ela sorri na minha boca, afasta-me e murmura:

— E quando estará disposto a me contar sobre a garota a qual sua mãe se referiu? — Meu rosto toma uma proporção sombria no mesmo instante.

Distancio-me mais de Marie, evitando seus olhos e seu toque. — Emilien? —

pressiona-me.

— Ainda não estou preparado para isso, *ma belle*. Nem sei se um dia estarei. Por favor — suplico, ainda sem a audácia de olhá-la diretamente. — Não queira desenterrar meu passado e meus segredos.

Sua mão branda toca meu queixo e sou levado a, por fim, encará-la.

— Tudo bem, *chéri*. — E sorri, docemente, tomando-me em outro abraço apertado.

Retribuo ao gesto, fecho os olhos e tento aplacar os demônios do meu passado sujo.

Quatorze anos antes

Entro no escritório do meu pai com minha consciência gritando de que eu não deveria estar aqui. Pelo menos não hoje, a poucas horas do funeral de Thierry. Mas desde sua revelação, dois dias atrás, preciso constatar por mim mesmo.

Fecho a porta e, tomando alguma coragem, aproximo-me de sua mesa, sentando-me na cadeira que ele ainda deveria estar ocupando, a de presidente da Dupont Investimentos. Fico um longo instante nessa posição, tentando segurar minhas

lágrimas e não desabar. Depois deste meu momento, levanto-me e caminho até o cofre logo atrás de um quadro renascentista na parede à minha

esquerda. Insiro a senha e retiro todo a documentação que meu pai, antes de morrer, disse que eu encontraria. Volto à minha mesa. Abro a pasta e avalio os documentos. Os investimentos errados, a queda nos lucros, contratos rompidos, dívidas enormes… Caio na cadeira outra vez, atemorizado por como a empresa da família está a um fiasco de falir completamente. Só não o fez ainda, pelo que entendi, por conta de um empréstimo — com juros abusivos — feito pelo *monsieur* Chevalier, meu futuro sogro, ao meu pai.

Folheio a documentação até encontrar um contrato de confidencialidade entre Thierry e Chevalier, firmado mais de doze meses antes. Meu pai tinha dois anos para quitar o empréstimo ou as ações da família seriam usadas como parte do pagamento. Confiro a data do acordo. Vence em cinco meses. Em cinco meses, se esse empréstimo não for quitado, minha família perde o poder e a influência que Thierry levou uma vida para construir — e ainda continuaremos devendo. Não se trata apenas de dinheiro, mas de tempo, de suor, de trabalho, de tudo que meu pai teve de abrir mão para chegar aonde chegou. Por conta de alguns investimentos errados e perdas exorbitantes, está perto de perder tudo; cada tijolo assentado com suor e sacrifício.

Sua voz moribunda retorna à minha mente, suplicando-me para não o decepcionar, para não deixar que percamos o trabalho de uma vida para os Chevalier. Mas eu não sei! Não sei como, em cinco meses, posso pagar uma dívida que ainda tem quarenta e sete por cento para ser quitada — com juros e correções. Afago o queixo, tentando afastar o luto e focando no pedido de *papa*.

Mamãe não pode saber dessa falência iminente ou também terá um ataque cardíaco. A última coisa de que preciso agora é ficar órfão — eu e Nicole.

Por segundos, estudo alguma maneira de começar a livrar a empresa da família dessa situação. Mas, porra! Por mais que papai tenha me ensinado muito nos últimos anos, que eu tenha estudado o mercado e feito eu mesmo minhas próprias aplicações e negócios, nada se compara a salvar a Dupont Investimentos dessa crise. *Mon Dieu!* Ainda estou me preparando! Não deveria caber a mim assumir a empresa da família nesse momento, com apenas vinte e um anos. À

beira da falência!

Afago o rosto, perdido. Não tenho ideia do que fazer. Meu casamento com Marjorie poderia ajudar, se, meses atrás, quando marcamos a data, seu pai não tivesse exigido que nos casássemos por separação total de bens e ainda fizéssemos um acordo pré-nupcial. Maldito! Só agora entendo a razão dessa sua exigência. Ele já sabia da falência, o acordo de tomar as ações pertencente aos Dupont já tinha sido firmado. Ele já torcia pela derrota do meu pai e queria

garantir que de nenhuma forma a empresa tivesse vínculo conosco outra vez.

Uma batida na porta me tira do meu transe. Ergo os olhos e a diviso ali, entrando vagarosamente, trajando um vestido preto comportado, dois dedos abaixo dos joelhos, echarpe na mesma cor. Cabelos ruivos bem escovados, sem maquiagem. É nesse instante que a ideia mais absurda passa pela minha cabeça.

— Emil… — Désirée murmura, brincando timidamente com a alça da sua bolsa a tiracolo. Levanto-me devagar, alinhando o terno completamente preto no meu corpo. Saio de trás da mesa; um segundo mais tarde ela está me abraçando. — Eu soube por uma amiga que seu pai faleceu — cicia ao pé do meu ouvido, apertando-me cada vez mais. — Por que não me contou? — Então se afasta, olhando-me profundamente. Noto que choro de verdade e é ela a única pessoa que tenho para secar minhas lágrimas, o que faz nesse instante. — *Mes sincères condoléances* — deseja, passando o polegar pela minha bochecha. —

Tu m'as manqué. — "Senti sua falta".

Consigo sorrir um pouquinho e a abraço de novo. Desde que voltei para casa dos meus pais, nós nos distanciamos bastante, não só porque desisti do meu curso, mas porque também troquei de universidade. Nossa amizade é a mesma; conversamos por telefone em algumas ocasiões, mas não nos vemos com tanta frequência, principalmente porque Marjorie sente um ciúme exagerado da minha amiga.

— Também senti sua falta, Désirée — digo, aos prantos. Aperto-a contra meu peito, chorando torrencialmente pela primeira vez desde a morte do papai. É

como se só agora, a duas horas de ser enterrado, a ficha cai de que meu pai —

mon papa, mon chèr papa! — está morto.

Fico entrelaçado a ela assim, por algum tempo que parece o infinito, minha

amiga afagando minhas costas, em silêncio. Sua presença aqui dispensa palavras. Só sua presença já me acalenta um pouco e me conforta. Então, num ato impensado, tomado por uma profusão de sentimentos, eu me afasto, seguro seu rosto e a tomo em um beijo profundo, segurando firmemente sua nuca em direção aos meus lábios como se os dela fossem o único lugar da Terra em que eu gostaria de estar.

Assustada com minha ação, reluta nos primeiros segundos, mas não demora para que se renda e se encaixe nos meus braços, retribuindo à mesma medida que a beijo — um misto de excitação, euforia e tristeza.

— Emilien… — Uma voz feminina interrompe o momento. Désirée

congela nos meus braços. Olho por cima dos seus ombros e dou de cara com Marjorie, o rosto marcado em desaprovação e raiva.

Lentamente, Lacroix se vira e encara minha noiva de um jeito envergonhado. Engole em seco, olha-me de través, murmura alguma coisa que mal compreendo e se retira rapidamente. Marjorie a ignora, preferindo cravar seus olhos cheios de fúria — e lágrimas — em mim.

— Há quanto tempo tem um caso com ela? — pergunta. Noto que se segura ao extremo para não avançar e me esmurrar como mereço.

— Não tenho um caso com ela, Marjorie — respondo, tornando à mesa de papai e juntando todos os documentos para guardá-los de volta ao cofre. Acho que já tenho uma ideia de como salvar nossa empresa. — Désirée veio me prestar condolências — explico-me, virando para o cofre e enfiando as documentações lá dentro. — Confesso que… em um momento de loucura, a beijei. Não sei por quê — minto.

Volto-me a ela novamente, que continua parada no mesmo lugar, olhando-me com a mesma cólera anterior.

— Então ela não significa nada para você? — indaga, empinando o nariz.

— Claro que significa — rebato. — É minha amiga desde que me conheço por gente. Mas não tenho interesse nela como você está pensando… Foi um erro idiota.

Minha noiva me encara por mais alguns segundos, talvez esperando que eu me desculpe. Não vai acontecer, desculpas ou matrimônio.

— Quero cancelar nosso casamento — revelo.

Ela fica pálida e dá um saltinho no lugar, assustada.

— O quê? Por quê? Por causa *dela?* — Há desprezo em seu tom.

— *Non!* — elevo minha voz. — Meu pai morreu, Marjorie! O homem que ia me acompanhar até o altar, dentro de um mês, está morto. Você acha mesmo que terei cabeça para casamento?

Ela vem até mim a passos desesperados. Tenta me abraçar, mas me afasto.

— Então vamos apenas adiar. Mas cancelar, Emilien? Isso é o mesmo que terminar comigo!



— É o que estou fazendo. A verdade é que só aceitei essa merda de matrimônio por conta da minha mãe. *Je ne t'aime pas.* — " Não te amo." — A paixão que nutri um dia por você acabou quando me tornei homem.

Ela dá uma risada seca.

— Pois a atitude que está tendo não é de um homem, é de um moleque!

— Estou decidido e não vou debater isto aqui, hoje. *Désolé*, mas tenho meu pai para enterrar — digo e passo por ela, deixando-a para trás.

Escuto quando ela soluça alto e quebra alguma coisa no escritório.

Ignorando todas as minhas aflições por esse momento, mantenho-me firme e sigo meu caminho.

Marie se afasta dos meus braços e beija o canto dos meus lábios.

— Agora você vai me dizer por que estava indo embora na surdina? —

pergunto, sereno, colocando um cacho do seu cabelo atrás da orelha.

— Eu vim para Loches a trabalho, Emil… — confidencia. Não admito em voz alta, mas gosto quando me trata pelo apelido. — Preciso voltar e terminar meu artigo.

— Vai mesmo trabalhar em pleno final de semana e deixar seu *namorado* sozinho? — Faço um bico dramático. Marie dá uma risada graciosa e beija meus lábios.

— Se quiser, pode vir comigo. Trabalho um pouco… almoçamos juntos… fazemos uma rodada de sexo… depois eu trabalho mais um pouco e à noite podemos fazer algum programa.

— Adorei a parte de fazermos sexo… — brinco, balançando as sobrancelhas.

Ela cai nos meus braços, gargalhando, e me abraça, acariciando meus cabelos.

— Vamos. Quanto mais rápido terminar meu trabalho, mais tempo teremos para aproveitar um ao outro — diz, puxando-me pelo punho.

Descemos juntos as escadas, combinando de irmos no carro dela e que, mais tarde, me trará de volta e passará a noite na minha cama — se nada atrapalhar, ou seja, se minha mãe não puser empecilho. Mal chegamos à sala principal quando Elizabeth me aborda, enviando olhares nada agradáveis à minha companheira.

— Posso falar um instante com você?

Quero dizer que não, mas minha mãe vai me atazanar se não fizer suas vontades. Além do mais, precisamos mesmo dessa conversa. Marie e eu estamos juntos agora — finalmente, como um casal — e a última coisa que quero é Elizabeth infernizando nossa vida, tentando nos separar.

Aceno em positivo, deixo um beijo suave em Marie e peço que me espere. Saio na frente, indicando uma saleta ao final do corredor, e mamãe me segue no mesmo instante. Enquanto entra e encosta a porta, já me preparo psicologicamente para ouvir seus dramas.

— O que você tem com essa moça é sério? — pergunta, a quatro passos da porta.

Viro-me em sua direção e suspiro, encostando-me à borda da mesa logo atrás de mim.

— *Oui*. Estamos juntos.

— E por que ela estava indo embora na surdina mais cedo? — especula, erguendo uma sobrancelha inquisidora. Seus dedos longos, adornados de anéis, ajeitam os cabelos louros impecáveis, sem nem mesmo um fio fora do lugar. —

Além do mais, ela mesmo me informou que entre vocês é apenas sexo casual.

— Até dez minutos atrás, era mesmo. Mas não a conheço de hoje e não é de hoje que estou apaixonado por ela. Lá em cima, nos entendemos e estamos juntos. Somos um casal agora, mãe — falo essa última parte com cuidado, inclinando meu corpo ligeiramente para frente.

Elizabeth parece estremecer no lugar quando alego que meu relacionamento é sério, de que estou apaixonado. Inspiro fundo, esperando pelo surto.

— Você merece mais, Emilien… — diz, rígida em seu lugar. — Merece mais do que uma moça da classe trabalhadora. Você merece alguém como

Marjorie, da elite e…

— Pare — interrompo-a, elevando a voz mais do que é considerado respeitoso. — Já sou um homem adulto e tenho direito de fazer minhas próprias escolhas. Então, *pare!* Continuarei com Marie, queira a senhora ou não.

Estou para encerrar essa conversa, antes que vire outra de nossas discussões, e voltar para minha garota quando mamãe se põe no meu caminho, espalmando contra meu tórax. Ela é bem mais baixa do que eu, mas nem por isso o modo como me olha deixa de ser intimidador.

— Aproveite o final de semana com ela. Façam tanto sexo quanto é possível. Mas na segunda-feira, afaste-se dela — murmura, como se estivesse no seu direito de controlar a porra da minha vida. — Afaste-se dessa moça, Emilien Dupont, ou eu a afastarei de você. — Meu maxilar trinca na mesma hora,

entendendo sua ameaça. — Sabe muito bem que eu tenho meios para isso —

complementa, dando um passo atrás.

— Meu passado — constato. Dificilmente minha mãe usa do meu segredo para me chantagear, porque sabe que me expor não manchará só minha imagem, mas também o sobrenome Dupont, o que não seria nada bom para nossos negócios. Não sei por qual razão, neste momento, ela acredita que poderá me manipular usando deste artifício. — Você não faria isso, Elizabeth. Sabe que sujar minha imagem é um tiro no seu pé.

Minha mãe abre um sorriso malicioso.

— Não preciso divulgar sua vida passada para toda a imprensa, *mon chéri*. Posso apenas pintar para Marie o monstro que você foi. Ela é uma mulher inteligente, tenho certeza que se dará conta de que, uma hora ou outra, você fará com ela o que fez com Marjorie e Désirée.

Eu nem me vejo dando um passo para a frente, agarrando-a pelo braço e o apertando com força desnecessária.

— Não sou esse monstro que você pensa que sou — falo entre os dentes, a raiva tremendo-me quase por completo. — Não perco o controle tem muito tempo! E você sabe, sabe que nunca foi de propósito!

— Será? — desdenha, remexendo-se no meu aperto. — Está bastante descontrolado agora, machucando a sua *mãe*, a mulher que te pôs no mundo!

Afasto-me subitamente, como se tivesse tomado um tiro no peito.

— Mesmo assim — rebato, um tanto mais calmo. — Contar a Marie meu

passado não é a melhor das ideias. Se ela souber… vai me expor. Vai me odiar com tanta força, que vai querer me ver manchado, arruinado… Já até consigo imaginar uma matéria que ela escreveria a meu respeito. — A concepção me dá medo e fico levemente trêmulo. — Não vai dizer nada a ela, Elizabeth, nem a ninguém, porque de nenhuma maneira você pode revelar meus segredos e sair ilesa. Se eu cair, você cai junto.

Outro dos seus sorrisos de deboche nasce nos seus lábios delicadamente

pintados.

— Vejamos… Você já a magoou uma vez, dois anos atrás, estou correta?

— pergunta, pegando-me de surpreso. Seu sorriso aumenta. — Você subestima sua mãe, Emilien. Já fiz minhas devidas pesquisas sobre essa moça e sei que você já a machucou uma vez. Não sei exatamente o que fez, mas fez algo. Então, retomemos ao meu raciocínio. Você a magoou, mas conseguiu o perdão dela… E

aí ela trabalha justamente para a revista do grupo editorial que você é dono. Se ela descobrir seu passado e espalhar isso, *eu* tenho poder e dinheiro o suficiente para manipular as coisas a nosso favor, sabe bem disso, não sabe, *chéri*? Usei destes mesmos recursos anos atrás para encobrir seus erros quase fatais, se recorda?

Fecho os olhos e inspiro fundo, tentando não pensar nisso.

— Tudo o que as pessoas vão achar é que Marie continua magoada com você e, desesperadamente, inventou uma história maluca dessas para se vingar, tentar manchar a imagem do filantropo parisiense que você é. Mas eu, você e ela saberemos a verdade. Ninguém acreditará numa mulher que teve seu coração quebrado, Emilien… principalmente se ela parecer uma histérica, o que pode acontecer quando descobrir as coisas que você esconde por baixo desse seu rostinho bonito.

Nesses anos todos, mantive-me solteiro para evitar suas chantagens e o inferno que faz na minha vida. Afastei-me de minha família por causa dela, fiz escolhas péssimas por causa dela e do seu narcisismo. Mas agora… Agora estou cansado de ser uma marionete em suas mãos. Nunca tive um motivo forte para enfrentá-la. Preferia fazer suas vontades e ter um pouco de paz (o que nem sempre acontecia e comprometia ainda mais minha saúde mental) porque seria o melhor para todo mundo. Hoje, entretanto, eu tenho Marie. E por ela vou enfrentar essa megera que chamo de mãe.

— Não vou deixar você contar nada para minha namorada. Nem que para isso eu precise me casar com ela e me mudar da França, levando-a comigo para

algum país em que você jamais nos encontre outra vez! Não vai mais decidir por mim, Elizabeth, nem interferir mais na minha felicidade! — Imponho-me de uma maneira que nunca me impus de verdade, pois era mais fácil atender seus

desejos ou fugir.

— Você não ousaria! — rebate, verdadeiramente incrédula.

— Ah, eu ousaria, sim. Marie é mais importante para mim do que você pode imaginar, *mère*. E eu faria qualquer coisa, *qualquer coisa mesmo*, para protegê-la do meu passado e de você.

Elizabeth me segura com firmeza pelos dois braços e me perfura com seu olhar.

— Não sabe o que está fazendo, Emilien!

Solto-me do seu aperto e caminho até a porta, dando um basta nessa conversa.

— Eu sei, sim. Estou tomando as rédeas da porra da minha vida. — Miro minha mãe uma última vez, sabendo que não é aconselhável contrariá-la, e me retiro em seguida.

A ideia de me casar com Marie e nos mudar para nos proteger nunca foi tão forte.





CAPÍTULO 20

Sigo até a cozinha enquanto Emilien vai conversar com a mãe-barra-jararaca. No caminho, repreendo-me pelo apelido, porque agora conheço a história por trás da mulher megera e dura que ele tem como mãe. É claro que Elizabeth não pode usar da sua condição psicológica para atazanar o filho e fazer dele um homem infeliz para atender seus caprichos narcisistas. Por mais dolorosa que seja sua história, nada justifica o modo como culpa e pune o próprio filho. Ela deveria

mesmo passar por um acompanhamento com o psicólogo.

Na cozinha, torço para encontrar Nicole ou Lorraine enquanto espero por ele, mas deparo-me com a última mulher que gostaria de ver nesse momento.

Marjorie está sentada à mesa já limpa, com apenas uma xícara pequena de café.

Meu estômago aperta quando ela me dá um sorriso pequeno. Inspiro fundo.

— Ainda tem café? — pergunto, parada na entrada do cômodo. Minha vontade por cafeína é maior que meu orgulho. Se não fosse por isso, teria a ignorado e voltado para a sala principal.

Com um único movimento, Marjorie me indica a cafeteira e completa:

— É expresso. As cápsulas você encontra na segunda gaveta.

Prefiro grãos moídos, mas não posso me dar ao luxo de exigir algo. Por isso, preparo um expresso em cápsulas assim mesmo.

— O Emilien está bem? — Ela quer saber.

Reluto um segundo em responder. Continuo de costas para ela, esperando meu café ficar pronto. Demoro a dar uma resposta porque sua pergunta é difícil para mim. Emilien está bem? É tão difícil saber os sentimentos dele. É claro que ele deixou a mesa do café da manhã bastante atormentado, então conversamos, ele desabafou, mas não sei se seu desabafo o ajudou a aliviar. Não sei o que se passa naquela cabecinha dele com tanta manipulação da mãe — com quem está conversando agora sabe-se lá o quê. Talvez ela esteja o atormentando mais uma vez.

Por fim, pego minha xícara e me viro para Marjorie.

— Acredito que esteja. O Emilien não é muito de pôr os sentimentos para fora, não é? — alfineto, remoendo um ciúme por esse homem. Não gosto de pensar que tiveram intimidade o bastante a ponto de ela conhecê-lo assim tão bem. Dessa maneira, fica impossível não me perguntar se ela conhece o passado dele.

— Não, não é — diz, forçando um sorriso.

Por mais que tente não o fazer, acabo por me sentar à mesa, no lugar de frente para Marjorie. Emilien não me respondeu quando lhe perguntei, mas posso perguntar à sua ex-noiva, não posso? Se o homem não se abre comigo, se não me conta mais sobre sua vida, então preciso conversar com pessoas que podem me contar sobre ele.

— Por que vocês romperam o noivado? — indago, tentando não demonstrar muita curiosidade. Bebo um gole do meu café para disfarçar o leve tremor nos meus lábios.

A moça ergue uma sobrancelha e apoia sua xícara na mesa.

— A versão que ele conta é por conta da morte do pai. Thierry faleceu um mês antes do nosso casamento.

— Por que você dá a entender de que não acredita nessa versão?

Ela abre um sorriso amargo e desvia o olhar para o líquido preto.

— No dia do enterro do pai dele, eu o peguei beijando outra mulher.

Marjorie já mostrou mais cedo, ao redor da mesa, que superou Emilien.

Não sei quanto tempo faz que os dois foram noivos, mas acredito que foi há tempo suficiente para que seguisse em frente. Mas agora, ao falar que o viu a

traindo, demonstra um sentimento que pareceu ter escondido a vida toda.

Não sei o que dizer, realmente. Isso explica por que não me contou os motivos de romperem. Ele não queria que eu soubesse que um dia já foi um traidor? Ou talvez seja até hoje? Não me agrada o pensamento, porque decidi confiar nele mais uma vez, entregar meu coração de novo, o mesmo que Emil já o tenha quebrado em outra ocasião.

— Compreendo. — É tudo que consigo dizer por alguns segundos. — Eu também não perdoaria uma traição.

— Mas eu estava disposta — responde. Olho-a com atenção, querendo entender seu posicionamento. — Ora, foi apenas um beijo. E ele me disse que não tinham nada, que foi algo de momento. Acreditei nele. Emil ficou arrasado com a morte

de Thierry. Entendo que, em um momento de dor, tenha cometido um erro.

Não acredito que um momento delicado possa justificar uma atitude tão errada como uma traição — mesmo que com apenas *um* beijo —, mas não me manifesto. Espero-a terminar seu raciocínio.

— Emilien, entretanto, terminou comigo mesmo assim. Imediatamente um minuto depois de ter o visto beijando a melhor amiga, com a desculpa que te contei, somada ao fato de que só aceitou nosso casamento por causa da mãe.

Sem dificuldade, entendo o porquê de sua desconfiança.

— Você acha que ele terminou com você por causa dessa melhor amiga que ele beijou?

— Eu tenho certeza. Na época, ele escondeu, por causa de Elizabeth, mas Emilien e Désirée tiveram um relacionamento longo, acredito que por uns três anos.

Não me surpreende que Emil tenha conseguido namorar por três anos sem ninguém saber disso. O homem é o rei da discrição.

Processando suas palavras, meus lábios se abrem para perguntar:

— Essa Désirée… é a garota que Elizabeth mencionou mais cedo? A garota que… Emil fez algum mal? — Ela me encara com uma expressão hesitante, como se, assim como o ex-noivo, não quisesse tocar no assunto.

Apesar disso, acena em positivo. — O que ele fez? — pergunto, com a voz quase esganiçada e trêmula. Ela sabe o passado de Emilien, que agora desconfio ter a ver com essa Désirée. Nem mesmo Nicole tem ciência disso. Quão grave

pode ser?

Marjorie suspira e bebe o restante do seu café antes de me dizer:

— Não sei os detalhes — revela, passando a língua no lábio inferior.

Algo me diz que está mentindo. — Mas, resumidamente, fez o mesmo com Désirée. Emilien a traiu.

A confissão tem o mesmo efeito de um murro no meu estômago. Não quero acreditar que Emilien seja esse tipo de homem. Mas por quais motivos ela mentiria sobre esse assunto? Não quero estereotipá-la como a ex-noiva histérica que quer a todo custo separá-lo da atual. Além do mais, embora eu tenha a impressão de que sabe mais do que quer admitir, a moça me parece estar sendo bastante sincera.

— E não foi traição com um beijo — continua, olhando para os lados. —

Pelo que sei, foi com mais de uma mulher, e ele não fazia questão de esconder que a traía. Isso mexeu demais com o psicológico da Désirée. — Voltando-se para mim, completa: — O Emilien foi tóxico com ela.

Tudo o que eu menos queria ouvir. Que Emil é um cara tóxico. Um abusador. Não quero acreditar nisso. Esforço-me para manter minhas lágrimas para mim e não demonstrar que estou abalada com essa revelação.

— Não quero parecer a ex rancorosa — Marjorie diz, com cuidado —, mas Emilien vai fazer com você o que fez comigo e com a melhor amiga. Em algum momento, ele vai te trair. Se quer meu conselho, deveria se afastar dele.

— O que aconteceu com a Désirée? — pergunto, ignorando por ora seu conselho.

— Se ele não te contou, não serei eu a fazer isso, Marie. Mas o que posso te contar é que, depois dela, Emilien se tornou mais recluso e evitou relações amorosas por medo de antigos hábitos. Não sei se foi o trauma da morte do pai, ou as constantes manipulações da mãe, mas ele se tornou uma pessoa tóxica com a melhor amiga, coisa que comigo, durante o tempo em que o conheci e estivemos juntos, não foi. Por que você acha que ele faz acompanhamento com o psicólogo e evita relacionamentos? Emilien vai te dizer que é por causa da mãe, mas não é. É porque ele tem medo de se envolver com alguém e fazer o mesmo mal que fez à melhor amiga.

Engulo em seco e só então me lembro do meu café, que já está frio.

Tomo-o mesmo assim, fazendo uma careta por conta da falta de temperatura



adequada. Deixo a xícara pela metade e a afasto, pensando no que me disse. Faz algum sentido, devo admitir. Será por esse motivo que Emilien deixou o país dois anos atrás? Ele nunca realmente foi claro sobre isso, mas se de fato, em algum nível, se importava comigo e não queria repetir o mesmo erro, isso explica ter ido embora. E quando retornou e nos encontramos no restaurante, alegou que sua vida era um caos e estava disposto a enfrentar as coisas que ficariam entre nós. Penso agora que essas coisas nada mais são que sua vontade de me fazer mal.

— *Merci* — agradeço, quase com um sussurro. Seus relatos podem me dar algum norte sobre meu namorado.

Marjorie está abrindo a boca para me dizer algo, mas Emil surge na cozinha, expressão indecifrável, corpo ereto e meio rígido. A conversa com a mãe não deve ter sido das melhores. Os contornos do seu rosto tomam formas mais sombrias ao me ver junto da ex-noiva. Pigarreia e então vem até mim.

— Podemos ir agora — enuncia.

Abano a cabeça em positivo e me levanto. No mesmo instante, ele abraça minha cintura, com um aperto fora do comum. Despeço-me de Marjorie. Emilien não faz o mesmo, mas antes de deixarmos a cozinha, ele lança um olhar discreto e esquisito à ex-noiva que não me passa despercebido.

Vamos ter uma conversa.

Emilien não diz nada sobre o assunto por todo o resto do dia. Ele se aconchega na minha casa e fica comigo o tempo todo enquanto trabalho.

Confesso que foi difícil me concentrar no arquivo do projeto, porque todo o relato de Marjorie ia e vinha com frequência na minha mente. Quando o olhava por cima da tela do notebook, não conseguia acreditar que aquele homem, estirado no meu sofá e lendo um livro que encontrou numa das prateleiras do escritório, pudesse ser um cara tóxico.

Eu já convivi com caras assim. Já tive relacionamentos abusivos. A regra

é: nos primeiros meses, ele é perfeito. Não demonstra ser um idiota manipulador que vai acabar com sua autoestima e psicológico. Com o passar do tempo, ele mostra quem realmente é. Com Emilien, não vi esse padrão. Muito pelo contrário. Sempre se mostrou uma ótima pessoa, apesar de todo o mistério em torno da sua vida pessoal e do seu passado. Marjorie também alegou que ele faz acompanhamento psicológico. Talvez um profissional tenha o ajudado a ser uma pessoa melhor? E se for isso, o que ele foi no passado pode ser perdoado, esquecido, superado? Mesmo que hoje não seja mais tóxico, posso fechar os olhos para seu passado?

Sinceramente, não sei a resposta. No meu interior, porém, torço profundamente para que Marjorie tenha apenas mentido, na intenção de me afastar dele. Não consigo conceber a ideia de Emilien ser esse tipo de pessoa.

Ele prepara o almoço e paro por uma hora para comer. Ao redor da mesa, não abordamos o assunto. Emil fala de alguns projetos filantrópicos ao quais dará atenção quando retornarmos à capital; por mais que eu queira questioná-lo sobre o que Marjorie disse a seu respeito, decido que farei isso em um momento mais adequado. Após o almoço, deixo-o com a louça e retomo ao meu escritório.

São seis da tarde quando surge novamente (ele sumiu por todo o restante da tarde) e fecha meu notebook.

— Ei! — protesto. Emilien me olha com o sorriso mais lindo. — Eu estava escrevendo!

— São seis da tarde, *mademoiselle* Julien. Hora de me dar atenção, e outra coisa — diz, contornando a mesa e puxando-me pelo punho direto para sua boca e seu tórax definido.

Não resisto e me entrego, retribuindo seu beijo à medida que acaricio seu peito. Suspiro contra seus lábios quando sua mão vai descendo pelo meu corpo e alcança o meio das minhas pernas. Delicadamente, o afasto. Precisamos de uma conversa aberta e sincera antes de qualquer coisa.

— Emilien… nós precisamos conversar.

Ele me olha com suas pupilas dilatadas de luxúria, com uma expressão de quem

não está acreditando de que eu o interrompi num momento como esse.

Expirando lentamente, se encosta à borda da minha mesa e cruza os braços.

— O que Marjorie te falou a meu respeito? — pergunta, sem rodeios e sem me olhar.

Tomo um pouco de ar para os pulmões e digo:

— Que você é um cara tóxico. — Ele se volta para mim com tanta rapidez que quase não vejo o movimento do seu pescoço. — Ela me falou da Désirée. — Seu maxilar trinca e os músculos do seu rosto parecem ficar rígidos.

— O que exatamente ela te falou da Désirée?

— Não muito — confesso, baixando o olhar e molhando os lábios. —

Apenas que você rompeu o noivado e logo depois namorou sua melhor amiga por um bom tempo até trai-la tanto que a abalou. Me disse que o que você fez com elas, fará comigo também. — Levanto o olhar em sua direção e pergunto:

— Você teria coragem de me trair ou de me magoar, Emilien?

Seu silêncio por intermináveis segundos me tortura; os olhos azuis cravados em mim.

— E você acreditou na versão da minha ex-noiva?

— Não sei. — Sou sincera novamente. — Mas quero ouvir sua versão dos fatos.

— E se eu não estiver disposto a dizer?

Balanço a cabeça em negativo e inspiro fundo.

— Então serei obrigada a acreditar nas palavras da Marjorie. — Silêncio entre nós outra vez. — Emil… — falo com cuidado, vencendo a distância de um passo que me separa dele. — Somos um casal agora. *Tem* que confiar em mim e se abrir. Me deixar às escuras sobre quem você foi no passado só vai nos atrapalhar.

Ele me encara sem nada dizer, hesitante em olhar para mim ou para os bíceps fortes, enquanto seus lábios se entreabrem na mesma velocidade que se fecham.

— Não sou esse homem que Marjorie pintou — revela, com um tom de voz tão baixo que quase não o compreendo. — Nunca fui.

— Me conte o que aconteceu — falo suavemente.

Emilien suspira antes de prosseguir:

— Désirée e eu realmente passamos um tempo juntos. Tive de esconder nosso namoro por conta da minha mãe. Ela nunca aceitou que eu tivesse terminado com Marjorie. Estávamos bem… até Elizabeth descobrir tudo. Ela

passou a me infernizar, eu… tomei uma atitude errada e…

— Que atitude? — interrompo.

— Não importa.

— Importa, Emilien! — Elevo a voz, cansada dos seus segredos.

— Não, não importa! — Ele também se altera um pouco. — Fiz uma coisa errada que desencadeou um monte de eventos ruins na nossa relação, é só o que precisa saber — fala rudemente, desviando seus olhos de mim. — Depois disso, nosso namoro declinou. Houve mal-entendidos que a levaram a me trair.

Eu fiquei… — Ele engole em seco, apertando o maxilar. — Fiquei possesso…

Emilien faz uma pausa drástica. Eu fico estática no lugar, apenas pensando o pior. Será que ele… a agrediu por causa dessa traição?

— Fiquei possesso com minha mãe… porque ela armou isso tudo, entende? — Algum alívio percorre meu corpo. — Mesmo que tenha sido uma armação e eu tenha a perdoado, não voltamos a ser o casal de antes. Não sei o que houve. De repente, ela ficou afastada… reclusa, me evitava de todo modo, mal conversava comigo. Parou de trabalhar, vivia pelos cantos, abatida, melancólica. Tentei conversar com ela, entender o que estava acontecendo, mas ela não se abria comigo. — Emil faz outra pausa, agora sua feição tomando contornos sombrios e dolorosos, como se ele soubesse sim do motivo pelo distanciamento da namorada, só não quer comentar. — No final, decidimos cada um seguir a sua vida, terminarmos. Eu… realmente a amava, Marie. E nosso rompimento mexeu comigo, então fiz o que qualquer outro homem estúpido faria: procurei refúgio

no sexo com outras mulheres. Eu nunca a traí. Te dou minha palavra.

— Por que Marjorie e sua mãe acham que você a traía e por isso causou esse mal nela?

Ele pestaneja seguidas vezes.

— Porque não contei a elas do meu rompimento com Désirée. Se soubesse que tínhamos terminado, *maman* tornaria a insistir no meu casamento com Marjorie. — Baixa o olhar para os bíceps novamente, seus braços ainda cruzados. — Acredite, eu não a traía.

— Era tóxico com ela? Abusivo? Talvez por isso tenha se afastado de você?

Emilien move a cabeça.

— Ela se distanciou por outro motivo. Descobri algum tempo depois.

Penso em perguntar qual foi a razão, já que ele sabe, mas desisto.

Emilien não vai dizer se não quiser.

— Désirée estava grávida — revela, pegando-me completamente desprevenida. — Eu não sabia. Ela ia me contar, mas no dia, tivemos uma discussão bem acalorada, saí de casa e passei dois dias fora. Ela sofreu um aborto espontâneo por conta do *stress*.

— Ela se distanciou de você porque te culpava pela morte do bebê —

concluo, entendendo o resto da história. Ainda assim, há algumas lacunas que ele não preencheu, e talvez nunca vá preencher.

Emil balança a cabeça devagar, como se ainda carregasse a dor e a culpa nos próprios ombros.

Começo a compreender que é esse o mal que Emilien causou. Não que eu concorde totalmente com Elizabeth. Ele não sabia da gravidez, discussões todo casal tem. Foi apenas uma fatalidade, não foi?

Sem me dar conta, me encaixo no abraço dele e recebo um beijo entre meus

cabelos.

— Nunca quis causar nenhum mal a ela. *Je jure devant Dieu!*

Aperto-o em meus braços e não digo mais nada. Nesse pequeno gesto, ele entende o que não proferi em palavras.

Eu acredito nele.

Paixão irresistível

EMILIEN

CAPÍTULO 21

— Acredito em você — diz ao pé do meu ouvido, apertando-me forte entre seus braços.

Suspiro, trêmulo, tentando afastar meus próprios demônios. Não fui completamente sincero com Marie sobre minha relação com Désirée e isso me atormenta de um jeito insano. Não posso contar para ela, não toda a verdade.

Isso a faria me odiar, mesmo que eu me explicasse… explicasse que jamais foi intencional. Não suportaria seu ódio, seu desprezo. Não agora quando dei por mim de que a am…

— Você está bem? — pergunta, quebrando minha linha de raciocínio.

— Estou — respondo, desfazendo nosso contato. Então sorrio e acaricio sua bochecha. Ela se agrada com o carinho, pois fecha os olhos e sorri, como em êxtase. — Mas se pudermos parar de falar sobre esse assunto, Marie… Eu ficaria

imensamente grato.

A expressão em seu rosto não me agrada. Está no DNA desta mulher ser curiosa. Ela não vai parar até desenterrar meu passado. É por isso que preciso me precaver, jamais deixá-la chegar a descobrir meus segredos.

— Tudo bem. — Seu rosto, entretanto, diz o contrário.

Passo o polegar sobre sua boca, desviando sua atenção para outra coisa.

Sei como fazê-la se esquecer do assunto. Enquanto meu dedo desliza por entre seus lábios suculentos, minha outra mão escorrega pela lateral do seu corpo até estacionar na cintura. Ela suga meu polegar com força, sensual, e já a imagino em torno do meu pau, mamando da maneira que só ela sabe fazer para me levar ao meu êxtase mais esplêndido.

Entendendo onde quero chegar, Marie resvala seu nariz em meu pescoço ao passo que distribui beijos cálidos e úmidos na minha pele. Os dedos macios vão abrindo devagar os botões da minha camisa, sua boca nunca me deixando.

Entre minhas pernas, meu companheiro ganha vida e já quero jogá-la sobre essa mesa e comê-la até que esteja toda dolorida.

Perco a camisa no interim em que estou imaginando-a gemer meu nome, meu corpo sobre o seu, meu pau fundo e cravado nela, minhas mãos apertando-a com força pela cintura. Nem reparo que solto um suspiro quase estrangulado quando essas imagens rodam em minha mente, incentivado pelo seu beijo em meu tórax despido. Marie vai tecendo seus beijos em meu peito, escorregando para baixo devagar, sexy, ora olhando para mim, ora concentrada no caminho que percorre. Então ela está agachada à minha frente, de joelhos, mordendo o lábio inferior enquanto desabotoa minha calça e a abaixa.

— Já te disse que você tem um belo de um pau? — pergunta, sua voz rouca de desejo, sedutora, pronta para me arrebatar e me envolver em sua luxúria.

Não consigo responder porque sinto uma pulsada violenta em meu pênis quando essas palavras deixam sua boca. Antes que eu tenha tempo de qualquer resposta, Marie já puxou minha cueca e está me abocanhando, levando-me até o fundo de sua garganta vagarosamente e o suficiente para me fazer quase cambalear para trás. Inclino-me para frente e espalmo contra a mesa de trabalho dela, fechando

os olhos e apenas apreciando o momento, precisando admitir que nunca uma mulher me deixou de pernas bambas tanto quanto ela.

— Porra… — murmuro, quase sem perceber. Então já me afastei da mesa e estou segurando seus cabelos crespos entre meus dedos, que se afundam com facilidade nesse mar revolto, sua marca registrada, uma das partes mais lindas do seu corpo. Acaricio-a ali um instante, gostando da sensação, desse contato com seus fios macios. Mas o prazer que atinge cada célula do meu corpo é forte demais para que eu fique sem comandá-la. Assim, um segundo mais tarde, travo seu maxilar, aperto seu cabelo um pouco mais e movo meu quadril

para frente e para trás, devagar, sentindo meu pau bater no fundo da garganta dela.

Meu corpo todo está rígido de tesão enquanto a vejo me chupar, segurando minhas bolas e as acariciando. Seguro sua cabeça com as duas mãos, separo levemente as pernas para dar um pouco mais de estabilidade e fico imóvel, deixando-a me engolir em seu ritmo. Ela é tão boa nisso.

— Não há qualquer outro lugar no mundo que eu quisesse estar senão aqui, com você — falo entredentes, afagando sua nuca. Ela me olha, ainda me engolindo, e a visão é esplêndida o suficiente para me deixar ainda mais duro.

Marie abre um leve sorriso e escorrega sua boca até a ponta, circundando minha glande como se brincasse com um pirulito suculento.

Puxo-a bruscamente para mim, encosto-a à mesa, e a beijo ao me encaixar entre suas coxas. Desço meu indicador até o vão das suas pernas, travando uma batalha com minhas calças até que, por fim, consigo me livrar da peça em meus pés, chutando-a para longe, ao mesmo tempo em que a penetro com três dedos. Ela se agarra aos meus braços, fincando a unha em minha carne e gemendo desesperadamente em minha boca colada à sua. Mantenho os dedos dentro, meus lábios aos seus e, de qualquer maneira, arrasto para o lado todos os pertences sobre o móvel.

Impulsionando seu corpo leve, ponho-a sentada sobre a mesa, separo seus joelhos e apoio seus pés na superfície de madeira.

— Mantenha suas pernas abertas — oriento, quase com um rosnado.

Fecho minha mão direita em torno do meu pau e me masturbo por dois segundos enquanto a observo exposta para mim, sua boceta úmida para me receber.

— Emilien… — Sua voz é um suplício. — Venha aqui e me coma —

pede, levando dois dedos até o clitóris e o circundando.

Seguro seu punho e afasto seus dedos do ponto sensível, substituindo-os pelos meus, rudes e duros. Ela se contorce sobre a mesa e murmura uma porção de obscenidades que me estimulam.

— Quando estiver comigo — sussurro, apertando na medida certa o pequeno órgão. Marie grita de prazer e rebola contra minha mão. — Não vai precisar se dar prazer, embora eu goste muito de te ver se tocando. Mas mais lindo, prazeroso e excitante do que ver você com os dedos nessa boceta apertada, é ver os *meus dedos* nela. Meus dedos, minha boca e meu pau. Então, *chérie* —

murmuro mais baixo, penetrando-a com o indicador e o médio virados para

baixo, dando-me assim a oportunidade de, ao mesmo tempo, tocá-la com o polegar —, quando estivermos juntos a função de te dar prazer é minha.

Marie sequer tem tempo de responder — nem sei se chegou a processar minhas palavras — porque levo meus lábios até sua boceta e a sugo com a mesma intensidade com que sugou meu pau. Movo minha língua em um ritmo frenético, juntando-a aos meus dedos que a fodem e ao polegar, acionando suas terminações nervosas. Quando seu corpo treme e os gemidos altos e incontroláveis preenchem o cômodo, sei que teve um orgasmo.

Rapidamente, ponho-me entre suas coxas e a penetro, indo tão fundo quanto a posição me permite. Seguro suas pernas ao redor da minha cintura porque ela claramente não tem condições neste momento para mantê-las dessa maneira. Preciso firmar seu corpo ao meu, pois Marie parece exausta e fraca.

Diminuo o ritmo e acaricio seu rosto.

— Você está bem? Quer que eu pare? — pergunto, preocupado com sua mudança brusca de ânimo.

Como resposta, ela aperta meu pau com a boceta e finca a unha no meu braço.

— Continua… Estava quase tendo um orgasmo duplo. Pelo amor de Deus, só… continua — pede, desesperada.

Mais confiante de que ela está bem, torno a me arremeter como se fosse nosso último dia na Terra. Não demora para Marie chegar ao segundo orgasmo.

A expressão que ela faz, o modo como me aperta com a boceta, os gemidos chegando ao meu ouvido, essa combinação perfeita é a minha perdição. Saio de dentro dela quando estou gozando, bombeando-me forte e despejando uma quantia considerável de sêmen entre sua barriga e a vagina enquanto gemo entrecortado e descontrolado. Um segundo mais tarde, estou abraçado a ela, meu rosto enfiado em torno do seu pescoço, suas mãos macias e delicadas afagando minhas costas despidas.

— Marie… — falo, baixo e com um suspiro contra sua pele quente e deliciosa. — Eu não tenho muita certeza do que será da minha vida, dos meus dias daqui para frente. O amanhã é incerto demais. Ainda assim, tenho uma única certeza. — Neste instante, cesso nosso contato e a olho, afagando suas bochechas, como sei que a agrada. — Não importa como será meu futuro, eu quero você nele. É a minha única certeza.



Decidimos por tomarmos um banho e fazermos um programa noturno na cidade real. Ela me leva até o chuveiro e, agarrada a mim, deixa a água nos lavar pelos primeiros segundos. Não falamos nada, sequer nos movemos, apenas apreciamos a presença um do outro.

Por fim, ela se afasta, pega o sabonete e começa a passar pelo meu tórax, os olhos fixos nessa minha parte do corpo que, bem sei, a agrada sobremaneira.

Seu olhar queimando sobre mim, como se me desejasse, estimula-me de novo.

Minha ereção nem foi embora ainda e já a sinto latejar. Apesar desse momento entre nós e do seu desejo em treparmos mais uma vez ser quase palpável, tem algo que a incomoda. Posso sentir isso também.

— Me diz… — instruo, sussurrando ao me inclinar em direção aos seus lábios suculentos. Marie sorri um pouquinho e levanta seu olhar para mim. —

Me diz o que está te incomodando.

Sem parar de passar o sabonete em minha pele, declara:

— Estou pensando na conversa que tivemos.

Tento não demonstrar que esse assunto me afeta e por isso meu corpo fica endurecido e tenso. Engulo em seco e controlo minha voz antes de prosseguir:

— Por que está pensando nisso agora?

— Porque você não foi cem por cento sincero comigo — revela de um jeito brando. Então para de me ensaboar para que a água corrente leve embora a espuma em meu peito. — Porque sinto que me contou apenas parte da história.

— Por fim, me fita seriamente. — Aconteceu algo a mais na sua relação com a Désirée, não é?

— *Oui* — confirmo, desviando meus olhos dos seus para um ponto fixo além do vidro do box. — Aconteceu.

— E foi isso o que realmente a magoou. Não foi o aborto… Foi *isso* que você fez a ela, que sua mãe citou como o "mal que causou àquela menina…". —

Fecho os olhos, ignorando meu coração sendo açoitado. — Não é?

Afirmo outra vez, sem coragem de olhá-la. Não consigo conceber que, aos poucos, ela está me desvendando. Mantive-me tanto tempo fechado, recluso, levantei um muro em torno de mim, do meu coração… Para proteger meu passado, meu segredo, mas, pouco a pouco, tijolo por tijolo, Marie está derrubando minhas barreiras e desvendando todos os meus mistérios. Penso que será inevitável o dia que descobrirá toda a verdade. Esse dia será terrível, o pior de todos. E vou perdê-la. Tenho certeza disso.

— Faria comigo o que fez com ela? — sussurra, pegando-me desprevenido. Uma pergunta absurda dessas!

Alarmado, seguro-a pelos braços e a faço me olhar.

— *Non!* — Minha voz sai mais alta e esganiçada do que previ. — Nunca, Marie. — Então eu a tomo em meus braços e a aperto forte contra minha pele, uma dor excruciante fisgando meu coração e flagelando minha alma. — Nunca quis magoá-la, *chérie*. Não foi intencional, juro por Deus.

— Foi um acidente?

Afasto-a e hesito por um mísero segundo antes de responder, fitando-a nos olhos:

— Foi. — Mas é uma meia-verdade. Não foi um acidente. Entretanto, também não foi completamente deliberado.

Marie move a cabeça em positivo, vagarosamente. Apesar disso, me dá a impressão de que continua insegura, incomodada.

— *Chérie*… — sussurro, chamando seus olhos e sua atenção para mim.

— Eu *nunca* magoaria você de propósito. Tirando dois anos atrás — menciono, um pequeno sorriso de remorso nascendo em mim. — Mas saiba que sou humano; eu erro. Então, pode acontecer de eu magoar você, mas jamais de forma deliberada. Não poderia nunca te machucar de propósito porque… — Faço uma pausa para saborear a frase em minha boca. — *Parce que je t'aime.* — "Porque eu te amo".

Ela pisca diversas vezes, talvez assimilando minhas palavras. É adorável o modo como me olha, a água respingando dos cachos para seu rosto. Seguro-a pela cintura quando Marie abaixa os olhos, molhando o lábio inferior. Meu coração bate forte e descompassado diante de seu silêncio.

— *Écoute-moi* — murmuro, tocando seu queixo e erguendo seu olhar

para mim. — Isso não é um pedido de casamento, não é algo que necessita de uma resposta. Não fique assim, *ma belle*, se ainda não se sente segura em retribuir, *oui?*

Ela abre um pequeno sorriso e encosta a cabeça no meu peito.

— Só precisa saber de uma coisa, Emil… Eu sinto o mesmo. Percebi isso na manhã em que acordei sozinha, dois anos atrás… — Um sentimento esquisito atravessa meu corpo com essa informação. — Só vou me declarar como você acabou de fazer quando tiver certeza de que não vai me magoar de novo.

— *C'est juste.* — "Justo". Sorrio e me aproximo aos poucos dos seus lábios. Embora não tenha me dito, saber que ela retribui ao meu amor me deixa feliz como um garotinho em dia de Natal. Nossas bocas se encontram delicadamente, a água quente se juntando ao nosso beijo suave. Basta menos de um minuto até eu estar excitado e duro de novo, encostando-a ferozmente contra os ladrilhos pretos, sugando sua boca como se fosse a fonte divina da vida.

Puxo suas pernas para contornar minha cintura.

— Emilien… — geme quando meu pau se força em sua boceta. Sorrio contra seus lábios e movo meus quadris vagarosamente para frente e para trás, esfregando-me em seu clitóris. Quando ela menos espera, arremeto-me para dentro, ríspido, forte, duro, procurando o ponto mais fundo. Marie se segura em meus braços ao passo que a como com todo vigor, investindo estocadas profundas e firmes.

— É um desejo muito egoísta eu estar feliz por agora só eu te comer? —

pergunto quase sem nem mexer o maxilar, estocando cada vez mais forte nela.

Marie aperta seus dedos em meu braço a cada investida violenta do meu quadril no seu. — Nunca admiti, *ma jolie* — menciono, escorregando a mão até seu clitóris e acrescentando a pressão certa. Ela morde o lábio inferior com mais força, olhando-me cheia de fascínio e volúpia. Essa mulher sempre despertou uma *paixão irresistível* em mim, e continua despertando. — Mas eu me queimava de ciúmes de você.

Ela abre o sorriso mais convencido do mundo, como se zombasse de mim e do meu sentimento descabido de posse e de ciúme em uma época em que consentimos não sermos exclusivos. Megera. Preciso castigá-la. Adiciono dois dedos em sua boceta, sem parar de meter meu pau nela, e acaricio o clitóris mais rudemente. Seu sorriso de escárnio se desfaz, dando lugar a uma expressão de êxtase, seu olhar concentrado no meu.

— Me deixava insano saber que outro podia te dar prazer… — prossigo.

O ciúme se revela pouco a pouco em mim e desconto essa raiva em movimentos ferozes e rígidos. — Mas agora… agora esse corpo é meu, essa é boceta é minha… essa boca… — Recaio de encontro a ela, beijando-a obscenamente, tragando cada partícula de ar do seu pulmão.

— Vou gozar… — anuncia, contraindo-se em torno do meu pau. Fecho os olhos e jogo a cabeça para trás, deixando-me levar pelo momento e pela excitação. — Estou gozando… — Sua voz se confunde aos gemidos enquanto se liberta, o corpo encontrando pequenos espasmos de prazer.

Junto-me à mulher da minha vida e gozo no mesmo instante que ela.

Abraço-a quando terminamos, nossos corpos ainda conectados.

— E, um dia — falo para completar o que não terminei anteriormente —, serei dono do seu amor também.

Desvendando-o

MARIE

CAPÍTULO 22

Apesar de conhecer Loches como a palma da minha mão, Emilien e eu *turistamos* pelos principais pontos da cidade. A noite tem uma leve brisa fria, o que acabou nos obrigando a vestir casacos.

Não vou mentir: caminhar agarrada a ele, conversando sobre uma porção de coisas, rindo e trocando beijos foi uma das melhores sensações da minha vida. Eu não tive muitas relações amorosas — focada sempre na minha carreira e no

meu trabalho —, e as evitava por conta de cobranças. Experiências passadas me fizeram preferir sexo casual a um namoro que me prendesse e me cobrasse.

Mas com Emilien tenho essa liberdade. Sempre tive. Mesmo quando mantínhamos uma amizade colorida, ele jamais se mostrou alguém que me sufocaria, ou me faria escolher entre ele e minha profissão, ou demonstrou ser um cara possessivo e controlador.

Mais cedo, debaixo do chuveiro, ele confessou que teve ciúmes com a perspectiva de eu estar com outros caras. Não admiti, mas pensar nele com outras mulheres também nunca me agradou, mesmo que de mútuo consentimento nossa "relação" fosse sem exclusividade. Assumir que tinha ciúmes dele era dar um passo para admitir que meus sentimentos eram mais profundos do que imaginava. Além do mais, na época, meses depois de nos

conhecermos e de já termos nos envolvido o bastante, nem mesmo eu conseguia compreender o sentimento. Nós dois, entretanto, fomos adultos e maduros o suficiente para respeitarmos a liberdade individual de cada um. Não gostávamos de saber que o outro poderia se envolver com outra pessoa, mas compreendíamos que sem exclusividade não tinha razão de haver cobranças.

Jantamos em um restaurante de comida local, *Le P'tit Restau*. Emilien quer saber sobre o arquivo em que vim para trabalhar, então acabo tagarelando muito mais do que costumo fazer contando sobre as pesquisas e o processo todo em si. Mais tarde, é minha vez de ouvi-lo falar. Improvavelmente, ele me conta um pouco sobre sua infância — deixando de lado a parte ruim de ter sido criado por uma mãe narcisista —, sobre Nicole, e noto verdadeira veneração dele pela irmã. Fala com amor sobre o pai, que tentou de todas as formas suprir emocionalmente a falta que Elizabeth fez na sua vida, e acabo por descobrir que Thierry morreu nos braços dele.

— O que está fazendo? — indaga, ao me ver arrastando minha cadeira para o lado da sua.

— Temos que tirar algumas fotos. Somos namorados agora — falo, encostando meu rosto ao dele. — Casais tiram fotografias. Vamos, não seja chato e sorria — digo, erguendo a câmera do celular em nossa direção.

Pela tela, vejo-o olhar para mim com a testa meio franzida.

— Não vai postar isso em nenhuma rede social, né?

Reviro os olhos e aperto mais sua bochecha na minha.

— Não, senhor Odeio-Exposição. Agora, sorria.

Ele o faz. Um sorriso tão lindo que balança todo meu mundo.

— Mais uma — diz, enquanto ainda estou conferindo a primeira. Olho-o surpresa por isso. Emilien pega o celular da minha mão, nos enquadra na imagem e bate a foto enquanto está beijando o canto da minha boca. — Manda essa para mim.

Não contesto sua atitude, afinal, ele não é muito de tirar fotografias.

Então preciso aproveitar esses momentos em que cede aos meus desejos. No final da noite, como combinado (e apesar de não me agradar por causa da mãe dele) voltamos para sua casa.

— *Shhhh…* — ele pede, colocando o indicador na frente dos lábios e dando uma risadinha baixa. É uma da manhã, a casa toda está em silêncio,



mergulhada na escuridão. Estou levemente bêbada e tropeçando nos meus saltos.

Se não fosse os braços fortes de Emilien, já teria beijado o chão.

— Ainda bem que você está sóbrio — falo escandalosamente, dando uma risada esganiçada em seguida. Emilien voa em minha direção e tapa minha boca com sua mão grande. Noto pelas rugas ao redor dos seus olhos que ele está se segurando para não cair na gargalhada. Tiro sua mão me sufocando e digo baixinho enquanto ele fecha e tranca a porta: — Por que você não bebe?

Emil se recosta à porta e me olha com uma expressão dura. Aquela que faz quando toco em algo delicado e ele não quer se abrir comigo, me contar seus segredos mais profundos.

— Alguém precisava voltar dirigindo — informa, desviando o olhar de mim por um segundo. Dou um passo à frente e seguro sua mão, aconchegando-me em seus braços em seguida.

— Mas nunca vi você bêbado, Emilien. Nem sequer levemente. Você prefere vinho tinto que eu sei, e raramente te vejo bebendo qualquer outra coisa.

Por quê?

— Só não gosto, *ma chérie* — explica, abrindo um pequeno sorriso e sugando meus lábios em seguida. — Não faz meu estilo e eu odiaria ter de lidar com uma ressaca no dia seguinte.

Satisfeita com sua resposta, apenas abano em positivo e fico quietinha abraçada a ele, nem mesmo percebendo que começo a pegar no sono. Ouço-o dar uma risadinha de leve e então o chão some dos meus pés.

— Opa — exclamo, a tontura acertando-me brevemente. Um momento mais tarde, reparo que estou nos braços dele, sendo carregada escada acima até seu quarto, como uma princesa.

Não vejo mais nada porque durmo nos braços do meu homem.

Desperto aos poucos e giro na cama, procurando por ele. Seu corpo

quente está logo ao lado do meu, completamente despido. Aconchego-me em seu tórax, seu braço forte e longo contornando-me um segundo depois. Ronrono baixinho e enrosco nossas pernas. Abro os olhos e ali está ele, os cabelos desgrenhados, olhos fechados e um sorriso singelo estampado em seu rosto marcado pelo sono.

— *Bonjour* — cumprimento-o, deixando um beijo cálido em sua mama esquerda.

— *Bonjour.* Como dormiu?

Só nesse instante, então, percebo que estou tão nua quanto ele, sentindo nossas peles se tocarem. Pisco diversas vezes e olho por debaixo do lençol, constatando aquilo que meu tato já tinha notado. Em que momento tirei minha roupa?

— Eu te despi e te pus para dormir. Você estava bêbada e sonolenta a ponto de não aguentar arrancar os saltos.

Onde está o *emoji* de coração nos olhos quando se precisa dele?

— *Merci*. Foi muito adorável da sua parte.

Ele abre um sorriso preguiçoso e beija meus cabelos. Em seguida, me puxa pelos punhos e me leva até o banheiro. Tomamos banho juntos; esfrego suas costas e seu tórax, deslizando pela sua pele macia e úmida até chegar ao seu pau, que já está duro. Um ou dois minutos depois, estou com o rosto grudado contra a parede de ladrilhos, Emilien por trás de mim, comendo-me com todo vigor e gemendo despudoramente. Muitas coisas nele são capazes de me excitar sobremaneira: o pau dentro de mim é uma delas; sua habilidade com dedos e línguas é outra. E os gemidos roucos e entrecortados enquanto me fode é uma das coisas mais lindas do mundo de se ouvir.

Seco seu corpo com a toalha branca quando terminamos nosso sexo safado e matinal de domingo. Ele sorri como uma criança enquanto me vê passar o pano no seu corpo definido, quase salivando e querendo trepar nele de novo.

— Vai descer tomar café da manhã com sua família? — pergunto, resvalando a toalha pelos seus braços fortes.

— E aturar o péssimo humor da minha mãe? Nem pensar. — Ele suspira pesadamente e fita para além de mim, o olhar perdido. — Ela acabou com meu final de semana com Nicole. Eu tinha planos para hoje.

Uma ideia se passa pela minha cabeça. Simples, mas que o fará feliz.



— Talvez não.

Emil me encara com o sobrolho franzido.

— Como assim?

Abro um sorriso sapeca e jogo a toalha em suas mãos.

— Termine de se vestir. Tenho uma ideia.

Sem esperar por sua resposta, deixo o banheiro rapidamente e visto um par de roupas de Emilien — já que é inviável vestir as minhas da noite anterior, saia-lápis e camisa frente única, às oito da manhã. Ele sai do banheiro secando os cabelos com uma toalha e com outra amarrada à cintura. Parece um deus grego esculpido. Gostoso.

— O que vai fazer? — Quer saber.

— Promete ficar aqui?

Emil ergue uma sobrancelha.

— Vai me trazer o café na cama?

— Mais ou menos.

Ele dá de ombros e acena em positivo, sentando-se na cama. Enquanto saio do quarto, digo:

— Mas vista-se. De preferência de modo adequado.

Nicole adora a ideia, apesar de ter mostrado alguma tristeza. Eu sei que ela preferia reunir toda a família em torno da mesa do café da manhã, mas sabendo que Elizabeth é um tormento para o irmão, aceita minha proposta. Por sorte, a menina já estava acordada quando bati delicadamente à porta do seu quarto. Deus me livre incomodá-la. Ela comunica a noiva sobre nossos planos e logo descemos nós duas juntas até a cozinha. As funcionárias que a matriarca Dupont trouxe já serviram a mesa.

— A mamãe vai ficar chateada em não tomarmos café com ela — Nicole pontua, enquanto pega uma garrafa de suco e prepara os copos. Eu fico incumbida de roubar alguns pedaços de queijo, *croissants*, geleia e uma baguete que dê para nós quatro.

— Ela vai ter a companhia da nojenta da Marjorie, não vai? — falo, colocando tudo que peguei dentro de uma cesta que encontrei.

Nicole abre um sorrisinho triste e abana em positivo.

— Se soubesse que ela teria vindo para infernizar meu irmão, não teria contado sobre nossos planos.

Paro um segundo com minha tarefa e a olho atentamente. Isso faz algum sentido. Ainda não tinha compreendido como Elizabeth veio parar em Loches.

Sua chegada não pareceu algo combinado ou planejado. A surpresa de Emilien ontem de manhã deixou isso bastante evidente.

— Eu a convidei, sabe? Para vir ao meu jantar de aniversário de sexta-feira à noite. Mas mamãe disse que não suportaria me ver com minha companheira. — Sua voz baixa consideravelmente, os olhos ficando abatidos e cabisbaixos. — Elizabeth me garantiu que não viria. Meu erro foi ter dito que Emilien estaria aqui. Ela adora torturá-lo e pressioná-lo a se casar com aquela sem-sal da Marjorie. — Nesse instante, seu nariz fino e proeminente se enruga de um jeito até meio fofinho. — É por isso que ela a trouxe.

— Seu irmão me contou sobre a Émilie. Sinto muito por tudo.

Ela me encara de repente.

— Emil não fala com ninguém sobre esse assunto. — Um segundo depois, exibe um sorriso bastante convencido. — Isso significa que você é extremamente importante para ele, como ninguém em uma vida toda foi.

Penso em abrir a boca e perguntar de Désirée. Ela sabia sobre a gêmea?

Sobre as manipulações, as torturas psicológicas, o amor dele por fotografia que foi interrompido…? Mas aí me recordo que, em torno da mesa, Nicole demonstrou não saber do que sua mãe e seu irmão estavam falando quando Elizabeth mencionou o “mal que fez àquela menina”. Isso deve ser porque ele manteve em segredo seu relacionamento. Faz sentido ter escondido isso da própria irmã — até porque ela deveria ser só uma criança na época — se quisesse manter tudo sigilosamente seguro.

— Então… — falo, com cuidado, sentindo que estou o traindo em querer

buscar mais sobre sua vida pelas suas costas. Mas se não se abre comigo, vou

falar com pessoas que possam me contar mais sobre. — Ele nunca namorou ninguém?

Pegando uma porção de guardanapos de papel e os ajeitando na cesta que coloquei nosso café, ela responde:

— Tirando o noivado com a Marjorie, que durou cerca de um ano e meio, acho que não. Pelo menos Emilien nunca nos apresentou ninguém. Depois da morte do papai, e ele ter ido embora de novo, se distanciado ainda mais por causa da nossa mãe, meu irmão ficou mais fechado e antissocial.

— Compreendo… — murmuro, jogando um paninho por cima da cesta depois de tudo já estar pronto. — E você sabe me dizer por que Emilien não fala sobre o passado dele? — Toco delicadamente no assunto, tentando não a alarmar. Nicole dá a entender que desconhece o segredo do irmão. Pensando bem, anos atrás, quando esteve sob ameaça de Leclerc, ele disse mesmo que somente duas pessoas sabiam sobre isso, uma delas era ele próprio.

— Sobre o passado dele? — questiona-me, confusa.

— *Oui*. Você sabe… tem alguma coisa no passado dele… escondido a todo custo, não tem?

Nicole dá uma risadinha e abana a cabeça em negativo.

— Por que você acha isso?

“Porque o ameaçaram uma vez”, penso em dizer. Em vez disso, digo:

— Porque sempre que quero saber sobre ele, seu passado, Emilien se esquiva, fica tenso, nervoso, desconversa. Tenho a impressão de que me esconde alguma coisa.

A menina fica pensativa por algum tempo.

— Emilien passou por uma fase delicada. Pode ser isso. Ele ficou bastante abalado, sabe? — Novamente, seus olhos ficam cabisbaixos. Quero desesperadamente perguntar o que aconteceu, mas me seguro. — Foi por causa da melhor amiga dele, a Désirée. Ela…

— *Bonjour!* — uma voz irritantemente alegre interrompe o momento.

Fuzilo Marjorie com os olhos enquanto, enrolada em um robe de seda e com uma maquiagem leve e impecável no rosto, impecável como seus belos cabelos castanhos, ela adentra a cozinha. — Atrapalho vocês? — indaga, tomando um



lugar à mesa.

SIM! , quero gritar. Ao invés disso, Nicole abre um sorriso forçado e pega a cesta que arrumamos com nosso café da manhã.

— Já estamos subindo — informa.

— Não tomarão café conosco? Sua mãe já está descendo para se juntar à mesa.

— Hoje não. Certas presenças são desagradáveis — Nicole diz, puxando-me pelo punho e levando-me escada acima.

Nós nos juntamos no quarto de Emilien e tomamos café empoleirados em sua cama. Ao meu lado, ele beija minha têmpora e agradece o momento. Fico feliz em poder lhe proporcionar alguma felicidade. Fazemos alguns planos para o domingo, como um passeio pela cidade e almoço em algum restaurante, nós quatro. Como era de se esperar, Nicole se importa com a mãe, que veio para passar um final de semana com os filhos.

— Nos últimos anos, tudo o que ela fez foi afastar nossa família, Nicole

— Emilien argumenta. — E sabe muito bem que eu e ela não podemos ficar no mesmo ambiente por muito tempo.

Compadecida pelo irmão, a moça o abraça desajeitadamente e diz que ele tem razão. Enquanto ela e a noiva vão vestir algo mais adequado para nosso passeio, me prontifico a levar a louça para a cozinha, mesmo com o perigo iminente de encontrar alguém desagradável no caminho. Lavo a pouca louça que usamos. Estou finalizando quando Marjorie surge, outra vez impecavelmente vestida.

Ignoro-a, seco as mãos e estou voltando para o quarto de Emil, mas ela me interrompe:

— Elizabeth comentou que você e Emilien estão juntos.

— Desde ontem de manhã, sim — informo, tentando manter a civilidade.

— Conversamos, assumimos que gostamos um do outro, então não vejo motivo



para não sermos um casal.

Marjorie sorri. Parece-me um sorriso falso. A pequena bolsa em sua mão é apoiada na mesa já limpa.

— Não pude evitar em ouvir uma parte da sua conversa com Nicole. Se quer um conselho, tome cuidado com o que diz à menina. Ela não sabe sobre o segredo do Emilien. E se souber, isso com certeza vai abalá-la, vai mudar toda a visão perfeita e divina que tem do irmão mais velho.

Semicerro os olhos em sua direção, tentando entender aonde quer chegar com isso tudo.

— Certo. — É só o que digo.

Estou passando por ela para voltar lá para cima e me arrumar para nosso programa quando Marjorie segura delicadamente meu pulso.

— Em uma relação como a de vocês não se deve haver segredos — diz, olhando-me nos olhos. — Mas Emil não vai te dizer. Precisa descobrir por si só.

As provas que precisa estão em algum lugar do apartamento dele.

— Por que você simplesmente não me conta? — disparo, trincando o maxilar. Se ela sabe sobre o passado do meu namorado, não tem que ficar nesse joguinho de enigmas.

— Não seria justo — argumenta. — Antony revirou o apartamento dele até encontrar o ponto vulnerável do Emilien. Ele deve ter tomado o dobro de precaução e mudado tudo de lugar. Mas você pode procurar. E fique atenta à agenda dele. — Dizendo isto, ela pisca para mim, agarra sua bolsa e se vai.

Não tenho nem mesmo oportunidade de perguntar como ela sabe sobre Antony Leclerc.

Fazemos uma espécie de encontros de casais durante o resto do domingo.

Revisitamos diversos pontos turísticos e almoçamos em um bom restaurante. No

final da tarde, antes de partirmos de volta a Paris, passamos no supermercado e compramos alguns suprimentos para a viagem de pouco mais de três horas. Ao retornamos para a casa dos Dupont e nos prepararmos para nosso retorno, descobrimos que Elizabeth e Marjorie já haviam partido. Nicole fica nitidamente abatida com isso, mas Emilien sequer demonstra qualquer sentimento — seja de satisfação ou tristeza.

Como Emil e Nicole vieram no carro dele, ele a manda voltar com a noiva para poder me fazer companhia no meu carro. Chegamos por volta de oito da noite na capital. Ele não me deixa voltar para meu apartamento, então sou

“obrigada” a ficar em sua cobertura. Nem preciso dizer que a cama rangeu bastante durante a noite e que fomos dormir bem tarde. Resultado: no dia seguinte preciso quase ser arrancada debaixo das cobertas para ir à redação.

Até por volta das duas da tarde, enfrento o mal humor de Héron — que está pior desde o coquetel. Ele e Isabelle realmente não se entenderam. Ele terminou de ler o original dela, fez muitos elogios, apontou superficialmente alguns pontos a serem melhorados e só. Não tocou no assunto sobre minha irmã ter jogado uísque em sua cara — e eu fiz o mesmo; cutucar a fera para quê? — e nem disse se toparia editar *Sanctus* ou indicá-lo para um editor tão bom quanto ele.

Logo depois do almoço, surge uma ideia e acabo por abandonar meu posto (as vantagens de ser namorada do dono). Explico a Poirier que precisarei sair por algumas horas, mas compensarei durante a semana. Corro até meu apartamento e pego tudo o que preciso. Já sei como retribuir ao presente que Emilien me deu na semana passada. Mais no final do dia, ligo para ele e pergunto se estará em sua cobertura. Ele afirma e então combinamos de nos vermos.

Meu presente é grande e pesado, por isso preciso da ajuda de um carregador para subi-lo até a cobertura. Emilien atende a porta ainda trajando suas vestimentas de trabalho. Como sempre, está delicioso em seu terno sob medida. Seu olhar me analisa atentamente enquanto me apoio no enorme embrulho.

— O que é isso? — pergunta, erguendo a embalagem. — *Mon Dieu,* é pesado! — exclama, adentrando seu apartamento.

— Um presente — falo. Emilien o coloca no sofá e olha para mim.

— Desse tamanho? — Sua surpresa é compreensível.

Sorrio de forma travessa e mordo o lábio inferior. O pacote tem cerca de um metro de largura, setenta centímetros de comprimento e um dedo de espessura.

— Abre logo! — incentivo.

Ele o faz, rasgando o embrulho como uma criança desesperada. Quando termina de desembrulhar, vejo a emoção mais linda e sincera trespassar seus olhos. Ele se volta para mim, nitidamente emocionado. Um segundo mais tarde, estou sendo tomada pelos seus braços e boca.

— Você é tão incrível — murmura, dando-me vários beijos.

— Só retribui o presente.

Beijando-me pela última vez, Emilien pega o quadro e o leva até seu quarto.

Seu presente nada mais é que um painel de vidro com todas as fotos que ele me mandou nas últimas semanas. Há fotografias nossas também. Uma das primeiras que tiramos juntos na África, uma no casamento de Bernardo, e algumas em Loches — milagrosamente ele aceitou tirar mais de uma.

— Mandei fazer um quadro igual para mim, com as mesmas fotos —

falo, aproximando-me dele e segurando-o pelas mãos. — Quero que você olhe para essas fotos e se lembre-se de que tem um talento lindo e não deveria desistir dele.

— Marie… — Sua voz sai arrastada e melancólica.

— Sei que tem responsabilidades com a empresa da sua família, *mon chéri*. Mas se não pode viver seu sonho por inteiro, por que não vivenciar ao menos uma parte dele? Aproveite suas viagens para fotografar, tire um tempo para si para fazer aquilo que mais gosta. Se quer um incentivo, eu adoraria receber mais fotografias ou… ser sua modelo. Mas não desista, Emil.

Suas pupilas se dilatam com a sugestão e um mínimo sorriso nasce em seus belos lábios.

— Podíamos comprar um painel de metal… — sugiro, acariciando seu rosto. — E todo momento que você fotografar, podíamos revelar e fazer um mural. Ficaria lindo, não acha…?

— Quero tirar mais fotos com você — fala, apertando seu corpo no meu, num movimento quase de possessão. — Quero encher a porra desse painel de



fotos nossas. — Seu jeito romanticamente rude me arranca uma gargalhada, que é abafada quando seus lábios ferozes tomam os meus.

Sou jogada na cama. Ele vem por cima em um segundo, enveredando sua mão máscula por dentro da minha camisa, em busca dos meus mamilos.

Fazemos um sexo duro e gostoso por mais de uma hora. Estamos nus, suados e exaustos, mas, mesmo assim, ele faz questão de puxar meu celular e tirar uma *selfie*.

— Fotografia pós-orgasmo — brinca, verificando a imagem na tela. Eu, deitada sobre seu peito desnudo, tampando minha nudez com o lençol branco.

Ele, com um braço em torno de mim e o outro embaixo da cabeça. Meu sorriso é de êxtase, aquele que você dá quando ainda sente seu organismo recebendo todos os hormônios que o sexo libera. O sorriso de Emilien é mais aberto, de felicidade. Preciso confessar: é a primeira vez que o vejo sorrir dessa maneira.

Emilien desce até a cozinha para preparar algo para comermos. Fico em sua

cama, enrolada nos lençóis, a televisão ligada no *Discovery Chanel* falando sobre a área 51, mas não me atento muito. Estou ocupada demais amaciando o lugar onde ele esteve, inalando o cheiro almíscar e perfumado que exala da fronha do travesseiro dele.

Namorado. A palavra parece estranha. Tanto tempo que não tenho um namorado de verdade. No mesmo instante, as palavras de Marjorie invadem minha mente. “Em uma relação como a de vocês não se deve haver segredos”.

“Mas Emil não vai te dizer. Precisa descobrir por si só. As provas que precisa estão em algum lugar do apartamento dele.” “E fique atenta à agenda dele.”

Estou ciente de que é muito errado vasculhar a intimidade de Emilien. O

correto não seria conquistar sua confiança e fazê-lo se abrir comigo? Sim. Mas o conheço o suficiente para saber que ele não vai contar nada. Tomada pela curiosidade, levanto-me enrolada no lençol e caminho pelo quarto, observando tudo ao redor, atenta. Abro algumas gavetas, procuro entre as prateleiras de uma estante com alguns livros, olho debaixo da cama. Nada. Adentro o closet. É

enorme e extremamente organizado. Vasculho o local por algum tempo, afastando camisas, tateando fundos, analisando as paredes e nichos.

É num fundo falso de uma parte onde pendura os blazers casuais que encontro um cofre. Engulo em seco. A pequena tela digital exibe três palavras seguidas por seis *underlines*.

Insira a senha:

_ _ _ _ _ _

Penso por vários segundos em uma combinação que possa dar certo. As possibilidades são o quê… uma em um bilhão?

— O que está fazendo aí? — Sua voz potente soa logo atrás de mim.

Viro nos calcanhares para encontrar um Emilien usando apenas cueca, braços cruzados na frente do tórax, expressão sisuda, maxilar trincado. Bem cara de poucos amigos. Penso rápido em uma resposta:

— Estava procurando algo para usar para dormir. Gosto das suas camisas.

— Você esteve nessa cobertura por tempo suficiente para saber onde minhas camisas ficam, Marie — adverte, caminhando até a parte exata onde guarda essas peças. Pega uma de um azul suave e joga em minha direção.

Agarro-a no ar, fazendo o lençol em torno do meu corpo cair aos meus pés.

Emil me come com os olhos, parecendo se esquecer por um segundo da sua raiva comigo. Visto-me com sua camisa e digo:

— Me dei conta de que não conhecia o restante do seu closet. Estava apenas olhando suas roupas. — Olho para trás, para o cofre, depois volto a ele e completo: — Por acaso descobri o cofre. O que você guarda aí?

Uma sobrancelha dele sobe. Novamente, cruza os braços.

— Talvez uma reserva de dinheiro em espécie.

— Você não parece o tipo de homem que precisa de dinheiro em espécie.

— Nunca se sabe quando precisarei — afirma, sua voz ficando cada vez mais tensa.

— Pode me mostrar? Não gosto que você me esconda as coisas.

— Então é sobre isso. — Suspira pesadamente, fugindo do meu olhar. —

Continua insistindo. — Com três passos, ele está perto de mim, seus dedos rodeando meus braços. — Por que insiste nesse assunto? Por que insiste em tentar me desvendar? Droga, Marie. Você é tão curiosa. E teimosa. Pare de procurar.

Esquivo-me do seu aperto e dou um pequeno passo atrás, minha bunda encontrando o armário.

— Por que não me mostra o que tem dentro do cofre, Emilien? —

pressiono. — Porque aí tem alguma coisa do seu passado, não é? Tem o seu terrível segredo. Não sei se podemos manter uma relação se você me esconde as

coisas! — cuspo, mal percebendo as lágrimas em meus olhos.

Com o rosto marcado de raiva, ele vem até mim, bufando como um touro. Por algum motivo, fecho meus olhos, amedrontada com sua reação. Um instante mais tarde, ouço a porta do cofre sendo aberta.

— Veja — ordena, rude. Viro-me e tudo que há lá dentro é o que já me disse: uma reserva de dinheiro em espécie. — *Veja* — praticamente rosna.

Aproximo-me mais e analiso todo o interior. Tateio, observo. Não há nada comprometedor. Apenas dinheiro.

Minha cara queima de vergonha.

— Emil, *je suis dé…*

Ele ergue a mão, interrompendo meu pedido de desculpas, e sai do closet sem dizer mais nada. Vou atrás dele um segundo depois. A mesa redonda em um canto do quarto está delicadamente arrumada com um jantar improvisado —

completamente não-saudável —, mas amo a intenção dele. Emilien está vestindo sua calça social e se nega a me olhar.

Fico parada no limiar entre o closet e o quarto, pensando se vou embora, se tento me desculpar ou se o espero se acalmar. Ele termina de se vestir e se põe à mesa. Então me olha, pega um garfo e aponta para o lugar vazio.

— Não vem comer? Precisa repor as energias. — Um passo de cada vez, me aproximo, mas não me sento. Seu olhar encontra o meu. Ele suspira. — Está tudo bem. Não estou bravo com você.

— Não? — indago, duvidosa. — Sua carranca diz o contrário.

— Não é com você. É justa a sua desconfiança. Só… odeio essa situação, Marie.

— Me conte, Emilien… — peço suavemente, pondo-me na cadeira vazia e tocando sua mão. — Confie em mim e me conte. O que aconteceu no seu passado, o que aconteceu com a Désirée?

Seu corpo fica tenso e rígido como sempre quando toco nesse assunto.

Ele engole um pouco de água na taça e desfaz nosso contato.

— Não insista. Ela sequer está em Paris. Podemos esquecer esse assunto?

Marie… só quero viver em paz contigo. Insistir na minha vida passada é colocar conflito na nossa relação. Vamos seguir em frente, *oui?*

Quero contrariá-lo, mas decido por não. Decido que vou usar dos meios que forem necessários para descobrir mais sobre ele, seu passado e Désirée. Não é correto, não é ético, mas preciso saber. Preciso descobrir.

Preciso desvendá-lo.

Invasão de privacidade

MARIE

CAPÍTULO 23

Durante a primeira semana do meu namoro com Emilien, passo mais tempo no apartamento dele — e debaixo *dele* — do que na minha própria casa.

Sua agenda estava mais folgada nessa ocasião, o que nos permitiu passar bastante tempo juntos. Nas duas semanas seguinte, porém, seus compromissos tomam quase as vinte e quatro horas do seu dia. Ele tem algumas viagens, diversas reuniões e videoconferências e um Congresso em Lisboa no terceiro sábado depois de Loches, para qual me convida para lhe fazer companhia.

Estamos caminhando para vinte e um dias de compromisso sério, e eu já perdi as contas de quantas vezes quebrei os princípios de confiança em um relacionamento revirando a vida particular dele. Qualquer brecha que eu tinha sozinha, vasculhava suas roupas, gavetas, livros, celular, notebook. E nada. Não encontrei uma mísera pista. Marjorie me garantiu que eu encontraria as provas

do passado dele em seu apartamento. Entretanto, Emilien deve ter se precavido ao quadrado e levado essas tais “provas” para qualquer outro lugar. Um cofre no banco talvez?

Chevalier também me advertiu a observar a agenda dele. Algo que não consegui inteiramente. Tentei arrancar algumas informações de Emilien, mas suas respostas eram sempre iguais: reunião, viagem, reunião, conferência, viagem, reunião. Não me deu nenhum detalhe a mais, exceto pelos locais.

Começo a desconfiar de que Marjorie só me disse aquilo tudo para me deixar paranoica e me fazer invadir a privacidade do meu namorado. Se Emil descobrir que ando tentando desenterrar seu passado, com certeza ficará furioso.

É isso o que aquela mulher quer, não é? Ver nosso relacionamento abalado pela falta de confiança.

Então deveria deixar para lá, desistir e, ao invés de invadir sua privacidade, fazê-lo confiar em mim para se abrir. Quem disse que consigo? Se ele não contou nem mesmo para a irmã — alguém em quem já demonstrou ter uma enorme confiança —, não será para mim que contará.

Suspiro alto, afastando os pensamentos da cabeça e tentando me concentrar no meu trabalho mais uma vez. Quero adiantar o tanto quanto for possível e ficar mais tranquila para aproveitar a capital portuguesa com meu namorado sem estar pensando em minhas obrigações — e ele que faça o mesmo ou vai perder as bolas. A última coisa que quero neste sábado é vê-lo enfurnado dentro de uma sala de reuniões ou escritório. Já basta as longas horas que passa durante a semana…

Então, de repente, algo passa pela minha cabeça. Talvez eu já saiba onde procurar por essas provas, *tentar* conferir sua agenda e ver o que posso encontrar. Ligo para ele e pergunto se tem um horário livre depois do meu expediente. Emil diz que tem uma última reunião às dezenove — um jantar de negócios num restaurante nos arredores da Dupont Investimentos. Estará livre às vinte e uma.

— Se importa se nos vermos no seu escritório? — pergunto, brincando com um lápis e mordendo o lábio inferior. É baixo eu usar sexo e uma fantasia sexual como pretexto para estar em seu ambiente de trabalho e vasculhar cada centímetro que eu puder? É. Sei disso. Mas não posso evitar. Que Emilien nunca

descubra, amém. — Tenho um *look* de secretária bem interessante, *monsieur* Dupont.

A linha fica muda de repente, e só posso ouvir a respiração ruidosa dele.

Seguro uma risadinha. Aposto que já está duro ao imaginar o que vamos fazer em cima da sua mesa. Nunca transamos no seu ambiente de trabalho, apesar de já termos fantasiado algo do tipo.

— *Me espere na portaria do edifício às vinte e uma.*

No horário combinado, já estou à sua espera, sob o letreiro enorme da empresa de sua família. Uso um casaco longo — o mesmo que vesti quando

apareci em sua porta semanas atrás, na noite do coquetel — que o faz arregalar os olhos enquanto se aproxima depois de estacionar ao lado do meio-fio e entregar as chaves ao manobrista. Abro um sorriso malicioso, adivinhando o que se passa em sua cabeça.

— Você não…? — indaga baixinho, parando à minha frente e olhando-me de cima a baixo. Não sei dizer se suas pupilas dilatadas são de luxúria ou ciúme.

— Se estou nua por baixo do casaco? — provoco, erguendo a perna direita até alcançar seu quadril. Emilien me segura com firmeza e faz uma carranca dura, olhando para os lados. Há um segurança na guarita do prédio que nos observa.

— Preciso admitir: a perspectiva de você estar sem roupa por baixo desse casaco me deixa excitado e enciumado ao mesmo tempo.

Sorrio contra sua boca e o beijo singelamente. Por fim, segura minha mão e nos leva até o último andar. Ele tenta me agarrar no elevador e tirar a dúvida se estou ou não despida, mas não deixo. Uma vez em sua sala, jogo-o contra a mesa de trabalho e esfrego nossos corpos, beijando-o, sôfrega e verdadeiramente necessitada do seu toque. Emilien agarra minha bunda e a aperta, enviando excitação através do meu organismo. Afastando-me bruscamente, desabotoa o casaco, quase de forma desesperada.

— Você quer acabar comigo… — murmura, os olhos passeando pelo meu corpo.

— Com certeza, *chéri* — devolvo, dando um passo atrás, tirando o sobretudo e o

jogando para o outro lado.

Divirto-me com a expressão de volúpia em seu rosto e o modo como me come com os olhos.

Trajo uma saia de couro bastante curta e justa, que contorna meu corpo e salienta minhas curvas. A camisa de seda é frente única; as duas tiras do tecido fazem um decote profundo e deixam a lateral dos meus seios soltos à mostra.

Aproximo-me dele com o polegar nos lábios e sorrio de um jeito safado, gostando de exercer algum poder sobre seu corpo.

Viro-me de costas e esfrego-me na ereção que já marca sua calça social.

Seus lábios encontram a pele do meu pescoço ao mesmo tempo em que o enlaço com meus braços e jogo a cabeça para trás, dando-lhe mais espaço. As mãos

deslizam pelo meu tórax, passam pelos seios, abdômen e chegam até o vão das minhas pernas. Então ele volta, enveredando por dentro do decido e encontrando meus mamilos entumecidos.

Por algum tempo, ele dá atenção a esta parte do meu corpo, beijando-me indecentemente no pescoço, roçando sua barba na minha pele e murmurando obscenidades em meu ouvido que me deixam cada vez mais úmida. Num rompante, estou encurvada contra a mesa, minha bunda empinada em sua direção, um tapa estalando com força.

— Você me provoca, mulher — cicia, descendo sua boca suculenta nas minhas costas expostas. Tudo que posso fazer é suspirar enquanto ele me toca e se agacha à altura da minha bunda. — E por me provocar, seu castigo será eu te comer gostoso.

— Adoro esse castigo — murmuro, mordendo o lábio inferior. Emilien abaixa minha saia e beija cada lado das minhas nádegas, rosnando alguma coisa sobre minha calcinha finíssima.

Ele se põe às minhas costas e esfrega sua ereção em mim enquanto os dedos enroscam na tira fina da calcinha. Emilien a puxa e a solta, estalando na minha pele. Um tapa esquenta minha bunda, forte, estalado, que faz percorrer uma sensação maravilhosa pelo meu corpo.

Gemo meio descontroladamente, principalmente quando agarra minha calcinha e a esfrega para frente e para trás, lentamente, roçando o tecido em meu clitóris e enviando sensações esplêndidas para cada célula do meu corpo.

Emilien separa minhas pernas e me faz inclinar mais sobre sua mesa de trabalho, de um jeito meio duro. Sinto-me completamente exposta e devassa, aumentando a umidade entre minhas coxas. Seus dedos habilidosos colocam minha calcinha de lado e um segundo mais tarde deslizam para dentro de mim, entrando e saindo devagar, mas igualmente delicioso. Choramingo o nome dele, quase em tom de súplica, querendo logo que me coma com força, como me prometeu segundos atrás.

Ele ainda me fode com os dedos quando beija meu pescoço, lenta e sensualmente, sua boca suculenta resvalando pela minha pele e enviando arrepios na minha coluna e entre as pernas. Novamente, Emilien vai tecendo seus beijos pelas minhas costas, descendo e deixando o rastro úmido e quente dos seus lábios até estar à altura do meu sexo.

Um segundo mais tarde, sua língua está no meu ponto mais sensível,

fazendo as maravilhas que somente Emilien Dupont parece ser capaz de fazer.

Agarro-me à borda da mesa com força em um ato desesperado de aguentar o prazer que está me dando.

Dois dedos se juntam às suas chupadas maravilhosas, enquanto o polegar da outra mão acaricia meu clitóris com a pressão perfeita. Começo a sentir a onda do primeiro orgasmo. Emilien mantém o ritmo e o prazer até que meu corpo estremece e eu gozo com sua língua e indicador dentro de mim. Meu grito é trêmulo e esganiçado. Desabo sem forças sobre a mesa, sentindo o relaxamento proporcionado.

Ele se põe atrás de mim e me abraça, segurando meus seios com firmeza, penetrando-me devagar, centímetro por centímetro.

— Porra de mulher apertada — rosna no meu ouvido, movendo-se lentamente.

Então é tudo o que diz pelos próximos minutos enquanto me fode com toda sua potência, as mãos fortes segurando-me pela cintura, firmes, apertando-me conforme entra e sai de mim em um ritmo enlouquecidamente rápido.

Nossos gemidos se misturam, nossos corpos grudam um no outro, o suor escorrendo de nossas peles. Ofegante, Emilien diminui a velocidade, mas sem deixar de socar fundo e alcançar aquele ponto maravilhoso que me leva às alturas. De repente, sinto o toque do seu polegar na área que pouquíssimos homens tiveram acesso. Ele me massageia ali, com movimentos circulares e suaves, lubrificando-o com minha própria essência. A sensação de prazer é intensificada quando, vagarosamente, seu polegar me penetra. Fecho os olhos e o recebo com agrado, gostando, além do que posso admitir, que me foda dessa maneira.

Emil apoia o pé direito sobre a mesa e, num rompante, impulsiona seu quadril contra o meu. A mão livre me segura firme pelos cabelos e me leva a encontrar sua boca em um beijo rude, sua barba marcando a pele do meu rosto.

Gemo alto contra seus lábios, sem pudor, sem controle sobre meu próprio corpo, sem vergonha de mostrar o estado que me deixa. A posição é magnífica e se torna ainda mais quando a outra mão solta meu cabelo para tocar no meu ponto sensível.

— Emilien, vou gozar de novo… — anuncio, sentindo os trancos que seu quadril causa no meu.

— *De novo, ma belle*? — indaga, e tenho certeza que está exibindo um

sorrisinho convencido.

— Não tenho culpa se me come gostoso — devolvo, trincando os dentes por causa das suas investidas atrás de mim. Seguro-me com mais força à borda da mesa e relaxo o corpo, deixando o segundo orgasmo estremecer todas as minhas bases.

No mesmo instante, o peso do porte dele cai todo sobre mim. Tenho certeza que gozamos juntos. Permanecemos conectados, recuperando a respiração por algum tempo. Emilien sai de dentro de mim e me vira em sua direção, tomando-me em um beijo amoroso e me cobrindo com seus grandes braços.

— Vai dormir lá em casa? — pergunta, afastando-se e subindo as calças.

Pego meu casaco jogado do outro lado e o visto, fechando as laterais e as segurando.

— Preciso pegar mais uns pares de roupa se eu for.

— Passamos no seu apartamento, então.

Olho ao redor. O local está à meia-luz. Preciso de uma oportunidade para revirar alguns cantos.

— Tudo bem. Estou com fome. Podemos pedir alguma coisa? — indago, aproximando-me dele e o pegando pela gola da camisa, o que me obriga a soltar o sobretudo, que se abre e revela meu corpo seminu e suado. Emilien desce seus olhos para mim e abre um leve sorriso.

— O que você quiser, *ma jolie.*

— Peça e mandem entregar aqui. Vou repor as energias e acho que deveríamos ter mais uma rodada, dessa vez no seu sofá — sugiro, descendo a mão até o vão das suas pernas.

A expressão em seu rosto me dá a certeza de que a ideia o agrada.

Emilien pega o celular e pede comida italiana para nós. Enquanto esperamos pela entrega, trocamos mais alguns beijos indecentes no seu sofá. Minutos depois, o telefone dele toca, a portaria avisando da entrega. Ele deixa um beijo no meu rosto e me diz que volta logo. Emil mal atravessa a porta e já estou em pé, olhando atentamente ao redor. Acendo todas as luzes e começo pelas gavetas.

Encontro algumas pastas de documentos que nada tem a ver com o que procuro.

A verdade é que aqui não há muito onde procurar. Seu escritório é praticamente desprovido de móveis. Ainda assim, olho algumas prateleiras, entre os livros.

Encontro um pequeno cofre, mas está destravado e vazio. Vasculho sua mesa e encontro um tablet. Ligo-o e acesso sua agenda, seguindo o conselho de Marjorie.

Analiso-a minuciosamente. Um monte de reuniões como sempre, viagens marcadas, inclusive, para dentro de meses, jantares e almoços de negócio, visitas a algumas instituições que ele mantém com as filantropias, eventos beneficentes, palestras, congressos…

Duas especificações, contudo, chamam minha atenção. Uma delas está apenas com a letra “N” num espaço de quase duas horas. A outra é a letra “P” e dura pouco mais de uma hora. Não há mais detalhes do que seriam esses seus compromissos. Analiso as semanas anteriores e confiro que os eventos “N” e

“P” são constantes, apesar de serem em horários e dias alternados. Em algumas ocasiões, “N” aparece duas vezes na mesma semana.

— Procurando alguma coisa? — a voz de Emilien soa no meio do silêncio, assustando-me. Quase deixo o tablet despencar da minha mão para o chão. Ergo o olhar e o vejo adentrando mais o cômodo, trazendo nossa comida.

Ele coloca tudo no sofá e me olha novamente, cruzando os braços na frente do tórax.

— Só queria saber como está sua semana. E vi que está lotada, como sempre. Tem uma viagem para Lyon antes de Lisboa. — Emil sempre está em Lyon. É um dos maiores polos de seu negócio.

Sento-me no sofá e pego uma das caixas, abrindo-a. Meu estômago ronca de verdade ao ver a lindeza de um risoto bem-feito.

— Como se eu não tivesse te dito que tinha compromissos à beça —

rebate, pondo-se ao meu lado e pegando a sua refeição. Emilien optou por lasanha.

Dou uma garfada no risoto e pergunto, como quem não quer nada:

— O que são seus compromissos “N” e “P”?

— “N” de *não é da sua conta* e “P” de *pare de vasculhar minha vida*.

Assustada com seu tom rude e mal-educado, paro de comer na mesma hora. Seu semblante é tão duro quanto sua voz e frase. Levanto-me, deixando a comida praticamente intocada, e caminho até minha saia, que continua jogada no meio do seu escritório. Visto-me sem que ele diga uma palavra.

— Você veio aqui só para procurar alguma coisa? — questiona, seu tom

de voz denunciando chateação e raiva.

“Oui” seria a resposta mais verdadeira, mas não posso ser sincera com ele nesse momento. Bem, ele não é sincero comigo, não tenho obrigação nenhuma de também ser.

— *Non*. Eu vim porque realmente queria trepar com você na sua mesa, Emilien — respondo, odiando ter de mentir assim. — Me desculpe se mexi na sua agenda, não sabia que era segredo de Estado os seus compromissos.

O maxilar dele trinca. Seus olhos praticamente faíscam. Ele deixa a comida de lado e vem até mim, mas me esquivo do seu toque. Ele não vai ser um estúpido comigo e depois me amansar.

— Acho melhor eu ir para meu apartamento — falo, contornando seu corpo e caminhando para a porta.

Emilien me segura pelos punhos e me impede de continuar meu caminho.

— Desculpe minha grosseria. Mas está me irritando essa sua mania de procurar coisas onde não tem.

— Não estou procurando nada, Emil — respondo, desfazendo-me do seu toque. — Peguei sua agenda apenas como uma forma de passar o tempo, não fiz por mal nem por segundas intenções. Mas pelo jeito, até alguns dos seus compromissos você gosta de manter em segredo. E quer saber? Odeio isso. Você me conhece como ninguém, eu sempre me abro para você, e não só no sentido sexual, e em compensação você se fecha cada vez mais.

Ele passa a mão pelos cabelos e suspira.

— Está errada. Você sabe mais de mim do que qualquer outra mulher. Eu me abri em Loches… Te contei segredos que nem mesmo Nicole sabe. Mas certas coisas prefiro manter para mim. Por que simplesmente não pode respeitar isso?

— Se abriu depois de muita pressão! Você nunca me conta nada por vontade própria. Como agora. O que tem de mais me contar do que se tratam dois compromissos? Se o fizer, será porque estou aqui te pressionando. Não vamos funcionar dessa maneira, Emilien. Não posso conviver com um monte de segredos rondando nosso relacionamento.

— Uma relação é baseada em amor, confiança e respeito. Você parece que não tem nenhum dos três por mim — diz, entre os dentes, em um tom de

raiva e tristeza.

Sua frase é como um tapa na minha cara. Remoo suas palavras, sentindo uma dor insana no coração.

— Como você espera que eu ame, respeite e confie em alguém que é uma incógnita para mim, que mente e me esconde as coisas?

— Por que isso agora? Sempre respeitou meu direito de não te falar da minha vida, meu passado, meu segredo. Mas agora, depois de Loches, depois de *Marjorie*, tudo o que faz é me pressionar, vasculhar e tentar invocar meus demônios!

— Porque agora somos um casal! — grito, apontando um dedo na sua cara.

— Sermos um casal não tira o meu direito de ter privacidade! — Emilien devolve, pegando meu dedo e abaixando minha mão com violência.

Ele afaga o próprio rosto, visivelmente abalado com nossa discussão.

Respiro fundo e fecho os olhos, recuperando o ar e tentando não chorar em sua frente. *Mon Dieu*, por que estou agindo dessa maneira, como uma namorada louca e paranoica? Não sou assim, odeio pessoas assim e odiaria se os papéis fossem invertidos. Emilien tem razão. Por mais curiosa que eu seja, mesmo quando era só sexo entre nós, sempre respeitei seu espaço, sua privacidade, seus segredos…

— Psicólogo — murmura, de repente, ainda cabisbaixo. — É “P” de psicólogo. Você deve saber que tenho a mente meio fodida por causa da minha mãe.

— Por que está abreviado?

Ele dá de ombros.

— Era eu mesmo quem marcava minhas consultas. Para evitar que as funcionárias que tinham acesso à minha agenda soubessem da terapia, eu colocava apenas um “P”. Acho que é algo particular demais para as pessoas

saberem. Mesmo que agora uma ou duas pessoas saibam que esse compromisso é com um psicólogo, mantive por hábito.

— E a letra “N”?

Seu rosto toma as mesmas proporções sombrias, a expressão que não consigo ler.



— É particular…

— Emilien… — suspiro, cansada disso. Não vou insistir. Não vai resolver pressioná-lo e só colocará mais tensão no nosso namoro. Não quero isso. Quero viver em paz com ele. Dou um passo à frente e o envolvo em meus braços. — Tudo bem. Se não quer dizer, não diga.

— Nanterre — confessa, acariciando meus cabelos. — Tenho uma reunião lá amanhã. Estou estudando algumas instituições para manter.

Penso em perguntar por que está abreviado, mas desisto. Desisto porque sei que ele está mentindo. Toda semana ele tem reunião em Nanterre? Desde a sua volta? Não é possível que seja isso. Tem alguma coisa lá… e ele está me escondendo. Por sorte, memorizei o horário desse seu compromisso e sei exatamente o que fazer para descobrir o que ele de fato fará na comuna.

Eu vou segui-lo.

O compromisso “N” de Emilien está marcado para as quatorze horas.

Sendo assim, às treze já o espero frente ao edifício da Dupont Investimentos, dentro de um carro alugado. Por volta de uma e vinte, ele deixa a garagem do prédio e segue até a comuna. A viagem dura menos de meia hora; o destino é uma casa de repouso.

O que esse homem veio fazer em uma casa de repouso? Observo de longe, a uma distância segura. O local é uma construção extensa de dois andares, dentro de muros e ambiente arborizado. Há uma guarita na entrada, onde ele se identifica e

entra com o carro.

Emil veio visitar algum parente? Um dos avós? Talvez o pai…? E se Thierry não for seu pai biológico e o verdadeiro estiver aqui, sob cuidados de terceiros? Essa tortura de remoer um monte de teorias dura uma hora. Emilien só deixa o local às quinze e cinco. Quando seu carro avança a rua e vira a esquina,

saio do meu e caminho rapidamente até a guarita. Um guarda me aborda e pede identificação. Entrego-lhe minha carteira de motorista e digo que vim ver uma vaga para minha avó. Minha entrada é liberada e em cinco minutos estou na recepção, tentando tirar alguma informação. A recepcionista primeiramente me fala sobre as regras da instituição e mais uma porção de coisas nas quais não estou interessada. Só depois de alguns minutos consigo interrompê-la e dizer:

— Escute, preciso de uma informação. — A moça fica atenta às minhas palavras. — Sou jornalista e trabalho no grupo editorial de Emilien Dupont, você deve conhecê-lo. Ele mantém alguém aqui, *non*?

— Sim, o *monsieur* Dupont mantém uma paciente nessa instituição.

— Então… é uma mulher?

— Sim, senhorita Julien. Mas me desculpe, não posso dar detalhes sobre nossos pacientes.

— Eu só preciso de um nome e sobrenome.

A funcionária parece bastante incomodada e se remexe em seu lugar, ajeitando o terninho em seu corpo.

— Sinto muito. Qualquer informação sobre nossos pacientes é completamente confidencial. Não temos nenhuma autorização para isso, senhorita Julien.

Suspiro, derrotada, sem saber mais o que fazer. Subitamente um absurdo passa pela minha cabeça. Empertigo sobre o balcão e sussurro:

— Só me confirme uma única coisa. A paciente que Emilien mantém aqui… o primeiro nome dela é … Désirée?

A recepcionista me encara com olhos arregalados, um misto de surpresa e hesitação saltando de sua íris castanha. Ela está para abrir a boca e me responder, quando uma voz forte como trovão ressoa bem às minhas costas.

— O que está fazendo aqui?!

Por um segundo inteiro fico imóvel, praguejando-me por ter sido flagrada. Então me viro lentamente e fito um Emilien extremamente enraivecido.

— Você me seguiu, Marie Julien?

Un ange dans ma vie

EMILIEN

CAPÍTULO 24

Quatorze anos antes.

Exatamente um mês depois, eu apareço em sua porta.

É de manhã, Désirée nem se trocou ainda. Usa um pijama de ursinhos que sempre achei fofo, cabelos bagunçados e uma caneca de chá mate nas mãos

— sei pelo cheiro. Ela ergue os olhos em minha direção e entreabre os lá;bios ao me ver. Meu nome continua na lista de pessoas autorizadas a subir e ainda tenho a chave de quando morei aqui.

— Emil… — murmura, surpresa com minha visita.

Fico parado no umbral da porta, sem saber como agir exatamente. A última vez

em que a vi foi no funeral de Thierry, uma hora mais tarde de tê-la beijado e terminado meu noivado com Marjorie. Mesmo nessa ocasião, não trocamos nenhuma palavra.

— *Salut.*… podemos conversar?

De um modo estranho, ela me parece sem jeito com minha presença.

Apesar disto, acena em positivo, me dá passagem para entrar e oferece o sofá

arrumado para eu me sentar. Ela se põe no lugar oposto, de frente para mim.

— Como você está? — pergunto, como uma forma educada de começar nosso diálogo.

— Estou bem. E você?

Desvio o olhar por um instante, concentrando-me em meus dedos entrelaçados.

— Ainda me habituando à ausência de Thierry.

Ficamos em silêncio por algum tempo, até que Désirée o quebra:

— Seu casamento é na próxima semana, não é?

Suspiro alto e me recosto no sofá. Minha mãe ficou histérica quando soube que terminei meu noivado. Ela já estava com os nervos aflorados por conta da morte do meu pai e a notícia do meu rompimento com Marjorie só piorou tudo a ponto de ela me agredir com alguns tapas.

— Na verdade, não. Nós terminamos — revelo. Aguardo um segundo antes de encontrar seu olhar.

Como imaginei, Désirée está surpresa e, conhecendo-a bem, seu semblante também revela que se sente parcialmente culpada.

— Foi por causa do nosso beijo? — pergunta, levemente alarmada. —

Emilien, eu não quis… — Não a deixo continuar. Antes que possa esperar, estou ao seu lado, segurando-a pelas mãos e a olhando dentro dos olhos.

— Não foi sua culpa. *Eu* te beijei. *Eu* terminei com Marjorie. Só aceitei me casar com ela por causa da pressão da minha mãe. Mas eu não a amo, Désirée. O que tivemos foi há muito tempo e foi passageiro.

Ela balança a cabeça em positivo, parecendo um pouco mais aliviada com a perspectiva de não ter "destruído" um noivado. Ao terminar seu chá, apoia a xícara na mesinha de centro e então me questiona:

— O que precisamos conversar?

Molho o lábio inferior, procurando pelo modo certo de abordar o assunto.

Não vejo outra saída senão recorrer a ela. Eu poderia tentar um empréstimo no banco, mas já vou pagar a dívida com Chevalier a juros altos e abusivos; empréstimo bancário — que me cobrará ainda mais juros — está fora de cogitação.

— Antes de morrer, papai me contou que… a Dupont Investimentos está falindo — confidencio, quase como um sussurro. Os dedos dela se apertam mais nos meus. Ergo meu olhar. — Ele contraiu uma dívida enorme, fez um empréstimo com o pai da Marjorie a juros altíssimos para tentar reerguer a empresa. Vamos perdê-la e tudo que Thierry conquistou se não quitarmos esse débito. Eu não sei como salvar nossa empresa, Désirée.

— Veio me pedir dinheiro emprestado? — questiona, suavemente.

Fecho os olhos, sentindo meu orgulho ferido. Não queria ter de me rebaixar a esse ponto, claro que não. Mas não vejo alternativa viável.

— Isso. Podemos fazer algum tipo de negócio, não sei — falo, levantando as pálpebras novamente. — Desde que seja benéfico para mim também. Já vou pagar juros abusivos ao Chevalier. Teremos de entrar em um acordo sobre o quanto você pretende cobrar e…

Um segundo depois, ela me abraça, amaciando meus cabelos.

— Emilien, você é meu amigo… Claro que te empresto esse dinheiro e sem te cobrar um euro a mais por isso.

— É muito dinheiro, Désirée — alerto. — E não seria justo não te pagar juros.

— E com certeza eu tenho. — Dá de ombros. — Mas façamos assim, os juros que acertamos, você ajuda alguma instituição de caridade, o que acha?

Sorrio levemente, pensando em como ela tem um coração que não cabe no peito. Désirée começou a ser mais engajada em projetos sociais e filantropias de alguns tempos para cá, segundo acompanhei por meio de algumas notícias a seu respeito.

— *Tu es un ange dans ma vie*. — "Você é um anjo na minha vida".

Tomo-a em meus braços novamente, apertando-a forte, grato por tê-la como minha amiga.

— Nada que você não faria por mim se os papéis fossem invertidos —

sussurra de volta ao meu ouvido.

E ela está coberta de razão.



Désirée me acompanha até a primeira instituição que receberá o valor referente ao que seriam os juros do meu empréstimo. Escolho um dos orfanatos da cidade e assino o cheque. De lá, passamos no Le Procope para almoçarmos juntos.

— E como anda a Dupont? — ela quer saber enquanto aguardamos nossos pedidos.

Só tem um mês que quitei minha dívida com Chevalier. Minha amiga me emprestou bem mais do que eu estava precisando. O dinheiro ajudou a pagar meu débito com o pai de Marjorie e ter um capital para voltar a investir corretamente. Também como ajuda, Désirée me "emprestou" um dos seus maiores conselheiros e especialistas na área de economia e investimentos —

Remy Gaillard — para me ajudar nessa fase de, pouco a pouco, reerguer a empresa da minha família. Decidi me focar com mais afinco e tenho feito bons contratos, contando com ajuda da minha equipe e do *monsieur* Gaillard.

Inclusive, como um apoio moral, minha amiga decidiu investir em algumas ações comigo.

— Graças a você e a Remy estou conseguindo reerguer a Dupont Investimentos. Eu não saberia triplicar o capital investido em duas semanas não fosse a ajuda de vocês dois.

A mão macia e acolhedora dela vem até a minha, acariciando-me, acompanhada de um sorrisinho.

— Fico feliz em te ajudar, Emilien. E como estão as coisas com sua mãe?

Suspiro alto e pesado, odiando ter de entrar nesse âmbito.

— Cada vez pior. Vou embora outra vez. Elizabeth está insuportável desde a morte do papai. Ela ainda… me culpa por eu não ter buscado ajuda. —

Balanço a cabeça, tentando afastar o sentimento da minha cabeça e do meu coração. Só Deus sabe como também me senti culpado. Eu deveria tê-lo mandando fechar a boca e saído correndo para pedir socorro. Talvez Thierry estivesse vivo hoje. — Não dá mais, Désirée. Não suporto mais o humor daquela

mulher, como me manipula e me pune.

— Deveria mesmo sair de casa, Emilien. Sabe que nunca concordei que voltasse para lá — pontua, abrindo um pequeno sorriso de agradecimento quando a garçonete entrega nossas comidas. — E sabe de uma coisa? Meu apartamento sempre estará a sua disposição. Seu quarto ainda está vazio.

Sorrio, baixando levemente os olhos. Désirée é tão minha amiga. E

preciso confessar que tenho pensado no nosso beijo mais do que deveria.

— Você me suportaria de novo? Ter minhas cuecas e meias jogadas pelo apartamento? — brinco, bebendo um pouco do meu vinho.

Ela dá uma risada gostosa e responde:

— Você é um cara organizado, sabe disso. Mais fácil *eu* deixar calcinhas e meias espalhadas do que você.

Rio um pouco e sou obrigado a concordar.

— O que me diz? — pressiona, ainda acariciando minhas mãos.

— Prometo pensar no assunto.

Terminamos nosso almoço falando de outras coisas. Consigo me divertir um pouco com Désirée, como há tempos não me divertia. Confesso que senti falta da sua amizade, conversa, os risos exagerados que chamam a atenção dos clientes à nossa volta. Ela é uma mulher alegre e feliz que não tem medo nem receio de demonstrar isso em público. Ao final, eu a levo para seu apartamento.

Ela para no limiar e se vira para mim, a bolsa dependurada em seu ombro direito.

— Quer entrar e tomar alguma coisa?

— *Non, merci*. Tenho que voltar para a Dupont. Sabe? — murmuro, balançando as sobrancelhas. — Sou um homem de negócios agora.

Désirée ri e me dá um tapa no peito. Ela meio que se desequilibra, dando um passo desajeitado para frente e precisando se escorar em mim. Seguro-a com firmeza e a ajudo a se levantar. Nós nos encaramos por alguns segundos, uma tensão diferente rondando acima de nossas cabeças. Minha respiração fica desregulada e meu coração erra uma batida quando sinto nossa proximidade. É

estranho, porque sempre fomos próximos, mas agora, o modo como a seguro, a maneira como fita meus lábios e como sinto suas mãos frias, parece diferente e mais intenso. Ergo-a devagar, ela continua apoiada em meu tórax, os olhos fixos



e atentos na minha boca…

Tento murmurar seu nome e perguntar se está tudo bem, mas sou calado quando ela me beija, de repente, pegando-me completamente desprevenido.

Désirée enlaça meu pescoço e se ergue nos pés, forçando minha boca contra a sua. Eu reluto por um segundo, mais surpreso do que por qualquer outra coisa, e quando me envolvo no momento, quando começo a abrir mais espaço e penso em circundar sua cintura e trazê-la mais para mim, ela se afasta tão subitamente quanto se aproximou.

Com as mãos na boca, o rosto horrorizado, murmura:

— Emilien, *désolée. Je…* — Desta vez sou eu quem a calo. Tomo-a em outro beijo e termino o que ela não teve coragem. Empurro-a para dentro do apartamento. A porta bate atrás de nós quando caímos no seu sofá e começamos a um despir ao outro.

O cheiro de café fresco desperta meus sentidos. Giro na cama vagarosamente à procura dela, mas não a encontro. Encosto-me na cabeceira e coço os olhos antes de decidir me levantar e me arrastar até a cozinha. Désirée traja apenas um moletom longo que mal cobre sua bunda, os cabelos ruivos amarrados de qualquer maneira. Aproximo-me e a abraço por trás, inspirando fundo seu cheiro e deixando um beijo quente e úmido em seu pescoço.

— *Bonjour* — murmuro, beliscando sua orelha com meus dentes.

Ela se vira para mim, com um dos sorrisos mais lindos que já vi, e me enlaça pela nuca, dando-me um beijo suave nos lábios. Suas mãos pequenas escorregam pelo meu tronco despido conforme me beija.

— *Bonjour* — responde, por fim. — Fiz seu café da manhã — diz, virando-se de volta à bancada e pegando uma bandeja com minha combinação favorita: *croissant*, baguete, geleia de amora e café. — Pela sua formatura ontem. *Félicitations, monsieur* Dupont. Seu primeiro dia à frente da empresa como homem formado.

Pego a bandeja da sua mão e a deixo na mesa, ignorando-a por um segundo. Envolvo-a pela cintura e a ponho sobre a bancada da pia, encaixando-me entre suas pernas e roubando outro beijo intenso e profundo. Nos últimos quase três anos, consegui colocar a Dupont Investimentos nos trilhos outra vez.

Aprendi muito com Remy e dei o máximo de mim para não decepcionar o meu pai. As ações da empresa estão em alta novamente, paguei toda a dívida com Chevalier, seis meses atrás quitei o empréstimo com Lacroix, e meu patrimônio

cresceu quase duzentos por cento desde então.

Jamais teria conseguido isso se não fosse pela ajuda dela, pelo seu apoio e sua dedicação para comigo. Devo muito ao meu mentor Remy, mas devo ainda mais a Désirée que confiou em mim.

— Tenho muito o que te agradecer, *mon ange* — digo, acariciando seu rosto. Ela me beija um instante depois, abraçando minha cintura com as pernas, e então sorri. — A Dupont Investimentos não estaria tão bem se não fosse você. *Je t'aime beaucoup.*

— *Je t'aime aussi beaucoup.* — "Eu também te amo muito." Estou prestes a devorar sua boca, erguer o moletom e fazer amor com ela aqui mesmo, mas sou interrompido. — *Ton petit-déjeuner,* Emilien — lembra-me, apontando para o meu café da manhã sobre a mesa atrás de mim. — Coma antes que esfrie .

— Dá-me um beijo na ponta do nariz e desce da bancada, sumindo pelo apartamento até nosso quarto.

Estou terminando de comer quando ela surge, linda dentro de um conjunto de calça e blazer femininos, o scarpin preto deixando-a dois dedos mais baixa do que eu, maquiada e penteada. Como eu, ela também está à frente da empresa da família.

— Já estou de saída, *mon chéri*.

Levanto-me e lhe dou um beijo e um abraço.

— Vou chegar mais cedo. Faço o jantar ou peço alguma coisa?

— Peça uma pizza — instrui, caminhando até a porta, e eu a sigo. —

Estive pensando… neste final de semana, podemos sair com Nicole e levá-la a algum lugar. O que acha?

Sua sugestão me deixa muito feliz. A última vez que vi minha irmã foi alguns meses atrás, em sua festa de aniversário. Désirée me acompanhou e ficou ainda mais próxima de Nicole. Por conta da minha mãe e do seu maldito

narcisismo, tive de me distanciar e de esconder nossa relação. Já estamos juntos

há quase três anos e ninguém sabe disso. As pessoas comentam, mas somos bem discretos. A última coisa que queremos é minha mãe nos infernizando.

— Ela está com quase quatorze anos. Levá-la ao zoológico não vai mais funcionar.

Désirée dá uma risadinha e concorda, aconchegando-me mais no meu tórax.

— Uma noite no cinema, que tal? Depois a levamos para comer um lanche e tomar um sorvete.

— Vou ligar para ela e saber o que acha.

— Ótimo. Vejo você à noite. — Por fim, despede-se com um beijo e se vai.

Eu volto para nosso quarto e começo a me arrumar. Não muito tempo depois, meu interfone toca; a portaria avisa que minha mãe quer subir e me ver.

Confesso que congelo quase no mesmo instante. O que raios ela estaria fazendo aqui? Não é segredo para ela onde moro e com quem vivo, nem da minha "amizade" com Désirée, mas mamãe nunca teve a iniciativa de uma visita pessoal e informal como essa. Respiro fundo e permito que suba. Cinco minutos depois, quando atendo a porta, ela me olha de cima a baixo, com seu mesmo ar de superioridade.

Sem dizer nada, mamãe vem até mim, me dá um beijo na testa e entra no apartamento. Fecho a porta vagarosamente, ainda assimilando sua presença.

Quando menos espero, seus dedos habilidosos estão terminando de abotoar minha camisa e dando o nó na minha gravata.

— Mamãe, pode me dizer o que veio fazer aqui? — pergunto. Ela não me encara, concentrada no nó.

— Vim ver meu filho e parabenizá-lo por sua formatura.

— Você não apareceu — aponto, meio ressentido.

— Tive contratempos.

Penso em perguntar que contratempos, mas desisto. Ela vai mentir, de qualquer maneira.

— Não seja mal-educado e me ofereça um café, Emilien.

Com um suspiro, deixo-a na sala e vou para a cozinha preparar o café.

Quando retorno, ela não está mais aqui.

— *Mère?* — chamo-a. Ouço um barulho vindo do final do corredor e sigo até lá, a xícara ainda nas minhas mãos.

A porta do meu quarto está aberta. Meu coração acelera. Minha mãe está parada no meio do cômodo, analisando tudo minuciosamente. Mas que maldita invasão de privacidade é essa? Apoio o café com força sobre a cômoda e cruzo os braços na frente do tórax, irritado com sua falta de educação. Elizabeth não diz nada. Fica apenas olhando ao redor por longos segundos. Minha cama de casal desarrumada, as fotografias em que estou junto de Désirée nas paredes e prateleiras. Demoro a notar a porta do closet e do banheiro abertas.

— Por que invadiu o meu quarto? — indago entredentes.

Por fim, ela se volta para mim, encarando-me daquela sua maneira intimidadora.

— Sabe, Emilien… — começa, andando pelo quarto. — Você está há quase três anos morando com esta sua amiga… Désirée. É engraçado o fato de, apesar de o apartamento ter dois quartos, apenas um deles estar habitado. A cama de casal foi usada nos dois lados, o closet tem roupas masculinas e femininas, na gaveta do criado-mudo à esquerda tem muitos preservativos; no banheiro, as escovas de dentes estão juntas. Não vi anticoncepcionais, então acredito que ela seja alérgica ou simplesmente não queira fazer uso; o que explica a quantidade de camisinhas. Agora, seja sincero com sua mãe e me diga, *mon fils*: há quanto tempo está brincando de casinha com essa moça?

Tudo o que eu menos queria acontece: minha mãe descobre sobre minha relação. Isso não é bom. Na verdade, isso é péssimo. Suspiro e passo a mão pelo rosto antes de recompor minha postura e dizer:

— Não estou brincando de casinha com ninguém. Désirée é minha companheira. Isso não é brincadeira. É sério.

— Entendo… — mamãe murmura, trazendo suas mãos para frente e revelando algo que tenho escondido desde a última semana. A megera revirou meus paletós até encontrar! Ela ergue a caixinha de veludo à frente dos meus olhos e diz: — Não está mesmo pensando em cometer um erro grotesco desses, não é?

Tomo a aliança de suas mãos, com certa brutalidade, admito.

— Eu a amo, mãe. Me casar com ela será a melhor das minhas decisões.

— Você só pode ter perdido o juízo, Emilien! — Minha mãe se vira e caminha até o criado-mudo à direita da cama, tomando em mãos uma foto que estou ao lado da minha namorada, sorrindo na frente do Cristo Redentor. — Esta foto. Isso foi quando você foi ao Brasil a negócios, seis meses depois da morte de seu pai…! Olhe isso. Vocês já estavam juntos. Terminou seu noivado com Marjorie e logo estava com ela. Não acredito que rompeu com Chevalier e a trocou por essa moça estúpida e sem graça.

— Não ouse chamá-la dessa maneira! — advirto, erguendo a voz. Minha mãe não virá na minha casa me insultar dessa maneira. — Não entendo realmente qual seu problema, *mère*. Désirée é tão linda e rica quanto Marjorie.

Não é com isso que você realmente se importa? Que eu esteja com alguém à minha altura, da elite parisiense? Então por que essa implicância com minha namorada?

Ela dá uma risada meio psicótica e devolve o porta-retratos com violência ao seu lugar.

— Désirée não é para você. Escute o que sua mãe diz, *mon chéri.* A mulher ideal para você *sempre* será Marjorie Chevalier.

Cansado dessa conversa, eu a pego pelo braço e a arrasto para fora do meu quarto, até a sala. Abro a porta e indico a saída:

— *Partir d'ici*. — "Vá embora". — Será bem-vinda aqui quando respeitar meu lar, minha mulher e minhas decisões; do contrário, é melhor esquecer que tem um filho. Aliás, *maman*, não finja se importar comigo quando sua preferida é Nicole e quando, se dependesse de você, teria escolhido Émilie no meu lugar.

Elizabeth me encara por longos segundos, queixo e nariz empinados, raiva

trespassando seus olhos claros.

— Nós dois sabemos por que Nic é minha preferida e porque eu teria escolhido Émilie no seu lugar — fala, completamente fria, dando-me ainda mais certeza de que ela nunca me amou e nunca vai amar. — Nenhuma delas me decepcionaria como você, Emilien. — Dá um passo para fora, mas vira-se para mim e aponta o indicador na minha cara: — Chegará o dia em que você perceberá que sempre tive razão.

Não a respondo. Simplesmente bato a porta em sua cara. Afago o rosto e

desabo no chão, segurando as lágrimas.

Agora Elizabeth sabe do meu namoro, que eu amo outra mulher, não aquela que idealizou como a melhor para mim. Eu mais do que ninguém sei como contrariá-la é sempre sinônimo de punição.

Minha mãe fará de tudo para me punir.

E começará por transformar minha vida num maldito inferno.



MARIE

CAPÍTULO 25

— Você me seguiu, Marie Julien? — Sua voz rouca e grossa, em um tom nada agradável, adentra meus ouvidos e faz todo meu coração bater como um louco.

Eu fui pega no flagra.

Abro e fecho a boca uma porção de vezes sem saber como me explicar.

Pestanejo um par de vezes quando ele passa por mim, se debruça no balcão e diz à recepcionista que esqueceu o celular no quarto *dela*. A moça retira um telefone do gancho, disca algum ramal e solicita que alguém traga o celular dele de volta.

Emilien fica debruçado no balcão, de costas para mim, seu corpo todo parecendo tenso e rígido. Até que tragam seu telefone de volta, não fala comigo e não se vira para mim.

— Venha — praticamente rosna, segurando-me pelo braço e arrastando-me para fora.

Solto-me de sua pegada, irritada com o jeito "homem das cavernas" dele, e o sigo por mim mesma. Emilien segue à frente, passadas duras e largas, as mãos fechadas ao lado do corpo. Ao chegar ao seu carro — estacionado em uma parte específica da casa de repouso —, se vira em minha direção e se apoia à lataria do veículo.

— *Explique-toi* — exige. Sua mandíbula mal se mexe.

Cruzo os braços e o encaro de queixo erguido. Se ele pensa que vou ficar cabisbaixa e que vai me tratar com intimidação, está muito enganado.

— Quem você veio visitar? — questiono, entretanto. Quem deve respostas é ele, não eu, ora essa!

Emilien dá uma risadinha, como se estivesse inconformado, e cruza os braços.

— Te disse que tinha uma reunião hoje aqui, não disse?

E ali está. A mesma mentira de antes.

— Você mentiu para mim — aponto, começando a me sentir irritada. —

Reunião, Emilien? Sério. Você tem uma reunião por semana, às vezes duas, aqui em Nanterre?

Toda sua expressão e postura intimidadora se vão neste segundo. Ele parece surpreso com a informação, o que o faz apertar mais os punhos.

Desviando os olhos de mim por alguns segundos, pergunta:

— Revirou *toda* a minha agenda? — Sua pergunta é contida, mas traz traços de raiva e irritação. — Invadiu minha privacidade e meu espaço de trabalho? — aponta, voltando-se para mim e desencostando-se do carro.

— *Oui* — confirmo, embora não seja necessário.

O azul do seus olhos faísca mais intensamente.

— Por que fez isso, Marie? Onde está sua confiança em mim?

— Não confio em você — devolvo, e ele recua como se tivesse sido atingido por uma pedra. Seu rosto se contorce por inteiro, o maxilar trincando cada vez mais. — Mentiu para mim sobre seu compromisso, como espera que confie em você? Marjorie estava certa e…

— *Marjorie?* — interrompe, rude. — O que Marjorie tem a ver com isso tudo?

Dou um passo à frente e o encaro seriamente.

— Ela me disse para vasculhar sua agenda que eu ia encontrar algo.

Parece que tinha razão…

Ele me fita firmemente, o semblante duro, maxilar tão apertado que acho

que vai quebrar os dentes.

— E desde quando você dá ouvidos às palavras da minha ex-noiva? —

pergunta, nitidamente controlando a raiva na voz.

— Desde que descobri que ela sabe sobre o seu segredo, e eu, a sua namorada, não sei. Contou para ela, mas não para mim. Como posso confiar em você?

Emilien cessa o contato visual de novo, balançando a cabeça de um lado a outro.

— Não contei nada. Antony conseguiu desenterrar meu passado e contou para ela em troca de um boquete.— Uma risada esganiçada e sem humor algum escapa da garganta dele. Seus olhos se voltam para mim e reafirma: — Eu não contei nada.

Sinto minha garganta fechar e os olhos lacrimejarem. Então começo a desistir. Desistir de penetrar os muros que Emilien levantou, desistir de tentar entendê-lo, conhecer seus segredos. Queria poder confiar nele cegamente, esquecer-me que tem um segredo e seguir em frente, porque a vida é curta demais para ficarmos presos ao passado. Queria poder ser compreensiva a esse nível, fechar os olhos e fingir que nada disso existe em torno de nós. Mas não posso. Não consigo. Não quando esse segredo pode pôr em risco nosso namoro, não quando não o conheço por completo. Pode parecer bobeira ou paranoia, mas há tantos casos de feminicídio, que tenho medo de ser mais uma na estatística.

Por mais que ele não tenha demonstrado ser um homem desequilibrado, a verdade é que não o conheço. Ninguém conhece ninguém. Então simplesmente não posso fechar os olhos e fingir que não tem algo muito ruim em sua vida passada.

— Não podemos continuar dessa maneira — sussurro, a voz embargada, lágrimas tímidas escorrendo pelos meus olhos. É uma das decisões mais difíceis que já tomei, principalmente porque o amo. — Se não for franco comigo, Emil, nós não podemos continuar…

Seu semblante se transforma no mesmo instante, expressando dor, tristeza, incredulidade. Nem o vejo desencostar da lataria do carro e vir em minha direção, segurando meu rosto com as duas mãos. Emilien limpa minhas lágrimas com beijos suaves e cândidos enquanto murmura repetidas vezes:

— Por favor, não…



Aperto os olhos com força.

— Se não houver *franqueza* entre nós, não poderemos mais…

Um momento de quietude se interpõe entre nós. É curto, mas parece longo como a eternidade. De olhos fechados, só consigo ouvir sua respiração ofegante e ruidosa antes de ele pronunciar:

— Tudo bem… — Ergo as pálpebras e o encaro. — Vou te falar sobre a Désirée e o que aconteceu… — Emil acaricia meu rosto com um sorriso dolorido. — Mas sobre meu segredo, Marie… Te peço paciência. Não estou preparado para me abrir a esse ponto. Eu não… — Ele se engasga no meio da frase, uma lágrima escorrendo em sua feição marcada. — Ainda não consigo.

Abano a cabeça em positivo.

— Vou me abrir aos poucos porque não quero te perder. *Ma chérie*, você é a única coisa boa que me aconteceu em todos esses anos. Vou enlouquecer se me deixar… — Repentinamente, me abraça como se eu fosse seu último refúgio no mundo.

Emilien e eu seguimos até uma padaria a cinco minutos da casa de repouso. Para esta conversa, precisamos de um lugar mais adequado.

Escolhemos uma mesa reservada e pedimos café, pãezinhos e queijos. Ele está mais inquieto do que o normal, mas tento confortá-lo segurando-o pelas mãos e o acariciando. Emil olha para mim com um pequeno sorriso até nossos pedidos chegarem.

Sorvo um gole do meu café e suspiro:

— E então…?

Emilien engole em seco e parece se preparar para o que vai me dizer.

Abre e fecha os lábios, ensaiando dizer alguma coisa e criando um suspense que faz meu coração pulsar forte dentro do peito.

— É a Désirée quem está naquela casa de repouso — confessa, olhando para baixo.

Sinto meu coração bater nos ouvidos. De alguma maneira eu já sabia, mas a revelação me deixa surpresa do mesmo jeito.

— O que aconteceu com ela? — pergunto com cuidado.

Emil suspira e bebe da sua cafeína em um gole longo. Depois de limpar os lábios com o guardanapo de papel, continua:

— Ela… sofreu um acidente doméstico. — Meus batimentos cardíacos aceleram. Emilien comentou alguma coisa sobre um “acidente”.

— Você quem causou isso? Mesmo que sem querer? — indago, sentindo medo da resposta.

Ele balança a cabeça em negativo.

— Não.

Contudo, não sinto muita confiança em sua resposta. Parece que está mentindo ou omitindo alguma informação.

— O que aconteceu é que nós… — Inspira fundo e fecha os olhos.

Expirando lentamente, continua: — Nós estávamos separados, mas ainda dividíamos o mesmo apartamento. Ela continuava fragilizada por causa do aborto e de toda a avalanche que tomou nosso relacionamento, e era minha melhor amiga acima de tudo. Por mais que tenhamos nos desentendido e parado de funcionar como um casal, éramos bons como amigos. Eu continuei por mais algum tempo com ela… para apoiá-la até estar mais recuperada.

Há uma pausa pequena, mas para mim é longa demais. Emilien come um pedaço do queijo e observa o movimento na rua por um breve instante.

— Era aniversário dela, vinte e cinco anos. Nós tínhamos combinado de comemoramos em casa, com um jantar que ela ia preparar. Désirée estava mais animada do que nos últimos dias, até foi ao supermercado comigo muito alegre, na expectativa de que teríamos um momento bom entre nós. — Emilien dá um sorriso fúnebre, expressando algum remorso. — Mas eu… me esqueci. — Suas mãos cobrem o rosto, num ato de desespero. — Foi a bebida. É por isso que não bebo, porque me esqueço das coisas. Na véspera do aniversário dela, saí com uma garota, trepamos como coelhos e bebemos como viciados. No dia seguinte, ela me arrastou para um monte de lugar e eu fui parar numa boate.

Emilien faz outra pausa, um pouco mais longa dessa vez. Seu rosto continua escondido entre as mãos, a voz baixou uma oitava e está mais rouca e carregada.

— Só me lembrei do jantar quando já estava amanhecendo e me ligaram no celular. Era a minha mãe dizendo que… a Désirée tinha sofrido um acidente no apartamento. Eu saí na mesma hora, correndo o mais rápido que consegui, mas era… era tarde demais. — Fecha os olhos com força e prossegue: — Ela escorregou no banheiro, caiu de costas e bateu a cabeça na beira da banheira, sofrendo um traumatismo craniano encefálico. Houve uma contusão no córtex cerebral, o que a fez perder parte dos movimentos e a fala.

Levo a mão à boca, petrificada com a informação.

— Emilien… — murmuro, compadecida.

Ele fecha os olhos com mais força, outra lágrima escorrendo dos olhos para seu rosto marcado.

— Se eu estivesse em casa… não teria acontecido, entende? Eu cheguei e… a mesa estava toda posta, meu lugar arrumado, o dela… — Solta um soluço alto, o que chama a atenção de algumas pessoas ao nosso redor. Recompondo-se um segundo depois, termina: — Ela jantou sozinha. Era para eu estar *lá!*

Levanto-me do meu lugar, arrasto a cadeira até o seu lado e seguro suas mãos com toda força.

— Se acalme — peço, vendo-o perder o controle pouco a pouco. — Você não teve culpa.

— Não… Mas ela estava me esperando. Eu fui tão estúpido! Ela fez tudo de bom coração, me esperou… e eu não apareci porque estava comendo uma vadia qualquer. Tudo indica que, depois que jantou sozinha, foi tomar um banho e… foi onde aconteceu essa desgraça toda. Ela estava sozinha e só foi socorrida porque minha mãe apareceu no dia seguinte de manhã para falar comigo.

Désirée passou a porra da noite toda inconsciente, o que agravou sua lesão.

Marie… se eu estivesse lá como tinha prometido, eu a teria socorrido… Talvez estivesse bem hoje.

Trago-o para um abraço apertado e acaricio seus cabelos, compreendendo o remorso que toma sua mente e seu coração.

— É por isso que cuido dela, que a mantenho na casa de repouso. Venho visitá-la com frequência. Désirée é sozinha, os pais morreram muito tempo atrás.



Sou a única família dela. Cuidar da minha amiga é o mínimo que devo fazer.

Meus dedos se fecham com mais força contra os seus.

— Por que não me contou isso antes?

Emilien desfaz nosso abraço e encara as mãos sobre seu colo.

— Não sei, sinceramente. Acho que tive medo de eu te contar e ser julgado, de você me achar um babaca. — Dá uma risada sem humor. — *Eu* mesmo acho isso de mim, me culpo tanto pelo que aconteceu. Não suportaria se alguém mais colocasse essa responsabilidade nos meus ombros.

— Como a sua mãe faz? — Suspira e afirma em positivo. — É esse o mal que ela tanto se refere? É esse o acidente que você disse que causou?

— *Oui.*

Tomo-o em meus braços novamente e o acalento em um abraço amoroso.

— Você não teve culpa, Emilien. Foi um acidente — digo, na intenção de acalentá-lo. *Mon Dieu*, esse homem já carrega tanta coisa, não é justo que a mãe o culpe pela morte da gêmea, pelo acidente de Désirée. Ele precisa de alguém que diga ao contrário. — E me perdoe, por favor. Por ter te pressionado tanto…

Eu não queria…

Seus dedos esguios e quentes se embolam nos meus cachos e ele inspira fundo meu aroma.

— Está tudo bem, *chérie*. Só me assegure que não vai me deixar. Eu não suportaria.

Aperto-o ainda mais em meu abraço e sussurro.

— Não vou te deixar. Não vou.

Voltamos para Paris logo depois disso. Foi bom vê-lo confiar em mim e

se abrir de novo. Talvez eu precise apenas disso: de paciência com ele. Talvez se conquistar sua confiança pouco a pouco, se parar de pressioná-lo, de prensá-lo contra a parede como tenho feito nas últimas semanas, Emilien desabafe comigo, se sinta seguro para me contar mais da sua vida e do seu passado. Querendo ou não, fizemos alguns progressos e ele me contou coisas que nem mesmo sua irmã sabe.

Devolvo o veículo alugado à locadora; de lá seguimos direto para meu apartamento no carro dele. Emilien estaciona ao lado da minha vaga. Ele segura minha mão e entrelaça nossos dedos enquanto subimos juntos até o meu andar.

Faço todo o percurso olhando para nossas mãos juntas e sorrindo como uma boba apaixonada.

— Não tem que ir para a Dupont Investimentos? — pergunto quando entramos.

— Não tem que ir para a redação da *Intéressant*? — alfineta, agarrando minha cintura e me puxando de encontro ao seu tórax duro.

— Estou meio ocupada com o patrão, sabe? — respondo, balançando as sobrancelhas.

Ele dá uma risada gostosa e aproxima seu rosto do meu, deixando nossos lábios bem rentes um ao outro.

— Então você tem se aproveitado do fato.

— Longe de mim, *monsieur* Dupont.

Emilien sorri em minha boca antes de me tomar em um beijo profundo, segurando minha nuca e me forçando mais contra seus lábios molhados e

suculentos. Subo minhas mãos por dentro da sua camisa, sentindo a pele quente contra minha palma. Um gemido estrangulado escapa dele para mim, quase dando um choque de prazer no meu clitóris. Já disse que os gemidos de Emil me dão um tesão incontrolável?

Direciono-o e o jogo no meu sofá, vindo por cima do seu colo em seguida, sem desunir nossas bocas tresloucadas uma pela outra. Devagar, desabotoo a camisa dele, mordendo seu lábio inferior e rebolando lentamente sobre sua pélvis, começando a sentir a ereção roçando em meu sexo umedecido.

Passo a camisa pelos seus braços fortes e escorrego meus beijos através do seu queixo, passando pelo pomo-de-adão e colo até chegar em suas mamas definidas. Meus dedos dedilham sua barriga trincada enquanto minha língua

trabalha em seus mamilos. Ele segura firmemente uma mecha do meu cabelo e geme baixinho.

— Está sentindo isso? — questiona, erguendo o quadril em minha direção e, segurando-me pela cintura, força minha pélvis na dele. — Meu pau está tão duro, Marie… — fala de um jeito excitantemente estrangulado. — E o que você fez para me deixar assim? — Outra vez me segura pelo cabelo e ergue meu olhar ao seu. — Apenas chupou a porra dos meus mamilos. Vê como meu corpo reage a você? — Sem aviso, ele direciona meu rosto para o meio das suas pernas.

Entendendo seu pedido, me ajoelho no chão e fico entre suas coxas, abrindo vagarosamente o botão da sua calça sem tirar meus olhos dos seus.

Sorrio conforme mordo o lábio inferior e puxo sua calça e cueca para baixo.

Seguro seu pau quente e ereto, masturbando-o sem pressa, admirando seu órgão e pensando em como o acho o mais lindo que já vi na vida.

— Não sei o que é melhor, *chérie* — ele diz, num sussurro rouco e sensual. — Foder sua boceta ou sua boca. Provavelmente os dois.

Sorrio com suas palavras sujas e o direciono para entre meus lábios, sugando-o com força. Emilien respira entre os dentes e geme sem pudor enquanto desço e subo em seu pau majestoso. Seus dedos se apertam com mais firmeza em meus cabelos, ele levemente conduzindo o sexo oral. Passo a língua em sua glande em movimentos circulares, dando sugadas leves na cabeça e descendo até o limite

da minha garganta ao mesmo tempo em que o acaricio nas bolas. Este padrão o faz contorcer no sofá e soltar uma porção de múrmuros ininteligíveis.

Sinto o líquido seminal um instante depois, os gemidos descontrolados dele preenchendo meus ouvidos. Passo a língua delicadamente, capturando a gota do fluído. Sem que ele espere, aumento a pressão da sucção sobre seu pau, descendo com força até engoli-lo por completo.

— Desse jeito vai engolir minhas bolas — murmura, apertando mais meus cabelos. Abro outro sorriso com seu pau na minha boca e o forço um pouco mais, visando realmente essa perspectiva: colocá-lo por inteiro. —

Marie… — adverte, mas não paro de chupá-lo com intensidade, na minha tentativa de engoli-lo todo. — Marie! — diz de novo, puxando meu cabelo. —

Vou gozar na sua boca se não parar.

— Adoraria que fizesse isso, *chéri* — falo, passando a língua no meu

lábio inferior. — Seu gosto é uma delícia. — Estou voltando para chupá-lo até sentir seu sémen no meu paladar quando sou impedida. Emilien me puxa para cima e me toma em um beijo voraz e rude.

— Eu não me importaria de encher essa boca gulosa com a minha porra

— provoca, acariciando meus lábios com seu polegar. — Mas antes disso, vou chupar e comer muito a sua boceta.

O vão entre minhas pernas se aperta, de uma forma até dolorida, com tal promessa. Sem que eu possa esperar, Emil arranca minha roupa, deita-se no sofá e me traz para seu colo, virando minha bunda em seu rosto. Pisco ao processar em que posição estamos e um segundo depois sua boca estupenda está na minha entrada úmida, chupando-me furiosamente. Ele faz milagres no meu clitóris, a ponta da língua subindo e descendo no meu ponto mais sensível. Vagarosamente me abaixo de encontro ao seu pau e calo meus gemidos altos colocando-o em minha boca.

Sinto-o me abrindo para me chupar com mais avidez, colocando sua língua e dedos dentro de mim, arrancando-me um punhado de suspiro e gemidos abafados pelo seu pau que chupo com a mesma ferocidade. Os sons do prazer

que damos um ao outro preenchem o ambiente e acentuam o momento de tesão.

Estou quase gozando na boca dele quando Emilien me troca de posição.

Ele fica no chão, sentado e com a nuca apoiada no assento do sofá, e então me faz sentar em seu rosto, minhas pernas cada uma do lado da sua cabeça. Balanço vagarosamente minha boceta na sua boca, o prazer consumindo cada célula do meu corpo e cada resquício de insanidade da minha mente.

Emilien pega minha mão e a direciona para meu sexo.

— Veja como sua boceta está molhada, Marie. Tão pronta para mim, para que eu te coma a porra da tarde inteira. — Sua voz sai levemente abafada por conta da posição. Como resposta, só consigo gemer. Esse safado sabe como me deixar cada vez mais excitada.

De repente, ele não está mais embaixo de mim, e sim atrás. Sua mão grande e máscula na minha intimidade, os dedos esguios roçando meus lábios vaginais em movimentos de vaivém. Separando mais meus joelhos, me inclina sobre o encosto do sofá. Ele se afasta, deixando-me assim.

— Adoro te ver com as pernas bem abertas. Ver você de quatro para mim, a visão da sua boceta encharcada, pronta para engolir meu pau, é a coisa mais linda do mundo. — Um instante mais tarde, ele está me penetrando sem

aviso. Em uma única estocada, está todo dentro de mim, chegando tão fundo que tenho a impressão de que alcança meu útero.

— Emilien! — grito prazerosamente, sentindo-o atrás de mim empregando toda sua potência para me comer.

— Sente como é recíproco, *ma belle*? — sussurra, abraçando-me. — Eu deixo sua boceta empapada e você me deixa duro como pedra. — Ergue minha bunda em um ângulo mais para cima e me penetra com mais força, alcançando um ponto maravilhoso que me faz gozar dois segundos depois. Gemo entre os dentes enquanto meu corpo trêmulo ainda recebe a onda do orgasmo esplêndido.

Minha visão continua meio turva por conta do ápice atingido quando Emil me direciona até o braço do sofá, deixando-me ainda de quatro. Meu pé direito apoia no chão, minha perna esquerda fica dobrada sobre o assento.

Respiro com dificuldade, tentando entender o que ele fará comigo agora. Mas neste momento confio nele o suficiente para saber que trará mais prazer a nós dois. Ele abaixa um pouco mais minha pélvis e então me penetra de novo.

Quando recomeça o entra e sai intenso, o movimento dos seus quadris contra o meu faz meu clitóris roçar no braço do sofá à medida que estoca em mim.

— *Mon Dieu!* — exclamo, toda trêmula, preparando-me para um segundo orgasmo. Ele me segura com mais firmeza pela cintura, cravando seus dedos em mim e aumentando cada vez mais seu próprio ritmo.

Emilien dá um tapa estalado no lado direito da minha bunda e diz algo que não compreendo. Gemo prazerosamente, e ele distribui outro tapa, desta vez no lado esquerdo. Enquanto me come mantendo o ritmo alucinado, intercala os tapas prazerosos em mim, causando choques deliciosos no meu clitóris. Seu polegar brinca em minha entrada, quase competindo com o pau, mas sobe vagarosamente até um pouco acima, acariciando-me ali. Sinto seu dedo lubrificado adentrando devagar minha entrada apertada.

— Vou te fazer gozar mais uma vez e dessa vez será comendo sua boceta com meu pau e fodendo seu traseiro com meu dedo — murmura, girando o polegar dentro de mim.

Então, isso é minha perdição. Não demora muito para que outro orgasmo me rasgue de dentro para fora, transformando minhas pernas em gelatinas. Gozo pela terceira vez, clamando o nome dele e dizendo como só ele me fode gostoso.

Emil me puxa para si, colando minhas costas no seu peito duro e suado, seu quadril ainda trabalhando avidamente contra o meu, não demonstrando nenhum

sinal de cansaço. Ele pesca minha boca com a sua, deixando um gemido delicioso na minha garganta, as mãos voando para meus seios e aplicando a pressão certa nos mamilos enquanto termino de gozar.

— Preciso gozar em você — anuncia, voltando a me pôr de joelhos no assento. Emil fica de pé atrás de mim, em cima do sofá, os joelhos flexionados, suas mãos me segurando pelos ombros. Ele se força para dentro de mim outra vez, comendo-me com mais força, seus gemidos altos misturando-se ao som da sua pélvis batendo na minha. Fecho os olhos e me seguro como posso, mordendo o lábio inferior e me concentrando em suas bolas batendo na minha entrada.

Com um gemido entrecortado, Emilien sai de dentro de mim e jorra um jato longo, viscoso e quente de sêmen, que atinge minha boceta e meu traseiro.

Ele cai no sofá, descabelado e visivelmente acabado, puxando-me para seu colo e tomando minha boca em um beijo profundo. Emil me abraça e fica grudado ao meu corpo até estar mais recuperado. Eu o abraço de volta, aconchegando-me no seu calor e no seu corpo suado, simplesmente desejando que esse momento não acabe mais.

Nunca mais.



EMILIEN

CAPÍTULO 26

— Ainda estou preso na reunião, *chérie*, mas chego a tempo para pegar o voo, não se preocupe — sussurro ao telefone, falando com Marie. Meu coração se aperta em ter de mentir para ela dessa maneira, mas é necessário.

Tenho que tirar uma questão a limpo antes de viajar para Lisboa, para um final de semana no Congresso sobre empreendedorismo e investimentos. O voo será dentro de duas horas, minha namorada já está no aeroporto à minha espera.

Não pretendo demorar, no máximo em uma hora já estarei junto dela.

Encerro a ligação e ajeito-me no sofá quando ela retorna da cozinha, com uma xícara de café — que não me foi oferecida, mas Marjorie trouxe mesmo assim. Entrega-me o pires e se senta no sofá oposto ao meu, cruzando as pernas.

A última vez em que a vi foi em Loches, e eu teria vindo antes se ela estivesse na capital. Soube pela sua agenciadora que esteve em viagem nas últimas semanas com Silvia Ferreira, a estilista portuguesa que tem feito um *tour* pela Europa com sua nova coleção. Sendo uma das modelos dela, é natural que Chevalier a acompanhe e passe uns dias fora de casa. Agora que está de volta — fui avisado pela sua agência —, precisamos conversar.

— Estava vindo para cá e não pude deixar de te ouvir ao telefone.

Mentindo para ela, Emilien… — Seu tom é de advertência. — Como se já não

mentisse o suficiente.

Aperto o maxilar com força, sentindo-me afrontado com o tom e a frase de Marjorie para mim.

— É bom ter tocado nesse assunto — falo, encostando-me no meu lugar e cruzando as pernas. Assopro um instante meu café antes de ingeri-lo. — É

exatamente sobre isso que gostaria de falar com você.

Marjorie exibe um leve sorriso com a boca grudada à borda da sua xícara e me aguarda dizer o que quero.

— Quero saber por que foi falar da minha vida e da Désirée para Marie.

— As mulheres precisam ser unidas. Eu só quis abrir os olhos dela —

diz, dando-me um sorrisinho cínico.

Inspiro profundamente para controlar os meus nervos.

— Você pintou para ela um cara que eu não sou, Marjorie! — protesto.

— Mas já foi. — Lembra-me.

Fecho os olhos e tento me concentrar para não pular no pescoço dela aqui mesmo.

— Nunca fui esse cara. falo, tornando a encará-la. — O boquete no Antony não foi bom o bastante, pelo jeito, porque ele não te contou todos os acontecimentos

— provoco.

Marjorie me olha com fúria e descruza as pernas, praticamente jogando sua xícara na mesinha de centro e se encurvando na minha direção. Toda sua pose elegante e paciente esvaiu-se nesse instante, porque certamente peguei em seu ponto fraco.

— Eu apenas disse a verdade à sua namorada por achar que ela merecia saber.

— Não. Você contou uma versão completamente mentirosa! — acuso, apontando um dedo em sua cara. — Jamais traí a Désirée, jamais foi tóxico com ela!

— Exceto quando me levou para sua casa e me comeu lá, na cama dela?

— Seu tom é afiado e provocador. — Se lembra, Emil? Você me procurou, estava bêbado e possesso, dizendo que precisava me foder, que estava com raiva e precisava descontar no sexo e queria fazer isso com “alguém que a atingisse”.

Na época você não me contou nada, mas sabia que que estava se referindo à Désirée. Teve uma briguinha qualquer com ela e correu para mim. Foi isso que fez nos três anos de namoro? Bebia e a enchia de chifres sempre que discutiam?

Sinto tanta tensão no maxilar que penso que poderei quebrar meus dentes a qualquer momento. Nós nos encaramos por longos segundos, ela mantendo sua pose arrogante. De algum modo, eu sabia que Marjorie jamais esqueceria o fato de eu tê-la deixado. Isso de dizer que me superou e seguiu em frente é pura balela. Seu ódio por mim sempre esteve na parte mais obscura do seu coração. E

essa parte sombria se intensificou depois de descobrir que comecei uma vida com Lacroix — na mesma época que minha mãe. Marjorie não aceita, e penso que jamais aceitará, que eu tenha amado minha melhor amiga.

Tento afastar da minha mente as atitudes erradas, principalmente as que tomei depois que minha mãe passou a infernizar minha vida com Désirée. Ela armou para mim, a fez acreditar que eu tinha a traído, a manipulou como faz com todos à sua volta, e depois veio até mim, como se minha namorada tivesse me traído primeiro, apontando um dedo na minha cara e dizendo que tinha me avisado. Na hora, fiquei cego e descontrolado, acreditando que tinha mesmo sido enganado. Na loucura do momento, apenas levei Marjorie para casa e a fodi até externar

toda a raiva no meu corpo. Fiz questão de mantê-la comigo até que minha namorada chegasse e me visse com outra mulher na *nossa cama*. Foi somente nessa ocasião que descobrimos a armação de Elizabeth para cima de nós. Desse dia em diante, nosso namoro declinou.

— Você não sabe da porra da história toda, Marjorie — falo entre os dentes. Também não me darei ao luxo de explicar. — A única coisa que vim te dizer é para parar de incentivar Marie a revirar minha vida. Ela andou me prensando contra parede, revirando minha privacidade, meu ambiente de trabalho, mexeu até na minha agenda, me seguiu e descobriu sobre minhas visitas a Nanterre.

Um sorriso glorioso abrilhanta seu rosto bonito.

— Então ela sabe o que aconteceu a Désirée? — pergunta, em um tom de júbilo. Não a respondo, desviando meu olhar do seu e desistindo dessa merda de café. Apoio a xícara de qualquer maneira e torno a olhá-la quando pronuncia: —

Você contou os motivos que a levaram àquela casa de repouso? — Antes de eu poder respondê-la, ela emenda: — Ah, espere! Você deve ter contado a versão oficial, mas não a verdadeira. Marie realmente acreditou na sua história de ela ter caído e batido a cabeça? — Sua risada sarcástica ecoa por toda a casa,



atormentando-me e me deixando à beira da loucura.

Subitamente me levanto, farto do seu sarcasmo e do seu deboche.

Aproximo-me dela e paro bem na sua frente, obrigando-a a erguer o olhar em minha direção, calando seu riso.

— Só vim te dar um aviso. Não ouse contar a verdade para Marie, pare de plantar a dúvida na cabeça dela e de incentivá-la a descobrir meu passado.

Ou…

Neste instante, Marjorie se levanta, colando seu rosto ao meu:

— Ou o quê? — Essa mulher me desafia e isso me deixa insano. — Vai fazer comigo o que fez com sua melhor amiga?

Agarro seu braço e o aperto com força desnecessária. Minha ameaça morre comigo. Marjorie não é de confiança. Preciso dar um jeito de comprar seu silêncio e descobrir um modo de mantê-la calada. Ela deve ter alguma vulnerabilidade, algum ponto fraco que posso usar para ameaçá-la e tê-la em minhas mãos, como ela me tem em suas.

Solto seu braço um instante depois e me afasto.

— O recado está dado, Marjorie.

Retiro-me em seguida, tentando descobrir um modo de lidar com minha mãe e com Marjorie — as duas maiores ameaças de trazer meu passado de volta.

Chegamos por volta de oito da noite em Lisboa. A viagem de avião é rápida, pouco mais de duas horas. Já deixei um carro alugado nos esperando no aeroporto e de lá seguimos direto para o Hotel The Lumiares, onde ficaremos hospedados.

— Obrigada — Marie diz em português depois que um funcionário traz nossas malas para a suíte.

Observando o local enquanto desato a gravata, volto-me para ela.

— Você fala português? — pergunto, curioso. Começo a desabotoar a camisa, seus olhos âmbar presos nos meus movimentos. Marie sorri um pouquinho e morde o lábio inferior de um jeito sensual, vem até mim e termina a tarefa no meu lugar ao mesmo tempo em que responde:

— Não. Aprendi uma coisa ou outra com o Bernardo — esclarece.

Ergo uma sobrancelha e me forço a engolir meu ciúme primitivo por causa dessa mulher. Só de me lembrar que ela manteve com Dousseau a mesma amizade que tivemos um tempo atrás, minha cabeça fica irracional.

— Hum… — cicio, tentando afastar da minha mente a imagem dos dois juntos, nus na cama depois de uma rodada de sexo, e de ele ensinando-a a falar algumas palavras em português.

Marie nota meu silêncio e, passando a camisa pelos meus braços e atirando-a sobre a cama, me questiona:

— Por que esse “hum” e essa cara, Emilien Dupont?

Dou de ombros e molho o lábio inferior. Não vou dizer em voz alta que estou com ciúme dela por um caso antigo que não tem chance nenhuma de voltar a ter. Seus dedos sedutores puxam meu cinto com uma força sexy, colando mais minha pélvis na dela. Marie se ergue nos pés e deixa sua boca suculenta bem rente à minha, sua respiração quente e provocante incitando meu corpo. Olho por cima do seu ombro, o ciúme esvaindo-se e dando lugar ao tesão. A cama está logo atrás. Já sinto vontade de empurrá-la, subir o vestido dela e entrar no meio das suas coxas.

— Não é nada — respondo enfim, dando um sorriso sincero e acariciando seu rosto. — Só não sabia que Dousseau falava português.

— A mãe dele é brasileira — informa, desabotoando minha calça e descendo-a até meu calcanhar, ficando de joelhos na minha frente. Porra, essa mulher me provoca. Sua mão acaricia meu pau por cima da cueca, a língua passando pelo lábio superior. Vou ganhando vida pouco a pouco em suas mãos.

Em um segundo, sou eu quem está sentado na cama, ela entre minhas pernas, tirando minha cueca e me masturbando com sua mão de veludo. Seguro em seus cabelos delicadamente e a acaricio enquanto agarra meu pau e aproxima devagar sua boca de onde a quero. Resfolego antes mesmo que me engula, tão desejoso e ansioso que estou por esse momento.

Marie me coloca inteiro em sua boca, levando-me até o limite da garganta. O prazer percorre todo o meu corpo, fazendo-me ficar nos cotovelos e fechar os olhos, minha cabeça jogada para trás, sua mão direita afagando meu abdômen ao passo que me suga forte, subindo e descendo com seus lábios esplêndidos no meu pau. Leva apenas cinco minutos até que eu goze em sua boca. Quando ela engole a última gota, puxo-a para mim e a beijo, sentindo meu próprio gosto.

— Estou feliz que esteja aqui comigo — murmuro, afagando seus cabelos crespos. — Sabe que, se depender de mim, não viajo mais sozinho.

Ela dá uma risadinha e cai por cima do meu tórax, montando meus quadris.

— Parece que não sou eu que estou me aproveitando do fato de você ser meu patrão, não é mesmo?

— Por que acha que te contratei? Exatamente para ter essa liberdade, *chérie*.

Seu semblante muda um segundo mais tarde, e só então me dou conta do que eu disse.

— Como assim “te contratei”? — questiona.

Pestanejo seguidamente, pensando em uma resposta rápida e convincente.

— Quis dizer sobre te manter no cargo. Te mantive na *Intéressant* exatamente para isso. Se trabalhasse em outro lugar, não teríamos essa liberdade, não concorda?

Parecendo satisfeita com minha resposta, Marie concorda e abre outro do seu sorrisinho. Beija-me um instante enquanto vai subindo devagar o seu vestido. Então ela sobe até meus lábios, sentando-se no meu rosto e diz:

— Hora de retribuir o favor, *monsieur* Dupont.

Agarro suas coxas vigorosamente, enfio minha língua em sua boceta e respondo:

— Com todo prazer, senhorita Julien. Com todo prazer.



No sábado pela manhã, tomamos café juntos no restaurante do hotel. O

Congresso começará às nove horas, por isso descemos cedo, por volta de seis e meia. Encontro-me com alguns amigos e conhecidos do ramo que também estarão no evento e se hospedaram por aqui. Troco alguns cumprimentos e apresento a bela mulher agarrada à minha cintura:

— *Monsieurs*, esta é Marie Julien, minha namorada.

Sinto um olhar e um sorrisinho de satisfação dela sobre mim, enquanto os homens a cumprimentam. Acabamos por nos reunir em uma única mesa e fazemos nós cinco o desjejum, falando um pouco sobre o mercado e nossas expectativas para o Congresso. Após o café da manhã, voltamos à nossa suíte para eu vestir algo mais adequado e reunir meu material para a palestra. No elevador, inclino-me sobre seu ouvido e sussurro:

— Desculpe por não ter te dado a atenção devida na mesa. Deve ter sido insuportável me ouvir falar de negócios.

Virando-se para mim e agarrando na minha gola, ela responde:

— Você está cansado de saber que sinto um tesão desgraçado quando te vejo falando de negócios, não é? — Seus dedos roçam na pele do meu pescoço e enviam uma excitação fora do comum para entre as minhas pernas. — Sua inteligência me deixa excitada.

Dou uma risada ao pé do seu ouvido e aperto mais sua cintura contra meu corpo.

— Ainda assim, sinto que deveria ter te dado a atenção devida. Por esse motivo, hoje à noite vou te levar para jantar. Esteja pronta às vinte e uma.

— *Oui, monsieur* Dupont — brinca, beliscando minha costela.

Tomo-a em outro beijo, circundando-a em um abraço carinhoso.

— Passará bem o dia sem mim? — pergunto, acariciando seu rosto e colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Digo, tem algo em mente para se ocupar ou entreter?

— Trouxe meu notebook. Vou trabalhar um pouco e depois prometo ir te ver palestrar, no seu horário. Às quatorze, no auditório principal, certo? É o que está na credencial que me deu.

— Isso mesmo — confirmo quando as portas do elevador se abrem para o corredor da nossa suíte.

Troco-me rapidamente, junto meu material da palestra e sigo até o local do Congresso, cerca de dez minutos de carro. O primeiro horário é preenchido pela abertura, com um debate pertinente, e uma rápida pausa para o café.

Prestigio outros palestrantes, cumprimento e converso com uma porção de gente conhecida e troco contatos com tantos outros homens e mulheres do ramo. Perto do meio-dia — quando fazemos a pausa para o almoço que acontece no próprio local do evento — faço algumas ligações, uma delas para fazer uma reserva num bom restaurante em Lisboa.

Às treze e meia, dirijo-me até o palco principal, preparando-me para minha palestra. Cinco minutos antes do meu horário, o grandioso telão exibe uma informação, em inglês, resumida sobre o tema.

X CONGRESSO INTERNACIONAL DE INVESTIMENTOS E

EMPREENDEDORISMO: LISBOA

Tema: Investimentos e filantropia: a aplicação de capital como gerador de ação social.

Palestrante: Emilien Dupont, CEO da Dupont Investimentos

14h – 15h30

Às quatorze em ponto, posiciono-me atrás do púlpito e dou início à minha palestra. Encontro seus olhos âmbar cerca de dez minutos depois. Marie está sentada na primeira fileira, exuberante dentro de um terninho cinza. Uma hora e meia depois, deixo o palco sob aplausos e com um sentimento de dever cumprido. Minha namorada vem ao meu encontro e me beija antes de qualquer palavra que eu possa proferir.

Afasto-a dos meus braços apenas porque não consigo respirar. Sorrio em

sua boca e afago suas costas.

— Sua palestra foi maravilhosa — ela diz, ajeitando minha gravata. —

Investimentos e filantropia… Não poderia ter abordado outro tema.

— Domino com facilidade — digo, pressionando sua cintura e a direcionando por entre os assentos. Teremos uma pausa para um *coffee break*. —

Inclusive, Investimento Social foi o tema do meu mestrado.

— Sério? — indaga, curiosa, olhando-me com certa veneração.

Apenas afirmo com um gesto de cabeça e continuo a direcionando até a mesa de petiscos. Marie para no meio do caminho, colocando-se na minha frente.

— Não te disse nada mais cedo, mas fiquei feliz por… ter me assumido na frente dos seus amigos.

— Tenho algum motivo para não o ter feito? Você é minha namorada, *n'est ce pas*?

— Sim, mas… *Tu sais.* — "Você sabe", murmura, aproximando-se de mim e encaixando seu corpo no meu, pouco se importando se estamos atravancando o caminho dos demais. — Você nunca é visto com alguém, sempre tão discreto…

Seguro-a pelo queixo e a faço olhar para mim:

— *Mon amour,* nunca me deixei ser visto com alguém porque elas nunca foram *importants pour moi*. Foram paixões passageiras, muitas delas de uma noite só, sem significância ou relevância alguma na minha vida. — Toco seu rosto delicadamente e completo: — Mas não você. Você é importante para mim.

E agora quero que todos saibam quem é a mulher que eu amo, quem é a mulher com quem estou profunda e extremamente comprometido. Não há mais espaço para ninguém na minha vida, na minha cama ou no meu coração a não ser para você, *ma belle*.

A emoção que trespassa seus olhos me enche de bons sentimentos. Marie torna a me abraçar com toda sua força. Fecho os olhos e retribuo ao seu gesto, esperando ansioso que ela me responda, que diga que me ama na mesma medida.

A declaração não vem, entretanto. Isso não me abala; muito pelo contrário.

Incentiva-me ainda a mais a provar que não pretendo mais magoá-la.

O Congresso começou na sexta-feira. Minha participação estava marcada para sábado e para o último horário do domingo — às quatorze. A cerimônia de encerramento às dezesseis, logo depois da minha palestra. Às vinte e uma, apenas para palestrantes, alguns convidados especiais e organizadores, haverá um jantar de confraternização.

— O que é isso? — Marie indaga assim que sai do banho, no domingo de manhã. Há uma caixa prateada sobre a cama que o camareiro me entregou há pouco. Ela se volta para mim, curiosidade nos seus olhos, apertando a toalha contra o corpo negro.

Do meu lugar na poltrona, já vestido para o último dia do Congresso, incentivo-a:

— Abra e descubra.

Ela se volta para mim, sorrisinho e mão na cintura.

— Já sei. Vi muito disso nos livros de romances. Você me comprou um vestido maravilhoso e perfeito para usar hoje à noite, provando que: ou sabe muito de mim a ponto de acertar o tamanho do meu manequim ou tem um ótimo *personal stylist*.

Deixo uma risada preencher o ambiente. Levanto-me e caminho em sua direção.

— Tenho certeza que você vai se surpreender.

Dando uma risadinha, ela abre a caixa. Instantaneamente fica estática por longos segundos, apenas encarando o fundo. Então me fita com as sobrancelhas enrugadas, com certeza não entendendo nada.

— Você disse que ia me surpreender, mas eu não estava esperando… *isso*

— fala, apontando para dentro da caixa.

Abraço seu corpo meio úmido por trás e beijo o lóbulo da sua orelha.

— Eu queria muito ser aquele homem dos romances que sabe até seu



manequim e que vai acertar comprar um vestido que caberá perfeitamente em você. Mas a verdade, Marie, é que eu não sou esse homem. E nem sei se realmente existe na face da Terra um com tamanha habilidade — brinco, e ela dá uma risadinha, virando-se para mim. — Não faço a mínima ideia qual tamanho você veste e não tenho bom gosto nenhum para te comprar um vestido. Por esse motivo, te dei isso — digo, apontando para o cartão de crédito no fundo da caixa. — Vá às compras hoje e compre algo que te faça ser a mulher mais linda daquele jantar. O que não será nem um pouco difícil.

— Só você mesmo, Emil — diz, abraçando meu pescoço e unindo nossos lábios. — Vou comprar algo para ser a mulher mais linda do jantar e a mais sexy nessa cama, mais tarde. — Minha respiração até falha com sua promessa.

Ela me beija languidamente, selando sua palavra.

Involuntariamente, uma risada escapa dos meus lábios quando entro na nossa suíte, após a palestra. Há uma caixa cinza sobre a cama e um pequeno papel branco com meu nome escrito em sua letra cursiva e delicada. Retiro a tampa, divisando o conteúdo lá dentro. Um sorriso enorme se manifesta em mim enquanto leio o bilhete de Marie:

“Talvez seja hora de inverter os papéis, *chéri*. Você pode não saber meu número de manequim, nem ter ideia do que me comprar. Eu não te culpo nem te julgo por isso. Realmente não me importo. Mas eu já dedilhei tantas vezes o seu corpo, já vesti tantas camisas suas, já te observei atentamente por tanto tempo, que fica fácil saber o que cairá perfeitamente em você. Também conheço seu gosto: confortável, sofisticado, que transmita mistério, elegância, ao mesmo tempo que te deixe gostoso e irresistível. Exatamente o que tem nessa caixa.

Faço questão que você seja o homem mais bonito e bem-vestido desse jantar, embora eu pretenda arrancar sua roupa quando chegarmos na suíte. Te esperarei no saguão. Ansiosa para te ver, *mon joli*.”

Deixo o bilhete de lado e pego o *smoking* de dentro da caixa. É um conjunto de três peças, todo preto — da calça à gravata-borboleta. Surpreendo-me pelo fato

de ela realmente ter acertado meu manequim. Não é nada sob medida como meus ternos habituais, mas me servirá com perfeição. Tomo um banho longo e faço a barba. Frente ao espelho, ajeito minha gravata e me perfumo. Encaro meu reflexo por um instante, perguntando-me como Marie estará. Confesso que meu coração bate descompassado para vê-la.

Ao descer até o saguão do hotel, procuro-a rapidamente e a encontro com facilidade. Minha respiração falha quase na mesma hora. Inconscientemente, até paro de caminhar, sendo arrebatado pela beleza dela. Ela usa um vestido longo e vermelho de costas trançadas, muito justo, de corte reto, que realça sua cintura e todas as suas curvas sublimes; o decote profundo até perto do umbigo deixa à mostra os seios pequenos; a fenda nada discreta na perna direita semeia minha imaginação: tudo o que quero é me enterrar nela.

Com um sorriso sexy, fatal e convencido ela caminha em minha direção, triunfal, arrebatadora, que faz todo meu mundo parar de girar. Meu coração erra umas vinte batidas e paro de respirar por alguns segundos sem nem perceber.

Enquanto vem até mim, termino de avaliar sua beleza encantadora: olhos esfumados em preto e marrom, cílios alongados, lábios pintados fortemente de vinho. Os cabelos estão presos de lado, lisos até a metade e cacheados na outra metade, que cai por cima do ombro esquerdo.

Quando chega até mim, apoio ambas as mãos em sua cintura enquanto ela me abraça pela nuca.

— Gostoso — diz, saliente, observando-me de cima a baixo. — Como eu achei que ficaria.

Abro um sorriso pequeno e deixo um beijo suave no seu rosto. Desvio os lábios lentamente até o lóbulo da sua orelha, minha mão deslizando até sua cintura, no ponto onde sei que provoca arrepios por todo seu corpo, e murmuro:

— Exuberante sem nem fazer esforço. Ah, Marie… — exclamo, sentindo uma pontada insólita no peito. Parece algo como medo e aflição. — Você com toda certeza será a mulher mais linda desse jantar e preciso admitir: estou com um ciúme descabido e irracional.

Beijando suavemente minha boca, ela murmura:

— Não importa quantos homens me olhem ou quantos me desejem. No final da noite, acabarei na sua cama, com *você* entre minhas pernas, porque você



é o único com quem realmente me importo. — Sua mão macia me acaricia no rosto, em movimentos brandos e suaves.

Eu não poderia ter me apaixonado por ninguém mais a não ser por ela.

No salão da solenidade, todos os olhares se voltam para nós. Marie, carregando sua beleza estonteante, está agarrada aos meus braços quando entramos e viramos o centro das atenções. Seu vestido vermelho com meu *smoking* completamente preto criam um contraste que faz todas as cabeças se virarem para nós.

Somos recepcionados pelo cerimonialista da abertura do Congresso, que me cumprimenta com um aperto de mão caloroso. Conforme avançamos salão adentro até nossa mesa, muitas pessoas me param e me cumprimentam. Sinto alguns cliques mais intensos quando apresento Marie como minha namorada.

Fazemos alguma social por um tempo, andando pelo salão, encontrando conhecidos, trocando conversas calorosas. Marie se mantém o tempo todo ao meu lado, agarrada à minha cintura, e a cada pessoa nova faço questão de apresentá-la como minha companheira. Eu odeio exposição, de verdade, e nada mais me dá asco do que exibir uma mulher como uma namorada-troféu. Marie não é — e nem nunca será — isso para mim, mas não consigo não dizer com orgulho e satisfação o que ela é na minha vida, assumi-la perante todos.

Ela tem um sorriso satisfeito e feliz quando puxo uma cadeira da nossa mesa reservada depois de finalmente conversarmos com algumas pessoas importantes. O jantar já está para ser servido, e a maioria dos convidados ocupa seus respectivos lugares.

— Você sabe que essas fotos que tiraram provavelmente serão postadas em redes sociais, não é? — provoca, ajeitando-se no seu lugar.

Reviro os olhos e me sento de frente para ela.

— Estamos em um evento social, *ma belle*. É diferente. Além do mais, eu não me importo que a imprensa saiba sobre nós.

Marie sorri e abana em positivo. Está para falar mais alguma coisa, mas nossa mesa é invadida por alguns colegas e amigos que acabam por chegar e vêm me cumprimentar. Levanto-me do meu lugar para recepcioná-los. Troco apertos de mãos e conversamos calorosamente por alguns minutos. Quando finalmente vão embora, volto ao meu lugar e um garçom vem retirar nossos pedidos. Ele nos passa um pequeno menu com as opções do jantar. Enquanto analisa as alternativas, Marie comenta:

— É tão difícil sair com um homem importante.

Dou uma risadinha e a olho por cima do meu menu. Por fim, escolhemos nossos pratos. O garçom nos serve com água e vinho antes de se retirar. Por um lado, ela tem razão. Mal o garçom nos deixa e mais um par de conhecidos no ramo me abordam. Se vão mais cinco ou dez minutos de conversa até que finalmente posso dar atenção à minha namorada.

Durante o jantar, conversamos sobre alguns pontos de Lisboa que deveríamos visitar em um retorno futuro. Eu poderia facilmente cancelar um ou dois dias da minha agenda e ficar na capital portuguesa com ela, levando-a para lá e para cá, ou mantendo-a na nossa suíte do hotel, de preferência debaixo de mim ou de quatro, mas ao sugerir isso, Marie diz que não pode simplesmente faltar na redação — ela ainda tem um trabalho a ser feito.

Comemos uma sobremesa deliciosa e tomamos umas três xícaras de café após o jantar. Assistimos, ainda, a um breve discurso do CEO da organização responsável pelo evento. Antes do final do jantar, as mesas são retiradas para liberar espaço no salão e realizar um pequeno baile. Puxo Marie pelos punhos, um pouco contra sua vontade, e a levo até o centro do salão. Agarro seu corpo no meu e a conduzo levemente no ritmo da música suave que preenche o ambiente.

Ficamos um instante em silêncio, olhos nos olhos, sua mão na minha, minha outra mão em sua cintura, sua outra mão em meu ombro, nossos passes suaves como pluma.

— Acho que não te agradeci pelo terno — digo, girando-a um momento depois e

trazendo-a de volta para meu tórax. Marie sorri e afaga meu peito, os olhos fixos por um breve segundo na minha vestimenta.

— Não é difícil te vestir — responde, e damos um rodopio pelo salão. —

Você fica lindo e gostoso de qualquer maneira.

— Como foi o final de semana para você? Tirando o fato de que eu estive noventa por cento do tempo ocupado.



— Só me importo com os outros dez por cento do tempo em que esteve comigo — devolve, aproximando sua boca da minha. — Não é o quanto passamos juntos, mas como aproveitamos cada segundo um do lado do outro.

Sempre soube que você é um homem ocupado, Emilien. Não será agora que vou exigir mais do seu tempo para mim.

Colo sua boca na minha e a beijo suavemente, parando com a dança. Não me importo de sermos o centro das atenções, só preciso beijá-la, aqui, agora, para ter certeza que essa mulher na minha vida é mesmo real, que não é um sonho. Ela me afasta delicadamente e, olhando-me nos olhos, diz:

— *Je t'aime*.

Sua declaração balança toda a minha estrutura. Não é a declaração em si.

Ela já me disse, semanas atrás, de que retribuía ao meu amor, mas só ia se declarar quando tivesse certeza de que eu não a magoaria novamente. Seu "*eu te amo*" também significa "*confio em você*" , e isso é tudo muito para mim.

— *Je t'aime* — devolvo, abraçando-a forte.

Envolto em seus braços, penso que preciso manter nossa relação blindada e protegida da minha mãe, do meu segredo que pode afastá-la de mim. Não faço ideia de como vou enfrentar Elizabeth Dupont, nem garantir que Marjorie não

abra a boca, nem como fazer Marie desistir de desenterrar meu passado.

Mas vou me esforçar para solucionar cada um dos meus problemas.

Chegamos no hotel por volta de meia-noite. Marie está sóbria — o que é um milagre, pois conheço sua inclinação para beber em eventos sociais — e me empurra contra a porta assim que entramos, tomando-me em um beijo tresloucado e repleto de desejo. Minhas mãos voam diretamente para sua bunda à medida que também a devoro. A noite toda quis apertá-la, seu vestido provocante despertando meus anseios mais pecaminosos. Sem desgrudar nossos lábios, ela me empurra até a cama. Caio deitado enquanto ela continua em pé, fitando-me com olhar fatal. Levo a mão direita até meu pau que já está duro e

inspiro profundamente.

Marie começa a tirar o vestido, bem devagar, como que para me provocar. Passa os braços pelas alças finas e o deixa cair, formando um círculo aos seus pés. Prendo a respiração quando vejo sua lingerie também vermelha.

Um *body* de renda, frente única, com uma abertura central que começa nos seios e termina na cintura. Ela gira o corpo, dando-me uma visão estupenda da sua bunda; o fio da calcinha não tampa nada. De frente para mim outra vez, engatinha em minha direção, parando no meio das minhas pernas e acariciando meu pau.

Sua boca me provoca, começando na minha área que quer seus lábios e sua boceta, e vem subindo, os dedos desabotoando meu colete. Fico nos meus cotovelos, deixando a sensação esplêndida me guiar. A visão da sua bunda empinada pulsa e lateja meu pênis.

— Quanto tempo mais de preliminares, *chérie?* — pergunto, repleto de tesão. — Preciso me enterrar até as bolas em você.

Ela sorri indecentemente e tira meu paletó. Suas mãos quentes sobem por dentro da minha camisa por um breve instante, incitando-me ainda mais. Seu calor é tão bom e latente. Tudo que quero é segurar seus cabelos, prostrá-la de quatro e comê-la com todo vigor, como ela merece.

— Tenha calma, Emil… — sussurra, desabotoando minha camisa e a arrancando junto do colete. Sua boca cor de vinho se cola ao meu peito e distribui beijos

cálidos, descendo por todo meu corpo. Ela se detém por vários segundos na minha virilha, passando a língua úmida para lá e para cá, arranhando-me no abdômen. Cada lambida e cada arranhada aumenta meu tesão.

— Mulher, quando eu te pegar… — murmuro, estirado na cama, sôfrego e a ponto de explodir de prazer.

— O que fará? — provoca, abaixando minha calça.

Em um movimento que ela não espera, agarro-a pelos cabelos, colando meu rosto no seu e quase rosnando:

— Vou te comer a porra da noite toda até essa boceta estar esfolada.

Sem esperar uma resposta sua, invado sua boca em um beijo obsceno, apertando seus seios, sentindo-os entumecidos. Marie geme contra meus lábios, sua mão ainda me acariciando no pau. Retomando o controle, ela me joga de

volta a cama e se põe entre minhas pernas, abaixando minha cueca. Meu pau salta para fora, extremamente duro. Seu boquete dura cinco minutos, mas é o suficiente para me levar incontáveis vezes ao paraíso.

Ainda estou me recuperando quando ela monta meus quadris, afasta um pouco a parte debaixo do *body* e se senta em mim sem aviso nenhum, em um movimento brusco e rápido, sua boceta engolindo-me em um milésimo de segundo. Meu coração quase vem na garganta e eu mal tenho tempo de processar quando ela começa a cavalgar em mim vigorosamente, os joelhos flexionados, espalmando contra meu peito. Tudo que posso fazer nesse instante é apenas jogar a cabeça para trás e gemer, segurando-me para não gozar logo.

— Gosta quando eu sento gostoso no seu pau? — provoca, subindo e voltando a se sentar em reboladas vagarosas. Não consigo responder, porque ela sobe e desce rapidamente, traçando um padrão delicioso de subir, descer devagar rebolando e depois intensificar o ritmo por dois ou três segundos, cavalgando forte. — Gosta, Emilien?! — exclama, arranhando todo meu peito. Dez tiras vermelhas marcam a pele do meu tórax.

— Gosto. Porra! E como eu gosto. — Dou um tapa na sua bunda e cravo meus dedos na sua cintura. — Porra de mulher safada.

Então ela sai de cima de mim, frustrando-me de um jeito insano. Ajeita-me na beira da cama, meus pés tocando o chão. Marie fica de costas para mim e inclina a coluna, empinando sua bunda na minha cara. Passo a mão em sua fenda molhada, movimentando os dedos para frente e para trás. Acaricio seu clitóris com o polegar e, com o auxílio da minha mão livre, faço-a se curvar mais e enfio minha língua nela, sentindo seu gosto delicioso. Minha brincadeira não dura muito tempo. Marie se afasta com um passo para frente, frustrando-me de novo.

— Volte aqui e me deixe te chupar como você merece — reclamo. Ela volta, mas não atende meu pedido. Vira-se de costas para mim de novo e me encaixa na sua entrada, dando outra sentada de me tirar o fôlego. Com as mãos nos joelhos, ela senta e rebola no meu pau, as pernas separadas, polegar nos lábios, nossos gemidos se confundindo.

Sem poder aguentar mais e precisando comandar o sexo, eu me ergo, ainda encaixado dentro dela, e a empurro contra a parede da cama. Levanto sua perna direita e me arremeto enlouquecidamente, descarregando todo o tesão que ela me fez acumular. Entre gemidos de “me coma com força”, não demora para Marie gozar. Quando sinto seu gozo escorrendo pelo meu pau, eu a ponho na cama, de quatro, sua bunda empinada. Toco furiosamente seu clitóris na intenção

de prolongar o prazer e propiciar um orgasmo duplo. Os dedos dela se fecham nos lençóis, meu nome sai engasgado da sua garganta, anunciando que está gozando de novo. Ela grita e treme quando atinge o ápice, o vão das suas pernas brilhando pelos fluídos corporais.

Viro-a para mim e abro bem as suas pernas, dobrando seus joelhos e mantendo os pés no ar. Dou uma risadinha ao notar que ela nem tirou os saltos.

Segurando-a pelas coxas abertas, meto-me para dentro dela sem demora; a visão do meu pau entrando e saindo de sua boceta me faz gemer roucamente. Ah, porra! É gostoso para caralho. Meu polegar repousa em seu clitóris pela segunda vez, porque nada é mais lindo do que ver meu pau fodendo-a e meu dedo apertando seu botão do prazer.

Um minuto depois, encontro meu próprio orgasmo, gozando forte dentro dela. Caio por cima do seu corpo, abraçando-o, nós dois suados e exaustos.

— Vai mesmo me comer a noite toda? — ela sussurra em meu ouvido com uma risadinha.

Acompanho-a na risada e respondo:

— Pode apostar que vou.

Chantagem e confronto

MARIE

CAPÍTULO 27

— É um milagre te achar em casa! — Isabelle grita escandalosamente ao passar pela porta de entrada do meu apartamento.

No sofá, sentada no colo de Emilien, dou um pulo em meu lugar enquanto ele abafa uma risada maior. Nota mental: tirar a cópia da chave da minha irmã. A última coisa de que preciso é ela invadir meu espaço e me flagrar fazendo qualquer coisa inadequada com meu namorado.

— Isabelle! — advirto, indo em sua direção. Ela ri e caminha até minha cozinha, abrindo a geladeira. Penso em criticar sua atitude, mas me recordo de que eu sou tão invasiva quanto, ou seja, sem moral para falar qualquer coisa. —

Você poderia ao menos bater — falo, dando uma olhada em Emil ainda no sofá, ajeitando o amigo duro dentro da cueca. Fico vermelha quase sem perceber.

— Desde que você e Emilien começaram a namorar, é difícil te achar em casa — comenta, ignorando minha advertência. Tira uma jarra de suco e dispõe uma dose no copo.

Emilien por fim deixa seu lugar e vem até mim, beijando minha têmpora.

Seu perfume habitual invade minhas narinas, despertando meus anseios lá de baixo.

— Sua irmã tem razão — ele fala. — Tem passado muito tempo no meu

apartamento. Acho que está na hora de eu trazer uma troca de roupa e uma escova de dente para cá, o que acha?

Isabelle parece se afogar com o suco. Emilien dá uma risada gostosa enquanto eu o estapeio no ombro.

— Pense nisso, *chérie* — me diz, com um sorrisinho convencido, inclinando-se na direção da minha boca para um selinho rápido. — Tenho que ir para a Dupont Investimentos agora. Vejo você mais tarde. — Com um beijo na minha testa, ele se despede de nós duas e então vai embora.

Isabelle me puxa até o sofá, mais animada do que o normal, e nesse instante sei que deve ter alguma novidade para me contar.

— Como foi seu final de semana? — pergunta, terminando seu suco e deixando o copo sobre a mesinha de centro. — Você e Emil foram para Lisboa, certo?

— Foi ótimo. Chegamos agora há pouco. Vou pegar o turno da tarde para trabalhar. — Olho no relógio. — Isso significa que tenho apenas umas três horas antes de ir para a redação. Então desembucha logo.

Minha irmã ri e me segura pelas mãos.

— Tenho uma novidade incrível. *Sanctus* será editado e publicado pela *Allumer*.

O sorriso de espanto que nasce em mim é instantâneo. Abraço minha irmã um segundo mais tarde, feliz pela notícia. *Allumer* é apenas uma das maiores editoras tradicionais da França.

— Isso é obra do Héron? — pergunto, afastando-me de seu abraço.

Isabelle faz uma cara desagradável, como se dar os créditos a Poirier fosse um pecado imperdoável.

— Não. Ele não voltou a falar comigo depois do episódio do coquetel —

explica, voz amarga, dando de ombros. — Eu recebi uma mensagem de um agente literário. Ele me pediu o original para ser avaliado. Isso já tem alguns

dias. Nesse final de semana, me ligou e disse que meu livro foi aprovado! —

Isabelle bate palmas e se levanta do lugar, dando saltinhos pela minha sala. Nem parece uma mulher com mais de trinta anos.

Quando me vejo, estou sendo puxada para o meio do cômodo e sendo obrigada a integrar sua comemoração. Abraço-a novamente, feliz por essa



conquista. Uma publicação com a *Allumer* com toda certeza dará um *up* na sua carreira como escritora.

— Parabéns , *soeur!* Você mais do que ninguém merece essa conquista.

Isabelle me abraça uma última vez, toda sua alegria contagiando-me de uma forma indescritível. Eu odiaria vê-la triste ou decepcionada. Por esse motivo, fecho os olhos e faço uma prece mental. Peço a Deus para tudo dar certo para minha irmã.

Estou concentrada no meu trabalho quando alguém para à minha frente, bloqueando a luz natural que ilumina minha mesa. Ao erguer os olhos, não evito um saltinho de surpresa. Sua postura é intimidadora, de superioridade, e me enoja ao mesmo tempo. Não gosto do modo como me olha, como se eu fosse uma leprosa.

— Tem um minuto para conversarmos? — Sua voz é toda metódica ao proferir a frase que mais parece uma ordem.

— Estou trabalhando agora — devolvo. Esforço-me para ignorá-la e voltar ao meu trabalho, mas a mulher me provoca:

— Você está dormindo com meu filho, que curiosamente é dono do grupo editorial desta revista. Acho que você pode se aproveitar da situação e me dar uma hora do seu expediente para tratarmos de um assunto de seu interesse.

Minha cabeça se ergue imediatamente. Não gosto do seu tom nem de como

insinua sobre minha relação com Emilien. Inspiro fundo e abano em positivo. Peço um minuto para que eu pegue minha bolsa e avise a Delphine —

minha editora — que terei de me ausentar por uma hora. Sem trocar uma palavra com ela, tomamos o elevador e seguimos até uma pequena *brasserie* no outro lado da rua. Vou aproveitar que não almocei e pedir uma refeição leve. Elizabeth solicita apenas uma água. Enquanto aguardo nossos pedidos, eu a confronto:

— O que quer falar comigo?

— Vim te fazer uma proposta.

Ergo uma sobrancelha, meus instintos todos dizendo que não vem nada de bom pela frente.

— Que tipo de proposta?

Muito calmamente, ela abre sua bolsa e retira de lá de dentro um pequeno chumaço de papel, arrastando-o em minha direção.

— Sua irmã Isabelle é escritora, estou certa? — indaga, sorrindo como uma fera felina prestes a atacar sua presa. Meu coração dá uma batida a menos.

Pego os papéis e os analiso. É uma cópia de um contrato de publicação. —

Andei pesquisando sobre vocês. Tenho alguns conhecidos dentro da *Allumer* que me devem favores.

Afasto os malditos documentos da minha frente, já compreendendo onde Elizabeth quer chegar com esse assunto.

— Eles vão publicar *Sanctus,* da sua irmã. Um deles inclusive andou conversando com Héron, o antigo editor de livros, e ele fez muitos elogios ao romance policial ambientado na Idade Média que Isabelle escreveu. Imagine o reconhecimento que ela teria com uma publicação por uma editora tão renomada…

— Pare de rodeios e diga de uma vez por todas o que você quer comigo.

— Se afaste do Emilien — ordena rudemente. — Sei que estão juntos, em uma

relação séria. Mas se quer garantir um ótimo futuro para a carreira da sua querida irmã, se afaste do meu filho.

A vontade que tenho é de pular aqui e agora mesmo no pescoço dessa mulher. Só não o faço por dois motivos: um, pelo ambiente em que estamos; dois, porque ela é uma pessoa que precisa de ajuda, não de represálias. Lembro-me de Emilien ter me contado sobre uma vez ter tentado machucar Nicole.

Thierry o ajudou, em vez de puni-lo. Elizabeth merece a mesma coisa, mas não serei eu a aconselhá-la ou a convencê-la. Se os próprios filhos nunca conseguiram fazê-la ter um acompanhamento psicológico, não serei eu — uma mulher que a desagrada — a conseguir.

A garçonete traz meu pedido e enche minha taça de vinho. Agradeço-a e, assim que se afasta, me volto para essa megera, dizendo entredentes:

— Isso não é uma proposta. Isso é chantagem.

— Entenda como quiser, *ma chère*.

Balanço a cabeça em negativo. Olho pela vidraça do ambiente, o dia ameno, carros e pessoas passando. Peso as palavras de Elizabeth, mas não as cogitando. Eu jamais me afastaria do homem que amo por conta de uma chantagem idiota como essa. Ela pode ameaçar destruir os sonhos de Isabelle o quanto quiser, vou lutar contra isso nem que seja com unhas e dentes. Vou procurar meu namorado e lhe contar sobre a chantagem de sua mãe. Talvez possa me ajudar a garantir que ela não prejudique Isabelle.

Como um pouco da comida em meu prato. Por fim, viro-me para ela e declaro:

— Não. Não vou me afastar do Emilien. Eu amo o seu filho, Elizabeth. E

ele me ama de volta. Por que você precisa tanto interferir na felicidade dele? Por que tem que puni-lo e manipulá-lo dessa maneira? Pare de culpá-lo pela morte de Émilie! — Minha voz sobe um pouco na última frase, chamando a atenção de alguns clientes ao nosso redor.

A mulher parece ficar rígida em seu lugar quando menciono o nome da falecida filha.

— Não ouse tocar no nome de Émilie.

— Eu ouso! — rebato, erguendo o queixo. — Ouso porque você não aceita que o que aconteceu com ela foi uma fatalidade. Ouso porque você culpa o Emil pela morte dela, não se dando ao trabalho de estar feliz que ele esteja vivo! Seu filho! Ouso porque você usa da sua dor para infligir dor nele. Ouso porque você não se importa com a felicidade dele, mas eu me importo!

— Não diga esse tipo de asneiras, criança — rebate, muito calmamente.

Sorve uma dose da sua água antes de continuar: — É por me importar com a felicidade dele que estou fazendo isso. Emilien jamais seria feliz com você.

Marjorie é a mulher ideal para meu filho. — Queria muito entender essa fixação de Elizabeth por Chevalier. Já não está claro o bastante de que ele *não a ama*? —

No passado, ele não me ouviu. Achou que poderia ser feliz com aquela amiguinha dele… Mas não foi.

Dou uma risada histérica sem nem perceber.

— Talvez porque você infernizou a vida deles!

Um sorriso arrogante surge no canto de seus lábios.

— Emilien pode ter te falado da Désirée, mas não te contou a história

toda. Você não conhece meu filho, Marie, e das coisas que ele é capaz.

Deixo minha refeição pela metade, cansada desse assunto e dessa mulher.

Não vou ficar dando corda às suas palavras que têm intenção de me pôr contra meu namorado e abalar nosso relacionamento.

— Perdeu o seu tempo, Elizabeth — anuncio, levantando-me. — Você não vai conseguir me colocar contra o Emilien e nem me separar dele. Tenha um bom dia. — Estou passando por ela quando a mulher me impede, segurando em meus punhos.

— Ele manipulou você — revela, pescando minha atenção.

Novamente ela revira a bolsa e retira um envelope branco grande, arrastando-o em direção ao lugar onde estive segundos atrás. Vencida pela curiosidade, sento-me novamente e tiro o conteúdo de lá de dentro. Analiso os papéis em minhas mãos. São ligações transcritas em texto entre Emilien e meu antigo chefe — reconheço o número de telefone de ambos. Algumas estão datadas com pouco mais de um ano, outras são mais recentes. Meu coração começa a bater descompassado, as lágrimas se forçam nos meus olhos quando constato o óbvio: Emilien comprou minha demissão no *La Parisienne*.

— Ele fez tudo meticulosamente. Primeiro, comprou um grupo editorial, logo após, comprou o grupo que *Intéressant* pertence, sob sigilo. Cerca de quatro meses depois, convenceu o seu chefe a te demitir do jornal onde trabalhava.

Você mal ficou desempregada, não é, *ma chère?* Logo recebeu uma proposta de trabalho.

Engulo em seco, odiando ter de ouvir isso. Emilien realmente me manipulou dessa maneira? Ou tudo não passa de uma farsa dela? Volto meus olhos para os papéis, tornando a acompanhar a conversa transcrita dele, dessa vez sobre minha contratação.

“Quero que contrate a senhorita Marie Julien. Ela foi redatora do *La Parisienne*. E tudo sob sigilo, me entendeu? Ninguém deve saber, nem mesmo ela, sobre as condições de sua contratação. Fui claro?” “Sim, senhor D.”

Elizabeth dá uma risadinha.

— Ele foi tão perfeito que quem te demitiu e quem te contratou nem sabiam o nome ou o sobrenome de quem estava dando as ordens. Tudo isso para evitar que você soubesse que era ele por trás de tudo. Até ser conveniente ele se revelar. Mas continue lendo, querida — incentiva.



Com meu coração na mão, eu o faço. As próximas conversas são de Emilien exigindo que eu cobrisse um determinado evento que nada tinha a ver com minha área. As ordens vinham dele e passavam por uma ou duas pessoas antes

de chegar a Héron, que me incumbia de ir. Isso tudo para quando eu tivesse de ir ao baile de máscaras de Silvia Ferreira ou ao Dames Parisiennes sem que desconfiasse de nada. Nenhum de nossos encontros foi por acaso — de algum modo, já tinha pressentido isso, não tinha? — porque ele me manipulou como uma marionete.

Uma lágrima teimosa escorre pelo meu rosto. Estou me sentindo tão usada. O sentimento de ter sido apenas um brinquedo na mão de Emil intensifica quando leio a última conversa dele com Poirier. Emilien pergunta se eu estou na redação — isso foi numa quinta-feira de manhã — e Héron o informa de que viajei para Loches para passar um final de semana lá.

Ele sabia que eu estava em Loches e agiu como se não soubesse.

Limpo minhas lágrimas, repleta de raiva. Não quero saber de que maneira Elizabeth descobriu isso e preciso tirar o assunto a limpo de qualquer maneira. Fico com seus papéis para mim e já estou para sair quando a mulher segura em meu pulso novamente, se põe à minha altura e me adverte:

— Isso é só um fio da meada, Marie. Emilien esconde mais coisas de você, nada comparado a ter te manipulado assim. E que fique bem claro: se você descobrir, acho bom não pensar em sujar o sobrenome Dupont. Tenho poder o suficiente para destruir a carreira da sua irmã e toda a sua família, me entendeu?

Desfaço-me do seu toque com brusquidão, odiando sua ameaça e seu tom de voz comigo. Deixo-a para trás, sentindo uma raiva descontrolada acertar cada célula do meu corpo.

Estou na cozinha do meu apartamento, procurando todo meu autocontrole, quando Emilien chega. Ele vem até mim; logo nota que não estou de bom humor e para a uma distância de dois passos, analisando-me.

— Aconteceu alguma coisa?

Dissimulado! , penso, enquanto seguro toda a raiva nos meus punhos.

Pego os papéis que Elizabeth me mostrou e jogo sobre o balcão. Eu tomei o cuidado de, antes de confrontá-lo, ter certeza de que realmente fez isso.

Conversei com Charles, meu antigo chefe. Ele me confirmou que alguém de fato

comprou minha demissão, mas não soube dizer quem. Depois prensei Héron contra a parede, e ele afirmou que recebeu algumas ordens claras de me incumbir ao evento do baile e do *Dames Parisiennes.* Questionei-o sobre Loches. Segundo Poirier, ele achou que eu sabia da ida de Emilien para lá, por minha causa. Tentei acreditar de que Emil não agiu de forma tão desonesta comigo, mas os fatos estão expostos e são verdadeiros.

— Você mentiu para mim — falo, controlando a raiva no meu tom de voz.

Ele fica tenso por um segundo inteiro. Então toma os papéis em suas mãos e os analisa. Uma veia grossa do seu pescoço salta quando repara do que se trata. Calmo como só esse homem poderia estar, devolve os documentos no balcão e me olha.

— Quem te deu isso?

— E importa?

— Importa.

— Não importa — rebato. — Você me manipulou, Emilien!

— Já imagino quem foi — murmura, como se eu não estivesse aqui, irada com sua postura. Contorno o balcão e vou até ele, batendo no seu peito com o indicador.

— Não mude de assunto! — protesto.

Ele me agarra pelos dois braços.

— É, eu fiz isso, Marie. Estava arrependido, sendo torturado por te amar em segredo, por ter ido embora e por saber que você me odiava. Queria me reaproximar, mas não sabia como fazer isso sem forçar a barra.

Dou uma risada histérica.

— E sua ideia genial foi comprar minha demissão e me contratar *na sua empresa*? Depois ordenar que eu fosse em eventos em que você estaria? Até em Loches, Emilien! Nenhum desses nossos encontros foi por acaso, você planejou

tudo. Tudo!

— E é por causa disso que estamos juntos agora.

Cheia de raiva, empurro-o com força.

— Seu estúpido! Eu amava o meu emprego, amava aquele jornal! Me tirou de lá para atender a seus desejos egoístas.

Ele me agarra de novo, tentando me controlar. Deus, estou tão possessa que sou capaz de arrancar as bolas dele. Emilien me prende em um abraço, contendo um pouco da minha ira, só porque é mais forte do que eu.

— Me desculpe… *S'il te plaît*, me desculpe! Foi errado, admito, mas eu não sabia o que fazer! — Ele me afasta e me segura pelo rosto, olhando nos olhos. — *Je t'aime. Je t'aime très!*

Meu coração vai acalmando as batidas descompassadas à medida que sua voz desesperada adentra meus ouvidos. Seu semblante de arrependimento, o medo explícito nos seus olhos de me perder por causa disso, sua declaração que eu sei que é sincera… Sou uma idiota por me deixar levar dessa maneira.

— Algum dia ia me contar? — pergunto, esforçando-me para segurar as lágrimas nos meus olhos, mas o esforço é inútil. Emilien seca meus olhos, o semblante cada vez mais marcado.

— Não… porque sabia que você ficaria irritada comigo.

Desfaço-me do seu toque e me afasto, abraçando meu próprio corpo. Ele logo me toma por trás, envolvendo seus braços grandes e quentes em torno de mim. Sinto-me subitamente acolhida, numa sensação que só Emil é capaz de despertar em mim.

— Eu amo você — repete ao pé do meu ouvido. — Você me perdoou de coisa pior. Sei que pode me perdoar por ter feito o que estava ao meu alcance para te reconquistar. Por favor, Marie. Não vê que minha mãe te entregou isso exatamente para nos abalar? Discutirmos por causa disso é dar o que ela quer.

Inspiro fundo e fecho os olhos, odiando como meu corpo se encaixa no dele e como me sinto confortável quando seus bíceps fortes me apertam de um jeito até

protetor. Emilien tem razão. Elizabeth quer nos infernizar a todo custo.

Mas não vou deixar que essa mulher interfira na minha relação com ele como fez com Désirée. Pode nos atormentar o quanto quiser. Não vou permitir que seu veneno nos atinja.

Decidida, viro-me para Emilien e apoio a cabeça em seu tórax, contornando sua cintura com meus braços.

— Sua mãe vai tentar de todas as formas me separar de você.

— Ela vai — confirma, melancólico, selando um beijo em minha testa.

— *Promets-moi*, Emil… não importa o que ela faça para nos destruir, não vamos deixá-la conseguir. Me prometa!

— *Je te promets* — responde, apertando-me em seus braços fortes.

Agarro-me a sua promessa como se fosse meu porto seguro, confiando cegamente em Emilien. Só espero que ele seja um homem de palavra.

Ou não vou suportar ter meu coração quebrado outra vez.

Promessa quebrada

EMILIEN

CAPÍTULO 28

Onze anos antes

— A sua mãe esteve aqui — Désirée diz, olhando-se no espelho do banheiro

enquanto passa um batom vermelho nos lábios. Ao seu lado, fazendo a barba, a informação me pega de surpresa.

Já tem uns três meses que Elizabeth descobriu minha atual relação. Como achei que aconteceria, ela está me infernizando. Outro dia apareceu de surpresa para jantar conosco e começou a revirar meu passado e falar da minha paixão por Marjorie. Uma paixão adolescente que não existe mais desde os meus dezoito anos, mas que *maman* faz questão de ressaltar para provocar. É claro que depois que foi embora, Désirée ficou irritadíssima, deu uma crise de ciúmes e insegurança, perguntando-me um milhão de vezes se eu realmente a amava.

Provei meu amor por ela comendo-a com força em cima da mesa por mais de uma hora.

— Quando? — pergunto, limpando o creme de barbear do meu rosto com uma toalha pequena.

— Ontem, depois que você saiu.

Ela termina de passar o batom, pega uma escova e começa a pentear os cabelos, embora já tenha feito essa tarefa antes. Conheço-a bem o suficiente para saber que isso é sinal de ansiedade e nervosismo. Duas coisas que minha mãe nos causa toda vez que aparece.

— E o que ela queria?

— Perguntou de você. E me pediu para avisar que hoje é aniversário da Marjorie e por isso você *tem*, ênfase no “tem”, que acompanhá-la ao jantar oferecido pelos Chevalier na mansão deles, às oito. Nota: de preferência que eu não vá junto.

Suspiro e jogo a toalha de rosto no cesto de roupa suja. Viro-me para ela e digo:

— Eu não vou. Não tenho motivos para ir.

— Sei que você não vai — fala, deixando a escova de lado e conferindo sua aparência no espelho. Abraço seu corpo por trás e deixo um beijo perto do lóbulo da sua orelha. — Mas está começando a me irritar essas investidas da sua mãe. Desde que descobriu sobre nós, ela está nos infernizando, Emil. Precisa dar um jeito nela.

Nossos olhares se cruzam pelo reflexo do espelho.

— “Um jeito” como? — pergunto, meio desconfiado de sua sugestão.

— Não sei. A mãe é sua — rebate, saindo do meu abraço e seguindo para o quarto. Acompanho-a. Ela pega meu terno sobre a cama e me entrega.

Desenrolo a toalha na minha cintura e começo a me vestir. — Só sei que não quero mais a sua mãe aqui, Emilien. Não a quero mais atormentando nossa vida.

— Vou avisar na portaria que ela deve ser dispensada assim que chegar.

Não devem nem mesmo perder tempo nos interfonando.

— Já devíamos ter feito isso meses atrás — reclama, conferindo os pertences na sua bolsa. — Preciso ir para a empresa agora. Tenho reunião em uma hora.

Ela me beija um instante antes e me abraça apertado. Sinto seu corpo meio tenso e aflito.

— Amo você, Désirée. Não importa o que Elizabeth faça para nos provocar e tentar nos separar. Não vai funcionar, *oui?*

Minha namorada se afasta e exibe um leve sorriso.

— *Oui*. — Beija-me pela última vez e sai para cumprir sua agenda.

Termino de me vestir e preparo um café forte. Na mesa de desjejum, reparo que Désirée esqueceu seu *BlackBerry.* Dou uma risadinha e faço uma nota mental de aconselhá-la a parar de tomar café da manhã conferindo e-mails pelo telefone. O interfone toca e anuncia a presença da minha mãe.

Falando no diabo…

Eu deveria informá-los que a partir de hoje não vou mais recebê-la e ordenar de que a mandem embora. Contudo, Elizabeth e eu precisamos de uma última conversa. Sendo assim, permito sua subida.

— Sua namoradinha deu o meu recado, Emilien? — É a primeira coisa que pergunta quando abro a porta. Ela passa por mim, embora eu não tenha a

convidado para entrar, e segue até a cozinha. Analisa minha mesa do café da manhã e junta a louça, colocando-a na pia. Sento-me à bancada, confuso com essa atitude de Elizabeth, e a observo por um instante.

— Mãe?

Ela pega uma xícara e mexe na cafeteira. Isso não é do feitio dela, essa má educação toda. Está fazendo apenas porque sabe que sua invasão me irrita.

— Vista o seu melhor terno essa noite, querido Emilien.

Reviro os olhos.

— Não vou, mãe.

Ela se volta para mim.

— Por qual motivo?

Bufo.

— Pelo motivo de que Marjorie e eu não temos mais nada, nem mesmo amizade. E porque está fazendo isso apenas para provocar ciúmes na Désirée.

Seus olhos azuis ferozes me examinam atentamente, o rosto marcado de descontentamento pela minha resposta. Sem dizer uma palavra, mamãe se volta para a cafeteira e termina seu café. Então se senta do outro lado do balcão, de frente para mim. Com um modo até aristocrático, sorve um gole pequeno da sua bebida e me encara.

— Nunca vou entender por que você terminou com Marjorie para ficar com alguém como Désirée. Vocês eram tão perfeitos juntos, *mon fils!*

Suspiro pesadamente, cansado dessa insistência e obsessão de me juntar com Marjorie. Não sei mais o que posso fazer para convencer minha mãe a me deixar em paz com minha namorada, a aceitar minhas escolhas e torcer pela minha felicidade. Nem mesmo papai, quando em vida, conseguiu persuadi-la a procurar uma ajuda psicológica. Fico sem alternativas diante Elizabeth. Eu a contrariei e minha punição é ser atormentado como vem fazendo nos últimos meses, provocando ciúmes, intrigas, discussões entre mim e minha namorada.

E se eu der o que ela quer? E se a fizer pensar que estou acatando seus desejos, mas na verdade não estou? Se ela me der uma semana de paz sou capaz de encontrar outro lugar para viver com minha companheira e manter meu novo endereço sigilosamente protegido dessa megera que chamo de mãe. Assim, estaremos livres da sua perseguição.

— Quer mesmo saber por que terminei com Marjorie? — questiono, decidido a manipulá-la da mesma maneira como fez comigo nos últimos vinte e quatro anos. — Papai deixou a empresa falir — revelo subitamente. Mamãe arregala os olhos e leva a mão ao coração, nitidamente surpresa e assustada com a informação. — Ele fez um empréstimo com juros abusivos com o senhor Chevalier e não estava dando conta de pagar.

Conto sobre as perdas exorbitantes, o contrato firmado com o pai da minha ex-noiva e de como perderíamos nossas ações caso não quitássemos a dívida.

— Se me casasse com Marjorie, primeiramente não conseguiria quitar nosso débito. Em segundo lugar, como nosso casamento seria por separação total de bens, a Dupont Investimentos sairia da nossa família para ser posse dos Chevalier. Não me casei com Marjorie para poder evitar nossa falência e perder o fruto do trabalho árduo do papai.

Elizabeth toma mais um gole do seu café, a expressão completamente indecifrável. Deixo-a que assimile a verdade que acabei de contar. Um ou dois minutos depois, completo:

— Désirée foi quem nos salvou. Me emprestou o dinheiro para salvar a Dupont Investimentos e um capital para voltarmos a investir. Sem ela, estaríamos na miséria.

— Então isso tudo aqui — fala, com desdém, movendo o indicador em

seu próprio eixo — é apenas um sentimento de gratidão? Você não ama a Désirée?

— Não, eu não a amo — minto. Preciso mentir. O que enfurece minha mãe é eu amar e estar junto de alguém que ela não aprova. Elizabeth não aprovaria nem mesmo a sucessora do trono da Inglaterra. — Ela foi apenas um meio de salvar a empresa, *mère*. E a verdade é que a Dupont Investimentos ainda está na corda bamba. Nos reerguemos, mas nada comparado a antes da crise. —

Mais um pouco de mentira para dramatizar minha declaração. — Lacroix é minha garantia de não quebrarmos novamente. É tudo pelo dinheiro. Assim que nos estabilizarmos de novo… — Faço uma pausa e molho o lábio inferior antes de prosseguir: — Vou deixá-la e voltar com Marjorie.

Um sorriso grandioso ilumina o rosto de Elizabeth. Minha boca está amarga só de pensar que o que a agrada me enoja. Entretanto, dei o que ela quer ouvir.

— Para isso, mãe, preciso que nossa empresa esteja cem por cento nos trilhos outra vez. O que não vai acontecer se você continuar atormentando minha relação. Ela pode se cansar e me deixar por conta da sua pressão.

Com um olhar vago por cima do meu ombro e um sorrisinho, ela indaga:

— O anel de casamento que achei meses atrás. O que significa? — Seus olhos encontram os meus.

Inspiro fundo e respondo:

— É para Marjorie. Por isso você ainda não viu o anel no dedo de Désirée porque não é para ela. — Mentira. Desisti de pedi-la em casamento depois que

mamãe descobriu sobre nós. Pelo menos por ora. Enquanto Elizabeth não for eliminada de vez de nossas vidas, não farei o pedido.

— Diga de novo. É música para meus ouvidos te ouvir dizendo que não ama a *mademoiselle* Lacroix.

Minha garganta fecha. Tomando coragem, digo:

— Eu não amo a Désirée, mãe. Já disse que é só pelo dinheiro.

O sorriso de vitória e satisfação se intensifica no rosto dela. Apontando com o queixo por cima do meu ombro, sentencia:

— Então diga isso olhando nos olhos dela.

Ao me virar no meu lugar, vejo Désirée na sala, logo atrás de mim, a



expressão marcada em dor, os olhos marejados.

Horror acerta meu peito quando me dou conta de que fodi com tudo.

— *Monsieur* Dupont? — minha secretária surge na porta. Desconcentro-me de alguns papéis e ergo o olhar em sua direção. — Sua mãe está aí fora e deseja falar com o senhor.

Massageio minhas têmporas, já ficando mentalmente cansado só de *pensar* em conversar com Elizabeth. Imagino o teor do assunto. Há três dias estive em Lisboa, onde assumi publicamente meu namoro com Marie. Se minha mãe acompanha as mídias da empresa, já deve estar sabendo e veio me atazanar.

Apenas abano em positivo e espero pela entrada dela. Como sempre, *maman* surge toda elegante, vestida com um conjunto de calça e blazer azul, que contrasta com a cor dos seus olhos, segurando majestosamente sua bolsa *Louis Vuitton*, os cabelos louros grisalhos presos em um coque baixo e severo. Ela se senta à poltrona frente à minha mesa e me fita do seu jeito presunçoso e

aristocrático.

— Não tenho o dia todo, *maman* — informo logo de uma vez. — Veio falar sobre mim e Marie? — Adianto o assunto.

Ela sorri forçadamente e retira um jornal enrolado de dentro da sua bolsa.

Na página em questão, há uma foto minha com Marie no jantar da cerimônia do Congresso. A manchete: “Emilien Dupont e jornalista que o acompanhou à África assumem namoro”.

— Pode avisar ao redator dessa matéria que o nome dela é Marie Julien?

— provoco.

— Eu não fui clara, Emilien? — mamãe profere. — Um mês atrás, quando estivemos em Loches, acho que te disse para se afastar dessa menina.

— Na mesma ocasião, te disse que não ia mais deixar que a senhora interferisse na minha vida — rebato.

— Está me obrigando a tomar uma atitude radical, filho — ameaça.

Meu corpo quase trava no lugar, compreendendo sua intimidação. Meu segredo, meu maldito segredo! Aperto os punhos por debaixo da mesa, um sentimento de ódio nascendo em mim. Pela primeira vez em trinta e cinco anos desejo que minha mãe morra. Só assim para parar de ser chantageado.

— Sua ameaça não me assusta — blefo. — Não pode me expor sem *se* expor, mãe. Lembra-se de que você me encobriu?

Ela sorri de um jeito maléfico e guarda o jornal de volta à sua bolsa.

— Não preciso que a imprensa saiba, Emilien. Preciso apenas que *Marie* saiba. E já tomei algumas providências. Ela não vai tornar pública a sua vida passada e suja sem prejudicar a irmã. Está ciente de que se fizer isso, afundo a carreira de escritora de Isabelle que nem mesmo começou e consigo atingir a família dela também.

Nesse segundo, vacilo. Já não estou mais tão confiante de que Elizabeth não vai

contar tudo a Marie. E se ela souber… *Mon Dieu!* Se ela souber, nosso relacionamento está acabado. Elizabeth já provou que é capaz de tudo para nos separar. Ter revirado minha vida e descoberto que a demissão e contratação de Marie foram manipulações minhas são as maiores provas.

— Pense bem, Emilien — adverte, erguendo-se do seu lugar. — Já te dei um prazo, mas vou prolongá-lo.

— POR QUÊ? — esbravejo, desvairado, saindo do meu lugar. Sangue nos olhos, coração descompassado, desespero batendo na porta do meu peito. —

Por que não me deixa ser feliz?! Por que tudo precisa ser do seu jeito?!

— O meu jeito é o melhor! — grita de volta, apontando o dedo para mim. — A sua mãe sabe o que é melhor para você!

Contorno a mesa e vou até ela, perdendo a paciência que me resta.

— Como tem tanta certeza assim, Elizabeth? — Ela empina o queixo, odiando por eu tratá-la pelo nome. — Todas as vezes em que você interferiu na minha vida com o argumento de que era o melhor para mim só me fez mal!

Sua postura oscila um segundo diante minhas palavras, como se só agora percebesse como suas interferências abalaram meu psicológico e me afundaram cada vez mais. Essa oscilação, entretanto, dura apenas poucos segundos. Não sei por que ainda insisto no assunto. Ela é uma mãe narcisista. Tudo o que ela ama é a si mesma e por isso *tudo* precisa ser do jeito dela. Se não supro seus



sentimentos egoístas, ela me pune, porque não se importa comigo.

— O recado está dado, Emilien. Você tem até o final de semana para se afastar de Marie ou contarei tudo que sei a ela.

Maman se vira para deixar minha sala. Num momento tomado de loucura, agarro seu braço pequeno e fraco com força desproporcional e a viro para mim.

Entredentes, repleto de fúria e desvairado com essa mulher, murmuro:

— Vou fazer o que você quer. Mas não pense que vou desistir dela. Vou achar um jeito de enterrar de vez meu passado e me proteger das suas ameaças e manipulações.

— Vai me colocar numa casa de repouso? — provoca, pegando no meu ponto mais fraco.

Solto-a bruscamente e a deixo ir.

Cancelo meus compromissos para o resto da tarde e vou para minha academia na cobertura.

Preciso socar alguma coisa.

— Me ajude aqui? — Marie pede, entrando no apartamento. Quando me viro, ela para imediatamente e arregala os olhos, entreabrindo os lábios e me fitando por longos segundos como se eu fosse uma espécie de outro mundo.

Rio da sua surpresa e me aproximo para ajudá-la com um pacote enorme que traz.

— Feche a boca, *chérie*. Não vou te beijar se estiver babando — brinco.

Ela gargalha e me estapeia no ombro.

— Você está muito gostoso — diz, enquanto pego o embrulho e o coloco sobre seu sofá. Estou usando apenas a calça social e um avental. — Cozinhando só de avental. *Mon Dieu*, Emil, quer mesmo me matar do coração.

Rio por um instante do seu exagero e a tomo em meus braços. Corro para finalizar o jantar enquanto ela abre o embrulho.

— O que é isso? — pergunto, experimentando a sopa.

— O painel de metal que disse que deveríamos comprar para montarmos um mural. As fotos de Loches e em Lisboa já poderão vir para cá.

Forço um sorriso e desligo o fogo, ignorando a aflição crescente no meu peito.

Estou prestes a tomar uma decisão ruim para nós dois. Chegar animada com um presente desses me aflige o coração.

— Por que está com essa cara? — questiona, aproximando-se de mim.

Pego pratos, copos e talheres e entrego para ela.

— Não é nada. Pode arrumar a mesa para jantarmos?

Marie acena em positivo, apesar de sua feição demonstrar que está desconfiada. Ela me conta do seu dia enquanto comemos, e eu faço o mesmo, ocultando a parte da visita desagradável da minha mãe. Não quero ter de tocar no assunto, mas peço que me conte com mais detalhes sobre a conversa que ela e Elizabeth tiveram antes de ontem. Meio hesitante, ela o faz: me fala sobre minha mãe tê-la chantageado a se afastar de mim em troca de não frustrar a publicação do livro de Isabelle, mostrou minhas conversas transcritas e por fim ameaçou acabar com a carreira de escritora da irmã e atingir sua família caso ela descubra meus segredos e decida manchar o sobrenome Dupont.

Fico em silêncio por longos segundos, apenas assimilando tudo. Marie toca minha mão e murmura:

— Emilien… por que não me conta?

Levanto-me bruscamente e recolho a louça suja. Coloco tudo dentro da pia e começo a lavar. Há um longo instante de silêncio entre nós. Ouço-a sair do seu lugar e vir até mim. Ela me abraça e apoia sua cabeça nas minhas costas; ficamos assim mais um tempo. Quando me viro, ao terminar de lavar nossos pratos, sou tomado por um beijo profundo e apaixonado, as mãos dela já encaminhando-se para dentro da minha calça. Suspiro em sua boca e seguro-a pela nuca. Um minuto depois, já estamos no sofá, eu dentro dela, fodendo-a como se fosse a última vez.

Porque provavelmente será.



— Aonde você vai? — Marie se vira e fica nos cotovelos, observando-me pegar minha roupa e me vestir.

— Preciso ir para casa.

— Não vai passar a noite comigo? — pergunta, curiosa, sentando-se na cama e puxando o lençol para cobrir os seios. Coça os olhos e procura pelas horas. Meia-noite e dois. — Está tarde, Emilien. Durma aqui.

Passo a mão pelo rosto, controlando as lágrimas que ameaçam vir. A dor aperta meu peito, deixando-me quase à beira da loucura. Sento-me na cama e a puxo para mim, beijando sua boca e depois sua testa. Eu pretendia ter essa conversa amanhã, durante o almoço. Mas vou abrir o jogo agora mesmo.

— Vista-se. Temos que conversar.

— Nua eu sou uma distração para você? — provoca, passando o indicador na minha virilha.

Sorrio um pouco.

— Sim. Mas também porque o assunto é sério.

Ela me fita de um jeito preocupado, mas acata minha sugestão. Veste uma camisa regata e uma calça de moletom. Seguimos até a sala e nos sentamos um ao lado do outro. Não faço rodeios. Vou direto ao assunto:

— Preciso de um tempo.

A expressão que marca seu rosto no instante que digo isso é algo que jamais esquecerei. Tristeza invade seus olhos. Medo. Confusão.

— Está terminando comigo? — sussurra, voz embargada.

— Não. Estou te pedindo um tempo.

— Tempo para quê? — rechaça.

Mordo o lábio inferior e olho para meus pés. Engulo em seco, não permito que as lágrimas me dominem. Recomposto, me viro para ela e seguro

suas mãos, apertando seus dedos contra os meus num ato em que peço que compreenda meus motivos.

— Minha mãe… me ameaçou também. Com meu segredo. Me disse para me afastar de você ou vai te contar tudo. E não posso permitir isso, Marie.

Ela balança a cabeça em negativo. Com seus olhos cravados nos meus, ela intensifica o aperto em meus dedos.

— Então me conte você — pede suavemente.

Acaricio seu rosto, exibindo um leve sorriso fúnebre.

— Só preciso de tempo, *chérie*. Encontrar um jeito de enterrar meu passado de vez e garantir que *maman* não me ameace mais. Nem ela, nem ninguém.

Lágrimas invadem seu rosto belo, acentuando a tristeza que marca cada traço de sua expressão. Isso corta meu coração de um jeito insano. Queria ter escolhas, mas no momento não tenho.

— Me conte! — exige, quase de forma desesperada. Então se joga nos meus braços, apertando-me com toda sua força. — Confie em mim, *mon amour*.

Afasto-a e limpo suas lágrimas.

— Marie, vou te perder de qualquer maneira — explico, baixando ainda mais meu tom de voz. — Seja porque minha mãe vai te contar, seja porque eu vou te contar, de qualquer forma… sei que vou te perder.

— Não vai! — garante, mas é uma garantia falsa. Ela não sabe sobre mim e as coisas horríveis que fiz.

— Vou — reafirmo. — Sei disso.

Ela se levanta em um rompante. Sua postura pode ser resumida em desespero e aflição.

— Está quebrando sua promessa! Há dois dias me prometeu que não deixaria sua mãe nos destruir, e olhe só! Está fugindo, como um covarde.

Seguro-a pelos braços e a faço olhar para mim. Seus olhos estão tão marejados… Odeio saber que estou causando isso, mas é temporário; ela precisa compreender isso.

— Não é um adeus, Marie. Não vou desistir de você. Só preciso dar à minha mãe o que ela quer, mesmo que por um tempo. Apenas o suficiente para

eu encontrar uma maneira de dizimar meu passado de uma vez por todas. Só assim ela não vai mais me ameaçar.

Marie dá um passo atrás, fugindo de mim e me olhando da mesma maneira que se olha para um traficante de mulheres.

— Se contar para mim, todos os problemas estão resolvidos. Vou saber lidar com a informação! Sua mãe não será mais uma ameaça e poderemos viver em paz. Por favor, Emilien… Por favor. Me conte!

Meu coração dói enquanto a encaro, vendo como nossa separação a afeta tanto quanto me afeta.

— Marie… — digo, com cuidado. — Estou fazendo o melhor para nós dois. Está doendo agora, eu sei… Dói em mim também. Mas quando eu resolver esse problema, e se você me quiser de volta, teremos o sossego que nossa relação merece. Estou te deixando, mas não é definitivo. Se eu te contar… —

Respiro com dificuldade e dessa vez permito que minhas lágrimas prevaleçam sobre mim. — Vou te perder e será para sempre. Entende a questão?

— Me prometeu — murmura timidamente, chorando baixinho. — Não só prometeu que não deixaria sua mãe interferir na nossa relação como prometeu que não me magoaria de novo. Está deixando sua mãe nos separar e de quebra está me magoando junto.

Dou um passo à frente e venço a distância que nos separa. Seguro seu rosto firmemente, beijo-o seguidas vezes e o gosto salgado das suas lágrimas fica na minha língua.

— Me perdoe… — cicio, baixando minha boca para sua. — Leve isso como… outros dos seus rompimentos.

Ela me empurra e me dá um tapa.

— Os caras que romperam comigo… Não amei nenhum deles, seu imbecil!

Suas palavras me atingem com a mesma força de um trator. Sinto-me um estúpido por ter dito algo tão idiota.

— Marie… — Ela me empurra e passa por mim, abrindo a porta do apartamento.

— Se vai embora, vá de uma vez. Não vou te implorar para ficar, nem para confiar em mim e me contar seus segredos. Mas se passar por essa porta —

adverte, desviando seus olhos dos meus. — Saiba que não tem mais volta enquanto não for franco comigo.

Sua sentença me deixa entre a cruz e a espada. Então eu deveria ficar, escolhê-la, enfrentar minha mãe, contar a verdade para ela. Mas o medo me domina. Medo de perdê-la, do seu desprezo, do seu ódio.

Sem muitas opções, decido pela mais fácil, mas também a mais dolorida nesse momento.

Eu vou embora.

Entre amigos

MARIE

CAPÍTULO 29

— Não dormiu direito essa noite? — Héron me pergunta logo que entro em sua sala.

As olheiras e a cara de acabada estão tão óbvias assim?

Suspiro e deixo meu corpo cair na poltrona em frente à sua mesa. Poirier me olha com um sorriso meio sugestivo e balança a cabeça.

— Já entendi. Emilien tem te dado canseira?

Olho-o com o semblante extremamente sério, odiando a piadinha inadequada. Em outro momento, eu teria rido e entrado na dele, mas não hoje.

Não dois dias depois de Emilien ter me deixado.

— Nós terminamos — informo, entregando o manuscrito da minha matéria da edição especial que sai em pouco mais de três meses. Ele poderia ter recebido por e-mail, mas Héron diz que prefere ler na versão impressa. Esse trabalho de qualquer maneira pertence à Delphine, mas ela tirou licença de uma semana. Como Poirier é um cara muito proativo, se propôs a analisar a terceira versão do conteúdo. — *Ele* terminou comigo, melhor dizendo.

Meu chefe exibe surpresa enquanto pega os papéis e os analisa

rapidamente.

— Vocês não tinham nem um mês de namoro, não é?

— Íamos completar dentro de alguns dias.

— E por esse motivo você está assim — profere, apontando o indicador para o meu rosto. — Lamentou a noite toda?

— E eu lá sou mulher de lamentar por homens, Héron? — indago. Não vou ser hipócrita e dizer que não doeu o afastamento de Emilien. Ele preferiu terminar nossa relação, depois de se declarar e de prometer que não deixaria Elizabeth se intrometer na nossa vida, a se abrir comigo e enfrentar a megera da mãe. Mas não passei a noite lamentando por ele. Não o fiz dois anos atrás quando foi

embora para Nova Iorque e não o farei agora. — Fiquei, sim, triste e com muita raiva, e descontei isso no trabalho. Dormi umas três horas nos últimos dois dias, mas já dei todos os ajustes no arquivo da minha matéria.

Héron olha um segundo para baixo, para o manuscrito que acabei te entregar, e depois se volta para mim, afagando o queixo e me olhando atentamente.

— Todos os seus trabalhos estão dentro do prazo? — questiona.

— *Oui* — respondo.

— Por que não tira o restante do dia de folga? Vá para casa, durma um pouco, tome uma boa taça de vinho e assista algo na *Netflix*.

— Sério? — A perspectiva me deixa animada. Duas noites mal dormidas estão cobrando seu preço no meu humor, que já está ficando péssimo.

— Claro. Tenho certeza de que o Emilien não vai se importar. Afinal, isso é culpa dele, não é? — *Mesmo se ele se importasse*, penso, dando uma risadinha e concordando. — Eu soube — desvia do assunto de repente — que sua irmã conseguiu um contrato com a *Allumer*. É verdade?

Sim, e acredita que isso nada mais foi do que um plano de Elizabeth Dupont para tentar me chantagear?, a pergunta se passa pela minha cabeça. Ao invés disso, apenas respondo:

— É, sim. Isabelle está muito feliz. Vocês dois não estão mesmo se falando?

Héron ajeita a gravata fina e vermelha do seu terno e pigarreia, acomodando-se melhor em seu lugar.



— Não. Desde o coquetel.

— Isso tem mais de um mês, não tem?

— Tem.

— E vai perdoá-la quando?

Ele fica em silêncio por longos segundos e não me encara.

— Ela me deu um tapa na cara e me molhou com uísque. Teria compreendido se eu tivesse merecido, mas não mereci.

— Ela não sabia. — Tento defendê-la, levantando-me do meu lugar para ir para casa e aproveitar o dia de folga. — Isso até meio que foi culpa minha.

— Mesmo assim. Se Isabelle tivesse ao menos exigido uma explicação antes de sair me esbofeteando, ainda estaríamos juntos.

Suspiro e balanço a cabeça em negativo. Conheço Héron o bastante para saber que é orgulhoso quando quer. Ele teve seu orgulho ferido e não vai superar isso com facilidade. Abandonando o assunto, agradeço o dia de folga e me ausento de sua sala.

— Eu incomodo? — pergunto quando Ann-Marie me recebe em sua casa. Eu deveria ter ido para meu apartamento para dormir, como Poirier sugeriu, mas senti saudades dos meus amigos e decidi por uma visita.

— Você não incomoda nunca, Marie — ela diz, puxando-me para dentro.

O centro da sua sala está uma bagunça. Jean-Luc está sentadinho em um tatame colorido, com um monte de brinquedos apropriados para sua idade espalhados ao seu redor. Bernardo está ao seu lado, segurando um aviãozinho de pelúcia e brincando junto do filho, que gargalha cada vez que o pai bate o bico do avião no narizinho dele. O menino ri de cair para trás e erguer as perninhas.

— *Chérie!* — Dousseau exclama, deixando o filho por um instante e vindo até mim para me dar um abraço apertado. Sua esposa me acomoda no sofá (depois de tirar alguns brinquedos e cobertas) e pede ao marido que me faça companhia enquanto prepara algo para comermos. — Já tem algum tempo que não nos vemos. Como está?

— Bem, na medida do possível. Você andou sumido da cafeteria.

Com um movimento engraçado de cabeça, ele indica o pequeno Jean-Luc.

— Obrigações paternais. Ann-Marie recebeu um convite de Silvia Ferreira para mostrar um portfólio inédito, então minha esposa está trabalhando intensamente. O que me obriga a passar mais tempo com meu menino.

— Isso é tão incrível! — exclamo, realmente animada. Fico feliz que Ann-Marie esteja ascendendo em sua profissão. — Torço muito pelo sucesso dela.

Bernardo abre aquele sorriso maravilhoso de covinhas e abana em positivo. Sua esposa aparece carregando uma bandeja com queijos e diversos aperitivos, suco e uma taça de vinho que ela entrega ao marido depois de beijá-lo.

— E seu namoro com Emilien, está tudo certo? — Meu amigo quer saber, pegando da mão do filho uma peça de brinquedo que ele ia colocando na boca. Bernardo faz um gesto negativo com o indicador para o pequeno, depois coloca a mão livre da taça no pescoço e imita alguém se engasgando (como se o menino fosse entender sua mensagem.). Ann-Marie e eu não seguramos a risada da sua mímica, principalmente porque Jean-Luc gargalha com a careta do pai.

Minha risada vai se dissipando pouco a pouco, porque terei de responder à pergunta de Bernardo. Ainda estou me preparando para isto quando ele emenda:

— Nos encontramos por acaso na cafeteria uns… seis dias atrás. Ele estava bem feliz. Depois vi na internet uma foto de vocês dois juntos em Lisboa.

Ele finalmente te assumiu em público. É um bom passo.

O casal nota que fico inquieta e me perguntam o que há.

— Emil terminou comigo. É por causa daquele segredo dele… — falo.

Suspiro pesadamente, cansada desse assunto. — A mãe está o ameaçando expor e, em vez de se abrir comigo, Emilien preferiu romper.

— E ele tem mãe? — Bernardo indaga, meio debochado.

Dou uma risadinha e abano em positivo. Seu questionamento é natural.

Emilien nunca fala da família (agora entendo o porquê), se afastou da mãe e da

irmã por um tempo. Acho que, se eu não tivesse esbarrado com Elizabeth por acaso em Loches, nunca a teria a conhecido (e eu não ia reclamar). Entendendo que Bernardo e Ann-Marie não conhecem a história por completo, faço um resumo do que vi, vivi e ouvi nesses últimos três meses desde que ele voltou.

— Então foi a mãe dele quem contou ao Antony? — Ann-Marie indaga, mordendo o lábio inferior. Bernardo, na poltrona de frente para ela, bebe o restante do vinho em um gole só, meio forçado e fazendo uma carranca. Está bastante óbvio que ele não gosta nem de tocar no nome desse traste.

— Não. Antony descobriu revirando a privacidade dele. Não sei como, mas descobriu e contou para uma terceira pessoa: Marjorie, a ex-noiva de Emilien. Bem, até onde sei, ela não o expôs e nem o ameaçou. Por enquanto. O

problema mesmo é a mãe.

— Mãe, irmã, ex-noiva, melhor amiga em Nanterre… — Bernardo zomba levemente. — Para quem não tinha familiar nenhum…

Ann-Marie o adverte com o olhar, e o esposo abre seu sorriso cínico e dá de ombros.

— De qualquer maneira — continua, encurvando-se sobre os joelhos —, quão sério é esse segredo? O Emilien tem tanto medo que isso venha à tona que para até de raciocinar. Antony o chantageou duas vezes detendo dessa informação; a mãe faz a mesma coisa, pelo que entendi, há bastante tempo. Ele mesmo já me disse, quando Juliette estava correndo perigo, que é algo capaz de manchar sua imagem. Emil nega, mas ainda acho que ele matou alguém.

— Que asneira, Bernardo! — a esposa exclama, horrorizada com sua sugestão.

— Talvez não de propósito — conjecturo, concordando com meu amigo.

Faz algum sentido. — Emilien tem… uma coisa com bebida e não fica bêbado, nunca. Ele pode… ter passado do limite e causado um acidente? Isso não é incomum, Ann-Marie! Principalmente entre calouros e veteranos na faculdade, com esses trotes idiotas. Emil pode ter se envolvido em algo parecido quando mais novo, sabe?

— Viu só? — Bernardo profere, olhando para a esposa. — Minha teoria

não é tão absurda.

— E por que ele não te conta, *chérie?* A mãe não o chantagearia mais se ele simplesmente se abrisse.

— É o que eu argumento! Mas o homem insiste de que não importa quem me conte sobre esse passado obscuro, eu vou deixá-lo de qualquer maneira.

Um instante de silêncio paira sobre nós. Mordo o lábio inferior e pego um pedaço de queijo — os aperitivos dela estão intocados até agora.

— Dê tempo ao tempo — meu amigo aconselha. — Está claro de que o Emilien ama você, de verdade. Quando superar o medo de te perder por conta desse segredo, ele vai te contar. Só… dê o espaço de que precisa.

Quero dizer que isso provavelmente não vai acontecer. Emil está mais obcecado em enterrar seu passado do que superar seus medos. Como resposta, apenas suspiro e aceno em positivo, murmurando bem baixinho:

— Só espero que quando isso acontecer, não seja tarde demais.



EMILIEN

CAPÍTULO 30

— Você acha que foi sua melhor decisão? — meu psicólogo pergunta.

Definitivamente a resposta é “não”. Ter pedido um tempo a Marie foi, na verdade, a pior escolha que eu poderia ter tomado na vida. Eu amo aquela mulher, respiro aquela mulher, não vejo sentido em um futuro sem ela comigo, do meu lado. Não foi minha melhor decisão e foi a mais difícil que já tomei.

Recosto-me no encosto do sofá e cruzo as pernas, desviando o olhar para a janela logo ao lado. Absorvo a imagem de um dia ensolarado e ameno, enquanto reluto em responder.

— Eu não tive escolha — murmuro.

— Sempre há escolha, Emilien.

Olho para meu psicólogo outra vez e refaço minha resposta:

— Fiz o que era melhor para nós dois.

Maurice troca o cruzar das pernas e profere:

— Fez o que era melhor para vocês ou o mais *fácil* para você?

Seu questionamento me ofende.

— Terminar com Marie foi a decisão mais dura da minha vida.

— No entanto, entre se abrir com ela e deixá-la, o mais difícil foi ser franco. Tanto que preferiu terminar seu relacionamento. Estou errado?

A constatação óbvia feita por Maurice me acerta como uma tapa na cara.

Ele não está de todo errado. Droga. Odeio admitir isso.

— Ter sido sincero com ela era a parte fácil — cicio, fugindo outra vez do olhar suave do psicólogo sobre mim. — Lidar com o desprezo dela é que seria a parte difícil.

Fito por longos segundos o ambiente através da janela do consultório, mantendo meu silêncio. Maurice se inclina um pouco mais para frente, deixando um suspiro leve no ar. Sinto seu olhar calmo, paciente e acolhedor sobre mim. Já me

consultei o suficiente com ele para saber que essa sua postura revela que me dará um conselho valioso e, no final do dia, mesmo que agora eu relute em aceitá-lo, vou acabar considerando. Ele é um bom psicólogo.

— Você está com medo, Emilien. E isso é natural. Considerando a relevância que dá a seu segredo… Compreendo que esteja com medo. Mas esse sentimento negativo está te fazendo projetar uma reação de Marie que pode simplesmente não existir.

Lentamente, viro meu pescoço em sua direção, assimilando suas palavras.

— Eu fiz uma coisa terrível. O desprezo dela é a única certeza que eu tenho se decidir contar tudo sobre meu passado.

O terapeuta ajeita os óculos e volta a se acomodar contra o espaldar da sua poltrona, cruzando as pernas e me analisando atentamente.

— Este é o ponto. Você tem certeza que ela vai te desprezar, mas já considerou que isso é apenas fruto do seu medo de se abrir? Para ser mais claro, é como quando somos crianças e precisamos nos vacinar ou tirar sangue. O

pensamento de que uma simples picada doa muito nos faz ter um medo irracional de agulha. É onde as crianças choram e se desesperam antes mesmo de entrarem na sala de vacinação. E aí temos duas resoluções após a picada: ou a agulhada realmente vai doer, porque nosso psicológico diz isso, ou vamos nos dar conta de que não doeu tanto assim. Não seria este o seu caso?

Pondero seu conselho por um segundo.

— Maurice, se eu decidir torcer o meu braço até esmigalhar os ossos, sei que vai doer muito. Essa perspectiva não é coisa da minha cabeça que cria um medo irracional. É um fato. Estou ciente de que cometi um erro terrível o bastante para prever a reação negativa de Marie.

— Nesse caso — ele pondera —, temos duas possibilidades. Só vai saber qual delas está correta se você revelar esse seu passado.

Balanço a cabeça em negativo, resoluto em tomar essa decisão.

— Veja — sua voz branda me chama de volta —, quando um médico vai dar

uma notícia ruim ao paciente ou aos familiares, ele não começa pela parte ruim. O médico prepara o terreno, acalma a pessoa que receberá a informação, e só então conta. Você pode fazer o mesmo com Marie. Prepare-a antes. Não é possível que esse seu segredo seja de todo ruim.

Fecho os olhos e inspiro profundamente o ar para os pulmões.

— Não foi de propósito. Nunca foi de propósito.

— É um bom argumento. Comece dizendo que você não teve intenção.

Explique os motivos que te levaram a cometer esse erro e ressalte que não foi deliberado.

Encaro meu terapeuta. Em anos de sessão, é a primeira vez que decido abordar o assunto com ele. Nunca dei indícios de que guardava um segredo. Ele sabe parte do meu passado, Maurice me acompanha desde Désirée… Quando precisei voltar para a terapia se quisesse saber lidar com tudo o que aconteceu entre nós e depois do acidente. “Acidente”. Dou uma risada amarga. Por mais que seja um ótimo profissional, nunca fui corajoso o suficiente para falar com ele sobre isso. Até o dia de hoje. Ao perguntar como como eu estava e, apesar de eu ter dito “Estou bem, *merci*”, Maurice notou que não era verdade. Então, acabei me abrindo parcialmente, falei do meu segredo, das chantagens da minha mãe, de ter decidido me afastar de Marie até encontrar um jeito de enterrar meu passado e poder viver em paz sem a iminência de alguém surgir para me chantagear.

— Preciso pensar — digo, porque não quero admitir que vou descartar seu conselho.



Tenho me focado no trabalho. Faz uma semana que terminei com Marie e me dedico a encontrar um modo de me livrar do meu passado sujo. Coloquei uma pessoa responsável para tentar descobrir qualquer podre de Marjorie ou da família Chevalier que eu possa usar contra ela. Eu sei. Tive de me rebaixar ao nível da minha ex-noiva. Meses atrás, quando me contou que sabia do meu segredo já tinha dois anos, eu lhe dei um voto de confiança. Mas agora retifico o

meu voto. A mulher já me provou que não é de confiança e talvez esteja apenas esperando que eu baixe a guarda para atacar. Fiz o mesmo com minha mãe, mas acredito que dificilmente ela tenha qualquer coisa que possa ser usada contra ela.

O telefone ao meu lado toca, assustando-me. Desconcentro-me da leitura de alguns relatórios de investimentos e atendo ao ramal.

— *Monsieur* Dupont, *mademoiselle* Julien deseja falar com o senhor.

Meu coração dá um grande salto no peito e tenho a impressão de que ele para na garganta.

— Marie está aí fora? — pergunto, apenas para ter certeza de que compreendi direito.

— *Non.* É a senhorita Isabelle.

Uma onda de frustração avança sobre meu corpo. Suspiro e abaixo a cabeça, passando os dedos pelos meus fios.

— Deixe-a entrar.

Menos de um minuto mais tarde, Isabelle adentra minha sala, a expressão de quem vai comer meu fígado e jogar o resto aos cães. Levanto-me para recepcioná-la e ofereço uma poltrona para se sentar.

— Não pretendo demorar — diz em um tom sério ao negar minha oferta.

Isabelle se mantém alguns passos distantes, o que me dá a oportunidade de contornar minha mesa e me encostar na borda do outro lado. Cruzo os braços e a espero me xingar o tanto quanto quiser.



Ela nada fala por alguns segundos, alimentando minha ansiedade e aflição.

— Ela está bem? — Pego-me fazendo essa pergunta ridícula.

Isabelle dá uma risada sem humor e ergue uma sobrancelha.

— Não vou dar uma de cupido — declara, fugindo do meu questionamento. — Você quebrou o coração dela uma vez e quebrou de novo na semana passada quando terminou com ela sabe-se lá por quê. Só vou te pedir uma vez, Emilien, para reconsiderar. Torço por vocês dois. Minha irmã te ama e está bem na cara que o sentimento é recíproco. Então pare de ser um idiota covarde, vá atrás dela e seja sincero. Conte tudo o que Marie precisa saber.

— Se eu fizer isso…

— Não me venha com essa ladainha! — protesta, erguendo o tom de voz.

— Pare de pensar que Marie vai deixar você por qualquer motivo que seja. Dê um voto de confiança para minha irmã. Ela é uma mulher adulta, comece a confiar nela como tal!

Não tenho oportunidade para argumentar, porque Isabelle vira as costas e começa a sair da minha sala.

— É meu primeiro e último conselho para você, Emilien.

Em casa, tudo que preciso é de um bom banho e uma taça de vinho. Não sinto nem mesmo fome. Estou cansado — física e mentalmente falando — e só quero uma noite de sossego para recuperar minhas energias e pensar na resolução dos meus problemas de nome Marjorie e Elizabeth. Não tenho tempo de realizar nenhum dos meus desejos porque minha campainha toca furiosamente.

Mal atendo a porta e Nicole entra como um furacão.

— Quando ia me contar? — questiona. O tom sério em sua voz, somado

à sua estatura mediana, uns vinte centímetros mais baixa do que eu, dá a ela um aspecto engraçado. Nicole brava é como um chihuahua.

Fecho a porta e desato minha gravata.

— Contar o quê?

— Não se faça de desentendido! — protesta, vindo em minha direção e batendo

o indicador contra meu peito. — Terminou com Marie já tem uma semana e não me contou!

Suspiro e fecho os olhos. Jogo a gravata e meu corpo no sofá. Tiro o paletó vagarosamente, praguejando por esse dia. Sabia que uma hora minha irmã ia saber e ia exigir uma explicação.

— E como você soube? — redireciono o assunto, entretanto.

A expressão em seu rosto suaviza e ela se senta do meu lado.

— Lorraine e eu marcamos a data do nosso casamento. — Suspira. —

Liguei para Marie, toda animada por sinal, para convidá-la a ser minha madrinha junto com você e irmos nesse final de semana provarmos alguns vestidos. Ela me contou que não estão mais juntos, eu quis saber o motivo e fui orientada a te perguntar. Por que terminou com ela, *frère?*

Odeio esse dia. *Odeio a merda desse dia*. Não posso mentir mais do que já minto para Nicole. Mas também não quero decepcioná-la contando um lado podre da minha vida. Minha irmãzinha me olharia com outros olhos se soubesse do que fiz.

Ajeito-me no sofá e inspiro fundo, preparando-me para contar parcialmente a história. Explico-lhe o que posso, falando da mamãe ameaçando contar tudo a Marie caso eu não a deixasse, da minha decisão de me afastar porque é o melhor para nós dois, de como tenho procurado um jeito de enterrar novamente o meu passado e me precaver das chantagens de nossa progenitora.

No fim do meu relato, o espanto no rosto de Nicole é compreensível.

— Por que nunca me falou sobre isso? — pergunta bem baixinho, segurando minha mão. — Emilien… Jamais guardamos segredos um do outro.

— Eu sei, *petite soeur*. O que fiz… é algo tão desagradável. E você me tem como um modelo a ser seguido. — Dou uma risada melancólica. — Você me ama acima de tudo e tenho medo de perder o seu amor e a sua confiança caso saiba. Além do que, você é curiosa e teria revirado minha vida até descobrir.

— Pode apostar — brinca, com um leve sorriso triste. — E não seja bobo, eu te

amaria em todas as circunstâncias, Emil. Em todas. — Uma pausa pequena. — Não quer me contar que segredo é esse que está te fazendo se afastar da mulher que ama? Talvez… Se me disser, eu posso avaliar se Marie vai mesmo te rejeitar se decidir contar para ela.

Balanço a cabeça negativamente.

— De jeito nenhum.

Ficamos em silêncio por longos segundos. A companhia de Nicole aplaca um pouco dos sentimentos aflitivos em meu peito. Fazendo uma carícia no meu rosto, ela murmura:

— Conte pra ela, Emil… Não deixe mais que a mamãe interfira na sua vida ou na sua felicidade. Você já ficou tanto tempo sozinho por causa do narcisismo de Elizabeth, desistiu da Fotografia… Sempre fez de tudo para agradá-la na intenção de ter um pouco de paz a ponto de nem se dar conta de que, nos últimos trinta e cinco anos, tem vivido em razão da vontade de mamãe.

Me diz, *mon frère*, teve algum momento em que você decidiu pela sua felicidade, e não pela dela? Alguma vez tomou uma decisão sem se preocupar se mamãe ia surtar ou te punir com torturas psicológicas, chantagens emocionais e manipulações? Emilien, você tem vivido para e *por você?*

As palavras de Nicole tocam no fundo do meu coração e da minha alma.

Meus olhos juntam lágrimas que nem percebo. O golpe de misericórdia, porém, se dá quando minha irmã completa:

— Sempre desistiu de tudo por causa da nossa mãe e de algum modo você aprendeu a conviver com isso. Deixou a Fotografia e aprendeu amar o mundo dos negócios, desistiu de ter uma relação amorosa, mas aprendeu a ser um homem sozinho. Você se habituou aos desejos de Elizabeth, aprendeu a lidar da melhor forma possível a fazer as vontades dela e ficar bem com essas decisões, mesmo que lá no fundo isso te atingisse. Mas agora eu te pergunto: você vai saber aprender a viver sem Marie se desistir dela para sempre? Ela se tornará tão substituível como tudo na sua vida foi?

Meu peito aperta e dói de um jeito inexplicável.

— Não — respondo, enfiando o rosto entre as mãos, voz embargada e rouca.

Nicole afaga minhas costas e incentiva:



— Então a procure. Seja franco, conte tudo o que precisa contar, tire esse obstáculo que mamãe usa como chantagem do caminho de vocês dois.

— E se ela me rejeitar? — indago, erguendo os olhos úmidos para Nicole. Ela seca minhas lágrimas e beija minha bochecha.

— Emilien, se isso for tão sério como você diz que é, vai ser natural uma reação negativa de Marie num primeiro momento. Você precisará dar espaço a ela, ter paciência para que digira tudo o que contar, aguentar o seu desprezo temporário. Mas se ela te amar de verdade, tudo isso será passageiro. Quando a poeira abaixar, quando assimilar tudo e aceitar que o que você fez foi um erro da qual você se arrepende… — Ela me olha dentro dos olhos. — Você se arrepende, não é?

— Não tem um só dia em que durmo sem o peso na consciência, Nicole

— devolvo.

Ela abre um leve sorriso e completa:

— Então ela vai voltar para você.

Tomo minha irmã em um abraço apertado. Na minha mente, analiso todos os conselhos que recebi no dia de hoje: de Maurice, de Isabelle e de Nicole. E preciso admitir que os três estão cobertos de razão.

Minhas mãos tremem dentro do bolso enquanto a espero atender a porta.

Eu ainda tenho a chave, mas, como estamos separados, decidi que seria muita falta de educação apenas entrar. Confiro a hora mais uma vez. Dez da noite.

Tentei ligar, mas Marie não me atendeu nas cinco vezes. Não sei se por não querer ou por não ter visto o celular tocando. Aposto na última opção porque, se não quisesse contato comigo, não teria permitido minha subida. Embora meu nome ainda esteja na lista de pessoas autorizadas, preferi confirmar com o porteiro que eu podia vê-la.

Quando ela finalmente surge, é como se o ar fosse arrancado brutalmente

dos meus pulmões. Marie está enrolada em um robe de seda curto, que deixa suas pernas perfumadas à mostra. Sua pele cheira a creme hidrante de baunilha, os cabelos molhados têm o mesmo aroma.

Achei que a encontraria cheia de raiva. Confesso até que, por um instante, pensei que ela tinha me deixado subir apenas para ter o prazer de bater a porta no meu nariz. No entanto, sua expressão está suave enquanto mantém a porta aberta e me espera dizer o que quero.

— Vou contar.

Marie faz uma cara de quem não entendeu o que eu quis dizer. Tomando uma boa dose de ar para meu organismo, sentencio:

— Vou te contar meu segredo, Marie.



CAPÍTULO 31

— Vou te contar meu segredo, Marie. — A estas palavras, eu o puxo imediatamente para dentro. Fecho e me recosto à porta, sentindo meu coração bater nos ouvidos.

Uma pequena frase foi capaz de me deixar ansiosa e na expectativa. Ele está emudecido, olhando para os sapatos italianos com atenção. Inspiro fundo e tento me acalmar.

— Antes de qualquer coisa — ele profere, inspirando profundamente, ainda sem me encarar. — Quero saber se podemos voltar.

Pestanejo por um instante antes de respondê-lo. Uma semana atrás, ao terminar nosso relacionamento, ele me magoou. Entendo que estava com medo, inseguro, sendo chantageado pela mãe e foi isso que o incitou à sua ação. Mas agora está aqui, diante de mim, disposto a se abrir. Isso é válido, não é?

— Emilien… — Suspiro seu nome, mordendo o lábio inferior, sem saber exatamente o que responder. — Essa será sua condição? Só vai me contar se voltarmos?

— Não — nega imediatamente, olhando para mim. — Até porque estou convencido de que você vai me deixar de qualquer maneira quando souber. Mas

preciso dessa segurança. Preciso que você me diga que, ao menos, vai me ouvir primeiro, vai me deixar contar, sem me interromper. Vai tentar compreender tudo o que aconteceu antes de fazer seu julgamento.

Assimilo suas palavras e aceno em positivo, meus batimentos cardíacos aumentando gradativamente conforme esse homem faz suspense.

— Prometa que vai considerar, Marie… e ao menos tentar me entender. E

depois que você assimilar, quero saber se podemos voltar. Se você vai perdoar o meu passado e vai me perdoar por ter terminado com você por conta dele.

Enfim, entendo seu questionamento. Com um passo adiante, fico a uma distância pequena dele e toco seu rosto. Lentamente, colo minha boca na sua, em um beijo rápido e suave. Nada mais que um roçar de lábios. Seu perfume delicioso quase me obriga a me render e a cair em seus braços fortes. Afasto-me um centímetro, olho-o nos olhos e vejo-o surpreso com minha aproximação.

— Se eu conseguir lidar com seu segredo, o que aconteceu semana passada será insignificante para mim, Emil… — falo com toda sinceridade. —

Nós podemos voltar porque eu te amo demais para ficar afastada de ti por pouca coisa.

Ele me dá um sorrio triste. Tenho a impressão de ver, inclusive, lágrimas em seus olhos. Com uma carícia gostosa na minha bochecha, diz:

— Amanhã… vá até minha cobertura, depois do almoço. Vou cancelar minha agenda do período da tarde e vamos conversar, com calma.

Meu corpo recebe uma onda de decepção. Ele não vai me contar neste instante?

— Por que não conversamos agora mesmo?

— *Non.* Eu preciso me preparar, *chérie.* Tomei essa decisão há menos de duas horas.

— Quer mesmo me matar de ansiedade — protesto baixinho.

Ele dá uma risadinha melancólica e deixa um beijo na minha boca.

Diferente do meu, o dele é mais demorado e lânguido. Quando Emil se vai porta afora, tenho a impressão de que não dormirei essa noite.



Não chegamos a combinar um horário específico, mas no dia seguinte, perto de uma da tarde, chego à sua cobertura. Tento ligar no telefone de Emilien e avisar que estou a caminho, contudo, ele não atende nenhuma das minhas tentativas e nem me retorna. Confesso que fiquei meio na dúvida, quando não me atendeu, se ia realmente me contar tudo o que eu precisava saber. E se ele tiver desistido?

Afasto os pensamentos da minha cabeça, me concentro na estrada e sigo para o meu destino. Já em seu edifico, depois de ter minha subida liberada, no elevador privativo, tento ligar novamente para Emil. Mais uma vez, não me atende.

Arrisco ligar no ramal da sua secretária e, para o meu alívio, sou informada que ele está em reunião e acabará em breve.

Mais confiante de que Emilien não vai desistir dessa conversa, adentro seu apartamento e vou direto para a cozinha. Abro a geladeira, pego alguns pedaços de queijo e escolho um vinho na adega dele (bem invasiva, eu sei).

Tiro meus saltos, deixo-os num cantinho da sala e, descalça, enquanto degusto de uma boa taça de vinho e de queijos de ótima qualidade, exploro o local (como se eu nunca tivesse estado aqui antes, não é mesmo?). Subo primeiro para o quarto, onde o enorme painel de vidro, com fotos nossas e as fotografias que ele tirou meses atrás, ainda está exposto. Surpreende-me ver um painel de inox — igual ao que comprei semana passada — noutro canto, preenchido com dois ou três retratos de Loches e Lisboa. Aproximo-me e o observo melhor. Ele provavelmente comprou depois que me pediu um tempo.

Rodo pelo seu quarto, apreciando a decoração singela. Adentro seu closet, gostando de passar a mão pelas suas camisas. Detenho-me um segundo na parte onde fica o cofre. Certa noite, cerca de uns quatro dias antes de terminar comigo, Emilien me pediu para guardar um documento aqui, passando-me assim a combinação. *15.48.56.* Ele não chegou a dizer, mas desconfio de que fez isso para me mostrar que continua não guardando nada aqui além de algum dinheiro e documentos da empresa.

Passeio por toda a sua cobertura. Volto ao seu laboratório fotográfico,

onde tudo continua igual. Brinco com algumas de suas câmeras e as volto no mesmo lugar. Passo na academia e fico excitada ao imaginá-lo se exercitando.

Homem quente dos infernos. Desfaço-me dos pensamentos safados e vou para a cozinha me servir de outra taça de vinho. Algo me diz que essa tarde me exigirá isso. Olho no relógio. Quase duas horas. Ele deve chegar a qualquer momento.

Continuo explorando sua casa e dessa vez vou até o escritório, um local onde tivemos uma ou duas ocasiões de sexo gostoso. É uma espécie de biblioteca também. Há uma prateleira bem grande, ocupa toda uma parede de quase sete metros de comprimento e pouco mais de dois metros de altura, que está cheia de livros. Nunca realmente parei para analisar seus títulos e começo a fazê-lo por agora.

Não sei se foi Emilien quem organizou, mas tudo está catalogado por gêneros, subgêneros, autores e ordem alfabética. Provavelmente ele contratou uma bibliotecária para isso. Distraída, continuo degustando meu vinho, passando o indicador pelas lombadas e lendo os títulos. Ele tem uma coleção de clássicos e muitos livros sobre a área que atua, além de um número considerável de livros sobre fotografia.

Uma carreira de lombadas, quatro ou cinco prateleiras acima da minha cabeça, me chama a atenção. Procuro em torno e encontro uma escadinha de alguns degraus. Deixo minha taça sobre a mesa do escritório e tomo os degraus para me erguer até a carreira em questão. A fileira me lembra aqueles livros antigos, de couro, costurados a mão. Mas minha surpresa é maior quando tento puxá-la e descubro que é um conjunto de livros falsos. Meu coração bate um pouco mais descompassado enquanto puxo o material ilusório em minha direção.

No fundo, atrás do espaço em que ocupava, há um segundo cofre.

Minhas mãos suam, a voz de Marjorie retorna em minha mente: *"As provas que precisa estão em algum lugar do apartamento dele."* Meio trêmula com minha descoberta, ponho os livros falsos em qualquer canto e retorno ao cofre, idêntico ao que ele tem no quarto. Este também está trancado e tem um painel digital que exibe:

Insira a senha

_ _ _ _ _ _

Sinto a pressão sanguínea aumentar conforme estico meu braço e digito os números pausadamente, na esperança de ser a mesma combinação.

1.5.4.8.5.6.

O som de destrave da portinha me assusta e faz meu coração pulsar.

Abro-a vagarosamente, irritada comigo mesma pelo suspense que crio. Lá dentro, repousada bem ao fundo, há uma pasta de couro. Retiro-a com cuidado e vou até a mesa, afastando os pertences para acomodá-la melhor. Antes de abri-la e revelar o que tem dentro — e desconfio de que tenha relação com o passado e o segredo de Emilien —, inspiro profundamente e me questiono se é o certo a se fazer. Ele já decidiu se abrir comigo, não foi? Então o mais honesto nesse caso

não seria esperá-lo? Mas e se Emil mentir? E se ele não me contar, de fato, a verdade? Não faço a mínima ideia do que se trata esse temeroso segredo, e ele pode simplesmente inventar qualquer coisa apenas para me satisfazer.

Decidida que, embora não seja o mais correto, é o que precisa ser feito, abro a pasta. Há diversos papéis e começo a analisá-los imediatamente. À

medida que leio os documentos, analiso as fotos, os exames, os boletins… meus olhos juntam lágrimas, meu coração praticamente para na garganta e agradeço a Deus por estar sentada.

Perplexa, começo a juntar as pontas soltas do passado de Emilien, as brechas que ele nunca tampou, sua resistência em me contar alegando que eu me afastaria dele… Terrivelmente abalada com a revelação diante dos meus olhos, me nego a acreditar por alguns segundos, enquanto choro debruçada sobre meus braços.

Quando consigo me acalmar, fecho o cofre, devolvo os livros no lugar e guardo os documentos de volta na pasta. Trago-a comigo até a sala, onde está minha bolsa. Meu celular tem uma mensagem de Emilien:

“ Chérie, pardon *pela demora. A reunião está demorando mais do que esperava. É algo muito importante que não pude cancelar. Mas prometo que não demoro mais que duas horas. Espere por mim e sinta-se em casa.”*

Não respondo à sua mensagem. Enfio as provas que encontrei dentro da minha bolsa, calço meus saltos e deixo seu apartamento.



Antes de confrontá-lo, preciso saber de que não estou criando fatos onde não existem. Embora as provas sejam bastante claras sobre o que aconteceu — *o que realmente aconteceu* —, preciso ouvir a versão de quem também detém desse segredo. Por esse motivo, procuro por Elizabeth. Não foi difícil conseguir o endereço dela, que só me recebeu quando anunciei de que se tratava do segredo do filho.

Ela me recepciona em sua sala, com uma xícara de café. Seus olhos se fixam por

longos instantes nas minhas mãos trêmulas enquanto sigo calada, pensando num modo de começar isso. Por fim, mostro a pasta com toda a documentação. Retendo esses papéis, a mulher os analisa e, para o meu desespero, me confirma o que eu já desconfiava desde que os descobri no cofre.

Novamente, me nego a aceitar.

Elizabeth me diz algumas palavras, algo de como sente por mim e entende meu desespero, minha decepção.

— As aparências enganam — sussurra, sentada em seu lugar do sofá, com uma postura diferente da que estou acostumada a ver. Não tem a arrogância habitual. A mulher parece mesmo compadecida por mim.

Seco minhas lágrimas, junto os documentos na pasta novamente e agradeço o café.

— O que você fará? — pergunta, também se erguendo do seu lugar.

— Ouvi sua versão dos fatos. Vou ouvir a dele agora.

— Ele mentirá — diz, toda convicta.

— Não se eu o confrontar com as provas.

Já estou deixando sua casa quando Elizabeth me chama outra vez:

— Lembre-se que…



— Não se preocupe — interrompo-a, sem me virar, olhando-a por cima do meu ombro. — Se isso for verdade, não pretendo destruir a imagem dele e nem manchar o sobrenome da sua família. Não faria isso porque sei das consequências que isso acarretaria não só para os negócios, mas como para as causas sociais que seu filho apoia. E, de um jeito ou de outro, ele ajuda muita gente, por mais… que tenha um passado como esse.

Sem esperar sua resposta, sigo até a Dupont Investimentos, tentando de todas as formas não desabar antes de chegar.

A palavra “educação” não existe no meu vocabulário neste momento.

Nem a palavra “paciência”. A secretária-executiva de Emilien me informa que ele continua em reunião, mas estou ansiosa e desesperada demais para esperá-lo sabe-se lá por mais quanto tempo. Ignorando todos os protestos da mulher, invado o escritório dele em um rompante. Do outro lado, ele está em sua mesa, conversando com um homem careca e de meia-idade. Seus olhos me encaram surpresos, ao passo que sua companhia se vira para me ver parada a dois metros do limiar da porta com o semblante de quem viu uma pessoa ser assassinada na minha frente.

A secretária surge logo atrás, pedindo mil desculpas ao patrão e alegando que eu entrei sem permissão.

— Está tudo bem — ele acalma a funcionária, que me segura pelo braço e pede que eu me retire. Desfaço de sua pegada com violência e me volto para Emilien.

— Temos que conversar.

Ele me olha atentamente e depois se vira para o homem careca, como se pedisse desculpas pelo inconveniente que estou causando.

— Marie, estou em uma reunião importante. Sei que está…

— *Agora!* — falo mais incisiva, aproximando-me, retirando a pasta de

couro da minha bolsa e abanando para ele. O homem parece congelar na sua cadeira de presidente, o rosto perde a cor como se o seu sangue tivesse sido drenado. — Vamos conversar sobre isso aqui e agora!

Emil me encara aterrorizado, imóvel em seu lugar. Gaguejando, diz à sua companhia:

— *Désolé, monsieur* Arnaud. Nós podemos remarcar a reunião para terminarmos de tratar sobre isso? Eu sei que já esperamos demais…

Muito elegantemente, o senhor Arnaud se levanta do seu lugar, alterna o olhar

entre mim e Emilien enquanto abotoa seu terno e diz:

— Está tudo bem, Dupont. Percebo que o assunto é de extrema importância e urgente. Vou pedir para minha secretária remarcar um horário e te avisar.

Emilien mal o agradece enquanto o homem deixa sua sala. Ele também dispensa a funcionária. A passos que denunciam como está nervoso, vai até a porta e a tranca. Permanece segundos inteiros de costas para mim antes de se virar, me fitar com o olhar mais amedrontado que já vi em toda minha vida e indagar:

— Como encontrou isso? — Sua voz está trêmula e baixa.

— Por acaso — respondo, segurando as lágrimas para mim.

Retiro os papéis de dentro da pasta e os jogo em sua mesa. Eles se espalham sobre a superfície, revelando alguns exames de Désirée, diagnóstico de depressão, procedimento da curetagem, exame de BETAHCG, boletins de ocorrência, corpo de delito, fotografias de diversas partes do corpo dela com hematomas… Volto-me para ele, que ficou parado praticamente no mesmo lugar esse tempo todo.

— Me diz — peço, deixando as lágrimas me tomarem. — Me diz, por favor! Me diz que isso não é o que estou pensando que é!

Emilien fecha os olhos e afaga o rosto. Pressiono-o mais, descontrolada, lágrimas escorrendo pela minha face como chuva torrencial.

— O que quer que eu diga? — ele devolve, também aos prantos e aos gritos.

Com uma imensa dor no coração e no peito, ainda negando-me a aceitar, esbravejo:

— ME DIZ QUE VOCÊ *NÃO* BATIA NELA!

Minha ruína

EMILIEN

CAPÍTULO 32

Meu coração bate loucamente. A pressão está nos meus ouvidos, que zunem com esse momento. O momento que mais temi. Marie descobriu. Ela agora sabe. E — meu Deus do céu! — não era assim que deveria ter sabido.

Ela me encara, furiosa e cheia de lágrimas, enquanto espera por uma resposta minha. Por fora e por dentro estou puro nervosismo. Meu corpo treme levemente, minha garganta parece seca, tenho a impressão de que as palavras fugiram do meu vocabulário. Tudo que quero é gritar: "*Não, eu não batia nela!"* . Mas não posso mentir tão covardemente dessa maneira.

— Me fala que não batia nela, Emilien! — Marie insiste, como se ela própria não acreditasse.

Fecho os olhos e respiro fundo, tentando de todas as formas ignorar a agonia, aflição e remorso que me atingem em ondas.

— Não posso te dizer isso. Sinto muito.

Num rompante, ela avança sobre mim, muito descontrolada e em pratos, e me empurra:

— Mentiu para mim! — Outro empurrão, que me faz cambalear um passo para trás. — Mentiu para mim, seu canalha!

Seguro-a pelos punhos, na intenção de impedi-la de continuar me agredindo, embora eu mereça toda essa descarga de raiva. Marie se balança, tentando se soltar da minha pegada. A mulher consegue se libertar e se afasta de mim repentinamente, como se eu fosse um inseto asqueroso.

— Ela não sofreu um acidente doméstico coisa nenhuma — diz, a voz áspera e cheia de nojo. — Désirée tentou suicídio! Por sua causa. Porque você batia nela. Porque bateu nela quando estava grávida e foi esse o motivo do aborto! Porque ela estava com depressão *que você causou* de tanto surrá-la!

Cada maldita palavra me acerta com a mesma intensidade de uma faca sendo cravada no meu peito. Por anos, soterrei todas essas verdades porque sabia que não era capaz de lidar com elas, com a culpa, o remorso… Mas agora Marie traz à tona tudo o que me causa dor, me deixa insano e me faz odiar o homem que fui.

Compreendo sua reação e sua raiva. Ainda assim, há coisas que precisa saber para entender tudo o que houve entre mim e Désirée. Não que justifiquem, mas lança uma nova perspectiva. Não sou esse monstro que está projetando. Não foi deliberado. Não foi de propósito. Senhor Deus, eu nem mesmo me lembrava das agressões!

— Marie, me escute… — peço com a voz mais calma que consigo encontrar, apesar de eu ser todo nervosismo. A mulher, entretanto, está implacável. Novamente me empurra, descontando toda a fúria dentro de si.

— Te escutar? Você ia mentir para mim. Ia me contar mais mentiras para acobertar as merdas que você fez! O que falaria dessa vez, Emilien? — Com dois passos mais distante de mim, ela completa: — Não há explicação para o fato de você ser um agressor.

Agressor.

A palavra dói na minha alma. Dilacera meu coração. Perturba a minha mente, deixando-me quase desvairado. Fecho os olhos com força. Não, eu não sou isso. Cometi um erro terrível, me arrependi e busquei ser uma pessoa melhor. Voltei para a terapia, parei de beber, mesmo socialmente — a bebida, a maldita bebida

causou *minha ruína* — e tenho me mantido no controle desde então. Nunca nem dei indícios de que machucaria a ela ou a qualquer outra pessoa.



Então por que Marie me acusa dessa maneira, por que não me ouve, quando ontem, ao tomar a decisão de me abrir, pedi para me deixar explicar tudo primeiro, me ouvir, tentar compreender os fatos com a minha perspectiva e só depois fazer seu julgamento?

Molho o lábio inferior, desviando o meu olhar por um segundo e controlando as batidas loucas do meu coração. Seguro minhas lágrimas para mim, não querendo me mostrar mais vulnerável do que já estou.

Um segundo mais tarde, as palavras de Nicole rodam em minha mente:

"*… vai ser natural uma reação negativa de Marie num primeiro momento. Você precisará dar espaço a ela, ter paciência para que digira tudo o que contar, aguentar o desprezo temporário dela.*"

Então é isto. Nada do que eu diga — ou tente dizer — neste momento fará diferença para ela. Marie precisa de tempo e espaço para processar todas as informações. Não era dessa maneira que deveria ter descoberto meu segredo, mas o que está feito, está feito.

Aliso minhas pernas, num ato de nervosismo, enquanto ela me encara através das suas lágrimas e eu tomo uma decisão difícil: me afasto. Dou dois, três, quatro passos para trás, cortando nosso contato visual e olhando para meus sapatos. Não há mais nada entre nós. Nada além de um vazio e espaço imensos.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto quando ouço a porta do meu escritório bater. Ao erguer o olhar, estou sozinho.

Como nunca estive em uma vida toda.

Minha campainha toca mais à noite, mas tudo que quero é continuar enfurnado no meu escritório, usando o trabalho como uma válvula de escape para esquecer

o desastre que foi o dia de hoje e que, muito provavelmente, perdi a mulher da minha vida, a mulher que amo, para sempre.

Como achei que perderia.

Massageio minha têmpora e ignoro o primeiro toque. Só há duas pessoas nesse mundo que podem subir à minha cobertura sem serem anunciadas: Marie ou Nicole. Duvido muito que seja a primeira opção, e a última coisa que quero nesse momento é encarar minha irmã mais nova. Não no estado em que estou: cabelos desgrenhados, cara de quem chorou e externou toda a raiva por um longo tempo, roupa amassada e semblante cansado.

Mas a menina é irritantemente persistente e continua afundando o dedo no maldito botão. Bufo, abaixo a cabeça e tento ignorar mais uma vez. Um segundo mais tarde, o celular vibra ao meu lado. É uma mensagem dela.

“Emil, sei que está aí dentro. Abra essa porta. Ou vou descer na portaria e dizer que você está passando mal e vão dar um jeito de arrombar.”

Não duvidando de que ela realmente seja capaz disto, deixo meu escritório e a recebo. Nicole olha-me de cima a baixo, sua expressão complacente e compadecida de mim. Minha irmã se joga nos meus braços, apertando-me forte. Antes que eu tenha tempo de compreender sua atitude, sou puxado para dentro e acomodado no sofá, ela logo ao meu lado, olhando-me com seus olhos suaves e sem julgamento.

— Marie… — começa, umedecendo os lábios e falando com cuidado. —

Eu a procurei para saber se tinham conversado… E ela me contou. Sobre você, sobre… Désirée. — Nicole balança a cabeça, provavelmente muito confusa com toda a história.

Sua confusão é natural. Para Nicole — e para a maçante maioria —, Lacroix sofreu um acidente doméstico e nós nunca tivemos uma relação além da amizade. Então minha *petite soeur* me olha de um jeito diferente, um jeito que não sei explicar, mas não é o modo habitual que me olha: com amor, carinho e admiração. Meu peito dói. Ela vai me desprezar da mesma maneira que Marie fez sem nem mesmo me ouvir?

— Vim ouvir o que tem a dizer a respeito disso — diz, para minha surpresa. Um

alívio toma meu corpo dos pés à cabeça.

Inspiro fundo e, olhando para minha irmã, começo a contar tudo desde o início.



Onze anos antes

Meu relacionamento entrou em ruína e eu realmente não soube mais o que fazer para consertá-lo. Désirée se negou a acreditar que eu disse aquelas palavras apenas da boca para fora. Ela é uma pessoa boa, mas guarda rancor com muita facilidade. Nada do que eu disse ou fiz mudou sua ideia de que não a amo de verdade. Para piorar a situação, ela me traiu. Não vi, não descobri, ninguém me contou. Exceto por ela mesma.

— Dormi com alguém que não se importa só com meu dinheiro — disse cinco dias depois da visita desagradável da minha mãe.

Fiquei possesso e fora de mim. Saí de casa, bebi até quase não parar em pé. Alcoolizado, com raiva e entristecido, fiz o que qualquer homem faria no meu lugar: sexo por vingança. Não me lembro dos detalhes, pois sou péssimo para conciliar bebida e memória, mas me recordo muito bem da cara de Désirée no dia seguinte, quando me viu nu na nossa cama com Marjorie. Também me recordo de como ela ficou enraivecida e expulsou minha ex-noiva aos berros e aos prantos. Uma postura tresloucada que confesso nunca ter presenciado nela. A mulher me fez de saco de pancadas, descontando toda sua raiva em mim, e na hora eu pensei que não tinha moral nenhuma para me odiar naquele momento.

Ela também tinha me traído, não tinha? Mas durante nossa discussão, descobrimos que minha mãe nos manipulou.

Dias antes, eu tinha ido a um almoço em uma das organizações que Désirée e eu mantínhamos. Marjorie estava lá. Ela me disse que tinha sido convidada por um dos patrocinadores com quem estava tendo um caso, mas nunca me interessei em confirmar a informação. Nós conversamos rapidamente durante um dado momento, não mais do que cinco minutos. Entretanto, nesse pequeno intervalo, ela se aproveitou para me prejudicar. Segurou minha mão —

como se estivéssemos caminhando juntos — e me deu um beijo na boca.

Na manhã seguinte, Désirée recebeu uma série de fotos desses malditos

cinco minutos. Foi o suficiente para ela achar que eu estava mesmo apenas interessado em seu dinheiro, de que eu voltaria para Marjorie e que estava a traindo. Como se pode notar, nem só os homens fazem sexo por vingança. Ela me traiu achando que eu a tinha traído primeiro, e eu a traí achando que ela tinha me traído. O que a falta de comunicação entre um casal não faz.

Apesar de termos descoberto e esclarecido tudo entre nós e de, dias depois, em comum acordo, termos decidido reatar, não voltamos de fato a ser o mesmo casal. Passei a beber com mais frequência, afogando as mágoas e buscando algum alívio. Meu relacionamento com ela era tão intenso, tão bonito… e foi destruído pela megera sem coração que me pôs no mundo. E eu deixei, mesmo dizendo a Désirée que jamais deixaria minha mãe interferir em nosso namoro. Eu falhei. Quebrei minha promessa. Não fui capaz de uma coisa tão banal: manter Elizabeth longe de nós.

A bebida era a única que me fazia esquecer dos problemas. E de tudo o que eu fazia enquanto estava bêbado. No começo, apesar de estarmos um pouco estranhos um com o outro, Désirée não aprovava minha bebedeira. Pedia-me para não exagerar toda vez que eu saía e sabia que era para beber. Eu lhe dava um sorriso e dizia “tudo bem”. No dia seguinte, acordava no sofá e não sabia de que modo tinha ido parar lá. Passamos a brigar por muito pouco e com bastante frequência. Quanto mais brigávamos, mais eu tinha a necessidade de beber e esquecer a merda que minha vida tinha se transformado. Quando Désirée perdeu o bebê, dei uma maneirada, mas não durou muito e era tarde demais.

Concordamos que não estávamos mais funcionando como casal, alguma coisa tinha se perdido, se apagado… De comum acordo, terminamos, mas ela ainda era minha amiga e tinha sofrido um aborto. Decidi ficar mais um tempo no apartamento e dar o apoio que estava precisando.

Nunca tínhamos falado de filhos, mas a perda do bebê demonstrou que talvez uma criança fosse bem um sonho dela. Aos poucos, ela foi se recuperando. Eu seguia bebendo uma vez ou outra porque não conseguia entender como tudo tinha se ruído tão rápido e porque, em algum nível, ainda a amava demais. Désirée tornou a ficar distante de mim, embora eu estivesse muito dedicado a dar

o apoio que necessitava. Ela mal conversava comigo, passava bastante tempo enfurnada no quarto; quando saía, ia para algum lugar e não me dizia para onde. Eu me preocupei com sua postura, mas não havia muito a fazer se ela não se abria comigo e não contava o que estava acontecendo.

Semanas depois, seu humor melhorou levemente e, na semana do seu aniversário, ela decidiu fazer um jantar. Estava animada com um momento em

que passaríamos juntos, sem brigas, sem mágoas. Conhecia-a o suficiente para saber que poderia estar magoada comigo o quanto fosse, mas que, em datas especiais, engolia toda a mágoa e orgulho e se esforçava para termos um momento bom e agradável. Como sempre, eu estraguei tudo. Vinha me envolvendo com algumas outras garotas, apenas tocando minha vida. Marjorie e mamãe achavam que eu estava a traindo porque não contei que tínhamos terminado. Não, não. Para quê? Para Elizabeth me infernizar com a história de casamento com Chevalier? De forma alguma. Preferi fazê-las pensar que ainda estávamos juntos e que eu era um babaca traidor. Não foi essa imagem que quiseram passar quando armaram para cima de mim?

Então, me esqueci do seu jantar de aniversário. Simplesmente me esqueci porque estava com outra garota. Minha mãe me ligou, desesperada, falando que minha amiga estava no hospital depois de um acidente doméstico. De qualquer maneira, cheguei tarde demais. Os danos eram irreversíveis. Abalado, deixei o hospital e fui para nosso apartamento. Meu coração quase entrou em colapso quando notei a mesa arrumada, o meu lugar delicadamente colocado ao seu lado, com indícios de ter jantado sozinha. No seu aniversário. Eu me senti um idiota.

Um nada. Um trapo de ser humano.

Caí no sofá e chorei na mesma intensidade que chorei com a morte de Thierry. Era tudo culpa minha. Se eu estivesse em casa, se tivesse ido para lá como prometi… nada disso teria acontecido. Mamãe me ligou, disse que precisávamos conversar, estava séria. Eram cinco da tarde, eu só queria ficar sozinho e remoer minhas mágoas, mas acatei. Enquanto a esperava, descobri algumas mensagens de voz e de texto de Désirée.

“Emil, o jantar está quase pronto. Que horas você chega?”

“Vou servir a mesa. Já está chegando?”

“Emilien?”

A última era uma mensagem de voz.

“Acredito que esteja muito ocupado para passar meu aniversário comigo. Tudo bem. Você tem a sua vida. Só gostaria que soubesse que, quando chegar, seja lá quando for, não estarei mais aqui”.

Engoli em seco, o remorso atingindo meu peito outra vez. Ela ia embora.

E eu não teria tirado sua razão.

Mamãe chegou minutos depois. Sua expressão estava mais séria do que o

normal. Carregava alguns papéis em mãos e me pediu para me sentar no sofá.

Então, me contou algo que fez ruir ainda mais o meu mundo.

Eu a agredia. As agressões só aconteciam quando eu estava bêbado, mas eu não me lembrava de nada! Num primeiro momento, não quis acreditar.

Elizabeth, porém, me mostrou as provas. Fotos de hematomas espalhados pelo corpo, principalmente nos braços e pernas. Lembrei-me de que Désirée passou a se vestir de modo mais coberto, às vezes usava óculos escuros o dia todo, dentro de casa, e, quando a questionava sobre isso, dizia sempre que a claridade estava incomodando-a, alegava dor nos olhos, de cabeça, qualquer coisa assim. Eu a aconselhava a procurar um oftalmo, apesar de acreditar que queria apenas esconder olheiras de noites mal dormidas — noites iguais às minhas. Naquele momento, tudo fez sentido. As roupas e os óculos eram para esconder as marcas das agressões. Por isso ela me pedia para não beber muito. Porque sabia que eu ia bater nela.

Mamãe continuou me mostrando: dois boletins de ocorrência, dos quais de alguma maneira Elizabeth conseguiu se livrar, segundo me garantiu. Um procedimento de curetagem, dois dias depois de uma das noites em que eu cheguei bêbado. Naquele instante, eu soube que Désirée perdeu o bebê por minha causa, não por *stress*. Um diagnóstico de depressão e receitas de remédios controlados. Ficou claro onde ia e não me contava: ao psicólogo e ao psiquiatra.

Por conta das agressões. Mamãe também me garantiu que nenhum dos dois

profissionais sabiam da minha identidade.

Mas o que mais me desestruturou foi a revelação final. Désirée tinha tentado suicídio com os medicamentos. Mamãe a encontrou no banheiro, com o frasco do calmante vazio nas mãos, espumando pela boca. Então, sua mensagem de voz fez todo o sentido para mim. *"Só gostaria que soubesse que, quando chegar, seja lá quando for, não estarei mais aqui."* A constatação me deixou em um estado catatônico. Eu acabei com a vida dela e isso me deixou profundamente perturbado por um bom tempo.

Pela primeira vez na vida, Elizabeth fez algo bom por mim: me encobriu.

Qualquer notícia minha vinculada à violência doméstica seria terrível para a empresa e para o renome da família. Mamãe conseguiu limpar os dois boletins de ocorrência contra mim; conseguiu, de alguma maneira, que o relatório final do médico e da polícia constassem acidente doméstico, e não tentativa de suicídio por overdose de medicamentos porque o parceiro dela era um maldito bêbado que a espancava constantemente. O poder do dinheiro e da influência, não é mesmo?



Mas nem todo dinheiro e nem toda influência me tiraram o peso da consciência, o remorso, a culpa e a tristeza que apossaram minha vida nos anos seguintes. Encontrei na filantropia um modo de reverter todo meu arrependimento e o mal que causei à minha melhor amiga em algo bom.

Comprei as ações da empresa dela que a pertenciam (por intermédio de um representante legal e apto, já que ela não tinha mais como consentir qualquer coisa) e reverti todo o lucro para: um, dar-lhe uma vida digna em um local agradável, com exames periódicos, e onde seria bem tratada; dois, em causas que ela apoiava e para custear tratamentos de dependentes químicos.

Mamãe me ajudou a abafar o caso e tirar qualquer suspeita de cima de mim. Dessa maneira, na época, a notícia oficial foi mesmo a de um acidente doméstico. Por anos, fiz de tudo para soterrar essa parte obscura da minha vida.

Guardei todas as provas como um lembrete para jamais perder o controle de novo, porque a última coisa que queria era machucar outra pessoa.

Nunca entendi por que Désirée não me contou sobre as agressões, por que não me confrontou, por que não deu um basta. E não saber disso me ajudou a intensificar a dor da culpa.

Nicole me olha atentamente, lábios levemente separados.

— É isso, Nic. Nunca foi de propósito, eu… jamais teria coragem de bater nela de forma consciente. — Minha garganta está seca, meu coração dói.

Aperto minha mão na dela, buscando sua compreensão.

Mas Nicole se afasta lentamente de mim. Não! Não, não… Ela não pode…

— Desculpe, Emil… — fala com um sussurro, dando passos vagarosos para trás, de encontro à porta. — Mas não acredito nessa versão.

Pisco várias vezes, a dor em meu peito aumentando exponencialmente à medida que ela se afasta.

— Nicole… — suplico, erguendo-me do meu lugar. Não vou suportar o desprezo dela também. Já basta o de Marie.

— *Désolée* — pede, abrindo a porta. — Vai ficar tudo bem. Tenho certeza.

Quando minha irmã vai embora, a solidão me toma e me assola de uma maneira intensa e perturbadora. Fico minutos inteiros parado no mesmo lugar, lágrimas vertendo dos meus olhos, sem acreditar no colapso em que entrou minha vida, sem acreditar que perdi o amor de duas mulheres importantes, a quem eu amo mais do que posso expressar.

Nicole.

Marie.

Não tenho mais ninguém.

E posso culpá-las?

Se Nicole, que é sempre tão boa e otimista, não acreditou na minha versão, estou desiludido de que Marie o faça. Duvido até que me ouça.

Num momento de intenso desespero, tomo uma decisão estúpida. Tranco meu apartamento e escondo a chave. Vou até minha adega e abraço uma garrafa de uísque. Aos poucos vou entornando o líquido que me transforma na pior pessoa do mundo.

O único capaz de me entender nesse momento.



MARIE

CAPÍTULO 33

Tentei me concentrar no trabalho nas semanas seguintes, porque eu realmente não sou mulher de me enfurnar e chorar por causa de homem. Doeu em mim, não vou mentir. O rompimento com Emilien, ter descoberto o segredo dele, tudo o que foi no passado. Depois de deixar a Dupont Investimentos muito abalada com toda a revelação, confesso que, só por duas horas, voltei para meu apartamento, deitei-me em posição fetal e chorei como uma criança que perdeu os pais.

Embora após esse tempo meu coração continuasse doendo, me obriguei a me levantar, tomar um banho quente e voltar para a redação, onde virei a noite fazendo os últimos ajustes necessários no arquivo da minha matéria que Héron e Delphine haviam sugerido. O primeiro dia foi o mais fácil e o mais difícil de todos.

Mais fácil porque, movida por uma mágoa avassaladora e uma dor constante, consegui descontar no trabalho, digitando loucamente no notebook. O

mais difícil porque a dor era imensa, parecia quase infinita, e se forçou contra o meu peito a cada maldito segundo. Então os dias foram passando e ficou cada vez mais complicado me concentrar no trabalho. A falta dos beijos do Emilien,

dos carinhos, da risada dele, dos abraços, do sexo quente, lento e gostoso, de dormir aconchegada em sua cama, de sentir no meio da noite os braços dele contornando-me, ou um beijo casto na minha bochecha, suas pernas enroscadas nas minhas, seu corpo grande suado e grudado ao meu, seu rosto entre minhas coxas… Tudo isso começou a me fazer uma falta inexplicável e dilacerante, cortando meu coração como uma faca afiada sendo cravada lentamente no peito.

Eu não sabia o que doía a mais: toda a falta dele ou o fato de Emil não ser quem eu pensei que era.

Duas semanas se passaram, então ficou impossível de adentrar a redação e não pensar naquele homem. Eu continuava trabalhando para ele, mas não queria ter qualquer vínculo com Dupont. Pedi minha demissão. Precisava me livrar de tudo que me lembrasse ou me vinculasse a ele, mas a única coisa que consegui me desfazer foi do emprego. A cafeteira maravilhosa continua aqui, os grãos de café que comprei mês passado com o vale-compras que me deixou, o painel de vidro com as fotos que mandou… Até o paletó dele, o mesmo que me emprestou meses atrás, no nosso primeiro jantar juntos depois de sua volta. Não consegui me desfazer de nada disso. Passei a ocupar meus dias procurando um novo emprego e lendo o original de Isabelle, que será lançado por uma editora de renome. Estou feliz por ela.

É final de tarde de uma sexta-feira. Estou acompanhada de uma taça de vinho e louca para saber o desfecho de *Sanctus*. Já quero pular no pescoço da minha irmã por ter matado meu personagem favorito. Meu interfone toca e o porteiro me informa de que Nicole Dupont veio para uma visita. Estou bem tentada a dispensar sua vinda. A última vez em que a vi foi no mesmo dia em que descobri o segredo do irmão. Ela veio até mim no início do entardecer para saber se Emil me contou toda a verdade. Então eu contei o que sabia… e ela, sem acreditar, deixou meu apartamento em um estado desvairado.

Mesmo hesitante, permito sua subida. Recebo-a na sala e ofereço café, que

Nicole recusa educadamente, mas aceita um chá gelado.

— Já se passaram três semanas — fala, apoiando sua xícara na perna cruzada. — Procurou pelo Emil?

Suspiro e tomo um gole do meu café, desviando o olhar por um segundo.

— *Non.*…

— Não quer saber o que ele tem a dizer?

Eu, de fato, admiro a bondade de Nicole. Ela tem um coração puro e

sempre tenta enxergar o lado bom das pessoas.

— Escute, Nicole… — sussurro com cuidado para não a magoar. —

Imagino que esteja sendo difícil para você. O Emilien… — Uma pausa pequena, olho-a nos olhos. — Você tem uma imagem muito boa do seu irmão. Ele demonstra ser um cara bacana, é engajado em causas sociais e filantropias. Você tem uma imagem perfeita dele… E ele ter machucado a Désirée destrói toda essa… personificação positiva que criou. Compreendo. Mas precisa aceitar o fato que…

Nicole me interrompe suavemente:

— Deveria ouvi-lo. Lançar uma perspectiva nova sobre o ocorrido, não se deixar levar apenas pelos documentos que encontrou.

— Você conversou com Emilien? Ouviu a versão dele? — pergunto, embora eu já saiba a resposta.

Desconfio até que ele a convenceu a vir aqui para tentar me induzir a ouvi-lo.

— *Oui* — confirma.

Molho o lábio inferior e aceno em positivo. Por algum motivo, suspeito que o irmão lhe contou alguma mentira.

— Suponho que tenha acreditado nesta versão.

— Na verdade, não.

Sua resposta me pega de surpresa e me deixa confusa, o que fica bastante claro na expressão do meu rosto.

— Me deixa ver se eu entendi. Você sabe que o Emilien contou uma versão mentirosa e mesmo assim quer que eu vá até ele e o escute?

Um pequeno sorriso desponta nela por cima da borda da sua xícara.

— Não disse que ele mentiu, Marie. Disse que não acreditei na versão dele. São duas coisas bem diferentes.

Sua resposta continua não fazendo sentido para mim. Desisto de tentar entendê-la de qualquer maneira e suspiro, convicta na minha decisão de não o ouvir. Mas essa menina deve ter algum dom de persuasão porque facilmente consegue me convencer:

— Eu disse ao Emil, quando estava o encorajando a contar a verdade, de



que deveria te dar tempo e espaço, porque provavelmente ia precisar. E você também garantiu que o ouviria, não foi, Marie?

Engulo em seco e corto nosso contato visual por um mísero segundo. Ela tem razão. Eu descobri da pior forma possível o segredo dele, mas Emilien decidiu se abrir. Não sei exatamente se ia ser sincero, mas conto que sim. E eu prometi ouvi-lo.

Com um suspiro agoniado, digo:

— Você venceu. Vou procurar seu irmão.

Emil parece cansado. Seus cabelos pretos estão bastante desalinhados, a barba desleixada e grande, o que o deixa com aspecto mais velho e — puta merda — mais sexy e viril. Apesar da aparência horrível, ele ainda se veste bem.

Usa um terno preto com gravata cinza, meio desengonçada, é verdade, tirando só um pouquinho da elegância dele. Seus olhos azuis têm algo de surpresa e felicidade ao me ver.

— *Salut.*… — cumprimento-o, meio sem jeito.

Ele sorri um pouquinho.

— *Salut.*… Entre. — E me dá espaço.

Acomodo-me em seu sofá e agradeço o café que ele vem me trazer minutos depois. O desgraçado sabe que adoro o café dele.

— Você só está aqui por causa da Nicole, não é?

Dou uma risadinha encabulada e aceno em positivo.

— Ela te convenceu a se abrir e me convenceu a vir te ouvir. — Um instante de silêncio paira sobre nós. — Mas não teria vindo se não quisesse.

Então… estou aqui por vontade própria.

Emilien me dá um sorriso frio e beberica seu café. Ele sabe para o que

vim, por isso apenas o espero tomar a coragem de que precisa para contar a sua versão. Leva um ou dois minutos até começar a me dizer. Tudo. Desde o início.

A morte de Thierry. A falência da Dupont. Ter emprestado dinheiro de Désirée, se apaixonado por ela, a relação deles, de como a amava e como tudo ruiu quando Elizabeth começou a infernizá-lo. Conta-me coisas que já sei, como as armações da mãe que levaram um a trair o outro. O declínio da sua relação, o conforto no álcool. As pontas do seu passado são finalmente aparadas. Aí ele começa a parte mais difícil. A parte em que me conta sobre as agressões e alega que não se recordava por causa da bebida. Tudo foi encobertado pela mãe que, pela influência de nome e dinheiro, conseguiu eliminar todas as evidências de violência doméstica e tentativa de suicídio, que ocasionou as sequelas que a levaram para a casa de repouso.

No final do seu relato, preciso de um tempo para processar tanta informação. Ele me conta cada instante com comoção na voz, os olhos marejados, como se me

suplicasse para acreditar. Nicole diz que não acreditou.

Mas há tanta sinceridade em seu tom, como pôde não dar créditos à sua versão?

— Acredita em mim? — Sua pergunta me traz de volta ao mundo real.

Dispersei-me e sequer notei. Quando faço contato visual de novo, vejo desespero e suplício, como se ele fosse extremamente dependente da minha resposta positiva. — Tem que acreditar em mim…

— Sua irmã…

Emilien me interrompe:

— Nicole não acredita. O que me deixa muito confuso porque… ela te incentivou a vir conversar comigo.

Uma lágrima teimosa se forma no meu olho e a seguro com toda a força que é exigida de mim. Outros eternos segundos se passam antes de eu dizer:

— Acredito em você, Emilien. — Lágrimas se misturam ao sorriso fúnebre dele a essas minhas palavras. — Mas nós… — Faço uma objeção cuidadosa. — Nós não podemos…

— Por quê? — pergunta, esganiçado. — Disse que acredita em mim!

Marie… *Je jure!* Jamais te machucaria de propósito e consciente. Jamais machucaria qualquer *mulher* de propósito e consciente… *S'il te plaît…*

— Eu sei… Mas confesso que tenho medo. Medo de uma recaída sua, medo de velhos hábitos, medo de você perder o controle. Medo de me machucar,



mesmo inconscientemente disso.

Ele balança a cabeça negativamente com toda força, mais gotas vertendo dos

seus olhos e molhando seu rosto. Nós não terminamos propriamente dizendo. Mas agora… é nosso fim. *O fim de verdade*.

— Não perco o controle há anos, Marie. Não passo dos limites com a bebida, faço minha terapia toda semana… Não vou sair da linha.

Eu tenho outros medos que não digo de imediato a Emilien. Ele me garante que está no controle, e eu de fato acredito nisso. Passei mais de um ano na cama desse homem, convivendo com ele, e nunca o vi beber além do limite.

Meu medo maior é a mãe dele, que consegue manipulá-lo e atormentá-lo.

Voltarmos a ter uma relação é o mesmo que pedir para sermos infernizados. E se ela for capaz de nos colocar um contra o outro como fez com ele e Désirée? E se conseguir nos destruir? E se por causa disso Emilien… cair em velhos hábitos?

Não posso conviver com o medo e a incerteza. Expresso isso para ele, sinceramente.

— Nós podemos ir embora! — insiste, desesperado. — Nos casamos, mudamos do país. Eu ainda tenho o apartamento em Nova Iorque e…

— Pare — peço, delicadamente. Levanto-me, deixando minha xícara vazia na mesinha de vidro no centro da sala dele. — Não vamos funcionar assim.

Não quero deixar a França, nem Paris. É meu lar.

Ele continua no seu lugar, o olhar cabisbaixo.

— *Au revoir,* Emilien.

Estou encostando a porta do outro lado quando o ouço dizer:

— *Au revoir, mon amour.*

Dois dias depois, acordo às seis da manhã com meu telefone vibrando alto sobre o criado-mudo. Demoro a me localizar. O toque cessa. Dez segundos

mais tarde, o celular volta a tocar. Pego-o e confiro o número no visor. É de Emilien.

— Alô — atendo, sonolenta.

— *Marie?* — A voz é vagamente familiar; ainda estou dormindo o suficiente para não saber de quem se trata, mas não é de Emil. É de uma mulher.

— *Marie, aqui é a Marjorie!* — Marjorie. O ciúme me desperta rapidamente. O

que ela está fazendo com Emil a essas horas da manhã? Passaram a noite juntos?

— *Está me ouvindo?* — praticamente grita, desesperada e, noto agora, em prantos.

Um senso de alerta berra dentro de mim.

— *Oui* — afirmo. Sento-me na cama, atenta e completamente desperta.

— O que houve?

Um ruído toma conta da linha. Dura meio segundo, mas é longo como a eternidade.

— *É o Emil…* — Sua voz continua angustiada, deixando-me ainda mais em alerta. — *Marie…* — Meu coração bate nos ouvidos. Marjorie chora. —

Acho que o Emilien cometeu suicídio!



EMILIEN

CAPÍTULO 34

— Dupont? — alguém me chama, puxando-me de volta ao mundo real.

Estou em uma das salas de reunião na Dupont Investimentos, na presença de diversos acionistas e novos investidores. A verdade é que há dias não estou com cabeça para o trabalho, por mais que eu tente me focar. Odeio essa situação.

Odeio que minha vida pessoal interfira nos meus negócios, mas como ignorar a crescente aflição em meu peito? Como ignorar a falta extrema que Marie faz na minha vida? Acima de tudo, como suportar que, mesmo sabendo o que de fato aconteceu, ela continua me evitando?

Acho que preciso de uns dias de folga. Não durmo direito há semanas —

muitas noites insones se apossaram de mim — e o cansaço está cobrando seu preço nesse momento. Preciso me permitir sentir a dor, a distância dela. Tentar sufocar o sentimento e ignorá-lo usando o trabalho como via para isso não está me fazendo bem. Nem para minha mente nem para meu físico.

— *Désolé* — desculpo-me. — Não estou me sentindo muito bem. Se

importam se continuarem a reunião sem mim por alguns minutos? — pergunto, já me levantando. Não espero por uma resposta unânime e me retiro.

Caminho pelos corredores, meio perdido e disperso. Quero ir para casa.

Preciso ir para casa. Esse ambiente tem me sufocado mais do que o normal…

Mas não posso. Vou me ausentar somente o suficiente para respirar com tranquilidade, dar uma espairecida e me obrigar a concentrar-me na maldita reunião. Desço de elevador os vinte andares até o saguão, contando os segundos mentalmente, olhando para os sapatos marrons em meus pés. Quando as portas se abrem, ela expressa surpresa por me encontrar.

— Emilien… — exclama. — Era você mesmo quem eu queria ver.

Deixo o elevador, meio desgostoso por esse encontro.

— Estou ocupado agora, Marjorie — respondo, passando por ela e caminhando para fora do prédio. Preciso de ar.

A mulher vem em meu encalço, parecendo decidida a termos essa conversa. Ela segura no meu punho e me faz girar em sua direção.

— Eu sei. Liguei no seu telefone, mas você não atendeu. Por isso vim aqui. Não precisa ser agora. Podemos nos ver quando cumprir toda a sua agenda.

Nunca desejei tanto ter compromissos até onze da noite como estou desejando nesse instante. Solto-me delicadamente da sua pegada.

— Não sei se temos o que conversar. — Talvez tenhamos. Ela provavelmente descobriu que coloquei alguém para espioná-la e agora está furiosa. De qualquer maneira, não descobri nada relevante, até porque suspendi as investigações quando decidi ser franco com Marie.

Ela me olha contrariada, mas então suaviza, como se achasse razoável minha indiferença.

— É um assunto que te interessa também. Por favor, Emilien.

Não sei por qual motivo, mas acabo concordando, talvez apenas para que ela me deixe em paz neste momento. Combinamos de nos vermos no meu apartamento, às nove da noite, ainda hoje.

Tomo o ar que preciso por longos minutos, sentado em um canto afastado do edifício, e retorno para a sala de reunião. Antes de o dia acabar, talvez eu precise de uma consulta extra com Maurice.

Estou morrendo por dentro.



— O cheiro está ótimo — Marjorie elogia ao adentrar minha cobertura.

Consigo apenas lhe dar um sorriso fúnebre. Volto para a cozinha e coloco sobre o balcão o *réchaud* com o *fondue* de queijo já pronto e os acompanhamentos: pão italiano e filet mignon em cubinhos, tomate-cereja, champignons e fatias de bacon, duas taças e uma garrafa de vinho.

Ela se senta do lado de fora do balcão, enquanto eu me acomodo na parte oposta, de frente. Marjorie deixa sua bolsa no chão e inspira fundo o aroma do queijo derretido no *réchaud.*

— Sabe que *fondue* de queijo é uma das minhas preferências no mundo todo, não sabe?

Dou de ombros, nos sirvo com o vinho, finco um pedaço de pão no garfo e mergulho no queijo.

— Eu sei.

Marjorie faz o mesmo, preferindo começar pelo filé em cubos. Depois de mastigar e engolir, diz:

— Elizabeth me contou que você e Marie romperam. Ela soube sobre tudo, não é?

Meu maxilar se aperta com mais força do que posso prever. É claro que minha mãe correria contar para Marjorie. Um dia depois de Marie descobrir, *maman* começou a me atormentar, mas não me deixou surpreso. Surpreso ficaria se Elizabeth *não* tivesse me procurado para me atazanar. Em pouco mais de três semanas, já me procurou três vezes (e três vezes nós discutimos), cobrando-me um casamento, herdeiros, a mesma porra de ladainha de sempre. Claro que me casar e ter filhos precisa ser com Marjorie, a única mulher que ela aceita na minha vida.

Ela que se case com Marjorie, já que a venera tanto!

Muito por isso estou esse trapo: cabelos desalinhados, barba malfeita, semblante abatido. Estou horrível. A distância da mulher que amo e a pressão da minha mãe são os responsáveis por isso. Só agora me dou conta de que não é do trabalho que preciso me distanciar por uns dias. Preciso de férias de minha mãe também. De preferência por umas cinco décadas. Pensando nisso, decido que vou me afastar de novo. Vou bloquear suas ligações, proibir suas visitas, ignorá-

la na empresa…

— É — respondo enfim, bastante desgostoso. — Decidi ser sincero, mas ela descobriu tudo antes. Não reagiu muito bem.

— Imagino que não — sussurra, mergulhando uma bolinha de tomate.

— Nem quando me expliquei — acrescento.

Marjorie ergue o olhar para mim, meio confusa. Dou uma risadinha, porque ela também não tem conhecimento dessa parte.

— Nunca fui agressivo com Désirée de propósito — explico. Tenho essa necessidade. Marjorie acha que causei um mal irreversível na minha amiga de forma intencional, assim como provavelmente Antony achava o mesmo. — Eu sequer me recordava de ter batido nela, por causa da bebida. Se eu soubesse…

— Mas ela nunca…?

— Não. Nunca me disse nada. É algo que jamais vou compreender. —

Suspiro. Tomo uma dose do meu vinho e imerjo uma fatia de bacon no queijo.

— O que quer falar comigo? — pergunto, por fim. É hora de irmos direto ao ponto.

Ela fica um instante em silêncio, brincando com um pedaço de pão dentro do *réchaud*.

— É sobre sua mãe. Nós dois deveríamos falar com ela.

— Sobre o quê?

Marjorie emerge o pedaço de pão e o come, tomando um gole de vinho em seguida e limpando os lábios com um pedaço de guardanapo.

— Sobre a obsessão dela em nos casar.

Uma risadinha meio sarcástica escapa de mim. Marjorie reclamando disto?

— Você sempre foi condizente com essa obsessão da minha mãe. O que

está te fazendo mudar de ideia?

— Tem razão. Nesses anos todos, nunca a adverti sobre querer nos juntar de todas as maneiras, mesmo quando está bastante claro que não sentimos mais nada um pelo outro. Pode não acreditar, Emil, mas eu superei você. A verdade é que eu gostava de vê-la te atormentando com isso.

— Por quê? — questiono, indignado.

— Porque achava justo. — Marjorie baixa os olhos, parecendo meio envergonhada. — Por ter me trocado pela Désirée. Eu amei você, de verdade. A um mês de nos casarmos, você simplesmente terminou comigo após beijá-la.

Menos de três anos mais tarde, descobri que estavam juntos desde um pouco depois do enterro do seu pai. — Seus olhos se erguem para mim. — Fiquei com tanta raiva, tão enciumada, tão triste… — Balança a cabeça, como se para afastar algumas lágrimas. — Me disse que não tinha cabeça para o nosso casamento, mas… teve cabeça para ela.

Silêncio paira sobre nós por longos segundos. Marjorie nunca me falou nada dessas coisas e de como se sentiu após nosso rompimento. E eu também nunca fui atencioso o bastante para perguntar. Só agora me dou conta de que ela tinha mesmo sentimentos por mim, que eu simplesmente ignorei quando rompi nosso relacionamento. Sou um idiota.

— Levou algum tempo — Marjorie continua —, mas superei você.

Nesse interim, gostava de ver sua mãe espantar suas namoradas, te infernizar sobre se casar comigo, gostava de ver você sozinho porque não podia arranjar alguém pois sabia como Elizabeth ia arruinar tudo. Era errado, sei disso. Mas me dava alguma satisfação… me sentia vingada, sabe? Você quebrou meu coração, então… parecia justo. E de qualquer maneira, sabia que, por mais que ela te atormentasse, você não daria o braço a torcer. Por isso, relevava.

Balanço a cabeça em positivo, compreendendo-a em algum nível.

— Porém, a vida segue, Emilien. Já tem algum tempo que disse à sua mãe para esquecer o assunto e parar de tentar nos juntar porque já não sinto mais nada por você. No começo, claro, ela relutou muito, tentou argumentar, mas acatou depois que você foi embora e eu também não me estabelecia em Paris por causa das

turnês com Silvia. Mas há três semanas… desde que ela descobriu seu rompimento com Marie… Elizabeth tornou a me atormentar, a me dizer para te procurar e “te consolar”.

Rio de nervoso. Isso é muito a minha mãe, meu Deus do céu. Eu não

tinha ideia de que Elizabeth a atormentava. Para mim, Marjorie não se importava e, inclusive, compactuava com as ideias dela.

— Eu conheci um cara, Emil… — revela, enrubescendo de uma maneira que vi poucas vezes. Seu olhar está para baixo, a taça de vinho pela metade na mão direita. — É um bom rapaz. Bonito, charmoso, muito educado. Mas… não pertence à minha realidade.

— Está querendo dizer que ele é pobre?

Com um sorriso encabulado, ela afirma.

— Sim. Trabalha com meu pai.

Entendo o que “trabalha com meu pai” significa.

— Estão tendo um caso proibido?

— É — confirma, com uma risadinha sem graça. — E ele é mais novo do que eu.

— Qual a idade dele? — Pego-me curioso.

— Vinte e oito.

Marjorie tem trinta e cinco, a mesma idade que eu. Isso a faz ser sete anos mais velha do que ele. Não é uma diferença muito grande.

— O caso é que — continua seu relato — eu gosto dele. E ontem saímos para jantar. Adrien… me levou a um bom restaurante e deixou todas as economias dele lá. — Marjorie fala de um modo de quem realmente ficou encantada com o gesto. — No caminho de volta, sua mãe estava no meu edifício, me esperando. Emilien… ela foi tão inconveniente. Falou de você, do nosso

“casamento”, que era hora de eu parar de brincar com a ralé e ficar com alguém à minha altura.

— Marjorie… Sinto muito.

— Tudo bem. Mas precisamos falar com Elizabeth, nós dois, Emil, e dar um fim nisso.

Balanço a cabeça em positivo, concordando. Nunca pensei que eu e ela nos uniríamos para contrariar minha mãe. Talvez agora, se Marjorie se impor e disser que também não quer se casar comigo, *maman* pare de nos atormentar com essa ideia.

— Vamos falar com ela amanhã.

Marjorie sorri em agradecimento e toma mais do seu vinho. Ficamos em silêncio por algum tempo, mergulhando os acompanhamentos no queijo derretido e comendo. É ela quem se pronuncia depois de longos segundos:

— Quando incentivei a Marie a descobrir seu segredo, não fiz por mal.

— Ergo meu olhar ao seu, não entendendo a abordagem. — Não sabia sobre o detalhe dos esquecimentos, só de que você bebia e a agredia nessas ocasiões. Foi o que Antony me disse. No final, você estava certo. Ele não me contou a história toda. — Dá-me um sorriso pequeno e continua: — Achei justo que ela soubesse.

Emilien, o que você foi, o que fez… é algo grave demais, entende? Marie precisava saber. No lugar dela, eu ia querer saber.

Reflito por alguns segundos, meneando levemente a cabeça.

— Tem razão até certo ponto. Mas não deveria ter interferido na minha relação dessa maneira — critico-a. — Foi inadmissível ter se intrometido, tê-la incentivado a revirar minha privacidade, dando a impressão de que queria abalar nosso namoro.

— *Je suis désolée* — desculpa-se, e sinto uma forte sinceridade nela, mas não insiste no assunto, nem tenta se justificar. Talvez porque saiba que sua postura foi muito errada e inadequada. — Torço para que se entendam.

Neste instante, meu coração dói. Tenho minhas dúvidas de que Marie um dia reconsidere e volte para mim. A tristeza me ronda, tomando meu ser e sufocando-me. Não há mais dúvidas de que amo aquela mulher com tudo que sou. O amor dela foi minha maior alegria; sua distância e desprezo, meu pior pesadelo.

Marjorie toca na minha mão e me oferece um pequeno sorriso de consolo, como se quisesse me dizer que tudo ficará bem. Uma hora, tudo ficará bem. Ela fica animada de repente, talvez para me alegrar e me tirar da fossa em que me encontro, e invade minha cozinha, dizendo que vai preparar *fondue* de chocolate e cappuccinos. Não me oponho. Houve uma época em que, por mais que fosse apaixonada por mim, mantínhamos uma boa amizade.

Ela relembra os velhos tempos. Se seu propósito era me animar um pouco, conseguiu. Permito-me ter um momento de descontração, esquecendo-me das dores, das mágoas e tristezas arraigadas na parte mais profunda do meu coração. Conversamos, rimos, comemos e nos entupimos de cafeína. O tempo no meu apartamento passa sem que o sintamos. Ao nos dar conta das horas, são quase duas da manhã.



— Está tarde para ir embora — falo, colocando a louça suja na pia. —

Tenho um quarto de hóspedes vazio. Passe a noite aqui.

Ela se despede e me deseja boa-noite. Permaneço mais algum tempo na sala, sentado no sofá, melancólico, pensando em Marie e em como a saudade dela tem apertado meu peito. Deus, ela faz tanta falta na minha vida. Tornei-me tão dependente dela, do seu amor, dos beijos, dos abraços, do sorriso… de como geme meu nome quando estou dentro dela, de como gosta do meu café e da alegria que apossa seus olhos com uma simples xícara que eu preparo. Merda.

Sinto falta de moer os grãos para ela, sinto falta dela na minha cama, embolada nos lençóis, de vê-la levantar cedo, beber dois copos de água e sair para ir à redação. Sinto falta dos detalhes mais insignificantes da nossa efêmera relação.

Vou para o quarto, tomo um banho e tento dormir. Mais cedo, estava cansado, exausto, querendo tirar uns dias de folga, mas agora, no meio da noite, estou completamente desperto, insone porque não consigo esquecê-la e porque me atormenta a perspectiva de um futuro sem Marie. A insônia se deve, muito provavelmente também, às xícaras entupidas de cafeína.

O psiquiatra que Maurice recomendou me prescreveu um remédio para dormir, que, confesso, nas últimas noites não tem cumprido seu propósito. Mas preciso descansar, repor as energias, dormir uma boa noite de sono. São quase seis da manhã e ainda não preguei os olhos. Maldita insônia. Decidido, vou até o banheiro e seleciono uma dose maior do que me está prescrito, juntamente com alguns comprimidos para dor de cabeça e estômago. Jogo tudo na boca e volto para meu quarto numa última esperança desses remédios fazerem efeito para que eu consiga ter meu descanso merecido.

Acordo sentindo-me desorientado, minha boca amarga. Uma mão quente repousa sobre meu punho. Com alguma dificuldade, viro-me para o lado e vejo uma mulher vestida de jaleco branco, cabelos pretos, amarrados em um rabo de cavalo, subindo vagarosamente a manga da minha vestimenta.

Ela me vê acordado e sorri, medindo minha pressão. Tento perguntar

onde estou, mas minha voz sai muito fraca. Não me lembro de muita coisa.

Apenas que não conseguia dormir e tomei alguns comprimidos. Certo. Muitos comprimidos, isso apenas porque os receitados não estavam mais fazendo nenhum efeito.

Um minuto mais tarde, outra mulher adentra o recinto.

— *Bonjour*… — Confere meu nome em uma prancheta. — *Monsieur* Emilien Dupont. Como está se sentindo?

Coço os olhos e suspiro. Demoro a responder porque ainda estou me localizando, mas logo entendo onde estou. Como diabos vim parar no hospital?

— O que houve comigo? — pergunto, o amargo ainda no meu paladar da mesma forma que minha voz continua fraca e rouca.

— Overdose por medicamento.

A informação me deixa transtornado.

— Sua sorte é que sua amiga, a senhorita Chevalier, te encontrou a tempo. Te desintoxicamos e os exames apontam que não há sequelas. Mas preciso saber de você, Dupont. Como se sente?

Desvio o olhar por um segundo, não conseguindo não me recordar de Désirée. Ela sofreu o mesmo, a diferença é que foi proposital e eu não estava lá para socorrê-la. Não chegou a óbito, mas os danos no cérebro dela foram irreversíveis, comprometendo sua fala e sistema motor.

Por fim, respondo às perguntas da médica, que quer ter certeza de que não ficarei com sequelas da minha estupidez.

— Eu ia te encaminhar para a psiquiatria, mas sua amiga me informou de que você já se consulta.

Tomo um pouco de água que a enfermeira me trouxe.

— Sim. — Um instante depois, compreendo sua sugestão. — Não tentei suicídio. Foi apenas…negligência da minha parte. Estava com insônia, a dose receitada não surtia mais efeito, eu…

— … se automedicou — a doutora completa por mim, dando-me um sermão em seguida.

Ela ainda está me falando sobre os riscos da automedicação quando a porta do meu quarto se abre em um supetão, trazendo para dentro minha mãe em

um estado desesperado, enquanto Marjorie vem atrás, acompanhada de minha irmã, e tenta impedi-la.

Elizabeth ignora médica e enfermeira e vem diretamente para mim, abraçando-me e soluçando nos meus ombros. Não tenho reação nenhuma por alguns segundos, assimilando essa atitude. Não me lembro da última vez em que ela demonstrou preocupação comigo, preocupação de verdade, não os seus pretextos para me manipular velados de “me preocupo com você”. Ela se afasta, segura meu rosto com as duas mãos. Seus olhos estão vermelhos e marejados.

— Emil… — murmura. Pestanejo seguidas vezes, um nó na garganta.

Minha mãe nunca me chamou de Emil ou qualquer outro apelido carinhoso.

Nunca. — *Mon fils*, por que fez isso?

Olho por cima do seu ombro, para a médica e a enfermeira. Elas entendem meu pedido silencioso, pedem licença e deixam o quarto. Nicole se senta do outro lado da cama, Marjorie se mantém em pé, de frente para mim.

Se Elizabeth não fosse minha mãe, se ela não fosse quem é, eu teria dito a verdade. Mas pela primeira vez, tenho em mãos a oportunidade de manipulá-la, de controlá-la a meu favor, como fez comigo uma porção de vezes por tantos anos.

— Estava cansado… — digo, e, embora o que eu vá contar seja uma mentira, estou, de fato, cansado. — Exausto de viver a minha vida em razão dos seus desejos, mãe. Sua obsessão em me casar com Marjorie, ignorando todos os meus sentimentos, sua perseguição em destruir todos os meus relacionamentos porque não pode aceitar ninguém além da Marjorie. Eu amo a Marie! Só queria viver a minha vida em paz com a mulher que eu amo, mas você não permite.

Simplesmente não vi motivos para continuar vivendo.

O rosto de Elizabeth está em choque. Eu consegui arrancar uma reação dela além da arrogância e do desdém. Nicole me olha com um pequeno sorriso e segura na minha mão. Vira-se para nossa mãe, que ficou cabisbaixa e emudecida de repente.

— *Mère*, você acha que do seu jeito é o que fará bem ao Emilien, mas percebe que ele está infeliz a ponto de tentar contra a própria vida? — Mamãe pisca muitas vezes, lágrimas molhando sua face. Ela me segura firmemente com as duas mãos pelo rosto. — É seu narcisismo, mãe… — Nicole murmura. — O

psicólogo já disse que precisa de acompanhamento. Se quiser parar de ser uma pessoa ruim ao Emil, precisa de acompanhamento. *Maman,* você passou por

muita coisa e viveu uma vida remoendo seus traumas sem saber lidar com eles da forma correta. Isso tudo reflete na sua convivência com Emilien e faz muito mal para ele.

Ela não olha para minha irmã durante esse momento. Sua concentração está toda

em mim, lágrimas vertendo timidamente em seu rosto envelhecido.

— Pode marcar uma consulta com Maurice para mim, *ma fille*? —

indaga, puxando minha mão e acariciando-a suavemente. — Não quero mais ser uma pessoa ruim para meu menino. — Sem que eu espere, Elizabeth me abraça de novo, num ato maternal que pouco teve comigo.

Não sei o que dá em mim, mas retribuo ao seu abraço e me aconchego nela, sentindo seu aroma bom. Cheiro de mãe. Senti tanto a falta disso. Ela se afasta, beija os dois lados da minha bochecha e minha testa e então diz que vai me buscar um par de roupas e itens de higiene pessoal. Quando ela deixa o cômodo, Nicole puxa minha orelha.

— Não nos dê mais esse susto. Emilien… Estava desistindo da sua vida, de tudo…

— Não — interrompo-a suavemente. — Foi uma negligência minha. Me automediquei, exagerei na dose… Não foi intencional, Nic. *Je jure devant Dieu.*

— Então por que disse à mamãe que…?

— Nicole, eu a manipulei. Igual ela fez comigo por uma vida —

confesso, baixando o olhar. — Precisava despertar alguma coisa nela, qualquer sentimento… Dói tanto em mim pensar que ela nunca se importou realmente comigo. Mas hoje eu vi… lá no fundo, ela realmente me ama. Do seu modo mais disfuncional e talvez não tanto quanto qualquer outra mãe amaria seu filho, mas o sentimento está lá. E, apesar de tudo, quero o bem dela. Se mamãe cumprir sua palavra, vai frequentar a terapia e pode ser uma pessoa melhor.

Nicole aperta minha mão e dá um tapinha no meu ombro. Não me orgulho de ter manipulado Elizabeth daquela maneira, mas estou fazendo o que de fato é o melhor para nós. E minha tentativa não é nenhum pretexto narcisista.

— Fiquei tão assustada… — Marjorie se aproxima lentamente, sentando-se no outro lado da minha cama. — Te encontrei espumando pela boca, entrei em desespero. Achei… que tinha tentado suicídio.

— Desculpe o susto — peço, abrindo um leve sorriso. — O que foi fazer no meu

quarto para me encontrar?



— Não consegui dormir durante a noite toda. Bebi café demais. — Dou uma risadinha. — Decidi ir embora e passei para ver se estava acordado e me despedir.

Uma batida na porta interrompe nosso momento. Marie surge à porta, a expressão é um misto de euforia e desespero. Ela vem em minha direção na mesma hora. Marjorie dá espaço para ela, que me toma em seus braços calorosos. Fecho os olhos, deslizo meu nariz pelo seu pescoço e o afundo em seus cachos macios. Cheiram a chocolate.

— Finalmente me deixaram entrar para te ver. Como se sente? —

pergunta, acariciando meu rosto.

— Estou bem. Desculpe o susto, *chérie*.

Ela sorri candentemente e beija meu rosto.

— Importante é que você está bem. — Ela olha para Marjorie. —

Obrigada por me avisar.

Chevalier não responde, apenas abre um leve sorriso e move a cabeça uma vez.

— Emil, por quê…?

Pela terceira vez, explico a confusão. Ela parece mais aliviada em saber que não tentei suicídio, mas me chama a atenção do mesmo modo que a médica fez. Nicole e Marjorie nos deixam a sós algum tempo depois. Marie fica do meu lado, acariciando minha mão sobre seu colo.

Permanecemos em silêncio por muito tempo, mas não é nada constrangedor. É confortável, na verdade. O fato de ela estar aqui me deixa estranhamente feliz.

Ela acaricia meu cabelo e, quebrando o gelo entre nós, começa a me contar sobre *Sanctus*, a história que Isabelle escreveu. Vou sendo embalado pela sua voz suave e pelo seu carinho no meu cabelo. Não sei qual o desfecho da trama porque caio no sono.

Confesso que me deixa surpreso quando encontro mamãe e Nicole no consultório de Maurice para uma consulta. O terapeuta aconselhou que fizéssemos uma sessão juntos para trabalharmos nossas diferenças. Juro, achei que ela não viria.

Na presença do psicólogo — nós três —, ele faz algumas perguntas à mamãe, um procedimento padrão que bem conheço. Elizabeth é a primeira a falar durante a sessão, ainda negando seu narcisismo. Minutos depois, o terapeuta nos faz interagir. Exponho todos os meus sentimentos, como nunca pude expor antes porque ela nunca me ouvia. *Maman* tentou de todas as formas justificar suas ações. Maurice apenas ouviu e uma vez ou outra interviu para nos acalmar.

— Bem — ele diz, quando termino minha vez. — Emilien já disse tudo o que tinha para dizer, foi sincero em seus sentimentos. Sua vez, Elizabeth, de dizer o que sente ao seu filho, ser sincera.

Mamãe me olha por longos segundos, um olhar hesitante.

— Mãe — Nicole, que está acompanhando a sessão, chama-a suavemente. Mamãe olha para ela, quase de um jeito suplicante. — Conte a verdade ao Emil. — Fico atento a essas palavras, sem entender do que minha irmã está falando. O que Elizabeth teria para me contar? O que Nicole sabe, mas eu não? — Precisa dizer a verdade ao Emilien, *mère*.

Lentamente ela se vira para mim, lágrimas tímidas pingando dos seus olhos. Um segundo de tensão paira sobre nós antes de mamãe proferir:

— Você nunca agrediu a Désirée, *mon fils*. — Assimilo suas palavras sem conseguir compreendê-las. — Eu te manipulei, fiz você acreditar de que a machucava quando estava bêbado. Aproveitei-me da sua falta de memória em relação à bebida e do silêncio forçado de Lacroix e… te levei a acreditar em algo que nunca aconteceu.

Levanto-me do meu lugar, atordoado com a *confissão*. Balanço a cabeça fortemente, confuso. Meu coração está acelerado, minhas têmporas doem.

— Mãe, do que está falando…?

Elizabeth também se levanta e me segura pelas mãos.

— Quis te punir por ter desfeito o casamento com Marjorie para ficar com Désirée. — O rosto dela está marcado por uma expressão de arrependimento que nunca vi na minha vida. — Depois que descobri que

estavam juntos, dei o meu jeito de saber tudo sobre aquela menina. Estava louca para encontrar qualquer coisa que pudesse te colocar contra ela. Vasculhei a vida de Lacroix até quase virá-la do avesso. Semanas antes de ela ir parar no hospital, descobri algumas coisas…

Afasto-me com um passo atrás, zonzo.

— Isso não faz sentido. E os hematomas? Boletins de ocorrências, diagnóstico de depressão, o aborto, exame de corpo de delito… Está claro que eu causei isso tudo e…

Mamãe me segura pelas mãos de novo.

— *Non*, *chéri*. Os boletins e o exame de corpo de delito eram falsos… Eu os consegui apenas para sustentar minha farsa. Os hematomas eram reais, mas…

Désirée foi diagnosticada com púrpura, uma doença rara que surge repentinamente. Um dos sintomas são as manchas roxas pelo corpo, podem surgir tanto de repente como causados por leves colisões. Ela descobriu cedo e estava fazendo tratamento para curá-la. Ela não te contou nada porque… não estavam muito bem. Por minha causa.

Nego-me a acreditar. Balanço a cabeça com mais força, quase não sentindo meu rosto umedecendo pelas lágrimas. Não, não. Mamãe não foi capaz de me manipular nessa escala.

— O aborto foi espontâneo, algo comum no primeiro trimestre da gravidez. Não foi sua culpa. O diagnóstico de depressão… era verdadeiro, mas nada tinha a ver com suas supostas agressões. Ela te amava, Emilien, e o declínio do relacionamento de vocês, a minha insistência em atormentá-los, as traições, a distância um do outro que vocês estavam vivenciando, a perda do bebê… — Elizabeth faz uma pausa longa e chora por alguns instantes. — Foi o que a

deixou com indícios de depressão.

— E a tentativa de suicídio? Ela se entupiu de remédios e…

— *Non, chéri.* Foi de fato um acidente. Ela escorregou no banheiro e bateu a nuca. Fui até a casa de vocês para te ver, o porteiro proibiu minha subida, mas eu o subornei e consegui uma cópia da sua chave. Encontrei a Désirée no banheiro, caída perto da banheira. Não havia frasco nenhum de remédio na mão dela. Inventei isso para… — Ela não termina, não é necessário. Compreendo perfeitamente suas intenções.

Distancio-me da minha mãe, como se tivesse levado um choque. Olho-a

com desdém, sentindo-me enojado. Deus, ela mentiu para mim! Mais do que isso, me fez carregar a dor dilacerante de uma culpa que nunca me pertenceu.

Tudo passa a fazer sentido. A facilidade com que "encobriu" as evidências contra mim, a facilidade com que comprou o silêncio de quem tenha sido necessário para não sujar o sobrenome Dupont com um escândalo de violência doméstica, a facilidade que encontrou para que a informação oficial acerca da hospitalização de Désirée fosse acidente doméstico, e não tentativa de suicídio.

Foi fácil para Elizabeth porque não precisou fazer nada disto. Só precisou me enganar, me fazer pensar que era culpa minha, que eu tinha machucado minha namorada. Ela me manipulou, como sempre. Aproveitou-se da falta de comunicação entre nós, da minha amnésia pós-bebedeira, das circunstâncias que poderiam ser facilmente manipuladas a seu favor e contra mim, das sequelas do acidente de Lacroix que a impediam de desmenti-la, do estado catatônico em que fiquei quando recebi a notícia, o que facilitou com que jogasse a culpa sobre meus ombros. Fiquei tão aterrorizado com tudo que aconteceu que aceitei a versão dela, sem nem mesmo questionar.

— Por quê? — É tudo o que eu pergunto, aos prantos.

— Punição. — É tudo o que ela responde, chorando.

Elizabeth sempre foi mestre em me punir quando a contrariava. Nem sei por que me surpreendo. Fico meio letárgico depois dessa confissão, não sabendo o que sentir, o que pensar. Por um lado, tem o alívio de saber que nunca bati em Désirée, que não causei seu aborto, nem sua depressão, nem mesmo sua suposta

tentativa de suicídio. Por outro lado, tem o sentimento de raiva, de ter sido enganado, de ter carregado por tanto tempo uma dor e um remorso que não eram meus.

— Emilien, me desculpe — mamãe pede, secando as lágrimas.

Ignoro-a e olho para Nicole.

— Quando disse que não acreditava na sua versão dos fatos, não achei que estava mentindo. Só achei a história mal contada. Fui atrás da verdade, Emil, porque me negava a acreditar que, mesmo bêbado e sem intenção, machucava a Désirée. Procurei pelo histórico médico dela, fui às delegacias, conversei com o terapeuta dela… Pressionei a mamãe a contar a verdade depois da sua…

tentativa de suicídio. — Minha irmã revira sua bolsa e retira uma pasta de lá de dentro. — Tenho todo o dossiê que levantei aqui. Pode olhar depois com mais calma.

Recebo isso tudo com muita dificuldade. Preciso de tempo, preciso de ar.

Preciso sair daqui. Preciso ficar longe da minha mãe.

— Emilien… — mamãe me chama de novo.

— Elizabeth — Maurice a adverte suavemente. — Seu filho precisará de tempo e espaço. Dê o que ele precisa.

Nicole vem até mim, me abraça por um segundo, diz que me ama mais do que tudo e me leva para fora do consultório.

Désirée

EMILIEN

CAPÍTULO 35

Foi natural que eu levasse algum tempo para absorver toda a verdade que me acertou com peso. Passei dois dias sem dormir, remoendo uma raiva dilacerante por ter sido tão facilmente enganado e manipulado pela minha mãe.

Senti-me um estúpido. Como não pude enxergar a verdade debaixo do meu nariz?

O ódio veio com mais força ao pensar em cada momento em que hesitei contrariá-la por estar em suas mãos quando, na realidade, nunca estive. Mamãe me fez carregar uma culpa que jamais me pertenceu. Não bastou apenas me manipular a respeito do que de fato aconteceu com minha namorada, continuou usando-me, ameaçando-me, infernizando meus dias e me chantageando, impedindo a minha felicidade.

E eu, como um idiota, acreditei em sua versão, sem questionar, aceitando tudo o que me disse e tomando isso como verdade absoluta. Se não fosse por Nicole, provavelmente continuaria acreditando numa enorme mentira até hoje.

Nos últimos dias, vivi um conflito de sentimentos dentro de mim que me tiraram o sono. Raiva, mágoa, tristeza, decepção (comigo, por me deixar ser

iludido, com minha mãe, que mais uma vez me fez de marionete), solidão, alívio, euforia… Quando finalmente consigo conter esse misto de emoção, estou pronto para vê-la.

Minha agenda está toda cancelada já tem alguns dias e aproveito esse tempo para ir até Nanterre. Quando chego, é horário do almoço. Ela está no quarto, sendo alimentada pela enfermeira e pela auxiliar. Um sorriso nasce em seu rosto — pequeno, porque uma das sequelas de seu acidente foi a paralisia facial parcial.

Aproximo-me, puxo uma cadeira e me sento de frente para ela, que está comendo vagarosamente uma sopa. A enfermeira precisa pôr em sua boca e ajudá-la a engolir. Presenciei essa cena quase um milhão de vezes na última década e ainda não me acostumei. Dói como se fosse a primeira vez. Quando termina sua refeição, me deixam sozinho em sua companhia.

— Senti sua falta — digo baixinho, depois de dar um beijo nas suas duas bochechas e em sua testa. Ajeito meu assento de frente para sua cadeira de rodas.

— Desculpe ter demorado para vir — peço, acariciando sua mão e as olhando atentamente.

Levanto-me um segundo depois e caminho até a penteadeira. Procuro por escova de cabelos e alguma maquiagem. Então levo-a até de frente ao espelho.

Seu reflexo tem alguma tristeza ao se ver. Engulo em seco, perguntando-me se foi minha melhor decisão.

— Você está linda — encorajo-a. Pego a escova e penteio seus cabelos, vagarosamente. Gosto de ter esse zelo com ela, essa proximidade. — Por que nunca me contou, *chérie*? — pergunto com um sussurro. Pelo brilho dos seus olhos castanhos, noto que Désirée não tem ideia do que estou falando. — Sobre a púrpura. — Ela fica abatida por algum tempo, e eu respeito este instante, penteando seus cabelos ruivos.

Ao terminar, pego um pó e passo um pouco sobre seu rosto, depois pinto seus lábios com um batom rosa bem fraquinho. Viro-a para seu reflexo outra vez, e minha amiga parece gostar do que vê.

Levo-a para dar uma volta pelo jardim. Converso algumas amenidades, embora nossa conversa seja mais um monólogo, mas consigo notar cada traço de

satisfação por eu estar aqui, por dialogar com ela. Paro sob a copa de uma árvore, sento-me em um dos bancos e a puxo para perto de mim, deixando-a à minha frente. O sol aquece nossas peles ao passo que a leve brisa nos refresca.

Inspiro ar para meus pulmões e mudo de assunto.

— Gosto de uma pessoa. — Désirée me dá um sorriso bastante enfraquecido. Não sei se minha confissão a machuca, também não consigo lê-la, mas acredito que preciso ser sincero. — Eu… a amo, na verdade. Mas você sabe… minha mãe… — Suspiro, pegando-a pela mão novamente e a acariciando. — Me atormentou até conseguir nos separar, como fez conosco.

Sabe o que é pior? Elizabeth sempre me manipulou e desta vez… passou dos limites.

Baixo o olhar, brincando com as linhas e veias nas costas da sua mão.

— Me fez acreditar que te machuquei. Que quando eu bebia, te agredia, te machucava. Pensei que seu aborto foi por minha culpa, as manchas na sua pele… achei que eram resultado das agressões… E você me conhece, não é?

Sabe que eu me esqueço de tudo quando bebo. — Ergo o olhar em sua direção.

O rosto dela, mesmo com a paralisia facial, expressa levemente surpresa, confusão e um horror genuíno nas íris castanhas. — O seu indício de depressão… Minha mãe se aproveitou que você… — Faço uma pausa, molhando os lábios. — Que você sofreu sequelas e decidiu contar uma versão para me fazer sentir remorso. Por todos esses anos, *chérie*, carreguei uma culpa enorme achando que tinha te feito mal, que você tinha tentado suicídio por minha causa, quando tudo não passou de um infeliz acidente. Juro que ainda me sinto péssimo, porque você caiu naquele banheiro e eu deveria ter estado lá, como prometi.

Ergo o rosto para o sol, sentindo-o me aquecer. Apuro minha audição por alguns segundos, ouvindo o burburinho de conversas ao nosso redor, o cantar dos pássaros, as folhas farfalhando, sua respiração lenta e ritmada. Nunca comentei com ela sobre as supostas agressões. Decidi que era melhor não. Eu achava que já tinha lhe causado danos demais para remoer o passado e fazê-la se recordar das coisas que cometi contra sua integridade.

— Por anos, Elizabeth me chantageou usando de algo que não aconteceu.

Imagine, Désirée, o meu desespero ao pensar no que supostamente fiz com você.

Senti tanto medo de isso manchar minha imagem, prejudicar os negócios… de ir para a cadeia. — Balanço a cabeça em negativo, afastando as lágrimas que se acumulam nos meus olhos. — Minha mãe me disse que tinha sumido com todas as "evidências". — Rio de nervoso e faço aspas com os dedos. — Vivi à margem do meu próprio medo por anos. E ela usou disto para me separar da mulher que amo.



Tento explicar detalhadamente minha relação com Marie, que sempre me pressionava, meu medo constante de ter meu "segredo" exposto, como ela descobriu, como reagiu. Nossa separação, o modo como fiquei mal, minhas noites insones e meu exagero com os medicamentos que me levou a uma overdose. Como me aproveitei disso para causar algum sentimento em Elizabeth, fazê-la sentir qualquer coisa ao menos uma vez na vida e, conseguindo despertar isso nela, sua confissão de que tudo tinha sido um jeito de me manipular e me punir por não ter me casado com Marjorie.

Mesmo que não possa me responder, passo mais de uma hora em sua companhia, andando com ela pelo jardim e contando isto tudo. Não sei por que exatamente faço isso, apenas faço, como uma necessidade incontrolável de desabafar.

— Espero que um dia possa me perdoar — falo, agora já de volta ao seu quarto. — Por não ter estado lá naquela noite do seu aniversário, sinto muito mesmo. — Aperto seus dedos nos meus. Um murmuro dela chama minha atenção. Há o mesmo sorriso débil em seu rosto parcialmente paralisado, mas os olhos… estão mais brilhosos e marejados, transmitindo todo o perdão de que preciso.

Se ela pudesse falar, não sei se me encorajaria a voltar para Marie, a dizer para a mulher que amo tudo o que disse aqui, mas sei que ao menos o seu perdão eu tenho.

É tudo de que preciso no momento.

Surpreendo-a no meio da minha sala quando abro a porta.

Marie toma aquele susto de quem foi flagrada fazendo alguma coisa de errado. Sua presença me deixa surpreso, confuso e feliz.

— Desculpe… — murmura, baixando os olhos. — Ainda tenho a cópia que me deu e meu nome continua na lista de pessoas autorizadas.

Jogo meu molho de chaves na mesa de vidro no centro do ambiente. Não vou mentir e dizer que ela estar aqui não mexe comigo. Será que reconsiderou?

Nosso último contato foi há quase uma semana, quando esteve no hospital para me ver. Recordo-me de ter dormido com ela contando-me o enredo do livro de Isabelle, mas, ao acordar, já tinha ido embora.

Neste momento, a esperança não bate em meu peito. Ela soca, desesperada, gritando dentro de mim. Forço-me a controlar todas as minhas expectativas. Não sei de suas intenções para ter vindo, mas não quero ficar ainda mais decepcionado se Marie não tem intenção de voltar para minha vida.

— Vim buscar algumas coisas minhas que esqueci — esclarece, ainda sem me olhar. Dessa maneira, minhas esperanças vão esvaindo-se pouco a pouco. — Pensei que estivesse trabalhando e…

— Quis me evitar? — indago. Ela ergue seu olhar ao meu.

— Não é isso.

Apenas abano em positivo, sem querer estender ou insistir no assunto.

— Como você está? — questiona.

— Tirando a falta extrema que sinto de você… estou bem.

Marie fica desconcertada mais uma vez, desviando o olhar do meu, trocando o peso da perna a cada segundo, molhando o lábio inferior.

— Também trouxe o seu paletó — informa. — Aquele que me emprestou no nosso encontro, logo quando voltou a Paris. Se recorda?

Abro um leve e fúnebre sorriso, olhando para um ponto fixo atrás dela.

Parece que foi há um milhão de anos, mas foi há uns cinco meses.

— Sim. Não precisava ter se incomodado.

— Deixei no seu closet. Está limpo. Não sei por que esqueci de te devolver. *Désolée.*

Suspiro pesadamente, voltando meu olhar ao dela. Marie coloca uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

— Não se preocupe, *ma belle.*

Ela fecha os olhos e sorri docemente por tratá-la por *ma belle*. Sei que gosta. Um segundo depois, sussurra um "preciso ir" e começa a se retirar. Mais uma vez, vejo-me perdendo a mulher que amo para uma bobagem sem sentido.

Se ela soubesse a verdade, talvez não fosse embora. Talvez, ao invés de sair por aquela porta, voltasse para mim, pulasse no meu colo, beijasse a minha boca, fizesse amor comigo e tirasse do meu peito essa aflição maldita. Marie tem que saber que não sou uma pessoa ruim e que não causei mal a ninguém. Eu a quero tão desesperadamente na minha vida de novo, que por um segundo impensado, tomo uma atitude precipitada.

— Marie… — chamo-a, decidido a falar o que de fato aconteceu.

Ela já está no umbral da porta quando se vira ao som do seu nome na minha boca.

— *Oui?*

Meus lábios se entreabrem. As palavras formam na minha mente e são conduzidas até a ponta da minha língua. Quando estou para expor a verdade, repentinamente recuo e desisto. Não quero isso. Estou tão desesperado pelo amor dela que nem raciocino direito.

Ela me encara atentamente, esperando-me.

— Precisa de uma carta de recomendação? — pergunto qualquer merda que vem

na minha mente.

Ela parece decepcionada com meu questionamento. Talvez esperasse que eu pedisse para ficar, ou implorasse para me aceitar de volta. E eu realmente teria feito isso, se já não tivesse me arrastado demais por essa mulher. Sei como ela é difícil quando quer.

— Se você puder… Ficaria muito grata.

Nós nos olhamos por longos segundos antes de ela virar nos calcanhares e ir embora.



MARIE

CAPÍTULO 36

Fui estúpida e covarde. Se arrependimento matasse, com toda certeza já estaria morta, enterrada e em decomposição. Eu tinha decidido ir até o apartamento de Emilien sob um pretexto idiota de devolver seu paletó e buscar alguns pertences meus que ficaram por lá. A verdade é que no meu coração eu conservava uma esperança grandiosa de achá-lo, embora desconfiasse de que estaria na sede da Dupont Investimentos ou em qualquer outro lugar a negócios porque sei como é um homem ocupado. Mesmo assim, eu fui.

Tinha uma desculpa para ir até lá e, se o encontrasse, poderíamos ter uma conversa, talvez nos entendêssemos. Estava disposta a ser mais maleável, estava mesmo. O medo constante de que Elizabeth conseguisse interferir na nossa vida

a dois e, consequentemente, nos desestruturar, além do receio de Emilien cair em velhos hábitos e voltar a ser violento influenciado pela bebida, ainda existia dentro de mim. Estava ali, à espreita, lutando arduamente com meus sentimentos. Tudo o que eu queria era procurá-lo, me jogar em seus braços, confiar em sua palavra de que ficaríamos bem. Mas então vinha a incerteza e me fazia recuar.

Não serei hipócrita. Comecei a reconsiderar em continuar longe dele depois da semana passada, quando foi parar no hospital por ser negligente com

os remédios. Fiquei tão apavorada com a ideia de perdê-lo que tive três noites de insônia e ligava várias vezes ao dia para Nicole, que me confirmava que o irmão estava bem. Esse pavor que me tomou por inteira, confesso, foi um dos principais motivos que me fizeram repensar a decisão de me manter afastada dele.

Amo aquele homem. Sei disso há muito tempo. Não sei precisar o momento em que comecei a nutrir esse sentimento, mas o amor é assim mesmo, não é? Vem aos poucos, sutil, sorrateiro, silencioso. Quando se dá conta, em algum ponto da sua vida, você olha para aquela pessoa e percebe que a ama.

Ama os defeitos, as qualidades, o modo como sorri, ama sua pele, o seu calor, como seu corpo se molda ao dela.

No nanosegundo em que Marjorie pronunciou *"Acho que Emilien cometeu suicídio!"* , todos os nossos momentos juntos passaram na frente dos meus olhos, semelhante ao que dizem que acontece quando estamos para morrer.

Lembrei-me de cada momento — desde quando o conheci, em sua festa de gala, ao nosso último instante juntos — e percebi, finalmente, que estava desperdiçando um tempo precioso longe do meu homem. Era hora de superar meu medo, inseguranças e o passado dele.

Ele dormiu nos meus braços e decidi que precisava de repouso depois da overdose. Deixei um beijo no seu rosto sereno e barbado e fui embora. Não fizemos mais contato a partir daí. Durante a semana seguinte, tentei superar todas as minhas inseguranças, lidar com o passado dele, quem Emilien foi, tentei considerar que nada foi deliberado e o fato de ele ter me assegurado que nunca mais perdeu o controle desde então. Convenço-me que se estivermos cara a cara, se Emilien me olhar daquele seu jeito apaixonado, com luxúria, com admiração,

vou ceder. Decido que não posso mais ficar nesse apartamento, permitindo essa batalha infinita entre meu medo e meu coração.

Pego seu paletó no meu closet, pois preciso de um pretexto para a portaria: "*Salut*, vim devolver esse blazer do Emilien e pegar algumas calcinhas minhas deixadas na gaveta dele". Mas ele não está em sua cobertura. Fico sabendo que foi para Nanterre. Uma leve pontada de ciúmes brota na parte mais profunda do meu coração. Emil foi vê-la, como costumeiramente faz. Logo o sentimento negativo vai embora, substituído por um sentimento de empatia muito forte. E então vem o orgulho. Ele jamais a abandonou.

Subo até sua cobertura, pego uma ou duas peças de roupa minhas, enfio na minha bolsa e coloco o paletó dele no closet. Faço alguma hora aqui,



esperando pela sua volta, mas minutos se passam e ele não chega. Estou indo embora quando Emilien surge pela porta, flagrando-me. A surpresa de revê-lo é real, porque já tinha desistido.

Aí vem o momento de covardia. Tudo que ensaiei dizer me sufoca e parece doer no fundo do meu coração. Não tenho mais somente medo de velhos hábitos ou da sua agressividade quando bebe. Tenho medo da sua rejeição; de que me odeie por não ter sido compreensiva o bastante, por ter precisado que Nicole me convencesse a ouvi-lo, por ter quebrado minha promessa. Mais uma vez, recuo. Contudo, quando Emilien pronuncia meu nome, uma chama se acende dentro de mim. Penso que vai me pedir para conversarmos e nesse momento eu simplesmente direi que o quero de volta. Mas Emil me oferece uma carta de recomendação.

Ele não me impede de ir embora, não me pede para ficar. Não que eu o quisesse rastejando por mim. Claro que não! Só queria um sinal de que não me rejeitaria. Um sinal que não obtive e, por isso, vou para casa sem cumprir meu propósito, odiando-me por não ter falado com Emilien e pedido uma nova chance para nós dois.

E isso me faz a maior das estúpidas e das covardes.

“Podemos nos ver? Talvez tomar um café juntos no Avenue Coffee? *??”*

Leio e releio a mensagem umas duzentas vezes, hesitando em clicar em

“enviar”. Se Emilien me responder com qualquer outra coisa que não seja um

“sim”, tenho a impressão de que todo meu mundo vai desabar. Já se foi quase uma semana desde que o vi em seu apartamento. Foram sete dias terríveis e longos, mas necessários para criar coragem. Estou decidida a não passar nem mais um segundo longe desse homem. O “não” eu já tenho, então o que tenho a perder?

Envio a mensagem e espero ansiosamente pela resposta dele. Demora bem uns vinte minutos até me responder.

“Adoraria, ma belle. *A que horas?”*.

Ma belle.… Só Deus sabe como gosto desse tratamento. Até demoro a assimilar que ele topou! *Mon Dieu.…* Emilien disse sim.

Respondo o mais rápido que consigo:

“Em uma hora, pode ser? Ou está muito ocupado?”

Meu desespero para vê-lo é grande demais porque nós já ficamos separados tempo o suficiente, mas preciso ter em mente que Emil tem seus compromissos.

“Nunca estou ocupado demais para você” , responde em seguida, quase me fazendo perder a firmeza das pernas. Ainda bem que estou sentada. *“Em uma hora, na cafeteria de Dousseau. À bientôt, ma belle.”*

Corro para me arrumar. Opto por algo bem básico, casual e confortável: uma camisa azul de botões e mangas compridas, dobradas até perto dos cotovelos, jeans *skinny* numa tonalidade mais forte do que a peça de cima e scarpin vermelho. Olho-me no espelho e gosto do contraste das cores. Ajeito os cabelos e faço uma maquiagem leve. Confiro meus pertences na bolsa e pego a chave do carro. Estou para sair quando meu interfone toca e a portaria me avisa de uma visita repentina e, diga-se de passagem, desagradável. Não sei por qual motivo, mas libero sua subida.

Dois minutos depois, Elizabeth está parada na minha frente, elegante como só ela consegue ser, irradiando sua arrogância como de costume. Preciso tomar uma porção de ar para meus pulmões antes de dar um passo ao lado para que entre. Não faço questão nenhuma de ser educada, então não ofereço qualquer coisa além do sofá.

— Desculpe vir sem avisar — pede, deixando-me surpresa. Elizabeth não é do tipo de pessoa que se desculpa. — Mas precisava falar com você.

Sento-me no sofá oposto e abano em positivo.

— Certo… — murmuro, meio desconfiada da sua visita. Espero que não tenha vindo aqui para me chantagear de novo. Sinceramente, se fizer isso, é capaz de eu perder toda a minha paciência com essa mulher.

— Tem visto meu filho? — pergunta.

Abro a boca para dizer que o verei dentro de meia hora, mas desisto.

Ainda não sei sua intenção com essa conversa toda.

— Não. Vi o Emilien na semana passada quando… fui ao apartamento dele buscar algumas cosias minhas. *Porquoi?*

Elizabeth se ajeita em seu lugar por um segundo, criando um certo suspense no ambiente que me deixa apreensiva. Nada de bom pode vir dessa mulher. Isto é um fato.

— Você sabe…? — indaga cuidadosamente.

— Que o Emilien agredia a Désirée quando estava bêbado? Eu soube…

— murmuro, molhando os lábios e obrigando-me a não me acovardar novamente. Já me decidi a procurá-lo e nos resolvermos. É necessário esquecer e superar esse passado. — Descobri — explico.

— Entendo — murmura de volta, abaixando o olhar para suas mãos unidas sobre o colo, a postura ereta e elegante. — Então vocês terminaram?

A pergunta dói no meu coração. Com dificuldade, respondo:

— *Oui*.

Elizabeth parece ensaiar antes de proferir as próximas palavras, que me pegam completamente de surpresa e desprevenida:

— Precisa procurá-lo para se entenderem. — Um silêncio repentino recai sobre nós. Quero perguntar o que aconteceu com ela, se se sente bem. Será que precisa de um médico? Mas a mulher prossegue: — Emilien… nunca fez mal à Désirée.

A informação me pega de surpresa, mas tudo fica mais esclarecido quando Elizabeth me conta *toute la vérité* — toda a verdade. De começo, sinto raiva, nojo, inquietação. Como ela pôde fazer isso com o próprio filho? Depois, tudo o que quero é apenas ir ao encontro dele e abraçá-lo, não porque estou aliviada de que ele não tenha cometido aquelas coisas horríveis, mas porque merece esse abraço, um abraço para confortá-lo por ter, por tanto tempo, se culpado por algo que jamais aconteceu, por ter carregado uma dor e responsabilidade desnecessárias.

Não sei por que ela tem esse senso de altruísmo e decide contar a verdadeira versão dos fatos. Também não entendo por que Emilien não me disse.

Estava assim com tanta raiva de mim a ponto de não querer sequer me contar que tudo isso não passou de uma enorme armação? Meu peito aperta. Sinto medo novamente de ele me rejeitar e, se o fizer será justo, muito justo. Fui tão idiota.

— Escute… — Elizabeth diz, do seu lugar. — Estou trabalhando esse meu jeito de ser, de querer controlar Emilien e sua vida, para que tudo seja da minha maneira. Estou tentando mesmo, e vir aqui, te incentivar a ficar com ele…

é uma das coisas mais difíceis que já fiz na vida. — Uma pequena pausa. — Não me leve a mal, Marie, você é uma mulher bonita, digna de alguém que te mereça, ainda assim, não consigo te idealizar com meu filho. A vida toda, meu sonho foi…

— Que Emil se casasse com Marjorie — completo, meio hostil. Qual é a dessa mulher, afinal?

— Sim — responde firmemente. — Mas estou me esforçando para pensar mais na felicidade do Emilien do que na satisfação dos meus desejos egoístas e

narcisistas. E você, no momento, é a definição de felicidade dele. Por esse motivo… agora que sabe a verdade, que ele jamais foi um homem ruim, violento ou tóxico, precisa procurá-lo.

O tempo parece parar por um momento, tão surreal é esse instante.

Elizabeth Dupont incentivando-me a ir atrás de Emil. Eu já ia, de qualquer maneira, com ou sem o incentivo dela. Preciso confessar: saber que Emilien não causou nenhum mal a ninguém deixou minha alma mais leve.

— Agradeço por ter sido sincera comigo — digo, levantando-me do meu lugar, uma deixa para ela se retirar. Elizabeth também se levanta, aperta minha mão e me dá um sorriso pequeno. — E por finalmente apoiar as decisões do Emilien. Mas posso te pedir um primeiro e último favor? — A mulher aquiesce.

— Fique longe dele por um tempo. Ao menos até… estar melhor. Você já infligiu dor demais naquele homem.

A expressão em seu rosto muda radicalmente. Toma proporções sombrias que lembram as de Emil quando estava me escondendo partes do seu passado.

Não sei se tenho o direito de pedir para ficar longe do próprio filho, mas peço mesmo assim. Se vou querer uma chance com ele, se vamos tentar de novo essa relação, quero-a fora do nosso caminho.

— Vou aceitar sua sugestão.

Ela não se despede. Sequer olha para trás quando vai embora.



Chego cinco minutos atrasada. Emilien já me espera, conferindo um jornal, todo elegante no seu terno, pernas cruzadas. Deixa sua leitura de lado quando me vê adentrando a cafeteria de nosso amigo Bernardo. Aliás, ele está aqui, atrás do balcão, e acena para mim ao me notar. Aceno de volta, revirando os olhos quando ele balança as sobrancelhas de forma sugestiva e lança olhares entre mim e Emil. Homem malicioso, credo.

Emilien me recepciona com um beijo no rosto e puxa uma cadeira de frente para ele.

— Estava ficando preocupado com seu atraso — fala, entregando-me o menu.

— Desculpe. Tive um imprevisto — respondo, mas decido não entrar em detalhes por ora.

Fazemos nossos pedidos e, quando a funcionária se afasta, Emil fala baixinho:

— Fiquei feliz com sua mensagem.

Meu Deus, quero pular nesse homem e colar nossas bocas. Ele está tão bonito. Mesmo que ainda esteja meio desleixado. Tem leves olheiras, a barba precisa ser aparada (mas realmente não me importo porque lhe dá um aspecto bastante másculo) e seus olhos estão mais abatidos do que o normal. Seu rosto parece se iluminar e todos esses “defeitos” ficam em segundo plano quando abre um sorriso. Ele sorri porque enviei uma mensagem convidando-o para tomarmos um café. Talvez haja uma chance.

— Precisava te ver. Sinto sua falta, Emilien — confesso.

Ele entrelaça nossos dedos, seus olhos amáveis em mim, o sorrisinho de quem entende o sentimento. Emil deixa um beijo suave nas costas da minha mão.

— Quer conversar sobre isso?

Nossos pedidos chegam. Dou uma mordida no meu *croissant* e bebo um

pouco do meu expresso antes de responder. Eu quero conversar sobre isso.

Quero pedir desculpas por ter sido uma estúpida que não soube lidar com seu passado, por não ter confiado nele plenamente. Depois quero dizer para tentarmos de novo e sermos um casal. Agora sem passado, sem segredo, sem ameaças, sem mãe narcisista entre nós. Nossa melhor chance de sermos felizes é agora.

— Quero — afirmo, apoiando a xícara no pires. — Mas se vamos começar isso, Emil, é bom não termos mais nenhum segredo nos rondando. —

Ele fica em alerta. — Sua mãe me procurou… — Emilien recua; é nítido que a mãe ainda tem uma influência negativa muito grande sobre ele. Seu olhar se perde em algum ponto na cafeteria. — E me contou tudo. Tudo, *chéri*. —

Vagarosamente, os olhos azuis estão em mim, sua expressão endurecida. — Por que não me contou?

— Achei pretensioso demais — responde amargamente. — Te queria de volta, mas deveria partir de você aceitar o que acreditava a meu respeito, não porque tudo não passou de uma grande mentira.

— Você está certo — assinto. — E por isso estou aqui. Quero tentar de novo, quero consertar as coisas entre nós. Quero você.

Por alguns segundos, nada responde. Sua postura mudou de uma hora para outra. Emilien não está mais bem-humorado com minha presença como estava quando cheguei. Seu rosto parece rígido.

— Agora que não sou mais um agressor, você me quer de volta?

Pisco diversas vezes, assimilando seu posicionamento. Não, meu Deus, não! Ele está entendendo tudo errado! Não vim procurá-lo porque Elizabeth esclareceu as coisas. É isso que Emilien está pensando? Eu estava vindo de qualquer maneira!

— Não, Emil. — Apresso-me a explicar, mas ele não deixa.

— Engraçado você decidir me procurar justo hoje, depois de descobrir que jamais agredi minha ex, de que não fico violento com a bebida. Enquanto eu era o maldito agressor, não quis saber de mim! — Ele está ficando alterado. Há tristeza e decepção nas marcas do seu rosto, lágrimas nos olhos ameaçando deslizar por sua face endurecida. — Esperei dias por uma ligação sua, para que conversássemos. Me enchi de esperanças dizendo a mim mesmo de que você precisava de tempo e espaço, que uma hora ia me compreender… Pelo jeito me enganei.

— Emilien, eu decidi te procurar *antes* de saber toda a verdade. Acredita em mim.

— Conveniente demais me dizer isso, não acha? — cospe, tomando seu café quase em um gole só. Então ele fica quieto por longos segundos, olhando para

sua xícara vazia. — Desculpe, mas não consigo. — Sua voz está embargada. Lágrimas tomam seu rosto, assim com as minhas escorregam pelo meu. — Não consigo, Marie… Dói tanto o fato de saber que você só veio me procurar porque…

— Emilien… — Tento mais uma vez convencê-lo de que a verdade sobre seu passado não foi o que me motivou a vir, mas ele continua não me deixando.

— Esqueça. — Num rompante, está em pé, jogando alguns euros sobre a mesa. — Não preciso das suas explicações. — Abaixa a cabeça e permanece assim por alguns segundos. — Doeu o seu desprezo. Quando me olhou daquele jeito, no meu escritório, pensando que eu fui um cara violento com Désirée. —

Ergue os olhos para mim, o rosto molhado. — Mas nada se compara a esse momento… Não se compara à dor de você só ter reconsiderado porque minha mãe contou o que de fato aconteceu.

Penso em me explicar, mas desisto. Não vai adiantar. Emilien está disposto a não ouvir e nem a acreditar. De algum modo, ele tem razão. É

conveniente demais me defender justo agora. Eu deveria tê-lo procurado antes.

Bem antes! Marie, sua estúpida!

Emilien me deu espaço e tempo quando precisei. Agora ele precisa do mesmo. Então vou respeitar seu momento de não me ouvir, de duvidar, de sentir raiva, porque é justo depois do que fiz a ele. Porque eu agi igual. Não digo nada, sequer me movo. Seus olhos se desviam de novo de mim, ele molha os lábios, como se criando coragem para me deixar.

— Eu te magoei — retoma, quase inaudível. — E você me magoou.

Estamos quites.

Abro um leve sorriso.

— Ainda não. Para estarmos quites, falta você me perdoar.

Ele me encara, pego pela minha resposta.

— Não sei se isso vai acontecer — murmura, deixando-me sozinha em seguida.



EMILIEN

CAPÍTULO 37

— Não sei por qual razão ainda me surpreendo com sua beleza… —

Nicole pronuncia, adentrando o closet do meu quarto. Estou de frente para o espelho, terminando de ajeitar o *tuxedo* vinho no meu corpo.

Hoje, a noite é especial. A edição da *Intéressant* sobre a Revolução Francesa já está nas bancas, o que significa que teremos o coquetel de lançamento. Eu preferia ficar em casa, trabalhando, dormindo ou fazendo qualquer outra coisa, mas minha irmã me convenceu a ir, sob a alegação de que preciso me divertir.

— Porque você fica bonito de qualquer maneira — completa, aproximando-se de mim e ficando às minhas costas. Ela também está muito bonita dentro de um vestido azul-turquesa, os cabelos trançados de lado e maquiada. — Todo arrumado assim só para ela? — provoca, virando-me em sua direção e arrumando a gola da camisa e a lapela do paletó.

Nicole se refere a Marie. Embora não esteja mais trabalhando na redação, estará presente no evento porque contribuiu com uma matéria, e minha irmã acha que eu não sei que sua insistência para eu ir é só um dos seus modos de me

aproximar dela.

— Estou me arrumando porque preciso me arrumar — falo, mas lá no fundo, de um jeito até inconsciente, devo ter mesmo pensado em ficar bem para ela.

— Sei — *ma petite soeur* debocha.

Reviro os olhos, não querendo admitir que provavelmente está certa. Já tem algumas semanas que nos encontramos na cafeteria de Dousseau e tivemos aquele desastre de conversa. Quando recebi sua mensagem, fiquei muito esperançoso de que fosse para nos entendermos. E era. Mas me deixou profundamente magoado o fato de ela ter me procurado só porque Elizabeth tirou toda a imagem ruim que fez de mim. Se minha mãe não tivesse a procurado, Marie teria tido a intenção de sermos um casal de novo? Ela insistiu que sim, mas tenho minhas dúvidas.

— Tem visto a mamãe? — indago, voltando para o quarto.

— Sim. Maurice achou melhor recomendá-la a um terapeuta com experiência em narcisismo. Mamãe já fez umas duas sessões com o novo psicólogo.

— Bom — digo apenas. Finalmente Elizabeth aceitou um acompanhamento profissional. Ela se mantém longe de mim, me liga uma ou duas vezes na semana, pergunta como estou e só. É melhor assim por enquanto.

Maurice aconselhou o mesmo.

— Estava me esquecendo — Nicole pronuncia, pegando sua bolsa em cima da minha cama e esticando-me um envelope branco. — A portaria pediu para te entregar.

Não evito um leve sorriso. Já sei do que se trata. Pego o envelope e retiro uma fotografia de lá de dentro. Meu corpo todo estremece na mesma hora. Como eu fiz meses atrás, Marie tem me enviado algumas fotos com mensagens. Cada imagem representa algo que ela sente falta em mim, em nós ou no nosso relacionamento. Já tem algum tempo que recebo as cartas, talvez cerca de quatro semanas, e já acumulei algo em torno de vinte fotos. A imagem de hoje mexe com meu âmago e com todos os meus desejos, alimentando a saudade insana que sinto dessa mulher.

É uma foto de si mesma. Está de costas, frente a uma janela, cabelos soltos, rosto levemente virado para a direita, sob a penumbra. Está nua, mas não

é nada explícito. A fotografia pegou por completo suas costas despidas e parou pouco abaixo da cintura, dando ao expectador uma visão limitada da sua bunda, mas que abre portas à imaginação.

Puta. Que. Pariu.

É sexy demais.

Viro a fotografia com cuidado e leio a mensagem de hoje:

“*Sente falta de tocar no meu corpo como eu sinto falta de ser tocada e de te tocar? Quero tanto fazer amor com você. Tenho saudades. Com carinho, Marie.”*

— Cara, ela está decidida — Nicole pronuncia, dando uma risadinha e olhando por cima do meu ombro. — Por que não a perdoa de uma vez?

Suspiro e levo a fotografia até o painel de inox, grudando-a com o auxílio de um imã junto às demais. Tem todas as fotos que Marie me enviou desde então e algumas que tiramos antes de nos separarmos. Mesmo que eu quisesse me desfazer dessas lembranças, não conseguiria.

— Emilien… Olha só para você. Está tão óbvio de que Marie é a mulher da sua vida. Pare de ser orgulhoso. Ela já não demonstrou que te quer de volta?

Abaixo o olhar por um instante.

— Já — respondo, afastando-me do mural e sentando-me na cama.

Minha irmã se põe do meu lado e pega na minha mão.

— Por que tanto ressentimento?

— Porque ela… — Não sei o que responder. — Não consigo explicar, Nic. Mas me magoou ela ter me procurado só depois que mamãe contou o que de fato aconteceu. Esperava que Marie tivesse confiado em mim, acreditado que eu estava sob controle e jamais ia machucá-la. Se tivesse me procurado com essas

intenções, estaríamos juntos e eu teria dito a verdade.

— Já tentou compreender o lado dela? — indaga. — Ela sentiu medo, Emil. Sabe quantas mulheres morrem nas mãos de homens violentos?

Expresso uma carranca com essa última frase. Estou bem ciente disso,



mas já não tinha demonstrado o suficiente que *eu* não era violento? O que eu achava que tinha acontecido no meu passado foi um erro que vinha consertando e evitando repetir. Marie deveria ter me dado um voto de confiança. Estivemos juntos por mais de um ano, em algum momento demonstrei qualquer indício violento? Não.

Tudo bem, eu aceitei que ela precisava de tempo, de espaço, e seu medo era compreensível. Ainda assim, deveria ter considerado o todo, não apenas uma parte da história.

— Esqueça isso — profiro, beijando sua testa e preferindo não continuar abordando esse assunto. Sem lhe dar tempo de resposta, me levanto e a puxo para junto de mim. — Vem, temos um coquetel para irmos.

Traidora.

Deixou-me sozinho e foi zanzar por aí com Lorraine. Tudo bem, ela me convidou para virmos juntos, mas já vim segurando vela o caminho todo. Não vou competir a atenção de Nicole com a noiva, mas se tivesse me dito que teria a trazido, eu não viria. Odeio segurar vela.

Caminho por entre a multidão. A mansão Dupont está cheia, cerca de cem convidados, e me desvio dos corpos como posso, segurando firme uma taça de champanhe. Encontro alguns conhecidos com quem passo alguns minutos conversando. Ao menos, me distrai. Como alguns petiscos e bebo água para me manter hidratado.

Encontro-me com Héron, que me cumprimenta calorosamente e diz estar feliz

por eu ter vindo.

— Você e Marie…? — pergunta, com cuidado.

Apenas balanço a cabeça em negativo e observo ao redor. Desde que cheguei, ainda não a vi. Sinceramente, não consigo me decidir se isso é bom ou ruim. Poirier deseja que a gente se entenda e diz torcer pela nossa relação.

Apenas ofereço um sorriso de agradecimento e digo que vou cumprimentar um outro conhecido que avisto perto dos jardins, o que é uma tremenda mentira.

Faço isso apenas para escapar de um momento meio constrangedor com meu editor-executivo.

Estou chegando na área externa para inspirar um pouco do ar noturno quando uma mão firme segura meu punho. Viro-me e me deparo com Nicole levemente assustada. Meu corpo fica em alerta no mesmo instante.

— Me encontra na suíte principal em cinco minutos? — pede, completamente alarmada.

— O que aconteceu? — Estou preocupado. Que raios houve para deixá-la nesse estado?

— Te explico depois. Me encontra na suíte principal em cinco minutos, por favor! — Seu pedido é quase um grito esganiçado.

— Está bem! — concordo, assustado.

Os próximos cinco minutos são os mais longos da minha vida. Quando vence o tempo que Nicole impôs, vou ao seu encontro, tentando não alarmar os convidados. Saio calmamente, apesar de por dentro estar apavorado, e, quando termino os degraus, corro como um louco pelo corredor vazio porque essa parte da mansão não está acessível. Entro na suíte em um rompante, ofegante.

— Nicole?! — chamo-a, a porta batendo atrás de mim, mas um segundo mais tarde, noto que está tudo quieto e escuro. Acendo as luzes e vejo o quarto vazio.

Mas que diabos…

A imagem a minha frente me deixa confuso. Há um balde com gelo, duas taças e champanhe em cima da cama delicadamente arrumada com lençóis, fronhas e edredons brancos. Há algumas pétalas de rosas espalhadas pelo local, o ambiente está aromatizado e tem algumas caixas de bombom junto da bebida.

Estou para virar nos calcanhares e procurar pela minha irmã para que me explique que porra está acontecendo aqui, mas a porta se abre de novo, trazendo para dentro uma mulher exclamando:

— O que quer me mostrar, Nicole?

Ela se vira um segundo depois, os olhos arregalando ao me ver.

— Só vão sair daí quando se entenderem — minha irmã fala, enfiando a

cabeça por entre a fresta da porta um instante antes de fechá-la. Ouço a chave virar na fechadura. — Tem camisinha na gaveta do criado-mudo, caso precisem

— informa, sua voz saindo abafada e seguida de uma risadinha.

Levo um bocado de tempo para notar que Nicole nos prendeu dentro do quarto. Quando noto, corro até a porta e a testo, batendo contra a madeira e chamando-a para que venha aqui agora mesmo!

Marie se junta a mim para chamar pela desgraçada da minha irmã, mas é igual a nada. Estamos mesmo presos um com o outro aqui dentro. Engulo em seco e me distancio alguns passos. Ao me virar para ela, o ar para de circular nos meus pulmões. Ela está exuberante em um vestido preto e longo. Toda a parte de cima é feita em renda e tule, em uma trama intricada de fios cor de areia que descem pelas laterais da sua coxa até quase o meio da vestimenta. Nas barras, a renda no mesmo tom de areia adorna a calda de sereia.

— Não tenho nada a ver com isso — Marie se defende, encostando-se na porta.

Acho engraçado seu posicionamento.

— Eu sei. Isso tudo é muito a cara da Nicole — falo, virando-me para a champanhe. Estouro a garrafa e sirvo duas taças. Entrego uma a Marie. Ela resiste um pouco, mas aceita.

— Isso não era para abrirmos caso nos resolvêssemos? — pergunta. Dou de ombros e me sento na cama, pegando uma pétala de rosa e rindo baixinho.

Mon Dieu, em que momento Nicole foi promovida a cupido reconciliador?

— Era — respondo, abrindo a caixa de bombons. Pego um e entrego para Marie. Ela balança a cabeça em negativo, se aproxima, pega o chocolate e se senta do meu lado. — Aliás, gostei da foto de hoje — murmuro, virando-me lentamente em sua direção.

Seus olhos tomam um brilho diferente após dizer isso.

— Não sou tão talentosa quanto você, mas o importante é a intenção, não é?

Não respondo, mas admito mentalmente que a imagem ficou boa.

Minutos inteiros se passam e nos mantemos em silêncio, tomando a champanhe e comendo o bombom. De repente, ela me toca na mão, chamando minha atenção. Olho-a, sentindo todo o meu interior estremecer com esse contato. Ela faz tanta falta nos meus dias, na minha cama, na minha vida.

— Desculpe — pede com um murmuro e segue acariciando-me. — Mas estou com saudades da sua pele… do seu calor, do seu toque… — Como se percebesse que está cometendo um erro, cessa o contato rapidamente e desvia o olhar.

Guiado pelo meu instinto mais primitivo, ergo a mão direita e acaricio seu pescoço. O toque envia uma onda de excitação extrema para entre minhas pernas, principalmente quando ela geme baixinho e suspira, fechando os olhos.

Resvalo meus dedos para de encontro a sua nuca e a puxo para perto da minha boca, esquecendo-me da minha mágoa e dos nossos desentendimentos.

Meu coração bate acelerado e minha respiração falha quando Marie abre os olhos e separa ligeiramente os lábios, como se aspirasse um beijo meu. Falta tão pouco para eu ceder, para esquecer completamente de todo mal que nos rondou, deitá-la nessa cama, montar em seus quadris e amá-la do jeito que nós dois merecemos.

— Jure para mim — peço, vencendo vagarosamente a pequena distância de nossas bocas. — Jure que não me procurou só porque descobriu que nunca fui

uma pessoa ruim.

Ela resfolega.

— *Je jure*, Emilien — responde, seus olhos deslizando para minha boca.

— Quando te mandei a mensagem te convidando para um café, já tinha intenção de nos entendermos. Eu ainda não sabia… Sua mãe apareceu meia hora depois e me contou. — Marie pisca algumas vezes, evitando as lágrimas. — *S'il te plaît, crois moi et pardonne moi*. — "Por favor, acredite em mim e me perdoe".

Estou tão cansado. Cansado mesmo. Passamos por muita coisa juntos.

Levei algum tempo para reconquistá-la, depois de nos assumirmos mamãe nos infernizou, tinha o meu "segredo", a pressão dela de querer que eu me abrisse, o que nos levou a rompermos com menos de um mês de namoro. Por fim, íamos nos entender e tudo pareceu desandar novamente. Neste momento, tudo está esclarecido. Meu segredo que nunca foi meu já não é uma ameaça, nem minha mãe, nem Marjorie, nem ninguém. O único que está ameaçando minha felicidade ao lado dessa mulher sou eu mesmo, sendo teimoso e orgulhoso. Ela me perdoou meses atrás depois que a magoei. Por que não posso fazer o mesmo? Por que não esquecer o passado, todas as nossas desavenças, as mágoas, a falta de confiança?

Por que não simplesmente recomeçar? Sem segredos sombrios, sem mãe narcisista nos atrapalhando. Eu lutei por ela quando havia pedras no caminho, vou mesmo desistir justo agora, depois que a tempestade já passou?

— *Je te pardonne* — murmuro em sua boca e a tomo em um beijo forte, repleto de desejo, saudade e amor.

Imediatamente, ela me agarra pela nuca, puxando-me mais para si, num ato completamente desesperado. Deixo nossas taças de champanhe sobre o criado-mudo e volto para seus lábios. Fico em pé e a trago junto, colocando suas costas no meu peito.

— *Je t'aime* — diz quando coloco seu cabelo de lado e desço o zíper escondido pela costura até na altura da sua cintura. Abaixo uma alça e depois a outra, até despi-la e a peça cair aos seus pés.

— *Je t'aime* — respondo, depositando um beijo no seu ombro. Marie geme ao

meu toque, que sobe para seu pescoço e a provoca ali. Encosto minha ereção na sua bunda, minhas mãos abraçando seus seios e meus lábios dedicando-se a deixar uma trilha de beijos por todo o seu pescoço e ombros. —

Eu te amo e vou te amar sempre.

Ela se vira para mim e sorri, abraçando-me em seguida e escondendo o rosto contra meu tórax. Marie inspira meu cheiro profundamente antes de se afastar e começar a tirar minha roupa. Quando estou só de cueca, eu a deito na cama, as pétalas grudando no seu corpo. Ajoelho-me no colchão e abro bem suas pernas, admirando seu sexo debaixo da calcinha preta. Meu pau lateja tanto que chega a doer. Como senti falta de me enterrar nela… Toco sua boceta por cima do tecido, e ela se contorce e geme, separando mais as pernas.

— Vamos mesmo trepar aqui, quando há uma festa de gala lá embaixo?

— *Chérie* — respondo, abaixando sua calcinha até nos calcanhares —, estou tão louco de saudade de você que te comeria inclusive na frente daquelas pessoas.

Ela dá uma risadinha e morde o lábio inferior. Não cesso nosso contato visual quando direciono minha boca até sua boceta e a sugo sem delicadeza, passando a língua por toda sua extensão e dando uma atenção merecida no seu feixe de nervos tanto com meu polegar quanto com a boca. Marie se afunda no colchão e agarra meus cabelos, apertando minhas têmporas com os joelhos.

— Eu morreria sem me esquecer do gosto da sua boceta, *ma belle* —

cicio, colocando um dedo dentro dela. — Sempre tão molhada, tão saborosa, tão fácil para receber meu pau.

— Emilien… — implora, contorcendo-se cada vez mais. — Te quero

tanto.

Sorrio pelo canto da boca quando uma ideia surge na minha cabeça.

Trago-a para mim e a levo até o banheiro. Nós dois expressamos surpresa ao notarmos algumas velas acesas espalhadas no ambiente, sais de banho, roupões, toalhas e bombons sobre a bancada da pia.

Marie me mostra um óleo lubrificante para sexo anal que Nicole deixou aqui. Dou uma risada exagerada, perguntando-me se minha irmã realmente existe. Isso chega a ser constrangedor.

— Deveríamos usar — sugere, passando a língua pelo lábio inferior e derramando um pouco por entre seus seios. Sua pele de ébano brilha na mesma hora, fazendo meu cacete ficar ainda mais duro.

Meio desesperado, me aproximo e a beijo, escorregando meu dedo pelo rastro do óleo até chegar à sua entrada e penetrá-la novamente. Um gemido preenche minha garganta.

— Entre na banheira — ordeno.

— Está vazia — constata.

— Por enquanto. — E sorrio. Ela faz o que eu mando. Coloco suas pernas uma em cada lado da borda da banheira que fica no meio do ambiente, os pés pendidos no lado de fora, deixando-a toda exposta. — Puta que pariu. Que visão esplêndida a de você aberta para mim, *ma jolie*.

Marie fecha os olhos e geme ao som das minhas palavras sujas. Sento-me na borda, mantendo-me fora, e pego a ducha de mão. Ela me olha quando aciono o jato quente e molho seus pés. Meus olhos não desgrudam dos seus enquanto vou subindo o esguicho vagarosamente. Ela geme e resfolega de um modo alucinante, já conhecendo minhas pretensões. Quando a água atinge seu clitóris sensível, solta um grito escandaloso, suas pernas abertas tremem e a cabeça vai para trás. Para intensificar o prazer, coloco dois dedos dentro dela e a fodo assim. Agarrando-se com firmeza às bordas da banheira, seus gemidos são adoráveis e deliciosos. Porra, estou quase batendo uma e gozando só de ver essa imagem maravilhosa.

— Emil… — geme meu nome de novo, os quadris dando leves solavancos causados pelo prazer da ducha no seu ponto sensível e meus dedos a comendo. — Isso… oh, sim. Você é tão gostoso. — Então, exatamente um minuto mais tarde, ela goza. Eu deveria ter eternizado seu rosto neste momento

com uma fotografia maravilhosa. Talvez eu o faça em uma outra ocasião.

Acaricio sua boceta suavemente e beijo sua boca com a mesma intensidade

enquanto se recupera do orgasmo.

— Fique em pé na outra ponta — pede, ainda ofegante.

Ergo uma sobrancelha, curioso com sua sentença, e a atendo. Mudando de posição, vem para mim, de quatro. Sem que eu espere, ela me põe todo em sua boca, indo até o fundo da garganta e voltando em uma sucção perfeita.

— Porra. — O gemido escapa de mim, incontrolável e alto.

Ela me chupa forte, passando a língua em círculos pela cabeça do meu pau e depois lambendo-me como se eu fosse um picolé. Aperto os olhos e tento me segurar para não esporrar agora mesmo. Marie se deita na banheira e joga a cabeça toda para trás, olhando-me de ponta-cabeça. Caralho. Só a imagem me deixa ainda mais duro. E, assim, eu me aproximo e fodo sua boca de novo, conseguindo alcançar um ponto na sua garganta que achei ser impossível. Movo-me devagar para não a engasgar, gemendo entrecortado conforme sou engolido por essa boca gulosa. Marie abre as pernas de novo, colocando-as da mesma maneira que as dispus antes; a posição me permite receber um boquete e tocar seu clitóris ao mesmo tempo.

Decido que preciso fodê-la. Saio de dentro da sua boca e ponho a banheira para encher. Jogo alguns sais de banho e sabonete líquido na água ao passo que ela me olha atentamente, de um jeito bem safado, enquanto a água vai ganhando níveis. Minha imaginação já idealiza essa mulher de quatro, água e sabão rodeando sua cintura e espirrando para o piso porque a como com força.

Enquanto esperamos, ela se toca e eu bato uma, um gemendo para o outro.

Finalmente, posso imergir na água e colocá-la de joelhos.

Encaixo meu pau na entrada da sua boceta e me preparo antes de penetrá-la. Quando me sinto dentro dela de novo depois de tanto tempo, a sensação é a mesma de ter ido para o Céu. Aperto sua cintura e me movo devagar, ainda assimilando que estou comendo essa mulher de novo, que vou comer para o resto dos meus dias.

— Casa comigo — peço, aumentando o ritmo. Fico ainda mais duro quando a imagem que idealizei segundos atrás se forma: Marie de quatro para mim, toda molhada e ensaboada. Puta merda de tesão do caralho. Não escuto sua resposta,

concentro-me apenas em foder rápido e com força. — Porra, Marie, casa comigo!

Em um segundo, não sei como, estou subjugado, debaixo dela. Ela se senta com força no meu pau e me tira o fôlego.

— Eu caso — responde, subindo e descendo em uma cavalgada intensa.

Esticando os braços, pega o óleo lubrificante na pia ao lado, se levanta, deixando-me frustrado e de pernas moles, e joga pelo corpo, começando no colo.

Inclinando-se para frente, espalha o produto nas costas e na bunda. Perco o ar só de pensar que ela vai… Não consigo terminar de raciocinar. Vagarosamente, ela já está encaixando-me na sua entrada apertada que nunca tive acesso até hoje.

Meus dentes rangem de prazer, meu pau dói de tão duro que estou. Aos poucos, Marie me acomoda dentro dela e sobe e desce em mim bem lentamente, gemendo de forma despudorada ao passo que se acostuma comigo.

— Se estiver doendo… — começo a avisar.

— Não está… — responde, aumentando a velocidade da cavalgada. —

Na verdade… Está muito bom. Está tão… — Fecha os olhos e morde o lábio. —

Me come, Emil…

Meu polegar voa para seu clitóris e o toco furiosamente enquanto bato meu quadril contra o dela. O som dos nossos gemidos em uníssono é a sinfonia mais linda que ouvi na vida. Cinco minutos depois, nós dois gozamos juntos, nossos corpos trêmulos, as vozes esganiçadas, os gritos altos de prazer, nossa conexão esplêndida, o orgasmo estupendo rasgando-nos de ponta a ponta.

É tão bom gozar com ela.

Marie se deita sobre meu tórax, recuperando o fôlego. Abraço-a forte contra mim e deixo um beijo cândido no seu rosto molhado. Ficamos assim por minutos inteiros, curtindo a água quente e a presença um do outro.

Nicole seja louvada.

Bela flor

MARIE

CAPÍTULO 38

— A água está esfriando — Emil sussurra ao pé do meu ouvido, seus braços fortes contornando minha cintura. Sorrio e deito minha cabeça no seu tórax, querendo ficar mais um pouquinho assim com ele. Passamos algumas semanas separados, mas finalmente nos entendemos.

Devemos muito isso a Nicole. Apesar da sua boa intenção, vou agradecê-la e ao mesmo tempo adverti-la. Onde já se viu me deixar presa com seu irmão em um quarto todo romanticamente arrumado?

— Será que notaram nossa falta? — pergunto, referindo-me aos convidados do coquetel de lançamento, lá embaixo.

Emilien beija atrás da minha orelha.

— Provavelmente.

Rimos juntos ao imaginar o constrangimento que será nos reunirmos novamente na festa depois de mais de uma hora “sumidos”. Levanto-me, a água esparramando pelo piso do banheiro, e me enrolo em um dos roupões. Entrego outro a Emilien, que faz o mesmo. No quarto, nos servimos de mais uma taça de



champanhe e comemos o restante dos bombons. Ligo a televisão para fazer algum barulho enquanto nos vestimos novamente para voltarmos para a festa.

Uma programação qualquer é interrompida por um plantão de notícias.

— Emilien — chamo-o, assustada. Ele está no banheiro fazendo sabe-se lá o quê. — Venha ver!

Ele aparece um segundo depois com uma toalha secando os cabelos.

Aponto para a televisão. O repórter noticia uma catástrofe natural em Moçambique, em várias partes do país, mas o foco é na cidade de Beira, que foi a mais atingida, enquanto um helicóptero sobrevoa o local e filma imagens estarrecedoras de como a cidade ficou após a passagem de um ciclone horas antes.

— *Mon Dieu!* — exclama, aproximando-se e aumentando o som da televisão.

Cinco minutos depois, quando a reportagem acaba, afirmando sobre a situação crítica da cidade, Emilien pega o celular e faz uma ligação pedindo para prepararem um jatinho particular para a meia-noite. Ao desligar, penso em perguntar para que ele quer um jatinho, mas não tenho tempo, pois profere:

— Arrume as malas e depressa.

— Para onde vamos? — pergunto, vendo-o terminar de se vestir rapidamente.

Ele me olha por um breve instante e responde:

— Ajudar aquelas pessoas o tanto quanto pudermos.

Noventa por cento da cidade foi devastada pelo ciclone. A paisagem de calamidade é assustadora. Alagamentos, árvores caídas ou arrancadas, lama para todo lado, ruas destruídas, casas aniquiladas. Sem contar os feridos, os mortos e

os sobreviventes em situações de extrema necessidade do básico: água potável, comida, roupas e abrigo.

Saímos à meia-noite naquela mesma noite do coquetel, às pressas, e pousamos no aeroporto Internacional da Beira perto das duas da tarde. Como o fuso-horário entre Paris e Beira é o mesmo, não sentimos tanto o *jet lag.* Por esse motivo, Emilien mal pousou — estarrecendo-se por ver parte do aeroporto deteriorado — e já se reuniu com alguns empresários locais, ONGs e autoridades (todas contatadas durante a viagem) para a mobilização de fundos para ajudar na infraestrutura da cidade e no atendimento às vítimas sobreviventes.

Mais tarde no mesmo dia, ele anunciou uma doação do grupo Dupont Investimentos e Lacroix Inc. que, juntas, somam uma quantia de quinhentos milhões de dólares para serem repassadas às cidades atingidas. Até as dez da noite, Emil não parou um segundo, atendendo e fazendo ligações, traçando planos para levantar mais dinheiro, reunindo-se com autoridades e figuras importantes e visitando algumas partes da cidade para conhecer de perto a situação. Nós nos hospedamos em um hotel localizado em um ponto não tão atingindo, mas Emilien mal dorme.

Quatro dias depois de chegarmos, às seis da manhã, ele já está em pé novamente, tomando um desjejum muito rápido, e logo seguimos outra vez para nos reunirmos com demais autoridades e empresários. Perto de onze horas, Emil vai para outras partes da cidade junto com o presidente de uma das ONGs com a qual a Dupont Investimentos firmou aliança para analisarmos os estragos.

A paisagem é de cortar o coração. Os habitantes estão em uma brigo improvisado no meio do caos, tantos outros tentam recuperar seus pertences no meio dos destroços, os bombeiros trabalham arduamente em vários pontos para localizar corpos e sobreviventes.

O presidente da ONG está falando algo sobre as doações de alimentos, remédios e roupas que chegarão de todo o lugar do mundo quando Emil ergue a mão vagarosamente, pedindo um segundo. Parece concentrado na paisagem à sua frente, os olhos vasculhando atentamente o local.

— Emil, o que foi? — sussurro.

— Espere… — pede, no mesmo tom.

De repente, o homem sai em disparada, correndo em direção aos destroços de uma casa cem metros à frente.



— Emilien! — grito, vendo-o avançar rapidamente em direção ao ponto que almeja. Ele se ajoelha no chão barroso, sujando a calça, camisa e o rosto, e começa uma desesperada e árdua tarefa de retirar a estrutura do que um dia foi um telhado. Corro até ele, sem entender o que está fazendo e, quando estou me aproximando, compreendo sua atitude.

Há uma criança chorando sob os escombros!

— Ajuda! — grita, jogando uma viga despedaça para o lado. Eu faço minha parte, retirando o quanto posso dos pedaços de concreto ao redor. — Tem uma criança viva aqui! Chamem os bombeiros!

Algumas pessoas ao redor nos ajudam. É uma menina. Sua roupa está em farrapos, pele machucada, corpo todo sujo e magrinho, lábios brancos. A criança parece balbuciar entre consciência e inconsciência. Emil a toma em seus braços, com cuidado enquanto diz:

— Ei, pegamos você. Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem.

A imagem dele distanciando-se às pressas e indo de encontro a um bombeiro que vem na direção contrária para prestar os primeiros socorros é algo que jamais sairá da minha mente.

Emilien e eu voltamos para o hotel apenas para trocarmos de roupa. Ele decidiu ficar em um hospital improvisado junto da pequena menina, que descobrimos que se chama Ayanna e tem cinco anos de idade, até ter notícias de familiares. Ninguém aparece nos próximos dois dias, e sua identificação é feita ainda no local por um dos moradores do abrigo que a reconheceu. Ela tem pai, mãe e três irmãos, que continuam desaparecidos, segundo nossas informações. A garotinha sofreu leves escoriações, ficou desnutrida por conta dos quatro dias sem água e comida e tem o tornozelo luxado. Sua situação, apesar de triste e deplorável, é surpreendente. De alguma forma, ela é um milagre.

Mais uma semana se passa. Os pais e irmãos são localizados, mas estão mortos. Emilien recebe a notícia e fica em um estado lastimável. Ele se tranca no

banheiro do hotel e fica lá por uma hora inteira, sem nem falar comigo. Não sei exatamente o que desencadeou esta sua reação, mas respeito o seu direito de sentir por uma menina de cinco anos de idade que perdeu a família inteira para um desastre natural.

Quando está mais recuperado, deixa o banheiro e para bem no umbral, olhando para baixo e molhando o lábio inferior.

— Vamos nos casar, não vamos? — indaga com um sussurro quase inaudível.

Aproximo-me dele.

— Vamos — confirmo.

— Já pensou em ter filhos? — A pergunta me deixa confusa. Emilien e eu nunca conversamos sobre filhos.

Circundo sua cintura e apoio a cabeça em seu tórax. Ele me envolve em seu abraço e beija o alto da minha cabeça.

— Não sei, *mon ange*. Sou uma mulher de trinta e quatro anos que ainda se dedica muito à carreira. Mas acredito que depois do casamento podemos pensar a respeito. Por quê? Você quer filhos?

Ele fica em silêncio por alguns segundos.

— Podíamos adotar a Ayanna. — Entendo isso como um “sim, quero filhos”, o que me deixa em um misto de surpresa e orgulho. Ele quer adotar a pequena. — Se você topar. Me diz ao menos que podemos conversar sobre isso.

Pondero por um segundo. Sempre fui bastante independente e nunca pensei em filhos durante quase toda a vida. Meus estudos e minha carreira sempre ocuparam um tempo precioso para que eu chegasse a pensar nisso.

Principalmente porque uma criança exige muito. Cuidados, carinhos, alimentação, educação e tempo. De nada adianta encher um filho de coisas materiais se não fornecer o básico e o essencial. Emilien é um homem ocupado.

Eu sou uma mulher ocupada. Teríamos tempo para os cuidados e amor com uma criança?

— Emilien, precisamos pensar nisso. Sabe que criança demanda tempo e cuidados? Não é como um cãozinho que você coloca ração, água e leva para passear de vez em quando e está tudo bem.

— Sei disso, *chérie*. E, sinceramente, estou disposto a arcar com todas as



responsabilidades. Eu quero ficar com a Ayanna. Ainda assim, sei que a decisão de adoção é algo que precisamos conversar e pensar com cuidado. Então…

depois de jantarmos, podemos falar sobre isso?

Abro um leve sorriso, deixo um beijo nos seus lábios doces e confirmo.

Emil sorri de volta, um sorriso repleto de esperança e emoção que denuncia como esse homem realmente sabe o que quer.

Ayanna está melhor. Tem comido bem e bastante, o tornozelo não sofreu nenhuma sequela com a luxação e ela poderá voltar a andar assim que se recuperar. Ela é uma garotinha tímida que conversa muito pouco e é bem-educada. Naturalmente, perguntou pelos pais e pelos irmãos. Com a ajuda de um intérprete, tivemos de dar a triste notícia de que ela ficara órfã. A menina se agarrou ao Emilien (uma pessoa que viu constantemente nos últimos quase quinze dias) e chorou convulsivamente. O modo como ele a acalentou foi muito paternal. Não sei se foi algo que despertou dentro dele depois que a socorreu ou ele quem sempre teve esse instinto dentro de si, mas Emil demonstrou que tem muito jeito com criança. Seria um ótimo pai.

Será, corrijo-me mentalmente.

Conversamos bastante durante esse tempo sobre a adoção. Com minha própria aproximação da menina, acabei por criar um vínculo muito forte com ela. Ver essa imagem agora, Emilien ninando-a no colo, acalmando-a depois que recebeu

a notícia de que seus pais faleceram, me ajuda muito a, por fim, decidir.

Então eu me aproximo e me sento do outro lado da cama, que range com meu peso.

— Ayanna, escute — digo, e o intérprete conosco traduz em tempo real.

— Eu e o tio Emilien estamos muito tristes com a perda do seu papai, da sua mamãe e dos seus irmãozinhos. Sentimos muito. E gostaríamos de saber se quer que nós cuidemos de você.

Emilien me olha na mesma hora, surpreso. Aos pouquinhos um sorriso

lindo e emocionado vai surgindo nele.

— *Oui* — ele prossegue, acariciando-a suavemente. — Se você quiser, pode vir morar conosco, na França. É um país lindo… Moraria na nossa casa, teria um quarto só para você, mas, acima de tudo, teria muito amor e carinho.

A menina nos olha atentamente depois que o tradutor repassa a mensagem. Seus olhinhos ficam levemente abatidos e indecisos.

— Tudo bem — Emil diz, beijando sua cabecinha. — Você precisa pensar. Vamos ficar aqui por mais alguns dias, certo? Se decidir vir morar com a gente, só pedir para nos avisar para fazermos tudo certinho e te recebermos numa casa confortável.

Ayanna balança a cabeça em positivo e se deita no colo de Emil, caindo no sono quando ele começa a contar uma história sobre uma menina que tinha um nome que significava *bela flor*.

Notre Fille

EMILIEN

CAPÍTULO 39

Nós nos preparamos para recebê-la. Leva alguns meses antes que, finalmente, Ayanna possa vir passar um tempo conosco para um período de experiência e adaptação. Neste interim de espera, tomo algumas providências necessárias para acomodá-la melhor. O primeiro passo foi deixar minha cobertura e me instalar na mansão Dupont. A garota precisará de espaço e quero dar o melhor para ela, para que se sinta confortável, livre e tenha um ambiente amplo e agradável para o seu desenvolvimento.

O segundo passo foi pagar um bom professor para ensiná-la francês enquanto aguardávamos pela liberação da sua fase de adaptação conosco. Da mesma maneira, Marie e eu aprendemos um pouco de português, que Bernardo nos ensinou, apesar de seu português ser brasileiro, e não moçambicano. De toda maneira, nos ajudou a ter ao menos o básico para nos comunicarmos com a pequena.

Marie foi às compras. Decorou o quarto dela, encheu-o de brinquedos, livros, eletrônicos e roupas. Ficou sabendo que a cor preferida dela era amarelo, então a decoração foi toda neste tom.

Nos dias que antecederam sua chegada, fiquei um poço de nervos a ponto de não

conseguir dormir. Toda a aflição, ansiedade e medo que estava sentindo nos últimos meses foram embora no instante em que a buscamos no aeroporto e pude abraçá-la. Aquele pequeno ser entre meus braços, meio intimidada com meu tamanho e de como eu a abraçava, encolhida e tentando balbuciar no meu idioma, trouxe mais luz à minha vida do que qualquer outra coisa.

No primeiro dia, ela ficou encantada com o quarto que seria apenas dela, os olhinhos brilharam quando fomos para a cozinha, onde Marie tinha preparado uma porção de comidas — francesas e moçambicanas. Assistimos filmes, comemos sorvete, contamos história; na primeira noite, Ayanna ficou com medo de dormir sozinha, então a trouxemos para nossa cama.

Nossa comunicação ainda é meio falha, por causa dos idiomas, mas temos nos esforçado. Bernardo esteve aqui nas últimas semanas e continuou nos ajudando. A garotinha ficou encantada com Jean-Luc e se divertiu muito com ele.

Os últimos vinte e um dias têm sido uma experiência incrível. Diminuí consideravelmente meus compromissos e viagens para estar ao lado de Ayanna.

Cuidar dela, preparar o café da manhã, brincar no *playground* no jardim, niná-la, contar histórias antes de dormir, nos reunirmos no sofá, com um balde enorme de pipoca e assistirmos a várias animações… Nada disto poderá um dia ser substituído na minha vida. Confesso que essa fase tem me deixado com muito medo. Já me apeguei a ela, muito. Para mim, Ayanna já é *notre fille* — nossa filha. Nunca fui muito religioso, mas já me peguei, em alguns momentos, observando-a se entreter com alguma pintura ou atividade, pedindo a Deus para não a tirar de mim, para que o juiz nos dê a guarda definitiva dela.

— Emil… — Estou tomando o *petit-déjeuner* com Ayanna quando minha noiva adentra a cozinha. Ergo meu olhar ao dela e a vejo entrando com duas sacolas nas mãos. Põe sobre a mesa, ao lado da menina, e sorri. — Sua mãe mandou trazer. É um presente. Vai aceitar?

Penso por um segundo, meus olhos fixos na sacola. Nossa convivência melhorou muito, isso porque nos mantivemos longe. Mamãe segue fazendo terapia com um psicólogo especialista em narcisismo e continua respeitando meu espaço. De algum modo, ela sabe que nossa relação jamais será a mesma. Ainda assim, demonstra algum interesse em mim e na minha vida. Liga-me uma vez a cada quinze ou vinte dias, pergunta como estou, pergunta da minha noiva, me conta

alguma novidade — como estar indo a um clube do livro —, e só. Isso

tudo não dura mais que cinco minutos, e encerramos a ligação. De início, como esperei que aconteceria, mamãe fez cara quando disse que adotaria uma criança.

Mas para mandar um presente agora, deve estar se esforçando para isso. Ainda estou pensando se deixarei minha filha ter convivência com ela.

— Tudo bem.

Com um sorriso, Marie desembrulha o pacote dentro da sacola. Tem dois vestidos. Um é amarelo, todo rodado, cheios de babados e enfeites. Ayanna fica feliz e eufórica. Agarra a peça e a abraça como se fosse a coisa mais valiosa do mundo. Abro um leve sorriso, feliz pela felicidade simples dela.

— A vovó quem dar? — pergunta, fazendo pequenas pausas e conjugando errado o verbo. Marie a ajuda a pronunciar corretamente a frase. —

A vovó quem deu?

— Sim, mas *outra* vovó. A mamãe do tio Emilien.

Ayanna ainda não nos chama de *papa* ou *maman*, mas chama de vovó a minha sogra. Ela se vira para mim, lentamente.

— Onde… — Pausa para se recordar da pronúncia correta. — Está sua mamãe?

Suspiro e tento procurar uma resposta adequada.

— Nós nos vemos muito pouco , *mon petit amour*. — “Meu amorzinho”.

— Ela pode vir aqui em casa?

Olho para Marie, que dá de ombros e se senta ao lado dela.

— Vamos marcar um dia, está bem? — Ayanna abana a cabeça em positivo seguidas vezes, agarrando mais o vestido.

— E este? — Marie indaga, puxando o segundo vestido. É branco, delicado e bastante simples. — É para uma ocasião bastante especial neste sábado.

— É para o… — Ayanna me olha. Ajudo-a com a palavra:

— *Casamento*.

— … casamento da tia Nicole?

Minha irmã insistiu que queria a pequena como daminha de honra em seu casamento. Tanto que adiou a cerimônia para isto e se unirá a Lorraine em três

dias.

— Sim. É lindo, não é?

— Achei que ela já tivesse experimentado o vestido do casamento —

aponto.

— Esse é para festa, Emil — Marie esclarece, beijando a bochecha de Ayanna, que se agarra aos dois vestidos como se sua vida dependesse deles.

— Também tem algo para você — diz, olhando para mim.

Paro de comer meu *croissant* na mesma hora, pego pela surpresa.

— O quê?

Marie pega a segunda sacola, retira uma câmera fotográfica profissional e a arrasta em minha direção.

— Minha mãe me deu isso? — indago, bastante incrédulo.

Minha noiva ri e abana a cabeça em positivo.

— Uau. Bem… — Fico sem jeito enquanto abro a embalagem. —

Preciso ligar e agradecer. — Retiro a câmera de dentro da caixa e a analiso um instante. É uma Canon última geração. Não entendo muito bem o propósito de Elizabeth em me presentear com isso, e não sei se me deixa feliz ou me magoa.

Continuo apaixonado por fotografia, mas isso se tornou apenas um *hobby* em minha vida. Um *hobby* que tenho praticado pouco, devo admitir. Há um pequeno

bilhete escrito a punho. — “Emilien, espero ver em breve uma linda sessão de fotos da minha neta capturada pela lente deste singelo presente, que de nada adiantaria sem o talento nato que você tem para fotografia. Não se esqueça de me enviar ao menos um retrato de Ayanna para eu mandar fazer uma linda moldura. Sua mãe.” — Leio em voz alta.

Fico alguns segundos analisando o bilhete, o presente, as palavras dela.

Por motivos justificáveis, fico tentado a não acreditar nesta sinceridade, mas depois me repreendo. Elizabeth está tentando.

— Sua mãe tem razão — Marie profere, puxando-me de volta à realidade. Pisco duas vezes para afastar a vontade de chorar e sorrio. — Uma sessão de fotos de Ayanna seria maravilhoso. Com esse vestidinho — ergue o de cor amarela cheio de babados —, num ambiente todo florido, com bolhas de sabão e dia ensolarado. O que acha, *mon joli*?

No mesmo instante, a ideia me agrada. Começo a pensar em vários



cenários que podemos montar aqui mesmo na mansão.

— Acho uma ótima ideia, *ma belle*. Quero fazer isso ainda hoje.

Marie põe o vestido amarelo em Ayanna e, junto dela, colhem algumas plantas no jardim para adornarem os cabelos. Enquanto isso, faço o que posso montando o cenário para a sessão. Encomendo muitos buquês de flores, ajeitando-os em vasos e cestas, e monto todo aparato de iluminação. Cerca de duas horas depois, os *cliques* começam a ser disparados. A primeira bateria é feita apenas com minha filha, e minha noiva me auxilia no que pode.

Ela brinca com bolhas de sabão, segura uma joaninha, se esconde entre as flores, corre atrás de borboletas, deita-se sobre o banco cheio de almofadas, assopra um dente-de-leão sentada na escada perto do alpendre. Também faço algumas fotos mais naturais e espontâneas dela: o momento em que ficou assustada com uma abelha, ou quando gargalhou por Marie dizer algo engraçado, o modo como

trançou as perninhas, apertada para ir ao banheiro, o rostinho emburrado quando brinquei que não tomaríamos mais sorvete, ou a alegria que trespassou seus olhos e lábios no instante em que Marie chegou com um urso de pelúcia maior que ela; a maneira como abraçou o brinquedo, então sua corrida em minha direção para me agradecer e também me abraçar; sua futura mãe erguendo-a no ar e gargalhando junto.

Um segundo depois de pegar essa imagem, eu paro de fotografá-las e apenas observo, sentindo uma emoção completamente diferente percorrer todo meu corpo. Um nó se forma na minha garganta e. neste momento, entendo que o sentimento é uma mistura de medo, aflição e alegria. Dou-me conta de que minha vida jamais terá sentido sem elas. Volto a fotografar, capturando cada movimento, cada instante, cada sorriso da minha futura esposa, da minha filha.

Minha família.

Depois dessa primeira bateria, fazemos uma pausa. Ayanna se alimenta e descansa com um cochilo no sofá. Marie e eu ficamos na sala com ela, velando seu sono, observando cada tracinho do seu rosto sereno. Meses atrás, quando a

conheci, seu semblante era sofrido. Tinha passado por um desastre natural, ficara presa sob os escombros da sua casa por quatro dias e perdera os pais e irmãos biológicos. Era natural que sua expressão fosse de tristeza. Mas agora, parece mais serena. Sei que a perda da sua família será algo que a marcará para a vida toda e, por mais feliz que seja conosco, a tristeza ainda estará em alguma parte do seu ser mais profundo. A dor dar perda não é algo que vai embora, você simplesmente aprende a conviver.

À tarde, iniciamos nossa segunda bateria de fotografias, que consiste em fotos de Marie e Ayanna e, posteriormente, eu e Ayanna. A minha preferida se torna a que estamos de costas, caminhando de mãos dadas, eu olhando para ela, que está dando saltinhos alegres. No momento desta fotografia, eu pensei como um ser tão pequeno, tão frágil, tão inocente poderia me trazer tanta felicidade e sentido na vida. A última bateria, por fim, são fotos de nós três juntos. Várias delas. Uma em que eu e Marie beijamos nossa filha ao mesmo tempo, um de cada lado de suas bochechinhas. Eu a colocarei em uma bela moldura e porei na minha mesinha de cabeceira.

Faço umas cinco fotos na máquina analógica e revelo no meu estúdio

improvisado, levando Ayanna comigo para me ajudar no processo.

Ao final do dia, a pequena está exausta e dorme na minha cama depois de um banho quente e de forrar o estômago. Perto da meia-noite, depois de muito velar seu descanso, levo-a para seu quarto. Quando retorno, Marie está parada no meio do cômodo, trajando uma lingerie sexy demais e segurando minha câmera.

— Que tal um ensaio mais sensual… *monsieur* Dupont? — sugere, passando a língua pelos lábios carnudos. — Eu adoraria ser fotografada enquanto você me fode.

Não preciso de mais nada para avançar sobre sua boca, beijá-la e atender ao seu pedido.

Epílogo

EMILIEN

Meses depois

Eu me casei com a mulher mais linda do mundo, e não estou sendo nem um pouco modesto. Contorno sua cintura assim que saímos do cartório onde acabamos de firmar nossa união. Marie usa um vestido branco simples na altura dos joelhos, os cabelos estão cacheados, preso por uma tiara, e, atrás da orelha, prendeu uma rosa branca.

Beijo sua boca antes de entrarmos na limusine e pronuncio “minha esposa” diversas vezes, como se eu quisesse ter certeza de que estamos mesmo vivendo isso hoje, agora, aqui. O veículo nos leva até a Torre Eiffel. São oito da noite e, semanas atrás, consegui fechá-la para um evento particular esta noite.

Subimos até o topo com o auxílio do guia, onde nossos amigos já nos esperam: Nicole e sua esposa Lorraine, Héron e Isabelle, que parecem que estão se entendendo, e Bernardo e Ann-Marie.

Já fizemos a cerimônia legal do nosso casamento, agora vem a simbólica.

Seguro nas mãos da minha esposa e olho em seus olhos âmbar. Ela é tão linda, meu Deus. Bernardo se coloca perto de nós, como o “cerimonialista”.

Improvisa algumas palavras e, dois minutos depois, pede nossos votos. Confesso que não consegui escrever nada decente porque sou mais de atos do que de palavras. Por isso, meu discurso é breve, simples, mas todo sincero:

— Posso te fazer mil promessas, te prometer o mundo ou prometer te fazer feliz para sempre. Posso prometer te amar até meu último dia ou jurar nunca decepcionar você. Mas palavras não valem nada sem ações, Marie.

Palavras, o vento leva, mas atitudes eternizam e reforçam o amor. Sabe que não sou o cara perfeito, daqueles dos livros que fazem declarações românticas. Sou péssimo para esse tipo de coisa. Mas pode ter certeza, *mon ange*, o que me faltar em palavras, compensarei em ações. A partir de hoje, durante todos os dias, vou te provar o quanto te amo e o quanto sou grato pela chance que nos deu.

Minha esposa sorri e aperta minha mão na sua.

— Emilien… Nossa história começou naquela noite em que te conheci, na sua festa de gala. Éramos para ser um para o outro apenas mais um caso, uma aventura sexual. Mas então você começou a entrar na minha vida mais intensamente, começou a tomar conta dos meus pensamentos, a ter mais significado para mim, a fazer meu coração bater mais rápido. De repente, eu queria estar do seu lado mais tempo, sentia falta do seu toque, da sua pele, da sua voz, do seu corpo. — Marie faz uma pausa breve, ergue meus dedos e os beija.

— Você surgiu para ser mais *um homem na minha vida,* mas inesperadamente se tornou *o homem da minha vida*. Eu te amo, *chéri,* e vou te amar para sempre.

A emoção toma conta dos meus olhos e do meu corpo.

— Com o poder a mim investido — Bernardo profere, brincalhão — eu vos declaro casados. Pode…

Não o espero terminar de falar; puxo minha esposa para mim e lhe dou um beijo profundo e lânguido. Nossos amigos assobiam, batem palmas e jogam confetes brancos sobre nossas cabeças.

Sorrio em meio ao nosso beijo e acaricio seu rosto, dizendo seguidas vezes que a amo.

— Podem trocar as alianças — Dousseau diz, jogando um olhar para a esposa logo atrás. Ela aquiesce e se retira rapidamente.

— Onde ela está indo? — pergunto, meio confuso.

— Buscar nossas alianças — Marie responde, toda misteriosa.

Cinco minutos depois, Ann-Marie retorna na presença de uma pequena criança que bem conheço, dentro de um vestidinho branco, tiara na cabeça e rosa branca presa à orelha, imitando minha esposa. Meu coração bate tão louco dentro do peito quando vejo Ayanna segurando uma cestinha toda adornada, acomodando o par de alianças.

— *Chéri* — murmura, pescando minha atenção. — Ayanna, nossa bela flor, está aqui não apenas para nos entregar as alianças, mas porque oficialmente é nossa filha.

Pisco diversas vezes, assimilando as palavras dela. Já tem alguns meses que demos entrada no pedido de adoção. Ayanna passou uma fase conosco, em nossa casa, como forma de adaptação. Em Moçambique, nos dias a mais que fiquei lá por sua causa, me agarrei demais a essa pequena criança e nosso vínculo foi ainda mais intensificado pelas semanas que morou conosco. Eu a amo com todo meu coração, não há dúvidas disso, e meus sentimentos transbordam ao constatar que agora ela é minha. Minha filha. *Ma belle fleur.*

Pego-a em meu colo e beijo seu rostinho. Ela sorri e gargalha, apertando meu pescoço em um abraço sufocante.

— *Je t'aime, papa* — diz em seu francês com sotaque.

— *Je t'aime, ma* Ayanna, *ma belle fleur* — respondo, cheio de emoção.

Marie se junta ao nosso abraço, beijando o rostinho da nossa filha, em seguida me beijando também. Trocamos declarações de amor, selinhos suaves e nossas alianças.

Nicole me entrega uma polaroide e murmura:

— Eternize esse momento.

Junto minha esposa e minha filha — minha família agora, tudo o que eu tenho e parte de todo o homem que me esforçarei para ser —, nos enquadro o máximo que consigo e bato a foto.

Nossos amigos mais uma vez aplaudem e assobiam, a brisa noturna e fresca no alto da Torre soprando contra os cabelos das duas mulheres mais importantes da minha vida.

Observo Marie e Ayanna olhando atentamente para a polaroide em minhas mãos enquanto a foto vai aos poucos aparecendo. Minha esposa fala

baixinho com a pequena, algo sobre prestar bem atenção porque nós apareceremos na imagem, como mágica. Ela está feliz, radiante, transbordando felicidade e amor. Minha filha fica toda atenta, olhinhos esbugalhados, mãozinhas inquietas e risadinhas.

Enquanto as observo, não tenho nenhuma dúvida de que sou o homem mais sortudo do mundo por tê-las em minha vida.

CONTATO E REDES SOCIAIS

E-mail: ac.nunes@outlook.com.br

Facebook: https://www.facebook.com/acnunes /

https://www.facebook.com/acnunesautora

Instagram: https://www.instagram.com/a.c.nunes

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/AC_NUNES

PECADO IRRESISTÍVEL

Conheça o primeiro livro da série *Amores em Paris*, Pecado Irresistível.

http://bit.ly/PecadoIrresistivel

Sinopse:

Ann-Marie Leclerc é uma esposa dedicada, vivendo há anos em um casamento abusivo e sem amor. Mulher de fé, é católica praticante, temente a Deus e fiel à igreja. É em sua crença que ela se agarra para permanecer no matrimônio, seguindo à risca as Sagradas Escrituras. Ela só não imaginava que ao conhecer o charmoso e galanteador Bernardo Dousseau toda a sua fé e fidelidade a Deus, à Igreja e ao marido fossem abaladas. Embora tente resistir e se afastar daquele que insiste em despertar seus desejos e anseios mais profundos, transgredir as leis de Deus é inevitável. E delicioso. Dia após dia sua fé será testada. Se será castigada ou absolvida, Ann-Marie não sabe dizer. A única coisa que ela tem certeza é de que é impossível resistir a Bernardo — seu maior pecado. Seu pecado irresistível.

Table of Contents

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

EPÍLOGO

CONTATO E REDES SOCIAIS

PECADO IRRESISTÍVEL

Document Outline

- PRÓLOGO
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29
- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32
- CAPÍTULO 33

- CAPÍTULO 34
- CAPÍTULO 35
- CAPÍTULO 36
- CAPÍTULO 37
- CAPÍTULO 38
- CAPÍTULO 39
- EPÍLOGO
- CONTATO E REDES SOCIAIS
- PECADO IRRESISTÍVEL